

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CATIA SILVANA DA COSTA**

**HISTÓRIAS DE VIDA E SABERES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
QUE ATUARAM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS  
DÉCADAS DE 1980 E 1990**

**SÃO CARLOS - SP**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CATIA SILVANA DA COSTA**

**HISTÓRIAS DE VIDA E SABERES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
QUE ATUARAM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS  
DÉCADAS DE 1980 E 1990**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Estado, Política e Formação Humana.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Iolanda Monteiro

**SÃO CARLOS - SP**

**2017**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

### Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Cátia Silvana da Costa, realizada em 18/08/2017:

---

Profa. Dra. Maria Iolanda Monteiro  
UFSCar

---

Profa. Dra. Maria Cristina dos Santos Bezerra  
UFSCar

---

Profa. Dra. Fernanda Rossi  
UNESP

---

Profa. Dra. Priscila Domingues de Azevedo  
UFSCar

---

Profa. Dra. Lillian Aparecida Ferreira  
UNESP

## **DEDICATÓRIA**

Aos Professores de Educação Física aposentados da rede de ensino estadual paulista

**Antônio Carlos Ferraz de Andrade** (em memória),

**Romilda Augusta dos Santos Ribeiro**

**e Dinalva Aparecida Dantas Pardo,**

os quais contribuíram,

com base em suas histórias de vida,

para o desenvolvimento desta pesquisa de Doutorado em Educação.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus pais, por me oportunizarem a vida.

Ao meu esposo, namorado e amigo **Cristiano Sousa Santos**, por todo o apoio e companheirismo de sempre, sobretudo pela importância atribuída ao desenvolvimento desta pesquisa e pelo entusiasmo e desafios compartilhados na realização deste curso de Doutorado em Educação e de todas as atividades daí decorrentes. Muito obrigada por toda a parceria e paciência!

Aos diversos familiares e amigos/as que me apoiaram na concretização das várias etapas deste estudo, que manifestaram interesse por esta minha trajetória acadêmica, profissional e também pessoal, que contribuíram para a sua elaboração e entenderam e respeitaram minhas ausências no decorrer desses quase três anos e meio de curso.

À Professora Doutora **Maria Iolanda Monteiro**, por toda a excelência, suavidade e paciência no decorrer desse processo de orientação, de leitura, de redação, de investigação, de análise e de redirecionamento do trabalho. Agradeço, ainda, pela valorização de todos os esforços empreendidos durante o curso e por todas as demais atividades acadêmicas e científicas realizadas em conjunto.

Às Professoras Doutoras **Lílian Aparecida Ferreira e Priscila Domingues de Azevedo**, por terem gentilmente aceitado participar da composição da Banca e pelas pertinentes contribuições no Exame de Qualificação, as quais possibilitaram a continuidade e a finalização deste estudo.

Agradeço, ainda, à Professora **Lílian** - e, nesta oração, incluo a Professora Doutora **Fernanda Rossi** (ambas representativas da área da Educação Física escolar) - por me acompanharem nesse processo, por toda a parceria profissional e formativa e pela afinidade teórica e metodológica construída desde e (assim espero!) para sempre. Incluo, neste meu agradecimento, todos os referenciais indicados e cedidos pelas Professoras **Iolanda, Priscila, Lílian e Fernanda**, essenciais no diálogo com os dados.

Igualmente, agradeço à Professora Doutora **Maria Cristina dos Santos Bezerra**, por aceitar compor a Banca de Defesa desta Tese, e aos Professores Doutores (Suplentes deste/neste processo): **Fernando Donizete Alves e Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger**.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar esta pesquisa a partir do final do segundo semestre de 2014, e à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP), por deferir e prorrogar a solicitação de

afastamento sem vencimentos para frequentar curso de Pós-Graduação em minha área de atuação a partir do período supracitado. Aos profissionais da Diretoria de Ensino (DE) de Bauru e Região (representados, especialmente, nas pessoas de **Liciara Raquel Lobeiro Valentim** e **Rodrigo Cordeiro Camilo**), por todo o material cedido (propostas curriculares, livros, projetos e demais documentos elaborados pela SEE-SP nas décadas de 1980 e 1990) e todas as informações e auxílios prestados. Aos diversos profissionais da Escola Estadual “Luiz Carlos Gomes” - unidade escolar onde meu cargo de Professora de Educação Básica II, PEB-II, está lotado desde 2014 - de Bauru, por contribuírem com a realização das atividades burocráticas do processo de afastamento. Agradeço, ainda, a todos os Professores dessa unidade escolar, por entenderem e respeitarem essa minha decisão - imprescindível para o prosseguimento e a conclusão do curso.

Aos meus alunos da Educação Física na Educação Básica (anos iniciais do Ensino Fundamental) e aos meus alunos e orientandos do Ensino Superior (cursos de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia) nas modalidades presencial e a distância, os quais muito contribuíram (e contribuem) neste processo de ser/tornar-se Professora e Pesquisadora.

A todos os profissionais da SEE-SP e demais órgãos correlacionados que se disponibilizaram na divulgação de diversas informações que, direta e/ou indiretamente, contribuíram para a localização (e posterior seleção) de alguns perfis docentes correspondentes aos critérios da pesquisa.

Dos perfis localizados, registramos aqui, um agradecimento especial aos Professores selecionados e entrevistados: **Antônio Carlos** (em memória), **Romilda Augusta** e **Dinalva Aparecida**. A profundidade e a abertura das narrativas coletadas nas entrevistas permitiram a materialização desta pesquisa, bem como a transformação de suas trajetórias de vida e de profissão em produção teórica no contexto acadêmico. Em outras palavras: este trabalho não existiria sem o consentimento e a extraordinária participação de vocês!

Ao Professor e Pesquisador **Hamilton Édio dos Santos Vieira** e à licenciada em Letras-Inglês **Lorrayne Radighieri Martinão**, pela transcrição paciente e cuidadosa dos áudios referentes às quase quinze horas de entrevistas em profundidade e abertas realizadas com os três participantes da pesquisa.

Ao amigo e Professor Doutor **Paulo Henrique Leal**, pela formatação deste trabalho e pelos inúmeros diálogos estabelecidos ao longo desta “nossa” trajetória formativa e profissional na Educação e na Educação Física escolar.

Ao meu sobrinho primogênito **Lucas da Costa Pedraça**, por traduzir o texto “*The development of expertise in Pedagogy*<sup>1</sup>” (da Língua Inglesa para a Língua Portuguesa) indicado no Exame de Qualificação e necessário no diálogo com os dados coletados nesta pesquisa.

À minha irmã **Mônica da Silva Costa**, pela demonstração de interesse sobre o tema e o objetivo deste trabalho, por complementá-lo, de forma harmoniosa, com o poema “A pesquisa e o saber” e, também, por realizar a respectiva revisão gramatical.

Às muitas amizades iniciadas e construídas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus de São Carlos, as quais, por muitas vezes, minimizaram, com gestos e/ou palavras, os inúmeros desafios desta trajetória acadêmica, sobretudo quando trilhada de forma concomitante às demais trajetórias.

Aos amigos de longa data e de hoje, aos amigos de perto e de longe: “os amigos que me acompanharam de várias maneiras nesse processo, eu não cito. Seriam muitos e não vou correr o risco de esquecer algum. ‘Eles se sabem meus amigos’ e, por isso mesmo, não fazem questão de ver seus nomes aqui citados” (DAOLIO, 2009, p. 14, grifo nosso).

Por fim, agradeço também a todas as pessoas parceiras da vida, da formação e da profissão que, cientes da importância desta etapa em minha formação profissional e, no intuito de valorizar este momento, se disponibilizaram e se fizeram presentes, tanto no Exame de Qualificação quanto no Exame de Defesa.

---

<sup>1</sup> “O desenvolvimento da experiência em Pedagogia”, de David C. Berliner (1988).

## A PESQUISA E O SABER

Trabalho, para ser bom, exige dedicação,  
quando se quer resultado próximo da perfeição.  
Pesquisar é um trabalho sério e disciplinado,  
e o saber que se produz deve ser compartilhado.

Para o pesquisador, estudar é o seu trabalho.  
Ele sabe que o sucesso não se alcança por atalho.  
Longo é o seu caminho para chegar ao saber:  
é preciso disciplina para se desenvolver.

O caminho da pesquisa tem poder libertador,  
trazendo conhecimento para o pesquisador.  
A pesquisa favorece não só a própria vivência,  
mas produz conhecimento, contribui para a Ciência.

A pesquisa científica deve ter finalidade  
útil ao pesquisador e também à sociedade.  
De tudo o que se aprende, nada pode ser perdido:  
o saber tem mais valor depois que é transmitido.

Mônica da Silva Costa (2017).



## RESUMO

Com base nas narrativas orais de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, professores de Educação Física aposentados, analisamos, nesta pesquisa de Doutorado, suas histórias de vida na construção dos saberes docentes no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino estadual paulista nas décadas de 1980 e 1990. Optamos pelas histórias de vida como uma pesquisa de natureza qualitativa, com o uso de entrevistas em profundidade e abertas e análise documental. Explicitamos o processo de busca e de seleção, os perfis dos participantes e o processo de construção dos temas de análise. Os temas - referentes aos saberes da docência que emergiram das trajetórias extraescolares, escolares, formativas e profissionais dos professores - também se assentaram nos próprios dados e tornaram real a possibilidade de apreensão de várias histórias em uma mesma história de vida. Para o desenvolvimento do objetivo supracitado, dos temas e da análise dos dados, dialogamos sobre histórias de vida, saberes e identidade docentes, aprendizagem da docência, possibilidades de reflexão com base nas histórias de vida e o contexto de formação - assentado em um modelo curricular “tradicional-esportivo” - dos professores em Santo André e Bauru e de atuação profissional em diversas escolas das redes de ensino pública e particular no Estado de São Paulo. As influências de algumas tendências e da tecnização da Educação Física, a dependência entre as reminiscências das diferentes trajetórias dos professores e as relações familiares, sociais, escolares, religiosas e profissionais de cada um deles e o foco no primeiro momento da história da Educação Física no Estado de São Paulo, no qual suas aulas foram ministradas por professor especialista nos anos iniciais, também foram, entre outros, objeto desses diálogos. Identificamos, nas histórias dos professores, saberes provenientes de suas próprias trajetórias, compreendemos influências dos vários momentos e contextos de formação e de trabalho vividos por eles na construção de seus saberes, estabelecemos relações entre esses saberes, a formação recebida e os aspectos pessoais dos professores, e entre a formação, as finalidades do ensino da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990 e as características dos alunos dos anos iniciais. Os elementos identificados - com considerações pelo tempo e espaço de formação e atuação profissional dos participantes - evidenciaram o processo de construção de seus saberes ao longo de suas trajetórias de vida e de profissão, indicaram sucessos e dificuldades em suas atuações e contribuíram para refletirmos sobre as orientações que sistematizamos para os cursos de formação inicial em Educação Física e, por conseguinte, para as políticas públicas de formação docente. Como considerações finais, afirmamos que as histórias de vida dos professores indicaram elementos que contribuem para refletirmos sobre o exercício profissional da docência em Educação Física nos anos iniciais, mediante as finalidades do ensino, as características dos alunos e as lacunas da formação. Portanto, esses elementos devem ser contemplados e garantidos na formação de professores, de modo a suprir as exigências da profissão e suscitar novos estudos com base nesse tipo de abordagem, sobre trajetórias profissionais e professores bem-sucedidos.

**Palavras-chave:** Histórias de Vida de Professores de Educação Física. Saberes e Identidades Docentes. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

Based on the oral narratives of Antônio Carlos, Romilda Augusta and Dinalva Aparecida, retired Physical Education teachers, in this PhD research, we analyze their life histories in the construction of the teaching knowledge in the context of the initial years of Elementary School of the state education network in the 1980s and 1990s. We chose life histories as a qualitative research, with the use of in-depth and open interviews and documentary analysis. We explain the search and selection process, the profiles of the participants and the process of construction of the analysis themes. The themes - related to the teaching knowledge that emerged from the extracurricular, school, training and professional trajectories of teachers - also settled on the data themselves and made real the possibility of apprehending several stories in the same history of life. In order to develop the aforementioned objective, themes and data analysis, we will discuss life histories, teacher knowledge and identity, teaching learning, reflection possibilities based on life histories and the context of formation - based on a curricular model "traditional-sports" - of teachers in Santo André and Bauru and of professional performance in several schools of public and private education networks in the State of São Paulo. The influence of some tendencies and the technization of Physical Education, the dependence between the reminiscences of the different trajectories of the teachers and the family, social, scholastic, religious and professional relations of each one of them and the focus in the first moment of the History of Physical Education in the State of São Paulo, where his classes were taught by a specialist teacher in the initial years, were also, among others, the object of these dialogues. We have identified in the teachers' stories knowledge from their own trajectories, we have understood the influences of the various moments and contexts of formation and work they have lived in the construction of their knowledge, we have established relationships between these knowledge, the formation received and the personal aspects of the teachers, and between training, the purposes of teaching Physical Education in the 1980s and 1990s and the characteristics of the students of the early years. The identified elements - with consideration for the time and space of training and professional performance of the participants - evidenced the process of building their knowledge throughout their life and profession trajectories, indicated successes and difficulties in their actions and contributed to reflect on the guidelines that we systematize for the initial training courses in Physical Education and, therefore, for the public policies of teacher training. As final considerations, we affirm that the life histories of the teachers indicated elements that contribute to reflect on the professional practice of teaching in Physical Education in the initial years, through the purposes of teaching, the characteristics of the students and the training gaps. These elements should therefore be considered and guaranteed in teacher training in order to meet the demands of the profession and to stimulate new studies based on this type of approach, on successful trajectories and teachers.

**Keywords:** Life Stories of Physical Education Teachers. Knowledge and Teaching Identities. Early Years of Elementary Education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Anúncios publicados em jornais estaduais.....	54
<b>Figura 2:</b> Perfil do <i>WhatsApp</i> do professor Antônio Carlos.....	55
<b>Figura 3:</b> Professor Antônio Carlos em 2015.....	56
<b>Figura 4:</b> Professora Romilda em 2016.....	58
<b>Figura 5:</b> Professora Dinalva em 2015.....	61
<b>Figura 6:</b> Professora Romilda com oito meses de idade, em 1949.....	77
<b>Figura 7:</b> Mãe da professora Romilda.....	78
<b>Figura 8:</b> Professora Romilda em apresentação teatral religiosa no ano de 1960.....	82
<b>Figura 9:</b> Professora Dinalva com aproximadamente sete meses de idade.....	83
<b>Figura 10:</b> Professora Dinalva com aproximadamente dois anos de idade.....	84
<b>Figura 11:</b> Professora Romilda no 2º. Ano, em 1957.....	115
<b>Figura 12:</b> Certificado de conclusão do “primário” em 1959.....	115
<b>Figura 13:</b> Professora Romilda ao final do “primário”, em 1960.....	116
<b>Figura 14:</b> Professora Romilda em desfile cívico, em 1964.....	121
<b>Figura 15:</b> Professora Romilda na formatura do Magistério, em 1968.....	123
<b>Figura 16:</b> Professora Dinalva em sua formatura de 8ª. série.....	125
<b>Figura 17:</b> Professora Dinalva em desfile cívico, em 1959.....	126
<b>Figura 18:</b> Professora Dinalva em seu casamento, em 1965.....	128
<b>Figura 19:</b> Diploma do curso de Magistério da professora Dinalva (frente).....	130
<b>Figura 20:</b> Diploma do curso de Magistério da professora Dinalva (verso).....	130
<b>Figura 21:</b> Diploma do curso de Educação Física do professor Antônio Carlos.....	149
<b>Figura 22:</b> Diploma do curso de Pedagogia do professor Antônio Carlos.....	151
<b>Figura 23:</b> Diploma do curso de Especialização do professor Antônio Carlos.....	151
<b>Figura 24:</b> Diploma do curso de Mestrado do professor Antônio Carlos.....	152

<b>Figura 25:</b> Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Romilda (frente).....	157
<b>Figura 26:</b> Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Romilda (verso).....	158
<b>Figura 27:</b> Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Dinalva (frente).....	165
<b>Figura 28:</b> Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Dinalva (verso).....	166
<b>Figura 29:</b> Professor Antônio Carlos no final de um campeonato estadual de voleibol feminino, em 1988.....	189
<b>Figura 30:</b> Professora Romilda em Fartura.....	197
<b>Figura 31:</b> Professora Romilda em seu casamento, em 1978.....	201
<b>Figura 32:</b> Placa em homenagem à professora Dinalva.....	212

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Roteiros e questões das entrevistas.....	40
<b>Quadro 2:</b> Realização das entrevistas.....	44
<b>Quadro 3:</b> Fontes de busca dos participantes e datas.....	49
<b>Quadro 4:</b> Perfis dos participantes.....	65
<b>Quadro 5:</b> Síntese das trajetórias extraescolares dos professores.....	103
<b>Quadro 6:</b> Síntese das trajetórias escolares dos professores.....	141
<b>Quadro 7:</b> Semelhanças e diferenças na grade curricular do curso de Educação Física da ITE no período 1969-1972.....	175
<b>Quadro 8:</b> Síntese das trajetórias formativas dos professores.....	179
<b>Quadro 9:</b> Síntese das trajetórias profissionais dos professores.....	251

## LISTA DE SIGLAS

ACT - Admissão em Caráter Temporário

AID - *Agency for International Development*<sup>2</sup>

APAMPESP - Associação dos Professores Aposentados do Magistério Público do Estado de São Paulo

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

CB - Ciclo Básico

CBJU - Ciclo Básico em Jornada Única

CE - Conselho de Escola

CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CESP-EF - Currículo do Estado de São Paulo de Educação Física

CFE - Conselho Federal de Educação

CGEB - Coordenadoria de Gestão da Educação Básica

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CREF 4 - Conselho Regional de Educação Física da 4ª. Região

CPP - Centro do Professorado Paulista

DE - Diretoria de Ensino

EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEIEF - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

FAFIJA - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho

FCLA - Faculdade de Ciências e Letras de Avaré

FEFISA - Faculdade de Educação Física de Santo André

---

<sup>2</sup> Agência para o Desenvolvimento Internacional.

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

GO - Goiás

IES - Instituição de Ensino Superior

ITE - Instituição Toledo de Ensino

JUTDD-CB - Jornada Única de Trabalho Docente e Discente no Ciclo Básico

LDB-EN - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEM - Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna

MEC - Ministério da Educação

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PCE-EF de 1º. Grau - Proposta Curricular para o Ensino de Educação Física de 1º. Grau

PCESP-EF - Proposta Curricular do Estado de São Paulo de Educação Física

PCN-EF - Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física

PCNP - Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico

PEB-I - Professor de Educação Básica I

PEB-II - Professor de Educação Básica II

PEEP - Projeto Educacional Escola-Padrão

PESCD - Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente

PPP - Projeto Político Pedagógico

PR - Paraná

SE - Secretaria da Educação

SEE-SP - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

SESI - Serviço Social da Indústria

SP - São Paulo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação

UDEMOM - Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo

UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIFRAN - Universidade de Franca

UNIMED - Sociedade Cooperativa de Trabalho Médico

USAID - *United States Agency for International Development*<sup>3</sup>

USP - Universidade de São Paulo

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

VARIG - Viação Aérea Rio-Grandense

---

<sup>3</sup> Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA .....</b>	<b>33</b>
2.1 Entrevistas e análise documental .....	37
2.2 Processo de busca e de seleção dos participantes .....	45
2.3 Os professores de Educação Física participantes .....	54
2.4 Processo de construção dos temas de análise .....	66
<b>3. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS EXTRAESCOLARES .....</b>	<b>71</b>
3.1 Trajetória na vida extraescolar do professor Antônio Carlos .....	72
3.2 Trajetória na vida extraescolar da professora Romilda Augusta .....	76
3.3 Trajetória na vida extraescolar da professora Dinalva Aparecida .....	83
3.4 Saberes docentes das trajetórias extraescolares dos professores aposentados .....	91
3.5 Síntese das trajetórias extraescolares dos professores .....	101
<b>4. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS ESCOLARES .....</b>	<b>105</b>
4.1 Trajetória na vida escolar do professor Antônio Carlos .....	107
4.2 Trajetória na vida escolar da professora Romilda Augusta .....	113
4.3 Trajetória na vida escolar da professora Dinalva Aparecida .....	124
4.4 Saberes docentes das trajetórias escolares dos professores aposentados .....	132
4.5 Síntese das trajetórias escolares dos professores .....	140
<b>5. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA.....</b>	<b>145</b>
5.1 Trajetória na formação inicial e continuada do professor Antônio Carlos .....	148
5.2 Trajetória na formação inicial e continuada da professora Romilda Augusta .....	154
5.3 Trajetória na formação inicial da professora Dinalva Aparecida .....	161
5.4 Saberes docentes das trajetórias formativas dos professores aposentados .....	168
5.5 Síntese das trajetórias formativas dos professores .....	178
<b>6. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....</b>	<b>182</b>
6.1 Atuação profissional do professor Antônio Carlos.....	185
6.2 Atuação profissional da professora Romilda Augusta .....	195
6.3 Atuação profissional da professora Dinalva Aparecida .....	207
6.4 Saberes docentes das atuações profissionais dos professores aposentados .....	219
6.5 Síntese das atuações profissionais dos professores .....	250
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>258</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>268</b>

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....280**

**APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....283**

**APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM O PROFESSOR  
ANTÔNIO CARLOS .....285**

TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA ..... 285

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA ..... 290

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA ..... 302

TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA..... 306

TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA ..... 324

**APÊNDICE D - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM A PROFESSORA  
ROMILDA AUGUSTA.....359**

TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA ..... 359

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA ..... 372

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA ..... 395

TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA..... 407

TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA ..... 419

**APÊNDICE E - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM A PROFESSORA  
DINALVA APARECIDA .....444**

TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA ..... 444

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA ..... 467

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA ..... 492

TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA..... 497

TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA ..... 522

## 1. INTRODUÇÃO

Frequentemente, a própria biografia pessoal influencia, de forma decisiva, a orientação de um trabalho. Certos pormenores, ambientes ou pessoas tornam-se objectos aliantes por que intervieram, de forma decisiva, na vida do investigador.

Bogdan e Biklen (1994, p. 85).

A afirmação dos autores certamente vem ao encontro das razões, dos anseios, entusiasmos e dos caminhos que me<sup>4</sup> conduziram no desenvolvimento deste trabalho, na escolha do tema, na delimitação do objetivo, bem como na opção pela abordagem biográfica.

Assim iniciamos, afirmando as possíveis influências e contribuições da minha própria história de vida - pessoal e profissional - no delineamento desta pesquisa. A temática escolhida, história de vida e saberes docentes, está intimamente relacionada aos processos que me constituíram e me constituem enquanto professora e pesquisadora em educação, especialmente no contexto da formação docente.

Para Bogdan e Biklen (1994), independentemente do modo como se origina um tema, o mais importante é que esse tema seja instigante do ponto de vista do pesquisador; caso contrário, ele pode não apresentar a mesma vivacidade ao término do estudo, uma vez que o desenvolvimento de um estudo dessa natureza - uma pesquisa qualitativa - tende a ser intenso e vagaroso. Desse modo, faz-se necessário manter a vivacidade inicial, assegurada, segundo os autores, por meio de um “toque de paixão<sup>5</sup>”.

Em nosso caso, a “paixão” e/ou entusiasmo - conforme denominamos - relaciona-se diretamente com as escolhas que realizamos, desde o tema, objetivos e tipo de abordagem utilizada. Acreditamos, ainda, que é na relação com a própria biografia que a “paixão” e/ou o entusiasmo pelas opções feitas se desenvolvem.

Em face dessa relação, os processos que me constituíram e me constituem enquanto professora e pesquisadora em educação vêm sendo construídos, desconstruídos e reconstruídos ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, pois se apresentam, continuamente, em transformação. Escrever sobre esses processos permite, simultaneamente,

---

<sup>4</sup> O texto na primeira pessoa do singular está diretamente relacionado à trajetória pessoal, profissional e acadêmica da orientanda de Doutorado e autora desta pesquisa. Já quando estiver na primeira pessoa do plural, significa que se relaciona tanto às reflexões da Orientanda quanto às reflexões da Orientadora.

<sup>5</sup> Grifamos essa expressão em razão de a reproduzirmos conforme Bogdan e Biklen (1994) a pronunciaram. Igualmente, fizemos uso de aspas em demais expressões, como, por exemplo, “bom professor”, “cultura”, “cultura corporal” etc., e demais expressões utilizadas conforme os autores e os professores entrevistados as pronunciaram (“jardim de infância”, “primário”, “ginásio”, “colegial” etc.).

desvendar minha própria história de vida e encontrar o ponto de partida do interesse pelo tema deste estudo.

Assim, o delineamento do objetivo está assentado, sobretudo, em minhas trajetórias profissionais, as quais constituem também a profissional que fui e venho sendo nesse processo contínuo de aprendizagem e de mudança. Essas trajetórias são representadas por meio dos seguintes cargos e/ou funções: professora generalista<sup>6</sup>; Professora de Educação Básica II (PEB-II) na disciplina de Educação Física e Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP) na Diretoria de Ensino (DE) de Bauru e Região, ambas pela SEE-SP<sup>7</sup> e nos anos iniciais; Estagiária no Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente (PESCD) e Tutora Virtual, ambas na Graduação em Pedagogia (presencial e a distância) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos; e Professora e Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos cursos de Licenciatura em Educação Física e Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Bauru.

O exercício do cargo na qualidade de professora generalista por um período de quatro anos nos anos iniciais da rede de ensino municipal de Jacarezinho, Paraná (PR), se deve ao fato de ter cursado o Magistério<sup>8</sup> e outros cursos de extensão e aperfeiçoamento na área da educação. Essa atuação - paralela ao curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Ciências da Saúde, no mesmo município - teve sua ruptura e continuidade com o início da docência na Educação Física há onze anos no mesmo nível de ensino. Assim, essas trajetórias profissionais, as quais totalizam quinze anos, influenciaram diretamente na opção pelos anos iniciais no desenvolvimento desta pesquisa.

Da atuação profissional na Educação Física foram realizados alguns trabalhos, com foco no ensino e no aprofundamento dos estudos a respeito dos seus conteúdos na escola, sobretudo no referido nível de ensino. Esses trabalhos, desenvolvidos com os alunos, foram

---

<sup>6</sup> O professor generalista é o professor polivalente, atuante nos anos iniciais. Localizamos, em São Paulo (2013), a expressão “professor polivalente da classe”. Na SEE-SP, o professor polivalente ocupa o cargo de Professor de Educação Básica I (PEB-I). Entendemos o professor polivalente com base na mesma acepção de “professor unidocente” de Mensch e Schwengber (2009), a saber: um único docente no desenvolvimento curricular no referido nível de ensino. Neste estudo, fizemos a opção pela expressão professor generalista.

<sup>7</sup> Afastada, durante o Doutorado, com fundamento no Artigo 64º., inciso VI, da Lei Complementar 444/1985, combinado com o Artigo 1º., inciso II, alínea “b”, do Decreto 49.893/2005. Pedido de afastamento publicado em Diário Oficial (DO) de 19 de novembro de 2014, com prorrogações publicadas em DO de 12 de dezembro de 2015 e 26 de outubro de 2016. Solicitação da cessação do afastamento, com reassunção do cargo, a pedido, a partir de 1º. de julho de 2017. A Bolsa CAPES também foi cancelada, a pedido, a partir do mês de julho de 2017.

<sup>8</sup> Optamos pelo uso das letras iniciais maiúsculas em algumas expressões: Exame de Qualificação; Exame de Defesa; Exército; Governo Estadual; Leis e Decretos; Golpe de 1964; Estado Novo; Subsedes; Correio; País; Estado; Educação Básica; Educação Infantil; Ensino Fundamental; Magistério; Ensino Superior; Educação Física e demais áreas do conhecimento, entre outras expressões.

publicados em congressos na área da educação e da Educação Física (COSTA, 2011, 2012, 2013a, 2013b, 2015; COSTA; FERREIRA, 2011b), bem como o trabalho resultante do exercício da função de PCNP, com base na formação de professores de Educação Física, atuantes nas escolas de anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da SEE-SP (CAMILO; COSTA, 2013).

As situações vivenciadas como professora generalista, na formação inicial e continuada em Educação Física, na atuação como PCNP, na realização do Mestrado e do Doutorado em Educação, na atuação como estagiária e tutora virtual na Graduação em Pedagogia, na atuação como docente no Ensino Superior, entre outras atividades relacionadas à educação e à Educação Física, contribuíram e contribuem, cada uma a seu modo, às escolhas realizadas ao longo dessa trajetória formativa e profissional. Esta pesquisa de Doutorado representa o resultado de algumas dessas escolhas.

Do mesmo modo, a opção pelas histórias de vida pode ser observada e justificada mediante alguns trabalhos previamente desenvolvidos com base na abordagem biográfica (COSTA; FERREIRA, 2011a, 2013; COSTA; LEAL, 2012).

Em Costa e Leal (2012), o objetivo consistiu em descrever, por meio de narrativas, meu próprio percurso de atuação profissional enquanto professora de Educação Física, em período antecedente e subsequente à implantação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo de Educação Física (PCESP-EF), a qual se apresentou, posteriormente, como o Currículo do Estado de São Paulo de Educação Física (CESP-EF) pela SEE-SP (SÃO PAULO, 2008, 2010, 2011). Já em Costa e Ferreira (2011a, 2013), o objetivo pautou-se na análise, também por meio de narrativas, de fragmentos de minha própria trajetória enquanto professora de Educação Física iniciante, com considerações pelos primeiros cinco anos da carreira, conforme Huberman (1995) e Nono (2011).

Esses trabalhos, realizados em momento anterior ao ingresso no curso de Mestrado em Educação (alguns publicados durante o curso), iniciaram-me na pesquisa e corroboram Clandinin e Connelly (2001), os quais afirmam que narrar as próprias experiências representa um ponto de partida para o pesquisador, e que as observações de cada pesquisador, estão diretamente relacionadas às suas próprias narrações.

Para esses autores, o objetivo não incide na apresentação de uma definição sobre a pesquisa narrativa, mas sim em instituir uma definição com base em exemplos de caminhos percorridos por investigadores de narrativa, sobretudo os feitos desses investigadores. Igualmente, ilustram, por meio do próprio caminho percorrido na construção do estudo, de que modo esse tipo de pesquisa é experienciado. Assim, uma pesquisa narrativa

que realmente faz jus ao próprio conceito é “[...] um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18).

Assim, os trabalhos supracitados (COSTA; FERREIRA, 2011a, 2013; COSTA; LEAL, 2012) também explicam e fundamentam nossa opção, na construção desta pesquisa, pela abordagem biográfica. Segundo Moita (1995), a abordagem biográfica, além de investigativa, é também formativa. A autora afirma que um determinado movimento de ir e vir por várias vezes, pelo pesquisador, entre o processo de identificar-se com os participantes e o empenho do imprescindível distanciamento na busca da manifestação dos processos formativos leva-o a questionar seus próprios processos de formação.

Autores como Nóvoa (1995) e Goodson (1995) afirmam que esse tipo de abordagem prioriza as concepções do professor. Para tanto, deve-se garantir a escuta da sua voz, de modo elevado e articulado, uma vez que faz-se necessário “[...] escutar acima de tudo a pessoa a quem se destina o ‘desenvolvimento’” profissional (GOODSON, 1995, p. 69, grifo do autor). Todavia, a ausência da “voz do professor” no contexto do desenvolvimento profissional docente é denunciada pelo autor, o qual defende uma expansão da incidência que consente a busca, em detalhes, “[...] da vida e do trabalho do professor” (GOODSON, 1995, p. 69). Ouvir os professores, para ele, é representativo de meios que facilita, maximiza e aprecia suas vozes.

A importância do registro da voz também é evidente em Bosi (2001), cujo objetivo consistiu na análise, por meio de memórias, dos registros das vidas e dos pensamentos de velhos trabalhadores paulistanos com mais de setenta anos e, em Borges (2001), por meio de uma investigação com dois professores de Educação Física atuantes em diferentes realidades escolares sobre suas trajetórias e práticas. A intenção, nessa pesquisa, consistiu em entender como os saberes são construídos e como os professores são formados nesses saberes - processos indissociáveis - com base na recuperação dessas trajetórias e práticas (BORGES, 2001).

Goodson (1995) defende a ideia de que somente por meio das histórias de vidas torna-se possível ampliar o entendimento, por exemplo, sobre problemáticas relativas aos insucessos dos professores, ao estresse, ao ensino bem-sucedido, às inovações e/ou ações de natureza administrativa e às condições nas quais os professores exercitam a docência. As assertivas do autor validam o nosso objetivo na construção deste estudo, no que se refere ao tipo de abordagem utilizada - proveniente da importância do seu uso nas pesquisas educacionais.

Em virtude dessas assertivas, afirmamos que nossa opção teórico-metodológica contempla o objetivo proposto, a saber: analisar as histórias de vida de três professores - um homem e duas mulheres - de Educação Física aposentados na construção dos saberes docentes no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino da SEE-SP nas décadas de 1980 e 1990.

Em face do objetivo geral, delineamos, ao longo da realização das leituras, reflexões, entrevistas, transcrições, análises e da própria redação desta pesquisa, os seguintes objetivos específicos: identificar os saberes provenientes dos desenvolvimentos, das trajetórias pessoais, profissionais e sociais dos professores; compreender possíveis influências dos momentos e contextos - de formação e de trabalho - vividos pelos professores na construção e configuração de seus saberes; relacionar os saberes à formação recebida - inicial e continuada - e aos aspectos pessoais dos professores; e relacionar a formação inicial e continuada dos professores e as finalidades da Educação Física na escola nas décadas de 1980 e 1990 com as características dos alunos dos anos iniciais.

Assim, esta pesquisa teve como tese mostrar que os estudos sobre as histórias de vida trouxeram elementos que contribuiriam para o entendimento da construção dos saberes de professores de Educação Física que atuaram nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino da SEE-SP nas décadas de 1980 e 1990.

Na intenção de confirmar nossa tese, optamos, em termos estruturais, por apresentar as narrativas dos professores junto à produção teórica, mediante uma composição entre dados coletados e diálogo com a literatura - opção que tornou possível a produção da análise realizada neste trabalho.

Monteiro (2006) alegou que as pesquisas que fazem uso das trajetórias de vida dos docentes apreendem muitas das representações que embasam suas práticas, o que permite definir o raciocínio pedagógico e as ações que exercem influência sobre a formação profissional e, concomitantemente, contribuem para esse processo. Essa opção favorece, segundo a autora, a identificação de aspectos da vida pessoal e profissional dos professores até então ignorados. Também permite alcançar saberes que proporcionam a compreensão do modo como as práticas foram construídas e possibilitam a reflexão sobre essas práticas (MONTEIRO, 2006).

Com base na caracterização das experiências dessas professoras, a autora identificou saberes e práticas fundamentais ao sucesso na área da alfabetização, bem como as condições formativas. Esses saberes e práticas se articulam e demonstram o sucesso - sustentado pelas diversas faces das histórias de vida - nas atuações profissionais das

alfabetizadoras (MONTEIRO, 2006). Do mesmo modo, pretendemos encontrar elementos das histórias de vida de professores de Educação Física aposentados para o entendimento da construção de seus saberes docentes.

A relação com as histórias de vida e os saberes docentes também se fundamenta nas considerações da Dissertação de Mestrado, intitulada “Práticas pedagógicas de uma professora de Educação Física ‘de início de carreira’: um estudo de caso” (COSTA, 2014) e das respectivas publicações decorrentes (COSTA; MONTEIRO, 2014a, 2014b; 2015a, 2015b; 2016a; 2016b; 2016c; 2017; VOLTARELLI; COSTA; MONTEIRO, 2014).

Essa Dissertação, cujo olhar centrou-se nas práticas de uma professora de Educação Física iniciante, com considerações pelo processo de construção de seus saberes durante seu percurso na profissão, apresentou práticas pedagógicas bem-sucedidas em contexto de início da carreira - o que não é comum na literatura sobre o tema - e permitiu a identificação de aspectos positivos e negativos nessas práticas. Também demonstrou a necessidade de investimentos em políticas públicas de formação docente que considerem os saberes que são construídos e adaptados pelos professores de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental no exercício da docência na rede de ensino da SEE-SP<sup>9</sup>, bem como as particularidades desse nível de ensino e as condições do contexto de trabalho (COSTA, 2014).

Tornou-se evidente, nas práticas da participante da pesquisa de Mestrado, a recorrência a saberes de diferentes fontes, sobretudo saberes de sua própria trajetória de vida na prática da ginástica como atleta e como aluna na proposição e no desenvolvimento desse conteúdo com os alunos dos anos iniciais. Esses saberes contribuíram, além da consideração pelos alunos como autores dos seus próprios movimentos, para o desenvolvimento de práticas com base na especificidade da ginástica (COSTA, 2014).

Embora sejam escassos estudos sobre práticas bem-sucedidas, a pesquisa de Doutorado de Rangel-Betti (1998) consistiu em conhecer o processo de aprendizagem e de desenvolvimento profissional docente e a construção de uma prática que influencia na educação dos alunos de modo significativo. Nessa intenção, a autora buscou visibilidade para o processo reflexivo feito pelo docente sobre a própria atuação profissional e as razões que fundamentam certas decisões e atitudes tomadas. A pesquisa, desenvolvida com um professor de Educação Física atuante no Ensino Médio, buscou contribuir para a formação docente e, conseqüentemente, para um processo de ensino de qualidade (RANGEL-BETTI, 1998). A

---

<sup>9</sup> Optamos pelo uso de siglas em algumas expressões por serem recorrentes, conforme elucida a lista de siglas no início deste trabalho.



autora focou em práticas bem-sucedidas com considerações pelas adversidades do contexto de trabalho, da profissão e da própria área, entre outras questões.

Com base em Cunha (2014), apresentamos algumas contribuições sobre “bons professores<sup>10</sup>” para tornar observáveis aspectos característicos e recorrentes nesses professores. Dentre os valores relacionados com o “dever-ser” dos professores e conjuntos de habilidades, a autora apresenta um conjunto de características do “bom professor” que se refere às expectativas dos alunos, a saber: um professor que atenda às exigências educacionais contemporâneas e que estimule a criticidade e a pergunta; que seja capaz de ensinar o conteúdo específico e valores, princípios e modos de pensar e de se comportar coesos com a conservação da vida em sociedade; e que apresente a dimensão afetiva nas relações.

Outro conjunto apresentado por Cunha (2014) se refere às influências fundamentais reconhecidas pelos “bons professores” sobre suas próprias pessoas: da trajetória escolar, da relação professor-aluno e da reprodução de atitudes docentes avaliadas de forma positiva e/ou repulsa de atitudes avaliadas de forma negativa; dos saberes construídos no exercício da profissão por meio da troca com os pares e alunos, da reflexão sobre a prática e a reformulação daquilo que fazem e são; da formação profissional, em especial quando corresponde às demandas da prática e desencadeia um processo de reflexão sobre essa prática; e da prática social, quando apresentam clareza sobre as escolhas realizadas com finalidades de transformação social e entendem a função docente para além da sala de aula.

No conjunto de características do “bom professor” referente à própria representação que faz sobre sua prática, a autora apresenta, ainda, “[...] três áreas de verbalização: relação com o ser e o sentir, relação com o saber e relação com o fazer” (CUNHA, 2014, p. 145). Na “relação com o ser e o sentir”, o professor valoriza a satisfação de lecionar e a gratificação nos relacionamentos com os alunos; na “relação com o saber” há afeto pela área de atuação, apreciação pelo ato de estudar e criar conhecimentos com os alunos; e na “relação com o fazer” há uma tentativa de coerência, pelo professor, entre o seu fazer e o seu pensar (CUNHA, 2014).

Corroborando Cunha (2014), nossa busca também considera a perspectiva de ensino, a época e o contexto profissional no qual os professores entrevistados desenvolveram suas práticas. Algumas dessas questões igualmente foram consideradas por Rangel-Betti (1998).

---

<sup>10</sup> Neste estudo, fizemos uso das expressões “professores bem-sucedidos” e “bons professores” como sinônimas.

Berliner (1988), ao discutir sobre as capacidades desenvolvidas no exercício da docência, apresentou cinco fases no processo de aprendizagem dessas capacidades: professor “novato”, professor “iniciante avançado”, professor “competente”, professor “proficiente” e professor “especializado”. Tomando-se por base estudos sobre a experiência docente, o autor afirmou que as diferenças entre as fases são mais significativas entre o professor “novato” e o “especializado” nas ocasiões que envolvem a interpretação, o discernimento da relevância e a previsão dos fenômenos da aula, o uso da rotina e a avaliação de acontecimentos comuns e incomuns e da própria atuação. Assim, as contribuições de Berliner (1988) destinam-se aos professores “novatos”, no intuito de auxiliá-los no processo de aprendizagem das capacidades docentes para que se tornem “proficientes” - intenção que se coaduna com este estudo em razão das possíveis contribuições para as políticas públicas de formação docente.

Em face dos objetivos supracitados, entendemos que os professores participantes desta pesquisa provavelmente não receberam uma formação direcionada para a atuação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa afirmação está subsidiada pelas características do modelo de formação docente da época - pautado em um currículo “tradicional-esportivo” (RANGEL-BETTI; BETTI, 1996) e por uma tecnização da Educação Física (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997) - e pelas particularidades dos alunos desse nível de ensino (GALLARDO, 2010), reflexões que também compõem esta pesquisa. A possibilidade de questionar as práticas desenvolvidas em um contexto de formação e de atuação profissional pautado nesse modelo curricular também contribuiu para o delineamento deste estudo.

Rangel-Betti e Betti (1996), ao caracterizarem os currículos empregados na formação do professor de Educação Física com base na perspectiva atribuída na relação entre teoria e prática, apresentaram e discutiram as críticas e limites essenciais do currículo “tradicional-esportivo”.

O currículo “tradicional-esportivo” enfatiza as chamadas disciplinas “práticas” (especialmente esportivas). O conceito de prática está baseado na execução e demonstração, por parte do graduando, de habilidades técnicas e capacidades físicas (um exemplo são as provas “práticas”, onde o aluno deve obter um desempenho físico-técnico mínimo. Há separação entre teoria e prática. “Teoria” é o conteúdo apresentado na sala de aula (qualquer que seja ele), “prática” é a atividade na piscina, quadra, pista etc. A ênfase teórica se dá nas disciplinas da área biológica/psicológica: fisiologia, biologia, psicologia etc. (RANGEL-BETTI; BETTI, 1996, p. 10, grifo dos autores).

Segundo Betti (1991), esse modelo curricular, iniciado no fim da década de 1960, foi materializado na década seguinte, junto a ampliação dos cursos de formação

profissional em Educação Física no País e ao foco na incorporação do esporte à Educação Física escolar, conforme o conteúdo do capítulo cinco.

Assim, julgamos importante situar esses professores no tempo e no espaço em que se formaram e exerceram a docência, precisamente por se tratar da recuperação das suas trajetórias pessoais e profissionais. Em Bosi (2009, p. 8), “a composição da documentação oral teve como premissa a apreensão das vivências dos sujeitos no momento histórico investigado [...]”.

A consideração pelo tempo (décadas de 1980 e 1990) e pelo espaço (rede de ensino da SEE-SP) de atuação desses professores na análise de suas histórias de vida e seus saberes docentes, elucida nossa maneira de contemplá-los, uma vez que nosso olhar se fundamenta em uma perspectiva de estudo que situa o professor em seu contexto histórico e social.

Além disso, as décadas de 1980 e 1990 antecedem e sucedem à denominada crise de identidade vivida pela Educação Física (BETTI, 1991; BRACHT, 2010; BRASIL, 1997, 1998; DAOLIO, 2004; DARIDO, 2003; GHIRALDELLI JR., 1997; MEDINA, 1987; SOARES et al., 1992) e equivalem ao período de aparecimento de diversas tendências pedagógicas para o ensino da Educação Física na escola.

Corroborando os autores, entendemos essa crise como uma tentativa de superação das tendências higienistas, militaristas e competitivistas (GHIRALDELLI JR., 1997), em ideais eugenistas para manutenção de uma ideologia dominante (CASTELLANI FILHO, 2008; CORRÊA, 2009; SOUZA NETO, 1999) e em uma tecnização da Educação Física como uma das implicações do Golpe de 1964 (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997), entre outras questões. Nesse intento, tal crise se concretizou, efetivamente, nos cursos de formação inicial, especialmente em razão das legislações que foram se constituindo, como a Resolução do Conselho Federal de Educação (CFE) 03, de 16 de junho de 1987, que estabeleceu os conteúdos e o tempo mínimo para os cursos de Bacharelado e Licenciatura Plena em Educação Física (BRASIL, 1987).

Essa Resolução conferiu autonomia às Instituições de Ensino Superior (IES) por meio da elaboração dos “currículos plenos”, os quais deveriam, entre outras competências, articular e aprofundar os conhecimentos e técnicas obtidas em uma “formação geral” para a atuação em contexto escolar e não escolar (BRASIL, 1987). A “formação geral” deveria contemplar conhecimentos de natureza “humanística” (referentes à filosofia, ao ser humano e à sociedade), de natureza “técnica” (referentes aos conhecimentos necessários ao planejamento, execução, orientação e avaliação das atividades e para a produção de novos

conhecimentos dessa mesma natureza) e de “aprofundamento de conhecimento” (referentes aos interesses discentes e às necessidades do mundo do trabalho, de acordo com as particularidades regionais) (BRASIL, 1987).

Não obstante, faz-se necessário atentar-se para as assertivas de Darido (1995, 1996), segundo as quais nem sempre os conhecimentos da formação são usados nas práticas pedagógicas que os professores de Educação Física desenvolvem nas escolas. Daí a importância de se investigar, com base nas histórias de vida desses professores, os saberes pertencentes a distintos momentos e contextos dessas trajetórias e suas respectivas influências, os quais possivelmente colaboraram para a configuração das práticas de ensino identificadas.

A opção pelas décadas de 1980 e 1990 se deve ao fato de ter sido esse o primeiro momento - do qual se tem registros - da história da Educação Física no Estado de São Paulo no qual as aulas da disciplina foram ministradas por professor especialista<sup>11</sup> com formação profissional em Educação Física no contexto do Ciclo Básico (CB), atuais anos iniciais do Ensino Fundamental.

Constatamos esse fato com base, sobretudo na legislação (BRASIL, 1961, 1969b, 1971a, 1971b; SÃO PAULO, 1983, 1984), em alguns documentos (BRASIL, 1980; SÃO PAULO, 1988) e em um movimento de priorização da Educação Física no referido nível de ensino (BETTI, 1991; BRASIL, 1997,1998; FREIRE, 1997; SOARES et al., 1992), os quais subsidiaram as reflexões a seguir e contribuíram para validar esse nosso entendimento.

A reedição do documento “A escola de 1º. grau e o currículo” em 1980, por exemplo, apresentou a intenção de persistir nos objetivos lançados em 1972 com base em uma análise, à época, da atualidade da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabeleceu a reforma do ensino de 1º. e 2º. graus (BRASIL, 1971b) - posteriormente anulada pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-EN) 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que instituiu os propósitos e fundamentos da educação em nível nacional (BRASIL, 1996) e alterada pela Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que ampliou o tempo do Ensino Fundamental para nove anos (BRASIL, 2006<sup>12</sup>) - por meio de reflexões e orientações que consideravam a adoção, as características e as demandas do novo regime (ensino de 1º. grau

---

<sup>11</sup> O professor especialista é o professor de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, LEM, Inglês e Espanhol, Arte e Educação Física e outras áreas do conhecimento. Na SEE-SP, o professor especialista ocupa o cargo de PEB-II. Ao contrário das demais áreas, o PEB-II de Educação Física e Arte atuam em todos os níveis de ensino, inclusive nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>12</sup> No intuito de ampliar o tempo da escolarização obrigatória, a Lei 11.274/2006 (BRASIL, 2006), alterando a LDB-EN 9.394/1996, aumentou de oito para nove anos, a duração do Ensino Fundamental mediante a obrigatoriedade da matrícula dos alunos com seis anos de idade em diante. Assim, o Ensino Fundamental, agora organizado por “anos” e não mais por “séries”, abarcou o último ano da Educação Infantil (BRASIL, 2006).

com unificação/redução do antigo “primário” e “ginásio” em oito anos) e dos alunos desse grau de ensino (BRASIL, 1980). Na intenção de contribuir, sobretudo para a organização curricular desse novo regime, o documento apresentou, entre outras questões, noções e resolução sobre o “núcleo comum” e sua obrigatoriedade, bem como a obrigatoriedade da Educação Física e outras disciplinas (BRASIL, 1980).

A Educação Física foi instituída obrigatoriamente como “prática” na Educação Básica e com foco esportivo no nível superior pela Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que estabeleceu as metas e os fundamentos educacionais em nível nacional (BRASIL, 1961). Essa Lei teve um de seus artigos alterado pelo Decreto-Lei 705, de 25 de junho de 1969, que incluiu a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis e modalidades de ensino, com ênfase no esporte no Ensino Superior (BRASIL, 1969b) e seus artigos (com exceção dos Artigos 6º., 7º., 8º. e 9º.) foram revogados pela LDB-EN 9.394/1996, que anunciou a disciplina como “componente curricular” (BRASIL, 1996). Após cinco anos, a Lei 10.328/2001 acrescentou a palavra “obrigatório” à expressão “componente curricular” (BRASIL, 2001).

Essa obrigatoriedade da disciplina nas escolas de 1º. e 2º. graus também é incluída pela Lei 5.692/1971, junto à Educação Moral e Cívica, à Educação Artística e aos Programas de Saúde nos “currículos plenos”, os quais seriam organizados pela própria unidade escolar com base em um tratamento das matérias no formato de “atividades”, “áreas de estudo” e “disciplinas” (BRASIL, 1971b, 1980). O “currículo pleno” deveria considerar o “núcleo comum”, as disciplinas supracitadas e uma “parte diversificada” (BETTI, 1991; BRASIL, 1980). Essa “parte diversificada” deveria ser selecionada e planejada com base nas necessidades e particularidades das escolas e dos alunos (BETTI, 1991; BRASIL, 1971b).

De acordo com o Decreto 69.450, de 1º. de novembro de 1971, a Educação Física contribui para a obtenção de objetivos educacionais com base no aperfeiçoamento de habilidades discentes de natureza física, patriótica, ética, social e psíquica, devendo, portanto, estar integrada regularmente ao currículo de todos os níveis de ensino (BETTI, 1991; BRASIL, 1971a). O Decreto anunciou, ainda, os objetivos da disciplina no nível “primário” (novo regime da época - ensino de 1º. grau de oito anos), no nível médio e superior (BETTI, 1991; BRASIL, 1971a).

Assim, no antigo ensino “primário”, que abarcava os atuais anos iniciais e finais do Ensino Fundamental de nove anos, a Educação Física deveria apresentar-se, conforme o Decreto, com características físicas, recreativas, higiênicas, de harmonização entre corpo e mente, de melhoria na “aptidão física”, de estímulo à inventividade, à ética,

entre outras características, bem como ser facultativa em algumas situações (BRASIL, 1971a), conforme aprofundaremos no próximo parágrafo. A “aptidão física” seria o modelo principal na orientação das ações de planejar, controlar e avaliar nas aulas de Educação Física, com a inclusão de práticas esportivas da 5ª. série (atual 6º. ano do Ensino Fundamental de nove anos) em diante (BETTI, 1991; BRASIL, 1971a). O plano a ser desenvolvido seria de responsabilidade de cada escola e seu respectivo corpo docente de Educação Física (BRASIL, 1971a). As aulas deveriam ser desenvolvidas em três sessões de cinquenta minutos cada uma - o que não incluía o tempo de preparo dos alunos para as sessões - em dias diferentes e não sequencialmente, mediante turmas organizadas com alunos do mesmo sexo, escolhidos com base no grau de “aptidão física” (BRASIL, 1971a).

Apesar da obrigatoriedade da Educação Física estabelecida pelas Leis 4.024/1961 e 5.692/1971 (BRASIL, 1961, 1971b), consideramos adequado citar a Lei 6.503, de 13 de dezembro de 1977 (BRASIL, 1977) e a Lei 7.692, de 20 de dezembro de 1988 (BRASIL, 1988). Essas Leis<sup>13</sup> dispuseram sobre a disciplina como prática facultativa em todos os níveis e divisões do ensino quando o aluno do período noturno provasse o exercício profissional de alguma atividade com carga horária igual ou superior a seis horas, que tivesse mais de trinta anos de idade, que estivesse no exercício de ofício de natureza militar, ou amparado pelo Decreto-Lei 1.044, de 21 de outubro de 1969, ou no curso de uma Pós-Graduação e/ou, ainda, nas situações de aluna com prole (BRASIL, 1977, 1988). O Decreto-Lei 1.044/1969 estabeleceu que os alunos com quaisquer sinais de patologias fossem tratados de modo excepcional (BRASIL, 1969d) e a Lei 6.202, de 17 de abril de 1975, dispôs sobre a prática domiciliar de exercícios para alunas gestantes (BRASIL, 1975).

Nesse contexto, o CB - instituído no Estado de São Paulo pelo Decreto 21.833, de 28 de dezembro de 1983 e pela Resolução SE<sup>14</sup> 13, de 17 de janeiro de 1984 - incluiu a 1ª. e 2ª. séries do antigo ensino de 1º. grau de oito anos no Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1983, 1984). Resultado de um debate iniciado em 1983 e implantado oficialmente no Estado de São Paulo no ano seguinte nas antigas escolas de 1º. grau por meio do supracitado Decreto, apresentou-se com a intenção de consentir uma maior flexibilização na estruturação do currículo, com foco no processo de alfabetização e na avaliação desse processo tomando-se por base o desenvolvimento individual dos alunos (PALMA FILHO, 1996; SÃO PAULO, 1983). Segundo o Decreto, esse processo deveria ocorrer nos dois primeiros anos da

---

<sup>13</sup> Os itens anunciados nessas Leis foram devidamente incluídos pela Lei 10.793/2003, de 1º. de dezembro de 2003, com exceção do item referente ao curso de Pós-Graduação (BRASIL, 2003), já vetado pela Lei 9.394/1996 (BRASIL, 1996).

<sup>14</sup> Secretaria da Educação.

escolarização, com o objetivo de assegurar, sobretudo aos alunos com dificuldades, um tempo maior para se alfabetizarem, bem como desenvolver, mediante as outras áreas, habilidades referentes à cognição e à expressão (SÃO PAULO, 1983). Corroborando o Decreto, a Resolução SE 13/1984, estabeleceu as regras referentes ao CB, com referências ao desenvolvimento de um trabalho integrado entre docentes, alunos e respectivos familiares (SÃO PAULO, 1984). Palma Filho, Alves e Duran (2003) alegam que a implantação e o processo de materialização do CB abarcou o período de 1983 a 1994.

Igualmente, o ensino nas cidades de Belo Horizonte e Porto Alegre, por exemplo, passou a se organizar em ciclos (BARRETTO; SOUSA, 2004). Nessa época, de acordo com a Lei 7.044, de 18 de outubro de 1982, o 1º. grau era entendido por “ensino primário”, distribuído em oito séries com um ano de duração cada uma, enquanto que o atual Ensino Médio correspondia ao ensino de 2º. grau, distribuído em três séries e também organizado em três anos (BRASIL, 1982<sup>15</sup>).

No Estado de São Paulo, a implantação, em 1988, da Jornada Única de Trabalho Docente e Discente no Ciclo Básico (JUTDD-CB) apresentou, entre outras propostas, uma articulação entre a atuação profissional do professor generalista, do professor de Educação Física e do professor de Arte (SÃO PAULO, 1988).

Com o objetivo de apresentar o processo histórico da composição curricular oficial no Estado de São Paulo, por meio de distintas reformas implementadas pelo Governo Estadual Paulista na educação no período de 1960 a 1990, Palma Filho (1996) afirmou que a inclusão das aulas de Educação Física e de Arte no CB representou uma alternativa adotada pela SEE-SP para equiparar o tempo em que professores e alunos permaneciam na escola.

A assertiva do autor pode ser confirmada com base na legislação e nos seguintes documentos supracitados: Lei 4.024/1961 (BRASIL, 1961); Lei 5.692/1971 (BRASIL, 1971b); documento “A escola de 1º. grau e o currículo” (BRASIL, 1980); Decreto 21.833/1983 e Resolução SE 13/1984 (SÃO PAULO, 1983, 1984); Resolução do CEF 03/1987 (BRASIL, 1987); e documento “Ciclo Básico em Jornada Única”, CBJU (SÃO PAULO, 1988), entre outros.

Em virtude da organização desta pesquisa, apresentamos, no segundo capítulo, “Trajetória metodológica”, nossa opção pelas histórias de vida (MOITA, 1995; PAULILO, 1999) como uma pesquisa de natureza qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), nossos objetivos, as entrevistas em profundidade e abertas (CRUZ NETO, 1994) e a análise

---

<sup>15</sup> Essa Lei, anulada pela LDB-EN 9.394/1996, alterou, no ensino de 2º. grau, mecanismos relativos à Lei 5.692/1971 sobre a profissionalização desse nível.

documental (ANDRÉ, 1998) como nossos instrumentos de coleta, o processo de busca e de seleção dos participantes, os professores de Educação Física aposentados que ganharam foco nesta pesquisa e o processo de construção dos temas de análise. As histórias de vida como opção teórico-metodológica contemplam o objetivo do nosso estudo, uma vez que o objetivo do estudo é que determina o método escolhido (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Do mesmo modo, explicitá-las pode contribuir, aos interessados por este tipo de abordagem, para a realização de novas pesquisas sobre histórias de vida, em especial de professores de Educação Física.

O processo de construção dos temas de análise, ocorrido durante e após a coleta de dados, fundamentou-se em nossa opção pelas histórias de vida. Por meio deles, analisamos nossos dados. Os temas tratam dos saberes da docência que emergiram das trajetórias na vida extraescolar e escolar, dos saberes docentes na formação inicial e continuada e na atuação profissional. Esses temas estão representados e contemplados, respectivamente, nos seguintes capítulos: 3. “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos extraescolares”; 4. “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos escolares”; 5. “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos da formação inicial e continuada”; e 6. “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos da atuação profissional”.

Essa construção temática, emergente de diversas leituras e reflexões (CARLINDO, 2009; CORRÊA, 2009; DAOLIO, 2009; DARIDO, 1995; GOODSON, 1995; MOITA, 1995; MONTEIRO, 2006; NÓVOA, 1995; PENNA, 2007; RANGEL-BETTI, 1998; REALI; REYES, 2009; TANCREDI, 2009; TARDIF, 2008), fundamenta-se, em especial, na ideia de pluralidade e temporalidade dos saberes docentes.

Entendermos, conforme Tardif (2008, p. 21), que os saberes “[...] não provêm de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional [...]” do professor. Dizer que os saberes docentes são plurais e temporais significa dizer, segundo o autor, que são obtidos no âmbito de uma trajetória de vida e de uma trajetória profissional. “[...] O saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente” (TARDIF, 2008, p. 18). É plural porque se relaciona com contextos diversos de atuação e de formação profissional docente, com recursos empregados para o desenvolvimento do trabalho e com a própria experiência (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000).



Assim, a supracitada construção temática foi necessária para a análise dos dados, porém, temos ciência das inter-relações entre os temas, uma vez que se tratam das histórias de vida dos professores de Educação Física pesquisados.

Além de ampliar nossa compreensão sobre a formação e a atuação dos participantes com base na análise de suas histórias de vida, ansiamos, de posse dos dados, contribuir para suscitar novos diálogos e delinear outras direções no que se refere à formação e à atuação de professores de Educação Física no contexto dos anos iniciais.

Igualmente, pretendemos confirmar a importância da contribuição para a área do conhecimento em que a pesquisa se insere. Conforme Bogdan e Biklen (1994), há que se considerar o potencial de uma pesquisa e suas contribuições para o contexto educacional e/ou social. Por conseguinte, corroborando os autores e com base na tese deste estudo, entendemos que a busca para evidenciar as trajetórias de vida e de profissão que contribuíram para a construção dos saberes justificam-se pelo interesse na implantação de ações formativas. Junto a esse interesse, a proposição das histórias de vida como modalidade teórico-metodológica diferencia a investigação e garante sua originalidade.

## 2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

[...] Um professor “não pensa somente com a cabeça”, mas “com a vida”, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastro de certezas. Em suma, ele pensa a partir de sua história de vida não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal.

Tardif (2008, p. 103, grifo do autor).

A epígrafe selecionada para a introdução deste capítulo exprime a importância que atribuímos à história de vida na identificação e compreensão dos saberes do professor, uma vez que esses saberes são construídos, desconstruídos e reconstruídos com base em toda a experiência acumulada ao longo da vida. Assim, nessa experiência também estão presentes emoções, afetos e relações que permeiam a trajetória pessoal e profissional docente.

Por se tratar da investigação acerca das histórias de vida e dos saberes de professores que atuaram nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino do Estado de São Paulo nas décadas de 1980 e 1990, este estudo elegeu a abordagem biográfica como referencial teórico e metodológico.

Assim, nossa opção é pela história da vida de uma personagem, de um autor, pelos relatos orais dos professores entrevistados, os quais extraímos mediante a realização de entrevistas em profundidade e abertas (CRUZ NETO, 1994).

O desenvolvimento da abordagem biográfica e/ou das histórias de vida se coadunam, segundo Moita (1995), à particularidade metodológica e epistemológica desse tipo de abordagem. Para a autora, a opção pelas histórias de vida está diretamente relacionada ao valor que esse tipo de abordagem possui nas pesquisas, à sua relevância diante do objetivo que se propõe. Moita (1995, p. 116) visualiza possibilidades dialógicas entre o indivíduo e o ambiente sociocultural e afirma que essas possibilidades de diálogo incluem uma análise referente à “[...] articulação entre essas duas realidades [...]”.

Em Paulilo (1999) também observamos o destaque para os estudos que se utilizam das histórias de vida como um instrumento válido na análise do cruzamento entre o indivíduo e o contexto no qual se encontra inserido. Para a autora, por meio da história de vida, é possível apreender os acontecimentos desse cruzamento e conceber uma amálgama entre elementos atuais e reminiscências.

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para

a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos. (PAULILO, 1999, p. 142-143).

A possibilidade de uma visão integral do conjunto de uma vida é permitida, segundo Paulilo (1999), por meio de um olhar retrospectivo para ela (a vida), uma vez que o tempo atual propicia um entendimento intenso do tempo já ocorrido. A autora também adverte para a necessidade de se ter ciência sobre os progressos, retrocessos, a ordem e a data dos acontecimentos, as criações da imaginação e os efeitos das idealizações, os quais atravessam as narrações impregnadas das reminiscências do entrevistado.

Bosi (2001, p. 37), ao refletir sobre o trabalho com as reminiscências de velhos, afirma que o registro de suas vidas e de seus pensamentos “[...] alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal”. Para a autora, a memória de cada pessoa é dependente de suas próprias relações - familiares, sociais, escolares, religiosas e profissionais, entre outras relações.

A ideia de Tardif (2008) sobre a natureza social do saber docente (sobretudo porque representa o saber de um coletivo de professores) fundamenta a possibilidade de reflexão sobre o coletivo (com base na perspectiva individual por meio das histórias de vida) conforme Cruz Neto (1994) e Ferreira e Amado (2000).

Cruz Neto (1994, p. 58) apresenta a história de vida como um meio utilizado para o entendimento do real, cujo papel fundamental consiste em “[...] retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações”.

Segundo Moita (1995), nesse tipo de abordagem não se busca elaborar generalizações, uma vez que toda e qualquer trajetória e/ou processo formativo são singulares; esse tipo de abordagem requer que todos os participantes se comprometam efetivamente por meio de um “contrato de confiança” - construído na pesquisa e fundamentado, conforme Bosi (2001), em uma relação de afeto entre pesquisador e narradores; a relação que deve ser estabelecida entre pesquisador e participantes é de natureza colaborativa, com atitudes que os caracterizam como iguais nas situações refletidas; esse tipo de abordagem “[...] contém um carácter necessariamente formativo em relação a todas as pessoas nele implicadas [...]” (MOITA, 1995, p. 118). Para Ferreira e Amado (2000, p. 234), “[...] é indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador. Disso depende o sucesso”.

Corroborando Bosi (2001, p. 37), explicamos claramente o objetivo desta pesquisa aos professores de Educação Física aposentados, de modo que cada um deles “[...] sempre teve autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra”. Além disso, as expectativas sobre cada um dos envolvidos e o rumo dos dados coletados foram

explicitados e formalizados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE (APÊNDICE A).

Para o seu desenvolvimento, esta pesquisa foi submetida (enquanto proposta), em 13 de novembro de 2014, para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo seres humanos da UFSCar<sup>16</sup>. Em 13 de abril de 2015 foi aprovada, por meio do Parecer 1.021.253 (APÊNDICE B), o qual proporcionou amparo legal para a realização da coleta de dados com os participantes.

É válido destacar as características formativas evidenciadas por Moita (1995), situando a abordagem investigativa como uma circunstância favorável à formação dos envolvidos, em virtude das particularidades do método escolhido, qual seja, a abordagem biográfica.

Embora autores como Betti e Mizukami (1997) e Nóvoa (1995) apresentem reflexões sobre as histórias de vida como uma valiosa fonte de conhecimento sobre o exercício profissional docente, nossa intenção consistiu na reconstituição das histórias de vida para poder identificar o processo de construção dos saberes dos professores pesquisados, podendo contribuir para reflexões sobre processos formativos docentes.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o plano vai sendo delineado ao longo do desenvolvimento do estudo, conforme se conhece o ambiente e os seus participantes. “É o próprio estudo que estrutura a investigação, não ideias preconcebidas ou um plano prévio detalhado” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 83). Daí a importância e a necessidade de uma postura flexível, o que não quer dizer ausência de plano (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para os autores, a efetivação do plano e a análise dos dados podem acontecer durante a pesquisa, não se apresentando como etapas isoladas. As experiências de pesquisa também contribuem para a definição das próximas fases (BOGDAN; BIKLEN, 1994). No caso deste estudo, essas questões foram importantes na definição do tema e do objetivo geral, bem como da delimitação da pesquisa. Os objetivos específicos foram definidos posteriormente, ao mesmo tempo em que redigíamos este texto e realizávamos as entrevistas com os professores de Educação Física aposentados.

Corroborando Moita (1995), não pretendemos fazer generalizações, tampouco esgotar o assunto, mas apresentá-lo de modo a oferecer elementos que impulsionem a reflexão sobre ele. Para tanto, afirmamos nossa opção pelas histórias de vida como uma possibilidade,

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>. Acesso em: 13 abr. 2015.

conforme Bogdan e Biklen (1994), de estudos qualitativos. Essa opção vem ao encontro de nossos objetivos geral e específicos.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 47), “[...] a investigação qualitativa possui cinco características”. Apresentamos, concisamente, essas cinco características, justamente para elucidar as várias relações que podem ser estabelecidas entre esse tipo de abordagem e os nossos objetivos: o pesquisador é o instrumento fundamental na coleta das informações originadas no próprio ambiente investigado; as informações são coletadas na forma de registros escritos (notas de campo) e/ou transcritos (entrevistas), além de fotos, filmagens, documentos pessoais e oficiais etc.; na perspectiva do pesquisador qualitativo, o processo é mais interessante do que o resultado; há uma tendência em analisar as informações por meio da indução; e, nesse tipo de abordagem, o ponto de vista do participante é essencial (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Assim, faz-se necessário destacar algumas questões das quais, segundo os autores, a análise qualitativa deve tomar ciência, em especial quando apresentamos nosso objetivo de entender os indivíduos com base em seus pontos de vista.

Aquilo que se apresenta na pesquisa como “o ponto de vista do indivíduo” pode não ser uma expressão utilizada pelo próprio participante, ou seja, são os pesquisadores que afirmam que aquele ponto de vista é do participante e não o próprio participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Portanto, “o ponto de vista do indivíduo” pode não expressar a maneira como ele reflete sobre si próprio, já que essa expressão é uma construção da pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Ciente dessas questões, sobretudo pelo objetivo de que, entender o indivíduo com base em seu ponto de vista pode estar mais próximo da sua realidade vivida, reafirmamos nossa posição e reapresentamos nosso objetivo geral da pesquisa: analisar as histórias de vida de três professores de Educação Física aposentados na construção dos seus saberes docentes no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino da SEE-SP nas décadas de 1980 e 1990.

Com base no objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram delineados: identificar os saberes provenientes dos desenvolvimentos, das trajetórias pessoais, profissionais e sociais dos professores; compreender possíveis influências dos momentos e contextos - de formação e de trabalho - vividos pelos professores na construção e configuração de seus saberes; relacionar os saberes à formação recebida - inicial e continuada - e aos aspectos pessoais dos professores; e relacionar a formação inicial e continuada dos

professores e as finalidades da Educação Física na escola nas décadas de 1980 e 1990 com as características dos alunos dos anos iniciais.

A construção dos objetivos específicos - apresentados na introdução - teve como intuito nortear nosso próprio entendimento sobre a temática desta pesquisa e o seu desenvolvimento, bem como definir nossas reflexões sem pretensão de exaurir o tema, mas de contribuir para suscitar novos diálogos e delinear novas direções no que se refere às histórias de vida e aos saberes de professores de Educação Física - na formação inicial e continuada - no contexto dos anos iniciais.

Assim, no propósito de alcançar nossos objetivos, apresentamos, nos tópicos subsequentes, os instrumentos de coleta e de análise, os critérios e o processo de busca e de seleção dos participantes e os professores de Educação Física escolhidos, bem como o processo de construção dos temas de análises dos dados.

## **2.1 Entrevistas e análise documental**

O uso das entrevistas em profundidade é um exemplo próprio de pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Neste estudo, optamos, com base em Cruz Neto (1994), pelas entrevistas em profundidade e abertas. Em conformidade com Bogdan e Biklen (1994), não afirmamos nosso posicionamento como certo ou errado, mas como representativo de nossa opção, a qual contempla nossos objetivos de pesquisa.

Spindola e Santos (2003) conjecturam sobre esse tipo de entrevista no trabalho com histórias de vida, porém, fazem uso da expressão “entrevista prolongada”. Refletimos sobre a entrevista prolongada em razão de apresentar a mesma acepção das entrevistas em profundidade e abertas.

As autoras afirmam que a entrevista deve ser prolongada para que haja uma permanente interação entre pesquisador e participante, bem como para que o próprio participante conte e conduza a conversa, premissa esta que dialoga com a modalidade de entrevista aberta apresentada por Cruz Neto (1994, p. 58), na qual “[...] o informante aborda livremente o tema proposto”. Em Paulilo (1999), as histórias de vida são apreendidas com base nas entrevistas prolongadas, mediante uma interação sucessiva entre pesquisador e participante.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a entrevista em profundidade pode abranger toda a vida do indivíduo, desde o nascimento até os dias atuais, assim como nossos roteiros procuraram abranger, mediante a realização de um movimento da origem familiar à

aposentadoria pela rede de ensino da SEE-SP, conforme o Quadro 1 neste tópico. Todas as transcrições também podem ser observadas nos Apêndices desta pesquisa (APÊNDICE C, APÊNDICE D e APÊNDICE E), os quais ilustram as entrevistas em profundidade e abertas.

Tomando-se por base as histórias de vida como procedimento metodológico, Cruz Neto (1994) evidencia a ideia de entrevista em profundidade como uma possibilidade de diálogo, correspondido de modo intenso entre pesquisador e pesquisado.

Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (CRUZ NETO, 1994, p. 59).

Do mesmo modo, em Betti e Mizukami (1997, p. 113), essa possibilidade de reflexão sobre o coletivo subsidiada pela pesquisa desenvolvida com uma professora de Educação Física aposentada confirma-se: “analisando a história de vida de um profissional entendemos que, apesar dela ser única e singular, pode ser visualizada também como uma trajetória com alguns pontos fortes, especialmente quando estes são encontrados em outras histórias de vida profissional”.

Além dessas questões, Corrêa (2009, p. 20), ao optar pela história oral de seis professores de Educação Física em sua pesquisa de Doutorado - na qual buscou desvelar a trajetória da Educação Física na escola nas décadas de 1930, 1940 e 1950, com base nas reformulações educacionais suscitadas nos governos de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) - afirma que, nesse caso,

[...] cujas fontes são pessoas que irão compartilhar suas memórias de vida, é imprescindível prever muitos encontros anteriores à concretização da entrevista, de forma a estabelecer os laços de confiança, pois elas não contam suas experiências pessoais de vida a alguém que acabam de conhecer ou, se eventualmente isso ocorrer, a essência e a profundidade das reminiscências serão perdidas. (CORRÊA, 2009, p. 20).

Conforme a autora, também contatamos os professores em diversos momentos anteriores às entrevistas (via telefone, via Correio, via e-mail e/ou pessoalmente), seja para apresentar e explicitar o tema e o objetivo da pesquisa, seja para enviar-lhes o TCLE, seja para informá-los dos roteiros das entrevistas e/ou para acalmá-los em relação ao estado de

ansiedade provocado, sobretudo nas duas professoras. Independentemente das razões, os contatos serviram para o estreitamento de laços entre pesquisadoras e pesquisados.

Contudo, essas questões e reflexões não pretendem dizer que não existam roteiros norteadores nesse processo. Spindola e Santos (2003) asseguram que o pesquisador deve ouvir atentamente, com mínimas interferências no relato do participante. Entretanto, essa escuta não deve ser passiva, uma vez que, enquanto pesquisadoras, explicaram e incitaram, em alguns momentos da pesquisa, algumas minudências e os relatos de suas participantes - trabalhadoras de enfermagem (SPINDOLA; SANTOS, 2003). As autoras também ilustram a complexidade do exercício de fazer pesquisa: “na teoria, tudo pode parecer muito ‘simples’, todavia, na prática, nem sempre o é” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 123, grifo das autoras).

Cruz Neto (1994) afirma ainda que as histórias de vida podem ser escritas ou expostas oralmente. No caso desta pesquisa, as histórias de vida foram apreendidas por meio das falas dos participantes, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas (APÊNDICE C, APÊNDICE D e APÊNDICE E).

Conforme as reflexões precedentes, nossa opção pelas histórias de vida se justifica com base em um olhar que se volta, preferencialmente para os professores, para os seus pontos de vista e aspectos de suas trajetórias pessoais e profissionais (CORRÊA, 2009; DAOLIO, 2009; GOODSON, 1995; HUBERMAN, 1995; MOITA, 1995; MONTEIRO, 2006; NÓVOA, 1995; PAULOLO, 1999; SPINDOLA; SANTOS, 2003). Essas reflexões subsidiaram a construção dos roteiros das entrevistas, conforme o Quadro 1, a seguir.



**Quadro 1:** Roteiros e questões das entrevistas.

ROTEIROS	QUESTÕES
Trajetória na vida extraescolar	Caracterização da origem, cultura familiar e do contexto histórico-político-social.
	Descrição dos princípios educacionais familiares, das relações socioafetivas, das condições de moradia e de vida.
	Descrição dos lugares frequentados, das atividades lúdicas e de lazer e das oportunidades de aprendizagem e realização de atividades.
	Trajetórias iniciais e de maior interesse por práticas corporais.
	Perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação a essas práticas e participação/envolvimento dos pais e/ou familiares nessas práticas.
	Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias.
Trajetória na vida escolar	Caracterização do início do processo de escolarização, perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação à escola e ao futuro, participação dos pais e/ou familiares na vida escolar.
	Descrição da trajetória escolar na Educação Básica.
	Trajetórias nas aulas de Educação Física (situações de sucesso e insucesso).
	Trajetórias escolares que contribuíram (ou não) para a escolha da docência e da docência em Educação Física.
	Trajetórias escolares que cruzaram o tempo e a formação inicial.
	Concepção de Educação Física e de professor de Educação Física na época.
	Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias.
Atuação pré-profissional	Descrição das trajetórias profissionais antecedentes à opção e ingresso na docência.
	Caracterização das trajetórias profissionais com finalidades não escolares vivenciadas durante e após a formação inicial.
	Influências da vida pessoal na profissão e da profissão na vida pessoal.
	Práticas profissionais com finalidades escolares e não escolares que contribuíram (ou não) para a escolha do ensino da Educação Física na escola.
	Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias.
Formação inicial e continuada	Caracterização da opção pela docência, da trajetória no Magistério e/ou na formação inicial em Educação Física, perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação à formação para o exercício da docência, à formação em Educação Física e ao futuro profissional.
	Trajetórias da formação inicial que contribuíram (ou não) para a escolha do ensino da Educação Física na escola.
	Características da formação, concepção de Educação Física e concepção de professor na época (em especial do professor de Educação Física), perfis dos ingressantes e dos futuros professores, expectativas e transformações nos âmbitos pessoal e profissional após a opção pela Educação Física e pela docência em Educação Física.
	Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias.
Atuação profissional	Caracterização das atuações profissionais.
	Perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação ao exercício profissional da docência.
	Conceito de boas práticas e de professor de Educação Física bem-sucedido na época, caracterização dos sucessos e insucessos percebidos enquanto docente e vivências com certas práticas corporais (aluno e/ou atleta) que contribuíram para o seu ensino na escola.
	Participação em cursos e programas de formação continuada.
	Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias.
	Relação com as práticas corporais contemporâneas.

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Os roteiros correspondem, respectivamente: ao contexto familiar, em período anterior e concomitante à trajetória escolar (vida extraescolar); à escolarização na Educação Básica - da Educação Infantil ao Ensino Médio e/ou Magistério (vida escolar); às atuações profissionais que não ocorreram na docência em Educação Física, as quais podem ter acontecido antes, durante e após a formação inicial e antes, durante e após a atuação profissional em Educação Física na rede de ensino da SEE-SP (atuação pré-profissional); à formação profissional - Magistério, Educação Física e outros cursos (formação inicial e continuada); e ao exercício da docência em Educação Física na rede de ensino da SEE-SP (atuação profissional).

Esses roteiros, os quais direcionaram, nas entrevistas, os relatos dos professores de Educação Física aposentados, contribuíram para a coleta e organização das narrativas de vida desses professores. No entanto, afirmamos que, em virtude da especificidade dos dados coletados nos roteiros sobre as atuações pré-profissionais e profissionais, optamos pela junção desses dados no processo de análise. Assim, realizamos a supressão de dados considerados recorrentes e consideramos .

O foco em questões que permearam todos os roteiros das entrevistas realizadas, como, por exemplo, as descrições de sentimentos, situações e pessoas que, de algum modo, marcaram e/ou encerraram as trajetórias pesquisadas, bem como documentos (fotografias, registros) também representativos desses sentimentos, situações e pessoas (Quadro 1), evidencia elementos das histórias de vida dos participantes com base na reconstituição dessas histórias. Embora tenhamos priorizado algumas questões em detrimento de outras, com algumas questões recorrentes em todos os roteiros, procuramos abranger todas as histórias de vida dos professores aposentados.

Conforme nossos dizeres prévios, também recorreremos à análise documental como um instrumento para recolher dados. De acordo com André (1998, p. 28), “os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes”. Assim, complementamos as narrativas orais dos professores por meio especialmente por meio de dados iconográficos (de distintos e variados momentos das trajetórias dos professores) e outros registros (legislação e documentos), conforme nossas reflexões na introdução deste trabalho (BRASIL, 1961, 1971b, 1980, 1987; SÃO PAULO, 1983, 1984, 1988).

O foco e a importância atribuída aos pontos de vista dos participantes tornaram-se evidentes, tanto pelos assuntos tratados nas entrevistas (APÊNDICE C, APÊNDICE D e APÊNDICE E) quanto pela nossa preocupação em apreender, de forma

apropriada, esses pontos de vistas. Tal preocupação se materializou, no caso desta pesquisa de Doutorado, pela entrega das transcrições (por e-mail, pessoalmente por *pen-drive* e impressas via Correio) aos participantes<sup>17</sup>, cuja finalidade consistiu na valorização de seus pontos de vista por meio da confirmação dos dados coletados e, também, a ocorrência de contatos posteriores com os professores. De acordo com Corrêa (2009, p. 21), esses contatos são

[...] exigidos pelo procedimento metodológico adotado, que prevê a devolução do material transcrito, literal e integralmente, para ciência, eventuais restrições ao seu conteúdo e, diante de um novo texto, uma nova leitura e posterior autorização ou não da utilização e publicação, o que consolida a confiança conquistada pelo pesquisador e demarca esse processo como resultado de uma produção mútua e democrática. (CORRÊA, 2009, p. 21).

Esses procedimentos também são elencados por Ferreira e Amado (2000) no contexto da história oral. As autoras refletem, entre outras questões, sobre a utilização da abordagem biográfica como uma das possibilidades da história oral - entendida por elas como metodologia. Como parte desses procedimentos, apresentam algumas regras referentes às transcrições das entrevistas:

as passagens pouco audíveis podem ser colocadas entre colchetes. As dúvidas, os silêncios, as rupturas sintáticas, assinalados por reticências. As pessoas citadas, se for necessária discrição, designadas por iniciais. O grifo será utilizado para anotações; por exemplo: “risos”. As palavras usadas com forte entonação serão grafadas em negrito. O texto será organizado cuidadosamente em parágrafos, devendo-se atentar para a pontuação, que é imprescindível à boa compreensão do texto. Os subtítulos podem facilitar a leitura. Serão corrigidos em notas os erros flagrantes por parte do entrevistado: datas, nomes próprios etc. (FERREIRA; AMADO, 2000, p. 239-240, grifo das autoras).

Em nossas transcrições, optamos por reticências para representar as pausas; por letras maiúsculas para representar as palavras pronunciadas com mais entusiasmo; por colchetes para representar as interrupções nas gravações; por parênteses para representar os risos; por aspas - apenas nos fragmentos utilizados neste estudo - nos nomes de outras pessoas citados pelos participantes; e, também por aspas, para representar, nas narrativas, as seguintes reproduções: das próprias falas, das falas de outras pessoas, de algumas canções e de trechos de livros. Além disso, em virtude de nossa opção pelas histórias de vida como referencial teórico e metodológico, fizemos uso dos sobrenomes Andrade, Ribeiro e Pardo nos fragmentos das narrativas dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, citados nesta pesquisa, para situá-los no mesmo patamar dos demais autores. Essas

---

<sup>17</sup> Cada participante recebeu apenas as transcrições referentes às próprias entrevistas.

opções também buscaram atender à preocupação de apreensão adequada das perspectivas dos docentes.

O Quadro 2, a seguir, elucida o processo de realização das entrevistas com todos os professores participantes - os quais, em TCLE, consentiram a gravação das entrevistas, o acesso a registros e fotos da época da sua formação e atuação profissional e o uso do nome próprio, conforme o Apêndice A. Nesse quadro, também há a apresentação dos roteiros das entrevistas - emergentes de diversas leituras e reflexões e definidos antes e durante a coleta de dados - e as respectivas datas nas quais essas entrevistas foram realizadas com os professores Antônio Carlos Ferraz de Andrade, Romilda Augusta dos Santos Ribeiro e Dinalva Aparecida Dantas Pardo.

**Quadro 2:** Realização das entrevistas.

PARTICIPANTES	ENTREVISTAS/ROTEIROS		DATAS
	ENTREVISTAS	ROTEIROS	
Professor <b>Antônio Carlos Ferraz de Andrade</b> <sup>18</sup> (DE de Ourinhos e Região)	Entrevista 1	Trajatória na vida extraescolar	25/04/2015
	Entrevista 2	Trajatória na vida escolar	25/04/2015
	Entrevista 3	Atuação pré-profissional	25/04/2015
	Entrevista 4	Formação inicial e continuada	25/04/2015
	Entrevista 5	Atuação profissional	25/04/2015
Professora <b>Romilda Augusta dos Santos Ribeiro</b> <sup>19</sup> (DE de Bauru e Região)	Entrevista 1	Trajatória na vida extraescolar	27/04/2015
	Entrevista 2	Trajatória na vida escolar	27/04/2015
	Entrevista 3	Atuação pré-profissional	27/04/2015
	Entrevista 4	Formação inicial e continuada	27/04/2015
	Entrevista 5	Atuação profissional	11/05/2015
Professora <b>Dinalva Aparecida Dantas Pardo</b> (DE de Jaú e Região)	Entrevista 1	Trajatória na vida extraescolar	30/05/2015
	Entrevista 2	Trajatória na vida escolar	30/05/2015
	Entrevista 3	Atuação pré-profissional	30/05/2015
	Entrevista 4	Formação inicial e continuada	30/05/2015
	Entrevista 5	Atuação profissional	30/05/2015

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Conforme Cunha (2014), o delineamento de alguns cuidados e critérios na seleção dos professores também considerou, entre outras, a seguinte questão: por quais razões os professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida foram selecionados? No tópico seguinte, explicitamos essas razões por meio da apresentação dos critérios pelos quais esses professores foram escolhidos e relatamos todo o processo realizado na busca dos perfis selecionados.

<sup>18</sup> Realizamos a entrevista no primeiro semestre de 2015 e mantivemos o contato ao longo do segundo semestre. Porém, no mês de dezembro, após não termos obtido retorno de alguns e-mails e mensagens enviadas via *WhatsApp*, ligamos e descobrimos que o professor se encontrava acamado e incomunicável há um tempo (o qual não sabemos precisar) em razão de um tratamento médico. Infelizmente, essa situação não favoreceu a solicitação de informações adicionais, documentos e confirmação de alguns dados da vida do professor durante o processo de análise e redação desta Tese. No início de fevereiro de 2016, descobrimos do seu falecimento (fato que provavelmente ocorreu entre o final de dezembro e início de fevereiro) e expressamos nossos sentimentos. Tentamos contato, sem sucesso, com a família para reiterarmos nossos sentimentos e também manifestar nossa perda. Em face dessas circunstâncias, igualmente consideramos esta pesquisa como uma homenagem ao professor Antônio Carlos e um conforto aos seus familiares, uma vez que pretendemos fazer-lhes uma devolutiva ao término do Doutorado. Assim, registramos nossa perda, para a família e para a pesquisa. No entanto, pouco mais de um mês após o Exame de Qualificação (realizado em 29 de março de 2016), conseguimos, após algumas tentativas, restabelecer o contato com a esposa do professor Antônio Carlos, a qual manifestou ciência sobre a pesquisa, concordou com a sua continuidade e com futuros contatos para confirmação de alguns dados com uma das filhas. Nessa conversa, descobrimos que o professor faleceu em 12 de janeiro de 2016 (data, segundo a esposa, de aniversário de casamento do casal), reiteramos nossos sentimentos, manifestamos nossa perda e comprometemo-nos a fazer uma devolutiva à família ao final da pesquisa. A filha, com a qual conversamos, apreciou a ideia da devolutiva e se colocou à disposição para localizar e encaminhar, via e-mail, os seguintes documentos: históricos dos cursos de Magistério e Pedagogia, fotos de formatura, trabalho e casamento, entre outros. Entretanto, não obtivemos nenhum retorno.

<sup>19</sup> No processo de construção dos roteiros, foi possível a realização de uma primeira entrevista com a professora Romilda. O conteúdo dessa entrevista, realizada nos dias 7 e 9 de fevereiro de 2015, foi fundamental para confirmar a pertinência dos roteiros e possibilitar, sem perder de vista os objetivos do trabalho, um adequado exercício de síntese e de organização dos roteiros e das questões das entrevistas. Assim, optamos por refazê-la, juntamente com a realização das demais entrevistas.

## 2.2 Processo de busca e de seleção dos participantes

Neste tópico, apresentamos o processo de busca e de seleção dos professores de Educação Física no âmbito da SEE-SP, os quais foram selecionados com base nos seguintes critérios: 1. Ser professor/a de Educação Física aposentado/a pela rede de ensino da SEE-SP; 2. Ter lecionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino estadual, especialmente no contexto do CB; 3. Ter lecionado nas décadas de 1980 e 1990; 4. Ter pertencido a uma DE diferente dos outros participantes, lecionado em regiões e escolas também diferentes dos outros participantes; e 5. Apresentar-se disponível para a pesquisa.

O primeiro critério, relativo à condição de aposentado, representa a nossa busca pela inexistência de uma preocupação, nos professores pesquisados, em manter um determinado discurso. Em virtude da aposentadoria, os professores não mais possuem vínculo, estando distantes das diretrizes atuais, fato que pode garantir mais veracidade ao discurso. Bosi (2001, p. 60), ao estudar as memórias de pessoas com mais de setenta anos, afirma que

[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 2001, p. 60).

Ao contrário da autora, estudamos as histórias de vida de professores aposentados. No entanto, os três professores selecionados apresentaram-se, no momento das entrevistas, com mais de seis décadas e meia de vida, a saber: o professor Antônio Carlos estava com sessenta e oito anos; a professora Romilda Augusta estava com sessenta e sete no início da entrevista e sessenta e oito no término, pois comemorou aniversário durante; e a professora Dinalva Aparecida estava com setenta e três anos de idade.

O segundo critério representa nosso foco na atuação dos participantes nos anos iniciais (nível de ensino que engloba o antigo CB), embora tenhamos considerado, nas entrevistas, toda a trajetória profissional dos professores em outros níveis de ensino e em outros contextos. Já o terceiro critério representa nossa opção referente ao momento histórico da atuação profissional desses professores. As décadas de 1980 e 1990 foram selecionadas por representarem o primeiro momento da história da Educação Física no qual o professor

especialista<sup>20</sup> lecionou também para alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental no Estado de São Paulo no contexto do CB. Anteriormente a esse período, as aulas de Educação Física, nesse nível de ensino, eram ministradas pelo professor generalista.

Dos critérios estabelecidos por Corrêa (2009), por exemplo, para seleção dos participantes (com foco nas aulas de Educação Física em suas trajetórias escolares e na formação e atuação profissional docente também na Educação Física), no mínimo uma dessas trajetórias (escolar, formativa e profissional) deveria ter ocorrido nos governos de Getúlio Dornelles Vargas. Corroborando a autora, também demarcamos o período histórico de atuação docente dos nossos participantes.

O quarto critério foi definido por possibilitar a investigação das histórias de vida na construção dos saberes docentes em diferentes contextos escolares pertencentes a uma mesma Secretaria da Educação (SE). Acreditamos que essa diversidade possa trazer foco, por exemplo, para diferentes significações atribuídas pelos participantes a um mesmo direcionamento (seja na formação continuada e/ou na atuação profissional), considerando que todos exerceram a docência em uma mesma rede de ensino e no contexto do CB, nas décadas de 1980 e 1990, porém, em escolas e regiões diferentes. O período de atuação apresenta variações entre os participantes, contudo, todos lecionaram nas referidas décadas.

As diferentes significações atribuídas pelos participantes a um mesmo direcionamento nos remetem à Cunha (2014). Em razão da singularidade do sujeito e de sua história, a autora aponta a necessidade de se considerar sua experiência real e seu contexto e, como um objeto e/ou fato se apresenta em sua experiência, os quais podem “[...] ter significados diferentes para pessoas diferentes” (CUNHA, 2014, p. 32). Em virtude disso, consideramos as possíveis diferenças, por exemplo, nas significações atribuídas, pelos participantes, a uma política pública de uma mesma SE.

A autora também reflete sobre a interação e a comunicação na existência cotidiana, representativas da participação do grupo no qual o professor se insere. Assim, as significações são compartilhadas entre os indivíduos do grupo e “a expressão do cotidiano do professor é determinante e determinada pela conjuntura social e cultural em que se desenvolve” (CUNHA, 2014, p. 32).

---

<sup>20</sup> Ao contrário do professor generalista (“professor polivalente”, “professor polivalente da classe” ou “professor unidocente”), o professor especialista leciona aulas referentes a uma área específica (relativa à sua formação profissional). Como exemplo, citamos os professores de Língua Portuguesa, História, Matemática, Educação Física, Arte etc., os quais atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio da rede de ensino estadual paulista.

A afirmativa de Cunha (2014) dialoga com o movimento de construção da identidade do indivíduo enquanto processo formativo apresentado por Moita (1995). Nesse processo de construção, Moita (1995) faz alusões à “identidade pessoal” e à “identidade profissional”, com o intuito de identificar, considerar e entender as interações entre os processos formativos referentes à pessoa e à profissão.

As questões de Cunha (2014) são importantes na medida em que subsidiaram, de forma cuidadosa e criteriosa, a seleção dos participantes desta pesquisa. Essa seleção toma por base o contexto de formação inicial (período de 1969 a 1973) e de atuação profissional (décadas de 1980 e 1990) dos professores de Educação Física investigados na rede de ensino da SEE-SP.

O quinto critério, referente à disponibilidade dos participantes para a pesquisa, também constitui um elemento importante que pode contribuir tanto para o desenvolvimento do estudo quanto para a obtenção dos resultados esperados. Segundo Bogdan e Biklen (1994), dentre as possibilidades na elaboração deste tipo de estudo, a natureza do sujeito é decisiva (em relação à sua própria estrutura, com adequada retenção de ideias, sensações, impressões, adquiridas em momentos precedentes; em relação às experiências vividas, se são do interesse da pesquisa ou não; e a sua disponibilidade para a entrevista). Assim, ressaltamos, em especial o fato de os sujeitos selecionados apresentarem-se disponíveis para a pesquisa.

A disponibilidade e a adequação dos dados coletados aos objetivos, entre outras questões, são primordiais para o desenvolvimento da pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Igualmente, no que se refere às decisões que devem ser tomadas pelos pesquisadores qualitativos, os autores afirmam que

[...] a escolha de informadores e distribuição do tempo são sempre tomadas no contexto do estudo. Estas escolhas, na sua situação particular, devem ser coerentes com os seus objetivos. Resultam logicamente tanto das premissas da abordagem qualitativa como das contingências do estudo, à medida que estas vão se tornando evidentes no decurso do trabalho. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 95-96).

No desenvolvimento deste estudo, afirmamos que muitas decisões foram tomadas, tanto nos aspectos alusivos à seleção dos participantes quanto na organização/repartição do tempo de realização dessa busca e das entrevistas, bem como na constatação de coerência entre essas decisões e os objetivos deste estudo. Concordamos com os autores, uma vez que as decisões que tomamos também são resultantes das proposições da abordagem qualitativa e das eventualidades evidentes no desenvolvimento desta pesquisa.



Dentre essas decisões e constatações, afirmamos que os critérios apresentados neste tópico foram posteriormente confirmados mediante uma “sondagem inicial”, conforme Rangel-Betti (1998), a qual foi realizada via telefone com um número aproximado de dezoito professores - indicados nas DE de Bauru, Jaú, Ribeirão Preto, Ourinhos, São Carlos e Lorena, explicitados, na sequência, neste mesmo tópico. Com a seleção dos três professores supracitados, suas narrativas também confirmaram nossos critérios.

O caminho percorrido na localização dos professores foi árduo e moroso. Corrêa (2009) também relata diversas dificuldades nesse processo. A autora o descreve como um percurso longo e complicado, com inexistência de indicações que contemplassem o perfil procurado, burocracia e telefonemas malsucedidos, entre outras dificuldades. Em nosso processo de busca e de seleção dos participantes, construímos um quadro que, além de promover a coleta e o registro dos dados relativos aos possíveis perfis, contribuiu para a verificação e a confirmação da viabilidade deste estudo.

No caso desta pesquisa, aferimos como essencial a questão do acesso aos participantes para posterior realização da coleta de dados. Nesse levantamento inicial, ao buscarmos por um banco de dados sobre professores de Educação Física aposentados pela rede de ensino estadual (que lecionaram também com os anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial no contexto do CB), não obtivemos êxito em todas as fontes de busca em virtude de não conseguirmos as informações desejadas. No entanto, uma fonte nos enviou a outras fontes, e assim sucessivamente.

Afirmamos que, em resposta, várias fontes confirmaram a inexistência de um banco de dados, ao passo que outras fontes nem mesmo responderam à nossa solicitação. Citamos as fontes e as respectivas datas das respostas no Quadro 3, no intento de elucidar, ao leitor, nosso processo de busca pelos participantes.

**Quadro 3:** Fontes de busca dos participantes e datas<sup>21</sup>.

FONTE	DATA <sup>22</sup>
DE, Avaré.	25/04/2014
Escola Estadual Calvino Barbosa Ferraz, Óleo.	25/04/2014
DE, Pirajú.	25/04/2014
Sede Regional da Associação dos Professores Aposentados do Magistério Público do Estado de São Paulo (APAMPESP <sup>23</sup> ), Araraquara.	09/05/2014
DE de Botucatu.	12/05/2014
Subsede do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP - Sindicato Estadual), São Caetano do Sul.	12/05/2014
Subsede da APEOESP, Cotia.	12/05/2014
Subsede da APEOESP, Amparo.	12/05/2014
DE, São Carlos.	14/05/2014
Subsede da APEOESP, Poá/Ferraz.	14/05/2014
Subsede da APEOESP, Lorena.	28/05/2014
Subsede da APEOESP, São João da Boa Vista.	28/05/2014
Subsede da APEOESP, Lins.	28/05/2014
Subsede da APEOESP, Itapeva.	28/05/2014
Subsede da APEOESP, Jaboticabal.	28/05/2014
Cadastro Central da APEOESP.	28/05/2014
Sede Central da APAMPESP, São Paulo.	03/06/2014
Sede Regional da APAMPESP, Bauru.	03/06/2014
Conselho Regional de Educação Física da 4ª. Região (CREF 4 <sup>24</sup> ) do Estado de São Paulo, São Paulo.	03/06/2014
Subsede da APEOESP, Bauru.	03/06/2014
Sede Central da APEOESP, Departamento de Aposentados, São Paulo.	10/06/2014
Aba “Central de Atendimento”, na página da SEE-SP <sup>25</sup> .	10/06/2014
Aba “Contato”, na página da APEOESP <sup>26</sup> .	11/06/2014
Jornal Agora, São Paulo.	29/06/2014
Jornal Folha de São Paulo, São Paulo.	20/07/2014
Escola Estadual Professor João Jorge Marmorato, São Carlos.	23/07/2014
Subsede Regional do Centro do Professorado Paulista (CPP), São Carlos.	23/07/2014
DE, Bauru.	29/07/2014
Escola Estadual Professor Eduardo Velho Filho, Piratininga.	06/08/2014

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Nossas buscas se efetivaram em nível de Sedes Regionais e Central da APAMPESP, Subsedes e Sede Central da APEOESP (incluindo o Departamento de Aposentados), de Sede Central e Regional da APAMPESP, de CREF 4, de SEE-SP, de jornais de circulação estadual, de DE, de unidades escolares, entre outros lugares. Cada uma das fontes contatadas nos serviu de ponte com outras fontes, as quais nos direcionaram a

<sup>21</sup> Esse quadro apresenta nossas principais fontes de busca, por meio do contato, sobretudo com entidades relativas à SEE-SP. É importante esclarecer que algumas informações não foram obtidas por meio dessas entidades, uma vez que também realizamos buscas via e-mail, *Facebook* e *WhatsApp*, no intuito de ampliar nossas possibilidades mediante todos os nossos contatos.

<sup>22</sup> As datas são referentes aos dias nos quais obtivemos retorno, apesar de nenhum deles apresentar as informações que buscávamos, conforme já relatamos.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://apampesp.org/2013/>. Acesso em: 28 jul. 2015.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.crefsp.org.br/>. Acesso em: 22 jul. 2015.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2015.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.apecoesp.org.br/>. Acesso em: 22 jul. 2015.

profissionais da SEE-SP e, conseqüentemente, aos professores de Educação Física aposentados.

Na DE de Avaré, obtivemos o contato da Escola Estadual Calvino Barbosa Ferraz, de Óleo, local onde uma possível participante atuou como professora de Educação Física. Posteriormente, em contato com a professora, constatamos que a mesma não atendia a um de nossos critérios de busca em razão de ainda atuar na SEE-SP como PCNP na DE de Avaré. A Escola Estadual Calvino Barbosa Ferraz nos direcionou à DE de Pirajú, na qual também não obtivemos êxito. Além disso, não obtivemos nenhum retorno da DE de Botucatu.

Esclarecemos que as informações que nos possibilitaram o contato com as DE de Avaré, Botucatu, Jaú e Ourinhos, são provenientes da minha<sup>27</sup> lista de endereços de e-mails, especialmente de PCNP e supervisores de ensino que forneceram endereços de e-mails e números de telefones alusivos às suas respectivas DE. O acesso a esses contatos se deve ao fato de ter atuado<sup>28</sup> como PCNP na DE de Bauru, a qual é polo em várias ações de formação continuada e, por isso, articula-se com os PCNP e supervisores das DE vizinhas.

Na DE de Bauru, onde iniciamos nossa busca em virtude da localização e do acesso a diversos contatos conforme já explicamos, obtivemos a relação das Escolas-Padrão, pois, de posse dessas informações, também poderíamos chegar aos professores desejados. Com base nos contatos de e-mails, *Facebook* e *WhatsApp*, localizamos quatro possíveis participantes. Desses quatro, definimos uma professora - Romilda Augusta - como nossa participante e a entrevistamos posteriormente.

Obtivemos o contato da professora Romilda via *Facebook*, por meio de sua filha, a qual foi indicada após a divulgação do anúncio supracitado (de acordo com a Figura 1) em minha<sup>29</sup> própria página “Catia Costa<sup>30</sup>”, compartilhado por vários contatos e no grupo “Educação na Rede<sup>31</sup>”. A Escola Estadual Professor Eduardo Velho Filho, a qual contactamos em razão de ser indicada via *WhatsApp* como a unidade onde a professora Romilda se aposentou, apenas nos forneceu seu nome completo.

Da mesma fonte (DE de Bauru), obtivemos também o contato de outra professora - Dinalva Aparecida - da DE de Jaú, município vizinho. Também a selecionamos, em virtude de o seu perfil atender aos nossos critérios de seleção.

---

<sup>27</sup> Nesse caso, refiro-me, especificamente aos meus contatos relativos à própria atuação na Educação Física, seja em nível de escola e/ou de DE. Com exceção dessas situações, o texto está redigido na primeira pessoa do plural, o que significa que se relaciona tanto às reflexões da Orientanda quanto às reflexões da Orientadora.

<sup>28</sup> Nesse caso, refiro-me, especificamente à minha atuação como PCNP na DE de Bauru e Região.

<sup>29</sup> Nesse caso, refiro-me à minha própria página no *Facebook*.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/catia.costa.12914>. Acesso em: 9 jul. 2014.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/educacaonarede/?fref=ts>. Acesso em: 25 jul. 2014.

Com base nesses contatos, incluindo a relação de endereços de e-mails de professores de Educação Física, cujos contatos foram estabelecidos em cursos e especializações<sup>32</sup> em momentos anteriores, e contatos do *Facebook* e *WhatsApp*, localizamos um total de cinco possíveis participantes nas DE de Bauru e Jaú. Desses cinco, selecionamos e entrevistamos as duas professoras supracitadas (Romilda e Dinalva).

Os números por nós evidenciados estão diretamente relacionados aos professores indicados e que atenderam, inicialmente, ao perfil procurado. Consideramos desnecessário apresentar, em seus pormenores, as indicações não pertinentes também ocorridas.

Em Bauru, também entramos em contato com a Subsede da APEOESP, a qual nos direcionou à aba “Contato”, na página da APEOESP, à Sede Central da APEOESP, ao Departamento de Aposentados (esses dois últimos também foram indicados pela Subsede de São Caetano do Sul) e à DE local (como o órgão que aposenta os professores). Porém, já havíamos contactado a DE local.

A Subsede de São Caetano do Sul nos forneceu o telefone para contato com a Sede Central da APEOESP, na qual não obtivemos êxito. A mesma nos direcionou ao Departamento de Aposentados, também sem êxito. Não obstante, nesse departamento obtivemos o contato de um professor aposentado, o qual integra o quadro da Subsede de Ribeirão Preto. Por meio do contato com esse professor, que não atendia aos nossos critérios de busca em razão de sua área de formação e atuação, localizamos cinco professores, dos quais selecionamos um para a realização das entrevistas. Durante e após a realização das entrevistas, confirmamos que o participante escolhido não havia lecionado nos anos iniciais nas décadas de 1980 e 1990. Essas entrevistas se constituíram, conforme Bogdan e Biklen (1994), em possibilidades que eliminamos, não compondo, portanto, nossas análises. Assim, optamos por não registrar as informações alusivas a esse professor no Quadro 2.

O contato com as DE de Avaré, Botucatu, Jaú e Ourinhos por meio dos PCNP e supervisores de ensino de outras DE, deu-se, inicialmente, com os PCNP de Educação Física e, no caso de Ourinhos, com uma supervisora, a qual indicou vários professores no perfil solicitado. Dos cinco professores indicados por essa supervisora, conseguimos nos comunicar com apenas dois. E, desses dois, entrevistamos apenas um professor - Antônio Carlos - em virtude dos nossos critérios de seleção.

---

<sup>32</sup> Nesse caso, refiro-me, especificamente aos cursos de formação continuada promovidos pela SEE-SP dos quais participei. Em virtude desses contatos, também adotamos o *Facebook* como mais uma via de acesso a informações sobre os possíveis participantes deste estudo.

Em razão de nossa localização, também contatamos a DE de São Carlos por meio da PCNP de Educação Física. Fomos direcionadas a uma professora de Educação Física atuante na Escola Estadual Professor João Jorge Marmorato, a qual não atendia aos critérios, porém, nos remeteu à PCNP de Educação Física, à Subsede Regional do CPP da cidade e à dois contatos de professores de Educação Física aposentados que contatamos em diversos momentos, contudo, sem nenhum retorno.

Na página da APEOESP, na qual localizamos os endereços de e-mails, as Subsedes estão assim divididas: “Subsedes - Capital”; “Subsedes - Grande São Paulo”; e “Subsedes - Interior”. Enviamos e-mails a todas as Subsedes, no entanto, apenas algumas retornaram, conforme ilustra o Quadro 3.

As Subsedes de São Caetano do Sul, Cotia e Poá/Ferraz integram a categoria “Subsedes - Capital”, enquanto as Subsedes de Amparo, Lorena, São João da Boa Vista, Lins, Itapeva e Jaboticabal integram a categoria “Subsedes - Interior”. Citamos essas Subsedes em virtude de terem atendido às nossas solicitações de busca pelos participantes desta pesquisa.

A Sede Regional da APAMPESP de Araraquara alegou a existência de uma lista de professores aposentados, entretanto sem especificações sobre a área de atuação. Encaminhou-nos à APEOESP. Na Sede Central da APAMPESP também não obtivemos nenhuma informação. Essa entidade nos sugeriu o CREF 4 e a Sede Regional da APAMPESP de Bauru, bem como informou o contato dessa entidade. Todavia, não obtivemos êxito, pois não fomos atendidas nas ligações realizadas.

O contato com o CREF nos enviou à SEE-SP, entidade também indicada pelo Cadastro Central<sup>33</sup> da APEOESP - este, por sua vez, indicado pela Subsede da APEOESP de Cotia. Todavia, em nenhuma dessas entidades, localizamos as informações desejadas. Por meio desse endereço eletrônico, entramos em contato com a SEE-SP por e-mail, na aba “Central de Atendimento”, na página da SEE-SP e também por telefone<sup>34</sup>. Desse contato, só obtivemos uma relação das escolas, as quais, segundo a SEE-SP, participaram do Projeto Educacional Escola-Padrão, PEEP.

As Subsedes de Amparo e Poá/Ferraz também nos encaminharam para a Sede Central da APEOESP, tanto por telefone quanto por e-mail. Na Subsede de Lorena, localizamos uma professora<sup>35</sup> que atendeu aos critérios da pesquisa e apresentou-se

---

<sup>33</sup> [cadastro@apeoesp.org.br](mailto:cadastro@apeoesp.org.br).

<sup>34</sup> 0800-7700012.

<sup>35</sup> Embora tenha assinado o TCLE, optamos por não revelar seu nome em razão de não realizarmos entrevistas com essa professora.

disponível, contudo, durante a coleta de dados com os demais participantes, no primeiro semestre de 2015, optamos, ao final deste período, pela interrupção das entrevistas.

[...] Os investigadores qualitativos aferem a altura em que terminaram o estudo quando atingem aquilo que designamos por “saturação dos dados”, o ponto da recolha de dados a partir do qual a aquisição de informação se torna redundante. Evidentemente que quanto mais tempo se mantiver no mesmo trabalho mais informação acumula, mas o que se verifica é que atingiu um ponto em que a aquisição de informação nova é diminuta. É o período em que, comparado com o tempo despendido, a aquisição de informação é mínima. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 96, grifo nosso).

Segundo os autores, a chave consiste na identificação desse ponto para encerrar o processo de coleta de dados. Quando não há certeza do objetivo, pode haver modificação em relação ao tema e prosseguimento na coleta, a qual pode acontecer de maneira aleatória (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Modificar repetidamente o assunto e redefinir o objetivo em virtude de novos acontecimentos no processo de recolha dos dados, de acordo com os autores, pode contribuir para a continuidade do estudo. Embora recomendem uma postura de flexibilidade, os autores alertam para a necessidade de definição de um ponto final para a realização da análise dos dados e da conclusão do estudo. Corroborando os autores, nossa decisão se fundamentou na quantidade dos dados já coletados, na nossa capacidade de análise, bem como nos ajustes entre as fases do estudo e ao tempo a ele destinado. Do mesmo modo estamos cientes de que, nas narrativas orais dos professores, se continuássemos a ouvir, “[...] ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito” (BOSSI, 2001, p. 39).

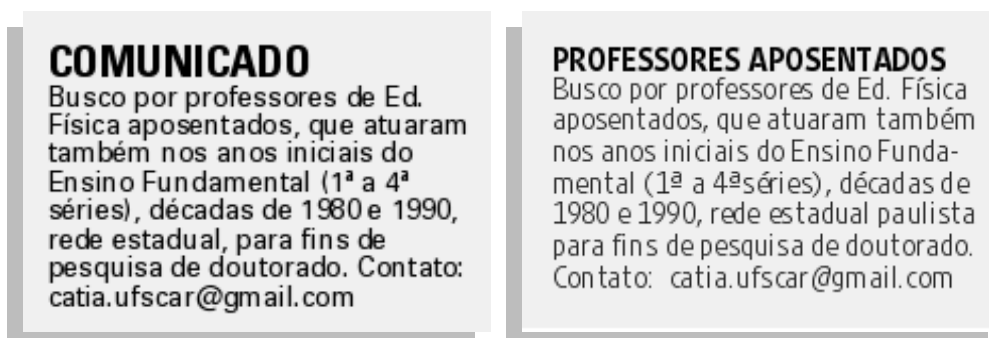
Nas Subsedes de São João da Boa Vista, Lins, Itapeva e Jaboticabal também não encontramos informações de nosso interesse. Essas Subsedes nos encaminharam às respectivas DE. Nesse momento da pesquisa, já havíamos localizado vários possíveis perfis e, por isso, optamos por não entrar em contato.

A maioria desses contatos alegou desde a inexistência de um banco de dados até a impossibilidade do fornecimento dos dados dos professores cadastrados/associados. Outros ainda informaram a existência de uma relação de professores aposentados, porém, sem especificações sobre a área de atuação.

Também recorremos a publicações em jornais, em dois momentos, conforme elucidam o Quadro 3 e a Figura 1. Entretanto, não obtivemos nenhum retorno. Publicamos no “Jornal Agora” e na “Folha de São Paulo”, respectivamente nos meses de junho e julho de

2014. Ambos os jornais são de circulação estadual. Seguem os anúncios, conforme foram publicados:

**Figura 1:** Anúncios publicados em jornais estaduais.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Posteriormente, utilizamos esse mesmo anúncio, em sua última versão, para divulgação em minhas<sup>36</sup> redes de contato no *Facebook* e no *WhatsApp*, as quais não constam no Quadro 3 conforme já explicamos em nota de rodapé. Ao iniciar a busca pelos professores de Educação Física aposentados recorreremos também à minha<sup>37</sup> lista de endereços de e-mails (de professores de Educação Física atuantes, PCNP e supervisores). Algumas indicações foram recorrentes em várias fontes, como, por exemplo, via e-mail, *Facebook* e *WhatsApp*.

Com base nas informações do tópico anterior, os participantes selecionados assinaram um TCLE<sup>38</sup> (APÊNDICE A), com posterior divulgação desses dados por meio de relatórios, trabalhos apresentados em reuniões científicas, congressos, seminários, encontros, artigos, e também por meio da própria pesquisa de Doutorado.

Cientes de possíveis riscos e desconfortos dessa exposição, os professores de Educação Física - apresentados no tópico seguinte - também concordaram com a possibilidade de ampliar a compreensão sobre a vida, a formação, o trabalho e os saberes docentes, no intento de proporcionar conhecimento sobre o exercício da profissão.

### 2.3 Os professores de Educação Física participantes

<sup>36</sup> Nesse caso, refiro-me, especificamente aos meus contatos relativos à própria atuação na Educação Física, seja em nível de escola e/ou de DE. Com exceção dessas situações, o texto está redigido na primeira pessoa do plural, o que significa que se relaciona tanto às reflexões da Orientanda quanto às reflexões da Orientadora.

<sup>37</sup> Nesse caso, refiro-me, especificamente aos meus contatos.

<sup>38</sup> Por meio do TCLE, os professores permitiram a gravação em áudio, o acesso a registros e fotos da época da sua formação e atuação profissional e o uso do nome próprio (APÊNDICE A).

Neste tópico, apresentamos os professores participantes deste estudo com base na reconstituição de suas histórias de vida, com foco em elementos dessas histórias para o entendimento do processo de construção de seus saberes docentes.

O professor Antônio Carlos (ANDRADE, 2015), nascido em 1947 e criado em Bernardino de Campos, apresentou-se<sup>39</sup> como uma pessoa de origem “humilde” (condição econômica modesta, com ausência de posses). Filho de pai alfaiate e mãe dona de casa, analisou a educação que recebeu de seus pais como algo “irreparável”.

Com um sentimento de saudosismo, relatou, durante as entrevistas, a forte presença/influência do pai em sua formação e o zelo da mãe para com todos os filhos e amigos que frequentavam a sua casa. Considerou-se um vencedor, pois atendeu, assim como os irmãos, aos planos de seu pai ao cursar o Ensino Superior, condição que permitiu superar “[...] certo grau de pobreza [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015). As Figuras 2 e 3 retratam o professor recentemente e, em particular a Figura 3 retrata-o ao final das entrevistas em 2015, em sua residência em Bernardino de Campos.

**Figura 2:** Perfil do *WhatsApp* do professor Antônio Carlos.



**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

---

<sup>39</sup> Optamos pelo tempo verbal no pretérito em razão do falecimento do professor Antônio Carlos durante a redação deste texto.



**Figura 3:** Professor Antônio Carlos em 2015.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Terceiro filho de uma família de seis irmãos (cinco homens e uma mulher), disse que todos os irmãos, assim como ele, receberam do pai nomes compostos. Também contou sobre o falecimento do irmão mais velho: “[...] hoje nós somos quatro homens e uma mulher [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Em virtude da origem “humilde”, ele e a família residiram, por muito tempo, em uma casa muito simples em Bernardino de Campos. Ao longo do tempo, realizaram, com muitas dificuldades, várias reformas nessa casa. Todos os filhos, incluindo ele, nasceram nessa casa: “[...] nós fomos nascidos de parteira [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Realizou os estudos em sua própria cidade. Quando finalizou o “ginásio<sup>40</sup>” (antiga 5<sup>a.</sup> a 8<sup>a.</sup> séries e atuais anos finais do Ensino Fundamental), iniciou o “colegial<sup>41</sup>” (antigo Ensino de 2<sup>o.</sup> Grau e atual Ensino Médio), com opção pela vertente do Magistério, conforme suas narrativas. Segundo o professor, sua trajetória escolar na Educação Básica aconteceu nas décadas de 1950 e 1960, na rede de ensino pública.

---

<sup>40</sup> Expressão utilizada conforme o professor a pronunciou.

<sup>41</sup> Expressão utilizada conforme o professor a pronunciou.

Concluiu o Magistério em 1966 e, no ano seguinte, mudou-se para São Paulo junto com seus dois irmãos mais velhos em razão da inexistência de emprego em Bernardino de Campos. Esses irmãos ingressaram como professores de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries em uma escola cuja tia “Élia” era a diretora e Antônio Carlos trabalhou em uma empresa chamada São Paulo Alpargatas, onde exerceu as funções de escriturário, diretor e chefe do departamento fiscal enquanto cursava Administração de Empresas em Mogi das Cruzes.

Posteriormente, transferiu o curso para Santo André, porém o abandonou, pediu demissão da empresa (na qual trabalhou no período de 1967 a 1970) e iniciou a formação inicial em Educação Física (1970-1973). De forma paralela ao curso de Educação Física, lecionou como professor eventual no curso de contabilidade em uma escola de comércio na Lapa por quase quatro anos, na rede estadual e em uma escola particular. Essa escola pertencia ao “Seu Gilberto”, um amigo de seu pai, que o aceitou apesar de não ter concluído o curso de Administração de Empresas.

Conheceu sua esposa desde a época de criança em Bernardino de Campos. Namoraram por nove anos e estavam casados, até o momento de realização das entrevistas, há quarenta e um anos (desde 1974). Por residirem na mesma cidade, estudaram na mesma escola, mas em classes diferentes em virtude da faixa etária. “Eu estava um ano na frente dela ... eu tinha dezessete ... ela tinha dezesseis” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Quando se casaram, a esposa foi residir com ele em São Paulo e cursar faculdade de Letras. O casal teve duas filhas (“Camila” e “Bruna”), nascidas em 1976 e 1978 respectivamente, duas netas e um neto. As filhas são formadas em Ciências, mas apenas uma exerce a docência. Disse que a esposa sempre gostou de trabalhar em banco e, que quando iniciaram a vida de casados em São Paulo, levou-a, sem sucesso, para lecionar aulas em uma escola particular.

[...] Depois ela foi para lá ... foi fazer a faculdade ... a gente nunca se encontrou ... o negócio dela era trabalhar em banco ... né? ... ela gostava de trabalhar no banco ... eu fui levar ... inventar de levar para fora ... porque ela estava fazendo Português ... eu fui inventar de levar ela para aquela escola do Alfredo ... do Juca Peralta ... né? ... escola particular e de elite ... classe A ... achando que ia ganhar bem ... como de fato ganhava ... mas desconjurou ... não gostou ... não gostou ... não gostou ... saiu ... nunca mais se animou. (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Após treze anos lecionando em São Paulo, concomitantemente, nas redes de ensino pública e privada, o professor retornou para o interior, onde assumiu, em épocas diversas, o exercício da função como especialista em educação na DE, o exercício da docência, coordenação pedagógica em escola estadual e as aulas no curso de Pedagogia em

uma IES privada. Aposentou-se no início da década de 2000 na rede de ensino estadual e, no final dessa mesma década, na faculdade.

A professora Romilda Augusta (RIBEIRO, 2015), conforme esboça a Figura 4, nascida em 1948 e criada em Piratininga, descende de pai espanhol e avós maternos portugueses, os quais vieram para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Seus pais cursaram apenas o “primário” (antigas 1ª. a 4ª. séries e atuais anos iniciais do Ensino Fundamental) e exerceram as funções de secretário e costureira e, posteriormente, sua mãe foi servente em uma escola na cidade.

**Figura 4:** Professora Romilda em 2016.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Sexta filha de sete irmãos, também contou sobre os nomes compostos que receberam: “[...] era o ‘José Carlos’ ... depois ‘Maria Beatriz’ ... ‘João Roberto’ ... ‘Antônio Celso’ ... ‘Aristeu Luís’ ... daí eu ... depois o ‘Fernando Marcos’” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso). Sua mãe também possuía nome composto: “[...] minha mãe também ... ‘Maria Augusta’ ... então ela pôs ... ela teve uma professora chamada ‘Romilda’ e ela ...

gostava da professora ... daí ela pôs em mim ... ‘Romilda’” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Romilda perdeu o pai aos quatro anos de idade. Apesar das dificuldades financeiras, que não chegavam a privar a família das necessidades básicas, sua mãe, viúva, assumiu a responsabilidade pelos sete filhos e mais três sobrinhos, filhos de uma tia que também havia falecido. Foi em uma casa de madeira sem forro construída pelo pai, em um terreno adquirido pela mãe mais tarde por usucapião<sup>42</sup>, que seus três primos foram recebidos. A mãe dividiu a sala com uma cortina para delimitar espaço para mais um quarto, separando os meninos das meninas. Depois do casamento da irmã mais velha, Romilda passou a dividir o quarto com a mãe. Conforme a professora, viviam uma vida simples, contudo não passavam necessidades.

Segundo Romilda, toda a sua trajetória escolar na Educação Básica aconteceu na rede de ensino pública. Coursou o “primário” (1956-1960) e o “ginásio” (1962-1965) - antiga 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries e atuais anos finais do Ensino Fundamental - em sua cidade natal e os primeiros anos do Magistério nos municípios vizinhos. O curso tinha a duração de três anos e foi concluído em Piratininga no ano de 1968. Ao contrário de Antônio Carlos, o processo de escolarização de Romilda iniciou-se no “jardim de infância”, em 1955.

Mencionou a educação materna “rígida”, a vida humilde, a constante presença da mãe na vida escolar dos filhos e dos sobrinhos e a amizade e colaboração entre eles. De acordo com a professora, a educação “rígida” e a exigência materna em relação aos estudos eram provenientes de uma preocupação com o futuro profissional dos filhos e sobrinhos.

[...] Minha mãe sempre achava que ... a gente tinha que [...] ter alguma profissão ... então [...] ela exigia que a gente estudasse e ... na escola mesmo ela ia participava das reuniões ... é de pais né? ... que tinha ... porque ela queria saber ... se como a educação como os filhos tratavam os professores ... se era malcriado ... e daí se falasse alguma coisa ... em casa lá puxavam-se as orelhas mesmo sabe? (risos). (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Essa preocupação materna encaminhou Romilda ao Magistério, opção possível na época e que, posteriormente, também se tornou sua opção, pois julga como bem-sucedida a trajetória no curso e no exercício da docência. Em virtude da convicção desenvolvida durante o Magistério, optou pelo vestibular em Educação Física. “[...] Então eu achei ... que ... daí eu ia dar sequência ... nisso daí ... do Magistério ... para ... para frente né? ... daí acabei fazendo

---

<sup>42</sup> “Modo de adquirir propriedade móvel ou imóvel pela posse pacífica e ininterrupta desta, por certo tempo” (FERREIRA, 2000, p. 698).

Educação Física ... porque ... eu também gostava da Educação Física [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

As primeiras paqueras começaram na época do “ginásio” e o primeiro relacionamento, com o futuro esposo (também de Piratininga), aconteceu aos vinte e um anos. Romilda está casada há trinta e oito anos. Descreveu, nas entrevistas, o namoro de dez anos enquanto lecionava em Fartura, cidade onde se iniciou na docência em 1972, logo após a conclusão do curso de Educação Física (1969-1971). Em Fartura (na época, DE de Ourinhos), atuou como professora de Educação Física na rede de ensino estadual via Admissão em Caráter Temporário (ACT). Com o casamento em 1978, a aprovação no concurso para o exercício da docência na qualidade de professora generalista também da rede de ensino estadual e a realização do curso de Pedagogia (1980-1981), regressou para Piratininga, onde nasceram os filhos (“Julis” em 1979, “Deivis” em 1981 e “Greicis” em 1982). A primeira neta (filha de “Deivis”, já falecido), nasceu em 2000, a segunda neta (filha de “Greicis”) em 2015 e a terceira neta (filha de “Julis”) em 2016.

Em Piratininga, Romilda atuou como professora generalista com aulas de Educação Física como carga suplementar e, posteriormente assumiu o cargo de professora especialista, o qual exerceu até a aposentadoria, no final da década de 1990.

A professora Dinalva Aparecida (PARDO, 2015), nascida em Guarantã em 1942, se emocionou ao relatar o falecimento de seu pai logo no início da entrevista, fato que narrou por meio da expressão “truncada”. O pai, comerciante e delegado de Guarantã via indicação), faleceu de Tifo<sup>43</sup> quando ela tinha dois anos incompletos, deixando-a com a mãe “Carolina”, a irmã “Sidnei” (seis anos mais velha) e os avós maternos, os quais ofereceram todo o apoio necessário e possível a partir do ocorrido. A Figura 5, a seguir, retrata a professora Dinalva ao término das entrevistas em 2015.

---

<sup>43</sup> “Grupo de doenças infecciosas agudas, causadas por rickettsias, e relacionadas entre si clinicamente, mas que diferem na intensidade; são veiculadas por artrópodes” (FERREIRA, 2000, p. 671).

**Figura 5:** Professora Dinalva em 2015.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

A mãe de Dinalva, uma dos dez filhos de pais italianos (sete mulheres e três homens), passou a residir com as filhas na casa dos pais, local em que permaneceu por um período de oito anos, até se casar novamente e mudar-se para uma fazenda próxima de Bauru. Em razão de já ter ingressado na escola, Dinalva permaneceu morando com os avós por um período de, aproximadamente, quatro anos. Contou que o avô materno era barbeiro e teve todo o cuidado com a filha viúva e as netas após a morte do pai. Os irmãos de sua mãe também trabalharam na barbearia do avô por um tempo. Além de Dinalva e sua irmã, os avós também adotaram uma prima, a “Nadir”.

Dinalva ingressou na escola aos sete anos e, após concluir a 4<sup>a</sup>. série, foi residir com a mãe, o padrasto<sup>44</sup> e a irmã. Depois de algum tempo, a mãe teve um terceiro filho com o novo esposo, o qual é sete anos mais novo que Dinalva. Com o adoecimento dos avós maternos, a irmã mais velha retornou para Guarantã para cuidar deles.

Assim como a dos demais participantes desta pesquisa, a trajetória escolar de Dinalva na Educação Básica também foi realizada na rede de ensino pública (exceto pela realização do curso de secretariado). De acordo com as suas narrativas, a professora realizou o “primário” (1950-1953) em Guarantã, o “ginásio” (1957-1960) em Piratininga (tendo residido

---

<sup>44</sup> Dinalva referiu-se ao padrasto como “pai” ao longo de todas as entrevistas.

com uma tia em parte desse período) e os cursos de secretariado (1962-1964) e de Magistério (1967-1968) em Bauru, onde residiu durante todo o período de realização do Magistério. O padrasto e a mãe residiram em várias fazendas, em razão da função de administrador exercida por ele.

De Guarantã, a professora se recordou dos bailes, das inúmeras amizades dos avós e dos tios, das festas religiosas e da intensa participação da comunidade local. Foi em uma dessas festas que sua mãe conheceu seu padrasto: “[...] ‘meu pai<sup>45</sup>’ ... era uma pessoa de roça ... mas assim ... bem letrado ... bem assim ... aquele tempo até 3ª. série ele foi ... mas ele fazia toda escritura ... escri ... é ... é ... as escritas das ... da fazenda ... sabe? ... ele era bem ... sempre foi muito inteligente” (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Dos avós paternos, não possui muitas lembranças. Descreveu a origem portuguesa do avô e indígena da avó, dos dois filhos trazidos pelo avô - viúvo - de Portugal e dos dez filhos frutos do relacionamento com sua avó no Brasil, do qual nasceu seu pai<sup>46</sup>. Já sobre os pais do padrasto, afirmou que não os conheceu.

A mãe da professora e as irmãs, com exceção da irmã mais nova, não estudaram em virtude da proibição dos avós. No entanto, um dos tios as ensinou a escrever seus respectivos nomes. “[...] Ele ensinou todas elas a e ... a assinar e fazer ... escrever o nome delas ... direitinho ... para ... para poder ... é ... não fazer feio na hora do casamento né? ... por o dedo ... né? [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015). Relatou que a educação na casa dos avós maternos era marcada por rigor, respeito, amor e religiosidade.

Em Piratininga, por volta dos quinze anos de idade, a professora Dinalva conheceu seu esposo “João Pardo”, um ano mais velho que ela (nascido em 1941). Casaram-se em 4 de julho de 1965 (após nove anos de namoro) e tiveram um casal de filhos (“Lúcia Fernanda”, em 1966, e “Paulo”, em 1972), nascidos em Bauru e registrados em Piratininga. Em razão dessa situação, alegou que os filhos diziam: “[...] mãe ... por que não registrou nós em Bauru? ... a gente podia ser bauruense (risos) [...]” (PARDO, Entrevista 2, 2015). Os filhos já são casados, mas apenas “Lúcia Fernanda” possui um casal de filhos (“Guilherme”, nascido em 1989, e “Fernanda”, nascida em 1998).

Quando se casou, aos quase vinte e três anos, havia concluído o curso de Técnico de Secretariado no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Já casada, prestou o vestibular para ingresso no Magistério em Duartina, foi aprovada e realizou o 2º. e 3º. ano do curso no “Liceu Noroeste”, em Bauru. “[...] Eu prestei o vestibular lá ... para

---

<sup>45</sup> Referiu-se ao padrasto.

<sup>46</sup> Referiu-se ao pai.



a gente ganhar um ano ... e ... e daí meu marido vendeu a padaria [...] e nós fomos para Bauru ... ele comprou uma mercearia em Bauru [...] por isso que eu fui fazer no ‘Liceu’” (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Em razão da conclusão do curso de secretariado, Dinalva pôde ingressar no Magistério a partir do 2º. ano e o concluiu em dois anos.

Com a conclusão do curso, o deslocamento do esposo à outra cidade em virtude do trabalho e a filha pequena, venderam a mercearia e retornaram para Piratininga, para que Dinalva e “Lúcia” ficassem próximas dos cuidados dos familiares do esposo, pois “João Pardo” regressava do trabalho em Cabreúva para casa apenas a cada quinze dias.

Em Piratininga, Dinalva lecionou no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Posteriormente, começou a trabalhar como secretária e professora generalista substituta na Escola Estadual “Plínio Ferraz”, paralelamente ao curso de Educação Física (1970-1972) na ITE, ambos em Bauru. Após a conclusão do Ensino Superior, exonerou-se do cargo na escola e inscreveu-se para atribuições de aulas em mais de uma DE (Bauru, Santa Cruz do Rio Pardo e Araçatuba).

Em seu primeiro ano como professora de Educação Física, Dinalva lecionou em diferentes escolas e cidades (Santa Cruz do Rio Pardo, Bariri, Bauru e Barra Bonita). No entanto, a partir do ano seguinte, reassumiu as aulas em Bariri, onde lecionou até sua aposentadoria, incluindo as atuações docentes nas cidades vizinhas, como, por exemplo, Boracéia e Itaju ao longo de sua trajetória profissional. Assim, mudou-se com o esposo e os filhos para Bariri em 1973 e, posteriormente, cursou Pedagogia (1979-1980) na Faculdade de Ciências e Letras de Avaré.

Simultaneamente à atuação docente na rede de ensino estadual, Dinalva também atuou como professora de Educação Física no “ginásio” do Serviço Social da Indústria, SESI (1976-2001), e na Educação Infantil da rede de ensino municipal (1985-1991). Com exceção das aulas na SEE-SP, as atuações no SESI e na rede municipal aconteceram em Bariri. Na SEE-SP, a professora lecionou em diferentes cidades ao longo de sua carreira, sendo a maior parte dessa trajetória em Bariri.

O falecimento do esposo ocorreu no mesmo ano em que “Lúcia” iniciou o Ensino Superior. Para a continuidade do estudo da filha, a professora Dinalva também pode contar com o apoio financeiro dos sogros. Nessa época, o curso de Ciências na atual UNESP era pago, porém, no ano seguinte, a instituição tornou-se pública. No final do curso, “Lúcia” trancou a matrícula e somente foi concluí-lo em Itumbiara, Goiás (GO).

No dia das entrevistas (30 de maio de 2015), Dinalva afirmou que está viúva há trinta anos. Assim, presumimos que o esposo faleceu no ano de 1985, por volta dos quarenta e



quatro anos de idade. Nessa época, a professora estava com quarenta e três anos aproximadamente.

Dias após as entrevistas, a professora entrou em contato para saber se havia correspondido às finalidades da pesquisa. Tranquilizando-a, dissemos que sim. Preocupada, pediu para que acrescentássemos, nas informações a seu respeito, o fato de ter sido sempre “uma mulher temente a Deus”. Disse, ainda, que foi em Deus que encontrou forças para passar por todas as adversidades em sua vida, sobretudo quando ficou viúva.

Para compor a apresentação dos perfis dos professores supracitados e confirmar o atendimento aos critérios definidos em sua seleção, construímos o Quadro 4, o qual mostra os anos dos seus nascimentos, os períodos de escolarização na Educação Básica, informações sobre a formação profissional (inicial e continuada), as diferentes diretorias e os períodos de atuação profissional na rede de ensino estadual (com foco nas décadas de 1980 e 1990) e, em especial a atuação nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no contexto do CB das escolas estaduais paulistas.

**Quadro 4:** Perfis dos participantes.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>ANTÔNIO CARLOS FERRAZ ANDRADE</b>	<b>ROMILDA AUGUSTA DOS SANTOS RIBEIRO</b>	<b>DINALVA APARECIDA DANTAS PARDO</b>
<b>Data e Local do Nascimento</b>	23 de julho de 1947, em Bernardino de Campos.	6 de maio de 1948, em Piratininga.	7 de setembro de 1942, em Guarantã.
<b>Educação Básica</b>	Décadas de 1950 e 1960.	Décadas de 1950 e 1960.	Décadas de 1950 e 1960.
<b>Formação Profissional</b>	Magistério (1964-1966), Licenciatura Plena <sup>47</sup> em Educação Física (FEFISA <sup>48</sup> , 1970-1973), Pedagogia (Faculdade de Educação “Campos Salles <sup>49</sup> ”, 1978-1979), Especialização em Metodologia e Didática do Ensino (FAFIJA <sup>50</sup> , 1997-1998) e Mestrado em Educação (UENP, 2010).	Magistério (1966-1968), Licenciatura Plena em Educação Física (ITE <sup>51</sup> , 1969-1971) e Licenciatura Plena em Pedagogia (UNIFRAN <sup>52</sup> , 1980-1981).	Técnico de Secretariado (1962-1964), Magistério (1967-1968), Licenciatura Plena em Educação Física (ITE, 1970-1972), Licenciatura Plena em Pedagogia (FCLA <sup>53</sup> , 1979-1980) e Especialização em Voleibol (Fundação Educacional São Carlos, Escola de Educação Física de São Carlos, 1976).
<b>DE</b>	Ourinhos e Região.	Bauru e Região.	Jaú e Região.
<b>Período de Atuação Profissional na rede de ensino da SEE-SP</b>	1968-2003.	1972-1997.	1973/1974-1996.
<b>Tempo e Período de Atuação Profissional na rede de ensino da SEE-SP com os anos iniciais do Ensino Fundamental</b>	Quatro anos, décadas de 1980 e 1990 e também durante o CB, no período de 1983 a 1994, conforme Palma Filho, Alves e Duran (2003).	Durante todo o tempo que durou o CB (1 <sup>a</sup> . e 2 <sup>a</sup> . séries).	Durante um período de aproximadamente quatro anos e, também, de 3 <sup>a</sup> . e 4 <sup>a</sup> . séries, a pedido da direção da escola.

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Consideramos importante mencionar que esse Quadro, após sua elaboração, foi enviado a cada um dos participantes<sup>54</sup>, no intuito de confirmarmos as informações coletadas por meio das entrevistas em profundidade e abertas.

Os participantes também selecionaram, em momento antecedente às entrevistas (as quais foram previamente agendadas), fotografias, documentos, livros e registros relativos às suas trajetórias pessoais, escolares, formativas e profissionais. Essa seleção, com base em nossa solicitação anterior via telefone, foi feita pelos próprios professores. Assim, afirmamos que os professores não participaram apenas com suas narrativas, mas com dados iconográficos e outros registros, como, por exemplo, cartas de alunos.

<sup>47</sup> Não encontramos essa informação no diploma apresentado pelo professor Antônio Carlos, porém, a afirmamos com base em suas narrativas.

<sup>48</sup> Faculdade de Educação Física de Santo André, atual Faculdades Integradas de Santo André.

<sup>49</sup> Atual Faculdades Integradas “Campos Salles”, São Paulo.

<sup>50</sup> Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, atual UENP, Campus de Jacarezinho, PR.

<sup>51</sup> Instituição Toledo de Ensino.

<sup>52</sup> Universidade de Franca.

<sup>53</sup> Faculdade de Ciências e Letras de Avaré.

<sup>54</sup> Enviamos a cada participante apenas as informações alusivas à sua própria trajetória.

No próximo tópico, apresentamos o processo de construção dos temas de análise das narrativas e demais registros coletados com os professores de Educação Física aposentados, bem como os demais documentos que compuseram essa coleta, sobretudo a legislação vigente na época de formação e atuação profissional dos participantes.

## **2.4 Processo de construção dos temas de análise**

Com base nas relações entre os saberes que se pretendem investigar e as formações recebidas pelos professores pesquisados, os aspectos pessoais e as finalidades do ensino da Educação Física na época como algumas das relações estabelecidas, este estudo buscou situar esses professores considerando o momento histórico, os contextos escolares em que exerceram a docência e as particularidades dos alunos para os quais ministraram suas aulas.

Não obstante, faz-se necessário atentar-se para o alerta de Huberman (1995, p. 57), de que “cada descrição é, por definição, relativa ao momento e às condições específicas em que teve lugar”. O autor utiliza as expressões “descrição”, “relato”, “recordação”, “percepção” e/ou “representação” e afirma que os dados são provenientes das “descrições”, “relatos”, “recordações”, “percepções” e/ou “representações” dos professores, ou seja, daquilo que eles dizem sobre os acontecimentos e não os acontecimentos em si. Para o autor, “[...] uma narração é, em grande parte, mais uma reinterpretação do que um relato” (HUBERMAN, 1995, p. 58), assertiva que dialoga com a busca de entendimento dos significados construídos pelo indivíduo - e como são construídos - para os eventos do próprio cotidiano (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Assim, nosso foco prioriza, conforme Bogdan e Biklen (1994) e Cunha (2014), aquilo que os professores disseram sobre suas próprias trajetórias em uma perspectiva de conhecer, entender e valorizar os seus pontos de vista.

De acordo com Moita (1995), a abordagem biográfica e/ou histórias de vida foi balizada pelas seguintes perspectivas: a natureza do saber que se busca é compreensiva, hermenêutica, fortemente arraigada nas falas daqueles que narram, já que são os maiores conhecedores de seus próprios processos formativos e, nesse caso, a função do pesquisador consiste em trazer à tona “[...] o(s) sentido(s) que cada pessoa pode encontrar nas relações entre as várias dimensões da sua vida” (MOITA, 1995, p. 117); o enfoque, nesse tipo de abordagem, incide na demarcação de eixos - de modo a explicitar e delimitar o campo da pesquisa - e exclui a manifestação de hipóteses passíveis de investigação; o quadro para análise e interpretação das trajetórias de cada pessoa é organizado de forma coesa com o

objetivo do estudo e os documentos, dados e informações - sobre uma vida - que foram coletados.

No intuito de também buscar por saberes dessa natureza, analisar as histórias de vida com base no objetivo deste estudo e demarcar eixos, construímos temas que nortearam a análise dos dados. Essa construção fundamentou-se em diversos estudos que apresentam, apesar das diferentes finalidades a que se propuseram, uma multiplicidade de relações entre a trajetória de vida e de profissão docente (CARLINDO, 2009; CORRÊA, 2009; DAOLIO, 2009; DARIDO, 1995; GOODSON, 1995; MOITA, 1995; MONTEIRO, 2006; NÓVOA, 1995; PENNA, 2007; RANGEL-BETTI, 1998; REALI; REYES, 2009; TANCREDI, 2009; TARDIF, 2008).

Os temas, emergentes dessas leituras e reflexões, assentam-se, sobretudo na ideia de pluralidade e temporalidade dos saberes docentes. De acordo com os professores consultados e observados por Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008), as fontes variadas das quais os saberes procedem são representadas pelos saberes pessoais, da formação, saberes curriculares, disciplinares, experienciais e dos programas e materiais didáticos. Assim, alguns desses saberes são provenientes

[...] da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros procedem das universidades; outros são oriundos da instituição ou do estabelecimento de ensino (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades etc.); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem etc. Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da “história de vida” individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação etc. (TARDIF, 2008, p. 64, grifo nosso).

O autor afirma, ainda, com base em Tardif, Lessard e Lahaye (1991), que os saberes nos quais os docentes se sustentam para o desenvolvimento de seus ofícios, são caracterizados por sua heterogeneidade por provirem de diversas fontes e se apresentam sob diversas formas, a saber:

o “saber curricular”, proveniente dos programas e dos manuais escolares; o “saber disciplinar”, que constitui o conteúdo das matérias ensinadas na escola; o “saber da formação profissional”, adquirido por ocasião da formação inicial ou contínua; o “saber experiencial”, oriundo da prática e da profissão, e, enfim, o “saber cultural herdado de sua “trajetória de vida” e de sua pertença a uma cultura particular, que eles partilham em maior ou menor grau com os alunos. (TARDIF, 2008, p. 297, grifo nosso).

Não obstante, Tardif (2008) afirma que o conceito de temporalidade não se restringe às experiências familiares e escolares, mas também às experiências da profissão, uma vez que os saberes profissionais dos professores são construídos no exercício da docência, ou seja, no próprio percurso profissional docente.

Essa multiplicidade de relações subsidiou e validou a construção dos temas, já citados na introdução desta pesquisa, que tratam dos saberes da docência que emergiram das trajetórias extraescolares e escolares, dos saberes docentes da formação - inicial e continuada - e da atuação profissional.

Para explicitar essas relações e justificar os temas, apresentamos, nos parágrafos seguintes, reflexões construídas - durante e após a coleta de dados - com base no diálogo com a literatura, as quais foram cruciais na apreensão das histórias de vida e de profissão dos professores entrevistados.

As reflexões de Tardif (2008), por exemplo, sobre a temporalidade dos saberes e as convicções, representações e evidências prévias dos professores sobre o ensino e os alunos com base em suas próprias experiências escolares, bem como as experiências familiares citadas por ele, vêm ao encontro da nossa opção teórico-metodológica pelas histórias de vida e, especialmente, do nosso foco nos temas que tratam dos saberes que emergiram das trajetórias extraescolares e escolares e dos saberes na formação (inicial e continuada). Fundamentadas na assertiva do autor, relacionamos esses saberes prévios - sobretudo os saberes escolares - com o tema alusivo aos saberes na formação, em razão da intensidade e firmeza que apresentam e por cruzarem o tempo e a formação profissional do futuro professor.

De acordo com Rangel-Betti (1998), os conhecimentos - de natureza geral e específica - que constituem a prática do professor são construídos durante suas trajetórias na Educação Básica e na formação inicial, cujas aprendizagens são provenientes das experiências de vida e de profissão. Nessa ótica, a autora alega que a prática docente é traduzida por meio de uma mistura de diferentes conhecimentos provenientes de diferentes fontes.

Dentre os desdobramentos da questão que orientou Rangel-Betti (1998), as influências da experiência de vida e de formação do professor sobre sua atuação profissional foram imprescindíveis para apreender a configuração do processo de aprender a docência em Educação Física.

O conhecimento do desenvolvimento do professor é possível, segundo a autora, por meio da investigação do seu processo de aprendizagem. Essa investigação também propicia o conhecimento daquilo que caracteriza e/ou define o exercício docente e das

possibilidades de aperfeiçoar esse exercício nas ações formativas - inicial e continuada - desenvolvidas ao longo do percurso profissional do professor (RANGEL-BETTI, 1998).

Relacionamos as reflexões sobre o percurso profissional e as respectivas questões inerentes com os temas que tratam dos saberes que emergiram das atuações profissionais. Estabelecemos essas relações em virtude de a perspectiva de Tardif (2008, p. 17) - sobre o trabalho como um dos fios condutores - pretender “[...] relacionar organicamente o saber à pessoa do trabalhador e ao seu trabalho, àquilo que ele é e faz, mas também ao que foi e fez [...]”. As reflexões de Goodson (1995) sobre os argumentos favoráveis ao uso das histórias de vida também fundamentam o processo de construção dos temas.

O tema referente aos saberes que emergiram das trajetórias escolares cruza o tempo e a formação inicial, e explicita, por exemplo, a visão do “[...] ‘indivíduo em relação com a história de seu tempo’, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo” (GOODSON, 1995, p. 75, grifo nosso). Portanto, as “‘histórias de vida’ das escolas, das disciplinas e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental” (GOODSON, 1995, p. 75, grifo do autor). O autor afirma, ainda, que a utilização das histórias de vida representa uma nova forma de análise da formação docente, uma forma que necessita nortear “[...] as relações de poder subjacentes às vidas dos professores” (GOODSON, 1995, p. 75).

Corroborando Tardif (2008), autoras como Reali e Reyes (2009) e Tancredi (2009) refletem sobre a aprendizagem da docência como um processo que ocorre no percurso de uma vida. Tais reflexões, além de ilustrarem uma das facetas do processo de se tornar professor, justificam nossa opção pelas histórias de vida e se relacionam com todos os temas, em especial com o tema que trata dos saberes que emergiram das trajetórias escolares.

Da mesma forma, as assertivas de Moita (1995) - sobre a trajetória de vida como trajetória e processo formativos, a “identidade pessoal” e a “identidade profissional”, as interações entre os processos formativos referentes à pessoa e à profissão - se relacionam com todos os temas. Para Darido (1995), as experiências do professor enquanto aluno e atleta também são elementos constitutivos do exercício da profissão, o que se relaciona com os temas que tratam dos saberes das trajetórias extraescolares e escolares.

Esses temas tiveram a intenção de contemplar essa multiplicidade de relações entre os saberes pertencentes a distintos momentos e contextos dessas trajetórias e suas respectivas influências, no intento de permitir, especialmente, a divulgação e a explicação das histórias de vida e dos saberes desses professores.

Tais momentos e contextos também contribuem e validam nossa construção temática na realização das análises, cujo objetivo consistiu em identificar elementos presentes nas histórias de vida dos professores participantes (que contribuíram para o entendimento da configuração de seus saberes) por meio da investigação das trajetórias de vida e de profissão provenientes de diferentes momentos e contextos. Entendemos que, por meio dos temas, é possível analisar as narrativas de vida desses professores.

Além das leituras e reflexões supracitadas, os temas fundamentam-se nos próprios dados coletados nas entrevistas e na análise documental; na confirmação da pertinência dos temas por esses mesmos dados; na relação dos dados com as opções teóricas e metodológicas; no agrupamento dos dados, considerando suas especificidades e inter-relações; e na possibilidade real de apreensão de várias histórias em uma mesma história de vida, uma vez que são representativos dessa possibilidade.

Segundo Nóvoa (1995, p. 20), as características e as probabilidades de transformação das abordagens “(auto) biográficas<sup>55</sup>” consiste, “[...] em grande medida na possibilidade de conjugar diversos olhares disciplinares, de construir uma compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes”.

Em virtude dessas características e probabilidades e na intenção de também contemplá-las, tratamos, nos próximos capítulos, da apresentação e análise dos dados com base nos temas sobre os saberes da docência que emergiram das trajetórias na vida extraescolar e escolar e dos saberes docentes na formação inicial e continuada e na atuação profissional, os quais compreendem as reflexões que fundamentam o seu processo de construção e de análise. Na análise, consideramos as inter-relações entre os temas e dialogamos com nosso aporte teórico.

Esses temas compõem, na ordem em que foram apresentados, cada um dos capítulos subsequentes, a saber: “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos extraescolares”; “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos escolares”; “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos da formação inicial e continuada”; e “As histórias de vida na construção dos saberes docentes: reflexões sobre os elementos da atuação profissional”.

---

<sup>55</sup> Expressão citada em conformidade com o autor.

### **3. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS EXTRAESCOLARES**

Neste capítulo, trataremos da apresentação e análise do tema sobre os saberes da docência que emergiram da trajetória na vida extraescolar dos professores de Educação Física participantes. Esse tema corresponde aos saberes que emergiram, sobretudo em contexto familiar, em período anterior e concomitante à trajetória escolar e em ambientes não escolares.

O acesso a esses saberes faz-se necessário porque, conforme Goodson (1995), não há separação entre a pessoa e o profissional. As substâncias esclarecedoras da pessoa que é o professor, da acepção do seu “eu”, são compostas tanto das experiências de sua vida quanto do meio sociocultural em que se vive (GOODSON, 1995). A concepção da prática, na perspectiva do autor, depende do quanto do próprio “eu” é investido na educação, na experiência e no meio sociocultural no qual o professor se encontra inserido.

Para o autor, outros elementos esclarecedores e relativos ao ambiente sociocultural são envolvidos de grande valor na vida e na profissão do professor, uma vez que a similaridade e a diferença entre o meio em que o professor vive e/ou viveu e o meio em que exerce e/ou exerceu a profissão podem contribuir, de forma valiosa, para o ensino. Segundo Goodson (1995, p. 72),

a origem sociocultural é um ingrediente importante na dinâmica da prática profissional. Evidentemente que a classe social é apenas um aspecto como o são o sexo ou a etnia, enquanto o ambiente sociocultural e as experiências de vida dos professores são, por sua vez, idiossincráticos e únicos e devem, por isso, ser estudados na sua plena complexidade. (GOODSON, 1995, p. 72).

Além das considerações sobre o ambiente sociocultural na prática profissional dos professores, Goodson (1995) reflete sobre a “consistência do discurso dos professores sobre as suas próprias vidas” (tal consistência foi verificada por vários investigadores envolvidos em pesquisas desenvolvidas em escolas), o “estilo de vida” (que impacta o ensino e a prática pedagógica), o “ciclo de vida” (que contribui para o entendimento de informações exclusivas do ensino) e os “estádios e decisões referentes à carreira” (que devem ser avaliados em seu próprio momento).

O autor também apresenta considerações sobre os “incidentes críticos” (acontecimentos na vida e na profissão que atingem ou não a compreensão e a prática dos professores) e a visão do “indivíduo em relação com a história do seu tempo” (permite afrontar o cruzamento da vida com a vida da sociedade, de modo a elucidar as alternativas e



as possibilidades que se apresentam ao professor) como argumentos essenciais e favoráveis ao uso das informações referentes às histórias de vida.

Em Miranda, Cappelle e Mafra (2014), visualizamos contribuições da utilização das histórias de vida enquanto método para a realização de estudos e pesquisas sobre a identidade docente. Nesse caso, a pesquisa foi realizada com professoras universitárias. Do mesmo modo, acreditamos que a identificação de influências e saberes - explicitados por Nóvoa (1995) - com base nas histórias de vida dos professores, podem revelar o processo de construção de suas identidades.

Essas reflexões também dialogam com as assertivas de Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008), segundo as quais os saberes construídos pelo professor são saberes que se vinculam de forma direta à sua pessoa, à sua identidade. Para os autores, esses saberes são interiorizados pelo professor durante a sua trajetória de vida como pessoa e como aluno, organizam a sua personalidade e as relações interpessoais (sobretudo a relação professor-aluno) e são - de forma não reflexiva e como uma opinião obstinada sobre o ensino e a aprendizagem - remodelados e reaplicados em sua prática profissional. O trabalho é um dos fios condutores apresentados pelos autores no propósito de entender o saber dos professores e suas relações, bem como sua pluralidade e temporalidade.

Com base nas influências das trajetórias familiares (TARDIF, 2008), de vida e do meio sociocultural (GOODSON, 1995), do professor enquanto aluno e atleta (DARIDO, 1995), da aprendizagem da docência como um processo que ocorre no percurso de uma vida (REALI; REYES, 2009; TANCREDI, 2009) e das interações entre os processos formativos referentes à pessoa e à profissão (MOITA, 1995), apresentamos, nos tópicos seguintes, elementos extraescolares das histórias de vida dos professores aposentados, bem como a discussão com e sobre os dados coletados. Nosso intuito consiste em revelar essas trajetórias para alcançar o objetivo deste estudo.

Ao assumir as histórias de vida como referencial teórico e metodológico, optamos por organizá-las de acordo com os elementos extraescolares, escolares, da formação e da atuação profissional, conforme os capítulos seguintes (quarto, quinto e sexto).

### **3.1 Trajetória na vida extraescolar do professor Antônio Carlos**

Os elementos da história de vida do professor Antônio Carlos (ANDRADE, 2015) que, segundo ele, contribuíram, para a escolha da docência e da docência em Educação

Física evidenciaram-se no início de uma das entrevistas, quando o professor relatou sobre sua origem familiar, a cultura e o contexto da época de seus primeiros anos de vida.

Apesar da origem humilde, o professor considerou sua infância muito feliz, uma fase com “[...] muita brincadeira ... muita ... muito pega ladrão ... muita caçada ... caça ao bandido ... é ... bicicleta ... bolinha de gude ... papagaio [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Com base nos valores transmitidos pelos pais, fundamentados em uma preocupação para que todos os filhos cursassem o Ensino Superior, no zelo da mãe para com os filhos e nas influências das diversas atividades exercidas pelo pai (alfaiate e com formação até a antiga 4ª. série - atual 5º. ano do Ensino Fundamental), Antônio Carlos afirmou que o mesmo era “[...] um homem extremamente ... culto ... até hoje ele é ... citado aqui ... ele foi vereador ... ele foi presidente de Câmara Municipal [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Por seu pai ter exercido essas funções, o professor afirmou a constante abertura para o diálogo em sua casa, o conhecimento do contexto político e social da época em razão das longas conversas entre eles, as quais incluíam seus irmãos. Porém, acreditava ter sido “[...] um dos mais chegados a ele em termos de ... de convivência ... em termos de diálogo ... ele falava muito ... muito ... muito ... explicando as coisas para a gente da época em que ele foi vereador ... que ele foi presidente de Câmara [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015). Também admitiu o seu envolvimento constante nesses assuntos, pois apreciava a presença do pai para ouvi-lo. Como alfaiate, o pai era dono da própria loja e, além de dois funcionários, contava com a ajuda da mãe. A loja se localizava na própria residência.

A opção pela docência também pode ser descrita por meio das possibilidades existentes na época na qual o professor finalizou o “ginásio” e ingressou no “colegial” (atual Ensino Médio). “[...] Na verdade o ‘colegial’ tinha duas vertentes ... ou você fazia Magistério ou você fazia o científico” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Disse não haver queixas de sua vida nas fases da infância e da adolescência e descreveu as intensas vivências no futebol e na dança, além das práticas já citadas. O futebol era jogado no clube da cidade (“Associação Atlética Bernardinense”). Seu pai foi um dos fundadores e presidente. “Meu pai era presidente do clube ... ele era tudo naquela época” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Apesar de todas as atribuições (alfaiate, vereador, presidente da Câmara Municipal e do clube), o pai sempre estava presente nesses eventos: “[...] o velho ... podendo estar presente ... ele era um homem super moderno para a época ... eu achava [...]”

(ANDRADE, Entrevista 1, 2015), além de atuar também como mediador na solução de conflitos de natureza política - comuns na época.

Em virtude do bom relacionamento de seu pai com a comunidade, o professor assegurou que sua família, apesar da simplicidade e humildade, era sempre convidada para os bailes promovidos no clube da cidade e as danças nas casas das famílias mais abastadas. Alegou que seu pai “[...] era um homem muito considerado na cidade ... como ainda depois de falecido ... ainda é [...]” e “[...] em Bernardino ele é uma referência [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Além dessas práticas, das brincadeiras de rua próprias de uma cidade pequena, o professor, quando moço, participou de teatros, especialmente em comemoração ao Natal. Essas práticas não eram vivenciadas com os irmãos em razão das idades (dois anos de diferença um do outro) e da natureza das atividades. Embora estivessem sempre juntos, cada um realizava suas práticas com seu grupo de amigos. “Podia até ser ... um ou outro irmão estar junto ... né? ... mas a maioria das vezes com os amigos ... meu irmão mais novo que é o ‘Mário’ ... ele vinha comigo ... mas o ‘José Luís’ e o ‘Pedro’ já estavam em outra ... dificilmente ... nós estávamos juntos” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Em seu grupo de amigos, andavam de bicicleta, nadavam em “tanques<sup>56</sup>” feitos de barro de nascentes de água em fazendas e caçavam pássaros em cafezais com pelota feita com barro e embornal feito pelo pai. No entanto, no futebol eles e os irmãos se encontravam. Também realizavam outras atividades, como ler gibis e ouvir a “Rádio Tupi” de São Paulo. Ouviam todas as notícias da rádio à noite, junto aos pais, em especial o programa “Grande Jornal Falado”, apresentado pelo jornalista “Corifeu de Azevedo Marcos<sup>57</sup>”. Essa prática era realizada enquanto o pai trabalhava e com a presença de alguns amigos.

Em meio a essas atividades, Antônio Carlos afirmou que foi o professor de basquetebol e a sua prática que mais chamou sua atenção e que o direcionou para a docência em Educação Física. O esporte, vivenciado em horários extraescolares na quadra da escola onde estudava, era desenvolvido pelo “Sodré<sup>58</sup>” (professor de Educação Física e amigo da família). Segundo o professor Antônio Carlos, ambos (professor e aluno) frequentavam a casa um do outro.

[...] O que me levou a ser professor de Educação Física ... foi o basquetebol ... por causa do professor ... eu já estava no “ginásio” ... já buscando a formação de

---

<sup>56</sup> Os “tanques” consistiam no isolamento de uma parte da água com barro.

<sup>57</sup> Segundo o professor Antônio Carlos, existe uma Avenida em São Paulo com o nome desse jornalista.

<sup>58</sup> Referiu-se ao professor “José Osvaldo Voz Sodré”.

professor ... porque nós terminamos o “ginásio” ... fomos fazer o Magistério ... porque o “Sodré” era um amigão ... ele morava em Avaré ... ele pegava o trem lá ... ele pegava o trem de Avaré ... que demorava uma hora e meia ... duas horas de trem ... então ele pegava o trem ... lá ... quatro horas da manhã ... vai vindo ... ele passava em casa ... na minha casa ... o professor ... e minha mãe já tinha levantado ... ali por volta das cinco e meia ... seis horas ... e já esperando ele também ... porque isso acontecia ... era natural ... e nós já estávamos todos em pé também ... porque ele passava e tomava o café ... e a gente vinha para a quadra jogar basquete. (ANDRADE, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

O professor “Sodré” propunha as aulas de basquetebol antes do início do primeiro período de aulas na escola, com duração de uma hora aproximadamente. Antônio Carlos o conheceu na escola, e a turma do basquetebol se reunia em sua casa à espera do professor. Ao término dessa prática, Antônio Carlos partia para casa tomar banho e retornava para a escola, pois as aulas se iniciavam às oito horas.

O professor “Sodré” lecionava no período da tarde e, segundo Antônio Carlos, “[...] ele vinha mais cedo ... só para isso ... entendeu? ... e isso fez com que a gente tivesse tamanha amizade e ... influenciou ... porque a gente influencia ... professor de Educação Física sabendo se posicionar ... ele tem a maior influência dentro da escola [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Em relação aos princípios de educação transmitidos pelos pais, o professor Antônio Carlos contou que seu pai nunca fez uso de repreensão física. Já sua mãe, em algumas vezes, “[...] puxava orelha ... dava um tapa na bunda [...]”, pois perdia a paciência com eles (ANDRADE, Entrevista 1, 2015). O pai, quando ocorria alguma travessura em desacordo com sua orientação, conversava com os filhos com base nos valores presbiterianos.

[...] Então os valores morais nossos são os valores presbiterianos ... sabe ... porque o casal era da igreja presbiteriana ... meu pai e minha mãe ... principalmente o meu pai ... vem de origem e minha mãe se agregou depois que se casou ... por que minha mãe era católica ... mas quando meu pai ... meu pai ... quando eles se casaram eles foram para a igreja presbiteriana e minha mãe foi uma presbiteriana fervorosa como meu pai a vida inteira foi ... o meu pai era homem de ler a Bíblia todo dia e os valores morais que ele nos colocava ... ele tinha tamanha segurança ... ele tinha tamanha segurança no que ele passava para os filhos dele ... que ele dizia que os filhos dele jamais ... jamais ... iriam cometer alguma falta que deixasse ele envergonhado [...] (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

O professor confirmou as influências desses valores (relacionados à moral e ao respeito) e os considerou preponderantes em sua formação. Utilizou as palavras “forte” e “rígida” para caracterizar essa formação no contexto da igreja. Definiu seu pai como um homem aberto ao diálogo, contudo, rígido em relação aos valores transmitidos aos filhos.

Quando citou as atividades realizadas e, entre elas, ouvir a “Rádio Tupi”, relatou que o programa se encerrava entre vinte horas e trinta minutos e/ou quarenta e cinco minutos, horário em que todos os filhos se recolhiam em suas camas e o pai continuava seu trabalho como alfaiate. Não obstante, a abertura ao diálogo observada no pai pode ser também definida, segundo o professor, por meio da amizade entre ele e um padre da cidade, fato que não era comum na época.

“[...] Você viu o quanto eu estou falando do meu pai ... e se deixar eu falo o dia inteiro dele ... isso não é nenhuma neurose ... não é nenhuma ... fora do contexto da mais normalidade possível ... porque ele foi exatamente isso mesmo [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

Além das diversas referências ao pai, considerou como situação marcante em sua vida, a ajuda que recebeu da tia “Nelinha” e do primo “Artur” quando foi residir com eles em São Paulo. O primo foi muito importante nessa fase de mudança de cidade e por tê-lo introduzido no mercado de trabalho. Seus dois irmãos mais velhos, os quais foram alcançados por ele nos estudos, também foram para São Paulo, para atuar como “[...] professor de ‘primário’<sup>59</sup> [...]” na escola onde a tia “Élia” era diretora (ANDRADE, Entrevista 1, 2015, grifo nosso). Um deles finalizou a carreira como diretor e o outro trocou a docência pela empresa, ambos em São Paulo, ao contrário de Antônio Carlos que, após treze anos em São Paulo, regressou para Bernardino de Campos.

O professor afirmou que, apesar das dificuldades, sempre procurou ser independente e lutar para construir sua própria trajetória, e que deve isso ao pai: “[...] ele sempre me deu força para ... ‘o ... vai em frente’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

### **3.2 Trajetória na vida extraescolar da professora Romilda Augusta**

Ao iniciar as entrevistas, a professora Romilda Augusta (RIBEIRO, 2015) contou que seu pai exerceu várias profissões (carcereiro, secretário etc.): “[...] meu pai ...ele ... tinha ... assim ... ele era muito inteligente ... então todo mundo ... às vezes chamava ele para resolver os problemas ... que existiam na comunidade ... sabe?” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015). A Figura 6 apresenta a professora em seus primeiros meses de vida.

---

<sup>59</sup> Referiu-se ao professor generalista.

**Figura 6:** Professora Romilda com oito meses de idade, em 1949.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

A professora contou que o pai e a mãe concluíram apenas o “primário” (antigas 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries e atuais anos iniciais do Ensino Fundamental). Segundo ela, na época se falava “ano” e não “série” e, nas falas de sua mãe, o nível de ensino se diferenciava, pois equivalia ao “ginásio”. “[...] Ela falava assim ... que tinha de tudo ... dentro da ... assim ... a maior parte das coisas ... tinha até basquete na época ... ela falou que ela jogava basquete ... e os jogos ... assim ... na ... ela se destacava um pouco ... na parte de Educação Física né?” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Em virtude do falecimento do pai quando ela ainda era criança, a professora recordou as dificuldades provenientes dessa situação e o esforço da mãe para cuidar de todos sem uma renda fixa. Assim, os irmãos mais velhos se responsabilizavam pela casa e pelas tarefas domésticas para que ela (a mãe) tivesse condições de trabalhar fora.

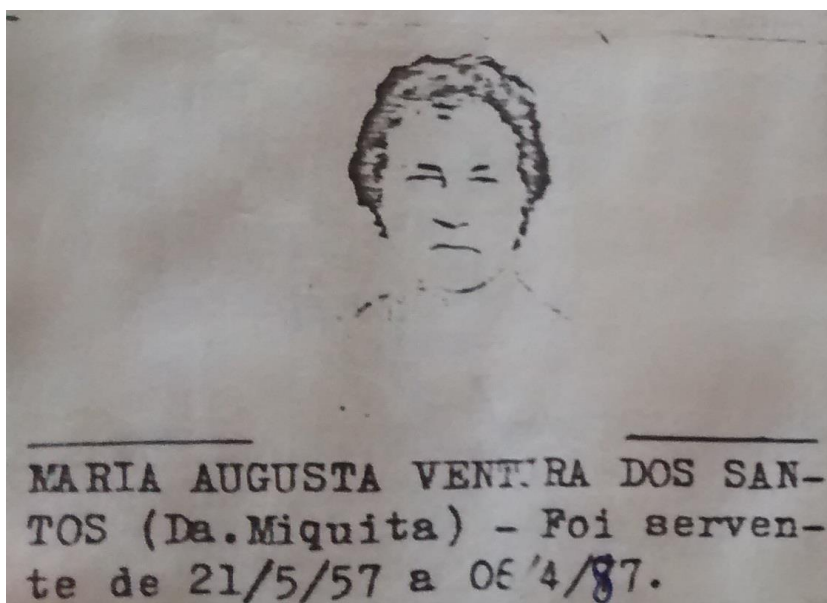
[...] Ela deixava os mais velhos cuidando da casa para ela sair para trabalhar numa tecelagem ... ela costurava ... ela fazia várias ... e vendia roupa também nas horas vagas ... para poder sustentar os dez ... porque ela na época ela não tinha vencimento do meu pai por causa de política ... não deram ... o que ele ... tipo assim de uma

aposentadoria ... só deixou um pecúlio<sup>60</sup> ... para ela ... e aquele pecúlio era pouco ... então ... não era uma coisa que ia receber sempre [...] (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Em face dessa ocorrência, afirmou que sua mãe acumulou muitas dívidas nos armazéns de Piratininga (cidade onde a professora nasceu e ainda reside), as quais foram quitadas assim que ela recebeu o pecúlio. Nessa época, o prefeito “José Cardoso Franco” conseguiu um emprego como servente em uma das escolas estaduais da cidade para ela, em razão da amizade que teve com seu pai. Com o tempo, a mesma se efetivou e se aposentou no exercício dessa função.

A Figura 7, resultado de um material produzido em 1989 pelo professor “Persin” de Arte, com fragmentos da história da Escola Estadual Professor “Eduardo Velho Filho”, onde sua mãe trabalhou e em homenagem ao 39º. aniversário da unidade, elucida o período dessa trajetória (1957-1987). “[...] É uma história ... que eu guardo ... porque minha mãe está aqui também né? ... e faz parte [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

**Figura 7:** Mãe da professora Romilda.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

A respeito do contexto político e social da época descreveu, com poucas palavras, o que ouvia da mãe, sobre uma política desonesta, de dominação por parte das pessoas com mais posses. Essa desonestidade e tentativa de dominação afetaram seu pai

<sup>60</sup> “Dinheiro acumulado por trabalho ou economia” (FERREIRA, 2000, p. 522).

durante o trabalho que desenvolveu na prefeitura da cidade. Segundo Romilda, ele adoeceu nesse período:

[...] meu pai era muito honesto ... e ... por isso que ... ele que teve essa Diabetes ... porque ele que ... gostava das coisas tudo certo ... então ... e ... é tinha gente dentro do ... do ... da prefeitura ... por exemplo ... que não queria fazer coisas erradas ... né? ... e ele não aceitava na época ... então ele começou a ficar nervoso ... tiraram ... tiraram ele ... uma época ... daí voltaram ele de novo ... porque ... sabiam que ele usava da honestidade né? ... mas ... era também assim na época ... esse contexto político ... era como ... mais ou menos como agora [...] (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Além desses valores, Romilda citou a educação “rígida” transmitida pela mãe aos filhos e os efeitos (que considera benéficos) dessa educação em sua vida. As exigências de sua mãe relacionavam-se, de acordo com a professora, à honestidade e à valorização dos estudos como possibilidade de um futuro melhor. Assim, exceto a irmã, que optou por se casar mais cedo, todos os demais irmãos estudaram. A preocupação da mãe consistia em assegurar que todos tivessem uma profissão e, por isso, sempre esteve presente na vida escolar dos filhos, participando das reuniões e reforçando as normas escolares, sobretudo o respeito para com os professores.

Segundo Romilda, não havia abundância, por exemplo, em relação à alimentação, por serem muitos dentro de casa. Entretanto, sua mãe sabia administrar muito bem essa situação, pois alegou que nunca passaram necessidades.

[...] Era tudo dividido ... por que eram dez dentro de casa ... alimentação ela sabia controlar ... nunca passamos fome graças a Deus ... é ... pão ... por exemplo ... ia buscar de saco ... vinte pães por dia ... para sustentar ... comprava carne que aquela época não tinha açougue ... era de carrocinha ... o “Seu Afonso” tinha uma carroça organizada ... assim ... era tipo ... era latão ... sabe? ... mas aquele latão lavável né? ... então era tudo colocado ali ... não era sujo ... era tudo limpinho ... higiênico ... sabe? ... e ... daí ela comprava ... é ... fraldinha ... comprava fígado ... rim ... a gente comia de tudo ... nunca reclamamos sabe? ... e a gente aprendeu com ... assim na alimentação ... verdura ... até meu marido hoje fala que ele aprendeu comer verdura em casa (risos) [...] (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Afirmou que a relação com os irmãos e primos sempre foi amigável e de colaboração, pois sua mãe impunha respeito entre eles. Ao mesmo tempo, citou uma pequena desavença, acontecida recentemente, com o irmão mais novo e justifica as atitudes rígidas desse irmão com base em sua história de vida. Descreveu o contato com os primos e a caridade da mãe, a qual, pelo exemplo, ensinou-os a serem caridosos também.



[...] Ela foi uma mãe batalhadora ...eu falo que a minha mãe foi uma mulher muito para frente ... na cidade todo mundo fala ... e ... e ... porque uma pessoa ficar viúva com sete filhos e ainda três sobrinhos ... SEM emprego [...] corajosa né? ... e ... e ... nunca casou ... de medo de ... de afetar a vida dos filhos e das filhas sabe? ... então ela ... ela morreu com noventa anos [...] e tinha uma SAÚDE boa ... sabe? ... e ainda andava de saltinho ... ninguém falava que ela tinha noventa anos (risos) ... ia no mercado ... fazia a compra (risos). (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Próximo à casa na qual residiram, havia outra, onde Romilda também morou por um tempo, depois de casada, para ficar próxima e cuidar da mãe na velhice. Recordou-se do imenso quintal, dos pés de frutas e das brincadeiras realizadas nesse espaço com a presença das crianças da vizinhança (cirquinho, cambalhota, piraqueta, “roda de carro<sup>61</sup>” e acrobacia). Além disso, participava muito de brincadeiras na rua (passa-anel, salva, pique, trepa-trepa, garrafão, pega-pega, cantigas de roda, queimada, barrabol, telefone sem fio, pé de lata, carrinho de rolimã e cabo de aço) e em algumas casas vizinhas, com a permissão e horário estabelecido pela mãe após o cumprimento das tarefas escolares.

Segundo Romilda, sua mãe incentivava, “[...] porque ela GOSTAVA também”, observava e também vivenciava algumas práticas, como balança-caixão e jogo do mico - ensinadas por ela (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015). O incentivo da mãe consistia na permissão para as crianças vizinhas frequentarem sua casa e na permissão para os filhos e sobrinhos confeccionarem brinquedos e brincarem em casa e na rua. Conforme a professora, sua mãe também confeccionava brinquedos e fantasias para participação nos eventos da comunidade.

Alguns brinquedos eram confeccionados pelos irmãos mais velhos (carrinho de rolimã e cabo de aço). “[...] Ele<sup>62</sup> era criativo ... então ... ele pegou um cabo de aço ... esticou de um pé de goiabeira ... até no pé de laranja ... que era ... uma distância longa ... e ... daí pôs uma carretilha ... um pneu de bicicleta ... e nesse pneu ... sentava e a gente ia igual bondinho [...] do Pão de Açúcar” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015). Em razão dessas práticas promovidas pelo irmão, alegou que sua casa estava sempre repleta de crianças.

Descreveu sua empolgação quando chegava algum circo na cidade e sua preferência pela prática da cambalhota: “[...] a gente catava colchão em casa ... punha no chão ... virava piraqueta ... cambalhota ... fazia ‘roda de carro’ [...] eu gostava mais da cambalhota” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Em relação ao circo, Romilda citou a amizade desenvolvida com uma família circense, os instrumentos musicais utilizados por eles (violão e cavaquinho) e as danças

<sup>61</sup> “[...] Hoje eles falam estrela né? ... na época a gente falava ‘roda de carro’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

<sup>62</sup> Referiu-se à confecção do cabo de aço por “João Roberto”, um dos irmãos mais velhos (o terceiro da prole).

vivenciadas: “[...] quando era pequena eu me lembro ... tocava música ... como ... é ... deixa eu ver ... Barril de Choque ... ‘pararãem ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá’ ... essa música ... a gente dançava [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015). Sobre as atividades de lazer realizadas em família, relatou que participou de bailes, ouviu a banda municipal tocar e visitou exposições nas redondezas da cidade.

[...] A gente ia ... assim ... em um bailinho né? ... é nessa fase assim de ... de nascimento ... até quatro ... ou seis anos ... minha mãe levava a gente para participar sim ... no jardim da banda ... sabe? ... que tocava ... até hoje tinha ... esses tempos ainda estava tocando ... na banda municipal da cidade ... e a gente era assim ... ela levava a gente ... se tivesse uma exposição em Bauru ... ela também ... se fosse ônibus ... ela levava a gente para ver também ... ela era ANIMADA ... sabe?. (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Além dessas vivências, contou que ouvia, pela rádio, muitas histórias que estimulavam sua atenção, imaginação e criatividade (nessa época, ainda não tinham televisão em casa). Comparou essa atividade com os dias atuais, em razão de os livros serem todos ilustrados e não ser tão comum crianças terem iniciativa, por exemplo, para produzir poesias. As atividades de bordado e crochê também fizeram parte da trajetória extraescolar de Romilda. Sua mãe foi a responsável pela promoção desses acontecimentos, bem como a imposição de posturas corretas em relação ao corpo e regras de etiqueta, especialmente na casa de outras pessoas. “[...] Ela não tinha certo estudo ... mas ela tinha muita sabedoria ... sabe? [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Acredita que o bom relacionamento com os vizinhos dessa época (incluindo pessoas de diferentes religiões e raças) era resultado da obediência a esses princípios educacionais. A professora também se referiu ao uso constante do diálogo entre a mãe, os filhos e os sobrinhos.

Ela não era de ... de brigar ... ela era de conversar ... dialogar ... então a gente aprendeu isso aí também ... “tanto é que com os meus alunos ... eu também dialogava muito” [...] eu não chamava assim ... na frente ... na presença dos outros a atenção ... eu chamava do lado ... sabe? ... daí conversava. (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Durante a primeira entrevista, a professora também narrou que declamava poesias em datas comemorativas, participava de festivais de dança e do coral na escola, narrativas que compõem o próximo capítulo. Outras atividades constituíam-se de passeios no jardim, participação no carnaval no primeiro clube da cidade e na igreja, na missa e em teatros, de acordo com a Figura 8: “[...] assim de ... presépio vivo ... é ... na época do da

páscoa ... eu fui até a ‘Maria Madalena’ ... fizeram ... é ... assim ... aquele cenário né? ... a encenação e ... eu participei de várias atividades ... dentro da igreja também ... de fada [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

**Figura 8:** Professora Romilda em apresentação teatral religiosa no ano de 1960.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Sua mãe sempre estabeleceu a religião para os filhos e sobrinhos, tanto na infância quanto na adolescência: “[...] tinha que ir na igreja ... ‘porque Deus está presente na nossa vida’ ... ela falava” [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Finalizou seu relato sobre a participação em atividades diversas e sobre o seu gosto por poesias e músicas, revelando também sobre o envolvimento de seus pais nessas atividades: “[...] minha mãe participava ... levava a gente e ela também tinha o dom assim de poesia [...] e meu pai também ... meu pai ... escrevia às vezes alguma poesia [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

A respeito dessas trajetórias extraescolares, Romilda citou uma situação que marcou sua infância, quando ela tinha entre cinco e seis anos de idade: “[...] eu era assim ... muito criança ... e aquele senhor ... que era pedófilo ... ficava na esquina ... daí ... exibindo os órgãos genitais ... eu voltei ... chorando ... gritando ... isso aí que me marcou ... sabe? [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015). Apesar de ter contado o ocorrido para a sua mãe, a mesma

sentiu vergonha de denunciá-lo em razão da amizade entre as famílias. Todavia, conversou com ele e chamou-lhe a atenção. A partir do ocorrido, sua mãe não permitiu mais que os filhos saíssem sozinhos.

### 3.3 Trajetória na vida extraescolar da professora Dinalva Aparecida

Em meio às emoções pela lembrança da perda do pai quando tinha menos de dois anos de idade, a professora Dinalva Aparecida (PARDO, 2015) descreveu as dificuldades da mãe “Carolina” com as duas filhas pequenas e o apoio incondicional dos avós maternos (vindos da Itália) nessa e noutras fases de sua vida. As Figuras 9 e 10, a seguir, apresentam recortes da infância da professora.

**Figura 9:** Professora Dinalva com aproximadamente sete meses de idade.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

**Figura 10:** Professora Dinalva com aproximadamente dois anos de idade.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Natural de Guarantã, Dinalva residiu com os avós até o término do “primário”. Durante esse período, sua mãe casou-se novamente (após oito anos de viuvez) e se mudou com o padrasto e sua irmã mais velha “Sidnei” para uma fazenda próxima de Bauru. A professora não os acompanhou em razão das dificuldades que encontrariam para a realização de seus estudos, os quais estavam iniciando quando essa mudança ocorreu. “Sidnei”, por já ter concluído o “primário”, mudou-se com a mãe e o padrasto, fato que interrompeu seus estudos. Durante o tempo em que residiu com os avós maternos, Dinalva viajava de trem durante as férias, acompanhada pela irmã, para visitar os pais nos arredores de Bauru.

Dinalva também contou sobre o irmão mais novo, fruto desse relacionamento de sua mãe após um ano de união. Após o término do “primário”, a professora passou a conviver com a mãe, a irmã e o padrasto nas fazendas: “[...] sei que daí ... depois de ... de lá ... quando ... como eu terminei a 4ª. série ... que eu vim embora ... foi meio difícil ... porque a gente se apega muito com os avós né? ... e eu tinha meus avós como meus pais ... né?” (PARDO, Entrevista 1, 2015). Todavia, “Sidnei” regressou para Guarantã para cuidar dos avós quando eles adoeceram, uma vez que a maioria dos tios já estavam casados.

O padrasto de Dinalva, considerado por ela como pai ao longo das entrevistas, exerceu a função de administrador em várias fazendas localizadas nas imediações de Bauru e Piratininga. Para Dinalva, os períodos em que morou com os avós e com os pais<sup>63</sup> são fases distintas de uma mesma história: da sua história. Anteriormente ao vestibular para ingresso na 5ª. série, a professora contou que passou uma temporada na casa de uma tia em Piratininga em razão da distância entre a cidade e a fazenda na qual os pais residiam naquele momento. Posteriormente, seus pais<sup>64</sup> mudaram-se para outra fazenda a três quilômetros da cidade, quando então Dinalva não precisou mais continuar na casa dessa tia.

Descreveu a intensidade da relação com os avós maternos em Guarantã, aos quais se referiu com a voz impregnada de emoção. O avô possuía muitos amigos em virtude do exercício da função de barbeiro e por tocar acordeão<sup>65</sup> junto aos tios. Por essa razão, eram sempre convidados para as festas (juninas, religiosas, bailes etc.) realizadas na cidade. Foi em uma dessas festas que sua mãe conheceu seu padrasto que, na época, trabalhava em uma das fazendas de um tio de Dinalva e também tocava violão nesses eventos. Pelos fragmentos abaixo, Dinalva relatou a vinda dos avós italianos para o Brasil:

... os meus avós [...] tinham a casa deles [...] meu avô quando veio da Itália ... ele [...] estudou um pouco lá ... ele veio um menino [...] com seus dez ... doze anos [...] agora minha nona<sup>66</sup> não [...] ela veio da Itália [...] a minha bisa<sup>67</sup> ... vinha rezando porque demorava de [...] quarenta ... cinquenta ... até sessenta dias [...] a viagem ... e ... e ela vinha com a minha nona e a outra irmãzinha ... ela [...] teve gêmeos ... e ... e ela rezava porque uma delas ... veio doentinha [...] e quem morria durante a ... a viagem [...] jogavam no mar [...] a minha nona<sup>68</sup> rezava tanto ... tanto ... minha bisa ... né? ... e ... quando chegou no porto ... em Santos ... a minha ... outra<sup>69</sup> ... morreu ... então fizeram o enterro tudo direitinho mas ... é ... e ela pediu tanto ... então ela conseguiu essa graça da ... da menina não morrer no navio ... né?. (PARDO, Entrevista 1, 2015).

A professora contou que a avó desconhecía a leitura e a escrita e relembrou a postura rígida do avô, principalmente para com as filhas, proibidas de estudar, com exceção da filha mais nova - a tia “Maria” - e dos filhos que concluíram o “primário”. “[...] Minha mãe ... minhas outras tias ... elas não ... não foram para a escola ... meu nono não deixava ... achava que na época moça ia escrever carta para o namorado [...] meus tios [...] os homens [...] foram

<sup>63</sup> Nessa fala, incluiu o padrasto.

<sup>64</sup> Referiu-se à mãe e ao padrasto.

<sup>65</sup> “Nome comum a vários instrumentos de sopro de palheta livre, com um fole pregueado que se comprime ou distende, movimentando o ar, que, ao sair, faz vibrar as lâminas metálicas da palhetas” (FERREIRA, 2000, p. 13).

<sup>66</sup> Referiu-se à sua avó, mãe de sua mãe.

<sup>67</sup> Referiu-se à avó de sua mãe.

<sup>68</sup> Confundi-se e, ao referir-se à bisa, disse nona.

<sup>69</sup> Referiu-se à irmã gêmea de sua avó materna.

para a escola” (PARDO, Entrevista 1, 2015). No entanto, um dos tios, o mais novo, ensinou todas a escreverem, no mínimo, o próprio nome.

A casa do avô (que existe até hoje em Guarantã) possuía vários cômodos grandes, incluindo o espaço da barbearia e um imenso quintal com poço de onde se tirava água, ao contrário da casa dos pais<sup>70</sup> de Dinalva que, por ser mais nova, já era atendida pelos sistemas de saneamento básico e de eletricidade.

Dessa etapa de sua vida, a professora narrou a ótima relação com a irmã, a rigidez e amorosidade nas regras impostas pelos avós, os princípios religiosos e as missas frequentadas aos domingos, a intensa convivência com os tios e o respeito entre eles, entre outras situações. Acredita que todo o amor e o respeito vivenciado por ela nesse contexto esteja relacionado à ausência do pai:

[...] nós ficamos sem o pai mas eles não sabiam o que fazer para dar esse amor para nós ... para substituir [...] durante esse tempo ... depois eu tive meu padrasto ... é ... que foi muito ... um pai para nós também ... mas eu ... eu ... nós fomos assim ... muito amada ... muito assim ... sabe? ... meus avós ... tios ... não sabiam o que fazer para a gente [...] (PARDO, Entrevista 1, 2015).

De acordo com Dinalva, a única desavença dessa etapa de sua vida ocorreu, conforme reprodução de relato feito por sua mãe, quando um de seus tios<sup>71</sup>, em razão de ter desenvolvido uma proximidade maior com ela, sua mãe e sua irmã, propôs assumir a criação de Dinalva ao final de seu processo de amamentação. “Carolina”, magoada com a proposta, recusou a oferta: “[...] minha mãe pegou e falou [...] ‘eu não dou [...] o que eu comer elas comem ... sabe? ... se eu comer pedra minhas filhas vão comer pedra junto comigo’ ... então ... sabe? ... foi um amor assim [...] eles tentaram [...] separar ... mas minha mãe falou ... ‘JAMAIS’ [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

A professora recordou-se com saudades da beleza das festas supracitadas, da participação maciça da comunidade local e dos cuidados e ciúmes dos tios (irmãos de sua mãe) para com elas (referiu-se à sua própria pessoa, à mãe e à irmã) em virtude da ausência de uma figura masculina em suas vidas: “[...] eles eram assim ... muito ciúmes da gente ... ciúmes da minha mãe ... então foi difícil para a minha mãe ter um namorado [...] e poder casar com meu padrasto [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Na época em que conheceu “Carolina”, o padrasto exercia as funções de escriturário, administrador e fiscal nas fazendas de um tio de Dinalva. Depois do casamento,

<sup>70</sup> Referiu-se à mãe e ao pai.

<sup>71</sup> O tio em questão, “João”, havia sido casado com uma das irmãs (na época já falecida) de “Carolina”.

continuou o exercício dessas funções em outras fazendas. Foi assim que iniciaram uma nova etapa de suas vidas nos arredores de Bauru e Piratininga.

Dos avós<sup>72</sup> paternos, a professora não possui muitas lembranças. Citou a origem portuguesa e indígena dos avós. O avô, viúvo e com dois filhos, comprou uma fazenda na região de São Carlos quando veio de Portugal. Nessa fazenda, conheceu sua avó, casaram-se e tiveram dez filhos, além dos dois do seu primeiro casamento em Portugal. “[...] Ele casou-se aqui ... com é ... com a minha avó ... que é avó mesmo ... porque o meu ‘pai<sup>73</sup>’ é desse casamento [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Em relação ao pai do padrasto, Dinalva alegou desconhecê-lo. Disse que o mesmo morava com a mãe e cinco irmãos mais novos e, desde então, responsabilizava-se pela casa e pela família. A professora teceu elogios à postura do padrasto, pois o considera um verdadeiro pai.

[...] Porque ele na verdade criou a gente [...] você vê ... naquela época ... duas filhas ... minha mãe casou ... com duas filhas ... eu ... eram pequenas ... mas nós ficamos moças ... tudo ... ele foi um pai assim ... ótimo ... respeitador ... ele assumiu a gente como filhas mesmo [...] a gente sempre chamou ele de pai ... haja vista que as tias ... é ... a gente tem eles como tia ... tio ... sabe?. (PARDO, Entrevista 1, 2015).

O pai, falecido de Tifo, adquiriu a doença, segundo Dinalva, no exercício da função de delegado de Guarantã, cargo que assumiu via indicação/nomeação por alguns anos: “naquele tempo não ... não era preciso fazer Direito ... era por ... por indicação” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Como delegado, uma de suas atribuições consistiu em participar da queima do café em uma época de total desvalorização do produto. Nessa atividade, cuja intenção incidia em reaproveitá-lo como adubo, fez-se necessário o uso da substância cal<sup>74</sup>. A professora acredita que a exposição excessiva à cal, ao calor, à água e ao processo de fermentação possa ter contribuído para o desenvolvimento da doença de seu pai e sua consequente morte, junto a outras cinco pessoas - também envolvidas nessa atividade. De acordo com Dinalva, o Tifo manifesta-se da seguinte forma:

[...] dava uma febre [...] MUITO GRANDE durante vinte e quatro horas ... e a pessoa morria [...] e o meu pai morreu de Tifo [...] minha mãe contava ... meu pai morreu em vinte e quatro horas ... cegava a pessoa ... era uma dor de cabeça [...] de

<sup>72</sup> Referiu-se aos pais de seu pai.

<sup>73</sup> Referiu-se ao pai.

<sup>74</sup> “Substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias” (FERREIRA, 2000, p. 119).



ficar enlouquecido ... e meu pai morreu [...] dessa doença. (PARDO, Entrevista 1, 2015).

O falecimento do pai com, no máximo, trinta anos de idade, não constituiu um caso isolado, pois houve outras mortes, cujas causas foram igualmente atribuídas ao Tifo. Originário da região de Matão, o pai de Dinalva iniciou a vida em Guarantã trabalhando em uma loja de “secos e molhados”. Mais tarde, comprou sua própria loja, na qual “[...] vendia de tudo” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Em razão dessa situação, a professora afirmou que sua mãe teve uma boa vida: “[...] minha mãe conta que meu pai era muito inteligente [...] ele tinha feito até 4ª. série também ... e [...] tocava muito bem ... ele deixou essa loja grande para a minha mãe quando ele faleceu ... né? ... e ... minha mãe tinha casa própria [...] para você ver ... na época [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Embora sua mãe tenha herdado a loja e a casa, vivenciou algumas dificuldades por estar amamentando Dinalva e não conseguir dar continuidade ao trabalho do marido na loja. Os irmãos de “Carolina” trabalharam na loja por um tempo e, posteriormente, ajudaram-na a vendê-la.

Para sustentar as filhas, “Carolina” alugou sua casa, foi morar com seus pais (avós maternos de Dinalva) e realizava atividades de costura e bordado para complementar a renda. “Então minha mãe PRATICAMENTE perdeu a loja ... né? ... se ela soubesse ler e escrever ela poderia ter tido ... poderia ter tido uma vida melhor ... né? ... assim ... não precisar ... é ... costurar para fora ... é ... fazer esses tipos de serviço ... né?” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

De Guarantã, cidade pequena, a professora lembrou-se da estação de trem entre dois belos jardins e da passagem do trem pelo meio da cidade, das diversas brincadeiras vivenciadas com as primas e os/as colegas de escola em um desses jardins (pique, amarelinha, esconde-esconde, pular corda etc.), das moedas que ganhava do avô para comprar picolé e do medo que sentia ao atravessar a linha do trem para ir até a sorveteria, sob a supervisão cuidadosa do avô e/ou da mãe. Dinalva também descreveu o medo que sentia na época da festa de “Santos Reis”, e garantiu que esse sentimento a marcou:

[...] nós tínhamos um medo ... nós a criançada ... nós tínhamos um medo da festa de Reis ... porque vinha aquela procissão ... assim ... um pessoal com uns dez ... doze ... com [...] uma flâmula grande ... assim ... onde eles punham muitas ... muitas fitas coloridas ... com o Divino Espírito Santo [...] e eles cantavam as músicas e dançavam em volta assim ... muitos até ficavam ... mas a maioria ... eu mesma ... olha ... mas eu corria me esconder de tanto medo que eu tinha dessa festa do Divino

... então essa época [...] isso me marcou muito também ... eu tinha medo ... sabe? ... e ... e que engraçado ... né? ... eu falo que é ... era ... é uma festa tão bonita ... né? ... que eles ... e eles vinham ... então eles faziam aquele ... aquela ... apresentação ... é ... bem na porta do ... da ... do ... meu nono ali ... meu nono abria a porta ... que era ... era uma barbearia na frente ... então um salãozão ... com duas portas grandes que abriam assim ... então ele abria ... minha nona às vezes servia café ... né? ... para eles ali ... ou um chá [...] sabe? ... e dava uma ... eles arrecadam ... é ... esmola [...] e daí dava porque eles mandavam rezar ... acho uma missa ou fazer uma ... é ... para ... alguma promessa que faziam ... sabe?. (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Em suas narrativas, disse que também participava, durante o tempo em que conviveu com os avós, de atividades religiosas (cânticos, coroação de Nossa Senhora Aparecida, rezas etc.) e escolares (recitais, apresentações teatrais, festivais de dança e de música etc. - atividades que compõem o próximo capítulo). Sua mãe também participava de todas as festas realizadas na cidade, bem como confeccionava as fantasias necessárias para a apresentação das filhas nesses eventos. A prima “Nadir”, aproximadamente dez anos mais velha que “Sidnei”, também “criada” pelos avós junto à Dinalva, presenteou-a com uma bicicleta em determinado momento dessa etapa de sua vida.

[...] Era uma bicicleta Monark ... de é ... feminina ... e ela ... ela não tinha cano ... sabe? [...] todos podiam andar [...] eles falavam “DINA ... DINA ... QUE HORA NÓS VAMOS ANDAR DE BICICLETA?” ... então tinha ... tinha o horário ... da ... das brincadeiras ... sabe? ... mas eu era assim ... é ... é ... como líder ... sempre fui [...] eu sou assim é ... prosa ... gosto muito de conversar tudo ... mas tudo o que eu falava ... “GENTE ... VAMOS AGORA BRINCAR COM ISSO” ... então [...] eu direcionava as brincadeiras ... e era ... nossa ... era pique ... era amarelinha ... era ... e todos brincavam da mesma coisa [...] porque na época não se tinha muito material ... né? [...] cansava de brincar de pique ... porque pique corria muito ... os meninos pegavam muito a gente ... sabe? (risos) ... então a gente brincava ... brincava também de passar-anel ... adorava passar-anel ... porque na época de passar-anel ... é ... era com respeito tudo ... mas [...] um queria por na outra ... porque queria abraçar ... um abraço no outro [...] (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Para a professora Dinalva, sua infância pode ser caracterizada como uma fase de muitas brincadeiras, de muito amor e de inúmeras viagens de trem em suas férias escolares com a irmã para a fazenda na qual a mãe e o padrasto viviam. No entanto, a união de sua mãe com seu padrasto e a conseqüente separação entre elas marcou esse período: “[...] foi até uma separação muito difícil para nós ... ficamos a vida inteira desde que meu pai morreu [...] depois minha mãe casou pela segunda vez ... todo mundo ficou doente ... eu chorava aqui<sup>75</sup> ... ela chorava lá<sup>76</sup> ... meus avós choravam aqui [professora se emociona] [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

<sup>75</sup> Referiu-se à Guarantã.

<sup>76</sup> Referiu-se à fazenda na região de Bauru.

Já residindo nas fazendas com os pais<sup>77</sup>, Dinalva contou que as casas dos administradores, em sua grande maioria, eram de alvenaria e apresentavam-se em boas condições para moradia. Por ter concluído o “primário”, ajudava o padrasto na realização das atividades de escrita nas fazendas. Ao narrar essas atividades junto ao padrasto, valorizou, com um sentimento nostálgico, a importância dos estudos da época: “[...] eu ajudava meu pai ... na ... na ... porque eu fiz até 4ª. série e aquele tempo até a 4ª. série se aprendia bastante ... se sabia [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Para a professora, suas trajetórias extraescolares são marcadas, sobretudo, pela falta sentida em virtude da ausência do pai, apesar de todo o amor demonstrado pelos avós maternos, pelos tios e pelo padrasto.

[...] Por mais que nós fôssemos muito amada [...] nós sentimos muita falta do pai [...] até o meu padrasto foi muito bom para a gente [...] nós tivemos uma família muito boa ... meus tios [...] minha mãe cuidou da gente até o ... o que pôde [...] sem faltar nada [...] meus avós também ... o que precisava [...] estavam ali [...] (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Da ótima relação com “Sidnei”, Dinalva alegou que, durante toda a sua vida, sempre foi menos extrovertida que a irmã e que se desentenderam apenas uma vez. Em uma das fazendas em que residiram em Piratininga (cidade onde conheceu seu esposo), a irmã a assustou em uma ocasião na qual havia ido até uma das hortas buscar legumes a pedido de sua mãe. As hortas (com plantações de chuchu, abobrinha, cebola, tomate etc.) eram cultivadas pelo “Luiz<sup>78</sup>”, um rapaz que sua mãe “criou” e que tinha dificuldades para falar em razão de ter tido Meningite. O “Luiz” morou com eles como se fosse um irmão.

A brincadeira na horta rendeu muitos gritos, choro e um pedido de desculpas da irmã: “[...] aquele dia eu fiquei de mal dela ... foi a única vez que eu (risos) ... daí fiquei de mal ... eu chorava ... ela vinha me beijava ... ‘DESCULPA DINA ... PELO AMOR DE DEUS ... QUIS BRINCAR COM VOCÊ’ [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Com exceção desse acontecimento, a professora assegurou que ela e a irmã sempre se ajudaram por serem muito unidas. Citou o período em que “Sidnei”, após o falecimento do esposo em razão de um Câncer que o acometeu há uns doze anos, mudou-se para sua casa. Afirmou, ainda, que a irmã também reside em Bariri, que as duas são viúvas e que sua mãe também faleceu de Câncer.

<sup>77</sup> Referiu-se à mãe e ao padrasto.

<sup>78</sup> Segundo a professora, sua mãe trouxe o “Luiz” para morar com eles em virtude de o mesmo estar muito debilitado. Tempo depois, quando “Sidnei” já estava casada e Dinalva com o seu casamento agendado, ela (a mãe) e o padrasto se separaram e o “Luiz” continuou morando com ele (o padrasto).

Há aproximadamente trinta anos, quando o esposo de Dinalva faleceu, a irmã amparou-a totalmente: “[...] não é fácil você ficar viúva ... sabe? ... assim com duas crianças pequenas ... eu ... eu jamais esperava ficar viúva [...]” (PARDO, Entrevista 1, 2015). Ao referir-se a esse fato, comparou-o com a mesma situação vivenciada pela mãe, porém, com menor idade que ela. O esposo de Dinalva faleceu com quarenta e um anos, em virtude de um infarto fulminante. Na época, a professora iria completar trinta e oito anos de idade.

### **3.4 Saberes docentes das trajetórias extraescolares dos professores aposentados**

Visualizamos, nas narrativas dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida (ANDRADE, 2015; RIBEIRO, 2015; PARDO, 2015), as influências de várias pessoas (pais, irmãos, professores, primos, tios, mães, avós maternos, padrasto etc.) em suas formações e nas escolhas posteriormente realizadas. Essas influências são elucidadas por Reali e Reyes (2009) e Tancredi (2009), segundo as quais a aprendizagem da docência é um processo que acontece durante uma vida.

A presença forte e constante, por exemplo, do pai de Antônio Carlos nos eventos (esportivos ou não), ilustra a perspectiva e os valores do pai em relação a essas práticas, explicando como ocorrem, conforme Tardif (2008), as influências do convívio familiar. Identificamos elementos da história de vida do professor nos valores transmitidos pelos pais, os quais permearam a educação recebida, pois se constituíram em valores relativos à preocupação do pai para que todos os filhos pudessem “[...] vencer na vida [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015).

A educação “forte” e “rígida”, citada pelo professor ao se referir ao pai, é evidente no trecho: “[...] ele falava ... vão dormir ... ninguém questionava [...]” (ANDRADE, Entrevista 1, 2015). As marcas da convivência com o pai são profundas e vívidas nas narrativas do professor.

Dentre essas influências, destaca-se, também, a referência ao “[...] ‘professor preferido’ que influenciou, de modo significativo, a pessoa enquanto jovem aluno” (GOODSON, 1995, p. 72, grifo nosso). O autor afirma, com base nas narrativas dos professores pesquisados, que os mesmos

relatam, muitas vezes, que: “foi esta a pessoa que, pela primeira vez, me fez aderir ao ensino; estava sentado na sala de aula, quando, pela primeira vez, decidi ser professor”. Em conclusão, tais pessoas fornecem um “modelo funcional” e, para além disso, influenciaram provavelmente a visão subsequente da pedagogia

desejável, e bem assim, possivelmente, a escolha do próprio curso (especialização, em termos de matéria de ensino). (GOODSON, 1995, p. 72, grifo do autor).

O “professor preferido” pode ser visualizado, nas narrativas de Antônio Carlos, pela pessoa do professor “Sodré” na prática do basquetebol. Em suas narrativas, as influências desse professor correspondem tanto às trajetórias extraescolares quanto escolares. No entanto, de acordo com Goodson (1995), afirmamos que essa referência é uma das possíveis influências, entre outras.

Igualmente, com base nas intensas vivências com o futebol e a dança narradas por ele, confirmamos as influências dos saberes advindos das trajetórias extraescolares na prática do basquetebol na opção pela docência e, conseqüentemente, na constituição da personalidade docente na Educação Física.

Segundo Goodson (1995), essas trajetórias (de vida e do meio sociocultural) influenciam na constituição da pessoa que é o professor. Assim, os elementos presentes na história de vida dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, sinalizam as influências do contexto familiar, social e político, bem como explicam o processo de construção de suas personalidades por meio das trajetórias extraescolares - vivenciadas de forma concomitante às demais trajetórias de vida, conforme os temas tratados nos capítulos subsequentes.

Darido (1995), ao apresentar uma proposta para a formação de professores por meio de um currículo temático, assevera ser a formação profissional uma das fontes para o complexo exercício da profissão. Um dos elementos que compõem esse exercício, segundo a autora, provém das experiências prévias do indivíduo como aluno e/ou atleta durante o processo de escolarização na Educação Básica.

A autora alega que a atuação docente deve ser considerada como a conexão de diversos elementos, os quais incluem a formação profissional como uma das fontes, mas não a única. Em virtude da complexidade dessa atuação, apresenta alguns desses elementos:

“- As experiências anteriores do sujeito enquanto atleta e enquanto aluno no primeiro e segundo grau”. - As expectativas da comunidade escolar, como alunos, diretores e professores de outras disciplinas. - As restrições do contexto de trabalho, como falta de condições materiais, de reconhecimento econômico e outras. - Ao impacto da mídia sobre as expectativas dos alunos e dos próprios professores. Além disso, é preciso reconhecer que o “professor de Educação Física quando ensina atividades da cultura corporal utiliza diferentes fontes de conhecimento” e não apenas a científica como acreditam muitos pesquisadores da Educação Física. (DARIDO, 1995, p. 126, grifo nosso).

O reconhecimento dessa diversidade de elementos na atuação docente vem ao encontro de uma perspectiva antropológica, na qual o homem é estudado “[...] em todas as suas práticas e os seus costumes” (DAOLIO, 2009, p. 23).

O autor confirma a necessidade e a importância do reconhecimento dessa diversidade de elementos ao anunciar a raridade de pesquisas na área que voltou olhares para os docentes de Educação Física “[...] como agentes sociais e para sua prática como determinada culturalmente” (DAOLIO, 2009, p. 17). Para o autor, certos valores (referentes à educação que receberam e como a receberam, à formação e à instituição de atuação profissional etc.) manifestam-se nas práticas dos professores e, apesar da importância da formação nesse processo de manifestação de valores (no qual esses valores são e/ou podem ser filtrados), as histórias de vida dos docentes são igualmente importantes.

Em conformidade com as trajetórias de Antônio Carlos, também identificamos elementos alusivos à Educação Física logo no início da entrevista com Romilda Augusta (destaque em práticas corporais pela mãe em sua trajetória escolar), bem como a referência ao pai (apesar do pouco tempo de convivência), as diversas profissões exercidas por ele e seu ótimo relacionamento com a comunidade.

Ao contrário de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida referiram-se muito às suas mães nas entrevistas em razão da morte prematura de seus pais. As influências das atitudes da mãe e dos valores próprios dessas atitudes (rigidez, respeito, amizade, cooperação, caridade, posturas corretas, regras de etiqueta e de diálogo) são evidentes, por exemplo, nas narrativas de Romilda, bem como o sentimento de admiração pela figura materna.

Também consideramos a diversidade de influências nas trajetórias extraescolares dos professores aposentados e, em especial, o “saber cultural” (TARDIF, 2008). Essa forma de saber abarca, por exemplo, as seguintes influências: de valores paternos (moral, respeito etc.), considerados preponderantes por Antônio Carlos em sua formação; de valores maternos (honestidade, valorização dos estudos e dos professores etc.), considerados benéficos por Romilda Augusta em sua vida; e de valores provenientes do convívio com a mãe e com os avós maternos (amor, respeito etc.) reconhecidos por Dinalva Aparecida.

Daolio (2009, p. 24) afirma que “o conhecimento antropológico da nossa cultura passa, inevitavelmente, pelo conhecimento das outras culturas, reconhecendo que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única”. A ideia defendida pelo autor considera o indivíduo para além da dimensão biológica, tomando-se por base seu contexto cultural. Logo, a cultura é entendida como um conceito fundamental para a área,

“[...] porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos” (DAOLIO, 2004, p. 2).

A vida e a formação desses professores são, assim, caracterizadas por meio de uma educação familiar rígida, religiosa e de valorização dos estudos. Essa caracterização produziu, por ocasião das entrevistas, um sentimento nostálgico, uma vez que os mesmos teceram comparações entre os princípios educacionais em diferentes épocas de suas vidas. Segundo Corrêa (2009, p. 21),

[...] o ato de rememorar os acontecimentos da vida passada é um processo que envolve sentimentos como saudade, raiva, ternura, decepção, entre outras emoções expressas, seja por um semblante tenso e descontraído, seja nos momentos de choro e de riso, que vão além do ato de responder mecanicamente as questões. (CORRÊA, 2009, p. 21).

Essa valorização nostálgica da época também se manifestou na descrição do respeito apresentado pela professora Dinalva para com os princípios educacionais impostos por sua mãe e as comparações que realizou entre suas atitudes e as atitudes de seu filho na atualidade:

[...] minha mãe comprava ... por exemplo ... uma fruta ... e falava ... “Dina ... sua da Dei<sup>79</sup> ... da mamãe ... daí danone do nono<sup>80</sup>” ... cada um comia a sua [...] aqui em casa não ... às vezes tinha um monte de chocolate aí ... o “Paulo<sup>81</sup>” sempre adorou ... tudo ... quem vai ... quem vai primeiro vai comendo tudo (risos) ... e se não esconder para a outra ... é ... é assim ... a vida é hoje ... assim diferente. (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Nas histórias de vida dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, identificamos possibilidades de abertura ao diálogo promovidas, respectivamente, pelo pai, pela mãe e pelos avós e tios maternos, as quais contribuíram para a construção da relação professor-aluno, por meio da integração da dimensão afetiva no exercício da docência (BETTI; MIZUKAMI, 2007; CUNHA, 2014; FREIRE, 2002; LIBÂNEO, 2003; MANTEIGA; LIMA, 2004; RANGEL-BETTI, 1998; TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000).

---

<sup>79</sup> Referiu-se à irmã “Sidnei”.

<sup>80</sup> Referiu-se ao avô materno.

<sup>81</sup> Referiu-se ao seu filho, que tinha quarenta e três anos de idade no momento da entrevista.

O fragmento, a seguir, no qual Romilda refere-se à sua mãe, é representativo dessa construção: “ela não era de ... de brigar ... ela era de conversar [...] tanto é que ‘com os meus alunos ... eu também dialogava muito’” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

A dimensão afetiva remete-nos a Freire (2002). Em defesa de uma educação que transforme e em prol da autonomia discente, o autor apresenta alguns saberes - exigidos pela própria prática educativa e pela reflexão que dela se faz - considerados imprescindíveis para uma atuação docente crítica e progressista, os quais requerem, para a atividade de ensinar, não a transferência de conhecimento, mas: rigor no método; realização de pesquisa; respeito aos saberes discentes; desenvolvimento de postura crítica; ética e estética; materialização das palavras pelas ações; correr riscos, aprovar aquilo que é atual e repudiar atitudes discriminatórias; refletir de forma crítica sobre a própria prática; “[...] reconhecimento e a assunção da identidade cultural” (FREIRE, 2002, p. 18); conscientizar-se da incompletude; reconhecer os condicionantes da própria existência; respeitar a autonomia discente; ser sensato; ser humilde, flexível e lutar em prol da própria categoria profissional; apreender a realidade; apresentar-se entusiasmado e confiante; acreditar nas possibilidades de mudança; ser curioso; ser seguro, generoso e competente; comprometer-se; entender a educação como possibilidade de intervenção; apresentar-se livre e com autoridade; decidir-se de modo consciente; saber ouvir o outro; reconhecimento da ideologia presente na educação; apresentar-se disponível ao diálogo; e demonstrar afeto pelos alunos.

De acordo com o autor, ao expressar abertura à afetividade, o professor compromete-se com os alunos de acordo com a especificidade de uma prática com seres humanos que deve ser desenvolvida como um processo alegre e esperançoso, com respeito e sensibilidade e consciente de nossa condição de incompletude.

Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista. Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. (FREIRE, 2002, p. 53).

Para os autor, a afetividade não denota uma obrigação de “[...] querer bem a todos os alunos de maneira igual” (FREIRE, 2002, p. 52), tampouco significa ausência de seriedade, de rigor, de luta pelos próprios direitos e pelos direitos dos alunos, de formação profissional, de perceptibilidade política, de responsabilidade e de competência por parte do



professor. Logo, “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico [...]” (FREIRE, 2002, p. 53). No entanto, o autor adverte: “O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele” (FREIRE, 2001, p. 52).

Cunha (2014) apresenta a existência, nos professores, de valores inteiramente relacionados com o seu “dever-ser” (pré-determinado pela definição e satisfação de expectativas históricas e sociais que produzem um conjunto de características intrínsecas ao exercício da docência) subsidiada pela ideia de que o conceito de “bom professor” é produzido e projetado com base nos valores de um contexto histórico-social e de uma ideologia dominante. A ideia de “bom professor” como um conceito também compôs as reflexões de Rangel-Betti (1998), haja vista a impossibilidade de homogeneizar e criar um perfil docente bem-sucedido. Essa impossibilidade provém, segundo a autora, da diversidade de características presentes nos estudos sobre a temática.

Das cinco fases do processo de aprendizagem das capacidades docentes apresentadas por Berliner (1988), mencionamos aqui as fases do professor “competente”, “proficiente” e “especializado”. Na terceira fase, o professor aprende o que considerar e o que não considerar, a decidir sobre o currículo e o ensino e a controlar eventos do cotidiano, bem como se responsabiliza pelos acontecimentos e se emociona (por meio de reminiscências mais nítidas e intensas) com os próprios sucessos e insucessos (BERLINER, 1988). Na quarta fase, o autor afirma que há a proeminência do *know-how*<sup>82</sup> e da capacidade de intuir (em uma perspectiva holística) e prever as situações semelhantes que ocorrem em sala de aula e que já foram vivenciadas pelo professor, o qual age com base na análise e reflexão, sendo que a ação decidida por ele, resulta da intuição desenvolvida mediante o acúmulo de experiência.

E, na quinta e última fase, o professor apresenta espontaneidade em suas ações, as quais parecem ser materializadas sem análise e/ou reflexão, como se ele soubesse “[...] *what to do at the right time*”<sup>83</sup> (BERLINER, 1988, p. 11). Para o autor, nessa fase não há escolha consciente das ações, as quais são realizadas com naturalidade, sem esforço aparente e se caracterizam por sua funcionalidade; contudo, quando há situações incomuns, o professor recorre à análise e à reflexão para fundamentar suas decisões e ações. Além disso, o tempo em cada fase pode variar de modo abrangente e o professor pode apresentar características de

---

<sup>82</sup> “Saber-como”.

<sup>83</sup> “O que fazer no momento certo”.

uma fase em outra, de acordo com o contexto em que se encontra inserido (BERLINER, 1988).

Cunha (2014) apresenta, nesse cenário de busca pelo entendimento do professor em seu cotidiano de trabalho, um conjunto de características do “bom professor” referentes às expectativas dos alunos, as quais já descrevemos na introdução desta pesquisa. Dentre essas características, mencionamos novamente, a apresentação, pelo professor, da dimensão afetiva nas relações.

Libâneo (2003), ao refletir sobre a função da escola na contemporaneidade em virtude da realidade que se apresenta, destaca algumas questões indicativas de uma posição a respeito das “novas atitudes docentes” - expressão adotada por ele.

As “novas atitudes docentes” são as seguintes: admitir o ensino com base em uma perspectiva mediadora; aluno como sujeito ativo na aprendizagem com o auxílio pedagógico do docente; mudança do conceito de escola e prática pluridisciplinares<sup>84</sup> para interdisciplinares<sup>85</sup>; conhecimento de estratégias do “[...] ‘ensinar a pensar’ ou do ‘ensinar a aprender a aprender’ [...]” (LIBÂNEO, 2003, p. 34, grifo do autor); auxiliar os alunos, com persistência e empenho, na busca de uma apreensão crítica e reflexiva dos conteúdos; desenvolvimento da capacidade de comunicação pelo professor, bem como admissão da prática pedagógica como um processo de comunicação; reconhecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas aulas e suas implicações; atender e respeitar, na sala de aula e na escola, as diferenças culturais; investir em programas de formação contínua, de natureza científica, técnica e cultural; incorporar, conforme já citamos, a dimensão afetiva no exercício da profissão docente; desenvolvimento e orientação dos alunos no que se refere a um conjunto de ações éticas sobre a vida, ao meio, às relações etc. (LIBÂNEO, 2003).

Citamos essas “novas atitudes docentes” em virtude de uma delas estar diretamente relacionada à dimensão afetiva, indicada, em Cunha (2014), como uma das características do “bom professor”. Libâneo (2003) assim elucida a integração da afetividade na docência:

---

<sup>84</sup> Segundo o autor, o conceito de escola e de prática pluridisciplinar representa uma justaposição das disciplinas sem integração entre elas. Nessa perspectiva, não se consideram as diferentes formas pelas quais os alunos aprendem, já que o ensino das áreas organiza-se de modo lógico, estanque, fechado e fragmentado, com horários rigorosos (LIBÂNEO, 2003).

<sup>85</sup> O conceito de escola e de prática interdisciplinar assenta-se na ideia de superação de um ensino fragmentado e compartimentalizado por meio da “[...] interação entre duas ou mais disciplinas [...]”, o que gera debates e decisões, por múltiplos especialistas, sobre um único tema e problema, com vistas a um melhor entendimento da realidade (LIBÂNEO, 2003, p. 31).

A cultura escolar inclui também a “dimensão afetiva”. A aprendizagem de conceitos, habilidades e valores envolve sentimentos, emoções, ligadas às relações familiares, escolares e aos outros ambientes em que os alunos vivem. Proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa supõe da parte do professor conhecer e compreender motivações, interesses, necessidades de alunos diferentes entre si, capacidade de comunicação com o mundo do outro, sensibilidade para situar a relação docente no contexto físico, social e cultural do aluno. (LIBÂNEO, 2003, p. 44, grifo nosso).

Igualmente, as “novas atitudes docentes” de Libâneo (2003) apresentam reflexões sobre um perfil docente que atenda às reivindicações da educação no cenário contemporâneo. Manteiga e Lima (2004) também consideram o afeto na relação professor-aluno como uma das características que podem contribuir ou não para as práticas desenvolvidas. As autoras afirmam que a afetividade marcante dificultou, em alguns momentos, a adoção de uma postura mais ativa e rígida para com os alunos pela professora participante da pesquisa.

Segundo Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008), a valorização da afetividade também é evidente (na perspectiva dos professores), entre outros elementos valorados por eles - trabalho, características pessoais, disposição e a natureza social do saber docente.

A dimensão afetiva é apontada por Betti e Mizukami (1997) como um dos pontos extrínsecos à pessoa e que pode ser referência para os futuros professores de Educação Física. As autoras conjecturaram possibilidades investigativas com uma docente aposentada, no intento de estudar como seus saberes, relativos à profissão, foram construídos. Apresentam pontos intrínsecos e extrínsecos à pessoa da participante da pesquisa e afirmam a necessidade de debater esses pontos na formação profissional em Educação Física.

Os pontos intrínsecos referem-se à opção pela docência, à dimensão afetiva, à experiência como formadora da pessoa enquanto profissional, ao ânimo para criação, tentativas e experimentação de processos de ensino, ao professor como aquele que move o processo de aprendizagem e ao ânimo para a manutenção de boas relações no contexto escolar e ao compromisso político com a profissão (BETTI; MIZUKAMI, 1997). Para as autoras, esses pontos devem ser explicitados desde a formação inicial. Já os pontos extrínsecos referem-se ao padrão profissional selecionado pelo professor, normalmente, ainda criança, às trocas entre os professores da mesma área e de outras áreas, à formação contínua; e à capacidade de trabalhar com base em uma perspectiva interdisciplinar (BETTI; MIZUKAMI, 1997).

Assim, entendemos a dimensão afetiva como um dos saberes contruídos nas histórias de vida dos professores, bem como sinalizamos para a necessidade de reflexão sobre a afetividade - corroborando Freire (2002) afirmamos que não se trata de qualquer afetividade - no intuito de contribuir, também, para o processo de construção na formação inicial e continuada do professor de Educação Física e para o delineamento desse processo.

Nas narrativas da professora Dinalva Aparecida, também foi possível identificar influências provenientes da convivência com os avós maternos e tios, além do respectivo apoio incondicional, das dificuldades iniciais enfrentadas pela mãe após o falecimento do pai, da ótima relação com a irmã e com o padrasto (chamado por ela de “pai” ao longo das entrevistas), da vivência musical nos momentos de lazer, do bom relacionamento dos avós e dos tios com a comunidade, entre outros acontecimentos.

De acordo com Dinalva, as dificuldades iniciais vivenciadas pela mãe poderiam ser minimizadas se ela tivesse estudado. Porém, a proibição dos avós não contribuiu para tal acontecimento. O fato de ter aprendido a escrever o próprio nome (para, posteriormente, assiná-lo em seu casamento) com um dos irmãos, representa, para a mãe de Dinalva, a função social dessa escrita para as mulheres da época.

A valorização das narrativas sobre os avós maternos justifica-se em razão da importância que Dinalva lhes atribuiu, uma vez que conviveu com eles e os considera como pais. Dentre os acontecimentos relatados pelas professoras Romilda e Dinalva, a perda do pai desde a mais tenra idade (aos quatro e aos dois anos, respectivamente) foi vivenciada por ambas.

Os excertos, a seguir, ilustram esses acontecimentos: “[...] minha mãe ficou viúva com sete filhos e depois ainda assumiu mais três sobrinhos [...] e ... eu sei que minha mãe lutou para ... para cuidar da gente [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015); “[...] eu tive assim ... uma vida muito [professora se emociona neste momento] ... eu sou meio chorona [...] assim ... meio ‘truncada’ um pouquinho ... porque eu perdi o pai muito cedo” (PARDO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

Diferentemente do objetivo deste estudo e comprometida intelectualmente “[...] com a abordagem biográfica da formação do sujeito”, Josso (2004, p. 20) visou apresentar, além de elementos para reflexão, seu próprio entendimento sobre a formação e o lugar ocupado, também na formação, pelas experiências nas quais as identidades e subjetividades desenvolvem-se e modificam-se.

A autora alega que essa perspectiva biográfica, na qual o sujeito é “pensado” e a posição do investigador modificada, constituiu-se como um novo paradigma em áreas

diversas a partir da década de 1980. Assim, “[...] as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria” (JOSSO, 2004, p. 31).

Segundo a autora, para serem avaliadas como formadoras, as experiências mencionadas por ela carecem ser discutidas com base no ponto de vista da aprendizagem. Tais experiências caracterizam determinadas subjetividades e identidades por meio de condutas, juízos, sensações, “saber-fazer”, entre outras representações (JOSSO, 2004). Em face dessas reflexões, a autora faz a seguinte distinção:

Proponho, pois, considerar o que designamos comumente por “experiências” como vivências particulares. Nos meus cursos tentei estabelecer esta distinção que acabou por fazer mais ou menos o seguinte percurso: vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o “status” de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (JOSSO, 2004, p. 48, grifo da autora).

Com base nessa distinção, Josso (2004) apresenta reflexões que consideram as experiências individuais como produtoras de saberes em diálogo com a elaboração das “experiências formadoras” (relatadas por registros - psicológicos, culturais, sociológicos, políticos, econômicos etc. - que, quando trabalhados em conjunto, podem<sup>86</sup> designar plenamente uma experiência). No entanto, a autora também escreve sobre “[...] experiência ‘truncada’, quando interrompida por algum acidente; ou de experiência inacabada, como se diz de um trabalho artístico que se julga não ter sido levado até ao fim” (JOSSO, 2004, p. 50, grifo nosso). Grifamos a expressão “truncada” porque observamos que a autora fundamenta nossa compreensão sobre como as professoras Romilda e Dinalva referiram-se às suas perdas.

As narrativas dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida referentes, respectivamente, a intensidade na relação com o pai, com a mãe (incluindo, nos dois primeiros casos, o hábito de se ouvir rádio) e com os avós maternos, entre outros elementos, revelam as primeiras aprendizagens e os primeiros entendimentos sobre suas próprias vidas. De acordo com Josso (2004, p. 43), “os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”.

Observamos, ainda, nos relatos dos professores, a natureza de algumas práticas vivenciadas em suas trajetórias extraescolares desde a mais tenra idade, como, por exemplo, futebol, cambalhota, acrobacia, passa-anel, garrafão, pega-pega, cantigas de roda, queimada,

---

<sup>86</sup> É válido dizer que a autora se questiona a esse respeito.

telefone sem fio, pé de lata, balança-caixão, jogo do mico, amarelinha, esconde-esconde, pular corda, atividades religiosas e escolares, entre outras. Notamos, também, a recorrência das seguintes atividades: ouvir rádio e as vivências com basquetebol, música e dança no contexto familiar, social e escolar. Assim, torna-se possível perceber a aprendizagem de práticas corporais por meio dessas atividades e apreender o tipo de criança que era formada nesse contexto.

De acordo com Daolio (2009), as pesquisas com os professores devem considerar suas histórias de vida. Dentre as reflexões do autor, citamos, neste tópico, as seguintes questões: “Que tipo de crianças foram? Como brincavam?” (DAOLIO, 2009, p. 18).

Além das práticas supracitadas, nas narrativas de Dinalva, por exemplo, notamos a realização de tarefas diversificadas nas fazendas com o padrasto. Os saberes provenientes dessas atividades influenciaram, posteriormente, os saberes necessários ao exercício profissional de secretária na Escola Estadual “Plínio Ferraz”, em Bauru, durante o período em que cursava Educação Física (atuações profissionais da professora).

O relato dessas trajetórias corresponde às reflexões, na introdução deste estudo, sobre a importância de se realizar pesquisas sobre os saberes e suas influências, uma vez que esses saberes pertencem a diferentes momentos e contextos das histórias de vida dos professores participantes.

As narrativas dos professores contêm elementos das influências familiares e elucidam o processo de ocorrência dessas influências (TARDIF, 2008), bem como dialogam com diversas reflexões sobre as contribuições das histórias de vida (AMORIM FILHO; RAMOS, 2010; BETTI; MIZUKAMI, 1997; DAOLIO, 2009; GOODSON, 1995; MONTEIRO, 2006; NÓVOA, 1995) e ilustra como os saberes foram construídos e utilizados posteriormente no exercício da docência pelos professores aposentados.

Os elementos identificados nas histórias de vida também indicam influências sociais e políticas da época. Esses elementos compõem a formação pessoal e profissional dos professores e igualmente explicam como aconteceram esses processos por meio de suas trajetórias extraescolares (sintetizadas no próximo tópico) e das demais trajetórias e atuações, as quais estão explicitadas nos capítulos seguintes.

### **3.5 Síntese das trajetórias extraescolares dos professores**

O Quadro 5, a seguir, apresenta uma síntese das trajetórias extraescolares da vida dos professores de Educação Física Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva

Aparecida. Construimos o quadro com base em frases-chave que caracterizaram essas trajetórias dos participantes. Realizamos esse exercício com todas as trajetórias nos capítulos subsequentes.

**Quadro 5:** Síntese das trajetórias extraescolares dos professores.

QUESTÕES	ANTÔNIO CARLOS	ROMILDA AUGUSTA	DINALVA APARECIDA
<b>Caracterização da origem, cultura familiar e do contexto histórico-político-social</b>	Nascido em Bernardino de Campos (1947). Zelo da mãe para com os filhos. Realização de diversas atividades pelo pai (alfaiate, vereador, presidente da Câmara Municipal e do clube e mediador de conflitos) e suas respectivas influências no contexto familiar e social. Conhecimento do contexto político-social provenientes do convívio com o pai.	Nascida em Piratininga (1948). Exercício de várias profissões pelo pai (carcereiro, secretário e mediador de conflitos). Conclusão do antigo “primário” pelos pais. Falecimento do pai e dificuldades enfrentadas e administradas pela mãe com os sete filhos e três sobrinhos. Conhecimento do contexto político-social provenientes do convívio com a mãe.	Nascida em Guarantã (1942). Trabalho do pai em uma loja de “secos e molhados”. Falecimento do pai e dificuldades enfrentadas pela mãe, com as duas filhas pequenas, como consequência do fato de não ter estudado. Apoio incondicional dos avós maternos, com os quais residiu até concluir o “primário”. Menção à origem portuguesa e indígena dos avós paternos. Desconhecimento em relação à família do padrasto. Trabalho do padrasto nas funções de escriturário, administrador e fiscal em várias fazendas.
<b>Descrição dos princípios educacionais familiares, das relações socioafetivas, das condições de moradia e de vida</b>	Importância atribuída aos estudos pelos pais, sobretudo a realização do Ensino Superior. Abertura ao diálogo em casa e rigidez quanto aos valores estabelecidos pelo pai. Presença de valores presbiterianos nos princípios educacionais familiares. Formação “forte” e “rígida” no contexto da igreja. Ausência, ao contrário da mãe, de repreensão física pelo pai.	Preocupação da mãe para que todos tivessem uma profissão. Presença da mãe na vida escolar dos filhos. Relação amigável e de colaboração com irmãos, primos e vizinhos e respeito imposto pela mãe. Abertura ao diálogo promovida pela mãe. Religião estabelecida desde sempre pela mãe.	Referências à casa grande dos avós. Exercício da função de barbeiro pelo avô, da atividade de tocar acordeão junto aos tios e consequente intensidade da vida social. Postura rígida do avô e proibição do estudo das filhas. Relação amigável com a irmã, respeito imposto pela mãe, rigidez e amorosidade nas regras impostas pelos avós e tios. Referências aos princípios religiosos. Nascimento do irmão mais novo, fruto do novo casamento da mãe. Menção a “Luiz”, um rapaz que morou com eles como se fosse um irmão.
<b>Descrição dos lugares frequentados, das atividades lúdicas e de lazer e das oportunidades de aprendizagem e realização de atividades</b>	Presença de brincadeiras, jogos e brinquedos realizados com os irmãos e amigos desde a mais tenra idade. Opção pelo Magistério como uma possibilidade da época. Participação em teatros junto com os irmãos, realização de leitura de gibis e	Práticas de jogos, brincadeiras e construção de brinquedos com irmãos, primos e vizinhos. Participação com a mãe, irmãos e primos em atividades diversas (circo, bailes, exposições, escuta de histórias na rádio, passeios no jardim, carnaval, na missa e teatros na igreja, declamação de poesia, em festivais de dança e	Participação em atividades religiosas (cânticos, coroação, rezas) e escolares (recitais, apresentações teatrais, festivais). Mudança de Guarantã para os arredores de Bauru e Piratininga. Viagens de trem para com a irmã, durante as férias escolares, visitar os pais.



	escuta da “Rádio Tupi” junto aos pais, irmãos e amigos.	no coral na escola). Realização de atividades de bordado e crochê promovidas pela mãe.	Auxílio ao padrasto na realização das atividades de escrita nas fazendas. Valorização nostálgica da importância dos estudos no “primário” da época.
<b>Trajétórias iniciais e de maior interesse por práticas corporais</b>	Intensas experiências com o futebol e com a dança. Prática do basquetebol organizada em sua casa e realizada em horários extraescolares com o professor de Educação Física “Sodré” - amigo da família.	Preferência pela cambalhota, entre outras práticas (basquetebol, piraeta, passa-anel, garrafão, pega-pega, cantigas de roda, queimada, pé de lata, carrinho de rolimã, cabo de aço e jogo do mico).	Presenteada com uma bicicleta pela prima “Nadir”. Caracterização da infância como uma fase de muitas brincadeiras, muito amor e inúmeras viagens de trem.
<b>Perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação a essas práticas e participação/envolvimento dos pais e/ou familiares nessas práticas</b>	Presença do pai nos eventos (esportivos ou não). Participação constante da família nos eventos organizados socialmente, apesar da simplicidade e da humildade.	Prática do basquetebol pela mãe no “primário”. Incentivo e participação da mãe nos jogos, brincadeiras e na construção de brinquedos e fantasias. Influência dos pais no gosto por poesia e música.	Presença constante dos avós e tios em razão da ausência de uma figura masculina. Participação da mãe nas festas com confecção de fantasias para as filhas. Práticas de diversas brincadeiras com as primas e os/as colegas de escola (pique, amarelinha, esconde-esconde, pular corda).
<b>Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias</b>	Referências constantes ao pai pela relação vivida. Influências do primo e das tias no início da trajetória profissional em São Paulo. Influências da prática do basquetebol e do professor “Sodré” na opção pela docência em Educação Física. Postura de luta para a construção da própria trajetória e independência com base nos valores transmitidos pelo pai. Ausência de registros em relação a essas trajetórias.	Referência ao pai em razão das atividades exercidas por ele e do ótimo relacionamento social. Referência à mãe pela responsabilidade assumida e profissões exercidas (costureira e servente). Convivência intensa com a mãe até o seu falecimento. Influências das atitudes e valores maternos (rigidez, honestidade, valorização dos estudos, respeito, amizade, cooperação, caridade, posturas corretas, regras de etiqueta e diálogo). Sentimento de admiração pela mãe. Vivência de uma situação marcante na infância relacionada à pedofilia. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 6, 7 e 8).	Marcas da ausência paterna, apesar de todo o amor demonstrado pelos avós, tios e padrasto. Intensidade na relação com os avós maternos. União da mãe com o padrasto e consequente separação entre elas. Sentimento de medo na festa de “Santos Reis” como marca dessa época. Consideração do padrasto como pai. Descrição de um único desentendimento com a irmã. Falecimento da mãe em decorrência de Câncer. Coincidência da sua viuvez precoce com a de sua mãe. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 9 e 10).

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

#### **4. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS ESCOLARES**

Neste capítulo, apresentamos e analisamos o tema sobre os saberes da docência que emergiram da trajetória na vida escolar, correspondente às trajetórias dos professores de Educação Física enquanto alunos na Educação Básica (da atual Educação Infantil ao atual Ensino Médio). Pretendemos estabelecer múltiplas relações entre esses saberes, a formação, o trabalho desenvolvido por eles nas décadas de 1980 e 1990 e os aspectos pessoais.

A opção de Corrêa (2009, p. 14), por exemplo, pela história oral de seis professores de Educação Física fundamentou-se, especialmente, nos “[...] relatos de memória de professores de Educação Física para apreender suas experiências na condição de alunos como forma de aproximação com o passado [...]”.

Com o olhar voltado, prioritariamente, para os professores, a história de vida torna-se um importante recurso, uma vez que o foco desse tipo de estudo são seus pontos de vista e a revelação de aspectos de suas trajetórias pessoais e profissionais que possibilitem compreender melhor os processos concernentes aos seus desenvolvimentos profissionais (GOODSON, 1995; MOITA, 1995; NÓVOA, 1995; PAULILO, 1999; SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Segundo Nóvoa (1995), esse tipo de abordagem situa os professores no meio das discussões educacionais, sobre os problemas das pesquisas e amplia o olhar, pois as práticas de ensino deixam de ser o único foco das investigações, sendo complementadas por apreciações sobre a história de vida e a personalidade do docente. O autor afirma que, gradativamente, as atenções conferidas às histórias de vida e as consequentes mudanças geradas pelo uso desse tipo de abordagem nas pesquisas, “[...] faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (NÓVOA, 1995, p. 18). Além disso, “[...] pelas histórias de vida, pode passar a elaboração de ‘novas’ propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente” (NÓVOA, 1994, p. 25, grifo do autor).

Em conformidade com o autor, Rangel-Betti (1998) alega que o entendimento e o desenvolvimento da profissão pode ser possível mediante a investigação dos conhecimentos da história de vida, da formação e da atuação profissional. Dentre suas considerações, a autora confirmou que a docência também se aprende por meio da experiência, e que a vida do professor influencia a sua atuação profissional.

No propósito de estabelecer as múltiplas relações supracitadas, afirmamos, com base em Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008), que os saberes docentes também procedem do trabalho do professor e, em sua maioria, de ideias já formadas sobre o ensino e a aprendizagem e fundamentadas em sua trajetória escolar.

Os saberes docentes são temporais em razão de serem adquiridos gradualmente, uma vez que o professor aprende a ensinar lecionando (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000). Porém, ao iniciarem a docência, os professores trazem consigo convicções, representações e evidências sobre o ensino e sobre os alunos, provenientes das próprias experiências escolares, pois viveram em ambientes escolares boa parte de suas vidas. Esses saberes prévios sobre o ensino, fundamentados na própria experiência escolar, são intensos e firmes, cruzando o tempo e a formação inicial (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000).

Corroborando os autores, Reali e Reyes (2009, p. 45, grifo das autoras) afirmam que, embora não exerçamos a docência, a longa experiência escolar nos permite apresentar opiniões sobre o ensino e o exercício da profissão: “[...] cada um de nós tem uma ideia do que é ensinar e ser professor a partir dos muitos anos de experiência em salas de aula e em escolas como observadores, ou seja, ‘do outro lado da mesa do professor’”. Para as autoras, as convicções, modos, opiniões e perspectivas que embasam as ações dos professores, estão com eles antes mesmo de ingressarem na formação inicial.

Tancredi (2009, p. 12) também toma como base a hipótese de que a aprendizagem da docência acontece na trajetória de vida do professor e se inicia muito antes da formação inicial, durante a sua “[...] experiência escolar como aluno e também das reflexões que fez ao escolher a docência como profissão”. Em virtude disso, faz uso da expressão “desenvolvimento profissional” - representativa da ideia de processo. Afirma, ainda, que o ensino e a formação devem ser considerados nessa perspectiva, do “desenvolvimento”, uma vez que são construídos no percurso de uma trajetória profissional. Assim, “o professor já nasce inserido em seu cotidiano” (CUNHA, 2014, p. 141).

Para Tancredi (2009), além de a aprendizagem da docência anteceder a formação profissional e continuar ao longo da vida dos professores (na escola, na formação inicial, no ingresso na carreira, na formação continuada, no próprio exercício da profissão etc.), esse processo passa por fases nas quais os professores sentem diferentes necessidades de formação, uma vez que se aprende “[...] a ser professor durante o período que antecede a escolha profissional, quando ainda se é aluno e se constrói uma imagem idealizada do que é ser professor [...]” (TANCREDI, 2009, p. 15). Esse processo de se tornar professor evidencia-

se em diferentes momentos e contextos e “[...] contempla crescimento profissional e também crescimento pessoal” (TANCREDI, 2009, p. 17).

Essa assertiva leva-nos a pensar que o ato de aprender a ensinar é processual, sobre as diversas fontes e naturezas dos saberes docentes e a relação desses saberes com a personalidade/identidade do professor. A trajetória escolar, nesse caso, constitui uma dessas fontes.

Igualmente, subsidiadas pelas ideias de pluralidade e temporalidade dos saberes docentes, em especial pelas trajetórias escolares que cruzam o tempo e a formação profissional docente de modo intenso e firme (TARDIF, 2008) e pelas reflexões já apresentadas na introdução deste e no capítulo anterior (CORRÊA, 2009; CUNHA, 2014; DARIDO, 1995; GOODSON, 1995; MIRANDA; CAPPELLE; MAFRA, 2014; MOITA, 1995; NÓVOA, 1995; RANGEL-BETTI, 1998; REALI; REYES, 2009; TANCREDI, 2009; TARDIF; RAYMOND, 2000), apresentamos e analisamos, neste capítulo, as trajetórias escolares dos professores.

A construção desse tema também se fundamentou na visão do “[...] indivíduo em relação com a história de seu tempo [...]” (GOODSON, 1995, p. 75), nas influências das experiências de vida e do meio sociocultural na composição da pessoa que é o professor, na acepção do seu eu (GOODSON, 1995), bem como na compreensão de Tardif (2008) de que os saberes do professor são provenientes de fontes e tempos diversos de sua trajetória de vida e de profissão.

#### **4.1 Trajetória na vida escolar do professor Antônio Carlos**

Ao iniciar o relato sobre as trajetórias escolares, o professor Antônio Carlos (ANDRADE, 2015) afirmou a constante participação dos pais na sua vida escolar e de seus irmãos, sobretudo na imposição de horário para a realização das tarefas escolares, logo após uma das refeições da família e em momento antecedente às demais atividades.

[...] Sempre muito presente ... obrigando nós antes de sair para a bagunça ... fazer a lição de casa ... só se saía de casa ... depois que fizesse a lição ... não tinha conversa ... não tinha choro ... não tinha manha ... tinha que fazer a lição de casa ... então ... nós estudávamos de manhã ... e ... depois do almoço ... eles já nos colocava para fazer a lição ... e depois ... então ... você estava liberado ... fez a lição de casa ... estava liberado ... eles acompanhavam a gente ... nós nunca demos problemas na escola ... aliás no 1º. ano ... eu passei ... eu ganhei um livro ... chamado “Teo e Tico” ... eu passei em segundo lugar ... do 1º. para o 2º. Ano. (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Antônio Carlos também contou sobre seu comprometimento enquanto aluno de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries (atuais anos iniciais do Ensino Fundamental) na década de 1950, pois obteve as primeiras colocações em todas essas séries com base no “quadro de honra” citado por ele. “[...] Tinha quadro de honra ... tinha a classificação ... eu passei em primeiro lugar ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... é interessante ... eu sempre fui ... um bom aluno ... de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... e ... sofri um impacto violento ... passei apertado” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

O ingresso na 5<sup>a</sup>. série ocorria por meio de um vestibular em razão do número limitado de vagas. Havia cursinho preparatório para esse vestibular. Antônio Carlos não realizou esse cursinho em virtude de seu excelente histórico escolar. Porém, apresentou algumas dificuldades nesse nível de ensino, sobretudo quanto à aprovação de uma série para a outra.

[...] Eu tinha fama ... de passar por Decreto ... porque aconteceu dois fatos interessantes ... para mim ... eu tirei zero em Latim ... todos os meses da 5<sup>a</sup>. série ... zero ... eu não tirava mais que zero ... eu não sabia nada de Latim ... só que eu ia ser reprovado ... em Latim ... porque não dava nem para fazer segunda época ... tiraram o Latim da 5<sup>a</sup>. série e ... passaram para a 6<sup>a</sup>. série ... aí eu fui promovido para a 6<sup>a</sup>. série ... porque era só o Latim que me impedia de ir para frente ... aí na 7<sup>a</sup>. série ... passei na 6<sup>a</sup>. ... foi tranquilo ... na 7<sup>a</sup>. para a 8<sup>a</sup>. série ... é ... eu fiquei em ... História ... era um absurdo ficar em História ... mas fiquei em História ... mas veio na época ... a História passou a ser Estudos Sociais ... então tiraram do currículo ... História ... e passou a ser Estudos Sociais ... e eu fui promovido ... de novo ... então não repeti ... você está entendendo? ... e a fama minha ... que eu era ... o homem do Decreto ... o homem do Decreto ... eu passei ... esse período ... foi o pior período de estudo meu ... porque daí para frente ... quando eu já entrei no Magistério ... aí ninguém mais me segurou! (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Com exceção dessas ocorrências em Latim e em História (considerada por ele como lembranças marcantes), referiu-se, com encanto, à sua trajetória escolar. Recordou-se da vontade de estar sempre na escola, do prazer que sentia ao estar nela, do uniforme azul e branco utilizado na época e da caneca para beber água que carregava junto à cintura. Associou esse encantamento com a escola à inexistência de atividades que os atraíssem e os distraíssem na cidade.

Sobre o modelo de escola da época (décadas de 1950 e 1960) em que foi aluno na Educação Básica, o professor narrou a adoção de uma metodologia tradicional pelos professores, com atitudes de respeito, intimidação e uso de agressão física como castigo para com os alunos. “[...] A primeira e última palavra dentro da sala de aula era do professor [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Em face desse cenário, tinha receio de quem seria o professor na série seguinte. Antônio Carlos considerou os professores desse período conteudistas, o processo de

aprendizagem “repetitivo” (como uma decoreba, uma “reprodução exclusiva”) e, por conseguinte, o processo avaliativo assim se apresentava:

[...] a avaliação era essa ... você não podia mudar uma palavra do que a professora tinha dado ... você tinha que responder daquele jeito ... as perguntas eram assim fechadas em cima do texto ... e ... trata de responder ... e avaliação ... era avaliação ... eu me lembro que nós tínhamos uma avaliação mensal ... todo mês nos tínhamos que fazer uma prova mensal ... que mais tarde ... não muito mais tarde ... passou a ser prova bimestral né? ... mas no começo ... era tudo uma avaliação mensal ... não tinha conversa não! (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Segundo o professor, nesse modelo de escola o aluno aprendia pela escuta atenta da explicação do texto na lousa pelo professor. A compreensão era um processo mais fácil quando havia, por parte do aluno, certa afinidade com a matéria, fato que não aconteceu com ele na disciplina de Latim. Se não entendesse, “[...] já levava zero ... não tinha o que fazer ... outra coisa ... era reprodução pura e exclusiva ... sem mudar uma vírgula “[...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). De 1ª. a 4ª. séries, o foco principal era a alfabetização por meio da cartilha “Caminho Suave”. Após o aluno ser alfabetizado, “[...] o processo já (risos) era prático ... a coisa era prática ... não tinha muito ... é ... em alguns intervalos de professora cansada ... ele levava lá nós para o prático ... brincar um pouquinho ... corria um pouquinho com a molecada e voltava para a sala” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

As brincadeiras aconteciam dessa forma e, nesse período, não havia professor de Educação Física lecionando aulas de 1ª. a 4ª. séries. Nos intervalos citados por Antônio Carlos, a professora generalista conduzia os alunos para a realização dessas atividades (barra-manteiga e queimada, na maioria das vezes), selecionadas e organizadas pelos próprios alunos. De acordo com ele, a professora dividia os alunos em equipes, visando manter certa disciplina. Como os alunos já conheciam essas brincadeiras das ruas, também não havia explicação sobre o modo de brincar.

Descreveu como “amigável” a relação com os colegas nas aulas e também nas brincadeiras de pega-pega e pique-bandeira no pátio da escola. O futebol também era muito vivenciado: “[...] de 1ª. a 4ª. séries era futebol ... futebol ... futebol ... futebol [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Das aulas de Educação Física, especialmente a partir da 5ª. série, o professor considerou que a concepção que embasava as práticas vivenciadas enquanto aluno era puramente técnica. O objetivo, segundo ele, consistia na formação de equipes por meio da escolha dos alunos mais habilidosos para participarem dos jogos e ganharem títulos e taças

para a escola. Assim, o professor de Educação Física bem-sucedido nessa época era aquele que

[...] “levava mais taça para a casa ... mais medalha para a escola ... né?” ... isso era visível ... claramente ... isso não precisava ... era como um médico recém ... o sujeito que estuda para médico tem um estetoscópio pendurado no pescoço ... o professor de Educação Física tinha um apito na boca ... um apito pendurado no pescoço ... era bonito ... os caras disputavam o apito italiano ... o apito da ... do ... mundo inteiro ... você via os caras com o apitinho lá ... olha que apito ... olha que apito ... olha ... sabe? ... como se aquilo desse o “status” para cada um ... claro que era ... era assim que a coisa funcionava [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Durante a Educação Básica, o professor Antônio Carlos também relatou aulas que abordavam os hábitos de higiene e o estudo do corpo humano, embora de forma muito simples e superficial. Contudo, a prática de atividades físicas (jogos, brincadeiras, danças, esportes) na rua, clube e escola, apesar da frequência com que as praticavam, não estava relacionada aos cuidados com o corpo. “[...] Isso aí fazia por lazer ... ninguém tinha muita consciência disso não ... falava um pouco do corpo humano ... quem descobriu o corpo humano ... saber como você é por dentro ... mas em termos de ter uma ... uma doutrina ... de ter uma linha de formação ... mas isso não existia [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Os recursos fornecidos pelo Estado para a escola dessa época eram limitados, com exceção de lousa, giz e apagador. Os mapas eram comprados por alguns pais com melhores condições financeiras, e os livros comprados pelos alunos. Para a organização da biblioteca, a comunidade doava livros. Em virtude dessas condições, o professor declarou que as tarefas propostas pelos professores constituíam-se da realização de pesquisa com os pais e familiares. “[...] Como nós tínhamos uma enciclopédia dentro de casa ... que era meu pai ... então ele atendia a todos os filhos ... e a todos ... o time inteiro lá ... ele respondia para a turma essa pesquisa [...] meu pai foi um homem que morreu com noventa e cinco anos lendo .... muita leitura” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). O hábito de leitura era comum em sua casa, da Bíblia ao jornal, incluindo os momentos informativos ao ouvir a “Rádio Tupi”.

Igualmente, a limitação de recursos abrangia a merenda escolar, que só era fornecida para quem era da “caixa”, ou seja, para quem apresentava “atestado de pobreza”. Além da merenda, essas pessoas tinham direito ao material didático e tratamento dentário. “[...] Tinha um modelo de administração que vinculava o pessoal chamado da ‘caixa’ ... esse pessoal da ‘caixa’ ... ele tinha direito a material didático ... cadernos ... livro ... borracha ... lápis... caneta ... enfim ... todo o material para a escola né? ... dentista gratuito e ... e ... alimentação [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). O pessoal que não se

encaixava nesse modelo (e Antônio Carlos incluía-se nesse grupo) tinha que levar lanche e/ou participar das divisões de lanches realizadas por meio de brincadeiras criativas organizadas pelas próprias crianças. Essas situações ocorreram no período de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries.

O professor acreditava que o fato de ele e seus irmãos não serem considerados da “caixa” estava relacionado à influência de seu pai na cidade, em especial quanto aos aspectos referentes à cultura e à política. Essas influências contribuíram, de acordo com Antônio Carlos, para a formação de uma concepção social de que seu pai era um indivíduo com posses, o que não era verdade.

Ainda nessa fase de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries, a participação em projetos ou eventos acontecia em datas comemorativas, como, por exemplo, Páscoa, Dia do Índio, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, festas de aniversário da escola ou da cidade e desfiles de 21 de abril e 7 de setembro (nos quais sua escola se juntava à outra - na época, outra escola com os demais níveis de ensino). A relação com os atores do contexto escolar da época também foi descrita por Antônio Carlos como “amigável”, em razão de todos serem amigos dos seus pais, e também do bom comportamento que ele e seus irmãos apresentavam enquanto alunos na escola.

O professor citou a intensa prática do futebol nessa fase escolar ao falar de suas preferências em relação às matérias estudadas. Admitiu que somente iniciou, com certa insegurança, um processo de autopercepção quando ingressou no Magistério. Segundo ele, cursar o Magistério era uma “tendência” nessa época, pois os direcionava para a “[...] formação de professor de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries que era bom negócio” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). Além disso, os pais

ADORAVAM ... porque só de passar por ele ... minha mãe fez 4<sup>a</sup>. série ... pô ... isso já era uma conquista para eles enorme ... meu pai e minha mãe tinham só a 4<sup>a</sup> série ... então para eles já era uma conquista ... nossa ... ter meus filhos já fazendo o Magistério ... ser professor ... e ser professor naquela época era uma conversa diferenciada. (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Desse período (1964-1966), o professor Antônio Carlos recordou-se de uma viagem realizada ao Rio de Janeiro como excursão da turma ao final do curso, a qual considerou um evento importante. Anos mais tarde, retornou à cidade com a esposa e alguns amigos para assistir a um jogo de futebol, época em que já morava em São Paulo.

O processo de autopercepção iniciado no Magistério estava diretamente relacionado, segundo Antônio Carlos, aos estágios, à professora “Darli”, à forma como essa



professora conduzia as aulas no curso e às atividades de planejamento de aula e regência nos estágios.

[...] Então nós tínhamos que fazer um plano de aula para fazer o estágio e nós tínhamos que ir lá no “ginásio” ... no grupo ... lá no grupo escolar ... e dar aula ... nós tínhamos que dar aula ... e a turma ficava lá no fundo da classe avaliando ... depois nós comentávamos isso ... isso era um belo desafio de experiência ... a turma da classe ... você ia ... “hoje é você que vai dar aula ... prepara a aula ... vê o que você tem” ... vixe ... preparava do jeito que a época permitia ... e você ia lá na frente da molecada ... a professora estava lá do estágio ... e a professora da classe para manter a disciplina se fosse o caso ... e a gente dava aula [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Antônio Carlos garantiu que essas atividades, além de contribuírem para a descoberta de si, apresentavam-se como um desafio aos futuros professores. Apesar do medo, sentiu prazer em realizá-las, e revelou que esse gosto inicial pela docência tornou-o criativo e o fez crescer. Entretanto, não havia muitas oportunidades em Bernardino de Campos para quem fosse formado no Magistério e/ou no científico. A opção era se mudar para São Paulo, conforme ele fez, junto aos dois irmãos mais velhos, no ano seguinte à formatura (1967). Os irmãos “[...] já foram com emprego garantido ... porque minha tia era diretora ... mas não tinha espaço para três [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). Essas trajetórias profissionais serão aprofundadas nos capítulos seguintes.

Embora tenha mencionado outros docentes nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática como “professores de peso”, de acordo com Antônio Carlos, a professora “Darli” e o professor “Sodré” (já citado no capítulo anterior) igualmente marcaram a sua vida. Contou que foi a professora “Darli” que os

[...] levou à prática ... de um curso até então ... o caminho inteiro só de teoria ... de repente ela só nos colocou né? ... na vitrine ... ali na prática e essa era interessante né? ... porque ... ela foi ... foi ... marcante sim a “Darli” ... não que não tenha tido outros professores importantes na área ... mas foram professores ... bons professores do Magistério ... mas eu acho que a “Darli” foi a responsável [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Para o professor Antônio Carlos, as trajetórias que cruzaram o tempo e fizeram dele a pessoa e o professor que ele foi fundamentam-se na convivência com a família: “ah ... eu acho que a experiência foi o convívio familiar ... não ... o ambiente da minha família ... o que atravessa isso tudo [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Ao se referir a essas influências familiares, descreveu os desentendimentos e, ao mesmo tempo, uma maior proximidade com o irmão mais velho, o qual faleceu em

Ourinhos. Avisado pela cunhada na noite anterior ao falecimento, Antônio Carlos diz que compareceu ao hospital logo pela manhã: “[...] quando o Pedro me viu ... ‘Boy do céu pelo amor de Deus’ ... me chamam de Boy ... ‘Boy do céu pelo amor de Deus me ajuda’ ... eu só abracei ele ... pus ele no meu colo ... depois chegou o médico ... eu dei um beijo nele ... levaram ele para a UTI<sup>87</sup> e ele morreu” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

O professor citou esse fato para ilustrar o quanto ele e esse irmão “Pedro Antônio” eram próximos. Afirmou, com convicção, que os valores e vínculos familiares atravessaram e permaneceram em sua vida.

#### **4.2 Trajetória na vida escolar da professora Romilda Augusta**

A vivência com poesias (ocorrida por meio de declamações em datas comemorativas) e músicas (ocorrida por meio da participação em festivais e corais), também era apreciada, segundo Romilda Augusta (RIBEIRO, 2015), por seus pais. “[...] Na participação de escola ... eu por exemplo ... declamava ... todo mundo ia me chamar para declamar ... porque eu decorava muito” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Contou que a poesia sempre fez parte de sua vida e que, na escola, era “convocada” para declamar. Também dançou em um festival na escola que se ampliou para as cidades vizinhas (Duartina e Agudos). Esse festival foi organizado pela diretora da escola, pois, na época, não havia uma professora de dança.

Relatou que participou intensamente do coral da escola e que tinha uma voz “afinada”. Recordou-se da participação da mãe na vivência com a música e da extraordinária professora do coral que, recentemente, mudou-se de Piratininga para Londrina. “[...] Ela era excelente professora ... nossa ... as músicas ... eu até hoje sei tudo ... eu às vezes cantava para as crianças ... às vezes quando eu estava ensinando eles ... às vezes eles falavam uma palavra ... eu soltava uma música (risos) ... eles gravavam rápido ... sabe? [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015).

Embora tenha relatado a vivência de práticas diversas, a professora também contou que as tarefas escolares, por imposição de sua mãe, sempre tiveram prioridade. Ouvir histórias pelo rádio constituía, segundo ela, uma das principais fontes de apoio para a realização dessas tarefas, porque nem sempre havia revistas para recortar e tampouco televisão. “[...] ‘Foi de um tempo para frente ... que minha mãe conseguiu ter uma televisão ...

---

<sup>87</sup> Unidade de Terapia Intensiva.

então a gente ouvia historinha ... pelo rádio ... e a gente ficava atenta ... e parece que a gente estava ‘vivendo’ a história [...]” (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

A professora acredita que o seu maior desenvolvimento ocorreu na escola, em razão da existência de diversas atividades e oportunidades de aprendizagem. Nesse cenário, mencionou a professora “Lúcia”, de Educação Física, a qual lecionou aulas no “ginásio”:

[...] minha professora de Educação Física no “ginásio” ... a “Dona Lúcia” ... ela era uma pessoa excelente ... ela falava assim ... é ... “garbo”<sup>88</sup> ... minha gente ... garbo” ... ela falava (risos) ... só ... então a gente aprendeu só com ela assim ... porque ela na época ... ela não tinha uma quadra ... a gente fazia Educação Física no barro ... na terra. (RIBEIRO, Entrevista 1, 2015, grifo nosso).

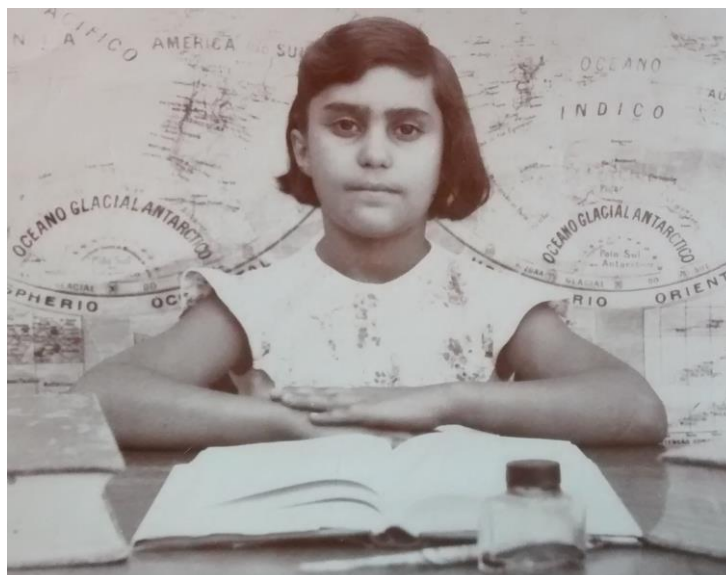
Ao relatar as trajetórias da vida escolar na rede de ensino pública, Romilda citou o início de seu processo de escolarização no “jardim de infância” com a professora “Elza”, em 1955. Confessou que sentia medo de bola e que chorava quando ia para a escola. Acredita que as intervenções de sua mãe, por meio do diálogo, ajudaram-na a enfrentar esses primeiros sentimentos. Nessa fase, as atividades consistiam na realização de desenhos avaliados por ela como rabiscos, ou seja, garatuja<sup>89</sup>. Na sequência, contou sobre a realização do 1º. ao 4º. ano (1956-1959) no Primeiro Grupo Escolar “Coronel Virgílio Rodrigues Alves” de Piratininga (primeira escola mista da cidade) e do diploma recebido, conforme as Figuras 11 e 12 abaixo:

---

<sup>88</sup> “Elegância” (FERREIRA, 2000, p. 342).

<sup>89</sup> “Desenho malfeito” (FERREIRA, 2000, p. 342).

**Figura 11:** Professora Romilda no 2º. Ano, em 1957.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

**Figura 12:** Certificado de conclusão do “primário” em 1959.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

De acordo com a professora Romilda, “mista era masculino e feminino ... teve uma época que separava ... os meninos das meninas ... e essa época era escola mista [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Segundo a professora, em 1950, o Grupo Escolar passou a ser o “Ginásio Estadual de Piratininga” e, posteriormente, a Escola Estadual Professor Eduardo Velho Filho. Também se referiu à aprovação obtida no 5º. ano e ao certificado recebido, em 1960, pela conclusão do “primário”. A Figura 13 retrata a professora nesse período.

**Figura 13:** Professora Romilda ao final do “primário”, em 1960.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Após o término e aprovação no 5º. ano, iniciou a 1ª. série “ginasial”: “[...] aquela época ... antes de você fazer o ginásial ... você fazia o 5º. ano [...] então eu terminei o 4º. ano ... daí eu fui para o 5º. [...] daí que eu comecei ... 1ª. série ginasial ... 2ª. série ginasial ... 3ª. série ... 4ª. série” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Descreveu o “primário”, realizado em uma mesma unidade escolar, por meio das duas salas de aula que funcionavam em prédio separado do Grupo Escolar, e dos materiais adaptados pela professora “Eunice” do 1º. ano, a qual era muito rígida: “você não podia olhar dos lados ... que vinha um apagador voando ... uma vez eu agachei ... pegou na detrás (risos)” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Essa professora castigava os meninos colocando fitas em suas cabeças para ridicularizá-los. O castigo das meninas era ajoelhar no chão sobre grãos de milho. As crianças eram sempre posicionadas atrás da porta da sala de aula nesses momentos. Em relação ao ensino dessa época, afirmou que era muito “abstrato” e que acontecia por meio de aulas expositivas. Citou a cartilha e o processo de silabação:

[...] você lia a cartilha do tatu ... “eu vejo um tatu ... o tatu ... tatá” ... daí depois vinha da bacia ... “aqui está uma bacia ... bacia ... babá ... tabá” ... porque você já tinha aprendido tá ... tatu ... daí você ia aprender o bá da bacia [...] depois vinha o cavalo ... “Donato tem” ... é até o nome do meu marido ... “Donato tem um cavalo ... o cavalo de Donato é bonito” ... daí vinha ... “tá ... bá” ... não ... é ... “cá .. bá ... é ... cá” ... daí ... ia assim ... as sílabas ... né? ... essa parte silábica. (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Romilda garantiu que sua mãe sempre esteve presente na vida escolar dos filhos e dos sobrinhos, mediante a participação em atividades (reuniões e festas) organizadas pela escola. Quando a mãe não podia comparecer, a irmã mais velha a representava, especialmente nos eventos nos quais Romilda declamava poesias. Reiterou os valores transmitidos pela mãe, sobretudo de respeito para com os professores. No entanto, admitiu a falta de reciprocidade na relação professor-aluno:

[...] tinha professor que não respeitava a gente não ... porque era ... não ... olha ... tinha tanto medo [...] elas eram muito ... assim ... elas impunham ... sabe? ... tinha “status” né? ... a professora era tudo né? ... então a gente ... procurava fazer certo ... só que não podia ... tinha que ficar ... imobilizado ... você só prestava atenção ... na lousa ... se você virasse a cabeça assim [mostra] ... vinha apagador (risos) ... mas isso foi só nesse 1º. ano [...] (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Nas carteiras duplas durante o 1º. ano, a professora “Eunice” colocava vidros com tinta nanquim para serem usadas com as canetas de penas. De acordo com Romilda, o sentimento de medo surgia durante o uso dessa tinta, que deveria ser colocada em um pequeno orifício na carteira. “[...] Só que você ficava tremendo ... de tanto medo do professor ... que se acabava tremendo ... e a carteira balançava! (risos)” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Já no 2º. ano, Romilda revelou o encanto pela professora “Nair” e do ótimo relacionamento desenvolvido com a turma, apesar de o método de ensino continuar sendo tradicional: “[...] era também num ... no ‘be-a-bá’ ... que a gente falava ... ‘ah ... o abecedário’ ... é ... com cartilha ... tudo assim” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Porém, o relacionamento com os alunos diferenciava-se muito, segundo ela, em comparação com a professora do 1º. ano. O encanto de Romilda revela-se por meio das palavras utilizadas pela professora “Nair” para se referir ao alunos: “doçura” e “fofura”. “[...] A gente guarda ... grava isso aí dentro da gente ... na idade ... que a gente estava [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Na época, os recursos da escola eram limitados e, além da tradicional lousa, giz e apagador, Romilda citou os livros de contos de fada que emprestava para ler em casa, em razão do seu gosto por histórias, e um quadro com gravuras utilizado pela professora na produção de histórias.

A avaliação era realizada por meio de provas com valores de zero a dez sobre o conteúdo trabalhado nas aulas. Ao citar essa prática avaliativa vivenciada enquanto aluna, a professora alegou ter refletido sobre a avaliação quando ingressou na docência.

[...] Quando eu comecei dar aula ... daí eu vi muitas falhas ... assim ... por exemplo ... tem aluno que você dá questionário ... vamos supor ... você dá dez perguntas no

questionário ... ele pode não saber aquelas dez ... mas pode saber as outras dez ... entendeu? ... que eu fazia então ... então eu dava ... eu dava as perguntas ... dava assim ... eu comecei a fazer um roteiro ... e daí eu fazia um questionário com cinquenta perguntas ... e dava assim ... para eles estudarem ... é ... para ver né? ... e daí conforme eles iam fazendo ... eu via que eles estavam ... assim ... aptos ... porque um não sabe alguma coisa mas sabe a outra ... o outro sabe outra ... sabe? ... então ... não era ... a avaliação era ... eu acho que é um geral ... daí às vezes eu fazia pergunta oral ... e eles respondiam ... sabe? ... mas como que ele sabe falar oralmente ... e não passa ... no ... na escrita? [...] então ... eu ... eu ... mudei o jeito de lidar ... com a aula ... e acho que com isso ... consegui coisas com eles [...] (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

A professora Romilda alegou ter desenvolvido boas relações e nunca ter se envolvido em conflitos durante sua trajetória escolar. Avalia esse comportamento como resultado da educação rígida transmitida por sua mãe, do medo que sentia e por viverem de forma humilde. “[...] Minha mãe falava ... ‘se vier reclamação ... aqui em casa você apanha’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Contou sobre as situações humilhantes vividas na época, citou a cartilha no 1º. ano do “primário”, a apostila a partir do 2º. ano com atividades e tarefas (questionários utilizados posteriormente nas avaliações). “[...] Eles usavam ... as mesmas perguntas ... que colocavam ... que tinham no ... no ... no livrinho ... lá na apostilinha” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Durante a realização do “primário” por Romilda Augusta, também não havia professor de Educação Física lecionando nesse nível de ensino. Assim, muitas brincadeiras aconteciam, segundo a professora, nos momentos de intervalo e sem a supervisão docente.

Sempre estudou na mesma cidade durante a Educação Básica, porém, com algumas mudanças de prédios e de unidades escolares. Afirmou que, no “ginásio”, as aulas novamente eram expositivas, desenvolvidas por meio da oralidade. Contudo, mencionou a excelência do professor de Língua Portuguesa e as estratégias adotadas por ele (teatros, exposições, músicas, livros etc.), bem como a sua dificuldade na locução da palavra “aflito” e a realização da cirurgia das amígdalas. “[...] Ele era muito bom professor assim para explicar o Português [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Romilda acredita que as estratégias adotadas por esse professor contribuíram para o seu processo de desinibição.

O professor de Ciências também foi caracterizado por ela como um bom professor pela forma como lecionava. Conforme Romilda, apesar da aula expositiva, o professor recorria à música como estratégia para os alunos aprenderem, por exemplo, fórmulas e nomes científicos.

Com exceção dessas ocorrências, admitiu dificuldades em Matemática e Geografia em razão dos métodos de ensino utilizados pelos respectivos professores. Em Geografia, suas dificuldades consistiram em entender a estruturação do conteúdo em temas e

subtemas - registrados na lousa pela professora mediante um “quadro sinóptico”<sup>90</sup>. Em Matemática, apenas citou o professor “Isac”, sua rigidez e dificuldades de ensino (apesar de considerá-lo um bom professor). Esse professor foi substituído, logo na 2ª. série do “ginásio”, por um professor mais jovem que dizia gostar de Romilda e que ministrava suas aulas de forma muito divertida, mas pouco comprometida.

As professoras de Economia Doméstica (“Rute” e “Criseida”) e as noções de economia (como fazer uso dos alimentos, dos materiais escolares, realização de atividades de bordado, desfiar tecidos e fazer pontos diferentes etc.) - igualmente aprendidas em Arte - e Educação Moral e Cívica também foram citadas por ela. Avalia a importância desses estudos e lamenta o fato de essas matérias não fazerem mais parte da grade curricular, em particular no período em que exerceu a docência, conforme ilustra, a seguir, o fragmento de sua narrativa:

[...] Educação Moral e Cívica ... que era importante ... tiraram ... porque depois ... eu acho assim ... que toda a lição da moral ... o aluno fica atento ... na moral da história ... depois eu fui fazer um curso ... o professor falou que não era mais para dar ... assim ... histórias com moral [...] quando eu já estava dando aula ... um curso que eu fiz [...] daí eu falo assim ... “olha Educação Moral e Cívica ... o aluno aprendia a [...] civilidade né? ... ali dentro né?” ... e depois tiraram isso aí ... virou uma bagunça ... tudo eles acham ... que tem direito de tudo ... não tem dever ... sabe? [...] eu acho que tem muita disciplina ... que devia ter ainda dentro da sala de aula ... porque eu acho que a gente aprendeu ... a gente aprende muito com lição de moral dentro das histórias ... de moral ... eu acho que era importante [...] (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Durante essa trajetória escolar, a professora também confessou ter sido humilhada por ser filha da servente, pelas roupas bonitas que usava (confeccionadas pela própria mãe) e pela permissão para comemorar o aniversário de quinze anos na escola em virtude da boa relação entre a mãe e a diretora “Sofia”. Nessa época, não havia clubes na cidade e o baile de debutantes era realizado na escola. Aliás, “TUDO era feito na escola [...] não tinha outro espaço ... então dava tudo certo ali dentro [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Do mesmo modo, participou de diversas atividades na escola nesse período. Em virtude de sua voz aguda, foi escolhida para cantar no coral da escola.

[...] Inclusive eu cantava o Uirapuru ... e a professora colocou eu para fazer o solo da ... da ... música ... porque era em várias vozes ... e tinha a voz ... que tinha que cantar um pedacinho ... é ... só uma pessoa que cantava ... daí ela colocou eu ... porque tinha voz aguda ... então ... hoje eu sou afônica ... eu era ... eu tinha a voz superaguda ... e ... então ... então ... essas atividades a gente se dava bem ... com os

<sup>90</sup> “Relativo a sinopse” (FERREIRA, 2000, p. 638).



professores também ... tinha medo ... assim ... do seu jeito ... se o professor olhasse assim ... a gente já sabia [...] (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

Sobre o seu desempenho escolar, admitiu não ter sido uma aluna “excelente”. Suas notas variavam muito, e sua maior dificuldade foi em Matemática, superada, no último ano do “ginásio”, com a ajuda do irmão mais velho, “João Roberto”, para a realização de segunda época<sup>91</sup>. Em História, Romilda também revelou dificuldades e a realização de segunda época com provas escrita e oral, porém, não no mesmo ano da Matemática, pois queria escrever com suas próprias palavras, fato que não era permitido pelo professor “José Gori”. Em virtude dessa situação, garantiu que decorou o livro de História, pois “tinha que escrever igual estava no livro” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Para ela, seu baixo desempenho em algumas matérias, as humilhações sofridas na escola e sua tentativa de “colar” em uma prova de Geografia são consideradas situações marcantes e de insucesso.

Suas matérias preferidas eram Música, Arte e Educação Física, nas quais sempre se considerou boa aluna. A professora “Vera” era quem lecionava as aulas de Música: “[...] tinha a hora do coral [...] ela vinha mais cedo ... daí quem participava do coral ... treinava das ... do meio dia até uma hora” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Essas aulas aconteciam em horário separado das demais matérias e eram muito apreciadas por Romilda, que disse ainda possuir o caderno com o registro de todas as músicas aprendidas com a professora “Vera”.

Relatou que estudavam apenas o método francês<sup>92</sup> e a queimada nas aulas de Educação Física no “ginásio”, em razão do espaço limitado para as práticas dessa matéria. Contou que se destacou na ginástica (a pedido da professora, demonstrava os movimentos para as colegas) e na queimada. De acordo com Romilda, o sucesso no jogo sempre lhe permitia escolher as integrantes de sua equipe. Além disso, garantiu: “[...] ‘todo mundo queria ir para o meu time’” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Essas aulas aconteciam na terra, em horário diverso do das demais aulas e com separação por sexo. O professor “Eloil” lecionava para os meninos, e a professora “Lúcia”, para as meninas. Lembrou-se das noções de lateralidade, posições, exercícios e exames biométricos realizados ao longo das três aulas de Educação Física semanais, as quais analisa, enquanto aluna, como situações de sucesso, bem como os momentos nas aulas de Música e Arte. O uniforme escolar era composto por short vermelho, saia e blusa brancas no

<sup>91</sup> “[...] Aquela época tinha ... segunda época ... se você ficava na primeira época ... você tinha que fazer em janeiro ... segunda época” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

<sup>92</sup> Ênfase no treinamento do corpo para o cumprimento dos deveres patrióticos (GHIRALDELLI JR., 1997). Segundo Corrêa (2009, p. 63), o método francês, “[...] adentrou no Brasil por ocasião da chegada da Missão Militar Francesa ao país instituído nas unidades do exército em 1931 e, ainda, na década de 1930, foi adotado no contexto escolar como método oficial de ensino da Educação Física”.

“primário”, e saia e gravata azuis e blusa branca no “ginásio”. A vestimenta composta por short vermelho, saia e blusa brancas também foi utilizada como uniforme nas aulas de Educação Física no “ginásio”, conforme a Figura 14.

**Figura 14:** Professora Romilda em desfile cívico, em 1964.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Como práticas marcantes da Educação Física nessa fase, mencionou as gincanas organizadas pela escola e realizadas no meio da rua, bem como os riscos presentes nessas atividades. De acordo com Romilda, tais riscos fizeram parte, posteriormente, de suas observações e preocupações como professora, sobretudo em relação às condições da quadra de aula e às características das atividades desenvolvidas. Segundo ela, essa postura docente, a qual considera como parte de suas características pessoais, incomodava outros professores.

Das relações vivenciadas, mencionou as paqueras iniciais e o modo como era protegida pelos irmãos mais velhos. Em virtude dessa situação, seu primeiro relacionamento aconteceu somente aos vinte e um anos de idade. Nos bailes que frequentou, acompanhada dos irmãos, assegurou que sempre era convidada para dançar: “[...] não tomava chá de cadeira

não! (risos) [...] não faltava convite ... um largava ... outro pegava (risos)” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Compara essas experiências com acontecimentos atuais e afirma:

[...] os tempos mudaram ... né? ... eu sei ... porque minhas filhas iam ... só que eu sempre falei ... “não sejam maria-vai-com-as-outras ... vocês têm que ter a cabeça de vocês” ... tanto é que elas nunca me deram ... assim ... o menino deu ... porque virou ... para o lado da droga ... né? ... mas ... faleceu né? ... elas não [...] (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Segundo a professora Romilda, o Magistério (1966-1968) foi uma indicação de sua mãe (que se preocupava com o futuro profissional dos filhos e sobrinhos) e uma opção da época, bem como o científico. Em virtude de o curso não ser oferecido em Piratininga, Romilda frequentou o 1º. ano em Duartina, na Escola Estadual “Benedito Gebara”, o 2º. ano em Bauru, no Instituto de Educação “Ernesto Monte<sup>93</sup>” (após aprovação em um “vestibulinho”), e o 3º. e último ano em Piratininga, no Colégio Estadual Escola Normal de Piratininga.

Sua intenção inicial era fazer teatro no Rio de Janeiro, mas as condições financeiras não permitiram e, por isso, acatou a indicação da mãe, que acreditava que a filha seria bem-sucedida na docência. “[...] O que eu gostava mesmo ... era de fazer teatro ... meu sonho era ir para o Rio e entrar numa escola de teatro [...] só que a minha mãe não tinha condições ... né? ... então eu tive que ... optar mesmo pelo Magistério” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Romilda acredita ter correspondido às convicções da mãe, pois afirmou: “[...] não era aquilo que eu achava ... que eu ia ... me dar bem ... e no fim eu me dei bem” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015).

O início do curso em Duartina foi muito difícil em virtude da necessidade de locomoção e, por isso, a professora transferiu-se para Bauru no 2º. ano. Em Duartina, as aulas de Educação Física com a professora “Zuleide” eram semelhantes às aulas do “ginásio”, com exceção da ginástica historiada (contação de história com dramatização) que era desenvolvida no estágio. “[...] Não era Educação Física ... assim ... para você ensinar ... trabalhar com criança ... sabe? [...] não falava assim ... na lateralidade ... espaço-temporal ... não falava nada ... educação espaço-temporal [...]” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015). Não obstante, para Romilda, o professor “Roberto” (de Metodologia) foi referência, pois promovia situações nas quais tinha que expor sobre um tema para as crianças.

Já em Piratininga, citou as boas notas, a afinidade com Filosofia e Psicologia e a apreciação, pelos professores, das aulas que desenvolveu no estágio. O ensino

---

<sup>93</sup> Atual Escola Estadual “Ernesto Monte”, de Bauru.

materializava-se, de acordo com Romilda, por meio de aulas expositivas, reprodução do que era escrito na lousa ou do que se apresentava através do projetor de transparências e de atividades reproduzidas no mimeógrafo. Acredita que o gosto desenvolvido pelo Magistério seja proveniente do modo como os professores lecionavam e por estimularem o exercício da docência. A Figura 15, a seguir, retrata a professora no momento da formatura no curso.

**Figura 15:** Professora Romilda na formatura do Magistério, em 1968.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Também confessou que sempre gostou de crianças e que apreciava ser recepcionada por elas na escola quando chegava para o estágio. Justificou sua opção pelo vestibular em Educação Física como uma forma de dar continuidade a esses acontecimentos.

De acordo com a professora Romilda, houve mudanças em relação à concepção de Educação Física da época. Citou a diversidade de movimentos e de materiais nos dias atuais e a escassez de materiais em sua época de aluna e de ingresso na docência. Retratou como amiga a professora de Educação Física dessa época e afirmou que o bom relacionamento entre elas (professora-alunas) resultou mais de seu gosto pelas práticas promovidas do que pelas suas habilidades físicas. Igualmente, mencionou a constante exigência de postura correta pela professora “Lúcia” e a amizade com os alunos como saberes que levou para a sua vida profissional.

### 4.3 Trajetória na vida escolar da professora Dinalva Aparecida

Em suas narrativas, Dinalva Aparecida (PARDO, 2015) também admitiu não ter vivenciado aulas de Educação Física com professor especialista de 1<sup>a.</sup> a 4<sup>a.</sup> séries: “[...] não tinha professor de Educação Física [...] a gente brincava no recreio [...] era brincadeira livre [...] como eu contei para você que eu brincava lá no jardim [...] às vezes o professor até ... da classe [...] fazia alguma gincana [...] de pular dentro do saco” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

Na caracterização do início do seu processo de escolarização, relatou o gosto permanente pelos estudos e a vontade de se formar profissionalmente como professora. Em Guarantã, onde cursou o “primário” (1950-1953) enquanto morava com os avós maternos, ingressou na escola com mais de sete anos de idade em razão de seu aniversário ser no mês de setembro: “[...] você tinha que ter ... fazer ... aniversário ... sete anos ... até junho ... ser de junho ... julho para lá ... se ... você não entrava” (PARDO, Entrevista 2, 2015). Estudou de 1<sup>a.</sup> a 4<sup>a.</sup> séries na mesma escola e, para os padrões da época, acredita ter se saído muito bem, em virtude de sua dedicação e da ajuda da prima “Nadir”, que também residia na casa dos avós.

Quando cursou o 5<sup>o.</sup> ano, com preparatório para realização de um “vestibulinho” para ingresso no “ginásio” na Escola Estadual Professor “Eduardo Velho Filho”, em Piratininga, afirmou que já estava mais velha. “[...] Já tinha ... tinha ficado em casa um tempo ... né? ... então eu já tinha uns treze anos” (PARDO, Entrevista 2, 2015). A mudança dos pais<sup>94</sup> para uma fazenda próxima à cidade estava diretamente relacionada, segundo ela, à retomada e preservação da continuidade dos seus estudos. Com base em suas narrativas, ao iniciar o convívio com os pais nas fazendas, afirmou ter permanecido sem estudar por um período de, aproximadamente, dois anos. O 5<sup>o.</sup> ano foi realizado na atual Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) “Neusa Franzolin Fernandes”, de Piratininga.

Foi como eu contei para você ... naquela escola assobradada ali perto da ... da Santa Casa ... fiz o 5<sup>o.</sup> ano ... e tinha preparatória ... é um tipo de preparatório ... e você tinha que fazer um vestibular para entrar na 5<sup>a.</sup> série ... então eu precisei fazer ... daí de 5<sup>a.</sup> a 8<sup>a.</sup> era lá em cima no [...] no Eduardo<sup>95</sup> [...] (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Da trajetória no “ginásio” (1957-1960), Dinalva citou a quantidade de matérias estudadas (Latim, Francês, Português, Inglês e Ciências a partir da 7<sup>a.</sup> série, História etc.) e as diversas atividades realizadas (trabalhos manuais, atividades de oratória, festas juninas, bailes

<sup>94</sup> Referiu-se à mãe e ao padrasto.

<sup>95</sup> Referiu-se à Escola Estadual Professor “Eduardo Velho Filho”, de Piratininga.

etc.). A professora fez a seguinte análise desse período: “[...] foi uma experiência muito boa ... eu sempre gostei muito ... eu fui do tempo de ... de ter Latim ... quando eu sai da 8<sup>a</sup>. série ... o Latim saiu junto comigo ... não repeti nenhum ano ... não era uma das primeiras alunas ... eu também já tinha mais idade ... né?” (PARDO, Entrevista 2, 2015). A Figura 16, a seguir, representa o encerramento desse período escolar.

**Figura 16:** Professora Dinalva em sua formatura de 8<sup>a</sup>. série.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Recordou-se, encantada, da falecida professora de Latim (matéria estudada durante as quatro séries de “ginásio”); da afinidade com a realização de trabalhos manuais (em razão dessa afinidade, citou o exercício do ofício pela filha, a qual tem uma loja de artesanato); da facilidade em Francês, Português e História (por ser tudo “decoreba”); das avaliações escritas e orais; das dificuldades em Inglês e do auxílio que prestava ao professor (pastor de uma igreja presbiteriana de Bauru), em virtude de sua “letra pedagógica”; da constante disposição e participação nos eventos da escola (conforme ilustra a Figura 17, que apresenta a professora em desfile comemorativo do aniversário de Piratininga); da amizade entre seu padrasto e o professor de Francês que frequentava a fazenda onde Dinalva residia e que a paquerava, embora não fosse correspondido; da apreciação de todas as matérias e atividades desenvolvidas na escola; das atividades realizadas em laboratório nas aulas de

Ciências e da amizade com os professores que, de acordo com ela, atravessou o tempo e a distância.

**Figura 17:** Professora Dinalva em desfile cívico, em 1959.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Na Educação Física, a professora Dinalva afirmou ter se destacado por sua facilidade em fazer demonstrações de exercícios e, junto às professoras, produzi-los sequencialmente para apresentações nas festas escolares. “[...] Eu era muito de ... de fazer ... por exemplo na época junina uma dança ou a quadrilha ... eu que ... que era coordenadora ... eu que ficava falando ... ‘vai isso ... aquele’ ... então eles ... elas ficavam assistindo ... os professores [...]” (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Acredita que essa facilidade contribuiu para direcioná-la, posteriormente, ao curso de Educação Física.

De acordo com Dinalva, as aulas de Educação Física que vivenciou nessa fase de sua vida escolar também eram desenvolvidas com separação entre meninos e meninas, e em horário diverso do das outras aulas. Assim, as aulas de Educação Física aconteciam, de acordo com ela, no período da manhã, e o funcionamento regular da escola iniciava-se às doze horas e trinta minutos. “Não foi como eu lecionei ... menino e menina junto não ... era só ...

professora dava aula para as meninas ... e professor dava para os meninos” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

Para a professora, essas aulas eram desenvolvidas sob uma perspectiva mais de ludicidade do que de treinamento. Conforme Dinalva, as atividades realizadas nas aulas eram diversificadas, porém, a queimada era a preferida da turma. Nessa atividade, os professores de Educação Física organizavam os times com meninos e meninas. Dinalva admitiu que sentia medo ao jogar por causa das “boladas” em razão da força empregada nos movimentos realizados, bem como que algumas meninas recusavam-se a participar da queimada.

Já no curso de Magistério, alegou não ter vivenciado nenhuma prática de Educação Física (tampouco Metodologia do Ensino da Educação Física) e acredita que isso esteja relacionado ao fato de o curso ser oferecido no período noturno. Em razão dos perfis dos cursistas (a maioria já trabalhava na época), relatou, ainda, a inexistência de práticas marcantes, como a realização de eventos festivos: “[...] por incrível que pareça ... eu acho que o Magistério até foi muito assim interrogação ... a desejar [...]” (PARDO, Entrevista 2, 2015). Durante o curso, Dinalva residiu em Bauru e ainda não exercia nenhuma atividade profissional remunerada.

Segundo Dinalva, foi durante a realização da 5<sup>a</sup>. série que conheceu seu esposo e começaram a namorar. Somente após um ano contou sobre o relacionamento ao seu padrasto, que a aconselhou dizendo que já estava ciente e permitiu o namoro em casa. Casaram-se em Piratininga, após nove anos de namoro. A Figura 18, a seguir, ilustra esse acontecimento.



**Figura 18:** Professora Dinalva em seu casamento, em 1965.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Sua trajetória no “ginásio” é assim resumida: “[...] fui muito de participar em tudo assim [...] não que eu fosse excelente ... não ... mas assim eu fui pronta ... sempre disposta ... sabe? ... o que precisava de mim eu estava pronta ... eu fazia ... gostava de tudo [...] eu gostava muito que eu ia muito bem” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

Convicta de sua opção pela docência, Dinalva, após concluir a 8<sup>a</sup>. série, prestou vestibular para cursar o Magistério no antigo Instituto de Educação “Ernesto Monte”, em Bauru. A professora declarou serem comuns, na época, a procura por esse curso, a oferta mínima em instituições públicas e o número limitado de vagas, as quais eram distribuídas entre Bauru e as cidades vizinhas.

Tinha vestibular para você fazer ... Magistério ... ou ... ou fazer clássico e científico ... aquele tempo tinha ... ou fazia comércio ... escola do Estado ... que a gente era pobre ... não tinha como você pagar ... porque tinha escola particular ... e você podia ... até fazer ... eu não passei ... não ... não só eu ... não passamos em várias ... várias ... aliás não passamos para o Magistério. (PARDO, Entrevista 2, 2015).

A reprovação nesse vestibular direcionou Dinalva para as demais opções<sup>96</sup> existentes na época (clássico, científico, comércio, secretariado, contabilidade etc.), das quais escolheu o curso de Técnico de Secretariado no SENAC. Para tanto, também prestou vestibular, pois o mesmo não era gratuito. Essa escolha estava fundamentada, segundo Dinalva, no fato de esse curso ser oferecido no período da manhã, da preocupação de seus pais e seu esposo (namorado na época), do deslocamento de trem de Piratininga a Bauru e das consequentes dificuldades de se realizar, nessas condições, um curso no período noturno. Durante a realização do secretariado, Dinalva contou que contribuiu para o pagamento das mensalidades com a renda financeira resultante de atividades de bordado. “[...] Fiz três anos de secretariado ... mas a minha ideia era ser professora ... quis sempre de todo jeito ser professora!” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

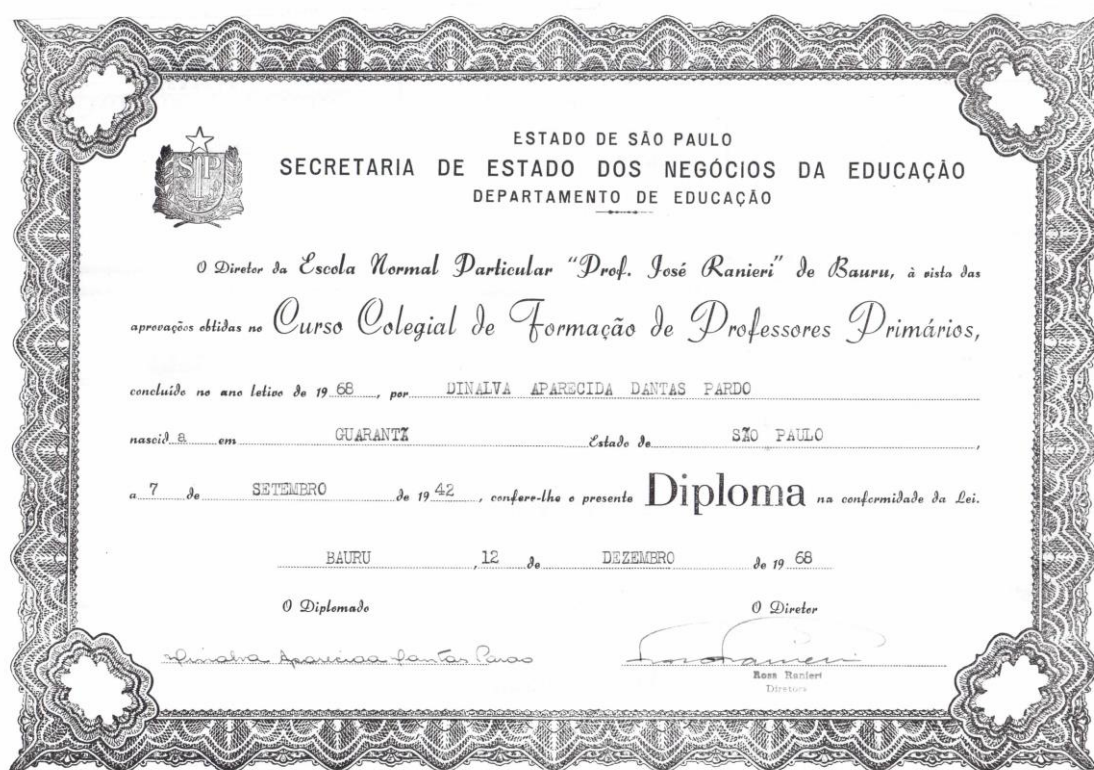
Conforme a professora Dinalva, a ideia de seguir a profissão docente acompanhou-a desde os auxílios prestados ao padraço nas fazendas e aos tios que, graças às suas orientações, prestaram exames para soldado e foram aprovados. No entanto, confessou que, apesar do gosto pela prática esportiva, nessa ideia ainda não se incluía a Educação Física, apenas o exercício da profissão como professora generalista com alunos de 1ª. a 4ª. séries. Justifica a opção pela docência por meio da seguinte narrativa: “[...] então eu sempre quis ser professora ... eu tive ... eu tinha assim ... é ... é ... facilidade para ensinar ... sabe? ... eu pegava assim uma ... uma matéria ... dava uma lida ... eu tinha essa facilidade” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

Após a conclusão do secretariado (cujá aprendizagem de datilografia foi intensa), a professora exerceu, por um pequeno período, atividades referentes a esse curso em um escritório do primo “Dirceu” (filho do tio “João”), em Bauru. Essa atuação, considerada profissional, compõe o sexto capítulo. Nessa época, Dinalva prestou e foi aprovada no vestibular para ingresso no recém-aberto curso de Magistério em Duartina. Na sequência, as Figuras 19 e 20, elucidam a conclusão do curso.

---

<sup>96</sup> De acordo com Dinalva, o clássico e o científico eram equivalentes ao atual Ensino Médio. Os demais cursos eram profissionalizantes.

**Figura 19:** Diploma do curso de Magistério da professora Dinalva (frente).



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

**Figura 20:** Diploma do curso de Magistério da professora Dinalva (verso).

CURSO COLEGIAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

MÉDIAS FINAIS

1.ª série: .....  
19 .....

2.ª série: 8,0  
19 67

3.ª série: 8,9  
19 68

MÉDIA GLOBAL

( 8,4 ) Cito inteiros e quatro décimos  
(por extenso)

DIRETOR  
José Ranieri  
Diretor

INSPETOR REGIONAL  
PROF. JOÃO SIMÕES NETTO  
INSP. REG. EN. INC. E N. INC.

SECRETÁRIO  
Maria Luiza V. Ranieri  
Secretária

Registrado às fls. 92 v. do livro competente, no Estabelecimento de Ensino.

Bauru, 12 de dezembro de 19 68

SECRETÁRIO  
Maria Luiza V. Ranieri  
Secretária

Espaço reservado ao reconhecimento de firmas

Registrado sob n.º .....  
à fls. .... do livro n.º .....  
na seção de Registro de Diplomas, no Departamento de Educação.

São Paulo, ..... de ..... de 19 .....

RESPONSÁVEL

186 de 31 de 1968  
Bauru, 30 de 12 de 1968  
PROF. JOÃO SIMÕES NETTO - Insp. Regional

**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Por ter cursado secretariado, pôde iniciar o Magistério a partir do 2º. ano, conforme o verso do diploma (Figura 20), que comprova a narrativa da professora por meio da ausência da média final e do ano no espaço reservado para a 1ª. série do curso.

Então ... é ... você tinha direito a prestar o vestibular ... se você prestasse e passasse ... você ganhava um ano ... você não precisava fazer o 1º. ano de Magistério ... foi onde eu fiz ... fui uma das primeiras classificadas ... foi lá em Duartina ... eu passei ... eu já estava casada ... eu passei e vim para ... para Bauru ... e fiz o 2º. e 3º. ano de Magistério no “Liceu Noroeste”. (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

As situações vivenciadas na trajetória escolar durante a Educação Básica são consideradas por Dinalva como situações de sucesso, exceto pela reprovação no vestibular realizado para ingresso no Magistério no supracitado Instituto de Educação em Bauru, acontecimento que descreveu como o único fracasso em seu processo de escolarização.

[...] Nessa vez que eu não passei ... eu fiquei decepcionada ... eu chorei ... falei ... “meu Deus queria tanto ser professora ... porque eu já namoro há tempo ... eu já ... é ... é ... certo que eu vou casar ... né? ... vou ter um lar ... então ser professora” ... a gente se encanta em ser professora ... eu tive minhas professoras ... sempre gostei muito delas ... então eu ... eu ... daí foi ... daí eu fiz três anos seguidos de secretariado ... fui muito bem no secretariado também ... fui muito bem ... matéria muito boa ... né? ... eu saí como secretária mesmo [...] (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Sobre as práticas corporais vivenciadas, a professora também mencionou as caminhadas e corridas realizadas da fazenda até a escola em Piratininga e vice-versa, em razão da necessidade de locomoção e das preocupações com o corpo e a alimentação. Relatou a presença das amigas em casa para momentos de estudos nas épocas das avaliações escolares (esses grupos de estudos eram liderados por Dinalva, em virtude de sua facilidade em algumas matérias) e o gosto por brincadeiras, por crianças e pela “facilidade” na atividade de ensinar (o que considera como elementos que contribuíram para sua opção pela docência e pela docência em Educação Física).

Para a professora Dinalva, a concepção de Educação Física em seu período de “ginásio” estava fundamentada na opção dos professores especialistas por práticas de natureza competitiva (atividades esportivas, recreativas e de dança) e na crença de que essas práticas contribuíram para a aprendizagem dos alunos. O desenvolvimento das aulas de Educação Física em período diverso do das demais disciplinas foi assim descrito por ela:

[...] não era como é hoje às vezes é no próprio ... próprio horário de aula normal ... se tem Educação Física você não faz uma aula bem feita ... é ... é ... cansada ... para

depois voltar numa classe ... como que o aluno depois se recupera ... né? ... porque você sabe que uma brincadeira é brincadeira ... né? [...] (PARDO, Entrevista 2, 2015).

A permissão dos docentes e da direção da escola, por meio da concessão das aulas para o planejamento e o desenvolvimento de danças para apresentação em festas e/ou para organização de competições esportivas consiste, na perspectiva de Dinalva, em uma forma de valorização da Educação Física na escola em relação aos dias atuais. Igualmente, acredita que essa valorização da área contribuiu para que ela apreciasse e decidisse pela profissão.

Retratou o professor de Educação Física dessa época como o profissional que se entregava plenamente às suas atribuições, com demonstrações de amor e de preocupação para com os alunos, e não apenas com as atividades propostas e realizadas. “[...] Podia até ser que eles não fossem assim ... tão especialistas em determinada coisa ... mas eles ... eles viam o todo da criança” (PARDO, Entrevista 2, 2015). Como situações marcantes desse período, descreveu as boas relações com os professores (alguns até frequentavam sua casa) e a reciprocidade nessas relações.

#### **4.4 Saberes docentes das trajetórias escolares dos professores aposentados**

Ao entrevistar professores de Educação Física com base na história oral, Corrêa (2009, p. 23) afirmou que “[...] quando solicitados a falar a respeito de suas experiências na escola, todos os entrevistados, sem exceção, o fizeram com brilho nos olhos e com o sorriso aberto, refletindo a alegria de rememorar as histórias de infância”.

Essas expressões representativas de sentimentos expressos mediante palavras, risos e lágrimas também foram notadas nos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida (ANDRADE, 2015; RIBEIRO, 2015; PARDO, 2015), uma vez que suas trajetórias escolares revelaram a vivacidade das influências familiares. O envolvimento dos pais no processo de escolarização dos filhos reflete os valores religiosos discutidos no capítulo anterior e evidencia uma visão de valorização da escola e dos estudos em prol de um futuro melhor.

Por meio de fragmentos de suas narrativas, visualizamos a rigidez na formação caracterizada pelos professores e as referências constantes aos pais, avós e padrasto. Possivelmente, suas posturas compromissadas nos estudos e as situações de sucesso

vivenciadas por eles em alguns momentos de suas trajetórias resulta dessa participação familiar em suas vidas escolares.

Segundo Reali e Reyes (2009), essas influências fundamentam-se em uma perspectiva cuja complexidade do ato de ensinar requer o envolvimento da pessoa que é o professor, e a aprendizagem desse ato é um processo que ocorre no percurso de uma vida. Igualmente, corresponde ao conceito de temporalidade dos saberes docentes (TARDIF, 2008) e à perspectiva de trajetória de vida como trajetória e processo formativo que ocorrem simultaneamente (MOITA, 1995).

Moita (1995) afirma que as histórias de vida, além de serem metodologia coerente com o problema construído, constituem caminho de acesso à investigação desse problema, pois “numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano” (MOITA, 1995, p. 116-117, grifo da autora).

Nos fragmentos das narrativas dos professores, observamos a presença de uma concepção técnica de Educação Física como embasamento das práticas vivenciadas em suas trajetórias escolares, em especial a partir da 5ª. série (com foco no jogo e no esporte na trajetória de Antônio Carlos, na ginástica e no jogo na trajetória de Romilda Augusta, e na dança e no jogo na trajetória de Dinalva Aparecida).

Na tendência competitivista (fundamentada no resultado de uma amálgama das demais tendências, em especial das tendências higienista<sup>97</sup> e militarista<sup>98</sup>), Ghiraldelli Jr. (1997, p. 20) afirma que a Educação Física, por ter se reduzido ao esporte de alto rendimento mediante a subordinação de seus conteúdos, configurou-se como um acessório desse esporte,

---

<sup>97</sup> Para Ghiraldelli Jr. (1997, p. 17), a ênfase na saúde é um ponto convergente entre as tendências higienista, militarista e competitivista e prioridade da tendência higienista que, por meio da Educação Física, protagonizou, sobretudo no período de 1889 a 1930, ações para solucionar questões individuais e coletivas de saúde, cujo objetivo consistiu em disseminar “[...] padrões de conduta, forjados pelas elites dirigentes, entre todas as outras classes sociais”. Nessas circunstâncias, a Educação Física assumiu a tarefa de formar um “[...] indivíduo ‘forte, saudável’, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país [...]” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 39, grifo do autor). Esse autor assegura, ainda, que os ideais higiênicos contribuíram para a formação de um corpo representativo de uma raça e de um estrato social, estimulando preconceitos raciais e sociais, ideais que se somaram à tendência de uma eugeniização da população brasileira (constituída em 1850, em sua maioria, pela população negra e escrava), tomando-se por base a ideia de criação de uma raça que se identificasse com o estrato branco e dominante, de modo a evitar possíveis rebeliões, equilibrar as forças entre as raças e aumentar a população branca por meio de uma “[...] disciplinarização do físico, do intelecto, da moral e da sexualidade [...]” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 44). Logo, para garantia desses ideais, a Educação Física, “[...] associada à Educação Sexual [...]”, deveria promover indivíduos úteis à reprodução e protetores de seus descendentes e de suas raças (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 44).

<sup>98</sup> Essa tendência deu continuidade, em especial no período de 1930 a 1945, às ideias higienistas e eugenistas e, nessa ocasião, a Educação Física representou seu papel por meio do método francês (GHIRALDELLI JR., 1997).

cuja finalidade incidiu na melhoria da técnica esportiva com base, especialmente, nas pesquisas de natureza fisiológica e biomecânica, uma vez que “a Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance”.

Em virtude de uma imparcialidade da Educação Física em relação a questões políticas e sociais conflituosas, o autor alegou sua configuração como uma estrutura do conjunto de ideias predominante no período posterior a 1964. Nesse cenário, foi considerada “[...] como algo neutro, necessariamente acima dos conflitos sociais” (GHIRALDELLI JR., 1997, p. 30) e o esporte, segundo o autor, como algo benéfico em si mesmo, pontos de vista que contribuíram para uma produção científica em Educação Física com características tecnicistas (repleta de questões médicas, esportivas e de treinamento) nas décadas de 1960 e 1970 e que correspondia aos próprios interesses da tendência competitivista.

Essa tecnização da Educação Física, amparada pela ideologia difundida com o Golpe de 1964, apresentou-se com base no objetivo de, “[...] na área da Educação Física, promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas ao país” (GHIRALDELLI JR., 1997, p. 30). No entanto, o autor declara que o incentivo à tendência competitivista (que corroborava com a intenção de propagar uma ideia de um País forte, próspero e em desenvolvimento) não era o único objetivo dos governos ditatoriais dos vinte anos que se seguiram, mas também de operar, por meio do esporte de alto rendimento publicado pelas vias midiáticas,

[...] como analgésico no movimento social. A preocupação com a possibilidade do aumento das horas de folga do trabalhador, que mesmo um sindicalismo amordaçado poderia conseguir, incentivava o Governo a procurar no desporto a fórmula mágica de entretenimento da população. A “Revista Brasileira de Educação Física”, do Ministério da Educação e Cultura - MEC -, em meados dos anos 70, ao discutir a criminalidade, enfatizava a necessidade do desporto no meio operário para “canalizar energias”. (GHIRALDELLI JR., 1997, p. 32, grifo do autor).

Assim, pelas vias midiáticas, cultuava-se o esporte de alto nível, o esportista como herói da nação, os sucessos obtidos por meio de ações isoladas, sobretudo conquistadas, em eventos internacionais e no País, por indivíduos procedentes das classes menos favorecidas. Para o autor, essa divulgação e glorificação, “[...] em verdade, escondem a verdadeira falta de oportunidade de enriquecimento material e cultural em que vive a maior parte da população” (GHIRALDELLI JR., 1997, p. 33).

Corrêa (2009), ao mencionar períodos históricos com regimes autoritários, afirma a importância da história oral, uma vez que só há possibilidade de registro de uma

versão (oficial) da história em virtude da autoridade que foi exercida nesses regimes (ditatoriais). Não obstante,

o processo de rememoração traz à tona o universo de sentidos e de significados atribuídos pelos sujeitos a suas vivências, constituindo um arcabouço de representações que permitem transcender a percepção dos acontecimentos de forma meramente causal. Os relatos de memória ampliam os horizontes de compreensão do passado na medida em que, ao narrar suas experiências, o depoente oferece um olhar retrospectivo sob múltiplos ângulos. (CORRÊA, 2009, p. 14).

Nesse cenário, a tendência competitivista influenciou as aulas de Educação Física vivenciadas nas trajetórias escolares dos professores aposentados. Como exemplo dessa tecnização na Educação Física na escola, Soares et al. (1992, p. 54) mencionam “[...] a divisão das turmas por sexo, respaldada inclusive pela legislação específica, o Decreto nº. 69.450/71”.

Na trajetória de Antônio Carlos, essa influência pode ser visualizada, por exemplo, por meio de um fragmento de sua narrativa sobre o perfil do professor de Educação Física bem-sucedido na época como aquele que “[...] ‘levava mais taça para a casa ... mais medalha para a escola ... né?’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Na trajetória de Romilda Augusta, o trecho “[...] ‘todo mundo queria ir para o meu time’” (RIBEIRO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso) elucida um processo de seleção que possivelmente incluía os alunos mais habilidosos e, conseqüentemente, excluía aqueles que apresentavam menos habilidades para a prática escolhida. Igualmente, as narrativas de Dinalva evidenciam as suas iniciativas nas atividades de dança vivenciadas enquanto aluna: “[...] ‘eu era muito de ... de fazer ... por exemplo na época junina uma dança ou a quadrilha ... eu que ... que era coordenadora’ [...]” (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). A facilidade para fazer demonstrações na ginástica e na dança também foi notada nas narrativas de ambas, fator que pode ter contribuído para o sucesso descrito por elas nas aulas de Educação Física da época.

As narrativas das professoras Romilda e Dinalva revelam, simultaneamente, suas diferentes perspectivas sobre essas aulas, cujo foco não incidia, segundo elas, nas habilidades físicas e no treinamento, mas nas boas relações entre professor-aluno, no apreço pelas práticas corporais e nas características lúdicas das atividades desenvolvidas. De forma contraditória, Dinalva confirmou a vivência de aulas de natureza competitiva e a consideração, pelos professores de Educação Física, do desenvolvimento do aluno em todos os seus aspectos.



De acordo com Soares et al. (1992), Souza Neto (1999), Darido (2003) e Castellani Filho (2008), a Educação Física, em sua trajetória, desempenhou diferentes papéis. Ainda que esses papéis apresentassem os sentidos relativos a uma época, contribuíram para determinar uma lógica apreciável no encadeamento das ações desempenhadas pela área (CASTELLANI FILHO, 2008).

Ao mesmo tempo, as trajetórias escolares dos professores aposentados na Educação Básica, ocorridas nas décadas de 1950 e 1960, remetem-nos aos principais acontecimentos dessas épocas. De acordo com Ghiraldelli Jr. (1987, p. 31-32),

os anos 40 e 50 se caracterizaram por um processo de acelerada industrialização e acentuada urbanização. No final da década de 50, pela primeira vez na história do país, a população urbana se aproximou, em número, da população rural. A partir dos anos 50, também o campo passou a se transformar em ritmo mais veloz. As relações capitalistas atingiram a zona rural, forjando um processo de expulsão de camponeses (que se intensificou nos anos 60) e criando a figura do trabalhador volante (“bóia-fria”), o que veio agravar ainda mais os problemas sociais das grandes cidades. (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 31-32, grifo do autor).

Ainda nessas épocas, o autor menciona a denominada “redemocratização de 1945-64” (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 32), na qual alguns partidos e corporações políticas prosperaram porque tiveram uma liberdade relativa, o que incluiu um debate em educação mais fortalecido com base no plano das LDB-EN, já presente nesse cenário. No entanto, “[...] a década de 50 se pautou por manter a tônica dos debates mais ao nível da política educacional do que no âmbito da discussão pedagógico-didática” (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 32).

Segundo o autor, todos os partidos políticos da década de 1950 mostraram-se unânimes em relação à urgência de se industrializar o Brasil, e a ideia de “vocação agrária” não se fez mais presente nos discursos vigentes na época. Também podemos entender o desaparecimento dessa ideia com base em Corrêa (2009, p. 4), a qual confirma a ocorrência, nas décadas de 1910 e 1920 (especialmente), de um processo de mudança do “[...] sistema agrário comercial para o sistema urbano industrial” que se concretizou, conforme Betti (1991), na década de 1930.

No entanto, a unanimidade mencionada por Ghiraldelli Jr. (1987) não ocorreu entre os partidos no que se refere à forma de aquisi o do processo de industrializa o que, apesar desse conflito de ideias, foi se concretizando e, próximo   década de 1960, o País já “[...] contava com um parque industrial diferenciado e importante para a economia da na o” (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 32). O autor alega que esse conflito de ideias contribuiu para

renovar o debate sobre questões culturais e pedagógicas. “O movimento cultural dos anos 60 foi intenso e adquiriu uma conotação nova: a preocupação dos intelectuais jovens com a participação popular, com a ‘emergência do povo’ no processo político nacional” (GHIRALDELLI JR., 1987, p. 33, grifo do autor).

Na Educação Física, Ghiraldelli Jr. (1997) afirma que a tendência popular desenvolveu-se, ao longo da história, com e em oposição às ideias predominantes, e os conteúdos da área serviram para organizar e mobilizar a classe operária. Assim,

A Educação Física popular não se pretende “educativa”, no sentido em que tal palavra é usada pelas demais concepções. Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes. (GHIRALDELLI JR., 1997, p. 21, grifo do autor).

Dentre esses acontecimentos, o final da década de 1950 (período de escolarização de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida) também se caracterizou, conforme Saviani (1991, p. 23), pela desilusão com a “pedagogia nova<sup>99</sup>” que, embora tivesse se fortalecido em nível de discurso, “[...] na prática se revelou ineficaz em face da questão da marginalidade” e com a emergência da “pedagogia tecnicista”.

Essa pedagogia defendeu, de acordo com o autor, a reorganização do processo educacional no propósito de objetivar e operacionalizar tal processo baseada na conjectura da imparcialidade científica e nos fundamentos de racionalidade. Logo, buscou-se, por meio de um planejamento educacional organizado racionalmente (com necessária operacionalização das finalidades e mecanização do processo em determinados aspectos), a minimização de intervenções individuais que pudessem comprometer a eficiência da educação, para, finalmente, padronizá-la com base em ajustes das diferentes disciplinas e práticas aos planos estabelecidos antecipadamente (SAVIANI, 1991). Nessa concepção,

[...] o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de

---

<sup>99</sup> Com a manutenção da crença na função escolar de igualar a sociedade, essa pedagogia, ao criticar a “pedagogia tradicional”, deslocou a base intelectual do debate pedagógico para uma base sentimental, “[...] do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretividade; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia” (SAVIANI, 1991, p. 20-21). Entretanto, a escola necessária para a materialização dessa pedagogia não foi possível em virtude de questões financeiras e, assim, ficou restrita, por meio de unidades experimentais, a elite, agravando ainda mais a questão da marginalidade social.

especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. (SAVIANI, 1991, p. 24).

Da perspectiva pedagógica, o importante é “[...] aprender a fazer” (SAVIANI, 1991, p. 26) e, nesse intento, a educação deveria desempenhar seu papel de igualar a sociedade por meio de uma formação humana eficiente que contribuísse para maximizar a produtividade e, conseqüentemente, superasse a questão da marginalidade. Igualmente, outros acontecimentos posteriores às décadas de 1950 e 1960 compõem o diálogo com as atuações profissionais dos professores no sexto capítulo.

Recuperamos essas reflexões porque os professores de Educação Física que lecionaram nas décadas de 1950 e 1960, nas quais Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida foram alunos, formaram-se no contexto - com tendências de Educação Física higienista, militarista e competitivista, com regime ditatorial, com o Golpe de 1964, com uma tecnização da Educação Física etc. - apresentado por Ghiraldelli Jr. (1987, 1997) e Corrêa (2009) neste tópico e cujos efeitos refletiram-se na finalidade do ensino na escola da época, conforme as narrativas dos professores aposentados.

As trajetórias escolares dos professores aposentados também foram marcadas pela ausência de aulas de Educação Física com professor especialista no “primário” e, a partir do “ginásio”, pelo desenvolvimento de aulas de Educação Física em horários diversos das aulas relativas aos demais componentes curriculares, além da separação dos alunos por sexo, conforme o Decreto nº. 69.450/71 (BRASIL, 1971a).

Ao retratar os recursos, as condições da escola estadual da época e as fontes de pesquisa na realização de tarefas propostas pelos professores, novamente identificamos as influências das trajetórias de vida e do meio (GOODSON, 1995; TARDIF, 2008) na formação de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida. O valor atribuído ao curso de Magistério na época e a valorização, pelos pais, dos estudos e da carreira docente, também são elementos identificados em suas histórias de vida.

No entanto, apesar da influência materna e do curso como uma opção da época, Romilda mencionou o interesse em cursar teatro no Rio de Janeiro. Esse interesse foi posto de lado em virtude das condições financeiras da família, da realização do curso e da posterior atuação profissional na docência, conforme as análises no sexto capítulo.

Essa situação vivenciada por Romilda remete-nos aos relatos de uma das professoras participantes da pesquisa de Corrêa (2009). A professora Maria Cleide Patrizi, cujo processo de escolarização na Educação Básica ocorreu nas décadas de 1940 e 1950 também no Estado de São Paulo, contou sobre as opções que se apresentavam às mulheres na

época e sobre o seu desinteresse por tais opções. Sobre esse relato, Corrêa (2009, p. 25), afirma que

a tentativa de escapar do enquadramento social da mulher no estereótipo descrito pela expressão “casadora” que a entrevistada utiliza e que aponta como o pensamento dominante no período, fica evidente diante da recusa em seguir a carreira de normalista, opção que indica ser a de todas as suas amigas ao final do ensino ginasial. (CORRÊA, 2009, p. 25, grifo da autora).

Ao contrário de Romilda, Dinalva apresentou-se, logo após a conclusão da antiga 8ª. série, convencida pelo curso de Magistério, também declarado por ela como uma opção comum na época. Apesar da reprovação inicial no vestibular para ingresso no curso, a ideia de ser professora sempre a acompanhou. O trecho “[...] ‘meu Deus queria tanto ser professora ... porque eu já namoro há tempo ... eu já ... é ... é ... certo que eu vou casar’ [...]” (PARDO, Entrevista 2, 2015, grifo nosso) ilustra essa relação entre a docência como opção de carreira para as mulheres “casadoras” (CORRÊA, 2009). Entretanto, para a professora, tal opção relacionava-se ao encantamento com a profissão em virtude das professoras que teve em seu processo de escolarização na Educação Básica.

Do mesmo modo, a valorização do professor “Sodré” e da professora “Darli” foi identificada nas narrativas do professor Antônio Carlos. A importância atribuída à prática de estágio supervisionado pela professora “Darli”, em particular à atividade de regência, dialoga com alguns estudos (BORGES, 2005; TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000) que apresentam uma perspectiva de valorização dos saberes adquiridos na e pela prática docente.

As reflexões sobre a avaliação com base nas próprias trajetórias escolares também contribuíram para o delineamento de outras práticas avaliativas planejadas e desenvolvidas no exercício da docência. Os problemas identificados por Romilda nessas práticas e as ações empreendidas para superá-los podem ser esclarecidos com base nas assertivas de Monteiro (2006), sobre a compreensão das representações que embasam as práticas docentes, a possibilidade de definição do raciocínio pedagógico e o alcance de saberes que permitem entender o processo de construção dessas práticas por meio das histórias de vida. Nesse processo, elucidamos elementos que contribuíram para o desenvolvimento de determinada prática avaliativa.

Corroborando as narrativas de Antônio Carlos, consideramos a amizade com seus professores (de Educação Física e outros) na Educação Básica relatada por Romilda e

Dinalva como influências explicadas por Goodson (1995) sobre o “professor preferido” e visualizadas nas narrativas dos professores sobre suas trajetórias extraescolares e escolares.

Os valores e vínculos familiares identificados nas narrativas dos professores aposentados neste e no capítulo anterior influenciaram/atravessaram suas trajetórias extraescolares, escolares e profissionais. A intensa participação nas atividades escolares são elementos de suas histórias de vida que compuseram sua formação pessoal e profissional, pois são, ao mesmo tempo, reveladores da pluralidade e temporalidade de seus saberes docentes (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000), bem como do próprio processo de construção desses saberes. Ainda de acordo com Tardif (2008, p. 107), “[...] é impossível compreender a questão da identidade dos professores sem inserí-la imediatamente na história dos próprios atores, de suas ações, projetos e desenvolvimento profissional”.

Assim, esses elementos revelam a relação dos saberes com a identidade dos professores e com suas histórias de vida, seus desenvolvimentos mediante suas narrativas, o processo de construção de suas identidades docentes por meio da identificação dessas influências e as contribuições desse tipo de estudo no que se refere à identidade docente.

Esses valores, vínculos e influências, são os elementos que identificamos em suas histórias de vida, conforme explicam Amorim Filho e Ramos (2010), Betti e Mizukami (1997), Corrêa (2009), Goodson (1995), Monteiro (2006) e Reali e Reyes (2009) sobre a utilização de dados com base nas histórias de vida. Também identificamos alguns desses valores, vínculos e influências atravessando as trajetórias profissionais, de acordo com as análises feitas no sexto capítulo.

#### **4.5 Síntese das trajetórias escolares dos professores**

Neste tópico, apresentamos o Quadro 6 com uma síntese das principais informações das trajetórias escolares na Educação Básica dos professores de Educação Física aposentados. Essa síntese abarca seus processos de escolarização na atual Educação Infantil e no atual Ensino Fundamental e Médio.

**Quadro 6:** Síntese das trajetórias escolares dos professores.

QUESTÕES	ANTÔNIO CARLOS	ROMILDA AUGUSTA	DINALVA APARECIDA
<p><b>Caracterização do início do processo de escolarização, perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação à escola e ao futuro, participação dos pais e/ou familiares na vida escolar</b></p>	<p>Formação no contexto da igreja e valorização da escola e dos estudos. Prática intensa de leitura pelo pai - Bíblia, jornal e a escuta da “Rádio Tupi”. Alfabetização por meio da cartilha “Caminho Suave”. Participação dos pais na vida escolar dos filhos e cobranças em relação às tarefas. “Quadro de honra” e aprovação em primeiro e segundo lugar no “primário”. Comprometimento discente no “primário”. Participação em projetos e eventos em datas comemorativas no “primário”. Bom relacionamento nas práticas de pega-pega, pique-bandeira e futebol no “primário”. Bom relacionamento na escola proveniente da influência paterna e do bom comportamento discente.</p>	<p>Referências à professora “Elza” no “jardim de infância”. Sentimentos iniciais de medo na escola e diálogos com a mãe. Referências à rigidez da professora “Eunice” e à suavidade da professora “Nair” no “primário”. Ensino abstrato, aulas expositivas, uso da cartilha e apostilas no “primário”. Realização do “primário” em escola mista e aprovação no 5º. ano. Priorização das tarefas escolares pela mãe - histórias na rádio como atividade intensa e fonte de pesquisa. Respeito aos professores imposto pela mãe e ausência de reciprocidade nessa relação. Participação da mãe e/ou da irmã mais velha na vida escolar dos filhos e dos sobrinhos.</p>	<p>Apreço pelos estudos e vontade de se formar profissionalmente como professora. Ingresso na escola com mais de sete anos de idade. Mudança dos pais para uma fazenda próxima à cidade para garantir a retomada e preservação da continuidade dos seus estudos. Convicção pela docência desde os auxílios prestados ao padrasto nas fazendas e aos tios na realização de exames.</p>
<p><b>Descrição da trajetória escolar na Educação Básica</b></p>	<p>Ausência de professor de Educação Física no “primário”. Receio em relação ao professor da série seguinte. Merenda, material didático e tratamento dentário restritos às crianças com “atestado de pobreza” no “primário”. Influência paterna na cidade contribuiu para a sua exclusão desse grupo. Ingresso no “ginásio” por meio do excelente histórico do “primário”. Recursos escolares limitados, adquiridos pelo Estado, pais, alunos e comunidade. Pesquisas realizadas junto aos familiares em razão da insuficiência de fontes. Não realização do curso preparatório para ingresso no “ginásio”. Aprovação nas séries mediante Decretos.</p>	<p>Trajetória escolar na rede de ensino pública. Vivência com poesias e músicas - também apreciadas pelos pais. Ausência de professor de Educação Física no “primário”. Recursos escolares limitados e apreço por livros da biblioteca da escola. Diversidade de atividades e oportunidades de aprendizagem na escola. Bom relacionamento como resultado da educação materna e situações humilhantes vivenciadas na escola. Estratégias docentes diversas em Língua Portuguesa e Ciências. Dificuldades em Matemática, Geografia e História. Importância atribuída às aulas de Economia Doméstica e de Educação Moral e Cívica.</p>	<p>Realização do “primário” em uma única escola em Garantã. Ausência de professor de Educação Física no “primário”. Bom desempenho escolar no “primário”, em virtude de sua dedicação e da ajuda de uma prima. Mudança da casa dos avós maternos para a casa dos pais (mãe e padrasto). Período de, aproximadamente, dois anos sem estudar - entre o “primário” e o “ginásio”. Realização do 5º. ano, com preparatório para “vestibulinho” para ingresso no “ginásio” em Piratininga. Início do “ginásio” com, aproximadamente, treze anos de idade. Referências à diversidade de matérias estudadas e atividades realizadas no “ginásio”. Bom desempenho escolar no “ginásio”, em razão</p>

	<p>Encanto com a trajetória escolar e inexistência de outras atividades.          Ensino tradicional, “repetitivo” (incluindo a avaliação), aulas expositivas com uso da lousa e professores conteudistas.          Respeito aos professores por meio da intimidação e uso de castigos físicos.          Aulas sobre hábitos de higiene e estudo do corpo humano.</p>	<p>Prática avaliativa excludente.          Aulas expositivas no “ginásio” e Magistério.          Cópias e atividades mimeografadas no Magistério.          Participação em bailes, início da vida amorosa aos vinte e um anos e comparação com os relacionamentos atuais.</p>	<p>da idade avançada para o nível de ensino e do apreço por todas as atividades.          Identificação com a realização de trabalhos manuais e influências dessa identificação no exercício do ofício artesanal pela filha.          Facilidades em Francês, Português e História e dificuldades em Inglês.          Ensino avaliado como “decoreba”, avaliações escritas e orais.          Auxílio aos professores em virtude de sua “letra pedagógica”.          Constante disposição e participação nos eventos da escola.          Amizade entre seu padrasto e o professor de Francês.          Apreciação de todas as matérias e atividades desenvolvidas na escola.          Ausência de aulas de Educação Física no curso de Magistério.          Início do relacionamento com seu esposo na 5ª. série          Participação total durante o “ginásio” em virtude de sua constante disposição.</p>
<p><b>Trajelórias nas aulas de Educação Física (situações de sucesso e insucesso)</b></p>	<p>Prática de jogos, brincadeiras, danças e esportes na rua, clube e escola com finalidades de lazer.          Prática de brincadeiras livres nos intervalos do “primário” - barra-manteiga e queimada.          Preferência pelo futebol, praticado intensamente durante o “primário”.          Presença de uma concepção técnica nas aulas de Educação Física no “ginásio” com foco na seleção por habilidades físicas e competições.</p>	<p>Preferência por Música, Arte e Educação Física.          Aulas de Música e de Educação Física em horários distintos.          Referências à professora “Lúcia” de Educação Física (no “ginásio”), ao gosto pelas práticas corporais e às exigências dessa professora.          Práticas da dança, queimada e ginástica.          Aulas de Educação Física com separação dos alunos por sexo.</p>	<p>Destaque nas aulas de Educação Física em virtude da facilidade em fazer demonstrações na ginástica.          Iniciativa na produção de apresentações - na ginástica e na dança - com as professoras nas festas escolares.          Aulas de Educação Física com separação por sexo e em horário distinto do das outras aulas.          Atividades diversificadas e preferência da turma pela queimada.          Organização de equipes mistas pelos professores.          Recusa de algumas meninas.</p>

<p><b>Trajétórias escolares que contribuíram (ou não) para a escolha da docência e da docência em Educação Física</b></p>	<p>Início de um processo de autopercepção - descoberta de si (no Magistério com base nos estágios e na prática da professora “Darli”). O Magistério como “tendência” e a docência como um “bom negócio”. Valorização do Magistério pelos pais por apenas concluíram o “primário”. Viagem realizada ao Rio de Janeiro com a turma ao final do Magistério, e com a esposa anos mais tarde.</p>	<p>Realização do Magistério por indicação materna. Trajetórias bem-sucedidas no Magistério - apreciação pelas aulas e pelas crianças. Referências à professora “Zuleide” e à Ginástica Historiada; ao professor “Roberto” e à prática de estágio; às boas notas; às aulas de Filosofia e Psicologia; e às aulas desenvolvidas em estágio. Opção pela Educação Física como forma de dar continuidade aos acontecimentos do Magistério.</p>	<p>Influências da facilidade com a ginástica e a dança na opção pelo curso de Educação Física. Liderança em momentos de estudo com amigas em épocas de avaliações escolares. Apreço por brincadeiras, crianças e pela atividade de ensinar como justificativas de sua opção pela docência. Curso de Magistério como uma opção comum na época. Reprovação no vestibular para ingresso no curso de Magistério e consequente realização do curso de secretariado como uma das possibilidades na época. Realização de atividades de bordado durante o curso de secretariado para contribuir nas respectivas despesas. Atuação profissional em escritório em Bauru. Curso de Magistério (iniciado em Duartina e concluído em Bauru) como uma “interrogação”, “a desejar”.</p>
<p><b>Trajétórias escolares que cruzaram o tempo e a formação inicial</b></p>	<p>Reflexão sobre a não realização do curso preparatório para ingresso no “ginásio” e a relação com as dificuldades sentidas nesse nível de ensino. Importância atribuída à prática de estágio, apreciação da docência e estímulo da criatividade. Elaboração e aplicação de plano de aula no Magistério como um excelente desafio.</p>	<p>Influências das vivências com poesias e músicas na trajetória escolar e profissional. Reflexão sobre o processo avaliativo da trajetória escolar na atuação profissional. Influências das aulas de Educação Física da professora “Lúcia” em sua atuação docente. Reflexão sobre as gincanas vivenciadas enquanto aluna em sua atuação profissional. Características pessoais que marcaram sua trajetória profissional e que incomodaram outros professores.</p>	<p>Menção às práticas corporais vivenciadas (caminhadas e corridas realizadas da fazenda até a escola). Preocupações com o corpo e a alimentação. Influências das aulas com separação por sexo em sua atuação docente e na análise das aulas de Educação Física atuais.</p>
<p><b>Concepção de Educação Física e de professor de Educação Física na época</b></p>	<p>Perfil do professor de Educação Física bem-sucedido do “ginásio” retratado como aquele que levava mais taças e medalhas para a escola. Uso do apito como sinônimo de poder e “status” entre os professores.</p>	<p>Perfil do professor de Educação Física bem-sucedido na época do “ginásio” retratado como amigo, em virtude do bom relacionamento com a professora “Lúcia”. Comparação entre as aulas de Educação Física enquanto aluna e enquanto professora (concepção, movimentos e recursos materiais).</p>	<p>Desenvolvimento das aulas com o objetivo mais de ludicidade do que de treinamento. Concepção de Educação Física fundamentada na opção dos professores, na época, por práticas de natureza competitiva. Comparação entre as aulas de Educação Física enquanto aluna e enquanto professora (concepção, horários das aulas etc.).</p>



			Realização de eventos festivos e esportivos na escola como forma de valorizar a Educação Física. Perfil do professor de Educação Física retratado como o profissional comprometido com suas atribuições e preocupado com os alunos.
<b>Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias</b>	Referência ao pai como uma “enciclopédia” que atendia a todos. Proximidade na relação com o pai. Proximidade e desentendimentos simultâneos com o irmão mais velho. Aulas vivenciadas em Latim e História no “ginásio” consideradas como situações marcantes e de insucesso. Referências aos professores “Sodré” e “Darli” por marcarem sua vida (na docência e na docência em Educação Física, respectivamente). Ausência de opções na cidade para formados no Magistério e/ou no científico. Mudança para São Paulo como a opção mais indicada. Presença dos valores e vínculos familiares em sua vida. Ausência de registros em relação a essas trajetórias.	Desempenho em algumas matérias, humilhações e tentativa de “colar” em uma prova no “ginásio” consideradas como situações marcantes e de insucesso. Participação marcante nas gincanas organizadas na escola. Sonho de fazer teatro no Rio de Janeiro, abandonado em razão das condições financeiras familiares. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 11, 12, 13, 14 e 15).	Referências ao Latim como parte de sua trajetória escolar no “ginásio” e, com encanto, à professora dessa matéria. Sentimento de medo nos jogos de queimada em razão da força empregada nos movimentos realizados. Referências às relações de amizade com os professores do “ginásio”, as quais atravessaram o tempo e a distância. Reprovação no vestibular para ingresso no curso de Magistério descrito como o único fracasso no processo de escolarização. Casamento em Piratininga. Inexistência de práticas marcantes no curso de Magistério, como a realização de eventos festivos. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 16, 17, 18, 19 e 20).

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

## **5. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA**

Este capítulo compreende as trajetórias da formação profissional dos professores aposentados, as quais incluem a Educação Física, a Pedagogia e outros cursos de formação continuada. Embora o Magistério constitua-se também como formação profissional, foi descrito e comentado no capítulo antecedente por ter sido cursado, pelos participantes, no período de escolarização na Educação Básica.

A preocupação com a formação inicial de professores de Educação Física já foi assunto de Medina (1987), Betti (1991), Rangel-Betti e Betti (1996), Souza Neto (1999) e de Borges (2001), entre outros autores. Ao explicar a necessidade de uma “revolução” para a “cultura do corpo” com base em uma significação humanizada que superasse a inferioridade da Educação Física diante das demais áreas e considerasse o ser humano por meio de todas as suas dimensões, dentre várias questões, Medina (1987) apresentou elementos necessários à reflexão sobre o modelo de formação profissional em Educação Física vigente na década de 1980, bem como nas décadas anteriores.

Nesse cenário, o autor afirmou o desenvolvimento e a proliferação da Educação Física no País - com aumento da oferta de cursos em nível superior - em atendimento a um sistema social consumista, no qual a “cultura do corpo” transformou-se em um modismo. Assim, houve uma ampliação do campo de atuação profissional, antes restrita ao licenciado:

formado o profissional - ou mesmo antes de completar seu curso - vai como professor ou técnico em busca de mercado. E, encontrando o seu lugar, procura desempenhar fielmente a função técnica que dele se cobra. Procura dar exatamente aquilo que se pede a ele. Este é um traço do perfil generalizado do profissional de Educação Física no Brasil. (MEDINA, 1987, p. 34).

Para o autor, as relações estabelecidas permitem uma análise da falência da Educação Física como uma área que, por meio do corpo e do movimento, desenvolve suas ações educacionais com considerações por todas as dimensões do ser humano. Parte dessa falência é explicada mediante a ausência de envolvimento direto e de posicionamento crítico de profissionais da área em uma “[...] crise que costuma atingir quase todos os setores da sociedade que clamam por desenvolvimento [...]” (MEDINA, 1987, p. 34), em especial a educação. Medina (1987, p. 35-36) reiterou sobre a necessidade urgente de uma crise na Educação Física:

precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. Para uma Educação Física realmente preocupada com o ser humano não basta concordar plenamente com a sociedade. É necessário que faça uma permanente crítica social; seja sensível às diversas formas de repressão a que as pessoas estão sujeitas e as ajudem a entender os seus determinismos e superar os seus condicionamentos, tornando-as cada vez mais livres e humanas. (MEDINA, 1987, p. 35-36).

As reflexões suscitadas na década de 1980 - um dos períodos nos quais os participantes desta pesquisa atuaram profissionalmente - retratam a Educação Física das décadas anteriores: sob influências e com resquícios dos pressupostos das tendências higiênicas, militares, competitivistas e populares (GHIRALDELLI JR., 1997); sob influências de uma compreensão dicotômica de ser humano e de governos centralizadores e autoritários (CORRÊA, 2009); e sob influências da “redemocratização de 1945-64” (GHIRALDELLI JR., 1987).

É válido apresentar, com base em Betti (1991), uma síntese do período compreendido entre os anos de 1946 e de 1968, que antecede/sucedem os principais acontecimentos posteriores, a saber: início da vigência da Lei 4.024/1961, que instituiu diretrizes fundamentais para a educação e solidificou a Educação Física como obrigatória nos níveis “primário” e médio; certa expansão da escolarização pública; e discurso “bio-psico-social” (inverso ao discurso “anátomo-fisiológico”, cujo objetivo consistiu na melhoria dos aspectos físicos, sociais, intelectuais e morais do ser humano) e foco no desenvolvimento do “Método Desportivo Generalizado” por meio do jogo nas aulas de Educação Física. Esse método buscou “[...] incorporar o conteúdo esportivo aos métodos da Educação Física, com ênfase no aspecto lúdico” (BETTI, 1991, p. 97).

O período de 1969 a 1973, de realização do curso de Educação Física pelos professores aposentados, refletiu as influências da tendência competitivista (amalgamada com as demais tendências), cujo foco, fundamentado, conforme Betti (1991) e Ghiraldelli Jr. (1997), na redução/subordinação da área ao esporte de alto nível, preocupou-se com a técnica por meio da intensificação de publicações dessa natureza. Betti (1991, p. 97) alegou, ainda, que tal intensificação ocorreu a partir da década de 1950, em substituição a publicações de natureza ideológica e política do Estado Novo: “as portarias do MEC<sup>100</sup> 168 e 148, respectivamente de 1956 a 1967 indicam a aproximação do conceito de Educação Física com

---

<sup>100</sup> Na época, denominado de “Ministério da Educação e Cultura”, conforme a Lei 1.920, de 25 de julho de 1953, que estabeleceu o Ministério da Saúde (BRASIL, 1953). Posteriormente, denominado de “Ministério da Educação”, conforme o Decreto 91.144, de 14 de março de 1985 (BRASIL, 1985).

o de esporte, admitindo as competições esportivas como substitutivas das sessões de Educação Física”.

Do mesmo modo, no período supracitado emergiu a “pedagogia tecnicista” (SAVIANI, 1991) e, a Educação Física, configurou-se, de acordo com Ghiraldelli Jr. (1997), como uma estrutura do conjunto de ideias que predominou no período posterior a 1964.

Paralelo a esse período, identifica-se, de acordo com Betti (1991) e Brasil (1968, 1969a, 1969c, 1971a), a contradição entre a ideia de formação do “homem integral” e o foco na “aptidão física”, a educação como promotora do desenvolvimento econômico nacional, a “crise universitária”, os mecanismos legais de controle e a ampliação/popularização do Ensino Superior nas IES particulares, conforme nossas análises neste capítulo. Nesse cenário, o professor de Educação Física era formado com base em um currículo “tradicional-esportivo”, modelo que, segundo Rangel-Betti e Betti (1996), predominou em vários cursos, sobretudo nas supracitadas IES.

Em conformidade com Moita (1995), afirmamos que não realizamos generalizações, uma vez que não se pode desconsiderar o fato de que as mesmas interações podem ser vividas de distintas maneiras por cada pessoa e que os processos formativos são individuais.

A consideração pelas questões de Moita (1995) igualmente se harmoniza com as questões de Cunha (2014) sobre a atuação do professor em uma perspectiva contextualizada, situada. Cunha (2014) denuncia que tal perspectiva, geralmente, não se faz presente nos cursos e programas de formação docente e compreende questões sociais, culturais, históricas e políticas que atravessam a formação e a atuação docente e não podem mais ser ignoradas.

Uma visão simplista diria que a função do professor é ensinar e poderia reduzir este ato a uma perspectiva mecânica, descontextualizada. É provável que muitos dos nossos “cursos de formação de professores” limitem-se a esta perspectiva. Entretanto, sabe-se que o professor não ensina no vazio, em situações hipoteticamente semelhantes. O ensino é sempre situado, com alunos reais em situações definidas. E nesta definição interferem os fatores internos da escola, assim como as questões sociais mais amplas que identificam uma cultura e um momento histórico-político. (CUNHA, 2014, p. 22, grifo nosso).

Tomando-se por base a perspectiva de Huberman (1995) e de Bosi (2001), de que as informações coletadas provêm dos relatos dos professores e não dos fatos em si e de caracterização da lembrança como uma construção imagética subsidiada por materiais e representações contemporâneas do indivíduo que rememora, bem como as reflexões em

vários estudos (GOODSON, 1995; MOITA, 1995; NÓVOA, 1995; RANGEL-BETTI, 1998; REALI; REYES 2009; TANCREDI, 2009; TARDIF, 2008), apresentamos e analisamos, nos tópicos subsequentes, as trajetórias formativas dos professores por meio de suas narrativas.

Assim, compreendemos, com base em Bosi (2001, p. 60), que ao narrarem as próprias trajetórias já vividas (extraescolares, escolares, formativas e profissionais), os professores de Educação Física aposentados, assim como os velhos entrevistados pela autora, também se ocupam, “[...] consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”. Logo, a autora garante que não descansam e nem se entregam aos prazeres do sonho quando rememoram.

### **5.1 Trajetória na formação inicial e continuada do professor Antônio Carlos**

O início da trajetória formativa - e, por conseguinte profissional - do professor Antônio Carlos (ANDRADE, 2015) na Educação Física ocorreu logo após o rompimento com a atuação e a formação em Administração de Empresas, conforme elucidado no próximo capítulo.

O professor assim descreveu esse início no curso de Licenciatura Plena em Educação Física, realizado no período de 1970 a 1973 na FEFISA<sup>101</sup>, uma IES privada, segundo a Figura 21. “[...] Como eu fazia em Santo André ... eu estou lá e o pessoal saiu a propaganda ... Educação Física ... naquele semestre ... né? ... foi em julho ... eu falei ... ‘vou fazer essa Faculdade ... eu vou fazer esse vestibular’ ... entendeu? [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

---

<sup>101</sup> Atual Faculdades Integradas de Santo André.

**Figura 21:** Diploma do curso de Educação Física do professor Antônio Carlos.



**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

Essa escolha se relacionava, segundo o professor, à sua vida extraescolar e escolar na prática do basquetebol e nas aulas de Educação Física com o professor “Sodré”, de acordo com o fragmento a seguir.

[...] E fui lá fazer a Educação Física ... lembrando no “Sodré” que era meu professor de basquete ... né? ... lembrando dele ... e fui lá fazer a prova ... não estudei ... não preparei nada ... mas eu tinha uma bagagem de faculdade<sup>102</sup> e tal ... e no fim ... eu fui guindado ... eu fui escolhido ... fui aprovado ... para ir para a faculdade ... eu arrumei um empreguinho para pagar a Faculdade ... né? ... já morando independente ... eu não morava mais com família ... era um emprego numa fabriquetinha de mimo ... para eu controlar a parte contábil dessas coisas. (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Antônio Carlos apresentou-se convicto em relação à opção pela docência e pela Educação Física: “[...] penso que toda influência minha de professor veio do Magistério [...] por onde eu passei só as experiências agregaram valores em cima de alguns valores principais que eu adquiri no Magistério [...] a melhor faculdade do mundo ... para se fazer é a Educação Física [...]” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015).

<sup>102</sup> Referiu-se ao curso não concluído de Administração de Empresas.

Afirmou ter carregado consigo algumas características desenvolvidas no curso de Administração de Empresas, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento das relações interpessoais. Porém, ao comparar o curso de Administração de Empresas com o curso de Educação Física, alegou uma maior interação no curso de Educação Física. “[...] Faço uma distinção muito interessante ... quatro anos de Administração de Empresas eu fiz um amigo que já era meu conhecido [...] em três [...] anos de faculdade de Educação Física ... eu conheci a faculdade inteira ... vê a diferença ... de relação pessoal [...]” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015).

Segundo o professor, ele integrou a primeira turma do curso de Educação Física de Santo André. Citou as interações com a turma; suas características de observador desde o início do curso; os passeios à praia; as aulas de basquetebol com um colega de curso em razão da sua atuação como atleta<sup>103</sup> profissional na modalidade na época; a presença de uma perspectiva técnica de ensino no curso; as matérias de cinesiologia<sup>104</sup>, natação, voleibol, atletismo, entre outras; a adequação em relação a materiais e espaço; a não obrigatoriedade da prática de estágio; a atuação docente na Educação Física desde o 1º. ano do curso (professor eventual na rede estadual e professor em escola particular); o período do curso marcado pela ditadura militar; e os perfis dos alunos - a maioria vinda do interior do Estado, atletas de basquetebol, futebol e voleibol em final de carreira e técnicos - e os interesses diversos.

Além da realização do curso de Educação Física, Antônio Carlos cursou Pedagogia (1978-1979) na Faculdade de Educação “Campos Salles<sup>105</sup>”, especializou-se em Metodologia e Didática do Ensino (1997-1998) e fez Mestrado em Administração Escolar na FAFIJA<sup>106</sup> (essas últimas formações acontecerem na FAFIJA), conforme ilustram as Figuras 22, 23 e 24 e as informações no Quadro 4.

A justificativa de Antônio Carlos para a realização do curso de Pedagogia, já atuando como professor de Educação Física, foi a seguinte: “[...] porque dizia o seguinte ... ‘se você quiser ser professor ... professor sem Pedagogia não é nada’” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015, grifo nosso). Com a Pedagogia existiam outras possibilidades de atuação, ou em uma direção escolar, ou em uma coordenação pedagógica. A Especialização e o

<sup>103</sup> Referiu-se à Wlamir Marques, ex-jogador de basquetebol brasileiro.

<sup>104</sup> Com base na origem da palavra, “cinesiologia é a combinação de dois termos de origem grega: ‘kinesis’ (movimento) e ‘logos’ (discurso, estudo). Assim, no seu sentido literal, a expressão refere-se ao ‘estudo do movimento’” (REPPOLD FILHO, 2008, p. 72, grifo do autor). O autor acrescenta que esse termo geralmente se refere ao estudo do movimento do ser humano, pois pouco se encontra na literatura o uso da expressão cinesiologia “[...] referente ao estudo do movimento de outros seres vivos [...]” (REPPOLD FILHO, 2008, p. 72).

<sup>105</sup> Atual Faculdades Integradas “Campos Salles”, São Paulo.

<sup>106</sup> Atual UENP.

Mestrado foram realizados, segundo ele, em virtude das necessidades sentidas na atuação como professor no curso de Pedagogia em uma IES privada em Santa Cruz do Rio Pardo.

**Figura 22:** Diploma do curso de Pedagogia do professor Antônio Carlos.



**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

**Figura 23:** Diploma do curso de Especialização do professor Antônio Carlos.





**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

**Figura 24:** Diploma do curso de Mestrado do professor Antônio Carlos.



**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

Ao confirmar as influências familiares na sua formação pessoal e profissional, o professor relatou a confiança depositava por seu pai nos filhos por meio de um episódio ocorrido em plena ditadura e movimentos estudantis, período no qual receberam a visita de um general na faculdade de Educação Física. Nessa época, Antônio Carlos era o presidente do Diretório Acadêmico da faculdade. Admitiu que o seu envolvimento nesse tipo de função estava relacionado às seguintes atitudes: “[...] sempre fui o sabichão ... queria aparecer [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

[...] O general veio ... reuniu a diretoria com a gente lá ... “você não façam política aqui dentro ... vocês podem fazer política de educação ... pode mandar fazer greve por professor ruim ... por qualidade de ensino ... por qualquer outro motivo dentro da escola ... mas por política partidária não façam” ... foi só isso uma vez ... então não fazia nada ... professor de Educação Física não estava muito ligado a essas ... não é o espírito do professor de Educação Física estar ligado a essas coisas ... e eu me lembro quando nós viemos para cá ... o meu pai conversando com o Renato Barbério que era amigo dele ... o Renato falou ... “Ferraz ... você não está vendo ... você não tem medo dos seus filhos estarem lá ... naquele meio” ... e meu pai falou ... “eu não ... se existe uma coisa que eu nunca perdi meu sono foi em relação às atitudes dos meus filhos ... que eles nunca vão entrar numa gelada dessas ... eles não vão entrar nessas coisas ... essas coisas não ... não ... vão resolver a vida deles ... eu posso ficar tranquilo” ... sabe? ... vê a segurança que ele tinha em relação àquilo que nós éramos ... que ele tinha deixado para nós [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Antônio Carlos contou sobre sua afinidade com as aulas lecionadas pela professora “Maria Rodrigues” na área de dança durante a realização do curso de Educação Física. De acordo com ele, essa professora, reconhecida na época, também lecionava na Universidade de São Paulo, USP. Citou as danças folclóricas desenvolvidas por ela e as influências musicais (voltadas ao ensino da Educação Física nos níveis iniciais da escolarização), bem como o apreço por esse conteúdo e a importância desses saberes na consolidação de seu repertório pedagógico.

[...] A “Maria Rodrigues” ... era a única professora da ... do ... da escola ... que tinha uma visão focada na Educação Infantil ... porque o restante era tudo apito e time de bola ... não tinha prática ... “era formar equipe de atletismo ... era formar equipe de basquete ... era formar equipe de vôlei ... era formar equipe de natação” [...] (ANDRADE, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Também mencionou o professor de natação, o qual era muito exigente. Disse ter tentado se esquivar das aulas práticas dessa matéria em razão de uma micose no pé, porém, não obteve sucesso. O professor não o dispensou das aulas e Antônio Carlos o agradeceu por isso, pois acredita que se curou de uma Bronquite Asmática após a participação nessas aulas. As aulas das quais não participou geraram uma dependência na matéria. Confessou que: “[...] sempre fui um aluno mediano ... porque na verdade eu fui fazer Educação Física por força de ter um professor que foi fantástico ... que foi o professor ‘Sodré ... José Osvaldo Voz Sodré [...]’” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Na área de Atletismo, Antônio Carlos relatou o seu pouco envolvimento, ao contrário de alguns colegas de curso que estavam focados na formação técnica. “[...] Eu não queria nada disso ... sabe? ... eu não queria ser técnico [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). Por lecionar durante a graduação em uma escola particular, apresentou-se convicto em relação à opção pela docência desde essa época.

[...] O meu negócio era ser professor mesmo ... era terminar e eu já estava na faculdade ... e eu lecionei nesse período ... esse período eu já estava no 3º. ano ... eu já estava na outra escola particular dando aula ... né? ... e eu estava plenamente satisfeito ... feliz da vida como professor ... passei num concurso do Estado ... então eu fiquei professor do Estado e professor particular ... né?. (ANDRADE, Entrevista 2, 2015).

Em virtude dessa escolha, considerou como insucessos as situações vivenciadas no atletismo nas aulas na faculdade, pois declarou não possuir uma visão técnica na abordagem desse conteúdo na escola. Em contrapartida, centrava seus esforços na

formação do aluno com base na seguinte perspectiva: “[...] eu tinha uma visão de usar a Educação Física ‘como instrumento para a formação do pessoal’” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Em razão dessa visão, afirmou que, em sua trajetória profissional, exerceu a função de técnico por uma única vez, motivado pela premiação do campeonato na época, o qual consistia em uma viagem ao Guarujá para a equipe vencedora.

O professor, ao revisitar a própria história, alegou a intrínseca relação com a formação no Magistério como influência em sua atuação profissional, em particular no que se refere a uma gestão mais humana e de valorização dos funcionários na empresa “São Paulo Alpargatas”. Disse que “[...] investia na relação ... e isso já vinha dado do Magistério ... porque a pedagogia do Magistério era muito grande do contexto de humanismo né?” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). Conforme o professor, tal perspectiva contribuiu imensamente na atuação profissional em razão dos sucessos obtidos na realização de acampamentos, conforme as análises no próximo capítulo.

Caracterizou como situações de sucesso a convivência com os colegas durante a faculdade. “[...] Essa é a parte do sucesso ... da Educação Física ... da convivência ... da relação humana ... que o professor de Educação Física tem [...]” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015). Em face da atuação docente paralela à realização do curso de Educação Física, falou que o professor de Educação Física não era valorizado no contexto escolar e, por essa razão afirmou ter demorado muito para fazer uso da sala dos professores junto aos pares, espaço que só passou a ser utilizado por ele quando se “consolidou” como professor e passou a ter clareza de sua função.

Para Antônio Carlos, a expectativa sobre o bom professor de Educação Física era explícita nesse cenário: “[...] o professor bom era aquele que ganhava jogo e levava troféu para a escola ... aí a diretora falava ... ‘esse meu professor é bom ... porque ... ele trouxe troféu para a escola’” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Como marcas da sua trajetória formativa, Antônio Carlos rememorou as trajetórias escolares com os professores “Sodré” e “Darli”, mencionou novamente as aprendizagens sobre o basquetebol com o colega de curso e, apresentou, como referência, o professor “Rainero” na Especialização e no Mestrado. Entretanto, assumiu não ter muitos registros dessas trajetórias, como, por exemplo, fotografias.

## **5.2 Trajetória na formação inicial e continuada da professora Romilda Augusta**

O curso de Licenciatura Plena em Educação Física (1969-1971), iniciado pela professora Romilda (RIBEIRO, 2015) após aprovação em vestibular com “prova física” de natação (Figuras 25 e 26) na ITE<sup>107</sup>, foi muito apreciado por ela. “[...] Comecei gostar da profissão ... ali já no curso mesmo ... sabe? ... que eu estava fazendo ... porque já gostava ... já tinha ‘uma queda ... para a Educação Física’” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Segundo Romilda, a opção pelo curso foi influenciada por sua mãe e por uma afilhada de sua mãe, cuja “[...]

família inteira ... era professora de Educação Física ... e ... e ... como eu já tinha ... assim ... desde criança ... gostava de atividade assim ... de fazer roda de carro ... de fazer pirueta ... virar cambalhota ... então eu achei ... que ... era um curso que ... ia dar certo comigo ... entendeu? ... porque ... tem muitas que fazem o curso ... mais para ter um diploma ... não é? ... tem gente ... que vai para fazer o curso para ter um diploma ... o pai ... às vezes ... é rico ... não precisa ... trabalhar ... eu ... na minha sala de aula ... teve isso ... mas eu ... precisava ... me desenvolver em alguma coisa ... minha mãe ... era humilde né? ... então ... ela achava que ... alguém tinha que se formar ... dentro de casa ... e ... eu também achei. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

Apesar do medo que sentiu na realização do vestibular por não saber nadar, afirmou ter se saído bem nas outras matérias do curso, sobretudo em atletismo e ginástica. A “prova física” consistia na realização de um “teste de coragem”: “[...] eu não sabia nadar ... porque aqui não tinha piscina ... então tive que pegar aquela pedra ... no fundo ... de ... para demonstrar coragem [...]” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015). De acordo com ela, as dificuldades nas aulas de natação continuaram durante o curso. Essa matéria, denominada desportos aquáticos, integrou a grade curricular do curso na época do 1º. ao 3º. ano, em conformidade com a Figura 25. A professora confessou o medo que sentia e o esforço para não tornar esse medo visível aos olhos dos outros. Citou os tipos de nados aprendidos, os seus não saberes referentes a essa prática e as aulas de recreação, também ministradas pelo professor de natação.

As aulas aconteciam no período matutino e, no período noturno, havia a oferta de cursos técnicos - opcionais e de um ano de duração - de basquetebol e voleibol (Figura 26), também realizados por Romilda. “[...] Eu não sabia como apitar um jogo ... direito ... os professores davam ... mas davam assim ... mais ... na brincadeira ... né? ... agora no curso técnico ... você aprendia a técnica ... as regras certas ... né? ... e que mudou muito né?” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

---

<sup>107</sup> Na época, denominada Escola de Educação Física de Bauru, mantida pela ITE.


A professora contou dos cursos de recreação e atletismo, em Assis, e do curso de Metodologia da Educação, em Ribeirão Preto, realizados enquanto lecionava em Fartura e promovidos pela SEE-SP. Admitiu as razões de sua constante atualização: a classificação e a evolução na carreira e o seu anseio por novas aprendizagens. Admitiu sua preferência pela área recreativa ao dizer que

[...] fiz outros cursos aqui de recreação [...] achei que ajudou muito ... também tinha coisas que eu não conhecia ... e eu comecei a aplicar ... depois ... mesmo ... certos jogos ... né? ... que apareciam ... diferentes ... então eu ... eu ... músicas mesmo diferentes ... eu colocava e passava para os alunos. (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

Segundo Romilda, os professores da faculdade eram muito bons e dedicados, pois explicavam o conteúdo e davam sugestões. Citou o professor “Silvio Minhoto” de atletismo, a professora de ginástica (rítmica e geral), as aulas teóricas e práticas desenvolvidas e a confusão com as notas em razão da quantidade de alunos na turma. Cada turma contava com, aproximadamente, setenta e cinco alunos. As relações entre professor-aluno e aluno-aluno foram descritas como ótimas por se ajudarem mutuamente. Algumas matérias eram desenvolvidas na teoria e na prática, enquanto outras somente na teoria. A quantidade de materiais também era satisfatória para a vivência de práticas diversas.

A Figura 25, a seguir, elucida o conteúdo exigido para ingresso no curso na época (por meio de vestibular com “prova física”), a grade curricular do curso (1º. ano: Anatomia, Pedagogia, Socorros de Urgência, Ginástica Geral, Desportos Aquáticos, Atletismo, Desportos Terrestres Coletivos e Rítmicas e Danças; 2º. ano: Higiene Aplicada, Psicologia Aplicada, Pedagogia, Biometria Aplicada, Ginástica Geral, Desportos Aquáticos, Atletismo, Desportos Terrestres Coletivos, Estudo de Problemas Brasileiros e Rítmicas e Danças; e no 3º. ano: Fisioterapia Aplicada, Psicologia, Cinesiologia, Organização e Administração, Ginástica Geral, Desportos Aquáticos, Atletismo, Desportos Terrestres Coletivos, Desporto de Ataque e Defesa, Rítmica e Danças e Estudo de Problemas Brasileiros) e as respectivas notas ao longo dos três anos. Já a Figura 26 apresenta as matérias cursadas em adaptação para efeito do curso de Técnica Desportiva em Basquetebol e Voleibol durante a faculdade.

**Figura 25:** Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Romilda (frente).


  
**Escola de Educação Física de Bauru**
  
(MANTIDA PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO)
  
RECONHECIDA PELO GOVERNO FEDERAL
  
DECRETO N.º 47.174 DE 0/11/59
  
BAURU - EST. SÃO PAULO

**NOME- ROMILDA AUGUSTA DOS SANTOS**  
**Filiação- José dos Santos Filho**  
 Maria Augusta Ventura dos Santos  
**Data de nascimento- 06/05/1948 - PIRATININGA - Sp.**

**CONCURSO VESTIBULAR - 1969**

Português	6.0
Inglês	4.8
Matemática	5.5
Biologia	6.4
Provas Físicas	6.20
Média	5.9

<u>1º ANO- 1969</u>	<u>NOTA - CH</u>	
Anatomia	7.3	060
Pedagogia	7.2	060
Socorros de Urgência	8.0	060
Ginástica Geral	5.5	120
Desportos Aquáticos	5.7	090
Atletismo	6.1	090
Desportos Terrestres Coletivos	7.0	090
Rítmica e Danças	7.0	060

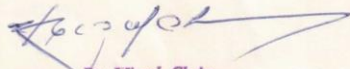
  

<u>2º ANO- 1970</u>		
Higiene Aplicada	7.6	060
Psicologia Aplicada	7.5	060
Pedagogia	8.0	060
Biometria Aplicada	7.5	060
Ginástica Geral	7.4	120
Desportos Aquáticos	5.7	090
Atletismo	6.1	090
Desportos Terrestres Coletivos	7.2	090
Estudo de Problemas Brasileiros	7.6	030
Rítmica e Danças	8.0	060


<u>3º ANO- 1971</u>		
Fisioterapia Aplicada	8.1	060
Psicologia	7.5	060
Cinesiologia	7.3	060
Organização e Administração	9.0	060
Ginástica Geral	7.2	090
Desportos Aquáticos	7.5	090
Atletismo	7.0	090
Desportos Terrestres Coletivos	7.0	120
Desporto de Ataque e Defesa	7.2	030
Rítmica e Danças	8.2	060
Estudo de Problemas Brasileiros	7.0	030

CONT. fls 02

  
**Dr. Miguel Chaim**  
 Ministério da Educação e Cultura MEC  
 Agência em Assuntos Educacionais  
Mat. 2.057.431

**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

**Figura 26:** Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Romilda (verso).



*Escola de Educação Física de Bauru*  
(MANTIDA PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO)  
 RECONHECIDA PELO GOVERNO FEDERAL  
 DECRETO N.º 47.174 DE 6/11/59  
 BAURU - EST. SÃO PAULO

NOME- ROMILDA AUGUSTA DOS SANTOS - fls 02

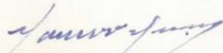
DISCIPLINAS CURSADAS EM ADAPTAÇÃO PARA EFEITO DO CURSO  
DE TÉCNICA DESPORTIVA - 1971

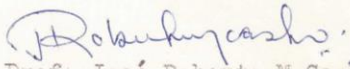
<u>DISCIPLINAS</u>	<u>NOTA - CH</u>	
Fisiologia	9.0	040
Biologia	6.0	040
Sociologia da Educação	6.9	040
Didática Geral e da Educação Física	8.0	060
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2º Grau	9.5	060
História e Metodologia da Educação Física	7.8	040
Recreação	8.0	040


CURSO DE TÉCNICA DESPORTIVA - 1971

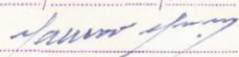
Basquetebol	6.3	182
Volibol	7.0	182

COLOCU GRAU EM 21/12/1971.  
 Por ser verdade, datamos e assinamos em,  
 Bauru, 01 de março de 1979.

  
 Mauro Leite Toledo  
 Secretário

  
 Prof. José Roberto M. Castro  
 Diretor

  
 Dr. Miguel Chaim  
 Ministério da Educação e Cultura MEC  
 Técnico em Assuntos Educacionais  
 Mat. 2.057.481

Este documento não contém  
 emenda nem rasura  
 Bauru, 01 / 03 / 79.  
  
 Secretário

**Fonte:** Acervo da professora Romilda.



Sobre os perfis dos futuros professores de Educação Física, Romilda disse que a maioria já lecionava como professor generalista e na Educação Física como ACT. Uma minoria fazia o curso apenas para ter o Ensino Superior e outros eram jogadores de voleibol, futebol e basquetebol e técnicos de basquetebol. “Mas a maioria que ... que ... dos amigos mesmo ... que deu aula ... assim ... era professor ‘primário’ e de Educação Física” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Das aulas de Ginástica, por gostar e ter vivenciado muito (por meio da realização de piruetas e cambalhotas na infância, conforme as análises das trajetórias extraescolares), recordou-se dos elogios da professora alusivos ao seu desempenho na modalidade.

Com base nas orientações de sua mãe, a professora Romilda ainda relatou que enfrentou com quietude algumas humilhações vivenciadas na faculdade em razão de sua condição econômica. O curso, parte custeado com uma bolsa de estudos e parte assumido pela mãe e pelo irmão mais velho “João Roberto”, foi realizado com muita dificuldade financeira, pois Romilda ainda não trabalhava. Em razão dessa ajuda, falou que tinha que empregar todas as suas forças na realização do curso. “[...] Eu tinha que me esforçar ... porque eu sempre pensei ... a minha mãe está fazendo um ... sacrifício ... meu irmão ... eu tenho que estudar né? ... então ... e ela ... sempre acompanhando ... notas ... tudo ... ela acompanhava” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

Analisou como mediano o seu desempenho discente na faculdade, conforme ilustram as Figuras 25 e 26, com notas de sete a nove na maioria das matérias, com exceção de “Ginástica Geral” no 1º. ano e “Desportos Aquáticos” e “Atletismo” nos dois primeiros anos. Nessas três matérias, as notas foram de cinco e meio a seis. Embora procurasse ser a melhor aluna, acredita que nem sempre conseguiu.

De acordo com Romilda, a perspectiva na faculdade se centrava no exercício da docência, apesar das dificuldades da época e da necessária inscrição em várias DE. “[...] A perspectiva ali era ... de terminar e sair lecionando mesmo [...]” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

Caracterizou seu sucesso como aluna no curso de Educação Física por meio das situações nas quais conseguia atingir os objetivos das aulas e arrancar elogios dos professores, bem como na realização do estágio na Escola Estadual Professora “Jacyrá Motta Mendes<sup>108</sup>” - uma das unidades onde lecionou posteriormente - no “primário”. Nessa prática

---

<sup>108</sup> Atual Escola Municipal de Ensino Fundamental, EMEF.



de estágio, por indicação da direção da unidade, desenvolveu aulas de Educação Física para alunos com deficiências, estreitou os laços de amizade com a professora generalista - os quais ainda mantém - e aproveitou todos os espaços escolares. Ao final dessa atuação, o diretor elogiou sua prática e assinou seu relatório de estágio.

Igualmente, participou da organização de festivais de danças na faculdade com base no desenvolvimento de um tema com cenário. Porém, afirmou não ter fotos dessas atividades. Comparou suas habilidades físicas dessa época com a condição atual de seu corpo. “[...] Eu caí três metros ... não quebrei nada ... depois de velha ... né? ... e na faculdade ... pulava igual ... né?” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

Para a professora, uma ideia de leviandade das mulheres atravessou o curso de Educação Física nessa época, pois os colegas assim comentavam: “[...] que a mulher ... que ia fazer Educação Física ... era tudo leviana ... na época (risos)” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015). No entanto, afirmou o desaparecimento dessa ideia e dos comentários com o tempo.

Sobre a concepção de Educação Física vigente, Romilda garantiu que se fundamentava no desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos, contudo, fez alusões ao foco no desenvolvimento físico em virtude da ausência de estudos e reflexões referentes, por exemplo, aos aspectos cognitivos. Embora tenha caracterizado os professores da faculdade como “bons professores”, descreveu a falta de diálogos sobre os conteúdos trabalhados.

[...] Eles só davam o conteúdo ... o conteúdo ... e as atividades práticas ... mas falar assim ... “você tem que dar isso ... dessa forma ... é ... que é melhor” ... não ... eles jogavam o conteúdo ... e a parte prática [...] não comentavam ... sobre jogos ... falavam tipos de jogos ... é ... jogos calmantes ... jogos intelectuais ... jogos ... daí você falava ... “mas o que ia fazer” ... os objetivos dos jogos ... a gente não sabia ... porque eles não comentavam assim ... o que é o objetivo desse jogo ... sabe? ... a gente ... eles davam a apostila ... com os jogos ... assim ... a apostila já vinham certos jogos ... mas não tinha o objetivo ... então ... você que tinha ... que usar da mente ... para ver aquele jogo ... para transportar ... para o aluno ... qual o objetivo daquele jogo [...] (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Entretanto, ao caracterizar o “bom professor” de Educação Física, Romilda mencionou a exigência em relação ao conteúdo trabalhado, o método de ensino, a busca e especialização contínua e o “dom” de ensinar. “[...] Eu acho que o bom professor ... é aquele que tem ... o dom mesmo de ensinar” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

A referência ao “dom” de ensinar novamente se evidencia na narrativa da professora ao refletir sobre as próprias expectativas e as expectativas dos colegas de curso em relação à profissão. Para ela, a ideia da docência fez parte de sua trajetória na formação inicial

em Educação Física, com base na expectativa de desenvolvimento de um trabalho com dedicação e comprometimento. Acredita ter correspondido a essa expectativa.

Como marcas da formação inicial em Educação Física, comentou sobre o bom relacionamento com os colegas, o qual ainda é mantido. “[...] Uns quatro anos atrás ... a gente tentou juntar ... os colegas que se formaram ... mas só vieram acho que uns vinte [...] era de ... das duas classes era [...] cento e setenta e pouco [...] foi muito bom ... a gente rever os amigos ... né?” (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

No curso de Pedagogia (1980-1981), realizado na UNIFRAN, a preocupação consistia em entregar os trabalhos no prazo, já que durante um semestre do curso se encontrava em licença-maternidade. Nessa ocasião, contou com a ajuda de uma colega que entregou seus trabalhos e retirou seu diploma. Os trabalhos eram entregues pessoalmente e/ou por procuração, a frequência à universidade era mensal e a prática de estágio consistia na realização de duzentas e quarenta horas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na gestão - administração escolar. Esse curso foi realizado em virtude da atuação como professora generalista.

### **5.3 Trajetória na formação inicial da professora Dinalva Aparecida**

A professora Dinalva Aparecida (PARDO, 2015) cursou os três anos de Educação Física (1970-1972) na ITE, em Bauru. Durante o Ensino Superior, realizou, na mesma instituição, os cursos técnicos de arbitragem de basquetebol e voleibol (1970) e Orientação Técnica de Natação (1971). “E fiz ... é ... cursos técnicos assim de um ano [...] eu fiz o curso também ... esse técnico desportivo em basquete eu fiz um ano todo ... eu fiz também um curso de ginástica feminina moderna [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

Outros cursos técnicos de natação e atletismo foram realizados pela professora em virtude da natureza de sua atuação na escola com turmas de treinamento e participação em jogos e das práticas vivenciadas na faculdade que, segundo ela, não se apresentavam com uma maior ênfase esportiva. Também confessou não ter estudado o handebol na formação inicial, tampouco vivenciado em sua trajetória escolar. Assim, disse que a apropriação desse conteúdo ocorreu por meio de cursos, adaptações e aprendizagens.

A professora alegou ter realizado cursos relativos à sua formação continuada em diferentes cidades (Assis, Avaré, Bauru, Dois Córregos, Jaú, São Carlos etc.). “[...] Você tinha que ir melhorando ... né? ... o ... eu sempre gostei muito de ... de aprender ... de querer saber mais coisas” (PARDO, Entrevista 4, 2015). Os conteúdos dos cursos, realizados com

iniciativa própria, recursos próprios e, muitas vezes, nos finais de semana e nas férias escolares, versavam sobre: música, movimento e criança; jazz; ginástica; seminário de esporte e lazer; expansão cultural; Educação Física infantil; aperfeiçoamento em guias curriculares (em 1975); “Isso se aprende com CB” (em 1986); recreação; e recreação infantil em handebol. A realização desses cursos também representam, conforme Dinalva, as renúncias que fez ao longo de sua trajetória de vida e de profissão.

[...] Me acrescentou muita coisa viu ... é ... é ... porque se eu não fizesse esses cursos como seria? ... é você tem que fazer uma coisa ... você tem que abandonar ... abandonar ... abandonar a minha casa ... o meu marido ... meus filhos ... porque você tinha ... eu já trabalhava a semana inteira ... e final de semana tinha que ir para fazer esses cursos ... porque senão não tinha como ... né? ... agora ... mais me ... eu cre ... cresci bastante ... eu aprendi muita coisa ... não que eu fosse uma especialista em que ... mas eu falo assim que eu ... é pude “trabalhar com essa criançada o todo sabe? ... assim delas”. (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Além desses cursos, a professora contou sobre a Especialização em Voleibol cursada em São Carlos ao longo de um ano. A escolha por essa modalidade esportiva se fundamentou em uma cultura escolar, na qual os meninos já jogavam basquetebol com o outro professor com quem ela dividia as aulas e a quadra. Nessa época, as aulas de Educação Física eram desenvolvidas com separação entre meninos e meninas. “[...] Tinha a parte de basquete ... então ficava muito para os meninos mais basquete ... eu dava o basquete ... mas ficava mais para o masculino ... então o professor usava mais ... porque na verdade aquele tempo a gente tinha [...] você tinha que estar dividindo a quadra” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

Para a professora, estudar e desenvolver o voleibol na escola com as meninas nessa fase da sua carreira - década de 1980 - atendia às suas necessidades de adaptações de espaço físico, uma vez que a escola só possuía uma quadra descoberta e essa modalidade poderia ser vivenciada em espaços alternativos: “[...] então o voleibol ... eu dava aquele ‘vôlei ao fosso’ também ... o voleibol eu podia fazer no gramado [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Do mesmo modo, acredita que, por ter atuado no SESI, sempre esteve informada a respeito de muitos cursos. Admitiu a necessidade de aperfeiçoamento no momento da atuação profissional, sobretudo no início da carreira, em razão das lacunas da formação inicial e da inexistência de materiais didáticos e teóricos e de outros professores de Educação Física ingressantes e atuantes na mesma cidade.

[...] Eu queria aperfeiçoar ... porque na verdade você sai da faculdade meia ... né? ... então eu não tinha aqui ... aqui em Bariri como aprender com outras ... não tinha pares ... outra coisa ... é ... tudo o que eu precisava e ... eu não recebia assim ... currículo nada assim para ... eu não tinha ... não tinha material ... eu também não ... não ... às vezes é ... fazia reunião com os coordenadores ... com a orientadora ... fui várias vezes para Jaú mas eu não trazia nada de ... nada ... me crescem ... não me acrescentava nada ... sabe? ... então por isso que eu fazia questão desses cursos. (PARDO, Entrevista 4, 2015).

Alguns cursos, divulgados na escola onde atuava, eram realizados sem o registro de ausência no trabalho. Os cursos de jazz e ginástica foram realizados em razão da atuação como professora de ginástica, dança e natação no clube Umuarama. “Eu dava jazz e dava ginástica para ... para a turma ... e depois é ... a turma já gostava [...] de alguma coisa balanceada ... então eu já punha música ... e eu fui fazer o jazz porque era na época estava naquele auge [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015). Em virtude dessa atuação, também realizou curso técnico sobre a modalidade natação em Assis.

A decisão pelo curso de Educação Física contou com o apoio do esposo e dos sogros, os quais a ajudaram com a “Lúcia Fernanda”. Em razão do seu interesse contínuo pelos estudos, rememorou o sentimento de felicidade de sua mãe por vê-la cursando o Ensino Superior: “[...] ela falava ... ‘Dina você sempre gostou tanto de estudar ... e agora você fazendo faculdade ... olha eu fico feliz’ ... minha ... minha mãe ... minha irmã que não estudou ... não pôde estudar ... né?” (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Diante de sua condição de casada e com uma filha pequena em Piratininga, relatou a surpresa dos vizinhos para com a sua decisão. Segundo a professora, essa decisão estava fundamentada em uma necessidade de melhorar de vida e de profissão, na escassez de oportunidades profissionais na época e na condição de instabilidade profissional do esposo. “Não tinha estabilidade ... ele nunca gostou de estudar ... o ‘Dininho’<sup>109</sup> ... fez até 8ª. série e não quis fazer (risos) ... então ... não quis fazer mais nada ... nunca gostou né? ... então mas é ... mas ele dava todo apoio [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Além da necessidade supracitada, Dinalva considera que o interesse e a convicção pela docência desde a infância a direcionaram e a mantiveram no curso de Educação Física. Acredita ter se saído muito bem nas aulas de recreação e de dança: “[...] eu fazia muita coisa ... muita demonstração ... muita coisa ... eu gostava ... então eu me realizei ... fazendo tudo isso [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015). Afirmou, ainda, ter transportado essas atividades para a organização e o desenvolvimento de festas com apresentação de danças em sua atuação profissional, conforme as análises no próximo capítulo.

<sup>109</sup> Referiu-se ao esposo, “João Pardo”.

As Figuras 27 e 28, a seguir, apresentam o conteúdo exigido para ingresso no curso (mediante aprovação em “concurso de habilitação”), a grade curricular (1º. ano: Anatomia, Socorros de Urgência, Biologia, Teoria Geral e Filosofia da Educação, Ginástica, Desportos Aquáticos, Atletismo, Basquetebol e Voleibol, Estudo de Problemas Brasileiros e Rítmica; 2º. ano: Fisiologia, Biometria, Psicologia, Sociologia, História e Metodologia da Educação Física, Ginástica, Natação, Atletismo, Rítmica, Basquetebol e Voleibol e Estudo de Problemas Brasileiros; e 3º. ano: Higiene, Cinesiologia, Psicologia da Educação, Didática Geral e da Educação Física, Ginástica, Rítmica, Natação, Atletismo, Recreação, Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2º. Grau e Basquetebol e Voleibol) e as notas da professora ao longo dos três anos de curso.

**Figura 27:** Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Dinalva (frente).

*Escola de Educação Física de Bauru*  
 RECONHECIDA PELO GOVÊRNO FEDERAL  
 (DECRETO 47.174 DE 6/XI/1959)  
 MANTIDA PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO  
 BAURU - EST. S. PAULO

CERTIFICO, para fins de direito e todos efeitos, que DINALVA APARECIDA DANTAS PARDO, filha de Antonio Pereira Dantas e de Carolina Zambon-Dantas, nascida aos 07 de setembro de 1.942, natural de GUARANTÃ, Estado de São Paulo requereu em fevereiro de 1.970 os exames do Concurso de Habilitação para ingresso no Curso de Educação Física e posteriormente em março de 1.970, 1.971 e 1.972 teve o seu pedido de matrícula deferido para o 1º, 2º e 3º ano obteve os seguintes resultados:-

CONCURSO DE HABILITAÇÃO:- 1.970

Português.....	6.5
Matemática.....	6.2
Biologia.....	6.8
Francês.....	7.5
Partes Físicas.....	5.8
Média Final.....	6.3

1º ANO:- 1.970

Anatomia.....	7.7
Socorros de Urgência .....	7.5
Biologia.....	5.6
Teoria Geral e Filos.da Ed.....	8.5
Ginástica.....	7.0
Desportos Aquáticos.....	5.6
Atletismo.....	6.0
Basquetebol e Voleibol.....	5.2
Estudo de Problemas Brasileiros.....	8.5
Rítmica.....	7.8

2º ANO:- 1.971

Fisiologia.....	7.3
Biometria.....	7.2
Psicologia.....	9.2
Sociologia.....	7.0
História e Metodol.da Ed.Física.....	8.6
Ginástica.....	7.2
Natação.....	5.0
Atletismo.....	6.1
Rítmica.....	8.7
Basquetebol e Voleibol.....	5.8
Estudo de Problemas Brasileiros.....	7.0

3º ANO:- 1.972

Higiêne.....	8.5
Cinésiologia.....	7.0
Psicologia.da.Ed.(aprend.e adol.).....	8.7
Didática Geral e da Ed.Física.....	8.7
Ginástica.....	8.0
Rítmica.....	8.5
Natação.....	7.0
Atletismo.....	7.0
Recreação.....	8.2

**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

**Figura 28:** Histórico escolar do curso de Educação Física da professora Dinalva (verso).

*Escola de Educação Física de Bauru*  
 RECONHECIDA PELO GOVÉRNO FEDERAL  
 (DECRETO 47 174 DE 6/XI/1959)  
 MANTIDA PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO  
 BAURU - EST. S. PAULO

Estrutura e Func.do Ensino do 2º grau,..... 7.0  
 Basquetebol e Voleibol..... 8.0  
 Colou grau em 27 de dezembro de 1.972.

Por ser verdade, dato e assino em,

Bauru, 28 de dezembro de 1.972.

*Mauro Leite Toledo*  
 Mauro Leite Toledo  
 -Secretário-

**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Da faculdade de Educação Física, Dinalva reconheceu as influências da professora de dança e dos seus saberes provenientes de cursos realizados no exterior, o auxílio prestado à professora “Clélia” - que tocava piano nas aulas de dança - na construção de coreografias e as influências da professora “Ivânia”, de ginástica, em sua atuação no clube Umuarama. Avaliou o curso e os professores com as seguintes palavras:

[...] eu fiz um curso muito bom ... eu fiz ... eu tinha ... é ... bons professores [...] as matérias médicas eram só médicos ... e tive ... primeiros socorros de urgência ... anatomia ... biologia ... eu tive ... eram médicos que davam aula para nós ... e as outras não ... professores ... né? [...] tive ... a parte esportiva tive ... tive é ... uns três professores ... já bem é ... já ... amadurecido ... que já tinham ... davam ... já tinha dado anteriormente [...] eu tinha uns três professores ... só novos ... mas que eram de basquete ... era o de natação ... e era a “Ivânia” que era de ginástica ... assim excelente ... sabe quando quer dar o sangue? ... eu fui fiz uma faculdade muito bem feita ... muito boa [...] e vi o quanto que eu fui feliz na faculdade que eu fiz. (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

Apesar da avaliação feita e das contribuições da formação inicial na atuação profissional, admitiu estar preparada para lecionar apenas a partir da 5ª. série (atual 6º. ano do Ensino Fundamental), pois não estudou/vivenciou, na faculdade, práticas voltadas aos

pequenos (referiu-se à “pré-escola” e ao “primário”). Para a professora, a ausência dessas práticas no Ensino Superior estava relacionada ao fato de que, nesses níveis de ensino, as aulas de Educação Física eram responsabilidades dos professores generalistas. Assim, analisa esses níveis de ensino como contextos favoráveis às suas dificuldades de estudo e de atuação profissional, de acordo com as análises no capítulo seguinte.

Por não ter um amplo conhecimento das diferentes realidades nas quais viria a atuar, Dinalva alegou que, no momento de realização do curso de Educação Física, sentia-se satisfeita, pois apresentou-se disposta a aprender tudo o que foi proposto e desenvolvido. “[...] Acho que foi só sucesso ... porque de tudo que [...] eu aprendi ... eu não não ... não tinha ... não tinha realidade de ... dessas outras coisas [...] porque eu estava lá na faculdade então tudo que eles davam ... tudo que eu fazia lá ... eu fazia assim ... é ... é até com mérito [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

Em face da iniciativa constantemente demonstrada nas aulas, relatou que os professores sempre solicitavam seu auxílio em atividades diversas (construção de coreografias, realização de massagens etc.): “[...] não que eu tivesse é ... é ... ativi ... especialização naquilo ali ... mas eu tinha é ... vontade ... eu tinha assim dedicação” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

A prática de estágio ficou circunscrita aos jogos escolares realizados na época, inclusive no SESI. Nesses eventos, os graduandos se dirigiam, em equipes e orientados pelos professores da faculdade, aos respectivos locais para fazer resumo e análise dos jogos. Quanto aos materiais, Dinalva declarou a quantidade exorbitante de apostilas elaboradas pelos professores, a escassez de livros sobre os assuntos estudados e os diversos trajetos feitos por ela entre Piratininga e Bauru para realização de trabalhos na biblioteca.

Sobre os perfis dos colegas de turma, a professora afirmou que a maioria era esportista (provenientes de diversas cidades: Araçatuba, Bauru, Marília, Ourinhos, Pirajuí, Piratininga, Presidente Prudente, Promissão, Santa Cruz do Rio Pardo etc.) e estava fazendo o curso por já atuar como professor de Educação Física escolar - mas apenas em uma determinada modalidade - em suas respectivas cidades e por pretender continuar na profissão. Dinalva acredita que seus colegas eram contratados pelas prefeituras de suas cidades em razão de possuírem saberes sobre a área e pela inexistência de muitos profissionais habilitados na época.

Recordou-se do encanto e da admiração que sentia pelo fato de os colegas ingressarem no curso com uma “bagagem” por já exercerem a profissão; do interesse pela docência manifestado pela maioria desde o início do curso; do fato de ser uma das alunas



casadas e mais velhas da turma; das turmas numerosas - duas turmas com cinquenta alunos cada uma; do nascimento do segundo filho, “Paulo”, no último ano do curso; dos encontros realizados com a turma em comemoração aos vinte e cinco, trinta e quarenta anos de formados; e das amizades que ainda mantém nos dias atuais.

[...] Assim reunindo a turma ... tudo velha aposentada ... olha aqui<sup>110</sup> ... eu tinha acabado de operar o joelho ... nessa festa aqui parece ... acho que eu estou até de bengala aqui ... aqui ... então ... é ... era uma turma muito grande ... sabe? [...] isso ... a gente faz ... faz ... eu tinha um amigo aqui que formou comigo ... mas ele faleceu ... então ficou ... ficou mais difícil porque a gente ia eu e ele ... sabe? [...] e para eu ir sozinha assim [...] não me animo muito não ... mas eu vou ver se eu pego ... teve um ano que ele não pôde ir também ... ele não ... não tinha falecido ainda mas meu filho foi ... ele e a namorada ... não era casado ainda ... foram comigo. (PARDO, Entrevista 4, 2015).

O curso de Pedagogia (Licenciatura Plena), realizado na FCL de Avaré (1979-1980) com duração de um ano e meio, foi cursado aproximadamente dez anos após a conclusão do curso de Educação Física e concomitante ao exercício da docência em Educação Física em Bariri. A realização da Pedagogia não estava, de acordo com a professora Dinalva, relacionada à evolução na carreira: “[...] é ... aparecia no meu currículo em todo o lugar a Pedagogia Plena que eu tinha feito tudo ... com direito ... direito até de eu lecionar ... né? [...] mas eu ... não acrescentava nada financeiramente ... sabe? [...]” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

De sua trajetória formativa (inicial e continuada), Dinalva garantiu não ter marcas referentes à sentimentos, situações e/ou pessoas, tampouco fotos da formatura da faculdade. No entanto, apresentou, ao final dessa entrevista, fotografias feitas durante as aulas de nataçã e de atletismo.

#### **5.4 Saberes docentes das trajetórias formativas dos professores aposentados**

No intento de contemplar uma multiplicidade de relações entre os saberes e as trajetórias dos professores de Educação Física aposentados, entendemos, com base em Moita (1995, p. 115), que nenhuma formação acontece no vazio, uma vez que tal processo implica em “[...] troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos”.

---

<sup>110</sup> Referiu-se à sua própria pessoa em uma fotografia apresentada por ela no dia de realização das entrevistas.

A visão dos professores aposentados sobre a formação profissional contém indícios de uma Educação Física centrada na formação integral do ser humano, conforme explicam Betti (1991), Brasil (1998), Freire (1997), Gallardo (2010), Medina (1987) e São Paulo (1990).

Essa preocupação, presente nas narrativas dos professores, fundamenta-se no uso da Educação Física “[...] como instrumento para a formação do pessoal” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015); em uma crítica à concepção de Educação Física focada no desenvolvimento físico do indivíduo presente na formação inicial de Romilda; e nas possibilidades de se “[...] ‘trabalhar com essa criançada o todo sabe? ... assim delas’” (PARDO, Entrevista 4, 2015, grifo nosso).

As críticas de Romilda corroboram as críticas de Antônio Carlos sobre as características da formação inicial da época: “[...] ‘era formar equipe de atletismo ... era formar equipe de basquete ... era formar equipe de vôlei ... era formar equipe de natação’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 4, 2015, grifo nosso). Além da ênfase no desenvolvimento físico e no esporte citados por Antônio Carlos e Romilda, Dinalva denunciou a ausência de práticas direcionadas aos alunos da “pré-escola” e do “primário”, o que se configurou como um elemento que dificultou o exercício da docência nesses níveis de ensino: “[...] falava de 5ª. ... de 5ª. série em diante ... agora precisei estudar muito a parte de [...] criança [...] a parte de CB ... a parte que eu dei aula de ... para pré-escola [...] isso não tive nada na faculdade [...] não era falado [...] precisei estudar muito ... e eu sofri um pouco nessa parte” (PARDO, Entrevista 4, 2015).

Assim, as narrativas dos professores indicam, entre outras questões, uma formação profissional em Educação Física fundamentada em um modelo curricular “tradicional-esportivo”, de acordo com Rangel-Betti e Betti (1996). Para o professor Antônio Carlos,

[...] formar o esportista é fácil ... é mais palpável ... você forma um ... você seleciona ... você monta o time ... agora ... se eu fazer o cidadão ... isso é subjetivo ... e nós não soubemos aplicar isso ... isso aí professor ... essa é uma das falhas do nosso ... ou da nossa formação ... ou da formação do próprio currículo ... não apresentar condições para que caracterizasse bem o papel da Educação Física enquanto cidadania ... não formação de atleta ... porque formar atleta é fácil. (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

Além disso, essas narrativas sugerem um culto à formação de um perfil docente cujas aulas deveriam ser desenvolvidas com base em uma tecnização da Educação Física (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997; SOARES et al., 1992).

Ao mesmo tempo, as professoras Romilda e Dinalva relataram a realização de diversos cursos técnicos ao longo de suas trajetórias formativas e profissionais em virtude da necessidade de uma maior compreensão a respeito de algumas modalidades que, nas práticas vivenciadas na formação inicial, foram trabalhadas mais com um caráter de ludicidade e menos de especificidade esportiva. Essa necessidade estava relacionada à natureza de suas atuações profissionais posteriores.

Os significados atribuídos à perspectiva técnica pelos professores, podem ser analisados com base em nossas reflexões fundamentadas em Cunha (2014) - no tópico “Processo de busca e de seleção dos participantes” no segundo capítulo desta pesquisa - e nas assertivas de Corrêa (2009, p. 23), segundo as quais

as recordações são perpassadas pelo conjunto de significações atribuídas pelos sujeitos ao se lançarem no trabalho de retrospectiva, o que implica na compreensão de que um mesmo acontecimento, ainda que vivenciado em uma mesma temporalidade por duas pessoas, não será rememorado igualmente por elas, pois, como será lembrado, ou mesmo se será lembrado está intrinsecamente relacionado com a representatividade no presente de determinado acontecimento. (CORRÊA, 2009, p. 23).

Ao evidenciarmos essa perspectiva técnica, não estamos afirmando a ausência de outras, em conformidade, por exemplo, com o tópico “Atuação profissional da professora Romilda Augusta” no sexto capítulo, a saber: o desenvolvimento de um ensino concreto; o aluno como produtor do próprio conhecimento e sujeito fundamental nesse processo; a preocupação com a qualidade do ensino; as influências das professoras “Nair” e “Lúcia”, conforme reflexões de Goodson (1995) sobre o “professor preferido”; e o uso da música - influência das trajetórias extraescolares e escolares e das atuações profissionais - como estratégia de ensino. A referência constante ao retorno positivo dos alunos em relação às aulas desenvolvidas também se tornou evidente nos relatos de Romilda, tanto na qualidade de professora generalista quanto na qualidade de professora de Educação Física.

Nesse cenário de formação inicial, também identificamos uma priorização do conteúdo em detrimento do objetivo e do método nas narrativas de Romilda. Em suas reflexões sobre a formação profissional no período de 1968 a 1996, Souza Neto (1999, p. 73-74) afirmou que “[...] a formação superior tem se orientado na transmissão de modalidades esportivas, habilidades motoras e/ou no próprio conhecimento, adquirido com base na experiência de execução de determinados exercícios” (SOUZA NETO, 1999, p. 73).

Logo, houve uma preocupação com a transposição didática, capacidade que, nas narrativas da professora, deveria ser desenvolvida no exercício da docência. No entanto,

Romilda caracterizou o ato de ensinar do “bom professor” como um “dom”, assertiva que não se coaduna com a ideia de aprendizagem da docência ao longo de uma trajetória de vida e de profissão, conforme as conclusões de Cunha (2014), Reali e Reyes (2009) e Tancredi (2009).

Entendemos as críticas feitas pelos professores de Educação Física à formação inicial com base na análise dos acontecimentos da época, sobretudo o Decreto 69.450/1971, que regulamentou a Educação Física como “atividade” com foco na “aptidão física” (BETTI, 1991; BRASIL, 1971a).

Nesse momento, Betti (1991, p. 105) alegou que “[...] o conceito bio-psico-social foi aqui incorporado ao discurso legal. Reflexões um pouco mais profundas sobre o entendimento conceitual da Educação Física no período podem ser encontradas em Pareceres do CFE<sup>111</sup>”. O autor também garantiu que essa ampliação dos valores e das finalidades conferidas à área culminaram em uma Educação Física formadora do “homem integral”, no entanto,

[...] muito pouco se refletiu sobre os “meios” de que se deve utilizar a Educação Física para a consecução de seus objetivos. Ao estabelecer a “aptidão física” como referência fundamental dos programas de Educação Física, restringiu-se em demasia as possibilidades pedagógicas para o alcance de tão amplos objetivos, propostos para atingir a “formação integral da personalidade”. (BETTI, 1991, p. 106, grifo do autor).

De acordo com Betti (1991, p. 100), o período de 1969 a 1979 “[...] assinalou a ascensão do esporte à razão de Estado e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na planificação estratégica do governo”. Esse fato, além de contribuir para a subordinação da área ao esporte (BORGES, 2001; BETTI, 1991; GHIRALDELLI JR., 1997), com efeitos nas políticas educacionais e de formação profissional, representou uma perspectiva de educação como um elemento que colabora para o desenvolvimento da economia da nação e uma transferência da atenção - até então dedicada ao ensino secundário - para o Ensino Superior (que, no período de 1964 a 1968, sofreu uma pressão por vagas da classe média e gerou a denominada “crise universitária” e os consequentes “Acordos MEC-USAID<sup>112</sup>” entre o Governo e a *Agency for International Development* (AID), e a Lei 5.540<sup>113</sup>, de 28 de novembro de 1968) (BETTI, 1991, p. 100).

---

<sup>111</sup> Conselho Federal de Educação.

<sup>112</sup> *United States Agency for International Development*.

<sup>113</sup> Essa Lei firmou, entre outras medidas, parâmetros organizativos e funcionais para o Ensino Superior em articulação com a Educação Básica (BRASIL, 1968).

Dentre essas mudanças, iniciativa como o Decreto-Lei 477/1969 foi um mecanismo de controle das possíveis objeções no contexto dos estudantes (BETTI, 1991), como pode ser notado na narrativa de Antônio Carlos por ocasião da visita de um general na faculdade de Educação Física em Santo André no período de 1970 a 1973: “[...] o general veio ... reuniu a diretoria com a gente lá [...] ‘você podem fazer política [...] por qualquer outro motivo dentro da escola ... mas por política partidária não façam’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). Esse Decreto, de 26 de fevereiro de 1969, definiu, entre outras medidas, contravenções disciplinares realizadas por docentes, discentes e demais servidores de instituições educacionais, públicas e/ou privadas (BRASIL, 1969a).

Assim, o período supracitado por Betti (1991), representou uma ampliação e consequente popularização do Ensino Superior pelas instituições privadas, o que incluiu a Educação Física. É válido mencionar que os três participantes desta pesquisa cursaram Licenciatura Plena em Educação Física em IES particulares no período de 1969 a 1973, instituições que apresentavam, na época, uma quantidade satisfatória de materiais e espaços disponíveis para a realização das práticas propostas e desenvolvidas por seus professores.

Ao refletir sobre a formação profissional e o modelo que a tem sustentado (de racionalidade técnica), Souza Neto (1999) acrescenta que, além dos interesses do Estado no processo de origem e de constituição das universidades, as mesmas sempre manifestaram (e ainda manifestam), em suas ações formativas, interesses sociais e econômicos de determinadas épocas e lugares. Afirma, ainda, que foi na conjuntura - inicialmente europeia e norte-americana - que as instituições brasileiras se desenvolveram e igualmente promoveram a ascensão da formação e atuação profissional em Educação Física no século XX. Segundo o autor,

paralelo à fundação das primeiras universidades há o desenvolvimento da ginástica e dos esportes na caserna, nas colônias de imigrantes, escolas, bem como nos clubes. Porém, como formação técnica, a ginástica/Educação Física vai se desenvolver mesmo dentro da ordem militar e os esportes/Educação Física nas mãos de leigos especializados e/ou de ex-atletas, constituindo-se em referência básica para a história da profissão. (SOUZA NETO, 1999, p. 38).

Assim, a ginástica e os esportes contribuíram para o desenvolvimento da área como profissão e influenciaram as trajetórias escolares e da formação (inicial e continuada) dos professores de Educação Física aposentados. Nesse sentido, Souza Neto (1999, p. 44) alegou que

muitas críticas já foram efetuadas a respeito da militarização do corpo ou do uso da Educação Física pelos militares, bem como da higienização da Educação Física pelos médicos. Pode-se, e deve-se, questionar este fato enquanto um fim em si mesmo, mas não se pode ignorar que foi também por meio deles que esta área de conhecimento ganhou espaço como campo de trabalho especializado. (SOUZA NETO, 1999, p. 44).

O período de 1969 a 1973, no qual os professores de Educação Física aposentados cursaram Educação Física é subsequente, de acordo com o autor, ao questionamento que exigiu, por meio da Lei 4.024/1961, a necessidade de um núcleo de matérias - “currículo mínimo” - e de uma “parte complementar” (determinada pela própria IES e com consideração pelas características locais) que correspondessem à “[...] uma adequada formação cultural e profissional” (SOUZA NETO, 1999, p. 61).

Na intenção de fortalecimento da formação docente, o autor também declarou a exigência, pela mesma LDB-EN, em relação à uma “parte pedagógica” na composição curricular do curso, característica que já compunha os demais cursos das faculdades de Filosofia. Assim, algumas alterações foram estabelecidas pelo CFE no contexto da formação docente por meio dos Pareceres 292 e 298, de 1962, que selecionaram matérias de naturezas educacionais, introduziram a prática de estágio nos currículos das licenciaturas e exigiram o “colegial” como pré-requisito para a realização dos cursos de Educação Física e de Técnica Desportiva, respectivamente (SOUZA NETO, 1999). “A implementação dos pareceres emitidos em 1962, entretanto, não se efetivou na prática, e a formação em Educação Física continuou diferenciada das demais licenciaturas” (BORGES, 2001, p. 27).

As matérias de naturezas educacionais selecionadas pelo Parecer 292/1962 foram estabelecidas sete anos mais tarde (incluindo a prática de estágio), mediante a Resolução CFE 9, de 6 de outubro de 1969, que fixou “[...] os mínimos de conteúdo e duração a serem destinados à formação pedagógica nos cursos de licenciatura” (SOUZA NETO, 1999, p. 63). Nesse mesmo ano, conforme o autor, as discussões sobre o “currículo mínimo” na formação profissional em Educação Física foram recuperadas pelo Parecer CFE 894, de 2 de dezembro (que fomentou a Resolução CFE 69/1969):

nesta apreciação sugere-se a redução das matérias básicas de fundamentação científica ao estritamente necessário e a inclusão das orientações pedagógicas do Parecer CFE nº. 292/62, com destaque para as matérias destinadas à formação educacional (incluindo na Didática Geral e da Educação Física e na Filosofia, História e Sociologia da Educação Física e dos Desportos todas as disciplinas conceituadas como tais), indispensáveis ao Professor de Educação Física. Neste sentido relevo maior é dado à Prática de Ensino que dever-se-ia tornar matéria autônoma. (SOUZA NETO, 1999, p. 63-64).

Logo, a inclusão dessas matérias de naturezas educacionais pode ser visualizada nos históricos das professoras Romilda e Dinalva, a saber: Pedagogia; Psicologia, Psicologia Aplicada e/ou Psicologia da Educação; Teoria Geral e Filosofia da Educação; Sociologia; e História e Metodologia da Educação Física; e Didática Geral e da Educação Física.

Ambas as professoras cursaram Educação Física na mesma IES e cidade, praticamente no mesmo período, apenas com um ano de diferença uma da outra: Romilda realizou o curso no período de 1969 a 1971; e Dinalva o realizou no período de 1970 a 1972. Os cursos técnicos em basquetebol e voleibol, de um ano de duração e oferecidos pela IES, também foram realizados por elas.

No histórico escolar do curso de Educação Física de Romilda (Figura 25), notamos a recorrência das disciplinas Desportos Aquáticos, Ginástica Geral, Atletismo, Desportos Terrestres Coletivos e Rítmica e Danças em todos os anos do curso, enquanto que a disciplina Pedagogia foi recorrente apenas nos dois primeiros anos, e Psicologia ou Psicologia Aplicada e Estudo de Problemas Brasileiros apenas nos dois últimos anos. Já as disciplinas Higiene Aplicada e Biometria Aplicada compuseram a grade curricular somente no 2º. Ano, enquanto Fisioterapia Aplicada, Cinesiologia, Organização e Administração e Desporto de Ataque e Defesa somente no 3º. ano.

Do mesmo modo, observamos recorrências no histórico escolar de Dinalva (Figura 27) em todos os anos (Ginástica, Desportos Aquáticos ou Natação, Atletismo, Basquetebol e Voleibol e Rítmica), nos dois primeiros anos (Estudo de Problemas Brasileiros) e nos dois últimos anos (Psicologia ou Psicologia da Educação). Outras disciplinas fizeram parte do currículo do curso de Educação Física apenas no 1º. ano (Anatomia, Socorros de Urgência, Biologia e Teoria Geral e Filosofia da Educação), no 2º. ano (Fisiologia, Biometria, Sociologia e História e Metodologia da Educação Física) e no 3º. ano (Higiene, Cinesiologia, Didática Geral e da Educação Física, Recreação e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º. Grau).

Embora tenham cursado Educação Física na mesma época, local e IES, os históricos das professoras Romilda e Dinalva se assemelham e se diferem em alguns aspectos, conforme o Quadro 7, a seguir.

**Quadro 7:** Semelhanças e diferenças na grade curricular do curso de Educação Física da ITE no período 1969-1972.

	<b>SEMELHANÇAS</b>	<b>DIFERENÇAS</b>
<b>Disciplinas</b>	Anatomia, Socorros de Urgência, Ginástica, Natação, Atletismo, Estudo de Problemas Brasileiros, Rítmica, Biometria, Psicologia, Higiene, Cinesiologia, Biologia, Fisiologia, Sociologia, História e Metodologia da Educação Física, Didática Geral e da Educação Física, Recreação, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º. Grau, Basquetebol e Voleibol.	Pedagogia, Desportos Terrestres Coletivos, Fisioterapia Aplicada, Organização e Administração, Desporto de Ataque e Defesa e Teoria Geral e Filosofia da Educação.

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

No entanto, apesar das semelhanças, as disciplinas Biologia, Fisiologia, Sociologia, História e Metodologia da Educação Física, Didática Geral e da Educação Física, Recreação, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º. Grau, Basquetebol e Voleibol (presentes no histórico de Dinalva), compuseram a grade curricular da turma de Romilda em adaptação para efeito do curso de Técnica Desportiva, conforme a Figura 26. Esses dados correspondem ao supracitado Parecer CFE 298/1962 que, segundo Souza Neto (1999), propôs, entre outras medidas, além do “currículo mínimo”, da “parte complementar” e da “parte pedagógica”, a especialização em mais dois esportes nos cursos de Técnica Desportiva. No entanto, o autor acrescentou: “[...] o Parecer CFE nº. 298/62 não se transformou em resolução sendo retomado pelo Parecer CFE nº. 894/69” (SOUZA NETO, 1999, p. 63).

Para Souza Neto (1999, p. 64), os esforços da formação inicial em Educação Física consistiam em “[...] preparar profissionais para atuar tanto na escola (ensino fundamental e médio) quanto fora da escola (treinamento esportivo em clubes, escolinha de esporte, academia de ginástica), uma vez que o ensino era entendido em sentido amplo”.

Cientes da importância da análise dos históricos escolares do curso de Educação Física dos professores aposentados, também contatamos Antônio Carlos durante a redação deste texto para os Exames de Qualificação e de Defesa a fim de solicitar tal documento. Infelizmente, o falecimento do professor no início de 2016 (conforme já enunciamos em nota de rodapé) resultou na impossibilidade de acesso a demais registros (como histórico escolar dos cursos realizados e fotografias de diferentes momentos de sua vida) e confirmação de alguns dados já coletados. A existência de poucos registros (documentos e fotos) do professor - solicitados desde a entrevista e durante a redação e finalização deste texto - relaciona-se a esse fato. Os registros que apresentamos em nossa análise foram coletados no dia da entrevista, pois já haviam sido devidamente organizados pelo professor (Figuras 2, 3, 21, 22, 23 e 24).



De modo coincidente, os três participantes deste estudo realizaram os cursos de Magistério, de Educação Física e de Pedagogia, de acordo com o Quadro 4. Embora os três professores tenham cursado o Magistério e a Pedagogia, apenas Antônio Carlos não atuou como professor generalista nas séries iniciais da Educação Básica, porém, atuou como docente no Ensino Superior no curso de Pedagogia. As professoras Dinalva e Romilda atuaram, respectivamente, por três e aproximadamente dez anos como professoras generalistas nas referidas séries - atuais anos iniciais do Ensino Fundamental.

O curso de Pedagogia foi realizado por eles com interesses diferentes, a saber: para Antônio Carlos, representou uma sólida base de atuação na docência, independente da área de atuação, bem como admitiu outras possibilidades de atuação profissional (direção e/ou coordenação); para Romilda Augusta, representou uma necessidade relativa à sua atuação profissional na qualidade de professora generalista; e, para Dinalva Aparecida, representou evolução na carreira docente, todavia, a professora alegou que essa formação, em questões financeiras, nada acrescentou.

Dentre essas trajetórias formativas, cabe mencionar que somente os professores Antônio Carlos e Dinalva Aparecida realizaram Especializações em Metodologia e Didática do Ensino e Voleibol, respectivamente.

Segundo Antônio Carlos, os cursos de Especialização e Mestrado foram por ele realizados em razão de

[...] uma cobrança ... do próprio MEC [...] o dono da faculdade ... ali de ... Santa Cruz ... ele falou ... “psiu ... psiu ... vem cá ... ó ... precisa fazer um curso aí ... nem que seja de ... correspondência ... mas você tem que pegar um diploma de especialista para nós apresentar aqui” ... saiu lá em ... em ... Jacarezinho [...] aí precisava [...] aí nós reunimos a turma ... isso foi a Especialização ... a Especialização ... e nós fomos lá ... íamos todo final de semana [...] era sexta à noite e de sábado ... e fizemos o curso ... quando estava terminando o curso ... eles conseguiram ... uma autorização para conseguir o Mestrado ... então aquela turma que fez Especialização lá ... a nossa turminha ... ficamos lá para fazer o Mestrado [...] demorou ali ... acho que uns seis meses para ligar isso ... mas nós estávamos antenados ... né? ... quando abriu ... nós estávamos lá dentro [...] acho que nós gastamos quatro anos para fazer ... foi muito bom ... esse Mestrado ... o que foi bom para mim ... você não imagina ... pena que chegou tarde ... sabe ... eu estava já no final ... no Estado [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

As narrativas dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida revelam, entre tantos elementos, algumas características pessoais, como, por exemplo, a observação, a capacidade de iniciativa (participação em Diretório Acadêmico, investimentos próprios na realização de cursos, auxílios prestados aos professores durante a formação inicial etc.), o anseio por novas aprendizagens, a dedicação e o comprometimento

com a formação e com a atuação profissional e a disposição para aprendizagens e mudanças com base nas necessidades sentidas no exercício da profissão. Para Tancredi (2009, p. 28), os professores precisam estar “[...] dispostos a aprender e a mudar. Se os professores não tiveram disponibilidade para a mudança, esta não acontecerá, por mais cursos e atividades formativas que frequentem”.

O fragmento a seguir, retirado de uma das narrativas de Romilda, elucida uma dessas características pessoais - o constante desejo de perfeição nas ações empreendidas:

[...] eu queria fazer ... tudo perfeito ... até hoje eu sou meio assim ... se eu tivesse que fazer uma coisa ... vou fazer um docinho modelado ... se eu não fizer perfeito ... eu desmancho (risos) [...] a gente tem que procurar o melhor ... né? ... sempre o melhor ... eu falei assim ... a gente procura ... se dá certo dá ... se não dá certo [...] pelo menos tentou [...] (RIBEIRO, Entrevista 4, 2015).

Assim, as assertivas da autora e de Romilda sinalizam para a presença e influência dessas características (pessoais) na formação (inicial e continuada) e atuação profissional dos professores. Para Darido (1995), há uma diversidade de fontes de conhecimento que contribuem para as práticas de ensino, o que inclui elementos da história de vida.

Confirmando Antônio Carlos, a visão de Romilda e Dinalva em relação ao futuro profissional também estava relacionada ao exercício da docência. O envolvimento das professoras em cursos direcionados à Educação Física escolar (recreação, atletismo, Metodologia da Educação, seminário de esporte e lazer, expansão cultural, Educação Física infantil, aperfeiçoamento em guias curriculares etc.) pode ser identificado como uma característica que permeou suas trajetórias profissionais, antes e durante o exercício da docência. Entretanto, na formação inicial dos professores, observamos: a não obrigatoriedade da prática de estágio para Antônio Carlos; a caracterização dessa prática como uma situação bem-sucedida por Romilda; e a limitação dessa prática aos jogos escolares para Dinalva.

Portanto, as análises neste tópico revelam as múltiplas relações entre os saberes e as trajetórias formativas dos professores por meio da confirmação/desenvolvimento de alguns valores na formação docente (Magistério e Educação Física), o cruzamento das trajetórias extraescolares e escolares na formação inicial, os sucessos e insucessos intuídos enquanto (futuros) professores, o desenvolvimento das relações interpessoais, entre outras trajetórias que influenciaram as práticas de ensino desenvolvidas pelos professores durante suas atuações profissionais na rede de ensino estadual, em conformidade com nossas análises no próximo capítulo.

### **5.5 Síntese das trajetórias formativas dos professores**

No Quadro 8, apresentamos uma síntese das trajetórias formativas dos professores de Educação Física, recuperamos alguns elementos de suas histórias de vida que contribuíram (ou não) para a opção pela docência, pelo curso e pela posterior atuação na Educação Física escolar. Também descrevemos algumas características do curso, dos professores e dos ingressantes e as perspectivas e expectativas em relação ao exercício da profissão na época, entre outros elementos.

**Quadro 8:** Síntese das trajetórias formativas dos professores.

QUESTÕES	ANTÔNIO CARLOS	ROMILDA AUGUSTA	DINALVA APARECIDA
<p><b>Caracterização da opção pela docência, da trajetória no Magistério e/ou na formação inicial em Educação Física, perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação à formação para o exercício da docência, à formação em Educação Física e ao futuro profissional</b></p>	<p>Rompimento com a firma e com o curso de Administração de Empresas e início da trajetória no curso de Educação Física (1970-1973). Influências da prática do basquetebol com o professor “Sodré” nessa escolha. Atuação na presidência do Diretório Acadêmico da faculdade. Referências à professora “Maria Rodrigues” e às danças folclóricas desenvolvidas por ela (com foco nos níveis iniciais da escolarização), bem como as influências musicais. Apreço pelo conteúdo de dança. Referências às exigências do professor de natação.</p>	<p>Realização do curso de Educação Física (1969-1971) por meio de vestibular com “prova física”. Faculdade custeada com bolsa de estudos, rendas do irmão e da mãe. Empenho na realização do curso. Acompanhamento materno das notas. Dificuldades e superação na natação. Desempenho mediano no curso. Apreciação por atletismo, ginástica e recreação. Necessidade de conhecimento técnico do esporte. Participação na organização de festivais de dança. Bom relacionamento com colegas/professores. Surgimento e desaparecimento de uma ideia de mulheres levianas durante o curso. Visão sobre o futuro profissional relacionada ao exercício da docência.</p>	<p>Realização do curso de Educação Física (1970-1972). Realização de cursos técnicos - basquetebol, voleibol, natação, atletismo e ginástica. Apoio da família na decisão pela Educação Física - curso que realizou já casada e com a primeira filha. Referências ao sentimento de felicidade materna por cursar o Ensino Superior. Opção pela realização do Ensino Superior fundamentada na necessidade de melhorar de vida e de profissão. Opção pela Educação Física com base no interesse e na convicção pela docência desde a infância. Apreciação/disposição constante para novas aprendizagens e realização das atividades propostas na faculdade com certo mérito.</p>
<p><b>Trajетórias da formação inicial que contribuíram (ou não) para a escolha do ensino da Educação Física na escola</b></p>	<p>Atuação em fábrica, em curso de contabilidade e escola particular para pagar a faculdade. Convicção pela docência e pela Educação Física em razão de lecionar durante a faculdade. Desenvolvimento das relações interpessoais no curso de Administração de Empresas. Preferência pela atuação docente em relação à atuação técnica. Atuação docente na Educação Física desde o 1º. ano do curso. Marcas da ditadura militar durante o curso. Aprovação no concurso para professor de Educação Física da SEE-SP. Esforços centralizados na formação do aluno</p>	<p>Ideia relativa ao exercício da docência presente desde o início do curso. Dificuldades nas atribuições de aulas nas DE. Abordagem dos esportes pelos professores em uma perspectiva lúdica. Sucesso nas situações de aula em que atingia os objetivos dos professores. Sucesso na realização do estágio com alunos com deficiências no “primário”. Realização de cursos paralelos ao longo da trajetória na formação inicial e na profissão.</p>	<p>Interesse pela docência manifestado pela maioria dos colegas desde o início do curso. Bom desempenho nas aulas de recreação/dança e respectivas influências em organização/desenvolvimento de festas. Auxílios prestados aos professores na faculdade em razão da iniciativa/vontade constantemente demonstradas nas aulas. Necessidade de aperfeiçoamento mais sentida no início da carreira. Inexistência de materiais e de pares - da mesma área - para trocas. Atuação com turmas de treinamento e participação em jogos escolares. Realização de cursos diversos com iniciativa e recursos próprios e em função da atuação</p>

	<p>por meio da Educação Física.</p> <p>Influências de uma perspectiva humanista do Magistério nas atuações profissionais.</p> <p>Realização do curso de Pedagogia (1978-1979) em razão das necessidades sentidas como docente.</p> <p>Realização de Especialização e Mestrado.</p>		<p>concomitante no SESI e no clube.</p> <p>Renúncias em relação à vida pessoal.</p> <p>Aprendizagem/desenvolvimento por meio dos cursos realizados.</p> <p>Realização de Especialização em Voleibol em razão das necessidades sentidas.</p>
<p><b>Caraterísticas da formação, concepção de Educação Física e concepção de professor na época (em especial do professor de Educação Física), perfis dos ingressantes e dos futuros professores, expectativas e transformações nos âmbitos pessoal e profissional após a opção pela Educação Física e pela docência em Educação Física</b></p>	<p>Pouco envolvimento no atletismo em virtude do foco na técnica.</p> <p>Interação intensa no curso de Educação Física.</p> <p>Perfis dos alunos: interioranos, atletas e técnicos.</p> <p>Presença das características de observador desde o início do curso de Educação Física.</p> <p>Presença de uma perspectiva técnica de ensino no curso.</p> <p>Aprendizagem do basquetebol com um colega de curso.</p> <p>Referências às matérias de cinesiologia, natação, voleibol, atletismo, entre outras.</p> <p>Tentativas sem sucesso de não participação nas aulas de natação e dependência na matéria.</p> <p>Desempenho mediano durante o curso.</p> <p>Suficiência em relação a materiais e espaço.</p> <p>Não obrigatoriedade da prática de estágio.</p> <p>Expectativa escolar sobre o professor bem-sucedido como o técnico esportivo.</p> <p>Percepção da desvalorização da Educação Física no contexto escolar pelos pares.</p>	<p>Turmas grandes e confusão docente nas notas.</p> <p>Foco no desenvolvimento físico em detrimento de outros aspectos.</p> <p>Formação docente com base em uma perspectiva técnica de ensino.</p> <p>Ausência de diálogos sobre os conteúdos trabalhados.</p> <p>Perfis dos alunos: professores generalistas, jogadores e técnicos.</p> <p>Professores bem-sucedidos na formação inicial, desenvolvimento das matérias na teoria e na prática e recursos materiais satisfatórios.</p> <p>Professor bem-sucedido caracterizado com base na exigência em relação ao conteúdo/método, na formação contínua e no “dom” de ensinar.</p>	<p>Professores bem-sucedidos, referências às aulas com médicos e ao comprometimento/envolvimento dos professores das modalidades esportivas.</p> <p>Formação docente focada nas aulas de Educação Física a partir do “ginásio”.</p> <p>Ausência de práticas voltadas à “pré-escola” e ao “primário” e posteriores dificuldades na atuação nesses níveis de ensino.</p> <p>Ausência de uma ênfase esportiva.</p> <p>Prática de estágio limitada aos resumos e às análises de jogos escolares no SESI e desconhecimento das diferentes realidades de posterior atuação profissional.</p> <p>Apostilas elaboradas em grande quantidade pelos professores e escassez de livros.</p> <p>Perfis dos alunos: esportistas que já atuavam profissionalmente.</p> <p>Referências às turmas numerosas, ao nascimento do segundo filho e aos frequentes encontros com a turma.</p> <p>Identificação de lacunas na formação.</p> <p>Realização do curso de Pedagogia concomitante à atuação na Educação Física.</p>
<p><b>Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos</b></p>	<p>Referências aos valores desenvolvidos no Magistério.</p> <p>Confiança do pai em relação aos fatos ocorridos na faculdade em plena ditadura militar.</p> <p>Vivências no atletismo consideradas como insucessos pela ausência de uma visão técnica.</p> <p>Convivência com os colegas no curso</p>	<p>Influências das práticas de cambalhota e pirueta das trajetórias extraescolares no sucesso nas aulas de ginástica na faculdade.</p> <p>Situações humilhantes em razão da condição econômica.</p> <p>Busca constante pela perfeição.</p> <p>Realização da Pedagogia paralelo à primeira licença-maternidade e apoio de uma colega.</p>	<p>Referências ao sentimento de felicidade e de satisfação durante a realização do curso.</p> <p>Referências ao sentimento de admiração pelos colegas que já exerciam a profissão durante o curso.</p> <p>Declaração de ausência de marcas referentes à sentimentos/situações/pessoas da trajetória formativa.</p>

<b>representativos dessas trajetórias</b>	caracterizadas como situações de sucesso. Referências aos professores “Sodré” (no “ginásio”), “Darli” (no Magistério) e “Rainero” (na Pós-Graduação). Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 21, 22, 23 e 24).	Comparação de seu desempenho com suas habilidades físicas atuais. Contato recente com alguns colegas do curso. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 25 e 26).	Apresentação de fotografias feitas durante as aulas de natação e de atletismo na faculdade. Manutenção do contato com alguns colegas de curso. Existência de registros em relação a essas trajetórias (Figuras 27 e 28).
---	---	--	--

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

## **6. AS HISTÓRIAS DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES: REFLEXÕES SOBRE OS ELEMENTOS DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Para finalizar, discutimos as atuações profissionais dos professores participantes, com ênfase no exercício profissional da docência e no exercício profissional da docência em Educação Física, tomando-se por base suas narrativas sobre as aulas de Educação Física desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas décadas de 1980 e 1990 na rede de ensino da SEE-SP.

Essas narrativas elucidaram/elucidam uma dependência entre as reminiscências de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida (ANDRADE, 2015; RIBEIRO, 2015; PARDO, 2015) sobre suas trajetórias (extraescolares, escolares, formativas e profissionais) e as relações familiares, sociais, escolares, religiosas e profissionais de cada um deles. De acordo com Bosi (2001, p. 54), “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Esse tema compreende as diversas atuações profissionais que ocorreram antes, durante e após a formação inicial, e antes, durante e após a atuação profissional em Educação Física dos participantes, e que não necessariamente ocorreram no contexto da docência em Educação Física e na rede de ensino estadual paulista. Igualmente, fundamentamo-nos em Goodson (1995), Moita (1995) e Nóvoa (1995).

Tomando-se por base os elementos das histórias de vida dos professores elucidados nos capítulos precedentes, bem como a possibilidade de compreensão do processo de construção das práticas desenvolvidas por eles e a reflexão sobre essas práticas (MONTEIRO, 2006), afirmamos, com base em Nóvoa (1995), que a forma de ensinar depende inteiramente daquilo que o professor é no momento em que exerce a docência.

Nóvoa (1995) apresentou a indissociabilidade entre a pessoa que o professor é e o ensino que realiza enquanto profissional e as escolhas realizadas no exercício da profissão. Essas escolhas “[...] cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser” (NÓVOA, 1995, p. 17).

Na perspectiva do trabalho, Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008) afirmam que exercer a docência por trinta anos, por exemplo, representa para uma pessoa fazer algo e, simultaneamente, fazer algo consigo mesma. Para os autores, os traços da atividade que o professor desenvolve impregnam a sua identidade e uma parte significativa da sua vida

distingue-se por sua ação como docente. Assim, transcorrido um tempo, essa pessoa torna-se professor, se vê e é vista como professor (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000). “[...] Os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 211).

Nesse tipo de abordagem, segundo Goodson (1995), o desenvolvimento profissional docente apresenta como ponto de partida o “professor-como-pessoa”. Em relação ao conhecimento das características da personalidade, imprescindível para o entendimento do desenvolvimento docente e curricular, o autor revela a necessidade de “[...] assegurar que a voz do professor seja ouvida [...]” (GOODSON, 1995, p. 67) mediante a consideração por sua vida.

Essa consideração, segundo o autor, constitui uma das perspectivas de um vínculo que consente que essa voz seja escutada, ou seja, é o vínculo que permite essa escuta. Assim, as histórias de vida tratam “[...] de ouvir o que o professor tem para dizer, e respeitar e tratar rigorosamente os dados que o professor introduz nas narrativas [...]” (GOODSON, 1995, p. 71). O autor afirma, ainda, que escutar os professores - quando os mesmos falam sobre o seu trabalho - deveria ensinar que a vida é extremamente importante.

Huberman (1995) enfatiza a importância de dar voz à pessoa, pois é ela quem mais possui conhecimento sobre o seu próprio percurso profissional. “Do mesmo modo, a maneira como essa pessoa define as situações com que se viu confrontada desempenha um papel primordial na explicação do que se passou” (HUBERMAN, 1995, p. 55).

O objetivo de Borges (2001, p. 12, grifo nosso), de entender como os saberes são construídos com base na recuperação das trajetórias e práticas de dois professores de Educação Física, fundamentou-se na pretensão de trazer “[...] contribuições para a discussão no âmbito dos cursos de formação de professores e, da mesma forma, ‘dar voz ao professor’, colocando-o em primeiro plano no percurso do seu próprio processo formativo”.

As histórias de vida enquanto recurso investigativo e formativo potencializam, de acordo com Monteiro (2006) e Reali e Reyes (2009), momentos significativos de reflexão. Para Monteiro (2006, p. 16),

[...] os estudos com histórias de vida vêm apontando facilidade para se conhecerem os aspectos da vida e das experiências dos(as) professores(as), até hoje muito pouco explorados. Esse tipo de procedimento permite cotejar presente/passado e perceber os relacionamentos entre formação e ação, tal como se realizaram no passado em sua relação com o presente. A recuperação do passado com os olhos do presente, com certeza, permitirá à pesquisadora e aos envolvidos na investigação o desvendamento



e a interpretação de práticas e de experiências que contribuem para o sucesso escolar. Permitirá ainda reconstituir uma memória muito além dos discursos veiculados pela história oficial. Essa metodologia possibilita construir sua própria história. (MONTEIRO, 2006, p. 16).

A relação entre presente e passado, em especial a “recuperação do passado com os olhos do presente” corresponde às assertivas de Bosi (2001) sobre a função das memórias nos velhos, os quais apresentam outros interesses e reflexões em outros rumos, com base naquilo que há de mais excelente em suas histórias de vida. Assim, “cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora” (BOSI, 2001, p. 81).

Recordar o passado, para a autora, só é possível graças aos saberes atuais do indivíduo que rememora, pois não há possibilidade de saber sobre si mesmo sem afastar-se das determinações do tempo presente. Tal recordação pode favorecer momentos significativos de reflexão potencializados pelas histórias de vida, de acordo com Monteiro (2006) e Reali e Reyes (2009).

Bosi (2001) e Monteiro (2006) corroboram, ainda, seja por meio das memórias e/ou das histórias de vida, a possibilidade de reconstrução de outra versão para uma mesma história (já contada oficialmente) pelos indivíduos que dela foram participantes.

Em virtude das questões supracitadas, entendemos, com base em Betti e Mizukami (1997), que a formação inicial pode ser atingida de modo extraordinário pelos resultados de estudos desenvolvidos com base nas histórias de vida, já que favorecem a descrição e a análise das trajetórias de vida, dos contextos, das variáveis intervenientes e dos processos de formação e de desenvolvimento profissional. Essa descrição e análise possibilitam a compreensão dos percursos realizados pelos professores e revelam situações emblemáticas marcantes que podem circunscrever e/ou potencializar a construção dos próprios saberes e o desenvolvimento profissional.

As informações sobre a vida dos professores - consideradas, segundo Goodson (1995), como fatores essenciais para as pesquisas em educação - vêm à tona quando eles falam sobre questões que envolvem o desenvolvimento do currículo, das disciplinas, da administração e da estrutura da escola etc., ou seja, os professores incluem comentários sobre suas próprias vidas em seus esclarecimentos.

Ademais, demonstra que só é possível entender as deliberações acerca do ambiente em que a docência é exercida e a forma como a mesma é direcionada por meio “[...]”

de uma compreensão detalhada das vidas das pessoas” (GOODSON, 1995, p. 74). O autor defende a ideia de que, somente por meio das histórias de vidas, torna-se possível ampliar o entendimento, por exemplo, sobre problemáticas relativas aos insucessos dos professores, ao estresse, ao ensino bem-sucedido, às inovações e/ou ações de natureza administrativa e às condições nas quais os professores exercitam a docência. Assim, apresentamos e analisamos, a seguir, as atuações profissionais dos professores de Educação Física aposentados.

### **6.1 Atuação profissional do professor Antônio Carlos**

A primeira atuação profissional de Antônio Carlos (ANDRADE, 2015) ocorreu na empresa “São Paulo Alpargatas” em São Paulo, onde os irmãos mais velhos foram morar com a tia “Élia” - diretora da escola - e, o professor, conforme explicitado no terceiro capítulo, com a tia “Nelinha”.

É nesse momento que o primo “Artur” entra em cena e consegue um teste de emprego para Antônio Carlos na “Sambra”, fábrica de óleo em que trabalhava. Antônio Carlos foi aprovado no teste, porém, foi encaminhado à outra empresa em virtude de, na “Sambra”, não ter vaga para ele naquele mês. Assim, iniciou sua trajetória profissional na “São Paulo Alpargatas”, onde atuou por aproximadamente três anos, no final da década de 1960 e início da década de 1970.

[...] Eu me lembro bem quando cheguei lá ... para ... para ... caipira ... de terninho ... porque ... eu fui recebido pelo “Seu Tavares” ... eu ia ser escriturário ... departamento fiscal ... escriturário do departamento fiscal ... eu me lembro de uma frase ... isso me marca até hoje ... me marca a visão que eu tenho do “Seu Tavares” que na época já estava velhinho ... “você é professor?” ... eu estava assim ó ... mais branco que a minha parede ... e o velho chegou ... o velho era o chefe ... “você é professor? ... quando eu sair daqui você vai ser meu substituto” [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Durante o exercício das funções de escriturário, diretor e chefe nessa empresa, fez o curso de Administração de Empresas, com início em Mogi das Cruzes e, mais tarde, com transferência para Santo André. Abandonou esse curso no 4º. Ano, em virtude de uma frustração e do pedido de demissão na empresa, iniciando, em seguida, sua trajetória na Educação Física.

Contou, emocionado, que realmente se tornou chefe nessa empresa, no departamento fiscal de uma de suas fábricas, contudo, exerceu essa função por um período muito curto de tempo. A necessidade de cursar Administração de Empresas surgiu logo que lá

ingressou: “[...] trabalhando e administrando uma fábrica com diploma de professor ‘primário’ ... eu fui fazer Administração de Empresas ... certo ... eu fui para Mogi [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso). A transferência do curso de Mogi das Cruzes para Santo André ocorreu, conforme ele, para facilitar o seu processo de locomoção entre a empresa e a faculdade.

Assim, com o trabalho e a identificação com o curso de Administração de Empresas (já em seu 4º. ano), pediu ao “Seu Tavares” para designá-lo para a área de custo de produção, atualmente denominada de contabilidade de custo. Entretanto, por ter resolvido com sucesso uma situação crítica da empresa em uma semana, foi designado chefe do departamento fiscal, de acordo com suas narrativas.

[...] Ao invés de ir para o custo ... me botaram para ... mas aquela colocação minha na chefia do departamento fiscal eu acho que foi mero desabafo do pessoal ... alívio ... né? ... eu tinha chefe de escritório ... tinha outras chefias ... claro que ia ser envolvida nesse negócio ... eu acho que eles escolheram ... eu era muito novo ... eu tinha vinte e dois anos ... e me guindaram a chefia e me cortaram que eu queria ir para o custo ... eu fiquei quinze dias na chefia ... “um dia eu chego lá” eles falaram ... “não você não vai ficar aqui não ... você vai ... nós vamos tirar você daqui” ... eu chorava que nem criança ... desespero ... nervoso ... não achava motivo ... mas era assim ... a verdade era assim ... eu era um rapaz de vinte e dois anos num cargo que sempre foi ocupado por gente de mais de quarenta ... de cinquenta anos ... então me cortaram ... entendeu ... me cortaram ... eu peguei meu paletó ... peguei minha gravata ... e falei ... “nunca mais ... a não ser para o velório ... eu ponho esse terno ... essa gravata” [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

A designação e a retirada de sua função como chefe em tão pouco tempo o arrasaram, segundo ele, a ponto de não aceitar, pedir demissão da “São Paulo Alpargatas” e prometer nunca mais usar o terno. Não teve a aceitação da família nessa decisão, o que inclui, posteriormente, a esposa (nesse período, ainda não eram casados). Em conformidade com seu depoimento, essa recusa fundamentava-se em uma perspectiva financeira, por estar em uma área considerada promissora na época e pelos saberes já adquiridos.

Apesar da frustração, considerou que não teve calma para retornar à área por ser muito jovem. Sentiu-se injustiçado por ter sido retirado da função de chefe sem nenhuma razão que o desabonasse, conforme ilustra o excerto a seguir.

[...] Como é que um cara tinha tudo ... tinha feito tudo certo ... tudo estava dentro daquilo que exigia a empresa ... os caras me cassaram ... um dia alguém me disse assim “ó ... você estava incomodando os velhos da empresa ... porque ser chefe precisa ser velho e você tinha vinte e dois anos cara ... você estava querendo o quê? ... queria ser presidente da empresa?” ... isso é importante ... isso me acalmou de certa forma ... sabe?. (ANDRADE, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

No entanto, acreditava que essa atuação influenciou em sua formação pessoal e profissional, tornando-o mais humano, pois, de acordo com sua narrativa, contribuiu para o desenvolvimento das relações interpessoais, da valorização do outro e das características de liderança, atributos que, segundo ele, refletiram-se no exercício da docência em Educação Física. “[...] Isso tudo me levou para ... para ... minha prática ... para o meu profissional [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015). Em outro momento dessa mesma entrevista, alegou que essa atuação não foi marcante em sua vida.

Além desse trabalho na “São Paulo Alpargatas”, exerceu, pela primeira vez, a docência em um curso de contabilidade na Lapa, na escola de comércio do “Seu Gilberto”, um amigo do seu pai. Antônio Carlos procurou-o na intenção de conseguir, sem sucesso, algumas aulas de Educação Física na DE na qual o “Seu Gilberto” era secretário e influente.

[...] Eu estava desempregado porque eu tinha pedido demissão da “Alpargatas” e eu precisava de dinheiro para sobreviver ... e eu fui procurar o “Seu Gilberto” ... que era amigo do meu pai ... para ele me arrumar umas aulas de Educação Física lá naquela ... lá Diretoria de Ensino ... ele tinha uma influência lá ... e ele falou ... “ô rapaz ... não tem Antônio Carlos ... não tem ... mas você é filho do Ferrazinho” ... “sou filho do Ferrazinho” ... “ah mas você não pode ficar sem ... você não”. (ANDRADE, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Assumi essa função por necessidade, por estar desempregado, precisar sobreviver e pagar a faculdade de Educação Física. Foi aceito pelo “Seu Gilberto” por ter cursado Administração de Empresas, apesar de não ter concluído o curso e admitir não ter conhecimento sobre contabilidade, área em que sentiu maior dificuldade durante a faculdade.

[...] Porque nós ... de Administração ... cabe fazer essa observação ... que nós chegamos no último ano ... no ... semestre final ... que eu fiz ... depois eu parei ... eu estava levando em dependência contabilidade industrial ... não sabia ... não tinha a menor noção ... porque a minha experiência era contabilidade fiscal ... mas industrial ... débito e crédito ... mas nem ... ativo ... passivo ... nem patrimônio ... essas coisas contábeis eu não tinha a menor noção ... e era isso que ele precisava ter lá na escola de comércio dele [...] (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Era uma escola particular com uma turma de contabilidade em seu último semestre de curso, que era noturno. Essa turma se apresentava resistente aos professores, porém, precisava, segundo o “Seu Gilberto”, “[...] pegar o diploma [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015). Logo que entrou na sala para lecionar sua primeira aula, Antônio Carlos ouviu: “[...] mais um que nós vamos mandar embora [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Contou que, em sua primeira conversa, confessou aos alunos não ter conhecimento sobre a área e que assumiu as aulas por necessidades financeiras. Para

convencê-los, argumentou que eles precisavam de um professor de contabilidade para conseguir finalizar o curso, apesar de já possuírem conhecimento sobre a área por atuarem em bancos (como gerentes) e escritórios. “[...] O detalhe era esse ... todo mundo sabia ... mas precisava do diploma para assinar balanço nos escritórios ... porque noventa por cento era escritório ... e eles não podiam assinar balanço e ganhar dinheiro ... porque sabiam fazer o balanço ... faziam [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Assim, garantiu ter conquistado os alunos, especialmente em razão da atitude do aluno “Rubens”, que se levantou de sua cadeira e disse: “[...] ‘professor ... eu gostei do senhor ... ninguém mais vai abrir a boca aqui para o senhor ... nós vamos levar esse curso até o final’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Para o desenvolvimento dessas aulas, Antônio Carlos organizou uma dinâmica na qual os alunos se ensinavam mutuamente. Também se fundamentou em alguns conhecimentos e materiais da faculdade (da parte contábil) e na proposta de trabalho em equipe. Admitiu ter aprendido muito sobre contabilidade com essa atuação, sobretudo análise de balanço, considerada por ele como “[...] um negócio complicado ... você fazer uma análise de balanço ... entendeu? ... e nós fazíamos ... eles recortavam e traziam publicação de jornal ... os balanços de jornal ... nós fazíamos [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Com a colaboração e a amizade construída com os alunos, declarou que conseguiu encerrar o semestre com satisfação. Lecionou por quase quatro anos nessa escola como professor eventual enquanto cursava a faculdade de Educação Física.

Sobre essas atuações, em especial o período em que trabalhou na “São Paulo Alpargatas”, afirmou não ter nenhum registro, como documentos e/ou fotos. Descreveu essa atuação profissional como dolorosa e dramática e, em virtude dessa frustração, acreditava ter apagado todas as possíveis lembranças.

Posteriormente à atuação no curso de contabilidade, Antônio Carlos ingressou como professor de Educação Física em escolas particulares (“Juca Peralta” e “Objetivo”), ainda em São Paulo, e fez parte de um grupo pioneiro na realização de acampamentos. Nessas unidades, lecionou para alunos do “primário” e da Educação Infantil. A atuação na escola “Juca Peralta” aconteceu paralelo à faculdade de Educação Física e a atuação na escola “Objetivo” depois de formado (1975-1978).

A realização de acampamentos consistia na promoção de atividades recreativas em fazendas para crianças em período de férias escolares. O primeiro acampamento foi realizado em Atibaia. “[...] Ficamos dez dias [...] criando recreação dentro da fazenda [...] tinha o local para nós dormimos ... que era alojamento ... tudo com beliche ... e ... uma

cozinha ... um galpão para brincar com as crianças à noite ... nós fomos criando brincadeiras [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

De acordo com o professor, essa atividade passou a ser denominada, posteriormente, de “colônia de férias”. Durante a atuação na escola “Objetivo”, exerceu também a função de coordenador na área da Educação Física na Educação Infantil e no “primário” e foi aprovado no concurso da rede de ensino estadual.

Como professor de Educação Física, afirmou nunca ter feito uso de apito. Assegurou que foi “[...] muito mais educador através da Educação Física do que professor de Educação Física [...]” (ANDRADE, Entrevista 2, 2015). A Figura 29, a seguir, retrata um dos poucos momentos de sua trajetória na Educação Física no qual alegou ter exercido a função de técnico e não de professor.

**Figura 29:** Professor Antônio Carlos no final de um campeonato estadual de voleibol feminino, em 1988.



**Fonte:** Acervo do professor Antônio Carlos.

Para exemplificar sua postura pautada nessa perspectiva, descreveu um episódio no qual conduziu uma aluna com um metro e dez centímetros de altura para uma competição de salto em extensão e salto em altura, embora estivesse ciente de suas mínimas chances. A aluna se classificou em último lugar, porém, ficou muito feliz por ter participado, comido lanche, tomado refrigerante e recebido medalha.

[...] Como o “Sodré” fazia isso conosco ... porque na época do “ginásio” a gente jogava basquete contra outros times aí e ele pagava a tubaína ... pagava sorvete ... pagava lanche ... ele era um cara ... eu sempre fui assim também ... eu ... eu ...

acumulei dele ... eu herdei dele ... essa postura ... isso já vem ... né? ... mas de levar um dinheirinho no bolso para comprar um sorvete para a criançada ... comprar um lanche ... dividir uma tubaína ... três ... quatro tubaínas com a turma toda ... quer dizer ... a molecada saía satisfeita [...] (ANDRADE, Entrevista 2, 2015, grifo nosso).

Além das influências que disse ter recebido, o professor reconheceu a influência que também exerceu em alguns alunos em Bernardino de Campos na escolha da Educação Física como profissão. Certificou que, apesar das dificuldades enfrentadas, realizou-se enquanto professor de Educação Física. Para ele, essa realização enquanto docente influenciou sua vida pessoal.

Conforme Antônio Carlos, a função do professor deveria consistir na agregação do aluno à escola por meio da Educação Física como instrumento. No entanto, o conceito de professor bem-sucedido em sua época de atuação estava relacionado, segundo ele, à participação e às vitórias em competições esportivas e, os treinos das modalidades, caracterizavam-se como boas práticas. Consequentemente, a avaliação era técnica. Assim, o bom professor era

quem levava mais troféu para a escola ... não tem erro [...] ninguém fazia essa avaliação de ... de ... de o seu trabalho sobre o aspecto social ... integrado ... ih ... ninguém dava bola ... para isso não ... você era bom professor ... se você fosse disputar o “colegial” lá em ... e trouxesse uma medalha no atletismo ... ou você trouxesse um troféu de vice ... ou de campeão ... de uma modalidade coletiva ... isso era o professor bem-sucedido ... depois disso acabou. (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Falou do seu total envolvimento com a docência e das diversas escolas em regiões diferentes (“Parada de Taipas”, “Caieiras”, “Franco da Rocha” etc.) nas quais lecionou em São Paulo. Não se recordou dos nomes da maioria das escolas e disse ter iniciado sua trajetória profissional na rede de ensino estadual em uma escola perto de Santo André.

Em São Paulo, onde permaneceu por treze anos, iniciou o exercício da docência ainda cursando a faculdade de Educação Física (de acordo com nossas análises sobre as trajetórias formativas dos professores no capítulo anterior), primeiramente como professor eventual, em seguida como professor substituto e, por último, como professor efetivo da rede de ensino da SEE-SP. Em meio ao exercício docente na rede de ensino estadual em São Paulo, com jornada completa de trabalho para alunos do “ginásio” e do “colegial”, Antônio Carlos lecionou, por um período de quatro anos, na rede de ensino privada.

Após esse período em São Paulo, decidiu-se pela remoção para compor, na função de especialista em educação, a equipe técnica na DE de Santa Cruz do Rio Pardo<sup>114</sup> - função que também exerceu por quatro anos. Assim, afirmou que voltou por “questões políticas” e sem maiores dificuldades, pois era um dos primeiros professores estaduais na classificação para o processo de remoção.

A partir do momento no qual foi removido, permaneceu no interior do Estado: “[...] eu me removi para cá e eu fiquei o resto ... fiquei o maior período meu de ... da rede pública foi aqui em Bernardino” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

Sobre o seu início na rede de ensino estadual, confessou o descaso para com a Educação Física, a ausência de orientação, a escassez de materiais (situação revertida posteriormente pela SEE-SP em razão do foco nas turmas de treinamento), o distanciamento dos professores das demais áreas em virtude da desvalorização da área, a mudança constante de escola - admitiu não ter atuado mais que dois anos em cada unidade - com o intuito de trabalhar mais próximo de sua residência e a indiferença em relação as implicações dessas mudanças. “[...] Era indiferente ... porque nós não tínhamos nem tempo de saber se isso era um processo que dificultava ou facilitava o trabalho nosso ... tamanho a correria ... e o volume de trabalho ... que não dava tempo ... não dava tempo de saber” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015). O distanciamento também ocorria, de acordo com ele, em relação aos pais dos alunos.

O professor também atuou como coordenador de escola na rede de ensino estadual por um período de dois anos. Admitiu que, em um determinado momento, optou pelo trabalho junto aos alunos:

[...] eu já não queria mais a área da coordenação ... porque eu achava que o meu trabalho era sempre mais perto das crianças e foi mesmo ... eu nunca errei esse papo ... nunca errei ... meu trabalho era direto com eles ... a minha vivência e ... o carinho meu com eles e o deles comigo ... sempre foi um negócio natural e fantástico ... muito natural e fantástico ... eu matava de inveja meus colegas ... porque era dia do professor o meu carro não dava para levar tudo o que eu ganhava de presente tudo numa viagem só [...] (ANDRADE, Entrevista 3, 2015).

Na função na DE, o professor desempenhou atividades relativas ao assessoramento no processo de atribuição de aulas aos docentes e na promoção de cursos e treinamentos. “[...] A gente fazia esses cursos ... reproduzia esses cursos na rede ... né? [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

---

<sup>114</sup> Atualmente, Santa Cruz do Rio Pardo pertence à DE de Ourinhos. Na época de sua atuação na DE, Ourinhos pertencia à DE de Santa Cruz do Rio Pardo.



Já em sua cidade natal, lecionou na escola na qual foi aluno, Escola Estadual Doutor “Miguel Prianti Calderaro” e, ao contrário das vivências em São Paulo de desvalorização da Educação Física e de distanciamento dos pares, afirmou: “[...] quando eu vim para cá ... eu era extremamente aceito ... né? ... nunca houve questionamento para mim aqui né?[...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

A atuação como professor de Educação Física no “primário” na rede de ensino estadual só aconteceu mais tarde, já na década de 1990, em Bernardino de Campos e por um período de quatro anos. Até então, Antônio Carlos lecionava aulas para alunos do “ginásio” e do “colegial”. Contou sobre a sua integração, ainda na equipe técnica na DE de Santa Cruz do Rio Pardo (por volta dos anos de 1981 e de 1982), em uma reforma em andamento da Educação Física no Estado.

Essa reforma, já iniciada no começo das décadas de 1970 e 1980 e, segundo Antônio Carlos, provenientes das críticas referentes à ausência de aulas de Educação Física no “primário”, tinha como propósito a ampliação dessas aulas para o professor de Educação Física por meio da inserção do professor especialista - de Educação Física e Arte - no “primário” e da garantia de tempo de estudo e em serviço aos professores generalistas. Apesar do sucesso obtido nessa reforma, Antônio Carlos afirmou que:

[...] nós conseguimos ampliar a área do professor de Educação Física além da 5ª. a 8ª. para as séries iniciais .... que era de 1ª. a 4ª. séries ... né? ... o que nós podemos observar aqui [...] “o currículo da escola de Educação Física não ensinou o professor de Educação Física ... certo? ... brincar ... ele não sabia brincar” ... tanto que nas escolhas de aula ... nas atribuições de aula ... o pavor do professor de Educação Física em ter que escolher os mais novos ... porque as aulas que sobravam sempre ... foram de 1ª. a 4ª. séries ... ninguém queria dar aula de 1ª. a 4ª. séries ... “foi uma luta de mais de dez anos para trazer a Educação Física de 1ª. a 4ª. séries ... quando nós conseguimos ... os professores não queriam dar aula ... não sabiam dar aula” ... teve professor que foi até hospitalizado aqui ... na Delegacia de Ensino da época ... Delegacia de Ensino de Santa Cruz do Rio Pardo [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Na época, as aulas de 1ª. a 4ª. séries, quando atribuídas a um professor de Educação Física, acontecia, conforme o professor, por dois motivos: ou por ausência de aulas em outros níveis de ensino; ou como uma forma de “castigo” pela direção da unidade escolar. Para Antônio Carlos, essa situação não foi impactante, pois já havia atuado em todos os níveis nas escolas particulares nas quais lecionou em São Paulo e, em virtude dessa sua trajetória, era indiferente em relação ao processo de atribuição de aulas, no qual nem sempre se fazia presente.

O professor acreditava que a volta posterior dessas aulas ao professor generalista esteve relacionada ao despreparo do professor de Educação Física para atuar com crianças. “[...] Como o professor de Educação Física não soube ... não sabia .. não estava preparado para exercer a função de professor [...] o Estado cortou as aulas desse especialista ... foi cortado ... foi cortando né? ... gradativamente” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

Junto às críticas referentes à formação e à atuação do professor de Educação Física, Antônio Carlos fez comparações entre as escolas da rede pública e privada e afirmou, categoricamente, que a escola pública não conhece o seu produto, pois não há clareza de finalidade no processo educacional e os professores ainda estão focados no conteúdo.

Outra crítica do professor foi alusiva ao período de atuação na rede de ensino estadual, na qualidade de especialista em educação na DE, no qual a SEE-SP conferiu autonomia às escolas para que elaborassem seus próprios regimentos. Segundo o professor, essa elaboração não aconteceu, e então a SEE-SP estabeleceu um modelo que permanece até hoje. Alegou ter participado, sem grandes êxitos, da promoção de várias formações nesse intento, orientando as escolas na elaboração do seu próprio regimento, bem como na elaboração dos seus PPP. “[...] Dificilmente você vai encontrar uma escola pública que esteja comprometida com ... uma escola da rede pública ... você está entendendo? ... que esteja comprometida com o projeto de escola [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015). O estudo sobre a importância do PPP integrou os temas de suas aulas no curso de Pedagogia em uma IES privada em Santa Cruz do Rio Pardo, instituição na qual atuou por um período de aproximadamente trinta anos.

Citou situações com alunos com dificuldades de aprendizagem e as condições desfavoráveis de vida, as aulas dialogadas para além do espaço da sala de aula e duas ocasiões de conflitos com alunos no final de sua carreira (provenientes da consequência da repreensão de uma aluna em aula e de agressão verbal proveniente de outro aluno); a promoção das aulas de Educação Física como espaço para as brincadeiras e para o processo de socialização e integração de todos os alunos, incluindo os menos habilidosos (porém, relatou sobre a recusa das meninas em jogarem junto com os meninos); o trabalho com conteúdos diversificados (esportes, ginásticas, jogos, brincadeiras, danças etc.), incluindo a atividade de pular elástico no “primário”, seus benefícios em razão dos níveis de complexidade; e as aulas que lecionou nos diversos níveis na rede de ensino estadual - até mesmo no Magistério, nas matérias de História da Educação e Metodologia e Prática de Ensino de Educação Física - com base nos saberes que afirmou ter construídos durante sua atuação na escola “Objetivo”.

As primeiras aulas de Educação Física lecionadas no “primário” foram para ele atribuídas ocasionalmente e, posteriormente, a seu pedido, passaram a fazer parte de sua jornada, fato que admitiu causar certo estranhamento nos colegas de profissão. Disse ter lecionado por quatro anos nesse nível de ensino.

[...] Eu dividia minha ... as minhas crianças ... nós brincávamos de roda ... nós cantávamos música infantil ... “cada aula ... três crianças tinham que trazer para mim ... músicas novas infantis ... para ensinar o restante ... da classe” ... e nós cantávamos e nós dançávamos ... nós pulávamos elástico ... nós brincávamos de cambalhota ... nós brincávamos de pega-pega ... nos brincávamos de pelota no reio ... nós brincávamos de esconde-esconde ... e nós brincávamos de cantiga de roda ... e ninguém ... para minha ... pelo meu ... perfil de pessoa parecer tão séria ... tão austera ... seca ... jamais podiam imaginar o quanto eu curtia brincar de roda com as minhas crianças. (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Igualmente, a realização de cursos voltados ao ensino do conteúdo dança na escola e as influências musicais se fizeram presentes, segundo o professor, em sua trajetória profissional. Durante a atuação nesse nível de ensino, disse ter sido pioneiro na apresentação de uma planilha de avaliação dos alunos com base em diversos aspectos (cognitivo, afetivo etc.). Essa planilha foi adaptada, de acordo com ele, pela coordenação da escola, para as outras áreas do conhecimento. Paralelo a essa atuação, lecionou nos outros níveis de ensino e no Ensino Superior, na qual continuou atuando após a aposentadoria na rede de ensino estadual na Escola Estadual Doutor “Miguel Prianti Calderaro”.

É onde eu estudei ... e me aposentei nela<sup>115</sup> [...] olha ... eu não percebi muito a minha aposentadoria da ... do ... Estado ... porque [...] eu continuei na faculdade [...] eu sempre dava as minhas vinte aulas ... a noite lá ... ficava ... eu não percebia ... não deu para sentir muito [...] não teve grande ruptura [...] só teve uma ... quando eu tive o Câncer ... né? ... e esse Câncer que eu ainda carrego ele ... mas ... sob controle [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

Apesar do intenso apreço pelas práticas corporais, Antônio Carlos afirmou que não se exercitou mais depois que ficou doente em 2008, período em que se viu obrigado a se aposentar na faculdade. O professor caracterizou sua participação constante nos movimentos grevistas como a pior situação vivenciada por ele, pois sentiu o prejuízo da ausência dos professores na escola estadual por meio da seguinte situação, ocorrida na década de 1990:

o fato é o seguinte [...] a minha filha chegou [...] “pai ... o que eu faço?” ... falei ... “por que filha? ... qual o problema?” ... “pai ... vocês ficaram três meses em greve ... eu não tenho menor formação ... não tenho menor condição de fazer qualquer vestibular” ... “por que filha?” ... “pois é pai ... três meses ... que vocês não dão aula

<sup>115</sup> Referiu-se à Escola Estadual Doutor “Miguel Prianti Calderaro”, de Bernardino de Campos. Não ficou claro, nas narrativas do professor, o período de sua aposentadoria na rede de ensino estadual. Porém, acreditamos, com base em seus próprios relatos, que esse fato tenha acontecido no início da década de 2000.

... que eu vou fazer ... vou pegar o diploma ... porque o diploma vai ter me dado aí ... no final do ano ... e o que ... que vestibular ... eu vou fazer?” ... aí a minha ficha caiu ... instrumento do ... instrumento do sistema ... sabe? ... eu me dei conta do quanto a gente era instrumento [...] e eu prejudiquei minha filha ... esse foi a minha maior frustração enquanto professor ... você está entendendo? ... porque não foi só ela [...] quantas crianças do nível de conhecimento e competência que tinha ... e que ficaram para trás [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Outra frustração do professor se refere ao fato de nunca ter lecionado como professor generalista no “primário”. “[...] Essa foi minha frustração ... nunca fui ... eu nunca fui alfabetizador ... sabe?” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015). Já os acampamentos e os resultados positivos - de integração social dos alunos - dessa prática e o reconhecimento dos alunos pelo trabalho desenvolvido foram caracterizados por ele como as melhores situações vividas.

Antônio Carlos citou, emocionado, duas situações marcantes em sua trajetória profissional nas quais ganhou, entre outros presentes, um apito de futebol da Copa do Mundo de 1966 e um agasalho de ginástica de lã de Taiwan. O agasalho foi presenteado por um aluno de 1ª. a 4ª. séries, cujo pai era embaixador em Taiwan, na China e, o apito, por um aluno cujo pai era aviador da Viação Aérea Rio-grandense (VARIG) na época. O apito foi comprado em uma das viagens do pai à Inglaterra.

Relatou que se aproximou mais desse aluno para ajudá-lo em seu processo de socialização, dificultado em razão da linguagem. “[...] Eu era o que dava mais atenção a ele ... e entendia ele ... procurava entender por um pouco que ele falava de português ... e pelo muito que a gente afetivamente tinha contato [...]” (ANDRADE, Entrevista 3, 2015). Assim, acreditava que o agasalho foi uma forma de o aluno recompensá-lo pela relação construída entre eles.

## **6.2 Atuação profissional da professora Romilda Augusta**

O início da trajetória profissional de Romilda (RIBEIRO, 2015) ocorreu na Educação Física. Anteriormente a essa atuação, a professora disse ter lecionado no MOBRAL por tempo pequeno, ao final do Magistério.

[...] Eu dei aula no MOBRAL ... que na época ... a noite ... para adultos ... curso de alfabetização de adultos ... eu nunca tive experiência assim noutra profissão ... não tive ... porque eu só estudava ... só estudei até terminar o curso ... daí ... e ... peguei umas aulas ... dez dias antes de ... de terminar o curso ... e daí já estava dentro do curso ... “podia dizer que já tinha um pouco de experiência” [...] (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Assim, as primeiras atividades aconteceram como professora alfabetizadora de adultos, no período noturno em Piratininga, por meio de polos organizados na cidade pela prefeitura. Apesar de atuar profissionalmente somente após a conclusão da faculdade de Educação Física, também descreveu a realização de tarefas domésticas como cozinhar e lavar.

Da atuação com alfabetização de adultos, citou os livros que recebiam e que tinham que colocar em prática nas aulas. Admitiu que começou a se sentir mais segura e perceber melhoras em sua prática com o tempo e com os saberes adquiridos dos assuntos trabalhados.

A trajetória profissional de Romilda na Educação Física iniciou-se com uma breve atuação docente na Educação Física - em caráter de substituição - em uma escola em Piratininga no final de 1971 para alunos do “ginásio”, logo após a conclusão da faculdade.

Para o desenvolvimento dessas aulas, afirmou ter recorrido aos saberes da formação inicial. Também alegou ter criado algumas atividades com base nesses saberes em virtude das necessidades sentidas com os alunos, os quais apreciaram as práticas propostas por ela. Dessa atuação inicial como professora substituta, expôs sentimentos relativos à expectativa dos alunos e à sua insegurança.

Com o apoio da mãe, contou que fez inscrições em várias DE - Jaú, São Carlos, Assis e Ourinhos - em razão da inexistência de aulas na DE de Bauru na época. Foi contemplada na DE de Ourinhos e assumiu as aulas em Fartura (na época, DE de Ourinhos), onde atuou em três escolas concomitantemente, inicialmente na Escola Estadual “Monsenhor José Trombi” e, posteriormente, nas escolas “Coronel Marcos Ribeiro” e “João Batista de Oliveira<sup>116</sup>”. Nas escolas citadas, lecionou no “ginásio” e, somente na escola “Monsenhor José Trombi” lecionou para o Ensino Médio e para o Magistério.

Assim, em 1972, iniciou sua trajetória de aproximadamente dez anos como professora de Educação Física em Fartura, onde assumiu, via ACT, aulas que eram lecionadas por professores leigos<sup>117</sup>. Em face desse cenário, da sua empolgação e da diversidade de atividades e materiais que propôs em suas aulas, foi assim considerada: “[...] eles achavam que eu era precursora da Educação Física [...]” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015). A Figura 30 retrata a professora Romilda nesse período na sala dos professores em uma das escolas que atuou na cidade.

---

<sup>116</sup> Atual EMEF.

<sup>117</sup> “Estranho ou alheio a um assunto” (FERREIRA, 2000, p. 422).

**Figura 30:** Professora Romilda em Fartura.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Assim, iniciou uma rotina de viagens, pois regressava para Piratininga aos finais de semana, momentos nos quais disse ter realizado alguns cursos de recreação e atletismo. Em todo o período que atuou em Fartura, com exceção das aulas no Magistério, garantiu ter lecionado apenas para meninas e em horários diferentes das demais aulas. Como dificuldades dessa etapa de sua vida profissional, declarou:

[...] a gente ... tinha a diretora ... que ela fazia a aula das cinco e vinte da manhã ... porque era antes da hora deles entrar [...] na sala de aula às sete horas [...] então ... eu ... eu me sacrificava ... porque ... é ... eu dava aula ... até onze meia ... meia noite [...] até chegar na pensão ... onde eu morava ... já era uma hora quase ... e dez anos ... quase ... eu levei essa vida ... dormindo tarde ... levantando de madrugada ... para dar aula. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

No Magistério, as aulas eram voltadas, de acordo com Romilda, ao ensino da Educação Física no “primário” por meio da matéria Metodologia do Ensino da Educação Física. Contou ter atuado, nessa época, nos períodos matutino (com meninas no “ginásio” e no Ensino Médio) e vespertino (com meninos e meninas no Magistério). Sobre esse início, descreveu alguns sentimentos marcantes:

[...] na minha docência assim ... então no início ... eu senti muito ... porque eu ... nunca tinha saído de casa ... né? ... para exercer ... e ... nunca tinha trabalhado também fora ... então eu ... me senti ... muito insegura ... mas com o tempo ... o passar do tempo ... assim ... dos meses ... eu fui adquirindo uma confiança muito

grande em mim ... porque eu estava vendo que ... os alunos<sup>118</sup> estavam achando as aulas excelentes ... e o professor que dava ... era professor leigo ... antes de mim ... então ele não tinha ... tanta assim ... aprendeu tanta metodologia ... tanta coisa ... para poder aplicar. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

A insegurança inicial, proveniente das implicações do primeiro emprego em outra cidade, foi superada, segundo a professora, com a ótima aceitação de suas aulas pelos alunos e pela confiança e saberes adquiridos com o tempo, sobretudo pela participação em competições esportivas. Referiu-se à utilização de todos os materiais existentes na escola e às próprias iniciativas para a inserção dos alunos nas competições de voleibol e atletismo em Marília, Ourinhos e Iaras. Conforme Romilda:

[...] a escola nunca exigiu ... não ... que eu ... participasse ... uma ... porque naquela época era difícil ônibus para transporte também de aluno ... então ... mas eu ia ... na prefeitura ... eu insistia ... para eles poderem participar ... sabe? ... porque ... eles falavam ... “ai dona Romilda ... vamos participar” ... eu falei assim ... “mas a gente tem que ver se tem condições ... se a prefeitura vai arrumar o ônibus ... para mim poder levá-los para lá ... porque eu não tenho carro ... não tenho condução ... condução nenhuma que eu possa transportar vocês” ... daí eu ... sempre eu tive ... assim ... com o prefeito ... nunca ele negou ... sabe? ... só uma vez que ele falou assim ... sabe? ... “o caixa aqui para a parte de cultura ... de esporte ... não está fortalecido ... assim ... mas a gente vai fazer um esforço ... para poder levar esses alunos”. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Embora tenha afirmado que não propôs essa participação em outras modalidades, apresentou, em seus relatos, o desenvolvimento de um trabalho com práticas diversas (basquetebol, handebol, ginástica, jogo, dança etc.).

Igualmente, Romilda narrou o contexto escolar da época em que lecionou em Fartura, a intensa participação dos pais na vida escolar dos filhos, os valores sociais - de respeito, de comemorações cívicas, de organização de eventos culturais etc. - que, de acordo com ela, influenciavam a cultura escolar e eram por ela influenciados, a interação com a comunidade local, a forma como foi acolhida na cidade, o desenvolvimento de seu processo comunicativo e o respeito e a afetividade recíproca com os alunos nas aulas e em ocasiões de confraternizações.

A professora expressou essa afetividade com base no carinho existente na relação professor-aluno, o retorno discente positivo em relação às características das aulas e a participação docente nas atividades propostas por meio das demonstrações que realizava: “[...] eu fazia também as aulas ... então ... eles ficavam olhando ... eu fazer ... sabe? ... então ... eu fazer a rotina de cambalhota ... daí ... eles despertavam ... também ... neles ... a vontade de

---

<sup>118</sup> A professora fez uso da expressão “alunos” em vários momentos da entrevista, mesmo quando se referiu às aulas ministradas apenas para meninas.

fazer ... e tinha aqueles ... que sempre tem um ou outro ... não gosta [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015). Nesses casos, exigia a realização de alguns trabalhos para garantir, de algum modo, a participação de todos. Essa não participação também era proveniente, conforme Romilda, do sentimento de medo de alguns alunos - superado com o tempo e as vivências - e, por isso, assegurou que não os pressionava.

Ao se referir aos alunos que não apreciavam muito as aulas de Educação Física, a professora se explicou tomando-se por base, novamente, a ideia de “dom”. Para ela, tudo é “dom”: “[...] o tricô é um ‘dom’ ... o crochê ... é um ‘dom’ ... é ... nem todo mundo ... tem ‘dom’ para uma coisa ... né? ... para certas coisas ... então ... eu sempre fazia assim ... eu dava ... em forma de trabalho ... para fazer ... para repor ... as aulas [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

O seu início como professora na rede de ensino estadual foi caracterizado por ela pelo desconhecimento em relação ao número de faltas permitidas aos docentes, a impossibilidade de uso da quadra nos dias chuvosos, a divisão do pátio da escola com outro professor, as turmas numerosas, a abordagem de jogos envolvendo a Língua Portuguesa e a Matemática dentro do espaço da sala de aula e as regras escolares (proibição do uso de cigarro na sala dos professores, envolvimento nas festividades da unidade, respeito aos horários das aulas etc.).

No desenvolvimento do conteúdo ginástica, fez alusão à uma situação na qual uma aluna ficou imobilizada após realizar a atividade de rolamento em sua aula. Romilda apenas comunicou à direção, encaminhou-a aos cuidados médicos e conversou, posteriormente, com seus pais.

[...] O médico falou que esse problema que ela tinha era de nascença ... foi até bom porque ela estava em fase de desenvolvimento ... então conseguiu corrigir ... entendeu? ... porque senão ela ia com o tempo ficar ... ia ficar ... ia ter deformação ... e então ... acho que foi por Deus também ... que aconteceu isso ... para ... eu assustei na hora ... porque ... nunca tinha acontecido ... daí aconteceu aquilo ... eu fiquei ... meio assustada ... é porque ... um aluno ... fica esticado ... não se movimenta ... eu ... eu achei que ... eu falei “meu Deus” ... mas eu estava com todo cuidado ali ... então foi o problema mesmo dela ter a ... o problema na coluna ... né? ... de nascença [...] (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Com exceção desse episódio, disse não ter acontecido maiores incidentes em suas aulas em razão dos seus cuidados, dos exercícios demonstrados, da proximidade com os alunos nas vivências e da realização das atividades por etapas. “[...] Por exemplo ... eu vou ensinar uma cambalhota ... eu ficava perto ... ensinava se agrupar bem ... para fazer o rolamento [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).



Descreveu as aulas desenvolvidas no Magistério com registro de um determinado assunto na lousa por meio de um sinótico<sup>119</sup>, as questões colocadas aos alunos para exploração desse assunto, o registro das respostas dos alunos na lousa referentes aos procedimentos didáticos que deveriam ser adotados por eles nas escolas e o registro nos cadernos dos alunos com vários tipos de brinquedos, bem como se lamentou por não tê-los acompanhado no estágio em virtude da proibição da diretora da escola na época. “[...] Não era só por lá na lousa ... sabe? ... daí eu falava ... ‘como você poderia trabalhar com aluno ... em sala de aula ... com esses tipos de atividades’... daí elas iam falando [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

De acordo com a professora Romilda, não existiam, com exceção da lousa e do giz, muitos materiais para o desenvolvimento de suas aulas no Magistério. Garantiu ter recorrido à improvisação, por meio da confecção de materiais, e à demonstração das atividades e materiais (apropriados à cada atividade) em diversas ocasiões em sala de aula, pois os alunos não tinham muito conhecimento sobre a Educação Física (não havia lecionado para esses alunos nos anos anteriores). A professora também relatou não ter recebido nenhuma formação para o trabalho junto aos alunos no Magistério, com exceção das orientações presentes nos guias curriculares recebidos (com objetivos, conteúdos), as necessidades sentidas durante as aulas e seu próprio acervo para o ensino da Educação Física, utilizado em todos os níveis de ensino nos quais atuou. Acredita ter desenvolvido o conteúdo para além das propostas dos guias e livros, pois promovia situações nas quais os alunos tinham que pensar para resolvê-las.

Em 1980, ausentou-se de Fartura para assumir o concurso como professora generalista, ao mesmo tempo em que cursava Pedagogia, já casada - conforme ilustra a Figura 31 - e com a primeira filha. Essa atuação ocorreu mediante aprovação em “[...] concurso de ingresso no Magistério ... ‘primário’ ... em setenta e oito” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso). Logo após, retornou ao exercício da docência em Educação Física, contudo, por pouco tempo e com aulas nas cidades vizinhas de Fartura - Manduri, Óleo e Espírito Santo do Turvo - para alunos do “ginásio”. As aulas nessas cidades também ocorreram, em meio a muitas dificuldades relativas ao seu processo de locomoção, ao final desse período em Fartura e antes da posse no novo cargo.

---

<sup>119</sup> “Relativo à sinopse” (FERREIRA, 2000, p. 638).

**Figura 31:** Professora Romilda em seu casamento, em 1978.



**Fonte:** Acervo da professora Romilda.

Para assumir o concurso de professora generalista, inicialmente em Guarulhos (onde atuou por quatro meses), cessou seu contrato anterior via ACT. “[...] Tive que escolher lá em São Paulo ... daí tive que escolher Guarulhos ... o lugar mais perto que minha irmã morava” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015). Regressou a Piratininga removida por união de cônjuges em razão da profissão do esposo (policial militar, aposentado desde 1994) para atuar em uma classe multisseriada em Alba<sup>120</sup>.

O início dessa trajetória foi marcado por sua primeira licença-maternidade. “[...] Os alunos achavam falta de mim [...] tinha um aqui ... que nem queria ir ... na aula da tal outra professora [...] eu catava os alunos na estrada ... porque eles não tinham outro ... meio de ir para a escola [...] eu punha no carro e levava [...] sempre foi assim [...]” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015). Nesse período, para compor sua jornada, assumiu aulas de Educação

---

<sup>120</sup> Distrito de Piratininga.

Física na cidade e permaneceu por um tempo em duas escolas simultaneamente. Avaliou como “fantástica” a atuação como professora de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries.

[...] Porque ... é assim ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... porque eu não só ficava assim ... dentro da sala de aula ... se eu fosse dar ... Ciências ... eu saía lá fora ... a gente observava as folhas ... das árvores ... o formato ... sabe? ... tamanho ... os pássaros ... as cores ... tudo ... tudo o ... o canto ... sabe? .. eu fazia eles ouvirem ... porque ... depois eu fui perceber ... que numa descrição ... uma coisa ... eles estavam ... até fazendo versinho ... sabe? ... vocabulário era outro ... sabe? ... e eu então ... eu ... assim ... eu era ... para eles eu era uma mãe ... para essas crianças ... porque eles eram muito pobres ... moravam assim ... na estação .... lá ... e só dois que moravam numa baixada que tinha um rio ... então ... mas a minha experiência assim ... como professora foi ... é ... eu ... não achei assim ... porque ... dar aula ... ser merendeira ... eu fazia merenda na sala de aula ... então vinha pronta aquelas ... sopas ... mas eu nunca só fazia aquilo ... às vezes eu levava até de casa ... alguma coisa [...] (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015).

A professora Romilda acredita que o trabalho desenvolvido contribuiu para estimular a produção de versos pelas crianças, minimizar os erros ortográficos e desenvolvê-los na área da Língua Portuguesa. Contou que, quando indagada por professores das séries seguintes sobre o sucesso do seu trabalho em virtude dos alunos recebidos, respondia: “[...] ‘ah ... porque eu leio ... eu pronuncio ... eu faço eles pronunciarem ... assim ... corretamente ... então é difícil ... insisto quando são dois ‘r’” ... sabe? ... eu fazia isso ... e eles não tinham erros ... assim quase de Português [...] ‘eu vou na carteira’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Assim, compartilhava sua prática com os professores que davam continuidade ao seu trabalho, dividia as atividades entre as quatro séries durante as aulas e lidava com a constante rotatividade das crianças, em razão das mudanças dos pais. “[...] Eles mudavam muito ... então ... hoje eles estavam aqui ... amanhã ... o pai ia na colheita ... outro lugar ... eles iam ... mudavam ... sabe?” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015).

Da atuação inicial no “ginásio” como professora de Educação Física, Romilda assegurou ter levado e desenvolvido diversos conteúdos, atividades e estratégias (noção de lateralidade, orientação espaço-temporal, jogos etc.) para além da sala de aula no “primário”: “[...] eu não ficava presa só dentro da sala de aula [...] comecei a dar ... o que eu aprendi da Educação Física ... eu aplicava também ... na sala de aula” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015).

Sua preocupação, segundo ela, fundamentava-se na ausência de professor de Educação Física e na necessidade de criação e de diversão das crianças. Para tanto, utilizava todos os espaços da escola em suas práticas, sem receio de alguma interferência da direção da unidade.

[...] Inclusive uma vez foi o inspetor lá ... me viu lá fora ... daí ele falou ... “que ... que eu estava fazendo” ... daí ... eu estava dando uma aula de Ciências ... ele achou aquilo formidável ... sabe? ... eu trabalhei com folhas ... tipos de folhas ... né? ... as gavinhas ... que tem no ... em certos ... trepadeira ... que grudam né? ... elas grudam na ... então ... ele achou fantástico ... isso daí ... e assim ... a parte de Educação Física ... eu dava assim ... na esquerda ... direita ... o bracinho esquerdo ... nunca ... eu só observava qual era a mão direita ... quem escrevia a esquerda ... mas nunca falei nada ... porque o aluno pode ... se forçar o aluno mudar a mão ... isso aí prejudica ele. (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Como professora generalista, contou ter lecionado em várias escolas em fazendas. Essa atuação ocorreu de forma concomitante às aulas de Educação Física no “ginásio” e “colegial” nas escolas de Piratininga e, posteriormente, também no CB (1ª. e 2ª. séries). Nesse período, as aulas de Educação Física constituíam sua carga suplementar. Quando foi aprovada em concurso para professor de Educação Física, assumiu a jornada completa em três escolas.

Para Romilda, sua característica de pessoa observadora influenciou sua vida profissional. Ilustrou essa assertiva por meio de um acontecimento no qual percebeu a dificuldade para enxergar de duas alunas, aplicou-lhes o teste que resultou em apenas trinta por cento de visão e as encaminhou ao médico, com o apoio da diretora. Diagnosticadas com Toxoplasmose<sup>121</sup>, as alunas receberam apoio de Romilda por meio do irmão que trabalhava em farmácia e conseguiu encontrar os medicamentos necessários ao tratamento. Conforme relatado por Romilda, de professora ela passou a ser madrinha dessas alunas: “[...] hoje elas falam para os filhos ... ‘ó ... se não fosse a Dona Romilda ... vocês não teriam nascido’ (risos) ... elas falam ... eu sou madrinha delas ... elas me tratam como mãe ... porque eu nas minhas experiências ... de observação ... eu ficava atenta ... com aluno” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Sobre as influências da profissão em sua vida pessoal, mencionou, como aspectos positivos, o relacionamento com os alunos, a preocupação e o anseio em vê-los bem

---

<sup>121</sup> A toxoplasmose é uma infecção causada pelo parasita *Toxoplasma gondii*, em geral encontrado nas fezes de gatos. Geralmente a toxoplasmose não causa nenhum tipo de sintoma na maioria dos indivíduos infectados. Porém, pacientes nos quais a doença não é assintomática apresentam sintomas variáveis de acordo com a forma da infecção (por meio do cisto do parasita ou durante a gravidez). Crianças com toxoplasmose congênita (transmitida durante a gestação), podem apresentar sintomas graves que podem ocorrer em meses ou até mesmo anos após o nascimento, como, por exemplo: icterícia, déficit intelectual acentuado, convulsões e problemas na visão que podem levar à cegueira. Em relação à toxoplasmose adquirida (quando há contato com o parasita), em geral indivíduos com o sistema imune normal não apresentam sinais clínicos e a doença passa despercebida, mas em alguns casos podem apresentar sintomas parecidos com os da gripe como febre, dor no corpo e cansaço. Pacientes com o sistema imunológico debilitado também podem apresentar sérios problemas de saúde, como convulsões, doenças respiratórias, icterícia e problemas neuropsicomotores. O tratamento mais adequado será indicado após o diagnóstico e avaliação clínica criteriosa do médico. Disponível em: <http://www.gazetasp.com.br/marcel-machado/9415-toxoplasmose-transmissao-sintomas-diagnostico-tratamento-e-prevencao> Acesso em: 5 out. 2017.

e a consideração por suas características individuais, bem como a dificuldade de traduzir em palavras essas influências profissionais em sua vida. “[...] Eu não sei como que eu vou explicar ... é difícil ... porque [...] é uma coisa muito [...] subjetiva” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015).

Igualmente, citou algumas dificuldades vivenciadas na condição de esposa e mãe, as tentativas de superação dessas dificuldades, o processo de escolarização dos filhos nas mesmas unidades nas quais lecionava, a falta de conclusão do Ensino Médio pelo segundo filho e a realização do Magistério no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) e a faculdade de Direito cursada pela primeira filha.

Algumas dificuldades versavam sobre conciliar os cuidados com os filhos e o exercício da docência, conforme ilustra o fragmento a seguir: “[...] a família sempre naquela coisa ... luta ... né? ... cuidar de filho ... dar aula ... acabava dormindo uma hora ... uma e meia da manhã (risos) ... porque não tinha como ... né? ... se tem ... dava aula ... cedo ... à tarde ... e à noite” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015). No contexto da Educação Física, lecionou em todos os níveis de ensino, inclusive no Magistério.

Segundo Romilda, as marcas de suas atividades como professora generalista podem ser exemplificadas por meio de algumas implicações de suas características pessoais. Afirmou que suas iniciativas de busca e aproveitamento de todos os materiais e espaços possíveis nas escolas nas quais lecionou incomodavam outros professores, bem como suas observações e preocupações alusivas às condições da quadra e às características das atividades desenvolvidas, conforme suas trajetórias escolares descritas no quarto capítulo.

[...] Eu fuçava os porões da escola ... e eles<sup>122</sup> achavam que ... “onde você viu” ... eu achei cada material ... didático ... que nunca tinha sido usado ... e eu comecei a usar ... principalmente Matemática ... sabe? ... e estava dando resultado ... e eles achavam que com isso ... eu estava querendo ... mas não era ... “era o meu eu” ... o que estava procurando ... coisa melhor para os alunos. (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Além disso, compunham essas características profissionais a iniciativa para realização de leitura de histórias com dramatização, a promoção de oportunidades para os alunos se expressarem por meio de diversas linguagens (escrita, gráfica e corporal), o bom relacionamento entre eles em razão de sua proximidade com os alunos e de suas atitudes de observação e de diálogo. A organização das aulas por meio de dinâmicas, o aluno como

---

<sup>122</sup> Referiu-se a alguns professores que comentavam, de forma negativa, sobre o seu trabalho no “primário”.

protagonista do próprio processo de aprendizagem e o professor como sujeito que aprende também foram características descritas por ela.

A atuação como professora de Educação Física em Piratininga também aconteceu, segundo ela, paralela à atuação como professora generalista. Nesse momento de sua carreira, a professora assegurou ter lecionado aulas de Educação Física para meninas e meninos concomitantemente e nos mesmos horários das outras aulas.

Contou que, ao iniciar/continuar sua trajetória profissional na Educação Física em Piratininga, enfrentou resistências de grupos de alunos quando decidiu reorganizar as equipes já existentes para oportunizar a participação de outros alunos. Essa reorganização incluía, segundo ela, a promoção da participação de todos os alunos nas aulas e nas competições. O excerto a seguir ilustra a descrição dos grupos resistentes às mudanças por meio do uso da expressão “panelinhas” pela professora Romilda.

[...] Essas panelinhas ... começaram a ir contra a minha pessoa [...] as outras ... não ... participavam das aulas ... quando eu entrei lá ... não era eu que dava aula ... eram outras ... então fazia isso ... deixam elas ... as panelinhas ... agir ... daí ... as outras depois quando eu ... entrei ... reclamaram ... sabe? ... para mim ... sabe? ... mães que vieram falar [...] que as filhas [...] não estavam participando da aula ... porque fulana ... não deixava [...] porque [...] só elas jogavam ... eu falei ... “não ... aqui não é escola de profissionais ... aqui é escola de aprendizagem ... então vocês vão aprender” ... e no fim ... essas alunas que eu peguei ... também ... participaram de campeonato “colegial” ... e ainda ... ganharam medalha [...] falavam ... que elas não sabiam ... não se desenvolviam em jogos [...] eu falei ... “não ... aqui é todo mundo [...] quem quiser se profissionalizar ... vai num clube ... lá você se profissionaliza ... aqui ... todo mundo tem o mesmo direito ... tem deveres e tem direitos” [...] vamos misturar ... vai todo mundo ter os mesmos direitos ... então eu colocava ... um pouco de cada [...] “aqui eu tenho que ser professora ... então ... eu tenho que dar aula ... eu tenho que ensinar ... quem não sabe ... vai aprender”. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Ao narrar a sua atuação como professora de Educação Física no “primário” (e durante todo o período de duração do CB), fez referência às noções de espaço, tempo e de lateralidade. Com base na ideia de desenvolvimento discente por meio da atividade física, citou as intervenções junto à escola e aos pais dos alunos com deficiências físicas, e afirmou que sua preocupação ia além da “[...] ‘atividade em SI’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Além das noções supracitadas (de lateralidade, de espaço e de tempo), Romilda descreveu o registro das práticas vivenciadas por meio de histórias produzidas pelos alunos. Contou sobre a busca constante por materiais nos espaços das escolas nas quais atuou, recordou-se das festas que organizava, mencionou os exames biométricos e médicos e a necessidade de ainda realizá-los nos dias atuais, bem como a importância dessas informações

para o aluno. “[...] Eles gostavam quando fazia ... porque ... eles sabiam o peso ... a altura ... é ... daí ... e se houve desenvolvimento na aula ... sabe? ... então ... ele falava ... ‘nossa ... eu cresci’ ... você via o aluno falando ... ‘nossa ... começo do ano até agora ... eu cresci ... e bastante’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Referiu-se a ausência de conflitos com os alunos e dos mínimos conflitos entre os alunos em virtude das suas atitudes constantes de diálogo e das intervenções pontuais. Esses relatos também abrangem as breves atuações em Óleo e Espírito Santo do Turvo, cidades nas quais lecionou após perder as aulas em Fatura para outra professora.

Em oposição a essas atuações e já nos últimos anos de sua carreira docente na Educação Física em Piratininga, declarou a existência de alguns conflitos entre os alunos - relacionados com a mudança de época, as drogas e as condições de vida. Outras situações de conflitos aconteciam durante os jogos e eram resolvidas, segundo ela, por meio do diálogo entre professora e alunos. Em relação ao trabalho junto aos outros professores, relatou as reclamações sobre o barulho produzido nas aulas de Educação Física em virtude da proximidade entre a quadra e as salas de aula. Com o tempo e a construção de quadras afastadas das salas de aulas, alegou que essas reclamações desapareceram.

Do exercício na docência em Educação Física caracterizou o trabalho desenvolvido previamente às competições esportivas das quais participou como o melhor trabalho. Ao mesmo tempo, refletiu sobre esse trabalho ao longo de sua trajetória profissional e a considerou inviável ao final de sua carreira em razão das atitudes violentas dos alunos das escolas envolvidas. Já o momento em que perdeu as aulas em Fatura para uma professora efetiva (removida para a escola) por se encontrar admitida via ACT, foi caracterizada como a pior situação, pois alegou que planejava residir na cidade após o casamento. Assim, teve que deixar as aulas e continuar assinando o Livro-Ponto, situação que a desagradou bastante.

[...] Eu não gostava daquilo ... de ficar ... eu queria ... atividade [...] acho que foi ... a falta de atividade ... dentro da ... ali ... quando eu passei ... perdi as aulas ... e ... e ... fiquei ali ... porque para mim ... fiquei ali parada ... dava impressão ... que eu estava ganhando o pão ... sem trabalhar ... sabe? [...] tinha o cargo ... mas não tinha aula. (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

Acredita ter aprendido muito nessa trajetória e incluiu os alunos nesse processo. Fica feliz quando, nos dias atuais, ouve de pais de alunos que deveria estar lecionando, bem como comparou o ensino da Educação Física de sua época com o ensino de hoje e comentou sobre o contato que ainda mantém com alguns alunos. Nessa comparação, garantiu que:

na época ... uma boa prática ... era a ... você ... fazer com que seus alunos ... exercitassem ... é ... procurassem ... fazer aula de Educação Física ... porque [...] naquela época ... não era igual hoje ... que todo mundo procura ... a Educação Física ou a ... as ... academias ... para ... para ... por causa do corpo ... antigamente ... na minha época ... ninguém fazia Educação Física ... a gente falava ... sobre a mente sã ... corpo são [...] quem tinha [...] um corpo são ... tinha uma mente sã ... ou vice-versa ... né? [...] (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

Além disso, apresentou como característica do “bom professor” da época - independentemente da área - a pontualidade, a competência para o ensino e a consideração pela perspectiva discente. Para ela, ser reconhecida como boa professora igualmente é sinônimo de sucesso.

Considerou as vivências com práticas diversas, as orientações de sua mãe e a realização do curso de Educação Física por outros familiares como influências da vida pessoal na vida profissional. O incentivo para a realização de cursos pelos colegas de profissão (atletismo, recreação, metodologia da Educação Física, brinquedos cantados etc.) também foi caracterizado por ela como influência. De acordo com Romilda, o desenvolvimento de práticas inovadoras para a época só era possível por meio dos cursos realizados e da aprendizagem adquirida. A professora também contou sobre a aquisição de materiais didáticos com recursos próprios, avaliou o bom relacionamento com os pares como uma marca da sua trajetória profissional e citou a aposentadoria em 5 de setembro de 1997.

Romilda também disse apreciar muito as práticas corporais e admitiu seu estilo de vida sedentário nos dias atuais em razão de problemas na coluna e das atribuições em sua casa. Referiu-se à docência com saudosismo e falou, que se tivesse condições, ainda estaria lecionando: “[...] eu me revelei assim ... interiormente ... eu sinto aquela coisa... que eu devia ... estar na sala de aula ... ou na quadra (risos) ... sabe? ... eu tenho vontade de dar aula ainda ... assim ... eu sinto vontade ... só que minha idade ... já não está dando (risos)” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

### **6.3 Atuação profissional da professora Dinalva Aparecida**

Dinalva (PARDO, 2015) iniciou suas atividades profissionais no escritório com o primo “Dirceu” em Bauru, onde atuou por um período de, aproximadamente, dois anos. No entanto, para ela, sua trajetória profissional teve seu princípio na fazenda com os pais<sup>123</sup> em Piratininga, auxiliando o padraço na realização das atividades de escrita referentes

<sup>123</sup> Referência ao padraço e à mãe.



à efetivação dos pagamentos dos funcionários, denominados de “mapas de movimento”. Ademais, a vacinação das crianças na fazenda e as atividades de bordado para uma senhora vender em boa quantidade também compuseram suas atribuições nessa fase de sua vida.

Também afirmou que contribuiu, junto à professora “Amélia”, responsável pelas aulas na escola da fazenda em uma classe multisseriada (1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries), para o ensino de catecismo das crianças em período anterior à retomada dos seus estudos após a conclusão do “primário” em Guarantã. Essa professora viajava da cidade à fazenda para o desenvolvimento das aulas e se hospedava na casa de Dinalva.

Ela era ... é ... mulher do gerente do banco ... e ela ficava a semana toda na minha casa ... morava em casa [...] eu que preparei a criançada para fazer a primeira eucaristia [...] e tinha entre a escola ... que é aqui que você está vendo ... e aqui era a colônia do ... do pessoal que morava na fazenda ... tinha uma igreja [...] o fazendeiro construiu uma igreja ... e o padre de Piratininga ele ia uma vez por ano fazer ... fazer a primeira eucaristia nas crianças ... e ... e eu que preparava [...] tinham umas que eram até mais velhas que eu [...] eu fiz assim ... enquanto eu morei nessa fazenda ... “Santo Silvério” chamava a fazenda. (PARDO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Na fazenda “Santo Silvério”, Dinalva realizou diversas atividades: atuou como babá das netas da dona da fazenda quando apareciam por lá, realizou serviços domésticos na sede da fazenda, organizou festas e auxiliou a professora em casa e durante as aulas com crianças da 1<sup>a</sup>. série na classe multisseriada.

Para Dinalva, o exercício da docência (como auxiliar da professora “Amélia” e no ensino do catecismo) com tão pouca idade não contribuiu para validar sua opção pelo Magistério. No entanto, alegou que a relação construída com base na realização dessas tarefas com a professora manteve-a convicta de sua escolha pela profissão.

[...] Então eu tinha assim ... vontade de ... de ser professora ... porque eu via tudo o que ela fazia eu me encantava [...] e ela ... ela pôde contar muito comigo [...] ela também ... muitas vezes ela não vinha bem ou ela ... ela ... é por exemplo ... tinha que faltar ou tinha que ir numa reunião alguma coisa ... não dispensava ... eu que ficava com as crianças dela [...] eu ajudava ela nesse sentido também [...] o fato dela ficar na minha casa também ... eu acho que também ajudou isso ... né? ... porque ela também não tinha quem ... teria que deixar fechada a escola ... era ... era ... tinha criança que vinha de longe ... naquele tempo não tinha perua essas coisas nada ... então é ... e ... pelo menos tinha o lanchinho que a gente fazia ... que as crianças é ... ia ... muitos iam pensando nesse lanche ... né? ... então eu acho assim ... que tanto eu ... ela foi bem ... foi ... me ajudou em muita coisa ... mas acho que eu também ... minha mãe ... nós também ajudamos muito ela nessa parte ... sabe?. (PARDO, Entrevista 3, 2015).

De acordo com Dinalva, não houve influências dessa atuação com o ensino do catecismo para crianças do “primário” por não ter dado continuidade a essa atividade em sua trajetória profissional. Como marca dessa etapa de sua vida, citou novamente a professora

“Amélia” e os passeios realizados com ela, bem como a ocasião na qual recebia de seu padrasto uma pequena quantia em dinheiro pelos serviços prestados.

Não tinha salário ... mas ele me dava um ... um dinheirinho ... sabe? ... para mim ... do que eu tinha feito por ele ... tudo ... ele dava ... e eu acho ... a gente esperava tanto esse dia ... porque é ... essa fazenda era muito longe de Piratininga ... e ... então a gente ia ... e às vezes o marido dela<sup>124</sup> fazia questão também de vir nesse dia ... para pegá-la ... ou para ... para poder levar ... me levava na casa dela também ... sabe? ... é ... não ficava ... mas me levava ... e era o dia que a gente ia comer doce to ... tomar sorvete ... a gente ficava doente para tomar sorvete ... que coisa né? (risos) [...] ela fazia questão assim se tinha festa alguma coisa ... ela fazia questão [...] ela foi uma vez na fazenda me buscar para ficar lá ... não sei se era ... se era fim de ano ... se era Natal ... Missa de Galo ... essas coisas ... que eu fui ... eu sei que eu lembro que eu fiquei ... que eu ficava na casa dela ... ela morava na casa ... no prédio mesmo [...] do banco ... e esses casarões bem grandes [...] e eu ficava encantada com ... era tão bonito ... né? ... é ... as coisas que ela tinha ... o que a gente tinha era tudo tão ... tão assim ... coisinha é ... ah ... o essencial a gente tinha ... né?. (PARDO, Entrevista 3, 2015).

Ao tecer comparações entre sua condição de moradia e a da professora “Amélia” na época, Dinalva contou sobre o rádio que conseguiram e a simplicidade e escassez dos móveis, apesar das boas condições apresentadas pelas casas nas fazendas em que residiram, de acordo com suas narrativas sobre as trajetórias extraescolares.

Conforme a professora Dinalva, as atividades realizadas com o padrasto contribuíram para o exercício profissional na secretaria da Escola Estadual “Plínio Ferraz” em Bauru ao longo de três anos, uma das principais atividades que exerceu na escola durante a realização do curso de Educação Física. “Eu que fazia todo o trabalho de secretaria [...] até bater máquina eu sabia ... sabe? ... era aquela máquina desse tamanho ... se fazia o mapa do movimento ... desse tamanho ... hoje não ... é tudo tão fácil ... né?” (PARDO, Entrevista 1, 2015).

Disse que, em razão da impossibilidade de contratação de uma secretária para a unidade na época, era ela quem realizava esse tipo de trabalho, porém, admitida na qualidade de professora substituta e sem remuneração. Nos dois primeiros anos, desempenhou essa função na secretaria e, apenas no terceiro e último ano na escola, assumiu como professora generalista e, em caráter de substituição remunerada, uma 4ª. série.

Então ... eu fiquei fazendo o meu ... o meu é ... meu tempo de serviço ... daí teve no terceiro ano ... da ... daí ... daí a diretora ... a diretora ... me deu uma classe ... fez ... é ... trocou período para mim poder ganhar ... o ano inteiro ... ela fez isso daí para mim ... porque eu ... eu ganhava mais assim é ... mais pontos ... né? ... fazia mais por pontos ... né? ... porque na verdade eu estava fazendo Educação Física eu queria sair

<sup>124</sup> Referiu-se à professora “Amélia”.

daquela ... não queria ser professor mais primário ... entendeu?. (PARDO, Entrevista 1, 2015).

O início no exercício profissional da docência em Educação Física, ocorreu, de acordo com Dinalva, por volta dos anos de 1973 e 1974 na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, onde lecionou seis aulas em duas escolas ao mesmo tempo - três aulas em cada uma delas - e por um período de seis meses. Citou os nomes das escolas: Escola Estadual Professora “Maria José Rios<sup>125</sup>” e Escola Estadual “Sinharinha Camarinha”.

Para Dinalva, esse início foi marcado pelo número de escolas nas quais teve que lecionar. Após esse período, assumiu aulas em uma escola em Bariri, onde também permaneceu por seis meses. “[...] Chamava ‘CENE’ de Bariri ... chamava ‘CENE’ escola estadual ... né? ... ‘CENE’ ... é ... normal ... é ... tinha normal também ... sabe?” (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso). Nesse mesmo ano, também lecionou no Instituto de Educação “Ernesto Monte” em Bauru e na Escola Estadual Doutor “Fernando Costa<sup>126</sup>” em Barra Bonita.

A partir do ano seguinte, retornou a Bariri, onde disse ter lecionado em todas as escolas - Escola “CENE”, Escola Estadual Professor “Euclides Moreira da Silva<sup>127</sup>”, Escola Estadual Professora “Idalina Vianna Ferro”, Escola Estadual Professora “Rosa Benatti<sup>128</sup>”, Escola Estadual Prefeito “Modesto Masson” e Escola Estadual Professora “Efigênia Cardoso Machado Fortunato”. Além dessas escolas, a professora lecionou nas cidades vizinhas, a saber: Escola Estadual Professora “Edir Helen Sgavioli Faccioli” em Boracéia e Escola Estadual Professor “Erasto Castanho de Andrade<sup>129</sup>” em Itajú.

No entanto, apenas na Escola Estadual Professora “Efigênia Cardoso Machado Fortunato”, lecionou de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries e no horário normal de aulas: “[...] então eu dava aula de 1<sup>a</sup>. ... 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ... é ... séries ... eu dava mais assim a parte de recreação ... de iniciação ... é ... esportiva ... agora para 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. eu já dava mais assim específico mesmo ... dava futebol ... eu dava ... que era ... era a classe toda ... era mista ... menino e menina” (PARDO, Entrevista 5, 2015). De acordo com a professora, nessa época - década de 1980 - as aulas de Educação Física eram desenvolvidas com separação entre meninos e meninas, e somente nessa unidade tinha orientação e permissão da diretora para juntar as turmas de “ginásio”, “colegial” e Magistério em razão da quantidade de alunos que eram dispensados das aulas e da quantidade

---

<sup>125</sup> Atual Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF).

<sup>126</sup> Atual EMEF.

<sup>127</sup> Atual EMEF.

<sup>128</sup> Atual Escola Municipal.

<sup>129</sup> Atual EMEF.

que realmente as realizava. Essas aulas eram iniciadas às seis horas da manhã, antes do funcionamento normal da escola.

Acrescentou ainda que, nas escolas “Modesto Masson” e “Rosa Benatti”, também lecionava para meninos e meninas em uma mesma aula no CB. No entanto, a obrigatoriedade das aulas com professor formado em Educação Física não se estendia à 3ª. e 4ª. séries, apenas ao CB (1ª. e 2ª. séries). “Assim é ... só que não era obrigado a dar ... não era CB ... CB era só 1ª. e 2ª. séries [...] 3ª. e 4ª. era o professor de sala<sup>130</sup> que ia para lá dar Educação Física” (PARDO, Entrevista 5, 2015).

A mudança constante de escolas estava relacionada, segundo ela, com a sua condição de não efetiva na rede de ensino da SEE-SP: “[...] às vezes vinha um efetivo ... pegava minhas aulas [...] teve anos que não teve ... que eu não tive ... não peguei nenhuma aula aqui<sup>131</sup> [...] tinha o SESI ... o SESI era o meu ... o meu contraforte [...] era certo porque eu era contratada [...]” (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Concomitantemente ao exercício da docência na rede de ensino da SEE-SP, Dinalva contou sobre sua atuação como professora de Educação Física no SESI por vinte e cinco anos e na rede de ensino municipal por seis anos, ambas em Bariri. Em virtude de sua atuação no SESI não ser considerada para o acúmulo de cargos, manteve-se nos três empregos pelo mesmo tempo em que atuou na rede municipal. O ingresso no SESI ocorreu em “[...] setenta e seis [...] agora ... no ... na prefeitura que eu iniciei em oitenta e cinco ... daí eu fiquei nos três [...] eu tinha ... poucas no Estado [...]” (PARDO, Entrevista 5, 2015). A permanência nos três cargos foi justificada por ela mediante a pequena quantidade de aulas que lecionava na rede estadual na época.

No SESI, lecionou somente para meninas de 5ª. a 8ª. séries e em horário diferente das aulas das demais disciplinas. No início dessa atuação, desenvolveu as aulas na rua, pois não havia espaço na escola para a Educação Física. Posteriormente, com a mudança de prédio, pôde continuar seu trabalho em uma quadra de aula. Igualmente, relatou que nos seus primeiros dez anos no SESI, lecionava apenas seis aulas. Com o tempo e o crescimento da unidade, pôde assumir mais aulas e, então, aposentar-se com doze aulas.

Na rede municipal, alegou ter ingressado via concurso público em 1985 e lecionado três aulas por semana em cada turma de quatro EMEI da cidade. As aulas tinham a duração de trinta minutos cada uma e eram desenvolvidas, de acordo com a professora, em três classes no período da manhã e em outras três classes no período da tarde. Dinalva

---

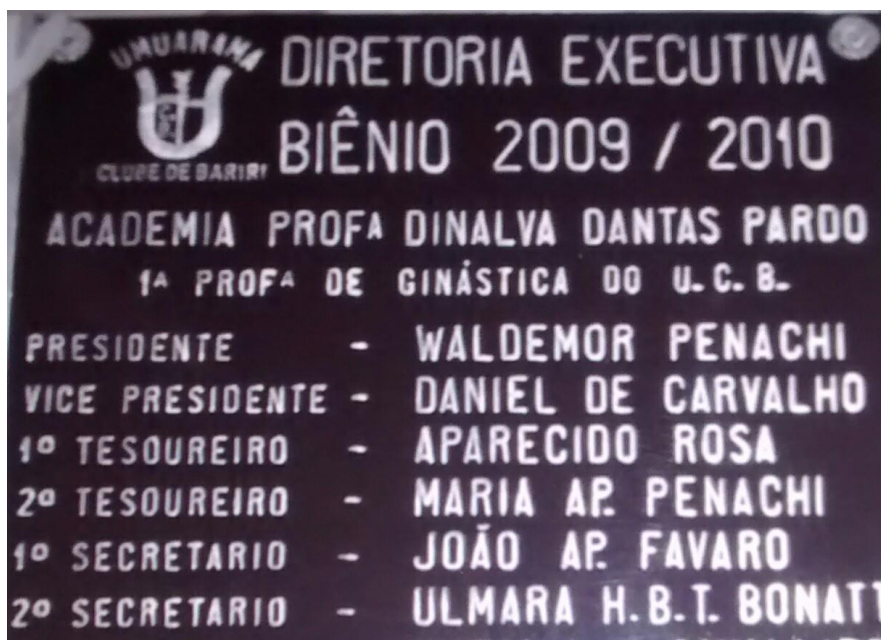
<sup>130</sup> Referiu-se ao professor generalista.

<sup>131</sup> Referiu-se a Bariri.

exonerou-se desse cargo após seis anos de atuação, em virtude de problemas em seu joelho e também do cansaço que disse sentir.

Além dessas atuações, Dinalva lecionou, durante doze anos, aulas de ginástica, dança e natação no clube Umuarama em Bariri. Dessa atuação, contou sobre a placa que foi feita com seu nome para uma das salas do clube, conforme mostra Figura 32.

**Figura 32:** Placa em homenagem à professora Dinalva.



**Fonte:** Acervo da professora Dinalva.

Comovida, afirmou: “[...] eu tenho uma sala no clube ... no clube de Umuarama ... dei aula doze anos lá ... eu tenho uma sala que foi inaugurada com o meu nome ... foi uma festa bonita [...] eu fiquei muito emocionada (risos)” (PARDO, Entrevista 2, 2015).

Exceto pela condição mencionada por ela, de constante mudança de escola no contexto da SEE-SP, declarou uma afeição às unidades nas quais lecionou, em especial das cidades vizinhas, por identificar uma maior valorização da Educação Física em razão do atendimento às suas solicitações de materiais, inclusive pelo prefeito de uma das cidades que, muitas vezes, assistia às suas aulas. Já em Bariri, admitiu ter comprado materiais para as aulas com recursos próprios.

[...] Eu sofri muito em questão disso ... eu poderia ter tido até muito mais ... melhor resultado e ... como eu tive em Boracéia ... Boracéia eu levava o saco assim de bola e ... e soltava assim ... eu tinha de duas ... três bolas de cada ... então é ... tem como a criança ficar brincando de duas em duas ... para a coisa ... para aperfeiçoar ... né? ... agora vinha em outra não ... precisava por a criança na parede e ficar de fila porque

... era uma só para uma classe de ... de vinte e cinco ... trinta alunos ... não dá ... então ... então eu ... eu ... isso daí foi uma questão muito triste para mim ... porque muitos ... muitas vezes eu precisei comprar ... eu mesma ... eu precisei comprar material para mim. (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Em relação às condições das escolas, Dinalva também relatou as quadras descobertas. Apenas em Boracéia, onde atuou por quatro anos (1982-1986), afirmou ter lecionado em quadras cobertas. Mencionou o seu envolvimento na organização de festas; as viagens solitárias para o trabalho em Boracéia e Itajú; o bom relacionamento com a direção, os professores e os alunos nas escolas nas quais atuou; as raras repreensões que assumiu em virtude do barulho produzido pelos alunos nas aulas de Educação Física; as diferenças nas relações professor-aluno e aluno-aluno de sua época e os alunos de hoje; a consideração por alunos que lhe faltavam com o respeito em razão de possíveis problemas em suas casas; o socorro prestado a um aluno que caiu de uma árvore em uma das escolas e a consequente fratura exposta; o relacionamento que mantém com alguns alunos e pais ainda nos dias atuais; as horas excedentes de trabalho realizadas em prol dos alunos; a atuação no PEEP nas escolas “Euclides Moreira da Silva” e “Modesto Masson”; e a percepção de uma desvalorização da docência pela SEE-SP em razão de algumas situações nas quais se sentiu muito prejudicada, conforme ilustra o excerto a seguir.

[...] Eu ... aposentei sem receber o último adicional ... porque eu não fui efetiva [...] não tendo o último adicional eu não tinha a 6ª. parte ... aposentei sem a 6ª. parte [...] já ganhava pouco ... né? ... e eu precisei entrar com um advogado [...] e ... você vê [...] dezenove que estou aposentada ... e agora em dezembro veio [...] e o Estado diz que tem cinco anos para [...] pagar esses aposentados [...] o meu era quase setenta mil que eu tinha para receber ... só que o advogado cobra vinte ... é vinte ou trinta por cento? [...] vinte anos quase de aposentada ... 6ª. parte é direito adquirido [...] mas tudo [...] é acarretado em mim ... se você ... você tinha uma nota maior ... e aquela nota te elevava mais [...] eu nunca tinha porque eu não era efetiva ... eu nunca tinha essa nota ou a minha era a mais baixa de todos [...] eu fui prejudicada na minha carreira ... assim financeiramente ... sabe? ... dos direitos que eu tinha ... você vê eu ... eu não tive direito ... eu fui CLT<sup>132</sup> ... eu fui tudo isso ... mas eu não tive direito a ... a licença-prêmio [...] eu fui prejudicada em tudo o que você pode imaginar ... mas também entrei com ação em tudo ... viu? ... ganho ou não ganho eu entrei com advogado. (PARDO, Entrevista 5, 2015).

O envolvimento na organização de festas e a construção de coreografias foi considerado por Dinalva como uma prática inovadora, pois, de acordo com ela, na época, tal prática não era comum na região. Acredita que essa sua iniciativa contribuiu para a construção de uma cultura de apreciação e de participação em festas juninas nas escolas e nas ruas da cidade.

<sup>132</sup> Consolidação das Leis do Trabalho.

[...] Construiu tanto que eu era solicitada nas festas juninas ... hoje não tanto ... mas nós ... é ... eram fechados os quarteirões e eu ia marcar quadrilha em todos os quarteirões ... quase todas as noites ... festa ... uma quadrilha numa rua assim .... com ... com noivo ... noiva ... depois eles fazem aquela mesa grande e cada um leva um salgado ... doce [...] isso daí aconteceu muito aqui em Bariri ... depois que eu aposentei não ... parou [...] acho que isso foi muito ... foi muito bom ... foi totalmente diferente. (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Além de apresentar-se como precursora na organização de festas e danças, a professora descreveu práticas de criação de atividades (roda cantada, vôlei ao fosso etc.) e de materiais (brinquedos). A atividade vôlei ao fosso, por exemplo, foi introduzida por ela em Bariri em virtude da inexistência de quadra e rede e da consequente necessidade de adaptação do espaço para a prática da modalidade. Essa atividade foi avaliada por ela como uma possibilidade de iniciação ao voleibol, de aprendizagem do sistema de rodízio e de participação de um número maior de alunos ao mesmo tempo com o uso de apenas uma bola. O “fosso<sup>133</sup>” consistia em um espaço previamente demarcado pela professora e no qual a bola não podia cair e/ou tocar. O tamanho do “fosso” dependia da idade dos alunos.

[...] “Eu criava uma brincadeira” para ... nas minhas aulas [...] “para ser mais fácil para eles aprenderem” ... porque para você pegar ... já não tinha material ... e você pegava vamos supor assim ... é uma bola de vôlei ... os outros ficavam tudo esperando ... a aula passa depressa ... né? ... cinquenta minutos de aula [...] até você por a criança em pró ... na quadra e você fazer a chamada ... né? ... então ... se perde aí dez ... quinze minutos ... então você ... eu fazia isso [...] e outra ... outras brincadeiras ... então eu acho que ... eu “criei muita coisa [...] para melhorar o ... o ... o ... o sentido da ... da ... do jogo em si” ... o jogo o vôlei em si ... porque se joga com seis só ... mas eu pu ... eu punha com nove ... três ... seis ... nove ... entendeu? [...] porque é ... são bastante crianças ... as classes eram grandes ... no meu tempo eram grandes ... numerosas [...] (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Conforme Dinalva, as turmas numerosas e a junção das mesmas dificultava o desenvolvimento do seu trabalho. A finalidade da junção incidia, segundo ela, na conservação da quantidade obrigatória de aulas de Educação Física por semana e na organização de turmas com um número mínimo de alunos (na época, vinte e cinco e/ou trinta). Em face dessa situação, analisou os encargos para o professor que, ao invés de lecionar mais aulas em uma mesma unidade, deveria se desdobrar em várias escolas. “Aconteceu isso comigo [...] foi muito difícil [...] você pegava [...] as meninas do 5°. A [...] 5°. B [...] 5°. C [...] tinha três cadernetas ... usava ... para uma turma ... que ficava numerosa e eram só três aulas ... que

<sup>133</sup> “Cavidade, mais ou menos ampla e profunda, no solo; fosso” (FERREIRA, 2000, p. 330).

poderia ou dividir na metade [...] eu ... poderia ficar com seis aulas [...]” (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Essa organização das aulas acarretou-lhe, em alguns anos, a atuação docente em quatro escolas estaduais ao mesmo tempo. Apesar da quantidade mínima de alunos supracitada, alegou as aulas lecionadas para turmas com quarenta alunos com tempo e materiais insuficientes.

Da trajetória profissional na Educação Física escolar de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries, Dinalva rememorou a obrigatoriedade das três aulas semanais para cada turma, a resistência dos professores generalistas em lecionar aulas de Educação Física para esse nível de ensino, sua aceitação das prescrições da direção escolar em relação a essas aulas, as contribuições da especificidade dessas aulas para o desenvolvimento das crianças e as contribuições desse desenvolvimento para a continuidade das aulas de Educação Física no “ginásio” com outro professor.

[...] E essa iniciação escolar esportiva foi muito boa ... porque essa criançadinha que eu dei aula assim ... vários anos [...] porque teve uma base ... porque a professora não é especialista para isso ... a professora de classe ... eu não pude acompanhar ... era outro professor depois que dava ... mas já pegava e falava ... “DINALVA que beleza essa turma” ... já pegava mastigado ... mastigado porque é ... era aquela base que você dava ... é ... toda criança também que eu levei muito para campeonato falavam ... “Dinalva” ... é ... uns que eram técnicos em voleibol ... não estou querendo falar que eu dava não ... falava assim ... “nossa mas essa iniciação da Dinalva é perfeita ... para os nossos atletas” ... então é ... é ... porque eu pegava eles pequenos ... entendeu?. (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

A atuação com esse nível de ensino incluiu o CB, no qual estima ter lecionado por um período de quatro anos. Para a professora, as aulas de Educação Física desenvolvidas por professor especialista para crianças dessa faixa etária, apesar de não serem comuns na época, contribuía para a formação dessas crianças, desde que fossem bem direcionadas. Narrou a afinidade construída com esse nível de ensino em relação ao “ginásio”; os objetivos de socialização, disciplina e afeto desenvolvidos por meio de atividades de roda e brinquedos cantados; a obrigatoriedade de professor de Educação Física no CB; a autonomia da direção escolar para atribuir aulas na 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries ao professor de Educação Física; a atuação no CB apenas nas escolas “Modesto Masson” e “Rosa Benatti”; o desenvolvimento de suas aulas com uma classe de cada vez, ao contrário dos professores generalistas que juntavam suas classes para desenvolver atividades de Educação Física; a disciplina e organização promovida com essas aulas; seu não entendimento com a descontinuidade do CB; e o trabalho em parceria com a professora de Arte, sua ex-aluna.



Em sua trajetória na rede de ensino estadual, a professora atuou com todos os níveis de ensino (“primário”, “ginásio” e Ensino Médio - incluindo o Magistério), porém, na maior parte desse tempo, lecionou para alunos do “ginásio”. Quando aconteciam essas mudanças de níveis, Dinalva admitiu as dúvidas que sentia, sobretudo com os pequenos, na Educação Infantil na rede de ensino municipal e no CB na rede de ensino estadual.

Conforme a professora, essas diferentes atuações se complementavam, pois acredita que os saberes construídos no exercício da docência nas EMEI - com apoio da coordenação e das professoras generalistas - contribuíram para o exercício da docência no CB, uma vez que a SEE-SP não supriu, segundo ela, suas necessidades formativas referentes à atuação nesse nível de ensino, exceto pelas orientações da direção da Escola Estadual Professora “Efigênia Cardoso Machado Fortunato”. Por outro lado, garantiu que sua atuação nas EMEI teve as contribuições das aulas que havia lecionado por três anos nas matérias Educação Física e Metodologia do Ensino da Educação Física no Magistério, especialmente por meio das atividades de elaboração de plano de aula historiado.

[...] É aquele que você conta a história ... e através da história você ... eles fazem todos os exercícios [...] então foi muito boa essa parte ... porque com os pequeninhos eu contava história ... então eles ... eles falavam ... “aí tia conta aquela história” ... então é ... no Magistério também ... porque tinha ... existem milhões e eles ... elas<sup>134</sup> inventavam a história ... entendeu? ... elas criavam uma história ... e dentro da história elas punham que o ratinho pulava daqui lá ... que o ratinho se esfregava aqui ... se escondia lá ... então é ... então eles falavam ... “tia” ... então funcionava bem ... “tia conta uma história? ... que história que nós vamos contar hoje?” ... então daí foi ... é onde eu dava as atividades físicas para eles ... então isso me ajudou muito ... viu?. (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Sua relação com os conteúdos, atividades, métodos e avaliação nas aulas que desenvolveu foi descrita por ela por meio dos seguintes itens: realização de planejamento; proposição de atividades diversificadas (extra-classe, circuito de exercícios, roda e brinquedo cantado, voleibol, recreação etc.) como práticas avaliativas alternativas, no intuito de complementar a avaliação institucionalizada (testes de “aptidão física”) com a qual não concordava e valorizar os feitos dos alunos.

Para a professora Dinalva, os conceitos de boas práticas e de professor bem-sucedido na época correspondiam às necessidades das escolas, às suas características pessoais e profissionais (apreciadas pela direção e pais dos alunos das unidades em que atuou), aos saberes adquiridos com o tempo de exercício na profissão e ao caráter de novidade do desenvolvimento das aulas de Educação Física com professor especialista.

---

<sup>134</sup> Referiu-se às alunas do Magistério.

A Educação Física justificava-se, segundo ela, pela sua importância para o desenvolvimento físico, social e afetivo da criança, entre outros benefícios. Ao enfatizar esses aspectos do desenvolvimento, a professora equiparou-a à Língua Portuguesa, às Ciências e à Matemática e lamentou-se pelo cenário atual da área que, apesar da existência de muitas academias, não se apresenta com a mesma importância atribuída e vivenciada por ela em sua época.

De acordo com Dinalva, os sucessos obtidos nas atividades e objetivos programados são avaliados por ela como suas melhores práticas. Acredita ter atingido os objetivos propostos ao longo de sua trajetória em virtude de seu esforço e diálogo com combinação prévia, sobretudo com a direção das escolas.

[...] Eu já trabalhava muito nisso para mim não ter esse insucesso [...] eu tinha uma diretora que [...] tinha os altos e baixos também [...] ela que exigia tudo de mim [...] tudo ela queria ... mas eu já ia lá e falava ... “eu quero isso isso e isso ... eu tenho esse tempo assim ... eu preciso das crianças nesses horários ... se a senhora falar que ... a senhora conversa com os professores que está liberado isso daí ... que eu posso fazer isso daqui ... eu posso emprestar um negócio para trazer aqui” ... vamos supor ... né? ... “um som ou alguém que venha fazer isso para mim ... se a senhora me autorizar ... eu quero fazer porque eu não quero uma coisa assim que eu vou fazer com todo amor” ... com todo fora assim ... me doar ... porque eu ... eu me doava ... às vezes eu largava até a casa para fazer as coisas ... “mas eu quero que seja um sucesso” [...] (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Com essa postura, admitiu não ter tido insucesso em suas práticas, bem como mencionou as características de honestidade, em especial nas ocasiões de competições esportivas em que seus alunos, de diferentes escolas, disputavam entre si. Igualmente, assegurou que trabalhou muito em sua trajetória profissional e que hoje lida com as consequências desse excesso (referiu-se à prótese no joelho).

Assim, destacou as aprendizagens adquiridas ao longo do exercício da docência, a conscientização sobre os próprios erros (por desconhecimento) e acertos com os alunos e a intencionalidade de suas ações. Essa conscientização foi anunciada por ela por meio do seguinte fragmento de sua narrativa: “[...] ‘como a aula ... três aulas por semana ... uma aula por dia que a gente dava ... então ... mesmo que eu não soubesse dar ... por exemplo algum tipo de exercício ou se aquele exercício estava prejudicando aquela criança ... é ... pelo tempo ... pela quantidade ... não chegou a dar’ [...]” (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Como um de seus acertos, contou sobre o fato de ter percebido uma deformação na coluna de uma aluna, o qual comunicou aos seus pais. Essa aluna, após passar por cinco cirurgias, publicou sua história em um artigo de jornal e fez menção à Dinalva: “[...]”

ela escreveu que a professora que descobriu o problema ... uma professora de Educação Física [...] percebeu e com isso hoje graças a Deus hoje ela anda [...]" (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Como influências da vida pessoal na profissão e da profissão na vida pessoal, Dinalva destacou as suas características de pessoa extrovertida com facilidades em estabelecer e manter amizades, as influências da Educação Física na consolidação dessas características por meio da ampliação do seu "universo", as relações atuais com os filhos dos seus ex-alunos nas cidades vizinhas e as contribuições de suas aulas em razão de uma postura de esforço e dedicação profissional. Para a professora, o sentido da docência na época estava relacionado à sua postura de orgulho, de satisfação e de valorização da profissão, também identificada, segundo ela, na comunidade escolar (direção e pais de alunos) e no seu próprio círculo familiar e social. No entanto, admitiu não haver reciprocidade nessa postura por parte dos demais professores.

Caracterizou a aposentadoria por invalidez e as perdas salariais decorrentes desse fato como uma das piores situações vivenciadas na rede de ensino estadual. Acrescentou o não reconhecimento e a desvalorização da profissão docente pela SEE-SP e a comparou com outras funções que não necessitam de estudos. Diante dessa situação, descreveu o sacrifício empreendido na continuidade da formação dos filhos após o falecimento do esposo e a enfermidade ocasionada pela atuação na Educação Física em virtude de sua postura profissional. Sobre essa postura, apresentou a seguinte explicação: "[...] na verdade eu não fui uma professora de pegar uma bola e dar ... eu sempre fiz a ginástica junto [...] eu fiz sempre o trabalho junto [...] então é diferente [...]" (PARDO, Entrevista 5, 2015). Já as melhores situações foram assim caracterizadas por ela: a estabilidade financeira atual; a possibilidade de contratar uma "ajudante" para a realização das atividades domésticas; e a avaliação positiva que faz de sua própria atuação profissional na docência.

Para a professora, alguns elementos contribuíram para o exercício da docência na Educação Física, a saber: sua condição física ativa desde a infância e a vontade de "vencer na vida". Recentemente, admitiu que sua condição física já não é mais a mesma, pois encontrava-se, até o momento das entrevistas, impossibilitada de realizar algumas atividades físicas e movimentos nos membros inferiores. Assim, realizava hidroginástica "[...] porque eu preciso ... a gente precisa fazer uma atividade ... né? [...]" (PARDO, Entrevista 5, 2015), mas confessou sua vontade de fazer musculação e natação. Além disso, apresenta outras enfermidades (Tendinite e Síndrome do Túnel do Carpo), as quais, segundo ela, estão sendo acompanhadas por seu médico.

Como marca de sua trajetória na rede de ensino estadual, referiu-se novamente, e com ressentimento, à SEE-SP e às diversas situações nas quais foi prejudicada financeiramente e na carreira. Essas situações dificultaram, conforme a professora, a continuidade do pagamento do financiamento de sua casa após o falecimento do esposo (essa dívida foi quitada com o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, FGTS, do SESI). “[...] Eu aposentei por invalidez [...] mas foi [...] pelo meu trabalho ... mas eu ... eu poderia ter um salário melhor hoje [...] na época também que [...] eu estava precisando muito ... e que eu esperava uma coisa que as outras estavam recebendo ... e eu não recebi [...] eu sofri com isso” (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Em face dessas circunstâncias, assegurou que as ações promovidas contra o Estado foram e são várias. Com exceção dessas críticas à SEE-SP, reforçou o sentimento de satisfação que sente pelo exercício da docência e pela identificação de uma valorização de sua atuação junto às pessoas de seu convívio profissional. Após vinte e cinco anos de atuação docente na rede de ensino estadual e dois anos de afastamento em razão de uma operação (prótese no joelho), aposentou-se por invalidez na Escola Estadual Prefeito “Modesto Masson” em 3 de agosto de 1996.

#### **6.4 Saberes docentes das atuações profissionais dos professores aposentados**

Com base nas atuações profissionais que não ocorreram na docência em Educação Física, recuperamos a atuação inicial de Antônio Carlos (ANDRADE, 2015) na empresa “São Paulo Alpargatas”, entre as décadas de 1960 e 1970, em São Paulo, e a atuação inicial de Dinalva (PARDO, 2015) em escritório, em meados da década de 1960, em Bauru, entre outras atividades desenvolvidas pela professora. Já as atuações profissionais de Romilda (RIBEIRO, 2015) tiveram como foco a docência, tanto como professora especialista quanto como professora generalista.

Os elementos das histórias de vida dos professores de Educação Física contribuíram para a formação das suas “identidades pessoais” e “identidades profissionais”, conforme pode ser observado em Moita (1995), e confirmaram a pertinência da construção desse tema durante o desenvolvimento desta pesquisa. Essa assertiva fundamenta-se nas reflexões de Tardif (2008) sobre a impossibilidade de entendimento da identidade docente sem inserção dessa identidade na própria história de vida do professor.

Em suas conjecturas sobre as histórias de vida como um novo objeto das pesquisas em educação, Nóvoa (1995) se questiona sobre o processo de se tornar docente, os

modos, as motivações e as influências da personalidade e da trajetória profissional da pessoa em sua própria prática pedagógica.

O autor faz alusão ao processo identitário, fundamentado em uma compreensão na qual o professor armazena somente aquele saber (utilizado por ele como modelo), diretamente relacionado ao seu conjunto de caracteres próprios e exclusivos, ou seja, à sua identidade<sup>135</sup>. Com base nessa compreensão, admite “[...] a importância de conceber um estatuto ao saber emergente da experiência pedagógica dos professores” (NÓVOA, 1995, p. 17). Assim, defende ser indispensável a apropriação, pelos professores, dos seus próprios saberes, de modo a colocá-los em prática tomando-se por base uma perspectiva teórico-conceitual.

A identidade, para o autor, é o ambiente no qual se constroem os modos de “ser” e de “estar” na profissão, bem como o ambiente de combates e de oposição de interesses, sentimentos e ideias. Em razão disso, afirma ser mais apropriado “[...] falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz ‘professor’” (NÓVOA, 1995, p. 16, grifo do autor).

Em face das possíveis influências da personalidade e da trajetória profissional nas ações pedagógicas, da relação dos saberes com a identidade docente e da importância da idealização de um regulamento para os saberes provenientes da experiência profissional dos professores elucidados pelo autor, consideramos importante e necessário o conhecimento sobre as características da personalidade dos professores - para entender também os seus desenvolvimentos - por meio de suas narrações.

Para entendermos, por exemplo, a formação identitária de Antônio Carlos com base nos autores supracitados neste tópico, mencionamos o momento no qual o professor foi recebido na “São Paulo Alpargatas” pelo “Seu Tavares”. Esse momento apresenta uma perspectiva de valorização social da docência na época que tanto reflete os valores familiares, religiosos e escolares da época quanto se coaduna com esses valores, de acordo com as trajetórias extraescolares e escolares dos professores de Educação Física aposentados.

A frustração do professor Antônio Carlos nessa área de atuação (com conseqüente pedido de demissão da empresa e abandono do curso de Administração de Empresas) direcionou-o para a Educação Física, com a promessa de nunca mais usar terno e gravata, expressão que denota o rompimento com aquele tipo de função. A discordância

---

<sup>135</sup> Parte desse parágrafo foi dito por Nóvoa (1995, p. 17) com base em Dominicé (1990) e Courtois e Pineau (1991).

familiar em relação à sua atitude reforçou a sua frustração, pois, ainda no dia de realização das entrevistas, não aceitava o ocorrido.

Essa situação pode ser compreendida mediante o uso da expressão “inacabada” por Josso (2004). A autora, ao refletir sobre as “experiências formadoras” no percurso de uma vida, também apresenta, nesse processo, três maneiras de elaborá-las, a saber:

a) “ter experiências” é viver situações e acontecimentos durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado. b) “fazer experiências” são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências. c) “pensar sobre as experiências”, tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (modalidade a), quanto aquelas que nós mesmos criamos (modalidade b). (JOSSO, 2004, p. 51, grifo da autora).

Para Josso (2004), as experiências dos itens “a” e “b” são vivenciadas nos “contextos de interações e de transações” dos indivíduos (consigo próprio e com outras pessoas) com ambientes ou coisas e, por essas razões, são mais situadas em relação às experiências do item “c”, as quais são vivenciadas nos “contextos dos referenciais socioculturais formalizados”. Esses últimos - representados pelas ciências, artes, mitologias - são, segundo a autora, mais gerais, justamente porque se relacionam às demais experiências de vida com surgimento de novos vínculos e sentidos, bem como auxiliam na interpretação dessas experiências.

Das três maneiras de elaboração de experiências apresentadas pela autora, afirmamos que, em especial o item “a”, explica os relatos de Antônio Carlos em virtude de sua frustração e conseqüente rompimento com a área de Administração de Empresas.

Josso (2004, p. 51-52) declara, ainda, a existência de três atitudes internas e necessárias nesse processo de elaboração de experiências: “se uma abertura para si, para outrem e para o meio (atitude 1) é o tema genérico, esta abertura traduz-se, concretamente, numa disponibilidade para o que pode acontecer num espírito explorador (atitude 2), e numa procura por uma sabedoria de vida (atitude 3)”.

As atitudes “1”, “2” e “3” equivalem, respectivamente, aos itens “a”, “b” e “c” explicitados pela autora. Assim, as narrativas do professor Antônio Carlos também podem ser elucidadas por meio da atitude “1”, uma vez que nessas experiências

[...] somos surpreendidos por uma vivência e podemos ficar surpreendidos de maneira mais ou menos intensa, de modo que, às vezes, chegamos a nos referir a elas como um “acidente”. E esta surpresa acontece, precisamente, porque se interrompe uma lógica que, a partir de então, já não nos permite integrar o que se passa ao que é conhecido, e ficamos afetivamente perturbados, porque uma

temporalidade foi quebrada ou, ainda, porque um funcionamento foi interrompido. O primeiro momento da experiência é esta suspensão de automatismos, é o imprevisto, é o espanto. (JOSSO, 2004, p. 52, grifo da autora).

Segundo Moita (1995), a “identidade pessoal” é uma organização com várias identidades, cuja riqueza localiza-se na disposição do movimento dessa variedade. A autora afirma que, no cerne do problema da identidade, situa-se a questão da “identidade profissional”. “O processo de construção de uma ‘identidade profissional’ própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola” (MOITA, 1995, p. 116, grifo nosso).

A “identidade profissional” configura-se com base em um ajuste “intraprofissional” e nas contribuições provenientes das interações instituídas entre o ambiente no qual a profissão é exercida e diferentes ambientes socioculturais (MOITA, 1995). “[...] Os efeitos das ‘porosidades’ ou dos ‘fechamentos’, que acontecem entre os vários universos de pertença, podem ajudar-nos a compreender o ‘papel’ da profissão ‘na vida’ e o ‘papel da vida’ na profissão” (MOITA, 1995, p. 116, grifo da autora).

Entendemos essa “porosidade” como a particularidade e/ou estado daquilo que é poroso, ou, ainda, a qualidade daquilo que possui muitos poros, os quais representam uma pequena abertura, que separa as moléculas dos corpos. Os “fechamentos”, antônimos de “porosidades”, são entendidos como a ação de fechar, de encerrar. Ambos os processos - de abertura e de encerramento - ocorrem entre os diversos ambientes nos quais os professores são inseridos, ou seja, são vivenciados nos percursos de suas vidas. Segundo a autora, são essas “porosidades” e “fechamentos” que contribuem para a apreensão de como a profissão influencia a pessoa e é pela pessoa influenciada. Para Josso (2004, p. 39, grifo nosso), “a socialização da autodescrição de um caminho, com as suas ‘continuidades’ e ‘rupturas’, envolve igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo”.

Essas assertivas fundamentam-se no objetivo de Moita (1995), de identificar, considerar e entender as interações entre os processos formativos referentes à pessoa e à profissão. Nessa perspectiva, interação significa “[...] a relação que intervém, modifica ou perturba de uma maneira unívoca ou biunívoca os elementos da vida pessoal nas suas diferentes dimensões” (MOITA, 1995, p. 116).

Apesar da frustração, Antônio Carlos reconheceu as influências da atuação na “São Paulo Alpargatas” em sua formação, conforme nossas reflexões, no segundo capítulo

desta pesquisa, fundamentadas na pretensão da perspectiva de Tardif (2008) e Tardif e Raymond (2000) sobre o trabalho como um dos fios condutores. A influência paterna também pode ser visualizada por meio do exercício inicial da docência na escola de comércio do “Seu Gilberto” (amigo de seu pai).

As narrativas de Romilda Augusta elucidam elementos reveladores de uma prática que supera um ensino abstrato que marcou suas trajetórias escolares na Educação Básica, das influências da poesia e da música e das atitudes e valores maternos que compuseram suas trajetórias extraescolares e escolares.

Das atividades realizadas por Dinalva Aparecida (na fazenda, sobretudo junto à professora “Amélia” e na organização de festas; no escritório; na secretaria da escola e como professora generalista substituta; no SESI e na rede municipal; e no clube), identificamos elementos que contribuíram, posteriormente, para a construção de seus saberes no exercício profissional docente.

Esses elementos revelam a dimensão afetiva no exercício da docência conforme as reflexões constantes do terceiro capítulo (BETTI; MIZUKAMI, 2007; CUNHA, 2014; FREIRE, 2002; LIBÂNEO, 2003; MANTEIGA; LIMA, 2004; RANGEL-BETTI, 1998; TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000) como trajetórias extraescolares e escolares que cruzaram o tempo e a formação dos professores de Educação Física (no Magistério, na faculdade de Educação Física e de Pedagogia).

O bom relacionamento e o cuidado com os alunos refletem as influências das relações de amizade desenvolvidas entre Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida e os professores que lecionaram aulas, sobretudo em suas trajetórias escolares na Educação Básica. Assim, essas influências, comentadas por Goodson (1995) nas reflexões sobre o “professor preferido”, foram visualizadas nas narrativas dos professores.

Observamos, ainda, as influências dessas diferentes atuações profissionais dos professores aposentados, atravessarem suas atuações na docência, a saber: das atividades realizadas na empresa e no curso de Administração, no exercício da docência em curso de contabilidade e na realização do curso de Educação Física e posterior atuação profissional na área por Antônio Carlos; da atuação na Educação Física, na atuação como professora generalista (no início da década de 1980, posteriormente aos dez primeiros anos de exercício da docência na Educação Física) e vice-versa por Romilda Augusta, embora essas atuações tenham acontecido em níveis de ensino diferentes e, também, nos mesmos níveis; e da relação construída com a professora “Amélia” na convicção pela docência por Dinalva Aparecida.



É válido apresentar, com base nas atuações profissionais de Romilda (cujo foco esteve totalmente centralizado na docência), as seguintes inter-relações entre os elementos identificados em suas trajetórias como professora especialista e generalista: prática de ensino para além do espaço da sala de aula; desenvolvimento de conteúdos de diversas áreas, como Língua Portuguesa, Ciências e Educação Física; e desenvolvimento de jogos, entre outras inter-relações. A simultaneidade dessas atuações evidenciou dificuldades narradas pela professora, as quais incluíam o cuidado com os filhos. No entanto, as próprias características pessoais manifestaram-se em iniciativas fundamentadas em seu foco nos alunos, na pretensão de melhoria da qualidade do ensino que desenvolvia e nos resultados obtidos.

As referências às características profissionais dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida (que, para eles manifestaram-se nos diversos contextos nos quais atuaram profissionalmente) como parte de suas pessoas podem ser elucidadas com base em Nóvoa (1995), por meio da indissociabilidade entre a pessoa que o professor é e o ensino que realiza e, também, com base em Goodson (1995), mediante as influências das experiências de vida na composição da sua pessoa.

Essas observações são relevantes na medida em que confirmam a importância de se ouvir o professor (BORGES, 2001; BOSI, 2001; GOODSON, 1995; HUBERMAN, 1995), as contribuições do uso das histórias de vida por meio do foco em seus pontos de vista (GOODSON, 1995; MOITA, 1995; NÓVOA, 1995; PAULILO, 1999; SPINDOLA; SANTOS, 2003) e a importância do estudo dessas trajetórias em virtude de suas características idiossincráticas e complexas.

Uma das características profissionais identificadas, por exemplo, em Antônio Carlos (bom relacionamento com os alunos, construído com base nas trajetórias anteriores e nas atuações profissionais) e em Romilda Augusta (atitudes de observação e de diálogo), atende às diretrizes da Proposta Curricular para o Ensino de Educação Física (PCE-EF) de 1º. Grau, publicada, em suas 1ª. e 2ª. edições, como versões preliminares, no ano de 1986.

Essa proposta assentava-se em uma perspectiva de ensino que buscava contemplar todos os aspectos do desenvolvimento do aluno. Nessa perspectiva,

[...] a “metodologia” da Educação Física terá como referenciais as condições concretas do aluno, o conhecimento dos períodos de seu desenvolvimento relacionados aos esquemas de elaboração mental, o respeito a sua individualidade, sem perder de vista o contexto grupal no qual o aluno está inserido. Em função desses referenciais, as “atividades” serão apresentadas em diferentes níveis de desempenho (intensidade, ritmo, capacidade de esforço etc.), e desafiadoras no sentido da procura e elaboração de múltiplas respostas. Os “procedimentos” estão centrados principalmente na iniciativa do aluno, resgatando-se o conhecimento que

ele traz consigo e avançando com ele na descoberta de novas formas de trabalho. (SÃO PAULO, 1990<sup>136</sup>, p. 10, grifo do autor).

Do mesmo modo, a PCE-EF de 1º. Grau se referiu à necessidade de contextualizar historicamente a Educação Física, reconhecer as diversas influências de interesses políticos e sociais e a consequente subordinação da área a esses interesses, bem como denunciou certo retrocesso no entendimento da importância da área no âmbito educacional em relação às demais áreas do conhecimento. A tecnização da Educação Física retratada por Ghiraldelli Jr. (1997) e por Soares et al. (1992) também foi denunciada na PCE-EF de 1º. Grau: “ainda hoje uma grande parte de nossos educadores se norteia por essa linha tecnicista arraigada por força da própria formação profissional, pela intencionalidade das instituições educacionais e orientação política e pela falta de opções metodológicas” (SÃO PAULO, 1990, p. 9).

O documento ainda se preocupou em ampliar o entendimento sobre o lúdico e resgatar a cultura popular mediante propostas com jogos (simbólicos, de construção e com regras), esportes, atividades rítmicas, com materiais (alternativos e variados) e sem materiais e apresentou diretrizes para uma avaliação qualitativa, centrada no desenvolvimento do aluno no processo de construção do conhecimento e não apenas limitada ao desenvolvimento físico. Assim, a avaliação podia acontecer com base em informações previamente estabelecidas e obtidas tanto por mensurações quanto por observações que diagnosticassem o nível de desenvolvimento de cada aluno (SÃO PAULO, 1990).

O olhar construtivista-interacionista, presente na PCE-EF de 1º. Grau, foi bastante influenciado pelos desdobramentos da crise de identidade (BETTI, 1991; BRACHT, 2010; BRASIL, 1997, 1998; DAOLIO, 2004; DARIDO, 2003; GHIRALDELLI JR., 1997; MEDINA, 1987; SOARES et al., 1992) vivida pela Educação Física na década de 1980. Essa crise proveio da necessidade de uma “revolução” que buscou, para a “cultura do corpo”, uma significação com características mais humanas (MEDINA, 1987<sup>137</sup>). Segundo Bracht (2010, p. 2),

nos anos 1980, no contexto de uma ampla movimentação social e política em prol da democratização da sociedade brasileira, constituiu-se, também no âmbito da comunidade da Educação Física brasileira, um movimento, posteriormente denominado “movimento renovador”, que se caracterizou por uma forte crítica à função atribuída até então à Educação Física no currículo escolar. Decorre dessa crítica uma mudança radical do entendimento do conteúdo da disciplina. (BRACHT, 2010, p. 2, grifo nosso).

---

<sup>136</sup> Terceira edição da proposta.

<sup>137</sup> O autor defendeu, com base em Paulo Freire, a ideia de uma “educação libertadora”.

Para Medina (1987), a busca por uma significação humanizada para a “cultura do corpo” - também denominada por ele de “cultura física<sup>138</sup>” - representou a necessidade de se repensar as condições inferiorizadas nas quais a Educação Física escolar, passiva e condescendente, esteve situada em sua trajetória, desprezada e discriminada pelas demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, a “revolução” (que não deveria ser exclusividade da Educação Física) requeria a participação de representantes de todas as áreas, cuja intenção versasse sobre uma compreensão de “[...] corpo humano através de todas as suas dimensões [...]”, bem como requeria a disposição para uma luta que conferisse mais dignidade e menos coerção ao corpo (MEDINA, 1987, p. 14).

De acordo com o autor, a crise na Educação Física se fez necessária para a sua evolução e, por essa razão, deveria ser reivindicada com base em uma busca por

[...] um projeto coletivo de convivência mais humana. Um projeto coletivo que comece no respeito ao indivíduo como pessoa. É neste sentido que qualquer cidadão ou profissional não pode ficar alheio às situações que o envolvem e o condicionam cotidianamente. Em algumas profissões, talvez mais do que em outras, esta percepção do todo, este desvelar do mundo considerado através da interação do sujeito com os outros sujeitos, torna-se ainda mais fundamental. É este o caso do professor e em especial, do professor de Educação Física. (MEDINA, 1987, p. 29-30).

Assim, a compreensão da função da educação e da Educação Física só é possível se os fatores condicionantes dessa função forem cuidadosamente considerados, já que ambas “[...] não se realizam de forma neutra e independente” (MEDINA, 1987, p. 32). O autor afirmou, também, que a participação em uma educação que liberte e humanize só é possível mediante a percepção, pelos indivíduos, de suas próprias capacidades de luta contra esses fatores que os condicionam, dificultam e inviabilizam a valorização de questões sociais e humanas.

Em defesa de uma “educação libertadora” e humana, Medina (1987) denunciou a redução do saber produzido e acumulado pelas ciências em partes, bem como a consequente perda da proximidade com a unidade, o que inibe uma visualização do indivíduo em sua totalidade e integridade. Nesse cenário, o “[...] o corpo humano, salvo raras exceções, é tratado pura e simplesmente como um objeto em nada diferente de uma máquina qualquer [...]” (MEDINA, 1987, p. 41). A subdivisão do indivíduo em partes (válida para o autor apenas se não se perder de vista a unidade na qual a parte se expressa) acontece com a

---

<sup>138</sup> Para o autor, essa expressão é tratada como sinônima de “cultura corporal”.

finalidade de explicação de suas várias dimensões, contudo, após subdividi-las, ocorre uma incapacidade na percepção da “[...] totalidade em que elas se realizam” (MEDINA, 1987, p. 42).

O “movimento renovador”, fundamentado em uma compreensão de corpo por suas dimensões históricas, sociais e/ou culturais, igualmente contribuiu, conforme Bracht (2010, p. 2-3, grifo do autor), para uma compreensão de práticas corporais como construções históricas, culturais e com significações próprias, bem como para cunhar os conceitos de

[...] “cultura corporal, cultura de movimento e cultura corporal de movimento para expressar o objeto/conteúdo de ensino da Educação Física”. Há aqueles que preferem a primeira, outros a segunda ou a terceira, por diferentes razões, mas todos concordam que o fundamental nesse caso é apreender/compreender o objeto/conteúdo da Educação Física como uma dimensão da “cultura” [...]. (BRACHT, 2010, p. 2-3, grifo do autor).

Assim, há uma ampliação do conteúdo da área e uma modificação de seu papel no contexto escolar (BETTI, 1991; BRACHT, 2010). Nesse cenário (início da década de 1980), algumas providências foram sugeridas, como, por exemplo, as modificações curriculares imediatas, a retirada do caráter militar da Educação Física e do predomínio da perspectiva biológica, a afirmação da diferença entre “esporte-educação” e “esporte-rendimento”, entre outras providências (BETTI, 1991).

O “esporte-educação”, segundo Tubino (2010), está focado em uma formação cidadã e divide-se em “esporte educacional” (abrange crianças e adolescentes para além do espaço escolar e fundamenta-se na “inclusão”, “participação”, “cooperação”, “co-educação” e “co-responsabilidade”) e “esporte escolar” (abrange jovens com habilidades esportivas prévias e, apesar de sua natureza competitiva, a formação cidadã não se faz indispensável, uma vez que essa manifestação se fundamenta no “desenvolvimento esportivo” e no “desenvolvimento do espírito esportivo” - para além do “fair-play” (“jogo-justo”)). Já o “esporte de rendimento” ou de “alto rendimento” compõem o “esporte de desempenho”, praticado com obediência

[...] a códigos e regras estabelecidos por entidades internacionais. Objetiva resultados, vitórias, recordes, títulos esportivos, projeções na mídia e prêmios financeiros. A ética deve ser uma referência nas competições e nos treinamentos. Os dois princípios do “Esporte de Desempenho” são: a “Superação” e o “Desenvolvimento Esportivo”. (TUBINO, 2010, p. 43, grifo do autor).

De acordo com Betti (1991), também houve, no período de 1980 a 1986, uma ênfase nas séries iniciais do Ensino Fundamental, cuja preocupação centrou-se na atuação e

formação profissional (inicial e continuada) subsidiada em uma educação psicomotora<sup>139</sup> que considerou as dimensões cognitiva, afetiva e motora do desenvolvimento da criança.

Da 1ª. a 4ª. séries, a ênfase deve ser dada à educação psicomotora; da 5ª. a 8ª. séries, ao desenvolvimento das qualidades físicas básicas e à iniciação nas habilidades esportivas; e no 2º. grau, às atividades que contribuam para o aperfeiçoamento de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do aluno. (BETTI, 1991, p. 122).

Além disso, a necessidade de teorização das práticas dos profissionais da área fez-se consciente como única opção de superação da crise, o que contribuiu para uma valorização da pesquisa científica - cuja atenção voltou-se também para as áreas psicológica, pedagógica e sociológica, e não apenas para a área biológica que, em 1983, passou a receber ajuda do Estado (BETTI, 1991).

Essa crise (BETTI, 1991), “revolução” (MEDINA, 1987) e/ou “movimento renovador” (BRACHT, 2010) da Educação Física foi motivada, também, por uma crise na educação em virtude de acontecimentos anteriores, a saber: mudança do sistema agrário para o sistema industrial e conseqüente ampliação da população urbana (BETTI, 1991; CORRÊA, 2009; GHIRALDELLI JR., 1987); crítica à subordinação da educação e da Educação Física ao Exército (CORRÊA, 2009); “redemocratização de 1945-64” (GHIRALDELLI JR., 1987); crítica à tecnização da Educação Física (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997); e “democratização da sociedade brasileira” (BRACHT, 2010), entre outros.

As diretrizes da supracitada PCE-EF de 1º. Grau fundamentaram-se na perspectiva construtivista-interacionista, que teve João Batista Freire como seu proponente e coautor na elaboração das propostas para o ensino da Educação Física na escola pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP<sup>140</sup>) da SEE-SP.

Freire (1997), ao criticar a organização escolar na “primeira e segunda infância” - atual Educação Infantil e atuais anos iniciais do Ensino Fundamental - assentada na ideia de imposição de imobilidade e silêncio às crianças logo que as mesmas ingressam nessas instituições, propôs uma “educação de corpo inteiro”. Na compreensão do autor, “[...]”

---

<sup>139</sup> Refere-se à psicomotricidade, apresentada por Jean Le Boulch (1924-2001) no início da década de 1980 com base em discussões realizadas desde a década de 1970 (DARIDO, 2003). Para Gallardo (2010, p. 16), na abordagem psicomotora, as ações baseiam-se em uma “educação pelo movimento” por meio de jogos de movimentação e exercícios, e o trabalho docente “[...] passa a organizar-se em torno do desenvolvimento das estruturas psicomotoras de base: coordenação motora, equilíbrio, lateralidade, organização espaço-temporal e esquema corporal, buscando integrar homem e espaço, corpo e alma”.

<sup>140</sup> Atual Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), conforme o documento “Roteiro Sugestão de Atividades para as aulas de Arte e Educação Física: para o início do ano letivo de 2013” (SÃO PAULO, 2013).

a Educação Física não é apenas educação do<sup>141</sup> ou pelo movimento: ‘é educação de corpo inteiro’, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço” (FREIRE, 1997, p. 84).

Nessa proposição, o autor considera: a criança como uma especialista em brincar; o conhecimento prévio da criança, a necessidade de recuperar/valorizar, no contexto escolar, sua cultura de brinquedos, de brincadeiras e de jogos; a construção do conhecimento com base na interação entre a criança e o ambiente e na resolução de problemas; o entendimento dessa interação; a atividade corporal como o elo necessário entre a representação intelectual e a realidade da criança; e a avaliação com foco no processo e na autoavaliação, entre outras considerações.

Para Tardif (2008), é imprescindível que haja muita acuidade ao falar dos saberes docentes, já que, para defini-los, faz-se necessário ponderar os juízos feitos pelos próprios docentes quando mencionam as relações existentes entre seus saberes e o contexto escolar, os quais são elementos complementares.

Assim, torna-se inadmissível falar sobre esses saberes de forma dissociada das “[...] realidades sociais, organizacionais e humanas nas quais os professores se encontram mergulhados” (TARDIF, 2008, p. 11), uma vez que o autor não acredita ser possível realizar tal discurso sem estabelecer relação com as condições e o ambiente nos quais os professores exercem a profissão. O autor acredita, ainda, na impossibilidade de compreensão da natureza do saber docente “[...] sem colocá-los em íntima relação com o que os professores, nos espaços de trabalho cotidianos, são, fazem, pensam e dizem” (TARDIF, 2008, p. 15). Do mesmo modo, esse saber depende tanto dos condicionantes reais nos quais o trabalho do professor acontece quanto da sua personalidade e conhecimento sobre a profissão (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000).

Os autores apontam que, com base nesse ponto de vista, o saber docente parece se ajustar em combinações incessantes entre o que o professor “é” e o que “faz”, conforme pode ser visualizado no trecho da narrativa de Romilda sobre sua atuação como professora generalista, no qual ela explicita algumas características pessoais e os efeitos (de incômodo) dessas características nos pares: “[...] ‘era o meu eu’ ... o que estava procurando ... coisa melhor para os alunos” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Não obstante, “é apenas ao cabo de um certo tempo - tempo da vida profissional, tempo da carreira - que o ‘eu pessoal’, em contato com o universo do trabalho,

---

<sup>141</sup> Na educação do movimento, a ênfase é no desenvolvimento de habilidades motoras, o que também é oportuno nas aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino de 1º. grau (FREIRE, 1997).

vai pouco a pouco se transformando e torna-se um ‘eu profissional’” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 239, grifo nosso). No âmago do “eu profissional” e na concepção dos professores a respeito do saber sobre o ensino, encontra-se a ideia de experiência referente ao tempo como um processo no qual os professores adquirem controle sobre o trabalho e um saber sobre si próprio (TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000).

A aquisição desse controle e desse saber também pode ser visualizada no seguinte fragmento da narrativa de Romilda, sobre as aulas que lecionou no MOBREAL durante a finalização do curso de Magistério: “[...] ‘podia dizer que já tinha um pouco de experiência’ [...]” (RIBEIRO, Entrevista 3, 2015, grifo nosso).

Segundo Tardif (2008, p. 14), o saber docente não é usado apenas como um meio no exercício da profissão, mas também se origina e se molda no e por esse exercício: “[...] o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho”. Para o autor, o professor considera o saber adquirido na e pela experiência profissional como o alicerce do seu “saber-ensinar”.

[...] Os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de “habitus” e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. (TARDIF, 2008, p. 38-39, grifo do autor).

Em face dessas questões (juízos docentes, relações entre condições e ambiente de trabalho, saber como meio e produto, saber do próprio exercício da docência e como base para esse exercício etc.), afirmamos que os elementos das histórias de vida dos professores de Educação Física aposentados elucidaram uma preocupação maior com o processo em detrimento do resultado.

Essa preocupação pode ser exemplificada por meio da opção de Antônio Carlos pela formação do aluno e não do atleta (ilustrada por meio da recusa em relação ao uso do apito nas aulas de Educação Física - utilizadas como meio para a sua atuação como professor). Nas narrativas de Romilda, a preocupação transcendeu as atividades propostas e desenvolvidas nas aulas: “[...] não é só ... a ‘atividade em SI’ ... eu observava os alunos [...]” (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso). A aprendizagem e o “sentido do jogo em si” representou a preocupação de Dinalva com o processo: “[...] ‘eu criava uma brincadeira [...] para ser mais fácil para eles aprenderem [...] eu criei muita coisa [...] para melhorar o ... o ... o ... o sentido da ... da ... do jogo em si’ [...]” (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Entendemos que as características apresentadas por Soares et al. (1992) e Sanches Neto e Betti (2008) sobre o movimento humanista podem contribuir para a explicação de alguns elementos contidos nas narrativas dos professores, especialmente a preocupação de Antônio Carlos com a formação do aluno. Já as características da educação psicomotora e da perspectiva construtivista-interacionista elucidam as preocupação das professoras Romilda e Dinalva para além das atividades propostas e desenvolvidas nas aulas.

Com base nos pressupostos dos “movimentos renovadores” mencionados por Bracht (2010) e Soares et al. (1992), o movimento humanista<sup>142</sup> se caracteriza

[...] pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem [...]. Essa perspectiva teórica é aquela que desloca a propriedade dada ao produto para o processo de ensino, introduzindo o princípio do ensino “não diretivo”. Situa os objetivos no plano geral da educação integral, onde o conteúdo passa a ser muito mais instrumento para promover relações interpessoais e facilitar o desenvolvimento da natureza, “em si boa”, da criança. (SOARES et al., 1992, p. 55, grifo dos autores).

Em conformidade Soares et al. (1992), Sanches Neto e Betti (2008) afirmaram o reconhecimento da função docente para além de uma competência técnica no movimento humanista, cujo aprendizado deve ter significado para o aluno e ser facilitado pelo professor.

A atuação profissional docente de Antônio Carlos imprime essa preocupação com o processo mediante as seguintes trajetórias: de professor e coordenador na Educação Infantil e “primário” em instituições particulares (o que inclui a realização de acampamentos com foco em atividades recreativas); de criação de brincadeiras; de inserção de alunos em competições esportivas para priorizar a participação; de uso da Educação Física como instrumento de agregação entre aluno e escola; de exercício da função de especialista em educação na DE e coordenador de escola; de participação em reforma da Educação Física no Estado; de críticas ao foco no conteúdo da escola pública em detrimento do aluno; de atuação em curso de Pedagogia e da realização de Especialização e Mestrado; de aulas dialogadas; de práticas diversificadas e promotoras de espaço para socialização/integração de todos; de aulas lecionadas nas matérias História da Educação e Metodologia e Prática de Ensino de Educação Física no Magistério com base nas contribuições da atuação nos níveis iniciais de escolarização nas instituições particulares; e de proposição e desenvolvimento de atividades

---

<sup>142</sup> Para saber mais, consultar a obra “Educação Física humanista”, de Vitor Marinho de Oliveira, publicada em 1985.



assentadas nos saberes dos alunos e na consideração pelos diversos aspectos do desenvolvimento do aluno.

A identificação de características, como respeito aos saberes discentes, disponibilidade ao diálogo e afetividade na relação professor-aluno nas práticas de ensino desenvolvidas pelos professores, podem ser analisadas com base em Freire (2002).

Os saberes imprescindíveis para uma atuação docente crítica e progressista apresentados pelo autor, conforme o terceiro capítulo deste trabalho, devem ser elaborados na própria formação de professores e se configurar como conteúdos indispensáveis a essa formação. O autor afirma, ainda, que a disposição para o diálogo se fundamenta no respeito às diferenças e na busca constante de coerência entre o fazer e o falar. “Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica [...]” (FREIRE, 2002, p. 51).

A preocupação de Romilda se assenta em uma trajetória de criação de atividades e de materiais em virtude das necessidades iniciais da atuação profissional, de realização constante de cursos, de atuação simultânea como professora generalista e professora de Educação Física, de aulas lecionadas no Magistério com foco no ensino da Educação Física no “primário”, de iniciativas próprias para inclusão dos alunos nas competições esportivas e na aquisição de materiais didáticos, de diversificação de suas práticas, de resistências enfrentadas entre os próprios alunos para inclusão de todos nas aulas e nas competições, de respeito e afetividade na relação professor-aluno, de diversificação de algumas propostas no intuito de garantir a participação de todos, de proposição e desenvolvimento de jogos relacionados a outras áreas do conhecimento, de cuidados tomados na realização dos exercícios de ginástica, de desenvolvimento discente por meio da atividade física, de produção de histórias na descrição das práticas vivenciadas, da valorização de exames biométricos/médicos para acompanhamento pelo aluno de seu próprio processo de desenvolvimento, de constante diálogo com os alunos, de aprendizagem com os alunos e nos cursos e de desenvolvimento de práticas consideradas inovadoras para a época.

E com base nas narrativas de Dinalva, afirmamos que essa preocupação com o processo se fundamenta em uma trajetória de práticas focadas: na recreação nas séries iniciais (CB) com meninas e meninos juntos; nas iniciativas e recursos próprios na aquisição de materiais; no bom relacionamento com os alunos; na consideração pelas distintas realidades de vida dos alunos; na realização de horas extras de trabalho; no desenvolvimento de práticas

consideradas inovadoras para a época; na construção de uma cultura de apreciação/participação em festas escolares; na criação de atividades e materiais em razão das necessidades de espaço; na proposição e desenvolvimento de atividades que integrassem um número maior de alunos simultaneamente; na aceitação das prescrições da gestão referentes às aulas no “primário”; nas contribuições para a continuidade do trabalho do professor de Educação Física no “ginásio”; nas finalidades socializadoras; no desenvolvimento de afetividade; na integração entre as aulas de Educação Física e Arte; na complementariedade das atuações na Educação Infantil e na Educação Básica (sobretudo no CB); na atuação docente no Magistério com Metodologia do Ensino da Educação Física e das contribuições dessa atuação nas EMEI (com plano de aula historiado); na diversificação de práticas avaliativas em virtude da exclusividade do foco na “aptidão física”; na valorização dos feitos dos alunos; na consideração por todos os aspectos do desenvolvimento do aluno; na honestidade nas competições esportivas; e na aprendizagem da profissão ao longo da carreira.

Não obstante, e tomando-se por base as questões de Tardif (2008), afirmamos que as características das práticas desenvolvidas pelos participantes desta pesquisa de Doutorado nas aulas de Educação Física nem sempre refletiram as diretrizes curriculares da época. Os três professores iniciaram suas trajetórias profissionais na rede de ensino da SEE-SP entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970.

A década de 1970 caracterizou-se, segundo Palma Filho (1996), pela publicação dos “Guias Curriculares” pela SEE-SP, com reflexos dos governos autoritários, nomeados no Estado de São Paulo nas condições do regimento militar. Para o autor, a elaboração desses guias não considerou as “[...] condições de trabalho dos professores, a nova realidade da formação dos professores, o novo alunado que na década de 70 adentra a escola pública [...]” (PALMA FILHO, 1996, p. 271). Ademais, o autor declara que tais documentos não estavam em harmonia com a ideia de democratização do ensino.

Os guias, “[...] enquanto proposta técnica de trabalho para o docente [...]”, não consideraram as condições do processo de ensino e de aprendizagem, tampouco as particularidades sociais e culturais dos alunos (PALMA FILHO, 1996, p. 277).

Assim, a necessidade de revisão desses guias (considerados inadequados), a reestruturação do currículo do ensino de 1º. grau com a introdução do CB na década de 1980 por meio das determinações do Decreto 21.833/1983 e da Resolução SE 13/1984 (SÃO PAULO, 1983, 1984) indicavam “[...] a necessidade de repensar a proposta curricular para o ensino de 1º. grau, inicialmente, e como consequência, numa segunda etapa, também a proposta curricular para o ensino de 2º. Grau” (PALMA FILHO, 1996, p. 278).

Nesse cenário, a efetivação do CB ofereceu subsídios ao trabalho do professor alfabetizador mediante a implementação da JUTDD-CB, cuja intenção consistiu em assegurar o desenvolvimento de um trabalho em parceria com os professores de Educação Física e Arte e a formação continuada do professor alfabetizador (PALMA FILHO, 1996; SÃO PAULO, 1988). A implantação dessa jornada promoveu a inserção dos professores especialistas - de Educação Física e Arte - nos anos iniciais, na época 1ª. e 2ª. séries (PALMA FILHO, 1996; SÃO PAULO, 1988). Assim, as aulas de Educação Física e Arte nessas séries passaram a ser ministradas por professores licenciados nas respectivas áreas, bem como assegurou, a esses professores, esse espaço de atuação profissional (SÃO PAULO, 1988).

A iniciativa da SEE-SP que, segundo Palma Filho (1996, p. 263), pretendeu equiparar o tempo em que professores e alunos permaneciam na escola, foi materializada após quatro anos de CB, no ano de 1988, com a implementação da JUTDD-CB,

que fez com que o professor<sup>143</sup> passasse a ficar 26 horas por semana com a mesma classe. Mesmo nesse caso, em que a criança passou a ficar 30 horas por semana na escola, a Secretaria da Educação ao fechar esse tempo maior de permanência teve que lançar mão de outros dois professores, um para Educação Física (duas horas semanais) e outro para Educação Artística (duas horas semanais) e, em muitas situações esses professores simplesmente não existiam. (PALMA FILHO, 1996, p. 263).

A inexistência desses professores explica um dos fragmentos das narrativas de Antônio Carlos, cujas críticas voltaram-se aos não saberes dos professores de Educação Física em virtude das lacunas da formação inicial no que se refere à atuação docente no “primário”: “[...] ‘foi uma luta de mais de dez anos para trazer a Educação Física de 1ª. a 4ª. séries ... quando nós conseguimos ... os professores não queriam dar aula ... não sabiam dar aula’ [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso). Para Antônio Carlos, a situação que descreveu contribuiu para que, posteriormente, essas aulas voltassem para a responsabilidade do professor generalista.

Sua participação nessa “luta” foi na qualidade de especialista em educação na equipe técnica da DE de Santa Cruz do Rio Pardo, cujos propósitos versavam sobre uma reforma da Educação Física no Estado, o que se coaduna com as determinações do Decreto 21.833/1983 e da Resolução SE 13/1984 (SÃO PAULO, 1983, 1984), com as intenções presentes no documento CBJU (SÃO PAULO, 1988) e com a pesquisa de Doutorado de Palma Filho (1996).

---

<sup>143</sup> Referiu-se ao professor generalista.

A promoção desse espaço de atuação ao professor de Educação Física igualmente evidenciou o seu despreparo, possivelmente fruto, segundo Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida e diversos estudos, de um modelo de formação docente assentado em um currículo “tradicional-esportivo” (RANGEL-BETTI; BETTI, 1996), da subordinação da educação e da Educação Física ao Exército (CORRÊA, 2009) e da subordinação da Educação Física ao esporte de alto rendimento com foco na melhoria da técnica esportiva (BETTI, 1991; GHIRALDELLI JR., 1997). A expectativa sobre o professor de Educação Física bem-sucedido e a finalidade do ensino na época, ajustadas ao modelo formativo supracitado e presentes nas narrativas dos professores aposentados sobre suas trajetórias escolares e na formação inicial também podem ter colaborado para a conformação desse quadro. Por conseguinte, esse modelo provavelmente não correspondia às características dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para Gallardo (2010), os alunos do 1º. e 2º. Anos (seis a sete anos de idade) do Ensino Fundamental estão em um aprendizado geral ou de mudança do começo de uma etapa de movimentos definidos pela cultura, com dificuldades de organização coletiva, porém, com capacidade de entendimento das regras e valores, capacidade de relacionar os conceitos principais de algum assunto aos seus saberes prévios e capacidade de generalizar esses saberes para diferentes ocasiões, ampliando e diversificando-os.

No 3º. Ano (oito a nove anos de idade), os alunos estão em transição dos jogos fundamentados na imaginação e nos próprios interesses para jogos construídos com base em regras e conceitos, com preocupações com a realidade palpável e com o espaço das atividades (o qual se torna importante e reverenciado), há a renúncia gradativa das atitudes egocêntricas e o início do entendimento de outras perspectivas, a aquisição dos próprios discernimentos, a capacidade de avaliar as próprias limitações e possibilidades e a visualização segura dos outros – professores e pessoas adultas – como intercessores em seus desenvolvimentos (GALLARDO, 2010).

No 4º. Ano (nove a dez anos de idade), os alunos estão iniciando uma etapa de crescente cooperação na vida social com consideração por diversas perspectivas e uso de hipóteses, decisões e deduções coerentes, interessam-se por atividades que exigem certa técnica e tática, flexibilizam as regras e estabelecem desafios por meio das variações das atividades, apresentam capacidade de organização coletiva com dificuldades na utilização do espaço e tempo disponível, capacidade de contemplar e avaliar manifestações da “cultura corporal” e há interesse gradativo entre meninos e meninas que resulta na simultânea exibição e vergonha corporal (GALLARDO, 2010).

Segundo Soares et al. (1992), o conceito de “cultura corporal” deve ser desenvolvido em conformidade com a história. Para os autores, a “cultura corporal” resulta de conhecimentos produzidos no âmbito social e acumulados pela história da humanidade. Esses conhecimentos precisam ser redesenhados e difundidos no contexto escolar (SOARES et al., 1992). Os autores afirmam, ainda que,

é fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da “cultura corporal”. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. (SOARES et al., 1992, p. 39, grifo nosso).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCN-EF) para o ensino de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries e de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries (BRASIL, 1997, 1998) incluíram, conforme Bracht (2010), parte desse conceito de “cultura”. Nos documentos, o conceito se fundamenta em uma compreensão de que o indivíduo sempre produziu e reproduziu cultura, e suas produções estão inseridas em um contexto de cultura. A cultura é compreendida como o resultado da produção social, de um coletivo no qual o indivíduo se insere, sendo que tal produção, precede e ultrapassa o indivíduo (BRASIL, 1997, 1998).

A Educação Física contém os jogos, as ginásticas, os esportes, as lutas e as danças como produções dessa cultura, os quais devem ser abordados com base nesse conceito de “cultura” (BRASIL, 1997, 1998; DAOLIO, 2004). Das produções e reproduções da cultura derivam “[...] conhecimentos e representações que se transformam ao longo do tempo. Ressignificadas, suas intencionalidades, formas de expressão e sistematização [...]” (BRASIL, 1998, p. 28).

Para Gallardo (2010), os alunos do 5<sup>o</sup> ano (dez a onze anos de idade) são capazes de identificar as manifestações da “cultura corporal” e tomar decisões sobre elas e apresentam intenso interesse pelo jogo e pela escolha do grupo de convívio que, geralmente, é coerente, com regulamento de associação mais ou menos definido e rigoroso. Além disso, já apresentam conhecimento sobre a rotina da escola, autonomia, domínio razoável de grande parte dos movimentos básicos, capacidade de organização coletiva e de atendimento à proposta das aulas de Educação Física e o desenvolvimento corporal – especialmente das meninas – é marcado por aceleradas mudanças em razão da puberdade. “Também em relação às capacidades cognitivas ocorrem mudanças importantes na maneira de pensar e de resolver

problemas (por exemplo, maior abstração conceitual e estabelecimento de etapas lógicas no encaminhamento de uma questão)” (GALLARDO, 2010, p. 69).

A consideração por essas características contribui para a organização e planejamento dos conteúdos (GALLARDO, 2010), pois permite o desenvolvimento de práticas de ensino que atendam às necessidades dos alunos desse nível de ensino. Logo, tais características devem ser garantidas na formação inicial e continuada desses professores.

Algumas dessas características apresentadas por Gallardo (2010), como proposta incipiente, podem ser visualizadas no documento CBJU, cujo objetivo, na Educação Física, consistiu em garantir, por meio de duas horas-aulas por semana, o desenvolvimento da criança com base no movimento desde as séries iniciais de escolarização com propostas de jogos com material, simbólicos e de construção e atividades rítmicas e da cultura popular (SÃO PAULO, 1988).

Essas propostas refletiram uma maior ênfase nas séries iniciais no início da década de 1980, em razão da proposição de jogos e de uma valorização da cultura e da interação/relação entre o aluno e o ambiente/mundo. As propostas presentes no documento compreendiam o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, físicos, afetivos e sociais. O documento apresentou, ainda, reflexões sobre as outras áreas do conhecimento que superavam uma perspectiva técnica de ensino, bem como propostas para o ensino de Educação Física e Arte nessas séries (SÃO PAULO, 1988).

Corroborando o documento CBJU, Barretto e Sousa (2004) alegam que, no propósito de organização escolar, os ciclos foram introduzidos no País para regularização do fluxo discente durante o processo de escolarização obrigatória e garantia do cumprimento desse processo sem a retenção do aluno. Para o documento e as autoras, a retenção é um fato que dificulta a efetivação da aprendizagem e a melhoria da qualidade educacional.

Ao longo dos anos, o regulamento de ciclos - CB ou de alfabetização na década de 1980 no Estado de São Paulo e, no Ensino Fundamental, a estruturação em três e dois ciclos na década de 1990, respectivamente no município e no Estado de São Paulo - recebeu diferentes designações e assumiu diferentes sentidos, “[...] estando, em certa medida, associados a propostas de promoção automática, avanços progressivos, progressão continuada” (BARRETTO; SOUSA, 2004, p. 33). Segundo as autoras, na década de 1980, vários governos estaduais optaram pelos ciclos de alfabetização, ocorrendo, na década de 1990, um desenvolvimento significativo das escolas organizadas com ciclos.

Do mesmo modo, na década de 1980 houve a construção de propostas curriculares para o ensino de áreas diversas do conhecimento com base em novas proposições

teórico-metodológicas produzidas e publicadas nas IES do Estado de São Paulo (SOUZA, 2006). Segundo a autora, essas propostas que se apresentaram flexíveis, foram lançadas na rede de ensino estadual de São Paulo em 1988, subsidiadas em teorias curriculares críticas compromissadas com princípios sociais e políticos e em uma concepção de professor “intelectual”.

As propostas foram construídas supondo um professor estudioso e um intelectual e estruturadas visando explicar, informar, formar e persuadir os professores. O discurso construído dirigia-se a um professor-leitor portador de vasto domínio no campo pedagógico e em sua área de conhecimento. Todas as propostas buscaram reconstituir historicamente o processo de sua construção. (SOUZA, 2006, p. 206).

O processo de elaboração dessas propostas que, conforme Palma Filho (1996), foi iniciado pela CENP em 1984, durou mais ou menos dois anos. O conteúdo de cada uma delas se fundamentou no ensino de Matemática, Ciências e Saúde, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física, Educação Artística, História e Geografia no 1º. grau (PALMA FILHO, 1996).

Na Educação Física, houve uma ênfase na necessidade de entender o indivíduo com base em todas as dimensões - cognitiva, motora, afetiva e social - do seu desenvolvimento (PALMA FILHO, 1996). Tal necessidade se harmonizou com as ideias defendidas por Medina (1987), obra que, apesar de publicada no final da década de 1980, encontrava-se em sua sétima edição.

Nesse sentido, a proposta para o ensino da Educação Física representou um avanço em relação aos modelos anteriores - subsidiados nas perspectivas biológicas e tecnicistas - porque ressaltou o uso do corpo/movimento como “[...] meio para a concretização de objetivos cognitivos e socioafetivos, aspectos já contemplados na proposta pedagógica para Ciclo Básico e que muito se beneficiou da introdução, em 1988, do especialista de Educação Física atuando junto às classes do CB” (PALMA FILHO, 1996, p. 286).

De acordo com Palma Filho (1996), a discussão das propostas curriculares, prevista para o segundo semestre de 1986 não aconteceu em virtude, entre outros fatores, de uma greve dos professores da rede de ensino da SEE-SP sucedida nesse mesmo período. Em meados do ano seguinte (1987), com a materialização da discussão com os profissionais da rede de ensino estadual paulista e ampla divulgação por diversos órgãos informativos - que além de desinformar, não se privaram de emitir opiniões contraditórias à aprovação oficial das propostas - de São Paulo (o que diferiu da divulgação dos “Guias Curriculares” na década de

1970 pela mesma secretaria), as propostas - sobretudo de História, Geografia e de Ciências - provocaram diversas reações desfavoráveis, em especial dos diretores do Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (UDEMOM), de vários parlamentares conservadores e do próprio secretário da educação da época, Chopin Tavares de Lima (PALMA FILHO, 1996).

No entanto, conforme relatórios da CENP publicados em 1988, nas DE e escolas, mais de sessenta por cento dos profissionais - entre especialistas de educação e professores - se mostraram favoráveis às propostas, com apresentação de algumas críticas e sugestões referentes a conteúdos e metodologia e reivindicações de orientações contínuas e de nivelar as escolas com recursos materiais, o que não aconteceu, pois “[...] a SE nunca desenvolveu um programa nesse sentido, o que obviamente foi a forma mais eficaz encontrada para não implantar de fato as propostas Curriculares” (PALMA FILHO, 1996, p. 291).

Essas reflexões são importantes porque se referem a questões que impregnam a formação e, conseqüentemente, a atuação do professor de Educação Física na escola. A prática profissional reflete tanto as influências da formação quanto do seu local de trabalho e do próprio exercício da docência. Em virtude dessa assertiva, visualizamos o CB, a PCE-EF de 1º. Grau e o PEEP, como exemplos de algumas das políticas públicas educacionais que permearam - em maior ou menor intensidade - as trajetórias profissionais dos professores de Educação Física aposentados.

O PEEP foi estabelecido como componente do Programa de Reforma do Ensino do Governo Fleury, no período de 1991 a 1994 (SARMENTO; ARRUDA, 2011). Em oposição aos modelos educacionais existentes, as autoras afirmam que esse projeto se apresentou como base para a constituição de uma concepção libertadora, decidindo preceitos autônomos para orientar um padrão educacional inovador com os papéis de formar cidadãos com acesso a todos os conhecimentos disponibilizados pelo debate, pelo estudo e pela investigação. Porém, não se estendeu a todas as escolas estaduais do Estado de São Paulo em virtude da limitação de verbas por parte do governo. Encerrou-se, gradativamente, a partir de 1995 (SARMENTO; ARRUDA, 2011).

Conforme a gestão pedagógica e administrativa do Conselho de Escola (CE) do projeto, as aulas de Educação Física e de Arte para o CB podiam ser ministradas pelo professor generalista ou pelo professor especialista (com formação em Educação Física), conforme disposto na Resolução SE 254, de 27 de novembro de 1992, em seu Artigo 2º. (SARMENTO; ARRUDA, 2011). As autoras revelam, ainda, com base na Resolução, que



essa opção era competência da unidade escolar, já que a mesma tinha autonomia para tomar decisões. Sobre o Ensino Fundamental (disposto pelo projeto da 3<sup>a.</sup> a 8<sup>a.</sup> séries), nada consta sobre essa opção. Nas entrevistas realizadas, apenas a professora Dinalva fez referências ao PEEP, contudo, suas reminiscências não favoreceram a apresentação de dados expressivos sobre essa política pública.

Igualmente, os percursos profissionais dos professores entrevistados podem ser entendidos, em conformidade com Tardif (2008), como “processos temporais” que compreendem as distintas fases da docência e toda a trajetória profissional do docente. Esses percursos refletem questões que possuem relações de dependência, como, por exemplo: a socialização na profissão; a consolidação das primeiras experiências; as etapas de mudança, de ininterruptão e de rompimento; as diversas mudanças de nível de ensino, de ano/série, de unidade escolar, de região etc.; as características identitárias e subjetivas dos docentes, os quais “[...] se tornam o que são de tanto fazer o que fazem” (TARDIF, 2008, p. 20-21).

Em síntese, os professores de Educação Física aposentados exerceram diversas funções que não ocorreram no contexto da Educação Física escolar, a saber: como escriturário, diretor e chefe em empresa e professor eventual em curso de Contabilidade (Antônio Carlos); exercício da docência no MOBREAL e, posteriormente, como professora generalista na rede de ensino da SEE-SP (Romilda Augusta); e realização dos “mapas de movimento”, vacinação das crianças, atuação como babá, realização de serviços domésticos, organização de festas e ensino do catecismo em classe multisseriada nas fazendas, atividades de bordado para serem comercializados, atividades em escritório, atuação como secretária e professora generalista na rede de ensino da SEE-SP, atuação como professora em clube, com aulas de ginástica, dança e natação (Dinalva Aparecida). Dentre tantas atuações, todos os professores exerceram a docência em Educação Física em diferentes contextos: na rede de ensino particular, na rede de ensino da SEE-SP, no SESI e na rede de ensino municipal.

Com base em Tardif (2008), identificamos as seguintes relações de dependência entre esses percursos profissionais: as influências da atuação na empresa para uma formação mais humana, o que contribuiu para as relações interpessoais no exercício da docência em Educação Física por Antônio Carlos; as influências da atuação inicial na Educação Física no trabalho como professora generalista (ainda que em áreas e níveis de ensino diferentes), o que contribuiu para o desenvolvimento de práticas (subsidiadas pelas linguagens escrita, gráfica e corporal) para além da sala de aula, com uso de métodos diversificados e de todos os espaços escolares por Romilda Augusta; e as influências da relação construída com a professora de catecismo na opção pela docência e as influências da

realização dos “mapas de movimento” nas fazendas na atuação como secretária em escola estadual por Dinalva Aparecida.

Nessa identificação, elucidamos as influências de um percurso em outro, sobretudo na opção pela docência e na natureza das práticas desenvolvidas, bem como as questões indicadas pelo autor que se refletem nesses percursos.

Como reflexos da consolidação das primeiras experiências, consideramos: o enfrentamento de resistência de alunos em curso de contabilidade e de desvalorização da Educação Física na rede de ensino da SEE-SP (Antônio Carlos); as dificuldades e insegurança iniciais como professora substituta e na mudança/trânsito entre as cidades e a insuficiência de espaço para o desenvolvimento das aulas (Romilda Augusta); e as dificuldades iniciais em razão da atuação concomitante em diversas escolas e cidades por não ser efetiva na rede de ensino da SEE-SP e os espaços inadequados para o desenvolvimento das aulas (Dinalva Aparecida).

Como reflexos das etapas de mudança, de ininterruptão e de rompimento, consideramos: a atuação como professor na Educação Básica, coordenador em escola, especialista em DE e professor no Ensino Superior (Antônio Carlos); os conflitos com alunos no final da carreira (Antônio Carlos e Romilda Augusta); a aposentadoria da faculdade em razão de um Câncer (Antônio Carlos); a atuação concomitante como professora generalista e professora de Educação Física (Romilda Augusta); e as dificuldades financeiras - também como consequência da condição de não efetiva na rede de ensino da SEE-SP - e a insuficiência de materiais para o desenvolvimento das aulas (Dinalva Aparecida).

As diversas mudanças de nível de ensino, de unidade escolar e de região também se refletiram nas práticas dos professores de Educação Física, a saber: atuação em todos os níveis da Educação Básica - com exceção de Romilda, que não atuou na Educação Infantil - e consequentes dúvidas originadas por essas mudanças; atuação em diversas escolas e, em algumas épocas, em mais de uma unidade ao mesmo tempo, bem como o acúmulo de cargos nas redes de ensino estadual, particular, municipal e no SESI); e atuação em diferentes DE e cidades.

Já nas características identitárias e subjetivas dos docentes, os reflexos são notados, entre outras características, pela proximidade na relação com os alunos (Antônio Carlos); pelo desenvolvimento do próprio processo comunicativo, pela realização das atividades propostas e desenvolvidas nas aulas junto aos alunos e crença na ideia de “dom” (Romilda Augusta); e pelo envolvimento na organização de festas e facilidades nas relações em virtude da comunicabilidade (Dinalva Aparecida).

García (1999) também apresenta a carreira do professor como um processo de socialização, marcado pela integração do professor à cultura da escola, pela incorporação/interiorização de saberes, valores, práticas e hábitos já instituídos, bem como pela adaptação do professor ao contexto de trabalho.

Para o autor, esse processo não deve ser “unidirecional”, pois precisa ser compreendido e assumido como uma acomodação recíproca, tanto pela escola quanto pelo professor que nela ingressou. Depende, em grande parte, “[...] ‘das experiências biográficas anteriores’, dos seus modelos de imitação anteriores, da organização burocrática em que se encontra inserido desde o primeiro momento da sua vida profissional, dos colegas e do meio em que iniciou a sua carreira docente” (GARCÍA, 1999, p. 118, grifo nosso). No entanto, Tardif (2008) e Tardif e Raymond (2000) denunciam a ausência dessa reciprocidade, uma vez que a escola exige que o professor se adapte às suas práticas e hábitos.

De acordo com Tardif e Raymond (2000) e Tardif (2008), os saberes que sustentam o ensino (na perspectiva dos professores) compreendem elementos, assuntos e problemas diversos, os quais se referem ao seu trabalho, às experiências da profissão. Para esses professores “[...] a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada de seu saber-ensinar” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 213).

Das aulas desenvolvidas nas séries iniciais, visualizamos, mediante as narrativas dos professores de Educação Física, o desenvolvimento de conteúdos cuja afinidade era maior e a valorização dos saberes prévios dos alunos e da cultura local.

Essas opções dos professores se relacionam as críticas que realizaram sobre a própria formação profissional em Educação Física, conforme elucidada o fragmento das narrativas de Antônio Carlos: “[...] o currículo da escola de Educação Física não ensinou o professor de Educação Física ... certo? ... brincar ... ele não sabia brincar [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015). Essa lacuna também é evidenciada por Dinalva, quando se referiu à sua atuação nas EMEI na rede de ensino municipal e no CB na rede de ensino estadual:

olha ... batia sim insegurança ... porque quando eu trabalhei na ... na prefeitura ... é ... foi uma escola para mim ... porque eu nunca tinha trabalhado com ... com criança nessa faixa etária e eu não tinha preparo para isso [...] eu tinha sim conhecimento de muita coisa ... eu sempre gostei muito de ... de ... de criança ... de trabalhar assim ... mas eu não tinha nada assim ... que eu tivesse aprendido especificamente para aquela idade [...] CB também ... eu aproveitei também essa da prefeitura para o CB ... porque CB nós não tínhamos também orientação nenhuma de CB. (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Igualmente, tais opções se fundamentaram nas expectativas e preferências dos alunos nas aulas de Educação Física desenvolvidas na escola por Romilda e em momentos antecedentes às competições esportivas:

[...] fui vendo né? ... que os alunos gostavam do tipo que eu dava daquela aula né? ... e procurando usar os materiais que tinha na escola ... e ... eu ... na época ... tinha assim ... campeonato colegial ... campeonato ... na ... na cidade ... também teve muito campeonato ... e eu ... comecei a participar com os alunos ... coisa que eles nunca tinham ... entrado em competições ... daí nós fomos até para Marília ... Ourinhos ... e ... conseguimos ganhar várias medalhas ... assim ... com ... atletismo ... com vôlei ... basquete eu não dava muito não ... mas o vôlei era o que mais destacava ... porque era o que eles gostavam mais também [...] (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

A valorização dos saberes prévios e da cultura local também foi observada nas narrativas de Antônio Carlos: “[...] cada aula ... três crianças tinham que trazer para mim ... músicas novas infantis ... para ensinar o restante ... da classe [...]” (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

Assim, afirmamos que as lacunas da formação profissional indicadas pelos participantes influenciaram algumas de suas decisões e ações enquanto professores de Educação Física, sobretudo nos contextos da antiga pré-escola e de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries. Nesse sentido, apontamos a importância de ações de formação continuada que considerem as próprias necessidades formativas dos docentes em exercício.

A relação entre a afinidade com o conteúdo desenvolvido nas aulas e as vivências anteriores também pode ser observada em Costa (2014), quando a participante da pesquisa de Mestrado afirma que o desenvolvimento desse conteúdo nas aulas de Educação Física se tornou mais fácil em razão de suas experiências na infância. “Para demonstrar os movimentos da ‘Ginástica’ aos alunos recorreu aos saberes de sua trajetória escolar, provenientes da prática da ‘Ginástica Olímpica’” (COSTA, 2014, p. 147, grifo da autora).

Com base em Betti e Mizukami (2007), Cunha (2014), Freire (2002), Libâneo (2003), Manteiga e Lima (2004), Rangel-Betti (1998), Tardif (2008) e Tardif e Raymond (2000) nas reflexões precedentes, notamos, nas narrativas dos professores participantes desta pesquisa, o investimento nas relações interpessoais - mediante a importância atribuída por eles às relações construídas com os alunos - e a integração da dimensão afetiva no desenvolvimento do trabalho como características de suas identidades pessoais e profissionais. De acordo com Cunha (2014), a integração da dimensão afetiva no exercício da docência representa uma das características do “bom professor”.

Essas características igualmente se assentam nos elementos das histórias de vida dos professores que elucidaram uma preocupação maior com o processo em detrimento do resultado. Desses elementos, destacamos: o foco no desenvolvimento do aluno; o uso da Educação Física como meio; a priorização da participação discente; as aulas dialogadas; as práticas diversificadas (socializadoras/integradoras); a consideração pelas distintas realidades de vida, pelos saberes e pelos diversos aspectos do desenvolvimento discente; a relação professor-aluno pautada no respeito, no afeto e na honestidade; a valorização dos feitos dos alunos; e a aprendizagem com os alunos no percurso da profissão. Alguns desses elementos são ilustrados por meio dos seguintes fragmentos das narrativas de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida:

[...] eu tinha muita clareza ... que o meu papel era de formação pessoal [...] eu tinha que interagir com meus alunos ... eu tinha que brincar [...] eu não tive dúvidas ... e não tenho dúvida ... que eu lutei ... e COMO lutei para esse tipo de trabalho na escola [...] porque o meu trabalho com os meus alunos [...] eu parava ... dialogava ... conversava [...] a parte [...] do ato do brincar ... do socializar ... do dar o espaço para [...] quem tem habilidade e para quem não tem habilidade ... mas que também não pode ficar à margem do processo [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015).

[...] ‘Com os meus alunos ... eu também dialogava muito’” (RIBEIRO, ENTREVISTA 1, 27/04/2015, grifo nosso). [...] Eu aprendi muito também ... na vida ... dando aula ... com os alunos [...] (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015).

[..] Trabalhei assim com roda e brinquedo cantados ... eu trabalhei com eles um ... socialização ... é ... disciplina [...] amor [...] canto [...] foi muito bom essa parte de [...] CB [...] foi importante assim para o físico da criança ... para a socialização [...] a Educação Física foi muito relacionada ao relacionamento [...] com professores [...] alunos [...] (PARDO, Entrevista 5, 2015).

Diante dos fragmentos apresentados, entendemos que, embora a formação inicial não tenha contribuído para o desenvolvimento da maioria das características apresentadas por esses professores em suas atuações profissionais, tais características se manifestaram em suas práticas de ensino. Assim, é importante atentar-se para os conhecimentos da formação, já que esses conhecimentos podem ser ou não, conforme Darido (1995, 1996), utilizados no exercício da docência. Em razão da possibilidade desse não uso, há necessidade de se repensar a formação de professores, com considerações pelos saberes que os (futuros) professores construíram durante suas vidas e as influências desses saberes em suas trajetórias formativas e profissionais. Nesse sentido, esta pesquisa elucidada a configuração das práticas de ensino que os professores desenvolveram com base nesses saberes e suas respectivas influências.

Alguns desses elementos, identificados nas histórias de vida dos participantes desta pesquisa também foram observados em Costa (2014, p. 214), como indicadores de práticas pedagógicas bem-sucedidas, a saber: proximidade entre as práticas corporais dos alunos e a especificidade da Educação Física escolar; atividades, estratégias e materiais diversificados; comprometimento com a formação discente; e “[...] a promoção da interação entre os alunos, a participação, a equidade de oportunidades [...]”, entre outros. Ao mesmo tempo, notamos, nos relatos dos professores: o desenvolvimento de práticas para além do espaço da sala de aula (Antônio Carlos); para além das propostas dos guias e livros e para além da “atividade em si” (Romilda Augusta); e para além do “jogo em si” (Dinalva Aparecida).

Práticas semelhantes também foram desenvolvidas por uma professora generalista (MANTEIGA; LIMA, 2004) e por uma professora de Educação Física iniciante (COSTA, 2014), ambas atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. “A ‘observação’ mostrou uma professora cuja preocupação indicava ir além de ensinar a ler, escrever e contar. Ela aconselhava seus alunos, sugeria, pedia, trocava informações, o que sinaliza uma relação cujo intuito era desenvolver as qualidades individuais e sociais dos mesmos” (MANTEIGA; LIMA, 2004, p.109, grifo das autoras). Nas práticas analisadas em Costa (2014), a professora participante diversificou as atividades propostas nas aulas para além da dimensão procedimental por meio de leituras e debates.

Assim, os professores de Educação Física aposentados também podem ser considerados bem-sucedidos em virtude do desenvolvimento de práticas de ensino dessa natureza, o que inclui, respectivamente: situações contornadas com êxito; influências em outros indivíduos na opção pela docência em Educação Física; preferência pelo trabalho junto aos alunos em relação à coordenação; aceitação em relação às aulas atribuídas em diferentes níveis de ensino; preferência desenvolvida - posteriormente - pelas aulas no “primário”; avaliação subsidiada nos diversos aspectos do desenvolvimento dos alunos; e participação nos movimentos grevistas do quadro do magistério e preocupação com os prejuízos dessa participação para os alunos (Antônio Carlos); utilização dos saberes da formação inicial; aquisição de confiança com o tempo e com o exercício da profissão; busca e aproveitamento de todos os recursos materiais escolares; interação com os alunos e com a comunidade; consideração pelas dificuldades dos alunos; proximidade com os alunos; improvisação em virtude da ausência de recursos materiais; promoção de situações para serem resolvidas pelos alunos; foco no desenvolvimento das noções de espaço, de tempo e de lateralidade; e intervenções pontuais (Romilda Augusta); sentimento de afeição pelas escolas; proximidade e

identificação com o CB; realização constante de planejamento para minimizar os insucessos; diálogo com a direção das escolas; conscientização sobre os próprios erros e acertos; intencionalidade nas ações; postura de esforço e dedicação profissional; valorização da profissão na comunidade escolar e no próprio círculo familiar/social; e avaliação da própria atuação profissional na docência (Dinalva Aparecida).

Algumas características das práticas desenvolvidas também podem ser analisadas com base nas fases do professor “competente”, “proficiente” e “especializado” apresentadas por Berliner (1988), como, por exemplo, as situações contornadas com êxito, a aquisição de confiança com o tempo e com o exercício da profissão, as intervenções pontuais, a realização constante de planejamento para minimizar os insucessos, a conscientização sobre os próprios erros e acertos, a intencionalidade nas ações e a avaliação da própria atuação profissional na docência.

Determinadas práticas foram recorrentes nas narrativas dos professores: produção de saberes; foco maior na formação do aluno; realização pessoal e profissional na Educação Física escolar; envolvimento com a docência; aceitação entre os pares e os alunos; investimento na própria formação (continuada); e reconhecimento entre os pares, direção, alunos e pais.

Em Rangel-Betti (1998), a aceitação e o reconhecimento discente - um dos critérios que a orientou na escolha do participante da pesquisa de Doutorado - também são reflexos da prática de um professor de Educação Física bem-sucedido. A autora acrescenta que a prática do participante resulta da composição/integração entre os saberes da formação, da experiência cotidiana e da história de vida. Outras características (referentes à imprescindibilidade do planejamento das aulas, à busca constante por mais saberes por meio da realização de cursos ao longo da atuação profissional, à consideração pelo aluno, à valorização e ao comprometimento com a docência, à preocupação com a inclusão de todos os alunos nas atividades esportivas/competitivas, ao investimento nas relações com os alunos) apresentadas pela autora também foram identificadas nas narrativas dos professores de Educação Física aposentados.

A natureza da prática desenvolvida por Antônio Carlos, por exemplo, também reflete as influências das aulas de dança com a professora “Maria Rodrigues” na formação inicial em Educação Física. Já a alusão ao desenvolvimento das noções de espaço, de tempo e de lateralidade - recorrente em todos os níveis de ensino nos quais Romilda atuou - pode ser relacionada às reflexões de Betti (1991), Darido (2003) e Gallardo (2010) sobre algumas

características da educação psicomotora, em especial a ênfase no trabalho com as “estruturas psicomotoras de base”.

Corroborando Cunha (2014), os participantes deste estudo, de modo geral, foram considerados bem-sucedidos pelos colegas de profissão, ex-alunos e outras pessoas; foram inovadores; foram amigos dos ex-alunos e/ou apresentaram atitudes informais; apresentavam-se conscientes de seus direitos e deveres políticos e/ou militavam em/por sua categoria; contrapuseram-se às mudanças; foram influenciados por alguém (professor universitário e/ou do início da escolarização na Educação Básica) na escolha pela docência; e optaram pela docência com base na razão.

Igualmente, apresentaram posturas de criticidade em relação à tecnização da Educação Física na época (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997; SOARES et al., 1992), à desvalorização da Educação Física na escola, ao não comprometimento da escola pública com o seu próprio PPP, à descontinuidade do CB, à ausência de orientação/formação para o trabalho desenvolvido por professores de Educação Física no curso de Magistério e no CB e à desvalorização e o não reconhecimento da SEE-SP pela profissão docente.

No entanto, e ao contrário de Antônio Carlos (que admitiu uma negação em relação à perspectiva técnica de ensino no atletismo), identificamos, em Romilda e Dinalva, respectivamente, uma opção também por essa perspectiva, com base na realização dos cursos técnicos durante a faculdade e na atuação profissional na SEE-SP em razão das necessidades sentidas no exercício da docência.

Dos elementos que contribuem para o entendimento da configuração das práticas de ensino desenvolvidas pelas professoras, citamos a organização das aulas em horários contrários. Essa organização, fruto de uma tecnização da Educação Física (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997; SOARES et al., 1992) se assentava em uma perspectiva de Educação Física como “atividade prática” com base na Lei 4.024/1961, que incluiu impositivamente a Educação Física na Educação Básica, das Leis 5.540/1968 e 5.692/1971 e do Decreto 69.450/1971, que reforçaram o foco no desenvolvimento físico com separação dos alunos nas aulas por sexo (BETTI, 1991; BRASIL, 1961, 1971a, 1971b, 1980, 1997).

Da atuação profissional docente na Educação Física de Dinalva, iniciada em Santa Cruz do Rio Pardo, notamos, nas narrativas, certa imprecisão quanto ao ano de ingresso na carreira, o qual oscilou entre 1973 e 1974. Não consideramos necessário verificar tal informação com a professora, uma vez que, corroborando Corrêa (2009), optamos por preservar esses dados conforme foram ditos por ela nas entrevistas.



Nesse sentido, as informações acerca de acontecimentos específicos, bem como relativas às datas se fundamentam nos dados oriundos dos testemunhos e, ainda que não sejam precisas, “foram preservadas da forma como foram mencionadas pelos entrevistados”, não sendo submetidos a procedimentos de conferência em busca de exatidão de informações ou a julgamentos baseados em referenciais de verdade [...]. (CORRÊA, 2009, p. 20, grifo nosso).

No entanto, a autora acrescenta a necessidade de, em determinados momentos, fixar as narrativas dos entrevistados no tempo com base em outras fontes “[...] com o intuito de situá-las no respectivo contexto histórico e político e não para checar a veracidade da informação” (CORRÊA, 2009, p. 20). Essa despreocupação também pode ser notada em Bosi (1994, p. 37):

não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está “no que foi lembrado”, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. (BOSI, 2001, p. 37, grifo da autora).

Como aquilo “que foi lembrado” e/ou “escolhido para perpetuar-se na história”, a vida da professora Romilda também foi marcada, em determinado momento de sua trajetória profissional, pelo incômodo gerado pela perda das aulas - com manutenção do cargo. Esse incômodo pode ser explicado mediante o significado da docência para ela e da convicção pela profissão - também identificados em Antônio Carlos e Dinalva Aparecida.

Do mesmo modo, a opção pela docência e pelas crianças são elementos das histórias de vida dos professores que podem ter contribuído para o desenvolvimento de práticas de ensino consideradas bem-sucedidas na Educação Física. Manteiga e Lima (2004) afirmam que o sucesso das práticas também se relaciona, entre outros fatores, à opção pela docência e pelo nível de ensino no qual o professor atua.

Assim, as características das práticas e os reflexos dos percursos dos professores igualmente traduzem os saberes construídos por eles em suas trajetórias de vida e de profissão. Para Tardif (2008), o saber do professor é social, e o é por vários motivos: porque é compartilhado por todos os professores pertencentes ao um mesmo grupo, os quais também compartilham aspectos relativos à formação e aos condicionantes do trabalho; porque apenas possui sentido quando se relaciona com o coletivo; porque não é definido apenas pelo professor, mas por todo um sistema; porque é produto do coletivo e resultado de acordos entre grupos; porque não existe sem o reconhecimento do grupo; porque seu objeto de estudo é a

prática social, pois o professor trabalha com pessoas e em prol de um planejamento, cujo objetivo incide na transformação, educação e instrução dos alunos, entre outros motivos.

O autor acrescenta que o saber é social por que é preciso saber agir com outras pessoas que sabem que estão sendo ensinadas por um professor. Porque é um jogo perspicaz de saberes, de reconhecimento, de funções mútuas, os quais se modificam com base nos pontos de vista e expectativas combinadas. Porque se mostra mediante as relações professor-alunos e não como algo fechado em si próprio. Porque o “que” ensinar e o “como” ensinar progridem com o tempo e com as transformações da sociedade, pois dependem completamente da “história”, “cultura”, “poder e contrapoderes”, “hierarquias” que prevalecem na educação. Porque é adquirido em meio à socialização do professor na profissão, sendo incorporado, alterado, ajustado em função das etapas da carreira e no decurso de uma trajetória profissional, na qual o professor aprende o seu ofício enquanto o exercita.

Do mesmo modo, a relação com o outro/coletivo deve estar gravada no cerne do saber do professor, cujo saber “[...] não é um conjunto de métodos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional [...]” (TARDIF, 2008, p. 14). Essa relação com o outro/coletivo destaca-se em Borges (2005) como a fonte mais importante para a aprendizagem da docência, para o aperfeiçoamento dos saberes e para a construção de competências necessárias ao ensino com base no exercício diário da profissão com os alunos. Essas constatações são resultantes de dados coletados com professores de Educação Física da antiga 5<sup>a.</sup> a 8<sup>a.</sup> séries - atuais anos finais - do Ensino Fundamental.

A autora torna observável a natureza social e a pluralidade do saber docente, com ênfase na experiência da profissão como a principal fonte na obtenção desse saber e como a fonte responsável pela mobilização, uso, análise, negação e/ou conservação, mudança e adequação de outros saberes obtidos durante a vida, na formação profissional e no próprio exercício da profissão.

O saber do professor é social por todos os motivos apresentados, sobretudo porque representa o saber de um coletivo de professores, ideia fundamental para a possibilidade de reflexão sobre o coletivo mediante as histórias de vida, conforme Cruz Neto (1994), Betti e Mizukami (1997) e Ferreira e Amado (2000). Essa possibilidade de reflexão sobre o coletivo também é esclarecida por Bosi (2001), já que a autora alega que as reminiscências pessoais são também reminiscências coletivas.

Portanto, afirmamos que as trajetórias profissionais dos professores de Educação Física na rede de ensino estadual paulista são atravessadas por diversas atuações,

pelas influências dessas atuações e pela própria trajetória na profissão, encerrada com a aposentadoria em 1996 por Dinalva Aparecida, em 1997 por Romilda Augusta e no início da década de 2000 por Antônio Carlos. Essas atuações elucidam elementos de suas histórias de vida que contribuem para o entendimento da configuração das práticas de ensino desenvolvidas por eles.

Os elementos identificados, contribuíram para a formação de suas identidades pessoais e profissionais (MOITA, 1995; NÓVOA, 1995; TARDIF, 2008) e confirmaram a necessidade de análises de suas histórias de vida para a compreensão do processo de construção dessas identidades. Igualmente, as trajetórias formativas, no capítulo antecedente, corroboram essa assertiva. Além disso, tais elementos sinalizam, ao mesmo tempo, sucessos e dificuldades em suas atuações e a necessidade de outros estudos com esse foco, sobretudo sobre professores de Educação Física bem-sucedidos.

### **6.5 Síntese das atuações profissionais dos professores**

O Quadro 9, a seguir, sintetiza as principais informações referentes às atuações profissionais dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida - do início ao término dessas atuações - com foco no exercício da docência na Educação Física e na rede de ensino da SEE-SP. Igualmente, recupera algumas características pessoais e profissionais e, concomitantemente, ilustra o processo de configuração dessas características.

**Quadro 9:** Síntese das trajetórias profissionais dos professores.

QUESTÕES	ANTÔNIO CARLOS	ROMILDA AUGUSTA	DINALVA APARECIDA
<b>Caracterização das atuações</b>	<p>Atuação na empresa “São Paulo Alpargatas” em São Paulo por três anos.</p> <p>Referências ao “Seu Tavares” e à perspectiva de valorização docente da época.</p> <p>Exercício das funções de escriturário, diretor e chefe na empresa.</p> <p>Função de chefe exercida por pouco tempo e designação cessada.</p> <p>Atuação docente inicial em um curso de contabilidade durante a realização da faculdade de Educação Física.</p> <p>Enfrentamento de resistência discente superada por meio de negociações.</p> <p>Desenvolvimento do trabalho com base em uma dinâmica de colaboração entre os alunos e nos materiais do curso de Administração de Empresas.</p> <p>Atuação profissional na Educação Física na rede de ensino estadual (em todos os níveis de ensino, incluindo o Magistério) desde o começo da formação inicial.</p> <p>Atuação docente na escola “Juca Peralta” paralelo à formação inicial e na escola “Objetivo” depois de formado.</p> <p>Integrante de grupo pioneiro na realização de acampamentos.</p> <p>Atuação na docência, coordenação e na realização de acampamentos em escolas particulares em São Paulo (Educação Infantil e “primário”).</p> <p>Atuação em diversas escolas estaduais em São Paulo por treze anos até a remoção para o interior.</p> <p>Constantes mudanças de escolas em São Paulo para facilitar o processo de locomoção.</p>	<p>Realização de tarefas domésticas.</p> <p>Atividades profissionais com foco na docência.</p> <p>Exercício da docência por um curto período no MOBRAL.</p> <p>Aplicação dos livros recebidos no MOBRAL.</p> <p>Desenvolvimento de melhorias na prática e sentimento de segurança.</p> <p>Breve atuação na Educação Física logo após a conclusão da formação inicial com base nos saberes dessa formação.</p> <p>Expectativa discente e insegurança docente como marcas desse início.</p> <p>Início da trajetória profissional como professora de Educação Física em Fartura, no ano de 1972, onde atuou por dez anos e foi considerada precursora da área.</p> <p>Atuação docente no “ginásio”, “colegial” e Magistério em várias escolas ao mesmo tempo.</p> <p>Atuação docente com meninas e em horários diferentes das demais aulas, exceto no Magistério.</p> <p>Rotina de viagens e cursos.</p> <p>Dificuldades relativas à divisão do espaço físico com outro professor e turmas numerosas.</p> <p>Superação das dificuldades por meio da aceitação discente, sentimento de confiança e participação em competições esportivas mediante iniciativas próprias.</p> <p>Utilização de todos os materiais da escola, abordagem de jogos envolvendo outras áreas do conhecimento e desenvolvimento de conteúdos diversos.</p> <p>Início da trajetória como professora generalista marcado pela primeira licença-maternidade.</p> <p>Opção por aulas de Educação Física como carga suplementar.</p> <p>Organização de festas.</p>	<p>Atuação profissional em escritório em Bauru por dois anos.</p> <p>Realização de atividades diversas na fazenda (pagamentos dos funcionários, vacinação das crianças, bordados para serem comercializados, auxílio à professora “Amélia” no ensino de catecismo, organização de festas etc.).</p> <p>Influências das atividades realizadas com o padrao na atuação profissional em secretaria de escola em Bauru por três anos.</p> <p>Atuação profissional como secretária e professora generalista substituta durante a realização do curso de Educação Física.</p> <p>Início da atuação docente na Educação Física por volta dos anos de 1973 e 1974.</p> <p>Ingresso na docência marcado pelo grande número de escolas nas quais teve que lecionar.</p> <p>Atuação docente no “primário” apenas em uma das escolas estaduais nas quais lecionou (“Efigênia Cardoso Machado Fortunato”).</p> <p>Desenvolvimento de aulas com foco na recreação na 1ª. e 2ª. séries e na iniciação esportiva na 3ª. e 4ª. séries.</p> <p>Aulas desenvolvidas com meninos e meninas juntos em todos os níveis de ensino na Escola Estadual “Efigênia Cardoso Machado Fortunato” e no CB nas escolas “Modesto Masson” e “Rosa Benatti”.</p> <p>Obrigatoriedade do professor de Educação Física apenas no CB (1ª. e 2ª. séries).</p>

	<p>Trajatória profissional na rede de ensino estadual como professor eventual, substituto e efetivo (professor e coordenador na DE e na escola), paralelo ao exercício da docência e coordenação na escola “Objetivo”.</p> <p>Remoção para a DE de Santa Cruz do Rio Pardo e exercício da função de especialista na DE, professor e coordenador na escola.</p> <p>Atuação docente no “primário” na rede estadual por quatro anos a partir da década de 1990.</p> <p>Indiferença em relação às aulas atribuídas.</p> <p>Preferência pelas aulas no “primário” após as primeiras atuações casuais nesse nível de ensino.</p> <p>Desenvolvimento de aulas dialogadas para além do espaço da sala de aula, como espaço de socialização e integração, diversificação de conteúdos e recorrência aos saberes construídos na rede de ensino particular.</p> <p>Pioneiro na apresentação de uma planilha de avaliação dos alunos com base em diversos aspectos do desenvolvimento.</p> <p>Consideração pela perspectiva discente.</p> <p>Atuação docente na Escola Estadual Doutor “Miguel Prianti Calderaro” em Bernardino de Campos, unidade onde estudou e se aposentou.</p>	<p>Desenvolvimento do conteúdo para além da proposta dos guias e livros, para além da “atividade em si”.</p> <p>Promoção de atividades para assegurar a participação de todos.</p> <p>Demonstrações e cuidados com os alunos na vivência de certas práticas corporais.</p> <p>Intervenções junto aos alunos com deficiências físicas.</p> <p>Minimização dos conflitos entre os alunos por meio do diálogo e das intervenções pontuais.</p> <p>Registros de práticas corporais por meio de histórias produzidas pelos alunos.</p> <p>Atuação docente com meninas e meninos concomitantemente e nos horários das demais aulas.</p>	
--	---	---	--

<p><b>Perspectiva ou valores dos pais e/ou familiares e da sociedade em relação ao exercício profissional da docência</b></p>	<p>Dificuldades relativas à desvalorização da Educação Física pelos pares durante a atuação docente em São Paulo. Afetividade na relação professor-aluno como uma característica da identidade pessoal e profissional. Efeitos positivos e negativos no contexto escolar do bom relacionamento com os alunos.</p>	<p>Convicção em relação à docência desde a formação inicial. Apoio materno na busca por aulas e na mudança de cidade. Contexto escolar de participação dos pais e de valores sociais, desenvolvimento da comunicação, respeito e afetividade recíproca com os alunos. Simultaneidade do exercício profissional como professora generalista e professora especialista.</p>	<p>Atuação no SESI como seu “contraforte”. Sentimento de afeição pelas diversas escolas. Maior valorização da Educação Física nas escolas das cidades vizinhas. Desvalorização da docência pela SEE-SP. Equiparação da Educação Física às outras áreas pela sua importância e comparação entre as épocas (saudosismo).</p>
<p><b>Conceito de boas práticas e de professor de Educação Física bem-sucedido na época, caracterização dos sucessos e insucessos percebidos enquanto docente e vivências com certas práticas corporais (aluno e/ou atleta) que contribuíram para o seu ensino na escola</b></p>	<p>Negação em relação ao uso do apito, representativo do exercício da função de técnico. Valorização da participação do aluno em competições esportivas independente do resultado. Perfil docente fundamentado na ideia de agregação do aluno à escola por meio da Educação Física. Maior valorização da Educação Física em sua atuação em Bernardino de Campos em razão de seu posicionamento. Conceito de professor bem-sucedido na época relacionado à participação e às vitórias em competições esportivas, treinamento esportivo caracterizado como boa prática e avaliação técnica. Preferência pela docência em relação à coordenação. Perfis dos professores retratados por meio da recusa em lecionar no “primário” por desconhecimento sobre o nível de ensino. Aulas de Educação Física no “primário” atribuídas como castigo pela direção ou assumidas por falta de opções em outros níveis pelos professores na época. Perda do espaço de atuação no “primário” em razão do despreparo do professor de Educação Física.</p>	<p>Importância e necessidade de realização dos exames biométricos e médicos nos dias atuais. Opção, entre outras, pela perspectiva técnica de ensino por meio da realização dos cursos técnicos. Preocupação com a participação de todos os alunos nas competições esportivas. Presença da ideia de “dom” em certas práticas. Perfil do professor bem-sucedido: aquele que promove a realização de exercícios pelos alunos; é pontual; tem competência para o ensino e considera a perspectiva discente. Trabalho desenvolvido previamente às competições esportivas caracterizado como o melhor trabalho. Reconhecimento como boa professora como sinônimo de sucesso. Aulas voltadas ao ensino da Educação Física no “primário” no Magistério e ausência de formação continuada. Perda das aulas em Fatura caracterizada como a pior situação. Enfrentamento de resistências de alunos na mudança de escola e de cidade - reorganização de equipes e necessidade de distinção da Educação Física escolar. Existência de maiores conflitos no final da carreira atribuídas à época, às drogas e as condições de vida.</p>	<p>Ausência de recursos materiais e quadras descobertas. Bom relacionamento com direção, professores e alunos. Práticas inovadoras: organização de festas; construção de coreografias/atividades/materiais. Construção de uma cultura de apreciação/participação em festividades. Integração entre Educação Física e Arte. Atuação em todos os níveis de ensino, o que inclui o Magistério. Dificuldades ocasionadas com as mudanças de níveis de ensino, sobretudo com os pequenos - Educação Infantil na rede de ensino municipal e CB na rede de ensino estadual. Complementariedade das diferentes atuações em relação aos saberes construídos - plano de aula historiado no Magistério e nas EMEI. Consideração pela realidade dos alunos. Realização de horas excedentes de trabalho em prol dos alunos. Adaptação de espaço/materiais no desenvolvimento das aulas e turmas numerosas, com junção de classes. Desenvolvimento de atividades favoráveis à participação de um número maior de alunos, facilitadoras da aprendizagem e do “sentido do jogo em si”. Dificuldades por lecionar aulas em várias escolas</p>

	<p>Críticas à formação e à atuação do professor de Educação Física.</p> <p>Críticas à rede de ensino pública: falta de objetividade; foco no conteúdo; e incapacidade de ser autônoma e comprometida com o PPP.</p> <p>Promoção de práticas diversificadas no “primário” e valorização da cultura local.</p> <p>Participação em movimentos grevistas caracterizados como as piores situações.</p> <p>Frustração por nunca ter lecionado como professor generalista no “primário”.</p> <p>Realização de acampamentos e reconhecimento dos alunos caracterizados como as melhores vivências.</p>	<p>Dificuldades na relação com os pares em razão do barulho produzido nas aulas de Educação Física.</p>	<p>ao mesmo tempo.</p> <p>Aceitação das prescrições da direção escolar.</p> <p>Contribuições das aulas no “primário” para o desenvolvimento discente e para o trabalho docente nos níveis seguintes.</p> <p>Comparação entre o trabalho do professor generalista e do professor especialista.</p> <p>Importância de um bom direcionamento nas aulas no CB para disciplina/organização.</p> <p>Aulas desenvolvidas na 3ª. e 4ª. séries por professor especialista como resultado da autonomia da direção.</p> <p>Referências à necessidade de planejamento.</p> <p>Desenvolvimento de práticas diversificadas e não aceitação dos testes de “aptidão física”.</p> <p>Valorização dos feitos dos alunos.</p> <p>Perfil do professor bem-sucedido na época: correspondente às necessidades das escolas; às suas características; aos saberes adquiridos; ao caráter de novidade da Educação Física.</p> <p>Educação Física na época: benefícios para o desenvolvimento da criança.</p> <p>Sucessos obtidos nas atividades avaliados como as melhores práticas.</p> <p>Diálogo prévio nas escolas: imprescindíveis para o alcance dos objetivos propostos.</p> <p>Contribuições de suas aulas em razão de uma postura de esforço/dedicação profissional.</p> <p>Características de honestidade nas competições esportivas.</p> <p>Sentido da docência na época: satisfação/valorização da profissão na comunidade escolar/familiar/social.</p> <p>Aposentadoria por invalidez e perdas salariais consideradas como as piores situações.</p> <p>Caracterização das melhores situações: estabilidade financeira e autoavaliação positiva da própria atuação profissional.</p>
<b>Participação em</b>	Participação na implantação das aulas de	Realização de cursos ao longo da vida	Aquisição de materiais para as aulas com recursos

<p><b> cursos e programas de formação continuada</b></p>	<p>Física no Estado no “primário” com inserção do professor especialista por volta dos anos de 1981 e 1982. Realização de cursos voltados ao ensino da dança na escola. Atuação docente no curso de Pedagogia em uma IES privada por trinta anos e realização de Especialização e Mestrado.</p>	<p>profissional como influências dos pares. Aquisição de materiais didáticos com recursos próprios. Realização do curso de Pedagogia e nascimento dos primeiros filhos.</p>	<p>próprios em algumas ocasiões. Criticidade em relação à ausência de formação continuada aos professores do CB. Incompreensão quando à descontinuidade do CB.</p>
<p><b>Influências da vida pessoal na profissão e da profissão na vida pessoal</b></p>	<p>Convívio com a tia “Nelinha” e o primo “Artur” em São Paulo. Recusa da família em relação à mudança profissional por questões financeiras. Influências do pai na obtenção de um emprego em uma escola de comércio na Lapa.</p>	<p>Casamento e aprovação em concurso para professora generalista em 1978. Processo de escolarização dos filhos nas mesmas unidades em que lecionava. Ausência de conclusão do Ensino Médio pelo segundo filho, realização do Magistério no CEFAM e a faculdade de Direito cursada pela primeira filha. Influências das características pessoais na profissão e das características profissionais na vida pessoal.</p>	<p>Comparações entre suas condições de moradia e as da professora “Amélia”. Boas condições das casas das fazendas e escassez dos móveis que possuíam. Exoneração do cargo na rede municipal em razão de cansaço e problemas no joelho.</p>
<p><b>Práticas profissionais com finalidades escolares e não escolares que contribuíram (ou não) para a escolha do ensino da Educação Física na escola</b></p>	<p>Influências da atuação na empresa “São Paulo Alpargatas” no exercício da docência em Educação Física. Intensas aprendizagens como resultado do exercício inicial na docência no curso de contabilidade.</p>	<p>Início da trajetória como professora generalista em Garulhos, no ano de 1980. Remoção para Piratininga por união de cônjuges, em 1980. Influências da atuação docente na Educação Física na atuação como professora generalista. Ausência de professor de Educação Física no “primário”. Prática de ensino para além da sala de aula com o uso de jogos. Atuação no CB (1ª. e 2ª. séries). Estímulo à produção de versos, minimização dos erros ortográficos e desenvolvimento na Língua Portuguesa. Trocias de saberes com outros professores e rotatividade das crianças na escola em Alba e nas fazendas. Preocupação com os alunos e com a qualidade do ensino. Aprovação em concurso para professor de</p>	<p>Convicção pela docência em virtude da relação construída com a professora “Amélia”. Atuações concomitantes na docência em Educação Física (durante seis anos) no SESI (Ensino Fundamental) e nas redes de ensino municipal (Educação Infantil) e estadual (todos os níveis). Atuação profissional em clube por doze anos, com ginástica, dança e natação. Realização do curso de Educação Física em razão de uma atitude de recusa relacionada à atuação como professora generalista. Atuação profissional como secretária e professora generalista substituta.</p>



<p><b>Descrição de sentimentos, situações e pessoas que marcaram e/ou encerraram essas trajetórias e apresentação de documentos representativos dessas trajetórias</b></p>	<p>Sentimentos de injustiça, frustração e pedido de demissão da empresa paralelo ao início no curso de Educação Física.</p> <p>Negação de marcas da atuação na empresa “São Paulo Alpargatas” e ausência de registros em relação à essa trajetória.</p> <p>Investimento nas relações interpessoais como influências das atuações profissionais e da formação.</p> <p>Influências do professor “Sodré” nas aulas desenvolvidas e nas relações com os alunos.</p> <p>Influências das aulas de dança da professora “Maria Rodrigues” na formação inicial.</p> <p>Influências musicais.</p> <p>Presentes de alunos - apito de Futebol da Copa do Mundo de 1966 e agasalho de ginástica de lã de Taiwan - que marcaram sua trajetória profissional.</p> <p>Influências em alguns alunos na opção posterior pela faculdade de Educação Física.</p> <p>Realização profissional na Educação Física apesar das dificuldades enfrentadas.</p> <p>Atuação docente no curso de Pedagogia durante e após a aposentadoria na rede de ensino estadual.</p> <p>Situações conflituosas com alunos no final da carreira.</p> <p>Aposentadoria no início da década de 2000 na rede de ensino da SEE-SP e no final dessa década na faculdade.</p> <p>Influências da realização profissional na vida pessoal.</p> <p>Existência de registro em relação a essas atuações (Figura 29).</p>	<p>Educação Física.</p> <p>Influências das vivências com poesias e músicas e das atitudes e valores maternos nas trajetórias profissionais.</p> <p>Influências das professoras “Nair” e “Lúcia” no bom relacionamento e cuidado com os alunos.</p> <p>Investimento nas relações interpessoais como influências das trajetórias extraescolares, escolares, profissionais e da formação.</p> <p>Vivências com práticas diversas, orientações da mãe e realização do curso de Educação Física como influências da vida pessoal na vida profissional.</p> <p>Dificuldades com a mudança de cidade, primeiro emprego, horários, jornada de trabalho e desconhecimento do regimento da rede de ensino estadual paulista.</p> <p>Referência constante ao retorno positivo dos alunos em relação às aulas desenvolvidas.</p> <p>Dificuldades vivenciadas como esposa, mãe e professora.</p> <p>Atuação como professora generalista descrita como “fantástica”.</p> <p>Bom relacionamento com os pares como uma marca da sua trajetória profissional.</p> <p>Aprendizagem da docência como um processo que inclui os alunos.</p> <p>Implicações das características pessoais como marcas dessas trajetórias.</p> <p>Comparação entre o ensino da Educação Física de sua época e o ensino de hoje.</p> <p>Aposentadoria em 5 de setembro de 1997.</p> <p>Manutenção de contato com alguns alunos.</p> <p>Existência de registro em relação a essas atuações (Figuras 30 e 31).</p>	<p>Referências à professora “Amélia” e aos passeios realizados com ela como marcas dessa etapa de sua vida.</p> <p>Reconhecimento por meio de uma placa feita com seu nome para uma das salas do clube.</p> <p>Comparação entre as relações professor-aluno da época que lecionou e as relações atuais.</p> <p>Excesso de trabalho na profissão e prótese no joelho como consequência desse excesso.</p> <p>Referências às aprendizagens adquiridas ao longo da carreira, à conscientização sobre os próprios erros e à intencionalidade nas ações.</p> <p>Reconhecimento dos alunos.</p> <p>Referências às características pessoais como influências da vida pessoal na profissão.</p> <p>Influências da atuação na Educação Física na consolidação das características pessoais.</p> <p>Atitude de entrega/doação/envolvimento para com a docência em detrimento da própria casa/família.</p> <p>Referências à aproximação/identificação/afetividade construída com o “primário”.</p> <p>Satisfação pelo exercício da docência e valorização de sua atuação em seu convívio profissional.</p> <p>Prejuízos da condição de não efetiva (mudança de escola; perdas salariais; ausência de direito a licença-prêmio) e várias ações movidas contra a SEE-SP.</p> <p>Não reconhecimento e desvalorização da profissão docente pela SEE-SP.</p> <p>Sacrifício empreendido na formação dos filhos após o falecimento do esposo e a enfermidade ocasionada pela atuação na Educação Física.</p> <p>Ressentimento em relação à SEE-SP e às diversas situações nas quais foi prejudicada.</p> <p>Aposentadoria por invalidez em 3 de agosto de 1996.</p> <p>Manutenção do contato com alguns alunos nos dias</p>
--	---	--	---

			atuais. Existência de registros em relação a essas atuações (Figura 32).
<b>Relação com as práticas corporais contemporâneas</b>	Apreço pelas práticas corporais e estilo de vida sedentário desde a alteração em seu estado de saúde e aposentadoria da faculdade.	Apreciação pelas práticas corporais e estilo de vida atual sedentário.	Condição física atual: restrições quando a realização de algumas atividades e apresentação de enfermidades.

**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] “Eu recebi vários convites para voltar a dar aula ... e não tive coragem de voltar” ... né? ... e aí você vai ficando para trás ... né? ... para de ler ... para de estudar ... fica preocupado com a saúde ... você que sempre foi um cara de muita leitura ... muita coisa ... hoje eu ... leio ... leio assim ... tenho um jornal que eu compro para ler e ... me basta [...] (ANDRADE, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

[...] “Se eu pudesse ... eu teria ... eu estaria dando aula” ... eu voltaria nos meus ... vinte anos ... para poder começar tudo ... não ... os meus quinze ... porque desde a minha infância ... eu queria ter ... a infância que eu tive ... sabe? ... a infância que eu tive ... apesar de pobre ... mas ... uma infância ... gostosa [...] então eu acho que ... isso daí me traz alegria hoje ... e meus filhos [...] (RIBEIRO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

[...] Eu trabalhei bastante [...] bom... você vê as consequências<sup>144</sup> do meu trabalho ... mas eu não tive assim atrito [...] todas as diretoras ... que eu tive ... passei por elas ... gostam muito de mim ... nossa ... todos falam ... “eh ... essa professora sim” [...] então eu ... eu ... eu realmente ... realmente ... eu fiz o que eu queria ... eu ... eu amei a profi ... minha ... essa profissão ... eu fiz assim de coração ... eu me doeie ... eu me doeie [...] (PARDO, Entrevista 5, 2015, grifo nosso).

Os grifos nos fragmentos das narrativas dos professores apresentam elementos que contribuíram para a satisfação com a profissão docente porque evidenciam, nas histórias de vida, as marcas de suas convicções pela docência por meio da manifestação da vontade e dos convites recebidos para a continuidade desse exercício, bem como do bom relacionamento e do reconhecimento entre os pares e da total entrega à profissão. Essas marcas foram e são permeadas pelas condições de vida atuais, sobretudo relacionadas à saúde dos professores, as quais delimitaram e delimitam suas decisões.

Com base no objetivo desta pesquisa, analisamos as histórias de vida na construção dos saberes docentes de três professores de Educação Física aposentados que entrevistamos. Identificamos elementos das histórias de vida desses professores nas práticas que desenvolveram também nos anos iniciais do Ensino Fundamental - nível de ensino que focalizamos nesta pesquisa - na rede de ensino da SEE-SP, nas décadas de 1980 e 1990. Igualmente, acreditamos que a explicitação de nossa opção teórico-metodológica também possa contribuir para suscitar novas pesquisas sobre histórias de vida de professores de Educação Física.

Em face do diálogo contido nos capítulos anteriores, realizamos nossos objetivos específicos, pois identificamos, nas histórias de vida de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, influências dos vários momentos e contextos - de formação e de trabalho - na configuração dos saberes docentes por eles construídos na rede de ensino da

<sup>144</sup> Referiu-se à prótese no joelho.

SEE-SP, relacionamos esses saberes à formação recebida - inicial e continuada - e aos aspectos pessoais dos professores, além de compararmos essa formação às finalidades do ensino da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990 e às características dos alunos dos anos iniciais. Assim, confirmamos nossa tese, pois elucidamos elementos das histórias de vida dos participantes que contribuíram para o entendimento da configuração dos saberes desenvolvidos ao longo do tempo.

Reiterando nossos dizeres da introdução, afirmamos que foi possível desvendar, também, a história de vida da pesquisadora durante o percurso realizado nesta pesquisa. Neste trajeto, experienciamos, conforme Clandinin e Connelly (2011), o tipo de estudo que desenvolvemos. Assim como nossas decisões e ações referentes ao tema, aos objetivos e ao tipo de abordagem utilizada se fundamentaram em minhas<sup>145</sup> trajetórias pessoais, profissionais e acadêmicas, as narrativas dos professores entrevistados contribuíram para desvendar elementos contidos em minha própria história.

Ao narrarem e reviverem suas trajetórias extraescolares, escolares, formativas e profissionais, os participantes contribuíram para que minhas trajetórias também emergissem, tomando-se por base minhas concepções de educação, de Educação Física, de formação, de profissão e de saberes docentes. Logo, as histórias contadas representam, também, a minha história de vida: história que, na relação com as decisões tomadas, contribuiu para a orientação e para o desenvolvimento deste trabalho; história que está em permanente processo de construção e de transformação; história que reflete minhas práticas como professora e pesquisadora no contexto da educação e da Educação Física; história que apresenta rupturas e continuidades no tempo e no espaço; história que influencia nas opções de atuação profissional e de pesquisa com os anos iniciais e com a formação de professores; história que valoriza minhas próprias trajetórias profissionais em diferentes fases da carreira; história que busca elucidar coerência entre as trajetórias já trilhadas, sobretudo profissionais e acadêmicas; história que se desvela por meio das observações, entrevistas e análises realizadas neste estudo; e história que, ao ilustrar o caminho aqui percorrido, contribui para o desenvolvimento de outras pesquisas e para a minha própria formação.

Assim, minha história desvela priorização das concepções dos professores por meio da escuta e do registro das suas vozes, priorização do processo de construção dos seus saberes docentes com base em suas histórias de vida, priorização da possibilidade de

---

<sup>145</sup> O texto na primeira pessoa do singular está diretamente relacionado à trajetória pessoal, profissional e acadêmica da Orientanda de Doutorado e autora desta pesquisa. Já quando estiver na primeira pessoa do plural, significa que se relaciona tanto às reflexões da Orientanda quanto às reflexões da Orientadora.

apreensão dos elementos dessas histórias que fundamentam e contribuem para as decisões e ações pedagógicas consideradas bem-sucedidas e priorização do tempo e do espaço de formação e de atuação profissional dos professores.

Ouvir as narrativas de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida permitiu recuperar e interpretar algumas das minhas vivências, pois, ainda que vividas em momentos e contextos diferentes, as histórias desses professores apresentam elementos em comum com outras histórias - da mesma época e de outras épocas também. Por essa razão, alguns autores (BETTI; MIZUKAMI, 1997; BOSI, 2001; CRUZ NETO, 1994; FERREIRA; AMADO, 2000) afirmam a possibilidade de reflexão sobre o coletivo com base na perspectiva individual.

A reconstituição dessas histórias, retratam as situações vivenciadas pelos professores e como essas situações foram por eles definidas, bem como contribuem para a compreensão da realidade docente por meio da análise dessa realidade.

Ao apreendermos suas trajetórias de vida, identificamos elementos que também elucidam essas trajetórias como processos formativos, bem como ilustram o processo de formação identitária dos professores, de acordo com as análises constantes do terceiro, quarto e sexto capítulos. Esses elementos se manifestam mediante suas trajetórias extraescolares, escolares formativas e profissionais, fundamentais no direcionamento de suas narrativas e no processo de construção dos temas de análise dos dados. Os temas também se assentam nos próprios dados, pois tiveram sua pertinência confirmada e tornaram real a possibilidade de apreensão de várias histórias - não todas - em uma mesma história de vida.

No desenvolvimento desta pesquisa, apresentamos as narrativas dos professores junto à produção teórica, mediante uma composição entre dados coletados e diálogo com a literatura. Para tanto, recuperamos aqui os principais diálogos: a indissociabilidade entre a pessoa e o profissional; os elementos relativos ao ambiente sociocultural, os “incidentes críticos” e o uso das histórias de vida para entender, entre outras questões, as decisões, as ações, os sucessos e os insucessos do professor; a relação entre os saberes e a pessoa/identidade do professor ao longo da sua vida e da sua profissão e a pluralidade e a temporalidade dos saberes docentes; a aprendizagem da docência como um processo que ocorre no percurso de uma vida; as interações entre os processos formativos referentes à pessoa e à profissão; o foco nos pontos de vista dos professores para entender seus desenvolvimentos profissionais; a importância de se ouvir a pessoa do professor; e as possibilidades de reflexão com base nas histórias de vida.

Além disso, nosso diálogo entre dados e produção teórica também discutiu: um período histórico no qual os teóricos da Educação Física, em resposta aos desafios políticos da época, buscaram outras saídas para a área; as influências das tendências higiênicas, militares, competitivistas e populares; os governos centralizadores e autoritários; a tecnização da Educação Física; a contradição entre a ideia de formação do “homem integral” e o foco na “aptidão física”; o modelo curricular “tradicional-esportivo”; a necessidade de se considerar a formação e a atuação docente em uma perspectiva contextualizada, situada; a dependência entre as reminiscências das diferentes trajetórias dos professores e as relações (familiares, sociais, escolares, religiosas, profissionais etc.) de cada um deles; e o foco no primeiro momento da história da Educação Física no Estado de São Paulo, no qual as aulas da disciplina foram ministradas por professor especialista nos anos iniciais, entre outros diálogos.

Diante desse aporte teórico e metodológico e corroborando Borges (2001), os elementos identificados nas diferentes trajetórias (extraescolares, escolares, formativas e profissionais) dos professores Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida contribuem - com considerações pelas limitações deste estudo e pela pretensão de não fazer generalizações - para refletirmos sobre a sistematização de orientações para os cursos de formação inicial em Educação Física com foco na atuação profissional (também) nos anos iniciais e, por conseguinte, favorecem as políticas públicas de formação docente. No processo de sistematização, também identificamos e suprimimos elementos recorrentes entre os temas. Essa recorrência deve-se às inter-relações entre os temas, alusivos a uma mesma história de vida.

Dos elementos identificados nas trajetórias extraescolares dos professores, sistematizamos as seguintes orientações: considerar as influências familiares, do contexto e as marcas dessas influências na própria vida e no exercício da profissão; refletir sobre a opção pela docência e pela Educação Física; reconhecer as influências de outros professores (na opção pela docência e nas práticas desenvolvidas); e analisar as influências dos trabalhos realizados no contexto familiar.

Das trajetórias escolares, os elementos identificados configuram-se nas seguintes orientações: refletir sobre o próprio processo de escolarização durante a Educação Básica e a relação desenvolvida com esse processo na rede de ensino pública; reconhecer as influências e vínculos familiares nas atividades e relações escolares desenvolvidas e na própria trajetória pessoal e profissional; avaliar as condições materiais da escola; conjecturar sobre práticas de ensino tradicionais vivenciadas enquanto aluno; refletir sobre práticas

corporais vivenciadas em ambientes escolares e não escolares e práticas escolares diversas (vivenciadas como oportunidades de aprendizagem); reconhecer as influências das características do professor de Educação Física considerado bem-sucedido em épocas e contextos diferentes; considerar as influências de práticas de ensino de diferentes naturezas; reconhecer algumas características como marcas da personalidade; e refletir sobre as lacunas do próprio processo de escolarização, sobre as influências das práticas vivenciadas na trajetória escolar nas práticas desenvolvidas na trajetória profissional, sobre as iniciativas de valorização da Educação Física na escola e sobre as relações com os professores.

Nas trajetórias formativas (inicial e continuada), os elementos identificados nas histórias de vida dos professores configuram-se nas seguintes orientações: reconhecer as influências das práticas corporais voltadas aos níveis iniciais da escolarização, as influências da atuação como professor concomitante à formação inicial, as influências das características pessoais na formação, as influências das interações intensas e das aprendizagens com os colegas de curso, as influências das trajetórias extraescolares e escolares e da própria formação e a influência do bom desempenho em algumas matérias no trabalho posteriormente desenvolvido na escola; conjecturar sobre práticas de ensino tradicionais vivenciadas na faculdade; considerar as finalidades educacionais da Educação Física na formação do aluno; reconhecer a perspectiva que fundamenta as práticas desenvolvidas; analisar o investimento na própria formação continuada em virtude das necessidades profissionais; considerar a análise dos próprios sucessos e insucessos enquanto licenciando; avaliar as condições materiais da faculdade; valorizar a Educação Física no contexto escolar; abordar os esportes em diferentes perspectivas; dialogar sobre os conteúdos trabalhados; e refletir sobre as lacunas da própria formação.

Dos elementos identificados nas atuações profissionais que não ocorreram na docência em Educação Física, as seguintes orientações foram sistematizadas: avaliar as influências das diferentes atuações na realização do curso de Educação Física e no exercício da docência, as influências da perspectiva profissional docente de diferentes épocas, as influências das características pessoais na profissão e das características profissionais na vida pessoal, as influências das vivências nas trajetórias escolares e as influências de professores na convicção pela docência e no desenvolvimento das relações interpessoais; ponderar os possíveis impactos de “experiências truncadas ou inacabadas”; analisar as atuações profissionais iniciais e de reinício na docência; negociar com os alunos para minimizar resistências; desenvolver práticas mais consistentes, com base na colaboração entre os alunos; propor práticas de ensino para além do espaço da sala e da quadra de aula, para além da

proposta dos guias e livros, para além da “atividade em si” e para além do “jogo em si”; incentivar a produção de saberes pelos alunos; compartilhar saberes com os pares; comprometer-se com os alunos e com a melhoria da qualidade do ensino; e desenvolver boas relações com os alunos.

E, finalmente, sistematizamos as seguintes orientações com base nos elementos identificados nas atuações profissionais dos professores ocorridas no contexto da docência em Educação Física: analisar as implicações do (s) nível (is) de ensino (s) selecionado para o desenvolvimento das aulas; desenvolver práticas com base no diálogo, na socialização, na integração, na diversificação de conteúdos, na valorização da cultura local, nas relações com outras áreas e no respeito e no afeto na relação professor-aluno; recorrer a saberes de diferentes fontes e naturezas; valorizar os feitos dos alunos; avaliar os alunos considerando todos os aspectos do desenvolvimento; considerar a perspectiva e a realidade do aluno; reconhecer os efeitos positivos e negativos das próprias práticas desenvolvidas; valorizar o processo e o resultado nas atividades competitivas; aproximar o aluno da escola por meio da Educação Física; posicionar-se entre os pares em relação às finalidades, à natureza e aos desafios da própria área de atuação; conjecturar sobre o conceito vigente de professor de Educação Física bem-sucedido e as implicações desse conceito para o desenvolvimento do trabalho docente; dispor de uma gestão escolar dialógica, com objetividade, com autonomia e comprometida com o seu PPP; participar de movimentos em prol de sua própria categoria profissional e de sua área de atuação; investir nas relações interpessoais desenvolvidas com os alunos; dispor de materiais e espaço físico adequados para o desenvolvimento das aulas, usá-los e adaptá-los; apresentar iniciativas para envolver os alunos em práticas de diferentes naturezas; participar na organização de eventos escolares; propor atividades que garantam um maior número de participação nas aulas; observar cuidadosamente os alunos na vivência de certas práticas corporais; intervir pontualmente com alunos que apresentam deficiências; resolver os conflitos por meio do diálogo; registrar as práticas corporais vivenciadas; promover a participação dos pais na vida escolar dos filhos; usar informações sobre os próprios alunos como conteúdos das aulas; considerar a existência de várias perspectivas de ensino; preparar os alunos para práticas esportivas de natureza competitiva; refletir sobre a importância da Educação Física, as influências dos pares, o retorno positivo dos alunos, a aprendizagem mútua e a valorização da profissão na comunidade escolar, familiar e social; posicionar-se em relação às lacunas da formação continuada, às diferentes perspectivas sobre a Educação Física na escola que contribuem (ou não) para a sua valorização, à desvalorização da docência e à descontinuidade de algumas políticas públicas educacionais; inovar nas



práticas; colaborar para a construção de uma cultura de apreciação e de participação nas práticas corporais; situar os alunos no centro do processo de ensino e de aprendizagem; propor atividades que facilitem a aprendizagem; reconhecer as contribuições das aulas de Educação Física para a formação dos alunos dos anos iniciais; planejar as aulas e práticas avaliativas com foco no processo e não apenas no produto final; analisar os próprios sucessos e insucessos nas práticas de ensino desenvolvidas; comparar as relações professor-aluno de épocas diferentes; e considerar o exercício da docência como um processo de aprendizagem profissional.

Esses elementos cruzaram o tempo e se manifestaram nas trajetórias pessoais e profissionais de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida (com menor ou maior intensidade), em especial nos saberes docentes construídos por eles. Assim, essas reflexões se tornaram possíveis com base nas histórias individuais desses professores, conforme anunciamos na metodologia.

Embora tenhamos refletido sobre as lacunas da formação inicial e as diretrizes curriculares com reflexos de governos autoritários (PALMA FILHO, 1996) da época em que os professores iniciaram suas trajetórias profissionais na docência - ambas possivelmente resultantes de um currículo “tradicional-esportivo” (RANGEL-BETTI; BETTI, 1996) e de uma tecnização da Educação Física (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997), com consequentes influências nas finalidades do ensino, no perfil do professor de Educação Física bem-sucedido da época e nos saberes desenvolvidos pelos participantes desta pesquisa identificamos, nessas trajetórias, elementos que podem ser explicados com base em algumas características do movimento humanista (SANCHES NETO; BETTI, 2008; SOARES et al., 1992), da educação psicomotora (BETTI, 1991; DARIDO, 2003; GALLARDO, 2010) e da perspectiva construtivista-interacionista (FREIRE, 1997), além da presença de indícios de uma preocupação com a formação integral do aluno (BETTI, 1991; BRASIL, 1998; FREIRE, 1997; GALLARDO, 2010; MEDINA, 1987; SÃO PAULO, 1990).

Em face do diálogo entre os diversos estudos (BETTI; MIZUKAMI, 2007; COSTA, 2014; CUNHA, 2014; LIBÂNEO, 2003; MANTEIGA; LIMA, 2004; RANGEL-BETTI, 1998; TARDIF, 2008; TARDIF; RAYMOND, 2000) e com as trajetórias profissionais dos professores de Educação Física aposentados descritas no capítulo anterior, identificamos características que indicam sucessos em suas atuações e, por essa razão, esses professores podem ser considerados bem-sucedidos.

Essa identificação se relaciona, conforme Tardif (2008), com as condições e os ambientes nos quais os professores exerceram a profissão. As características de “bons

professores” indicadas por Cunha (2014) também foram identificadas, a saber: a valorização da satisfação em lecionar e do relacionamento com os alunos; o afeto com a área de atuação, com os estudos e com os conhecimentos criados com os alunos; o incentivo à participação do aluno; e o tratamento da matéria de ensino.

O afeto (FREIRE, 2002), elemento identificado sobretudo nas trajetórias extraescolares e profissionais dos participantes desta pesquisa, necessita ser refletido na intenção de contribuir, para a construção, na formação docente, do profissional de Educação Física, bem como contribuir para possibilitar o delineamento dessa construção.

Os professores ainda apresentaram, com base em Costa (2014), comprometimento com a educação, com a própria formação e capacidade de reconhecer e refletir sobre aspectos positivos e negativos do próprio contexto de atuação profissional. Das características sobre um “bom educador” e das experiências bem-sucedidas nas aulas de Educação Física no interior do Estado do Paraná apresentadas por Silva et al. (2007), identificamos nas narrativas de Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida, entre outras, o cultivo e a sustentação de diálogos que incentivaram atitudes solidárias, de respeito, o desenvolvimento de atitudes de cooperação e a promoção de atividades fundamentadas em uma perspectiva holística de ser humano.

Acreditamos, ainda, que a apresentação e o desenvolvimento dessas características dialogam com as considerações de Leal (2011) sobre a “intencionalidade” na própria prática e na formação e a busca contínua por melhorias das próprias aulas como características do professor “experiente”. Essa intenção também relaciona-se com as características pessoais dos professores apresentadas por Galvão (2002).

Escrever sobre essas trajetórias também significa escrever sobre as dificuldades vivenciadas pelos professores, segundo o nosso diálogo com as questões indicadas por Tardif (2008), especialmente sobre: a consolidação das primeiras experiências; as etapas de mudança, de ininterruptão e de rompimento; e as diversas mudanças de nível de ensino, de ano/série, de unidade escolar e de região. As posturas de criticidade apresentadas por eles igualmente contribuem para o conhecimento e o entendimento do contexto de formação e de atuação profissional em Educação Física.

Elucidar essas características possibilita, portanto, reflexões sobre a área mediante a construção de saberes sobre as histórias de vida desses professores para a formação inicial e continuada e atuação profissional docente na Educação Física, sobretudo no contexto dos anos iniciais.

Com base nas características dos alunos desse nível de ensino (GALLARDO, 2010) apresentadas no sexto capítulo e nas histórias de vida dos participantes analisadas nesta pesquisa, confirmamos a identificação de lacunas na formação inicial desses professores (décadas de 1960 e 1970), sobretudo por não corresponderem a essas características e gerarem dificuldades no desenvolvimento de suas práticas. Assim, citamos a existência de uma única professora com foco nos níveis iniciais de escolarização, a presença de uma perspectiva técnica de ensino e dificuldades docentes provenientes dessa perspectiva, as turmas numerosas, a ausência de diálogo sobre os conteúdos trabalhados, a facultatividade da prática de estágio e a distinção entre a teoria e a prática nas aulas desenvolvidas, entre outros elementos referentes a esse contexto histórico específico.

A pouca ou nenhuma ênfase nos níveis iniciais de escolarização também foram indicados em Costa (2014) como uma das lacunas da formação inicial em Educação Física no final da década de 2000, e a análise das práticas observadas apresentaram os saberes docentes que devem ser assegurados, nessa formação, ao professor de Educação Física que irá atuar nos anos iniciais.

Afirmamos que as histórias de vida dos professores elucidam elementos que contribuíram para o desenvolvimento de suas trajetórias profissionais e, simultaneamente, revelam lacunas na formação. Fundamentadas nas trajetórias extraescolares, escolares, profissionais e da formação e as respectivas influências no desenvolvimento das características pessoais e profissionais, sistematizamos orientações no início deste capítulo para a formação inicial e continuada em Educação Física que, entre outras questões, precisa considerar essas características de modo a contemplar as exigências da profissão e as particularidades de cada nível de ensino de atuação. Nossa intenção também consiste, tomando-se por base as referidas orientações, em contribuir para as políticas públicas de formação de professores de Educação Física.

Esses elementos evidenciam o processo de construção dos saberes dos professores e de suas identidades docentes ao longo de suas trajetórias de vida e de profissão. Com base nos elementos identificados, visualizamos como Antônio Carlos, Romilda Augusta e Dinalva Aparecida tornaram-se professores, e como seus saberes, relativos ao exercício da profissão, foram construídos (em meio aos sucessos e dificuldades vivenciados em seus percursos pessoais e profissionais). Além disso, contribuem para refletirmos sobre o exercício profissional da docência em Educação Física nos anos iniciais mediante as finalidades do ensino, as características dos alunos (indicadores dos objetivos para cada ano, procedimentos

metodológicos e tipos de conteúdos/atividades que devem/podem ser desenvolvidos etc.) e as lacunas da formação inicial alusivas a esse nível de ensino.

Para tanto, analisamos os dados coletados com os três professores, porém, estamos cientes da impossibilidade de apreensão e registro de todas as trajetórias que compõem a história de vida de cada um desses participantes. Assim, faz-se necessário o desenvolvimento de outros estudos que discutam essas questões, do mesmo modo relevantes aos elementos que aprofundamos nesta pesquisa de Doutorado.

Logo, como considerações finais, afirmamos que as histórias de vida dos entrevistados indicam elementos que devem ser contemplados e garantidos na formação docente e que, igualmente, suscitem novos estudos com base nesse tipo de abordagem, sobre trajetórias profissionais e professores de Educação Física bem-sucedidos no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Mário L.; RAMOS, Glauco N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de Educação Física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, SP: v. 24, n. 2, p. 223-238, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v24n2/v24n2a06.pdf> Acesso em: 3 mar. 2015.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 2ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BARRETTO, Elba S. S.; SOUSA, Sandra Z. Estudos sobre ciclos e progressão escolar no Brasil: uma revisão. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP: v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a03v30n1.pdf> Acesso em: 18 jan. 2016.
- BERLINER, David C. The development of expertise in Pedagogy. **Charles W. Hunt Memorial Lecture presented at the Annual Meeting of the American Association of Colleges for Teacher Education**. New Orleans, LA: p. 17-20, february, 1988. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED298122.pdf> Acesso em: 19 jun. 2016.
- BETTI, Irene C. R.; MIZUKAMI, Maria da G. N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, v. 3, n. 2, p. 108-115, dez. 1997. Disponível em: [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2\\_ART07.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n2/3n2_ART07.pdf) Acesso em: 26 mar. 2015.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo, SP: Editora Movimento, 1991.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORGES, Cecília. A formação dos docentes de Educação Física e seus saberes profissionais. In: BORGES, Cecília; DESBIENS, Jean-François (Orgs.). **Saber, formar e intervir: para uma Educação Física em mudança**. Tradução: Amin Simaika. Campinas, SP: Autores Associados, p. 157-190, 2005. (Coleção Educação Física e Esportes).
- BORGES, Cecília M. F. **O professor de Educação Física e a construção do saber**. 2ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9ª. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.
- BRACHT, Valter. A Educação Física no Ensino Fundamental. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento - perspectivas atuais**. Belo Horizonte, MG: p. 1-14, nov. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file> Acesso em: 19 mai. 2017.
- BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº. 69.450, de 1º. de novembro de 1971**. Regulamenta o Artigo 22º. da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do Artigo 40º. da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Brasília, DF: 1º. nov. 1971a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D69450.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm) Acesso em: 28 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº. 91.144, de 14 de março de 1985.** Cria o Ministério da Cultura e dispõe sobre a estrutura, transferindo-lhe os órgãos que menciona, e dá outras providências. Brasília, DF: 15 mar. 1985. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1980-1989/D91144.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D91144.htm) Acesso em: 24 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-Lei nº. 477, de 26 de fevereiro de 1969.** Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Brasília, DF: 26 fev. 1969a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0477.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0477.htm) Acesso em: 30 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-Lei nº. 705, de 25 de julho de 1969.** Altera a redação do Artigo 22º. da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Brasília, DF: 25 jul. 1969b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm) Acesso em: 30 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-Lei nº. 869, de 12 de setembro de 1969.** Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Brasília, DF: 12 set. 1969c. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/Del0869.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0869.htm) Acesso em: 30 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-Lei nº. 1.044, de 21 de outubro de 1969.** Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Brasília, DF: 21 out. 1969d. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del1044.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del1044.htm) Acesso em: 28 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 1.920, de 25 de julho de 1953.** Cria o Ministério da Saúde e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ: 25 jul. 1953. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L1920.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1920.htm) Acesso em: 24 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 dez. 1961. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm) Acesso em: 5 jul. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 5.540, de 28 de novembro de 1968.** Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF: 28 nov. 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm) Acesso em: 30 mai. 2017.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º. e 2º. graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 11 ago. 1971b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm) Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 6.202, de 17 de abril de 1975.** Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Brasília, DF: 17 abr. 1975. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm) Acesso em: 28 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 6.503, de 13 de dezembro de 1977.** Dispõe sobre a Educação Física, em todos os graus e ramos do ensino. Brasília, DF: 13 dez. 1977. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6503.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6503.htm) Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 7.044 de 18 de outubro de 1982.** Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º. grau. Brasília, DF: 18 out. 1982. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7044.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7044.htm) Acesso em: 22 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 7.692, de 20 de dezembro de 1988.** Dá nova redação ao disposto na Lei nº 6.503, de 13 de dezembro de 1977, que "dispõe sobre a Educação Física em todos os graus e ramos de ensino". Brasília, DF: 20 dez. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7692.htm) Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm#art92](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm#art92) Acesso em: 16 fev. 2015.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 10.328, de 12 de dezembro de 2001.** Introduce a palavra "obrigatório" após a expressão "curricular", constante do § 3o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 dez. 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10328.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10328.htm) Acesso em: 5 jul. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 10.793, de 1º de dezembro de 2003.** Altera a redação do art. 26, § 3o, e do art. 92 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Brasília, DF: 1º dez. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.793.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.793.htm) Acesso em: 5 jul. 2016.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF: 6 fev. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm) Acesso em: 28 jun. 2016.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução nº. 3, de 16 de Junho de 1987.** Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). Brasília, DF: CFE, 10 set. 1987. Disponível em: [http://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol\\_cfe\\_3\\_1987.pdf](http://crefrs.org.br/legislacao/pdf/resol_cfe_3_1987.pdf) Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Educação Física (ensino de 5ª. a 8ª. séries). Brasília, DF: MEC, SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino de 1º. e 2º. Graus. **A escola de 1º. grau e o currículo (1ª. parte).** 2ª. ed. Brasília, DF: 1980, 36 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001743.pdf> Acesso em: 22 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** (ensino de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries). Brasília, DF: BSB, v. 7, 1997.

CAMILO, Rodrigo C.; COSTA, Catia S. Princípios e concepções do currículo do Estado de São Paulo e a prática pedagógica em Educação Física. **Anais da 13<sup>a</sup>. Semana da Educação Municipal e 3<sup>o</sup>. Congresso Municipal de Educação de Bauru**. “Gestão democrática: responsabilidade de todos no processo educativo”. Bauru, SP: Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Bauru, 21 a 24 out. 2013. Disponível em: <http://hotsite.bauru.sp.gov.br/semanaeduca/Anais.aspx> Acesso em: 29 jul. 2014.

CARLINDO, Eva P. **Tornar-se professora: o capital cultural como esteio explicativo para o sucesso docente**. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, 2009. (Orientadora: Marilda da Silva). Disponível em: [http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90247/carlindo\\_ep\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/90247/carlindo_ep_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 20 jan. 2015.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 15<sup>a</sup>. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CLANDININ, Jean D.; CONNELLY, Michael F. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores, ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

CORRÊA, Denise A. **Os governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física escolar no Estado de São Paulo: lembranças de velhos professores**. 2009. 230 f. Tese (Doutorado em História). São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2009. (Orientadora: Yvone Dias Avelino). Disponível em: [http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/disser\\_teses/2009/correa.PDF](http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/disser_teses/2009/correa.PDF) Acesso em: 10 fev. 2017.

COSTA, Catia S. **As lutas e a Educação Física escolar: relatos de uma intervenção a partir dos diários de aula**. 2013. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física para Professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2013a. (Orientador: Jocimar Daolio). Disponível em: <http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/bibliotecaDetalhe.jsp> Acesso em: 29 mai. 2014.

COSTA, Catia S. Coreografia com bastões: descrição do processo criativo. **Anais do VI Congresso Nacional de Educação Física e XVII Reunião Científica**. “A internacionalização em Educação Física: ensino e pesquisa sem fronteiras”. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), v. 6, n. 1, p. 65-67, 26 a 29 set. 2012. ISSN: 1981-8564.

COSTA, Catia S. Desafios e oportunidades para o desenvolvimento de atividades rítmicas e expressivas na Educação Física escolar. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Educação**. “Ensino e aprendizagem na Educação Básica: desafios curriculares”. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 25 a 28 jun. 2013b. ISBN: 978-85-99703-74-8.



Disponível em: [http://www2.fc.unesp.br/cbe/iv\\_cbe/anais\\_iv-cbe.pdf](http://www2.fc.unesp.br/cbe/iv_cbe/anais_iv-cbe.pdf) Acesso em: 29 mai. 2014.

COSTA, Catia S. Desafios e oportunidades para o desenvolvimento de atividades rítmicas e expressivas na Educação Física escolar. In: CAPELLINI, Vera L. M. F.; FERES, Glória G. (Orgs.). **Ensino e aprendizagem na Educação Básica: desafios curriculares**. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), v. 1, p. 426-436, 2015. ISBN: 978-85-99703-83-0. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/cbe/IVCBE-Vol-01.pdf> Acesso em: 29 jul. 2015.

COSTA, Catia S. **Práticas pedagógicas de uma professora de Educação Física “de início de carreira”**: um estudo de caso. 2013. 276 f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), 2014. (Orientadora: Maria Iolanda Monteiro). Disponível em: [http://www2.ufscar.br/interface\\_frames/index.php?link=http://www.ppge.ufscar.br/](http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.ppge.ufscar.br/) Acesso em: 15 mai. 2014.

COSTA, Catia S. Qualidade de vida: uma abordagem para a Educação Física escolar. **Anais do V Congresso Nacional de Educação Física e XVI Reunião Científica**. “Reunindo experiências e produzindo saberes na Educação Física”. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), v. 5, n. 1, p. 96-97, 28 set. a 01 out. 2011. ISSN: 1981-8564.

COSTA, Catia S.; FERREIRA, Lílian A. Desenvolvimento profissional de uma professora de Educação Física em início de carreira: um olhar a partir das narrativas. **Anais do III Congresso Brasileiro de Educação**. “Formação de professores: compromissos e desafios da Educação Pública”. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), p. 156-157, 4 a 7 jul. 2011a. ISBN: 978-85-99703-61-8. Disponível em: [http://www2.fc.unesp.br/cbe/iii\\_cbe/anais.pdf](http://www2.fc.unesp.br/cbe/iii_cbe/anais.pdf) Acesso em: 28 mai. 2014.

COSTA, Catia S.; FERREIRA, Lílian A. Desenvolvimento profissional de uma professora de Educação Física em início de carreira: um olhar a partir das narrativas. In: CAPELLINI, Vera L. M. F. et al. **Formação de professores: compromissos e desafios da educação pública**. 1ª. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, v. 2, p. 205-210, 2013. ISBN: 978-85-7983-412-7.

COSTA, Catia S.; FERREIRA, Lílian A. Os jogos, brinquedos e as brincadeiras tradicionais no ambiente escolar: contribuições da Educação Física. 2011. **VI Encontro Ibero-americano de Educação**. Araraquara/Brasil, UNESP, FCL, PPGE e Universidad de Alcalá de Henares/Espanha, 26 a 29 out. 2011b. ISSN: 1981-9668.

COSTA, Catia S.; LEAL, Paulo H. A Proposta Pedagógica Curricular do Estado de São Paulo: o caso da Educação Física sob a ótica das narrativas. **Anais da 12ª. Semana da Educação Municipal e 2º. Congresso Municipal de Educação de Bauru**: “A importância da mediação escolar para o desenvolvimento humano”. Bauru, SP: Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Bauru, 22 a 25 out. 2012. Disponível em: <http://hotsite.bauru.sp.gov.br/semanaeduca/Anais.aspx> Acesso em: 29 mai. 2014.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Boas práticas nas aulas de Educação Física no início da carreira docente. **Anais da 16ª. Semana da Educação Municipal e 6º. Congresso Municipal de Educação de Bauru**: “A escola e os diferentes atores do processo educativo”. Bauru, SP: Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Bauru, v. 1, n. 1, p. 33-37, 12 a 14 set. 2016a. Disponível em:

[http://hotsite.bauru.sp.gov.br/arquivos/website\\_congressoeduca/arquivos/Anais\\_SESMB2016.pdf](http://hotsite.bauru.sp.gov.br/arquivos/website_congressoeduca/arquivos/Anais_SESMB2016.pdf) Acesso em: 23 set. 2016. ISSN: 2237-8804.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Dilemas docentes de uma professora de Educação Física iniciante nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Anais do VI Congresso Brasileiro de Educação: "Educação e Formação Humana: práxis e transformação social"**. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 26 a 29 jul. 2017.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (LCT): relações e contribuições possíveis. **Anais do X Congresso Nacional de Educação Física e XXI Reunião Científica: "Práxis: baseando-se em evidência para revolucionar a prática"**. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação Física, p. 114-115, 1º. a 4 nov. 2016b. ISSN: 1981-8564. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B9\\_LJSzQJxDPRFQqTUxBWllRaUU/view](https://drive.google.com/file/d/0B9_LJSzQJxDPRFQqTUxBWllRaUU/view) Acesso em: 27 jan. 2017.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o caso de uma professora de início de carreira. **Anais do V Congresso Brasileiro de Educação: "Pesquisa e Formação de Professores: políticas e programas"**. Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 27 a 30 jul. 2015a. ISBN: 978-85-99703-81-6. Disponível em: <http://li327-81.members.linode.com:8080/vcbe-anais/api/arquivo/14843.pdf> Acesso em: 29 jul. 2015.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Experiências formativas de uma professora iniciante de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **IV Congresso Internacional sobre Professorado Principiante e Inserção Profissional à Docência**. Curitiba, PR: Universidade Tecnológica Federal do Paraná/Brasil e Universidade de Sevilha/Espanha, 18 a 21 fev. 2014a.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Práticas de ensino bem-sucedidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o início da docência na Educação Física. **Anais do III Congresso Nacional de Formação de Professores e do XIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: por uma revolução no campo da formação de professores**. Águas de Lindóia, SP: UNESP/Prograd, p. 6.858-6.870, 11 a 13 abr. 2016c. Disponível em: [http://200.145.6.217/proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/5789.pdf](http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/5789.pdf) Acesso em: 1º. mai. 2016.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Práticas pedagógicas de uma professora de Educação Física de início de carreira: um estudo de caso. **11º. Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: "Culturas, políticas e práticas educacionais e suas relações com a pesquisa"**. São João del-Rei, MG: Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Dom Bosco, 12 a 15 out. 2014b. Disponível em: <http://www.anpedsudeste2014.com.br/trabalhos> Acesso em: 20 dez. 2014.

COSTA, Catia S.; MONTEIRO, Maria I. Um estudo de caso com uma professora "de início de carreira": as práticas pedagógicas na Educação Física. **Anais da 67ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: Luz, Ciência e Ação**. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), p. 8207, 12 a 18 jul. 2015b. ISSN: 2176-1221. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/67ra/resumos/resumos/2343\\_171c991141aab6b28f1c7cf946e12da5b.pdf](http://www.sbpcnet.org.br/livro/67ra/resumos/resumos/2343_171c991141aab6b28f1c7cf946e12da5b.pdf) Acesso em: 18 nov. 2015.

COURTOIS, Bernadette; PINEAU, Gaston (Coord.). **La formation expérientielle des adultes**. Paris: La Documentation Française, 1991.

CRUZ NETO, Otávio C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria C. S. et al. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, p. 51-66, 1994.

CUNHA, Maria I. **O bom professor e sua prática**. 24ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 13ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

DARIDO, Suraya C. **Ação pedagógica do professor de Educação Física: estudo de um tipo de formação profissional científica**. 1996. nf. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Psicologia, 1996. (Orientador: José Fernando B. Lomonaco).

DARIDO, Suraya C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara Koogan S.A., 2003.

DARIDO, Suraya. Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 1, n. 2, p. 124-128, dez. 1995. Disponível em: [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n2/1\\_2\\_Suraya.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n2/1_2_Suraya.pdf) Acesso em: 4 set. 2015.

DOMINICÉ, Pierre. Cycles de vie et formation des adultes. **Travail Social**, 4, p. 14-19, 1990.

FERREIRA, Aurélio B. H. (1910-1989). **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos et al. 4ª. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. 3ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2000.

FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo, SP: Scipione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

GALLARDO, Jorge S. P. **Prática de ensino em Educação Física: a criança em movimento**. Volume único. São Paulo, SP: FTD, 2010.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002. Disponível em: [http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao\\_Fisica/REMEF\\_E-1-1-2002/art5\\_edfis1n1.pdf](http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEF_E-1-1-2002/art5_edfis1n1.pdf) Acesso em: 16 set. 2014.

GARCÍA, Carlos M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto, Portugal: Porto Editora, LDA, 1999.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A evolução das ideias pedagógicas no Brasil republicano. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP: v. 60, p. 28-37, fev. 1987. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1231/1235> Acesso em: 08 fev. 2017.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 6ª. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1997.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª. ed. Portugal: Porto Editora, p. 63-78, 1995.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2ª. ed. Portugal: Porto Editora, p. 31-61, 1995.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

LEAL, Paulo H. **A Educação Física no ciclo II do Ensino Fundamental: refletindo sobre indicadores educacionais de desenvolvimento profissional da docência com um professor experiente**. 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), 2011. (Orientadora: Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali). Disponível em: [http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4183](http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4183) Acesso em: 29 set. 2014.

LIBÂNIO, José C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 7ª. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

MANTEIGA, Jeanne M. R.; LIMA, Emília F. Processos de ensino e aprendizagem. Apostando no sucesso de alunos com história de fracasso. In: SILVA, Ademar; ABRAMOWICZ, Anete; BITTAR, Marisa (Orgs.). **Educação e pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos**. São Carlos, SP: Rima, p. 99-116, 2004.

MEDINA, João P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. 7ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 1987. (Coleção Krisis).

MENSCH, Deise I.; SCHWENGBER, Maria S. V. “Jogar bola, brincar na pracinha e plantar bananeira”: representações sociais de crianças sobre a Educação Física. **Motrivivência**, ano

XXI, n. 32/33, p. 280-295, jun./dez. 2009. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p280/14126> Acesso em: 21 jul. 2015.

MIRANDA, Adílio R. A.; CAPPELLE, Mônica C. A.; MAFRA, Flávia L. N. Contribuições do método história de vida para estudos sobre identidade: o exemplo das professoras-gerentes. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 59-74, dez. 2014. Disponível em:  
[https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2014v16n40p59/pdf\\_35](https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2014v16n40p59/pdf_35)  
 Acesso em: 5 jan. 2015.

MOITA, Maria C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª. ed. Portugal: Porto Editora, p. 111-140, 1995.

MONTEIRO, Maria I. **Histórias de vida: saberes e práticas de alfabetizadoras bem sucedidas**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo (USP), 2006. (Orientadora: Belmira Oliveira Bueno). Disponível em  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04122007-155302/pt-br.php> Acesso em: 3 mai. 2014.

NONO, Maévi A. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2011.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª. ed. Portugal: Porto Editora, p. 11-30, 1995.

PALMA FILHO, João C. **As reformas curriculares do ensino público estadual paulista no período 1960-1990: um estudo crítico**. 1996. 347 f. Tese (Doutorado em Educação - Supervisão e Currículo). São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica (PUC), 1996. (Orientadora: Ana Maria Saul).

PALMA FILHO, João C.; ALVES, Maria L.; DURAN, Marília C. G. **Ciclo básico em São Paulo: memórias da educação nos anos 1980**. São Paulo: Xamã, 2003.

PAULILO, Maria A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina, PR: v. 2, n. 2, p. 135-148, jul./dez. 1999. ISSN: 1516-3091. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf#page=135> Acesso em: 26 set. 2014.

PENNA, Marieta G. O. **Professor de séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas estaduais de São Paulo: posições sociais e condições de vida e trabalho**. 2007. 296 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, SP: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, 2007. (Orientadora: Alda Junqueira Marin). Disponível em:  
[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5118](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5118) Acesso em: 20 jul. 2014.

RANGEL-BETTI, Irene C. **Educação Física e o ensino médio: analisando um processo de aprendizagem profissional**. 1998. 172 f. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), 1998. (Orientadora: Maria da Graça Nicoletti Mizukami).

RANGEL-BETTI, Irene C.; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 2, n. 1, jun. 1996. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT25102010165826.pdf> Acesso em: 20 agos. 2017.

REALI, Aline M. M. R.; REYES, Claudia R. **Reflexões sobre o fazer docente**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

REPPOLD FILHO, Alberto R. Cinesiologia. In: GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. (Orgs.). **Dicionário crítico de Educação Física**. 2ª. ed. rev. Ijuí, RS: Editora Unijuí, p. 71-74, 2008.

SANCHES NETO, Luiz; BETTI, Mauro. Convergência e integração: uma proposta para a Educação Física de 5ª. a 8ª. série do Ensino Fundamental. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, SP: v. 22, n. 1, p. 5-23, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16678/18391> Acesso em: 21 mai. 2017.

SARMENTO, Albertina P.; ARRUDA Aparecida L. M. M. Escola-Padrão: curta vida, longa saúde... **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, FAC, São Roque, SP: v. 2, n. 1, p. 1-22, 2011. Disponível em: <http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdf/v2-n1-2011/Albertina.pdf> Acesso em: 16 mai. 2014.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ciclo Básico em Jornada Única**: uma nova concepção de trabalho pedagógico. São Paulo, SP: FDE, v. 1, 1988.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular de Educação Física - 1º. grau**. 3ª. ed. São Paulo, SP: SE/CENP, 1990.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo de Educação Física. In: **Currículo do Estado de São Paulo**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. São Paulo, SP: SEE, p. 179-216, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo de Educação Física. In: **Currículo do Estado de São Paulo**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. 2ª. ed. São Paulo, SP: SEE, p. 223-260, 2011. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf> Acesso em: 14 mar. 2015.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Decreto nº. 21.833, de 28 de Dezembro de 1983**. Institui o Ciclo Básico no ensino de 1.º grau das escolas estaduais. São Paulo, SP: 28 dez. 1983. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1983/decreto-21833-28.12.1983.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Educação Física. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo, SP: SEE, p. 41-60, 2008.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Resolução SE nº. 13, de 17 de Janeiro de 1984**. Fixa normas atinentes ao Ciclo Básico. São Paulo, SP: 17 jan. 1984. Disponível em: [http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/13\\_1984.htm?Time=8/29/2009%20](http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/notas/13_1984.htm?Time=8/29/2009%20) Acesso em: 21 jun. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Roteiro Sugestão de Atividades para as aulas de Arte e Educação Física**: para o início do ano letivo de 2013. Centro de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais (CEFAI), Sônia de Gouveia Jorge (et al.); Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), Maria Elizabete da Costa, 2013. Disponível em: <http://lereescrever.fde.sp.gov.br/SysPublic/InternaMaterial.aspx?alkfjlkklkjaslkA=266&manudjns=0&tpMat=6&FiltroDeNoticias=3> Acesso em: 21 jul. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 24<sup>a</sup>. ed. São Paulo, SP: Cortez, Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; v. 5).

SILVA, Rafael B. et al. A Educação Física escolar em Maringá: experiências de ensino-aprendizagem no cotidiano das aulas. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, SP: v. 28, n. 2, p. 69-83, jan. 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/56/64> Acesso em: 16 set. 2014.

SOARES, Carmem L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

SOUZA, Rosa F. Política Curricular no Estado de São Paulo nos anos 1980 e 1990. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 203-221, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0936127.pdf> Acesso em: 22 fev. 2016.

SOUZA NETO, Samuel. **A Educação Física na universidade**: licenciatura e bacharelado - as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas. 1999. 350 f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo (USP, Faculdade de Educação, 1999. (Orientadora: Belmira Amélia de Barros Oliveira Bueno).

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em: 27 set. 2014.

TANCREDI, Regina M. S. P. **Aprendizagem da docência e profissionalização**: elementos de uma reflexão. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9<sup>a</sup>. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf> Acesso em: 10 nov. 2015.

TUBINO, Manoel J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte-educação. Maringá, PR: Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem), 2010. Disponível em:

<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/segundoTempo/acompanhamento/estudosBrasileirosManoelTubino.pdf> Acesso em: 19 jul. 2017.

VOLTARELLI, Monique A.; COSTA, Catia S. MONTEIRO, Maria I. Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professoras iniciantes no contexto da Educação Básica. **II Congresso Nacional de Formação de Professores e XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**. “Por uma revolução no campo da formação de professores”. Águas de Lindóia, SP: Universidade Estadual Paulista (UNESP), p. 7638-7650, 7 a 9 abr. 2014. Disponível em: [http://200.145.6.217/proceedings\\_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/670.pdf](http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/670.pdf) Acesso em: 16 jul. 2014.



## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa de Doutorado intitulada **HISTÓRIAS DE VIDA E SABERES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA BEM-SUCEDIDOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990**, sob responsabilidade da pesquisadora Prof<sup>ra</sup>. Ms. Catia Silvana da Costa e da orientadora Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Iolanda Monteiro.

O objetivo desta Tese de Doutorado incide em apresentar e analisar práticas de ensino de 3 professores de Educação Física bem-sucedidos que atuaram nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) nas décadas de 1980 e 1990, com base na busca de elementos de suas histórias de vida para o entendimento da configuração de suas práticas.

Para tanto, esta pesquisa pretende-se fundamentar nas histórias de vida desses professores; na identidade docente, pluralidade e temporalidade dos saberes docentes; na relação das boas práticas de ensino à formação recebida e aos aspectos pessoais dos professores; na configuração da relação ensino-aprendizagem com base na concepção curricular da unidade escolar; na caracterização do contexto da área e da formação profissional; na apresentação do Projeto Educacional Escola-Padrão (ou não); no conceito de professor de Educação Física bem-sucedido; na compreensão de Educação Física enquanto “cultura corporal”; e nas particularidades dos alunos dos anos iniciais.

Por meio dos elementos presentes nas histórias de vida, pretende-se identificar possíveis influências dos vários contextos de formação e de trabalho vividos pelos professores pesquisados na construção e configuração de práticas de ensino bem-sucedidas, bem como, os saberes pertencentes a esses contextos e aos vários momentos das trajetórias de vida que contribuíram para a construção dessas boas práticas.

A reconstituição das histórias de vida, como uma valiosa fonte de conhecimento sobre o exercício profissional docente, pode contribuir para reflexões sobre processos formativos docentes, sobretudo processos de formação inicial e continuada de professores de Educação Física que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino da SEE-SP. Esse tipo de abordagem permite a compreensão dos conhecimentos provenientes do desenvolvimento desses professores, das suas trajetórias pessoais, profissionais e sociais. A preocupação central está focada nos pontos de vista dos/as participantes, bem como em desvelar aspectos de suas trajetórias pessoais e profissionais, os quais possibilitam uma maior compreensão sobre processos concernentes aos seus desenvolvimentos pessoais e profissionais.

Você foi selecionado/a porque atende aos seguintes critérios de seleção do/s participante/s da pesquisa: 1) é professor/a de Educação Física aposentado/a pela rede de ensino da SEE-SP; 2) lecionou também com os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede de ensino estadual; 3) lecionou nas décadas de 1980 e 1990, período de atuação selecionado; 4) pertenceu a uma Diretoria de Ensino diferente dos/as outros/as participantes, tendo lecionado em regiões e escolas também diferentes; 5) apresentou indícios de um/a professor/a bem-sucedido/a; e 6) apresentou-se disponível para a pesquisa.

Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum

prejuízo à sua relação com as professoras pesquisadora e orientadora, ou ainda, com a SEE-SP ou unidades escolares em que você atuou.

Sua participação consistirá em responder questões sobre as múltiplas dimensões das trajetórias de sua vida e sobre as contribuições e influências desses saberes para sua prática de ensino com os anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio de entrevistas que serão gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Suas narrativas orais serão direcionadas, por meio de entrevistas prolongadas e abertas, tomando-se por base os seguintes temas: “Os saberes da docência que emergiram da trajetória na vida extraescolar”; “Os saberes da docência que emergiram da trajetória na vida escolar”; “Saberes docentes na formação inicial e continuada”; e “Saberes docentes na atuação profissional”. As gravações de voz serão utilizadas para o fiel registro dos dados.

Faremos uso da análise documental (legislação; possíveis registros/fotos da época de sua atuação profissional, entre outros documentos), no propósito de constituir o fato no seu todo, complementando os conhecimentos extraídos dos dados coletados durante a pesquisa. Também faremos uso do seu nome próprio, conforme seu consentimento.

Seu consentimento em participar pode gerar riscos, como, por exemplo, o perigo da exposição, bem como os desconfortos decorrentes dessa exposição. De acordo com a Resolução CNS<sup>146</sup> 466/2012, toda investigação com seres humanos envolve risco. Não obstante, esses riscos são aceitáveis na medida em que os benefícios esperados são apresentados e a sua importância é explicada. Tais benefícios representam a possibilidade de ampliar a compreensão a respeito da formação, vida, trabalho e práticas pedagógicas de professores. Assim, espera-se proporcionar conhecimento sobre o exercício da profissão, de modo a contribuir (ou não) para possíveis reformulações de programas de formação inicial e continuada.

Os resultados serão utilizados para a conclusão da referida pesquisa. Os dados coletados serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e divulgados por meio de trabalhos apresentados em reuniões científicas, congressos, seminários, encontros, de artigos e da própria pesquisa de Doutorado.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados para contato com a pesquisadora e com sua orientadora. Você poderá entrar em contato a qualquer momento, a fim de retirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação na pesquisa.

---

Assinatura da Pesquisadora

**A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo seres humanos da UFSCar - Parecer 1.021.253 -, o qual funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da referida universidade, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235, Caixa Postal 676, CEP 13.565-905, São Carlos/SP, Brasil. Telefone: (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@power.ufscar.br](mailto:cephumanos@power.ufscar.br)**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

<sup>146</sup> Conselho Nacional de Saúde.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

Assinatura do/a Participante

**Pesquisadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ms. Catia Silvana da Costa

Doutoranda em Educação (PPGE - UFSCar)

**Contato:** Prof<sup>ª</sup>. de Educação Física na rede de ensino estadual paulista, Bauru, SP

**E-mail:** [catiacosta.ef@gmail.com](mailto:catiacosta.ef@gmail.com)

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Iolanda Monteiro

Prof<sup>ª</sup>. no Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas (DTPP - UFSCar)

**Contato:** Rodovia Washington Luís, Km 235, São Carlos, SP

**E-mail:** [iolanda.uab@gmail.com](mailto:iolanda.uab@gmail.com)

## APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO CARLOS/UFSCAR



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA BEM-SUCEDIDOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Pesquisador:** Catia Silvana da Costa

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 38596314.6.0000.5504

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**Patrocinador Principal:** MINISTERIO DA EDUCACAO

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.021.253

**Data da Relatoria:** 12/05/2015

#### Apresentação do Projeto:

Configura-se numa pesquisa de doutorado, realizada na Universidade Federal de São Carlos, com a problemática de encontrar elementos da história de vida para o entendimento de práticas de ensino de 04 professores de Educação Física bem-sucedidos, atuantes nas décadas de 1980 e 1990 nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede de ensino do Estado de São Paulo.

#### Objetivo da Pesquisa:

Do projeto:

“Objetiva-se, por meio do referencial teórico e metodológico das histórias de vida, apresentar e analisar essas práticas, identificando possíveis influências dos vários contextos de formação e de trabalho vividos por esses professores na construção e configuração de práticas de ensino bem-sucedidas e os saberes pertencentes aos vários momentos da trajetória de vida que contribuíram para a construção e configuração dessas boas práticas”.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios são identificados no TCLE de forma clara aos sujeitos participantes da pesquisa, de acordo com a resolução 466/2012.

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (18)3351-9683

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.021.253

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O assunto apresentado possui relevância à área em questão.

O projeto de pesquisa apresenta-se bem redigido e fundamentado.

Os documentos anexados estão de acordo com as exigências do CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE elaborado apresenta os riscos e os benefícios referente a participação do sujeito na pesquisa, assim como os demais itens exigidos na elaboração desse documento.

A Folha de Rosto foi adequadamente preenchida e está assinada.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto Aprovado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SAO CARLOS, 13 de Abril de 2015

---

Assinado por:  
Ricardo Carneiro Borra  
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-0683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

## APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM O PROFESSOR ANTÔNIO CARLOS

### TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** é ... então professor Antônio Carlos ... é ... o primeiro bloco de ... de assuntos ... vai ser sobre a experiência da vida extraescolar ... tudo o que aconteceu em ambientes fora da escola ... é... então eu gostaria que ... para iniciar ... o senhor falasse ... caracterizasse a sua origem ... falar um pouquinho da família ... a cultura da família e o contexto da época ... o contexto histórico ... político e social de acordo com as lembranças do senhor ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... eu sou nascido e criado aqui em Bernardino de Campos ... de ... na ... de origem humilde ... meu pai era alfaiate ... né? ... mas ... um homem extremamente ... culto ... até hoje ele é ... citado aqui ... ele foi vereador ... ele foi presidente de Câmara Municipal ... e deu para nós uma educação ... nós somos ... nós somos de uma família de ... de ... de ... seis irmãos e ... deu para nós uma educação que ... é irreparável ... meu pai foi ... o meu pai ... minha mãe ... foram... formam um casal de ... de extrema ... valia e isso aí ele ... a minha mãe ainda é viva ... meu pai já falecido ... que me deixa muita saudade ... **MAS NÓS TIVEMOS UMA INFÂNCIA FELIZ** ... muita brincadeira ... muita ... muito pega ladrão ... muita caçada ... caça ao bandido ... é ... bicicleta ... bolinha de gude ... papagaio ... é ...

**Pesquisadora:** e a sua mãe ... ela trabalhava fora?

**Professor Antônio Carlos:** minha mãe era doméstica ... né? ... minha mãe era doméstica ... e tinha o prazer de cuidar dos cinco homens ... dos filhos ... dos cinco homens e mais a ... a trempa de amigos que frequentava a minha casa ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** ela nunca reclamou disso ... e por isso que eu vou dizer para você que ... nas **OUTRAS CASAS** nós não tinha tanta liberdade quanto meus amigos tinham na minha casa ... nós fomos uma família muito feliz ... né? ... apesar de origem humilde .... e ele nos deu condições de **TODOS** os filhos ter formação superior .... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** ele fez tudo para que nós pudéssemos ser ... é ... vencer na vida ... se é que o ... a questão de vencer na vida é sair daquele estado de ... de ... de ... de uma ... certo grau de pobreza ... nós conseguimos vencer na vida ...

**Pesquisadora:** e o contexto ... da época ... assim ... político e social ... o senhor se recorda ... de alguma situação?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... a ... a política era muito ... era muito ... é ... **LOCALIZADA** em duas facções né? ... porque naquela época tinha o ... que eu me lembre né? ... tinha o adhemarismo ... tinha o getulismo ... mas em nível de Estado ... tinha o adhemarismo ... né? ... tinha o Jânio Quadros que era o ... o ... o janismo aqui ... né? ... e ... tinha o ... o ... o ... era Arena e MDB ... era Arena e MDB né? ... e a divisão ... e a ... e a ... e as posições era muito determinada ... muito definida ... a Arena voltada para o Governo e o MDB voltado para a oposição ao Governo ... né?

**Pesquisadora:** entendi ... esquerda e direita?

**Professor Antônio Carlos:** e ... basicamente sim ... apesar de que não sei se o pessoal é ... é ... tinha muita noção da ideia de esquerda ou direita ... acho que era mais contestação de poder ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** era briga de poder ... não era briga de ideologia ... ideologia política não ... era poder ... quem estava do lado da Arena tinha o poder ... quem estava fora da Arena ... tinha que esperar ...

**Pesquisadora:** e aí ... o senhor se recorda assim por que seu pai comentava?

**Professor Antônio Carlos:** meu pai comentava muito ... se existe uma coisa que aconteceu na minha casa ... era ter um homem extremamente aberto e que conversava com os filhos dele ... e em especial comigo ... que eu sempre fui o mais ... penso que fui um dos mais chegados a ele em termos de ... de convivência ... em termos de diálogo ... ele falava muito ... muito ... muito ... explicando as coisas para a gente da época em que ele foi vereador ... que ele foi presidente de Câmara ... da Câmara ai a ... enfim ... todo esse processo de POLÍTICA LOCAL ...

**Pesquisadora:** essa época ... o senhor tinha quantos anos?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... eu tenho ai meus ...

**Pesquisadora:** mais ou menos ... quando ele foi vereador?

**Professor Antônio Carlos:** doze ... treze anos né?

**Pesquisadora:** ah ... entendi...

**Professor Antônio Carlos:** eu já era envolvido ... assim ... eu gostava de estar perto dele para ouvir essas coisas ...

**Pesquisadora:** em qual ano o senhor nasceu?

**Professor Antônio Carlos:** eu nasci em quarenta e sete ...

**Pesquisadora:** e quantos irmãos?

**Professor Antônio Carlos:** então ... nós somos cinco homens ... e uma mulher ... hoje nós somos quatro homens e uma mulher porque o irmão mais velho faleceu ... né?

**Pesquisadora:** e quem ... quem são os irmãos?

**Professor Antônio Carlos:** nome?

**Pesquisadora:** isso ...

**Professor Antônio Carlos:** então ... o Pedro Antônio é o primeiro ... porque meu pai sempre deu ... é ... nome duplo aos filhos ... Pedro Antônio ... Jose Luís ... Antônio Carlos que sou eu ... Mário Alberto ... Odete Ilona ... Ilona é uma ... é uma princesa russa ... né? ... Odete Ilona ... e ... Cláudio Roberto ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** e foi assim ... nossa vida ... não posso me queixar não da ... da minha infância e da minha ... minha infância e adolescência ... jogamos muito futebol ... enfim ... o que era possível dançar ... os bailes de clube aqui nessa época de juventude ... as brincadeiras dançantes nas casas mais abastadas ... nós estávamos lá ... sempre convidados ... porque meu pai apesar da sua simplicidade e humildade era um homem muito considerado na cidade ... como ainda depois de falecido ... ainda é ... é isso ai que eu tenho para falar dessa fase ... tinha uma mãe doméstica ... extremamente carinhosa ... mas de vez em quando puxava nossa orelha porque não dava para ela aguentar a parada de muita gente não ...

**Pesquisadora:** aproveitando esse comentário que a mãe puxa orelha ... eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os princípios de educação que o pai e a mãe passou para você ... tanto dos pais ... quanto das pessoas mais velhas da família ... o que podia ... o que não podia ... o que era permitido e proibido ... regras de conduta ... e as relações com os pais ... com os irmãos ... com os parentes mais próximos e um pouquinho mais das condições de moradia ... o tipo de casa ... de lugar e de vida mesmo ...

**Professor Antônio Carlos:** nossa... o meu pai... o meu pai ... nós tínhamos uma casinha que até hoje existe aqui ... um fato extremamente importante é que meu pai ... nunca pôs a mão num único filho ... meu pai nunca bateu ... naquela época que educar era dar uns tapas ... a mãe que tinha ... perdia a paciência de vez em quando ... puxava orelha ... dava um tapa na bunda ... mas isso não era coisa de ... sabe ... de ... ela ... mas o meu pai nunca pôs a mão num único filho dele ... o que ele fazia era chamar ... era impressionante porque um homem que só tinha a quarta série primária ... era um homem que qualquer travessura que nós fizéssemos lá que num estava de acordo com a orientação deles ... ele chamava e explicava ... ele explicava como tinha que ser ... então os valores morais nossos são os valores presbiterianos ... sabe ...

porque o casal era da igreja presbiteriana ... meu pai e minha mãe ... principalmente o meu pai ... vem de origem e minha mãe se agregou depois que se casou ... por que minha mãe era católica ... mas quando meu pai .... meu pai ... quando eles se casaram eles foram para a igreja presbiteriana e minha mãe foi uma presbiteriana fervorosa como meu pai a vida inteira foi ... o meu pai era homem de ler a Bíblia todo dia e os valores morais que ele nos colocava ... ele tinha tamanha segurança ... ele tinha tamanha segurança no que ele passava para os filhos dele ... que ele dizia que os filhos dele jamais ... jamais ... iriam cometer alguma falta que deixasse ele envergonhado ... e na verdade isso em nível de cidade ... dos antigos amigos ... alguns já falecidos ... diziam ... “poxa, vocês são de uma família de cinco irmãos ... cinco homens e nenhum saiu extraviado” ... os valores morais eram muito grande ... o respeito ... a ... a ... a formação básica que nós tivemos no contexto de igreja e no contexto de valores sociais ... demais de forte ... era o presbiteriano mesmo ... os presbiterianos sempre foram dessa linha mais rígida ... apesar de ele ser um homem bastante amigo ... ele era rígido nos valores que ele colocava para a gente ... mas era um homem aberto ... dá até para colocar aqui uma passagem que o maior amigo de um padre daqui de Bernardino ... que almoçava e jantava na minha casa ... e o meu pai era protestante ... como eles chamavam e meu pai eles eram amicíssimos ... coisa que não acontecia muito ... PELO AMOR DE DEUS ... ISSO ERA UM NEGÓCIO DE MALUCO ... e o Padre Santana ... o prazer dele era ir e almoçar em casa e jantar em casa com meu pai ... amicíssimos os dois ... tanto que uma vez o Padre Santana falou ... “Ferraz ... você precisa ir na minha igreja!” ... e ele ... “Padre ... eu nunca falei para o senhor ir na minha ... desculpa ... vamos mudar de assunto” ...

**Pesquisadora:** religião não se discute (risos) ...

**Professor Antônio Carlos:** isso ... ele disse ... vamos mudar de assunto (risos) ...

**Pesquisadora:** muito bom (risos) ...

**Professor Antônio Carlos:** o colegial nós fizemos aqui né? ... o colegial nós fizemos aqui ... depois que nós fizemos o ... ginásio né? ... porque primário e ginásio nós fizemos em Bernardino ... primário ... ginásio e colegial ... na verdade nós fizemos em Bernardino ... só que depois que terminou o colegial ... na verdade o colegial tinha duas vertentes ... ou você fazia Magistério ou você fazia o científico ...

**Pesquisadora:** é ... que isso eu vou pedir para o senhor falar um pouquinho mais depois ... que isso é da vida escolar ...

**Professor Antônio Carlos:** está ...

**Pesquisadora:** segura aí (risos) ... e a casa onde o senhor morava? ... tipo de casa ...

**Professor Antônio Carlos:** casa de ... como que chama essas casas que nós chamamos até... ah ... casa de tijolo ... casa comum ... simples ... humilde demais ... nós fomos reformando ... fomos refazendo ... uma luta terrível ... né? ... me lembro ...

**Pesquisadora:** então ficaram bastante tempo na mesma casa?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... ficamos ... ficamos ... aqui mesmo em Bernardino ... nascemos aqui e ficamos aí ... os irmãos também ... todos nasceram na casa ... era comum a parteira ... nós fomos nascidos de parteira ... TODOS ...

**Pesquisadora:** o senhor já falou um pouco sobre algumas atividades que realizava ... brincadeiras ... até de lazer ... mas agora queria que o senhor caracterizasse um pouco mais ... que tipo de lugar que frequentava ... passeio ... e se frequentava ... atividades lúdicas e de lazer ... dessa época ... da infância e mesmo da adolescência ... mas que não estão relacionados com a escola ainda ... e as oportunidades que teve de aprendizagem ... tanto para aprender alguma atividade ... quanto para realizar ... atividade cognitiva ... física ... cultural ... se teve alguma oportunidade ou não ...

**Professor Antônio Carlos:** eu vou começar pelo cultural ... que eu me lembro melhor ... na época de moço ... eu era muito atrevido ... eu sempre participei dos teatrinhos aqui ... da peça de teatro ... de peça de teatro ... peça de teatro de natal ... né ... nós participávamos muito



dessa atividade de natal ... até porque a cidade era pequena ... pouca opção de brincadeira ... as brincadeiras eram de rua ... a nossa brincadeira era de rua ...

**Pesquisadora:** entre os irmãos?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... os irmãos ... cada um na sua faixa etária ... eles tinham seus amigos ... né? ... ih ... só no futebol que a gente se encontrava ... porque caso contrário as brincadeiras eram pertinentes à faixa de idade ... então eles ... os irmãos mais velhos não queriam que os filhos menores estivessem perto ... né? ... e apesar da gente não desgrudar deles ... largar deles né? ... queria estar sempre perto ... mas raramente a gente tinha a oportunidade de estar junto ... por conta dessa faixa etária mesmo ... já tinha uma outra perspectiva ... nós uma outra visão ... mas andar de bicicleta ... é ... nadar em ... fazer tanque na fazenda que ... né? ... tinha nascente de água ... faziam ... pegavam esse barro de mina ... fazíamos a ... é ... fazíamos o que nós chamávamos de tanque ... né ... nós isolávamos a parte da água né? ... e íamos nadar né? ... e tinha o administrador da fazenda ... que o prazer dele era vir fazer nós sairmos correndo ... ele ficava esperando nós fazermos ... terminar ... ir lá nadar ... quando chegava para nadar ... ele chegava estralando o reio ... mas nunca bateu em ninguém ... ele só fazia o barulho ... ele esperava entrar para nadar ... aquele molecada ... tinha uns dez ... quinze moleques dentro da água e ele vinha estralando o reio em cima de uma mula lá do alto e vá a molecada saía correndo ... isso era rotina ... todo dia ... acha que ia bater na gente com reio daquele ... ele estava morto com os pais da época ... porque ele conhecia a todos ... ele só fazia barulho ... então ... caçar passarinho ... isso era uma atividade gosto ... fazer pelota ... ao invés de você caçar ... catar pedra ... porque naquela época isso era normalíssimo ... né? ... você ir buscar barro de mina ... barro de olaria ... né? ... e nós passávamos a tarde o dia inteiro fazendo pelotas ... bolinha de barro para ir caçar ... com estilingue e meu pai como era alfaiate ... fazia uns embornais para nós ... ele pegava os panos ... costurava o embornal e punha uma alça ... e nós enchia aquele embornal de ... de ... pelota para sair e caçar aqui ... porque aqui era tudo cafezal ... tudo mato né? ... aqui era só cafezal ...

**Pesquisadora:** saía com os irmãos ... com os amigos?

**Professor Antônio Carlos:** podia até ser ... um ou outro irmão estar junto ... né? ... mas a maioria das vezes com os amigos ... meu irmão mais novo que é o Mário ... ele vinha comigo ... mas o José Luís e o Pedro já estavam em outra ... dificilmente ... nós estávamos juntos ...

**Pesquisadora:** qual é a diferença de idade entre vocês?

**Professor Antônio Carlos:** sempre dois anos ...

**Pesquisadora:** e seu pai ... trabalhava como alfaiate em alguma marca?

**Professor Antônio Carlos:** ele era dono da própria loja dele ... era em casa ... ele tinha os tecidos ... o pessoal queria fazer um terno ... ele vinha lá ... escolhia o tecido ... e tinha lá mais dois que trabalhava com ele ... mais minha mãe ... né? ... e eles faziam o terno ... fazia o colete ... fazia tudo né? ... tudo que quisesse fazer ...

**Pesquisadora:** e atividades cognitivas? ... leitura?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... muito pouco ... era gibi ... nessa fase ... muito pouco ... o que mais nós ouvíamos ... porque meu pai trabalhava até ... muito tarde ... porque ele levantava tarde ... ele trabalhava até tarde ... ele nunca gostou de levantar cedo ... então nós ouvíamos muito ... muito ... muito ... é ... Rádio Tupi ... e a gente ficava ouvindo ... porque era importante ... porque nós ouvíamos todas as notícias que era de rádio ... através da Rádio Tupi de São Paulo ... eu estou querendo lembrar o nome do programa ... mas se eu lembrar ao longo do ... porque era todo dia ... eu estou falando tarde da noite ... mas era oito horas da noite né? ... Grande Jornal Falado ... era o nome da ... Grande Jornal Falado ... era a noite ... todo mundo parava ... nós estávamos em casa ... meu pai costurando e a gente ficava ouvindo ... e o meu pai sempre foi assim ... sempre teve uns amigos que iam lá de noite ... ficar lá para conversar e ... ficar ouvindo o Grande Jornal ... terminava oito e meia ... quinze para as nove e aí encerrava a atividade ... ai ele ficava ... a gente ia dormir ... ele falava ... vão dormir ...

ninguém questionava ... e ele ficava onze horas ... meia noite trabalhando ... Corifeu de Azevedo Marcos ... era o ... tem até o nome de uma avenida lá em Osasco ... que se chama Corifeu de Azevedo Marcos ... era o jornalista que falava o Grande Jornal Falado da Tupi ...

**Pesquisadora:** em relação as atividades físicas mesmo ... alguma prática da Educação Física que o senhor teve experiência e despertou maior interesse ... praticava mais ... tanto nesse período anterior à escola e ... mesmo durante ... depois da escola ... que talvez tenha praticado em ambiente que não escolar ... teve alguma atividade ... alguma prática?

**Professor Antônio Carlos:** o normal era futebol ... mas o que me chamou ... o que me levou a ser professor de Educação Física ... foi o basquetebol ... por causa do professor ... eu já estava no ginásio ... já buscando a formação de professor ... porque nós terminamos o ginásio ... fomos fazer o Magistério ... porque o Sodré era um amigo ... ele morava em Avaré ... ele pegava o trem lá ... ele pegava o trem de Avaré ... que demorava uma hora e meia ... duas horas de trem ... então ele pegava o trem ... lá ... quatro horas da manhã ... vai vendo ... ele passava em casa ... na minha casa ... o professor ... e minha mãe já tinha levantado ... ali por volta das cinco e meia ... seis horas ... e já esperando ele também ... porque isso acontecia ... era natural ... e nós já estávamos todos em pé também ... porque ele passava e tomava o café ... e a gente vinha para a quadra jogar basquete ...

**Pesquisadora:** na escola em horário de aula?

**Professor Antônio Carlos:** fora de aula ... fora de aula ... depois a gente ... naquela época a aula era às oito horas ...

**Pesquisadora:** mas o senhor o conheceu na escola?

**Professor Antônio Carlos:** na escola ... na escola ... amigo ... sempre fui para a casa dele ... um senhor ...

**Pesquisadora:** a sua casa era bem frequentada então?

**Professor Antônio Carlos:** muito ... muito ... muito ... então ele passava lá ... já tinha uma turminha reunida ... e vinha jogar basquete ... nós ficávamos até sete e meia aqui ... mais ou menos uma hora a gente gastava de ... de ... basquete ... eu voltava para a casa ... tomava banho e voltava para a escola ... para a escola ...

**Pesquisadora:** e esse dia ... ele não lecionava?

**Professor Antônio Carlos:** lecionava a tarde ... ele vinha mais cedo ... só para isso ... entendeu? ... e isso fez com que a gente tivesse tamanha amizade e ... influenciou ... porque a gente influencia ... professor de Educação Física sabendo se posicionar ... ele tem a maior influência dentro da escola ... como tem ainda hoje ... eu acredito ...

**Pesquisadora:** e a perspectiva ... os valores que seus pais e sua mãe ... transmitia em relação a prática da do futebol?

**Professor Antônio Carlos:** meu pai era presidente do clube ... ele era tudo naquela época ...

**Pesquisadora:** (risos) ele era bem envolvido ... participativo na sociedade ...

**Professor Antônio Carlos:** você não imagina ... sabe ... ele era presidente do Clube [interrogado sobre o nome] Associação Atlética Bernardinense ... ele foi um dos fundadores do clube junto com um grupo de amigos ... montaram o clube e ele foi um dos últimos vivos ... o último sobrevivente daquele grupo ... que ele foi fundador ...

**Pesquisadora:** e era nesse local ... que vocês jogavam basquete?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... lá só jogava bola ... o clube ... era clube de futebol mesmo ... o basquete ... a gente vinha jogar aqui ... na quadra do ginásio ...

**Pesquisadora:** seu pai ... ele chegou a participar em alguns jogos com vocês ... na época de crianças?

**Professor Antônio Carlos:** o meu pai era presente em todas ... o velho ... podendo estar presente ... ele era um homem super moderno para a época ... eu achava ... mas muito à frente ... mesmo naquela época ... de Arena e MDB ... que tinha uns pega ... de sair tiro ... porque naquela época era normal nego dando tiro por aí ... ele era mediador ... esse homem foi ... eu

não sei se existiu ... ou se dá para conhecer ... um outro homem ... com a mesma característica desse baixinho aí ... meu pai ... em Bernardino ele é uma referência ...

**Pesquisadora:** e qual o nome dele?

**Professor Antônio Carlos:** era Antônio Ferraz de Andrade ... eu sou Antônio Carlos ... ele é Antônio Ferraz ...

**Pesquisadora:** queria que o senhor falasse algum sentimento ... alguma situação ou alguma pessoa em específico que marcou esse período ... dessas experiências fora da escola ... desde o nascimento ... talvez até a entrada na escola ... e posterior à escola ... e não relacionado especificamente com a escola ...

**Professor Antônio Carlos:** que tenha marcado a minha vida de uma certa maneira?

**Pesquisadora:** marcou ou encerrou esse período de algum modo ...

**Professor Antônio Carlos:** olha ... especificamente não tenho ... dizer assim ... esse é o mais importante ... esse é o que mais interferiu na minha vida ... só poderia dizer ... você viu o quanto eu estou falando do meu pai ... e se deixar eu falo o dia inteiro dele ... isso não é nenhuma neurose ... não é nenhuma ... fora do contexto da mais normalidade possível ... porque ele foi exatamente isso mesmo ... mas assim ... eu fui sempre muito independente ... e como independente ... eu sempre lutei pelo meu caminho ... eu sempre fui pelo meu caminho ... ele sempre me deu força para ... “o ... vai em frente” ... eu não tenho outra pessoa ... para dizer que “ó ... você me ajudou ... você me estendeu a mão” ... eu não sei ... eu vou dizer para você ... para você não ficar ... o Artur ... meu primo ... o Artur... meu primo que ... me ... que eu fui morar na casa dele ... que me levou para eu conseguir ... meu primeiro emprego em São Paulo ... foi o Artur ... esse ... eu posso dizer que teve uma importância no começo de minha vida ... já fora de casa ... foi o Artur ... porque minha tia ... tia Élia ... ela era diretora de escola ... em São Paulo ... e os outros dois irmãos ... que eu alcancei eles ... no estudo ... eles foram ser professor de primário lá em Berna... lá em São Paulo ... na escola da minha tia ... depois ... na escola lá por perto eles foram ... logo que eles saíram de Bernardino ... eles tiveram a carreira lá ... foram embora ... eu não ...

**Pesquisadora:** iniciaram lá ... ou continuaram?

**Professor Antônio Carlos:** cresceram lá e continuaram lá ... o Pedro terminou como diretor de escola ... o Zé Luís parou ... foi ser empresário e ... mas ... eu sempre ... sempre quebrando a cara ... então ... eu diria ... para você ... que a pessoa mais importante para mim ... foi a minha tia Nelinha ... que me ofereceu o primeiro abrigo ... fora de casa ... e o meu primo Artur ... que me deu oportunidade de arrumar um emprego em São Paulo ...

**Pesquisadora:** não precisa ser agora ... pode ser depois ... se o senhor tiver alguma fotografia ... ou algum registro dessa época ... ou do seu pai que você falou bastante ... ou desse primo ... da tia ... que são pessoas que de certo modo marcaram a vida do senhor ... principalmente essa fase ...

**Professor Antônio Carlos:** o que eu tiver aqui eu mando para você depois ... o que eu tiver né? ... eu vou selecionar com calma ...

**Pesquisadora:** tem como digitalizar ... enviar por e-mail?

**Professor Antônio Carlos:** eu peço para minha filha fazer isso ... está?

## TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** certo ... agora a gente vai iniciar o segundo bloco de assuntos ... agora é a vida escolar ... toda a experiência ... desde que entrou na escola até o término da Educação Básica ... não é ainda a faculdade ... então para iniciar ... eu gostaria que o senhor contasse como foi ... o início na escola ... não sei se iniciou na 1ª. série ... ou se fez pré-escola ... o senhor vai contar ... se foi escola pública ou privada ... quais eram as perspectivas do pai e da mãe ... em

relação ao estudo e à escola ... e em relação à sociedade também ... daquela época ... e do futuro ... e como que foi ... se é que foi ... a participação dos pais na ... vida escolar ...

**Professor Antônio Carlos:** eu vou começar pela participação dos pais ... sempre muito presente ... obrigando nós antes de sair para a bagunça ... fazer a lição de casa ... só se saía de casa ... depois que fizesse a lição ... não tinha conversa ... não tinha choro ... não tinha manha ... tinha que fazer a lição de casa ... então ... nós estudávamos de manhã ... e ... depois do almoço ... eles já nos colocava para fazer a lição ... e depois ... então ... você estava liberado ... fez a lição de casa ... estava liberado ... eles acompanhavam a gente ... nós nunca demos problemas na escola ... aliás no 1º. ano ... eu passei ... eu ganhei um livro ... chamado “Teo e Tico” ... eu passei em segundo lugar ... do 1º. para o 2º. ano ...

**Pesquisadora:** tinha classificação?

**Professor Antônio Carlos:** tinha ... puta quadro de honra ... né? ... tinha quadro de honra ... tinha a classificação ... eu passei em primeiro lugar ... de 1ª. a 4ª. séries ... é interessante ... eu sempre fui ... um bom aluno ... de 5ª. a 8ª. ... e ... sofri um impacto violento ... passei apertado ...

**Pesquisadora:** só voltando um pouco ... o senhor fez pré-escola?

**Professor Antônio Carlos:** não ... naquela época ... não tinha ... não tinha ... na verdade você fazia ... é ... o primário e ... do primário à 5ª. série ... você tinha que fazer um vestibular ... porque não era vaga ... para todo mundo ... você tinha que fazer uma prova ... né? ... e aqui entra o papel de um professor ... chamado Orindo Bekerri ... foi ele que dava o cursinho ... eu não fiz o cursinho ... ele que dava o cursinho para a turma ... para passar para a 5ª. série ... mas ... eu acho ... que pelo meu histórico ... porque eu fiz a prova seletiva ... e nós fomos em frente ... mas da 5ª. para a 8ª. série ... foi meio pesada para mim ... até eu tinha fama ... de passar por Decreto ... porque aconteceu dois fatos interessantes ... para mim ... eu tirei zero em latim ... todos os meses da 5ª. série ... zero ... eu não tirava mais que zero ... eu não sabia nada de latim ... só que eu ia ser reprovado ... em latim ... porque não dava nem para fazer segunda época ... tiraram o latim da 5ª. série e ... passaram para a 6ª. série ... aí eu fui promovido para a 6ª. série ... porque era só o latim que me impedia de ir para a frente ... aí na 7ª. série ... passei na 6ª. ... foi tranquilo ... na 7ª. para a 8ª. série ... é ... eu fiquei em ... história ... era um absurdo ficar em história ... mas fiquei em história ... mas veio na época ... a história passou a ser estudos sociais ... então tiraram do currículo ... história ... e passou a ser estudos sociais ... e eu fui promovido ... de novo ... então não repeti ... você está entendendo? ... e a fama minha ... que eu era ... o homem do Decreto ... o homem do Decreto ... eu passei ... esse período ... foi o pior período de estudo meu ... porque daí para a frente ... quando eu já entrei no Magistério ... aí ninguém mais me segurou!

**Pesquisadora:** e o início mesmo na escola ... os primeiros dias ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... mas foi o início ... o início era gostoso ... porque a escola era gostoso ... nós queríamos ir para a escola ... a escola era o atrativo ... porque não tinha nada na terra ... ou na cidade ... não tinha distração ... a gente queria ir para a escola ... nós levávamos canequinha pendurado na cintura ... para tomar água ... era tudo bonitinho ... de camiseta branca ... calça curta ... azulzinha ... tudo bonitinho ... eu me lembro muito bem disso ...

**Pesquisadora:** e foto desse período?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... eu quero ver se eu acho ... eu nunca fui muito apegado a fotografia ... registrar passado ... mas eu sei que tem uns amigos que tem ... eu vou procurar ... deve ter por aí ... eu vou procurar ... minha mãe ... meu pai ... tem umas latas de fotos deles aí ... e eu vou ver ... quem sabe eles tem até guardado ...

**Pesquisadora:** eu queria ... que o senhor falasse da trajetória escolar ... mesmo desde o início ... até o término no Magistério e ... em relação a algum conteúdo que marcou ... como era trabalhado esse conteúdo ... que tipo de atividade era mais comum se desenvolver ...

independente da matéria ... método de ensino que os professores usavam ... recursos da escola ... recursos físicos ... materiais ... tipo de avaliação ... sobre a atuação dos professores ... as relações com os alunos ... do professor com aluno ... entre aluno e aluno ... os trabalhos ... as tarefas ... do desempenho escolar que o senhor já contou um pouco ... se o senhor quiser falar mais ... fique à vontade ... e se o senhor participava de algum projeto ... do evento da escola ... grêmio ... e se tinha preferência em relação a alguma disciplina ... mas desde a 1ª série até o Magistério ... e como era o convívio com os demais atores do ambiente escolar ... funcionários da escola ... merendeiras ... inspetor de alunos ... diretor ... coordenação e com os próprios colegas mesmo ...

**Professor Antônio Carlos:** bom ... eu vou começar pela sala de aula ... a primeira e última palavra dentro da sala de aula era do professor ... não tinha conversa ... ou era respeito por respeito ou ... era respeito por intimidação ... mas existia ... a ... era comum até os professores levarem umas varinhas de marmelo ... que eles chamavam ... na época era famosa ... senhora da varinha de marmelo ... para a professora dar umas lambadas em nós ... ou tacar giz ou ... até apagador já choveu lá no meio da sala ... mas isso era ... o modelo de escola ... era assim que a coisa funcionava [pergunta a década] ... ah ... cinquenta ... sessenta ... né? ... esse foi o período que nós estávamos na escola ... e ... tinha as professoras bravas ... quando saía o ano para escolher ... para a gente saber que classe a gente ia ... porque o professor não acompanhava a classe ... então era uma luta ... eu era uma ... uma luta interna para a gente saber ... se não ia cair na classe ... daquela e daquele outro professor ... porque aquilo lá era coisa feia ... todo mundo sabia ... a comunidade pequena ... todo mundo sabia de tudo ... a luta era saber com quem a gente ia cair como professor ... agora ... conteudista do começo ao fim ... você só aprendia por entender ou aprendia por decorar ou ... por cola ... eu não fui muito dessa época de cola ... a gente não tinha esse perfil de colar ... engraçado ... mas a maioria das coleguinhas ... das meninas ... que tinham aquela sainha plissada e tal ... escrevia na perna as colas e fazia mesmo ... porque era só conteudista ... você entendeu ou não entendeu ... tinha que transmitir aquilo que foi passado ... é um repeteco ... uma reprodução exclusiva ... o processo era reprodutivo ... não tem papo ... tanto que isso aí quando veio uma outra conversa ... que nós poderemos falar mais tarde ... que foi o tal de construtivismo ... gerou um pânico total ... mas o processo era repetitivo ... a avaliação era essa ... você não podia mudar uma palavra do que a professora tinha dado ... você tinha que responder daquele jeito ... as perguntas eram assim fechadas em cima do texto ... e ... trata de responder ... e avaliação ... era avaliação ... eu me lembro que nós tínhamos uma avaliação mensal ... todo mês nos tínhamos que fazer uma prova mensal ... que mais tarde ... não muito mais tarde ... passou a ser prova bimestral né? ... mas no começo ... era tudo uma avaliação mensal ... não tinha conversa não!

**Pesquisadora:** e o tipo de atividade que era desenvolvida ... que era mais comum ... aquele tipo de atividade ... que o professor trabalhava ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... você ficar ouvindo ... a atividade era essa ... você presta atenção ... que vai colocar um resumo na lousa e vai explicar o resumo da lousa ... você está entendendo ... então você tinha que estar atento ao resumo ... se você gostava mais daquela matéria então ... tal ... você ouça ou ... se percebia ou entendia melhor ... estava feito ... se não entendesse nada ... como era meu caso em latim ... já levava zero ... não tinha o que fazer ... outra coisa ... era reprodução pura e exclusiva ... sem mudar uma vírgula ... lembranças mais marcantes de 1ª. a 4ª. ... da 5ª. a 8ª. ... mais marcante de 5ª. a 8ª. ... porque de 1ª. a 4ª. o processo era alfabetização ... a cartilha Caminho Suave ... lá na alfabetização de 1º. ano ... nós usamos uma cartilha Caminho Suave e ... mas ... depois que se alfabetizou ... o processo já (risos) era prático ... a coisa era prática ... não tinha muito ... é ... em alguns intervalos de professora cansada ... ele levava lá nós para o prático ... brincar um pouquinho ... corria um pouquinho com a molecada e voltava para a sala ...

**Pesquisadora:** esse período de 1ª. a 4ª. ... não tinha professor especialista de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** nem pensar ... levava lá e a turma ia brincar de barra-manteiga ... o que nós brincávamos era de ... como chama aquele negócio ... de queimada ... aliás noventa e nove por cento das brincadeiras era queimada ...

**Pesquisadora:** e vocês mesmos que se organizavam?

**Professor Antônio Carlos:** é ... as professoras ... dividia lá elas ... professora para manter disciplina ... ela dividia os grupos por ... par ou ímpar e depois se vira ... vamos lá ... toca o barco ...

**Pesquisadora:** não explicava?

**Professor Antônio Carlos:** nada ... que nada ... a molecada já sabia isso de rua ... essas brincadeiras já eram brincadeiras ... já sabia ... já conhecia de rua ...

**Pesquisadora:** e os recursos da escola?

**Professor Antônio Carlos:** pobre ... giz e apagador e alguns mapas ... e alguns mapas que vinha ... que a própria escola ... um pai mais abastado comprava ... que era mapa mundi ... mapa da ... esses mapas cartográficos que vinha muito ... porque o Estado não dava essas coisas ...

**Pesquisadora:** livros?

**Professor Antônio Carlos:** livro ... também tinha que comprar ...

**Pesquisadora:** tinha biblioteca?

**Professor Antônio Carlos:** tinha ... mas ... humpf ... isso era alguns livros de bibliotecas também doado pela comunidade ... era livro doado pela comunidade ... com a intenção de ter lá uma biblioteca ... frequentar uma biblioteca e pesquisa ... essas coisas ... para ... as pesquisas que eles davam para nós estava muito mais voltada ... para você consultar o pai ... foi fazer uma pesquisa lá de qualquer ... uma área qualquer ... aonde que você vai pesquisar? ... vai pesquisar com a família ... com os amigos ... eu tinha que sair perguntando ... como nós tínhamos uma enciclopédia dentro de casa ... que era meu pai ... então ele atendia a todos os filhos ... e a todos ... o time inteiro lá ... ele respondia para a turma essa pesquisa ...

**Pesquisadora:** seu pai tinha o hábito de ler?

**Professor Antônio Carlos:** MUITO ... só né? ... muita leitura ... meu pai foi um homem que morreu com noventa e cinco anos lendo ... muita leitura ...

**Pesquisadora:** você disse ... que ele lia bastante Bíblia?

**Professor Antônio Carlos:** Bíblia ... jornal [interrupção de alguém que ele convida para conhecer a entrevistada] ... Bíblia ... jornal e rádio [interrompe a entrevista] ...

**Pesquisadora:** continuando então com o assunto ... sobre a escola né? ... sobre a relação aluno ... aluno ... gostaria que o senhor falasse ... e se havia participação em projetos ... eventos da escola ... grêmio ... preferência em relação à algumas disciplinas ... e convívio de modo geral na escola ... ah ... e também sobre trabalhos ... tarefas ... intensidade ... frequência ... como que era ...

**Professor Antônio Carlos:** a relação entre nós dentro de sala de aula era muito ... muito ... amigável ... muito tranquila né? ... eu não me lembro de nada que pudesse marcar esse período ... porque era muito gostoso ... a gente saía para a sala ... era ... era ... da sala de aula ia lá para o pega-pega ... era pique-bandeira ... era brincar no pátio né? ... a merenda escolar era dada só para quem era da caixa ... então [como assim?] ... da caixa ... quem tem ... tinha atestado de pobreza ... então tinha o tratamento dentário era para quem era ... então tinha ... tinha um modelo de administração que vinculava o pessoal chamado da caixa ... esse pessoal da caixa ... ele tinha direito a material didático ... cadernos ... livro ... borracha ... lápis ... caneta ... enfim ... todo o material para a escola né? ... dentista gratuito e ... e ... alimentação ... só para os que eram da caixa ... quem não era da caixa tinha que levar lanche e quem não levava lanche dividia com o ... pegava lanche ... é ... é ... tinha uma brincadeira que agora me

falta a memória que era para dividir o lanche ... tinha lá um jogo que nós fazíamos com as crianças ... nós fazíamos entre si né? ... e quem perdia tinha que dividir o lanche com outro que não tinha o lanche ... era a criatividade da criança ...

**Pesquisadora:** isso em qual série?

**Professor Antônio Carlos:** na 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Pesquisadora:** e o senhor pertencia a qual grupo aí ... da caixa?

**Professor Antônio Carlos:** NÃO ... nunca aceitaram ... tinha que levar lanche ... meu pai e minha mãe comprava pão e punha ovo no meio e ... punha mortadela ... era assim que nós fazíamos ... e esse lanche ... assim ... era tomado com água mesmo ... não tinha nada de benefício ... até porque consideravam .... e era interessante ... que nós éramos os riquinhos da cidade ... judiação ... mal sabiam ... e sabiam ... mas era assim ... meu pai era tão influente que parecia que era um homem de muita posse ... é interessante um homem que nunca ... muito pobre ... mas ele tinha uma influência cultural ... política ... dentro da cidade ... que achavam que ele era um homem de posse ... achávamos que nós éramos ricos ... engraçado isso ... ou interessante ... eu falo engraçado que é um termo que eu uso para substituir interessante ... mas é interessante demais ...

**Pesquisadora:** e a participação em projetos?

**Professor Antônio Carlos:** projeto não existia ... projeto não tinha ... não tinha ... o que às vezes ... o que ocorria em nível de projeto ... e nós fazíamos muito ... era quando vinha chegando ... dia das mães ... era comum isso ... os professores distribuía lá uma fotografia de uma ... uma ... como que chama aí? ... uma transparência ... uma espécie de transparência da mãe né? ... e a gente pintava né? ... e levava para a mãe né? ... os projetinhos eram assim ... quer dizer ... tudo que ... dia da criança ... dia do índio ... dia dos pais ... dia das mães ... né? ... festinha de aniversário da escola ... isso era muito comemorado ... tinha desfile ... né? ... nós agregávamos na época a escola de 2<sup>o</sup>. grau né? ... do colegial ... que tinha fanfarras ... que tinha tudo ... nós estávamos lá atrás ... com as nossas ... com o nosso ... com a escola toda de molecada de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries e era muito grande né? ... devia ter umas doze salas de aula e essas doze salas de aula agrupava junto com o pessoal de colegial ... de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... e ia desfilando ... isso nós participávamos de desfile ... sete de setembro né? ... de vinte e um de abril ... tinha desfile ... vinte e um de abril comemoração de Tiradentes ... tinha desfile ... sete de setembro tinha desfile ... data de Bernardino ... nove de outubro ... tinha desfile ... desfile né? ... era um festão ... festão da cidade ... que a escola participava e nós éramos agregados a ela ... a essa modalidade ... isso antes era os eventos que ocorriam ... dia do índio eles pintavam nossa cara tudo de indiozinho como até hoje fazem ... da época de Páscoa ... o prefeito mandava uns ovinhos de páscoa também ... e distribuía tudo para as escolas e cada um saía com um ovinho de páscoa ... um saquinho de bala ... isso vindo do prefeito ... do período da Páscoa ... eu me lembro bem ...

**Pesquisadora:** e a relação com os outros funcionários da escola ...

**Professor Antônio Carlos:** ah era amigável ... porque todos eles ou era do meu pai ou era amigo da minha mãe ... tudo ... e nós não éramos indisciplinados ... não ... não tinha essa de confusão não ... não tinha isso ...

**Pesquisadora:** o senhor tinha preferência por alguma disciplina?

**Professor Antônio Carlos:** NENHUMA ... eu não tinha ... eu só sabia ... nesse período nós queria jogar bola ... futebol e basquete ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries era futebol ... futebol ... futebol ... futebol ... a brincadeira fundamental nossa era jogar futebol ...

**Pesquisadora:** mas em relação a alguma matéria ... tinha preferência?

**Professor Antônio Carlos:** não ... tive ... é engraçado ... eu fui me identificar muito quando eu cheguei no Magistério que eu comecei a me perceber né? ... mas não tinha muita segurança pelo que eu queria não ...

**Pesquisadora:** e essa opção pelo Magistério ... foi uma opção?

**Professor Antônio Carlos:** era ... era ... era aquela história ... nós éramos formados ... nós íamos para a escola ... no ginásio ... noventa e nove vírgula nove por cento dos colegas ... noventa e nove por cento era Magistério ...

**Pesquisadora:** tinha outra opção?

**Professor Antônio Carlos:** tinha o colegial ... tinha o científico ... que levava você para Medicina ... para as áreas de humanas ... científicas né? ... e o Magistério levava nós para o Magistério ... para a formação de professor de 1ª. a 4ª. séries que era bom negócio ...

**Pesquisadora:** esse científico era como fosse Médio hoje? ... depois tinha que fazer Faculdade ... não era profissional como se fosse o Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** sim ... não ... só que ele era específico ... o Magistério te dava diploma e o científico te dava certificado ... o certificado certifica que você concluiu o segundo grau e o diploma dizia que você estava preparado para trabalhar ... pode ir para o Magistério ... pode dar aula ... profissional ...

**Pesquisadora:** mas então de certo foi uma opção?

**Professor Antônio Carlos:** era opção nossa ... porque nós tínhamos uma tendência ... é ... e até por causa de não se identificar com muita coisa ... a gente ia para o Magistério ...

**Pesquisadora:** e o pai e a mãe ... o que falaram?

**Professor Antônio Carlos:** ADORAVAM ... porque só de passar por ele ... minha mãe fez 4ª. série ... pô ... isso já era uma conquista para eles enorme ... meu pai e minha mãe tinham só a 4ª. série ... então para eles já era uma conquista ... nossa ... ter meus filhos já fazendo o Magistério ... ser professor ... e ser professor naquela época era uma conversa diferenciada ...

**Pesquisadora:** e o senhor lembra o período que cursou Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** sim ... sei sim ... sessenta e seis ... sessenta e cinco ... sessenta e quatro ...

**Pesquisadora:** e do Magistério ... tem alguma experiência para contar ... uma identificação maior com alguma matéria?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... eu tive uma experiência interessante quando terminei o Magistério ... nós fomos para o Rio ... a caipirada toda ... fomos conhecer o Rio de Janeiro ... uma excursão da turma ... com uma mulher de um militar daqui que era carioca ... né? ... e que nos levou para o Rio ... me lembro que nós passamos lá pela praia de Copacabana e tinha um colega que estava com calção ... calção mesmo desses da gente nadar aqui no ... um carioca falou ... eita essa caipirada ... primeira vez na vida e na morte que vem aqui para o Rio de Janeiro (risos) ... nunca mais esqueci esse fato ... aquele bando de caipira andando na beira da praia ... os cariocas tomando chopinho ... e ... e virou e falou para o outro e falou ... “ae caipirada ... uma vez na vida outra na morte” ... ae eu olhei de lado ... porque nós estávamos tudo moderninho ... de sunguinha ... mas tinha o ... como chama? ... o Orlando ... estava de carçãozão ...

**Pesquisadora:** e o senhor voltou para o Rio em algum outro momento?

**Professor Antônio Carlos:** voltei ... voltei com outro amigo outra vez ... prometendo para ela ... e para a noiva desse nosso amigo ... que nós íamos depois do jogo ... o São Paulo ia jogar futebol ... nós éramos fanáticos por futebol ... e era num sábado ... então nós prometemos para ela ... nós vamos no jogo ... depois do jogo você pode escolher a boate ou o lugar que vocês quiserem ir que nós vamos levar vocês ... e se vocês não souberem escolher nós vamos dar um jeito e perguntar lá ... na certeza que o São Paulo ia ganhar ... e o São Paulo perdeu ... do jeito que nós saímos lá do campo ... lá do Maracanã ... pegamos o carro e viemos embora para São Paulo ... até hoje ela (risos) ... mas bravo ... nós éramos mais fanáticos por futebol do que pela mulher (risos) ...

**Pesquisadora:** e ... eram três anos ou quatro anos de Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** quatro ... quatro anos ...



**Pesquisadora:** agora eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre alguma experiência da escola ... tanto de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ou no Magistério ... que contribuiu ... principalmente até a 8<sup>a</sup> série ... que contribuiu para opção pelo Magistério ... o senhor já comentou um pouco né? ... que era a tendência da época ... e no caso ... não sei se isso ocorreu já durante o Magistério ... o que contribuiu para a escolha da docência na Educação Física ... talvez ... não sei ... influência de alguma situação ... ou de algum professor [intervenção do professor: vixe ... essa história é longa]... pode contar ... e sei lá ... experiências escolares que cruzou o tempo ... cruzou a graduação ... perpassou né? ... e qual que era também ... não sei se o senhor tem o que contar ... pode contar .... a concepção de Educação Física nessa época ... na época que o senhor era aluno né? ... e a concepção de professor de Educação Física nessa época que o senhor era aluno ...

**Professor Antônio Carlos:** claro ... tenho até história para contar ... bem ... a gente fez até o magisté ... até a 8<sup>a</sup>. série ... nós não tínhamos a menor noção do que queria ser na vida ... na verdade ... a gente ... realmente não tinha noção ... do Magistério ... quando a gente começou ... é ... é ... a fazer os estágios ... nós tínhamos uma professora chamada Darli ... e a Darli era nossa professora de metodologia e prática ... então nós tínhamos que fazer um plano de aula para fazer o estágio e nós tínhamos que ir lá no ginásio ... no grupo ... lá no grupo escolar .... e dar aula ... nós tínhamos que dar aula ... e a turma ficava lá no fundo da classe avaliando ... depois nós comentávamos isso ... isso era um belo desafio de experiência ... a turma da classe ... você ia ... “hoje é você que vai dar aula ... prepara a aula ... vê o que você tem” ... vixe ... preparava do jeito que a época permitia ... e você ia lá na frente da molecada ... a professora estava lá do estágio ... e a professora da classe para manter a disciplina se fosse o caso ... e a gente dava aula ... começou a ser um desafio interessante ... porque era gostoso ... a gente tremia de medo para ir lá dar aula ... nossa senhora ... aquilo lá ... hoje sou eu ... nossa senhora ... aquilo era morte ... mas depois você vai se acostumando ... se você gosta ... você começa a ser mais criativo ... né? ... e foi assim que aconteceu ... nós começamos a ser mais criativos ... o pessoal começou a crescer ... só que quando terminou o Magistério ... é ... o que tinha que fazer aqui ... aqui você terminou o Magistério ... ou você terminou o científico ... você não duas conversas ... vai embora para São Paulo ... tem que ir para São Paulo para arrumar emprego ... eu fui ... eu alcancei meus dois irmãos ... o Pedro e o José Luís .... e nós fomos para São Paulo ... só que eles já foram com emprego garantido ... porque minha tia era diretora ... mas não tinha espaço para três ... eles foram morar com a minha tia Eler ... e eu ... fui morar com a minha tia Nelinha ... cunhada do meu pai ... eu fui morar com ela lá no centro de São Paulo e fui procurar serviço ... único ... única ... e na época isso era importantíssimo ... era você ser do interior e ter um diploma ... nós tínhamos um diploma do Magistério ... eu fui para ... eu fiz um teste numa firma multinacional na época ... que era a Samba ... fábrica de óleo ... e eu passei no teste ... onde meu primo Artur trabalhava ... ele conseguiu me levar para lá para fazer um teste ... para arrumar um emprego lá na Samba ... e na semana seguinte me chamaram ... o pessoal do recurso humano lá da Samba me chamou ... e falou ... “olha Antônio Carlos ... você foi muito bem na prova aqui ... só que nós temos vaga para você a não ser daqui um mês” ... eu disse .... “eu não posso ... eu não tenho recurso para ficar um mês sem trabalhar” ... aí ela falou assim para mim ... “mas você não faz questão de ir para o escritório tal que é correspondente nosso aqui e eles estão precisando de gente lá ... você só leva o seu ... a sua avaliação que eles já vão te encaminhar” ... eu falei ... “ah tudo bem ... ótimo” ... e eu fui para lá e eles me encaminharam para São Paulo Alpargatas ... na época era uma empresa extremamente atualizada ... estava no top de São Paulo ... estava a São Paulo Alpargatas ... e eu me lembro bem quando cheguei lá ... para ... para... caipira ... de terninho ... porque ... eu fui recebido pelo Seu Tavares ... eu ia ser escriturário ... departamento fiscal ... escriturário do departamento fiscal ... eu me lembro de uma frase ... isso me marca até hoje ... me marca a visão que eu tenho do Seu Tavares que na época já estava velhinho ... “você é

professor?” .... eu estava assim ó ... mais branco que a minha parede ... e o velho chegou ... o velho era o chefe ... “você é professor? ... quando eu sair daqui você vai ser meu substituto” ... eu não entendi nada ... eu sou um mero professorzinho de primário e o homem me dá esse tamanho dessa viagem ... desta [suspira] ... ele se aposentou ... eu meu tornei chefe do departamento fiscal da São Paulo Alpargatas ... mas eu fui o chefe mais rápido que existiu na São Paulo Alpargatas ... porque nesse período ... eu vou dizer para você .... porque foi sessenta e sete ... sessenta e oito ... eu fui sessenta e sete para lá ... sessenta e sete ... sessenta e oito ... sessenta e nove? ... metade de setenta ... é ... metade de setenta ... eu trabalhei na Alpargatas e fui ser chefe de uma fábrica daquela Alpargatas ... aquela alpargata de pano ... não sei se você chegou a conhecer ... acho que não é da sua época ... e o que tinha que fazer? ... trabalhando e administrando uma fábrica com diploma de professor primário ... eu fui fazer Administração de Empresas ... certo ... eu fui para Mogi ... passei em Administração de Empresas em Mogi ... e fiz Administração de Empresas em Mogi e fui até ... transferi de Mogi ... para mais fácil traslado .... eu trabalhava ali na Mooca e da Mooca eu já pegava o trem e era mais fácil eu ir para Santo André do que para Mogi das Cruzes ... eu fui fazer a Faculdade de Administração de Empresas ...

**Pesquisadora:** a gente vai falar um pouco mais disso depois ... pode ser? [resposta assertiva] ... voltando ao Magistério agora ... a escola ... as experiências escolares mesmo ... o senhor falou de algumas ... da tendência da época ... porque foi para o Magistério ... eu queria saber especificamente se teve alguma situação ... experiência ou pessoa que contribuiu para a docência na Educação Física ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... é o final dessa história ... então o que aconteceu ... presta atenção ... eu estou no 4º. ano de Administração de Empresas e eu sou chefe da fábrica ... né? ... 4º. ano de Administração de Empresas ... o que é que eu fiz ... estava saindo naquela época uma nova área que era precursora ... que era ... custo de produção ... contabilidade ... na verdade passou a ser chamada ... atualmente passou a ser chamada de contabilidade de custo ... mas na época era chamada de custo de produção ... e aquilo para mim era extremamente importante ... entendeu? ... porque nessa época eu já havia me identificado com Estatística ... eu já havia me identificado com a matemática ... já havia me identificado com a Administração ... de escriturário me tornei o direto da ... mas ainda nessa época eu era só o chefe da fábrica lá ... quando eu cheguei para o Seu Tavares ... ele ainda não tinha aposentado ... “Seu Tavares eu quero ir para a contabilidade de custo” ... ele falou .... “espera mais um pouco” ... eu falei ... “não Seu Tavares custo para mim é o negócio” ... “então eu vou te transferir para lá” ... quando ele me chamou para ser transferido para lá que a semana seguinte eu ia ser transferido para lá ... acontece que o seu Tavares se afastou ... ele se afastou ... ele aposentou ... e puseram um caboclo lá bom tecnicamente mas irresponsável e que eu fui chamado para resolver um problema daquela época ... de um mil noventa e sessenta ... de mais de um bilhão de reais ... imagina ... de cruzeiro ... era um negócio louco ... aquilo ia cair a cabeça de todo mundo ... da diretoria inteira ia para o espaço ... como a Alpargatas não recolhe o ICM<sup>147</sup> ... e o IPI<sup>148</sup> ... né? ... da produção do mês ... como? ... e jogaram na minha mão na semana ... e eu resolvi ... pus dez secretárias comigo para datilografar ... porque naquela época não tinha computador ... era tudo datilografia ... tinha que bater as guias ... separando ... olha ... eu fiz não teve um erro ... não teve um erro ... nós fomos para a secretaria da fazenda no dia ... no último dia de pagamento ... seu Mário era o pagador ... ia até com a mala de dinheiro e bônus e uma algema na mala ... sabe? ... fomos lá ... conferiram tudo e pagaram ... alívio geral ... ao invés de ir para o custo ... me botaram para ... mas aquela colocação minha na chefia do departamento fiscal eu acho que foi mero desabafo do pessoal ... alívio ... né? ... eu tinha chefe de escritório ... tinha outras chefias ... claro que ia ser

<sup>147</sup> Referiu-se ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS).

<sup>148</sup> Imposto sobre Produtos Industrializados.

envolvida nesse negócio ... eu acho que eles escolheram ... eu era muito novo ... eu tinha vinte e dois anos .... e me guindaram a chefia e me cortaram que eu queria ir para o custo ... eu fiquei quinze dias na chefia ... “um dia eu chego lá” eles falaram ... “não você não vai ficar aqui não ... você vai ... nós vamos tirar você daqui” ... eu chorava que nem criança ... desespero ... nervoso ... não achava motivo ... mas era assim ... a verdade era assim ... eu era um rapaz de vinte e dois anos num cargo que sempre foi ocupado por gente de mais de quarenta ... de cinquenta anos ... então me cortaram ... entendeu ... me cortaram ... eu peguei meu paletó ... peguei minha gravata ... e falei ... “nunca mais ... a não ser para o velório ... eu ponho esse terno ... essa gravata” ... como eu fazia em Santo André ... eu estou lá e o pessoal saiu a propaganda ... Educação Física ... naquele semestre ... né? ... foi em julho ... eu falei ... “vou fazer essa faculdade ... eu vou fazer esse vestibular” ... entendeu? ... pedi demissão da Alpargatas .... não aceitei ... pedi demissão ... fui embora ... o negócio aqui me arrasou ... né? ... eu pedi demissão ... fui embora ... eu falei .... “agora eu vou me acertar” ... e tinha os meus amigos ... “o você é competente cara ... volta .... volta para essa área nossa ... você tem espaço” ... “não quero ... não quero mais sacanagem comigo” ... e fui lá fazer a Educação Física ... lembrando no Sodré que era meu professor de basquete ... né? ... lembrando dele ... e fui lá fazer a prova ... não estudei .... não preparei nada ... mas eu tinha uma bagagem de faculdade e tal ... e no fim ... eu fui guindado ... eu fui escolhido ... fui aprovado ... para ir para a faculdade ... eu arrumei um empreginho para pagar a faculdade ... né? ... já morando independente ... eu não morava mais com família ... era um emprego numa fabriqueta de mimo ... para eu controlar a parte contábil dessas coisas ...

**Pesquisadora:** e a administração?

**Professor Antônio Carlos:** mandei para o espaço ... faltou um semestre para eu terminar ... não sinto a menor ... e fui para a Educação Física ... passei na Educação Física e fui fazer Educação Física ... passei no concurso do Estado sem querer passar ... porque eu já estava no Objetivo ... já estava bem encaminhado com escola particular ...

**Pesquisadora:** aí o senhor vai falar um pouco mais depois ... tudo bem? [responde assertivamente] ... chegamos na Educação Física então ... que experiência o senhor considera que cruzou o tempo ... tanto da Educação Básica ... do Magistério ... da formação da graduação e que passou pela atuação profissional que faz de repente do senhor o que o senhor é hoje?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... eu acho que a experiência foi o convívio familiar ... não ... o ambiente da minha família ... o que atravessa isso tudo ... eu vou dizer uma vez ... já na época já de ditadura ... eu já nessa época ... só para ilustrar esse fato ... meu pai ... eu lembro uma vez... eu era ... eu era ... sempre fui o sabichão ... queria aparecer ... eu na época era presidente do diretório acadêmico da faculdade de Educação Física lá de Santo André ... está entendendo? ... e eu voltando ... vindo para Bernardino e tal ... e aqueles movimentos estudantis ... aquelas coiseiras ... a gente tinha até recebido um general lá na faculdade ... o general veio ... reuniu a diretoria com a gente lá ... “você não façam política aqui dentro ... vocês podem fazer política de educação ... pode mandar fazer greve por professor ruim ... por qualidade de ensino ... por qualquer outro motivo dentro da escola ... mas por política partidária não façam” ... foi só isso uma vez ... então não fazia nada ... professor de Educação Física não estava muito ligado a essas ... não é o espírito do professor de Educação Física estar ligado a essas coisas ... e eu me lembro quando nós viemos para cá ... o meu pai conversando com o Renato Barbério que era amigo dele ... o Renato falou ... “Ferraz .... você não está vendo ... você não tem medo dos seus filhos estar lá ... naquele meio” ... e meu pai falou ... “eu não ... se existe uma coisa que eu nunca perdi meu sono foi em relação às atitudes dos meus filhos ... que eles nunca vão entrar numa gelada dessas ... eles não vão entrar nessas coisas ... essas coisas não ... não ... vai resolver a vida deles ... eu posso ficar tranquilo” ... sabe? ... vê a segurança que ele tinha em relação àquilo que nós éramos ... que ele tinha

deixado para nós ... então eu digo para você que o que transpassa tudo essa nossa vida e continua ainda são os valores familiares ... os laços familiares ... você vê ... eu brigava com meu irmão mais velho ... né? ... o mais velho era com quem ... era ... nós ... entre nós ... entre nossos irmãos era com quem a gente mais se adorava ... eu e meu irmão mais velho ... mas a gente saía no pau ... uma briga que você não pode imaginar ... e não se largava ... você acredita ... tanto que no dia que ele morreu ... ele morreu aqui ... ele morreu aqui ... a minha cunhada ligou para mim numa noite dizendo que ... a Eide avisou ... “olha o Pedro foi internado na UNIMED<sup>149</sup> em Ourinhos mas a Cleide disse que você não precisa se preocupar que está tudo bem” ... então seis horas da manhã eu estava na porta do hospital lá ... a Cleide desesperada ... quando o Pedro me viu ... “Boy do céu pelo amor de Deus” ... me chamam de Boy ... “Boy do céu pelo amor de Deus me ajuda” ... eu só abracei ele ... pus ele no meu colo ... depois chegou o médico ... eu dei um beijo nele ... levaram ele para a UTI e ele morreu ...

**Pesquisadora:** ele faleceu do que?

**Professor Antônio Carlos:** ele tinha uma doença chamada Crohn ... doença de fundo nervoso ... mas na verdade ele teve uma infecção generalizada ... ele não notou ... ficou muito fraquinho de uns remédios que ele tomava ... ficou vulnerável ... mas é isso aí ... os valores que passam a vida nossa ... são os valores da família ... eu não tenho a menor dúvida disso ...

**Pesquisadora:** e a concepção de Educação Física na escola da época enquanto aluno? ... que concepção de professor de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** a nossa concepção ... e aí que é interessante ... o currículo da escola nossa era currículo voltado para o currículo técnico ... era para formação de time e ganhar jogo ... isso nós enquanto aluno ... o currículo da escola era focado no processo de seleção dos melhores alunos da escola em formar time e ganhar título ... ganhar taça para a escola ... sabe? ... professor bom da nossa época eram aqueles que ganhavam ... levava mais taça para a casa ... mais medalha para a escola ... né? ... isso era visível ... claramente ... isso não precisava ... era como um médico recém ... o sujeito que estuda para médico tem um estetoscópio pendurado no pescoço ... o professor de Educação Física tinha um apito na boca ... um apito pendurado no pescoço ... era bonito ... os caras disputavam o apito italiano ... o apito da ... do ... mundo inteiro ... você via os caras com o apitinho lá ... olha que apito ... olha que apito ... olha ... sabe? ... como se aquilo desse o status para cada um ... claro que era ... era assim que a coisa funcionava ... mas eu vou dizer uma coisa para você ... eu nunca usei apito ... e por que? ... porque ao longo desse período ... como já tinha uma bagagem ... eu penso que já era um pouco mais veterano no campo da formação pessoa ... sabe? ... eu fui muito mais ... se bem que eu não fui cem por cento ... mas eu fui muito mais educador através da Educação Física do que professor de Educação Física ... certo ... então é ... é ... eu levei uma menina ... acho que ela tinha um metro e dez de altura ... uma italianinha que adorava ficar junto comigo para correr e brincar ... para saltar salto em altura ... para saltar salto em extensão ... e ela ficou feliz da vida ... porque ela ficou em último lugar ... que não ia poder ficar em outro lugar não sendo ficar em último ... mas ela comeu lanche ... tomou tubaína ... ganhou medalhinha de participação ... estava feliz da vida ... meu Deus do céu ... sabe? ... como o Sodrê fazia isso conosco ... porque na época do ginásio a gente jogava basquete contra outros times aí e ele pagava a tubaína ... pagava sorvete ... pagava lanche ... ele era um cara ... eu sempre fui assim também ... eu ... eu ... acumulei dele ... eu herdei dele ... essa postura ... isso já vem ... né? ... mas de levar um dinheirinho no bolso para comprar um sorvete para criançada ... comprar um lanche ... dividir uma tubaína ... três ... quatro tubaína com a turma toda ... quer dizer ... a molecada saía satisfeita ... tanto que tem muito professor de Educação Física saído aqui de Bernardino que se ... que viram em mim a referência ... foram meus alunos e muitos vem e falam ... “olha Boy eu sou professor de Educação Física por causa de você” ... eu falo ... “você

<sup>149</sup> Sociedade Cooperativa de Trabalho Médico.

está lamentando ou está feliz da vida?” ... “não ... está tudo bom ... está tudo ótimo” ... “então está ótimo” ... porque eu me ... eu me ... eu me realizei como professor de Educação Física ... profissionalmente como professor de Educação Física foi minha realização em todos os percalços que permearam esse período ... mas eu era um cara feliz da vida ... eu era ... sabe? ... fui ...mesmo ... fui professor ... fui professor do Objetivo ... coordenador lá ... e ... fui professor do Juca Peralta ... teve muito artista que hoje está aí na televisão ... filho de artistas da minha época que estão aí na televisão que foram meus alunos ... e eu até me realizo vendo essa turminha aí pela televisão ... é legal ... e mais do que isso ... o quanto de presente eu ganhava ... porque o professor de Educação Física ... aliás tem duas ... eu tenho duas ... duas vertentes... quando eu fui professor de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Pesquisadora:** podemos falar disso depois ...

**Professor Antônio Carlos:** pode ... pode ....

**Pesquisadora:** que aí entra na parte da atuação profissional mesmo ... que eu vou querer o senhor fale disso ...

**Professor Antônio Carlos:** então ... é ... lá da faculdade que nós tínhamos essa história de ... de ... eu era muito mais ... eu era muito mais na área da Maria Rodrigues ... a Maria Rodrigues era uma professora de dança ... né? ... famosa ... Maria Rodrigues né? ... da nossa época ... professora da USP<sup>150</sup> ... foi nossa professora lá ... eu era TODO dançarino ... é ... todas essas danças folclóricas que elas ensinavam para a gente ensinar as crianças ... eu sabia tudo ... e eu trouxe isso tudo para a minha bagagem ... você está entendendo?

**Pesquisadora:** que legal ... então a faculdade foi particular?

**Professor Antônio Carlos:** particular ... a Faculdade de Santo André ... FEFISA<sup>151</sup> ...

**Pesquisadora:** e a Educação Básica toda pública?

**Professor Antônio Carlos:** toda pública ...

**Pesquisadora:** sobre as experiências das aulas de Educação Física se era diferente ou não ... acredito que o senhor já respondeu né? ... que tem uma outra questão aqui ... experiências relacionadas à Educação Física praticada em ambiente escolar também já respondeu ... prática mais marcante ... que foi o futebol ... o senhor já citou ... eu queria que o senhor falasse se nesse período de escola ficou claro alguma situação do sucesso e de insucesso nas aulas ... acredito que o senhor também já falou do latim ... contou um pouco ...

**Professor Antônio Carlos:** na área de atletismo ... o maior sucesso meu foi na área de atletismo ... na área de escola o professor ... aliás eu tinha duas coisas interessantes ... posso contar ... primeiro eu era um preguiçoso para correr ... nós tínhamos o atletismo e eu fazia o mínimo necessário ... enquanto tinha um pessoal focado na formação técnica ... já tinha um pessoal formado para isso ... o Carlão por exemplo foi até técnico e ainda é técnico da seleção brasileira de atletismo ... esse pessoal ... eles estavam focados ... eles queriam ir ao extremo daquilo ... e eu estava focado no mínimo ...

**Pesquisadora:** e esse pessoal ... eles eram ... qual era a relação? ... colega?

**Professor Antônio Carlos:** colega ... estavam lá estudando ... colega de turma ... mas valorizavam aquilo porque era aquilo que eles queriam ... você está entendendo? ... e eu não queria nada disso ... sabe? ... eu não queria ser técnico ... aliás ... eu até perdi uma grande oportunidade ... eu vou contar ... então o que aconteceu? ... a ... a ... o meu negócio era ser professor mesmo ... era terminar e eu já estava na faculdade ... e eu lecionei nesse período ... esse período eu já estava no 3<sup>o</sup>. ano ... eu já estava na outra escola particular dando aula ... né? ... e eu estava plenamente satisfeito ... feliz da vida como professor ... passei num concurso do Estado ... então eu fiquei professor do Estado e professor particular ... né?

**Pesquisadora:** a situação de sucesso ...

<sup>150</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>151</sup> Faculdade de Educação Física de Santo André.

**Professor Antônio Carlos:** a situação de sucesso no atletismo ... não ... esse foi meu insucesso ... esse foi o meu insucesso ... o atletismo é formativo ... essas coisas eu não tinha a menor tendência nessas coisas ... eu não tinha essa visão técnica ... eu tinha uma visão de usar a Educação Física como instrumento para a formação do pessoal ...

**Pesquisadora:** e o senhor acredita que estava relacionado com o que essa visão pedagógica? ... que isso foi já na ...

**Professor Antônio Carlos:** pois é ... foi com meu Magistério ... essa experiência ... intuitivamente ... uma coisa planejada ... mas isso me reforçou minha época ... porque aí também na gestão da empresa eu tinha uma relação humana muito grande com os em ... com os funcionários ... tinha mais de duzentos funcionários ... entendeu? ... então essa relação humana de tentar valorizar esse pessoal ... de ... sai dessa história de você ser um mero ... um mero limpador de chão ... procura ver uma perspectiva ... se não essa vida vai ser ruim ... sabe? ... eu tinha esses papos furado com essa turma ... não era furado ... mas era um papo ... investia na relação ... e isso já vinha dado do Magistério ... porque a pedagogia do magistério era muito grande do contexto de humanismo né?

**Pesquisadora:** isso influenciou a Faculdade ... depois a atuação?

**Professor Antônio Carlos:** ih ... já vem junto com toda minha formação ... minha base de formação pessoa ... então o que nós fazíamos sucesso disto ... acampamento ...

**Pesquisadora:** isso já na atuação profissional?

**Professor Antônio Carlos:** na atuação profissional ... que é um outro viés da história ... que nós fomos os primeiros a fazer acampamento ... né?

**Pesquisadora:** depois o senhor vai contar isso ... desse período da trajetória escolar da Educação Básica ... existia assim ... o senhor percebia uma preocupação com a cultura do corpo ... em se cuidar ... em realizar certas práticas ...

**Professor Antônio Carlos:** tinha aulas ... você fala nas aulas da Faculdade?

**Pesquisadora:** enquanto aluno ...

**Professor Antônio Carlos:** enquanto aluno ... não ... isso tinha ... nós tínhamos que ... nós saíamos para escovar dente ... né? ... tinha que escovar dente ... numas aulas lá que eu não sei ... não sei se hoje poderia chamar de Biologia ... que raio de aula aquela ... que trazia o corpo humano e mostrava para nós ... ter que ir melhorando ... isso nós tínhamos um rudimento ... não era nada aprofundado ... mas eram informações sim da importância da higiene pessoal ... a importância da atividade para ... mas atividade para nós aqui era só mera conversa ... o que mais fazia em Bernardino depois da sala de aula era a atividade ...

**Pesquisadora:** certo ... e a prática da atividade física não estava relacionada com essa preocupação da cultura do corpo?

**Professor Antônio Carlos:** não ... nada ...

**Pesquisadora:** era lazer mesmo ...

**Professor Antônio Carlos:** era lazer ... isso aí fazia por lazer ... ninguém tinha muita consciência disso não ... falava um pouco do corpo humano ... quem descobriu o corpo humano ... saber como você é por dentro ... mas em termos de ter uma ... uma doutrina ... de ter uma linha de formação ... mas isso não existia ... trabalho sempre foi de lazer ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ou pessoa que de certo modo marcou essa trajetória na Educação Básica? ... o senhor já citou o professor de Educação Física ...

**Professor Antônio Carlos:** o professor Sodré ... o professor Sodré ... o seu Sodré era o cara que marcou nossa vida como professor ... né? ... tinha agora professores de peso mesmo né? ... professor Coutinho em português ... o professor Simeone em matemática ...

**Pesquisadora:** e no Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** então no Magistério ... quem que nós tínhamos lá ... a Darli na área da Supervisão né? ... prática de ensino ... o estágio e dava aula também né? ... ela também dava aula das metodologias e práticas de ensino ... eu acho que a Darli foi a que mais

marcou ... que ela ... ela que na verdade nos levou à prática ... de um curso até então ... o caminho inteiro só de teoria ... de repente ela só nos colocou né? ... na vitrine ... ali na prática e essa era interessante né? ... porque ... ela foi ... foi ... marcante sim a Darli ... não que não tenha tido outros professores importantes na área ... mas foram professores ... bons professores do Magistério ... mas eu acho que a Darli foi a responsável ... eu acho que a Darli foi ...

**Pesquisadora:** e aí depois se o senhor tiver alguma fotografia desse período ... da formatura ... das aulas ... alguma foto assim do período da Educação Básica ... tudo bem? ... quer falar mais alguma coisa?

**Professor Antônio Carlos:** não ... eu acho que ... acho que é isso aí ... não tenho na área de formação ... é isso aí... tive um professor extremamente exigente na natação ...

**Pesquisadora:** isso já na faculdade?

**Professor Antônio Carlos:** na faculdade de Educação Física ...

**Pesquisadora:** a gente vai entrar já ... já ... nisso ... tudo bem?

**Professor Antônio Carlos:** certo ...

### TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** das experiências da atuação pré-profissional ... o senhor já citou o trabalho na firma ... depois a realização paralela do curso de administração ... e por último a opção pelo curso de Educação Física ... influências da vida pessoal desse período na profissão ... se o senhor quiser comentar alguma coisa ... desse período ainda da firma se teve alguma influência da pessoa ... na profissão ... naquele exercício e o contrário também ...

**Professor Antônio Carlos:** o ... trabalho na Alpargatas por eu exercer cargo de chefia já muito jovem ... certamente influenciou o meu ... até por natureza também o meu papel de liderança ... né? ... a minha relação humana ... a minha perspectiva de vida ... de perceber e tentar buscar ajuda para aqueles que tinham menos opção ... de perspectiva mesmo de profissão ... de futuro ... isso me ajudou muito ... a família ... minha mulher ...quando eu larguei a faculdade de Administração ela desconjuro ...

**Pesquisadora:** então o senhor já era casado?

**Professor Antônio Carlos:** nesse período que eu larguei ... não ... isso mais tarde... mais influenciou ... eu acho que até reforçou mais ... porque ser administrador de empresa na minha época era ... era uma perspectiva financeira muito grande e com a minha experiência então ... era só ter tido um pouco mais de calma ... se era isso que eu queria ter ... um pouco mais de calma para poder retornar a essa atividade depois da primeira pancada que eu tive ... né? ... mas eu ... eu ... eu ... quando entrei para a Educação Física ... essa vivência ... essa derrota ... né? ... se é que eu posso considerar derrota ... mas eu não aceito até hoje ... né? ... como é que um cara tinha tudo ... tinha feito tudo certo ... tudo estava dentro daquilo que exigia a empresa ... os caras me cassaram ... um dia alguém me disse assim “ó ... você estava incomodando os velhos da empresa ... porque ser chefe precisa ser velho e você tinha vinte e dois anos cara ... você estava querendo o quê? ... queria ser presidente da empresa?” ... isso é importante ... isso me acalmou de certa forma ... sabe? ... agora ... isso tudo me levou para ... para ... minha prática ... para o meu profissional ... tanto que eu ... eu ... me entreguei de corpo e alma ... à minha profissão de professor de Educação Física ... fui dar aula em cada biboca que você não imagina ... né? ... Parada de Taipas ... Caieiras ... Franco da Rocha ... eu fui dar aula ... né? ... eu tinha lá meu bico com o pessoal da faculdade ... porque aí eu já não queria mais a área da coordenação ... porque eu achava que o meu trabalho era sempre mais perto das crianças e foi mesmo ... eu nunca errei esse papo ... nunca errei ... meu trabalho era direto com eles ... a minha vivência e ... o carinho meu com eles e o deles comigo ... sempre foi um negócio natural e fantástico ... muito natural e fantástico ... eu matava de inveja meus colegas ...

porque era dia do professor o meu carro não dava para levar tudo o que eu ganhava de presente tudo numa viagem só ... num dava ... eu tinha que por num saco plástico ... dois sacos plásticos ... deixar lá na diretoria ... né? ... para depois de outro dia ... ou eu vir buscar depois ... porque era São Paulo ... nunca dava ... num era tão perto de onde eu morava ... eu pegava no dia seguinte tamanho era o volume de agrado ... eu até ganhei um apito do futebol ... da Copa do Mundo de um mil novecentos e sessenta e seis ... eu ganhei um ... eu ganhei um ... um ... um agasalho ... de ginástica de lã de Taiwan ... que eu tinha um aluninho que era filho de um embaixador lá de Taiwan ... China né? ... aqui no Brasil e o moleque me adorava ... o chinesinho lá ... o que tinha pouco diálogo ... e eu era o que dava mais atenção a ele ... e entendia ele ... procurava entender por um pouco que ele falava de português ... e pelo muito que a gente afetivamente tinha contato ... e o pai dele ... ele foi para Taiwan ... ele falou ... “traz para mim ... eu quero para o tio” ... né? ... e ele me trouxe um agasalho que era o maior sucesso na época ... maior sucesso ... coisa mais linda do mundo ... foi aquele meu agasalho azul ... azul ... azul ... azul roial ... era lindo demais ...

**Pesquisadora:** e aí você usava para a felicidade dele?

**Professor Antônio Carlos:** nossa senhora ... aquilo eu usei até acabar ... foi aluninho de 1ª. a 4ª. séries ... foi de 1ª. a 4ª. séries ... foi comigo ... eu tinha um filho de um aviador da época da Varig ... também outro que queria me dar um presente ... o pai foi lá ... “o que você quer de presente” ... “o que eu quero? ... o presente é seu filho ... que está muito bom comigo ... está muito bem” ... “não ... ele quer dar um presente para você ... eu vou parar lá na Inglaterra ... eu vou para o Japão mas vou parar na Inglaterra” ... então eu falei ... “se você achar lá um apito da Copa do Mundo traz para mim” ... e eu fui cair na besteira de dar de presente esse apito ... sabe? ... eu devia ter deixado na gaveta ... guardado aí... eu podia deixar ... mandei de presente ... mas também ... tudo bem ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ou pessoa que marcou esse período anterior à atuação profissional como professor ... as experiências na firma e outro serviço que o senhor disse que arrumou outro emprego para pagar faculdade ...

**Professor Antônio Carlos:** esse não marcou NADA ... esse não marcou nada ... eu na verdade ... eu ... eu ... fui dar aula por ter o terceiro ano ... aí eu até ... esse daí pode ser uma história interessante ... não sei ... eu vou encher linguiça aqui ... o Seu Gilberto era professor ... era secretário de uma Diretoria de Ensino lá na Água Branca em São Paulo ... e eu estava desempregado porque eu tinha pedido demissão da Alpargatas e eu precisava de dinheiro para sobreviver ... e eu fui procurar o Seu Gilberto ... que era amigo do meu pai ... para ele me arrumar umas aulas de Educação Física lá naquela ... lá Diretoria de Ensino ... ele tinha uma influência lá ... e ele falou ... “ô rapaz ... não tem Antônio Carlos ... não tem ... mas você é filho do Ferrazinho” ... “sou filho do Ferrazinho” ... “ah mas você não pode ficar sem ... você não” ... você não sabe ... vai vendo a conversa ... “você não sabe quem tem Administração de Empresas para dar aula na minha escola na Lapa ... na minha escola de comércio ... eu tenho uma escola de comércio lá na Lapa ... e eu estou precisando de um professor de Educação Física ... de Administração ... que aqueles burros daqueles alunos lá ... do 3º. ano de contabilidade” ... ele tinha uma escola de contabilidade ... botaram o professor de contabilidade para fora ... era uma escola particular ... “Seu Gilberto eu não conheço” ... “mas você não conhece mesmo?” (risos) ... eu estava com a faca aqui ó ... e eu falei ... “Seu Gilberto eu conheço um cara que ... não terminou a faculdade ... mas ele tem até o 4º. ano de Administração de Empresas” ... ele falou ... “quem?” ... eu falei ... “eu ... nossa ... agora noite você vai lá eita” ... eu não sabia ... porque eu ... é ... é ... quando chegou ... o último ano ... porque nós ... de Administração ... cabe fazer essa observação ... que nós chegamos no último ano ... no ... semestre final ... que eu fiz ... depois eu parei ... eu estava levando em dependência contabilidade industrial ... não sabia ... não tinha a menor noção ... porque a minha experiência era contabilidade fiscal ... mas industrial ... débito e crédito ... mas nem ...



ativo ... passivo ... nem patrimônio ... essas coisas contábeis eu não tinha a menor noção ... e era isso que ele precisava ter lá na escola de comércio dele ... e eu fui lá ... eu falei para ele ... “Seu Gilberto ... só que tem um detalhe ... eu posso até ir lá .. eu posso até aceitar do senhor ... porque eu estou com a faca no peito ... eu estou precisando de dinheiro ... mas eu não sei contabilidade” ... ele falou ... “não interessa ... vai lá ... aqueles burros lá ... se eu não terminar o semestre ... eles não vão pegar o curso ... não vão pegar o diploma” ... falei então ... “vamos lá” ... né? ... eu cheguei a noite na escola ... peguei um livro de contabilidade ... daquele que a gente usava na faculdade ... mas era faculdade ... era nível A ... e eu não tinha a menor noção daquilo ... e ... e o Senhor Gilberto falou ... “a sala é aquela lá” ... nossa vou lá ... entrei na sala ... você sabe o que eu vi? ... logo que eu pus o pé na sala ... “mais um que nós vamos mandar embora” ... olha o pé de guerra que estava a classe ... alguém falou lá ... “mais um que nós vamos mandar embora” ... você tem ideia de onde que eu entrei ...

**Pesquisadora:** então essa foi a primeira experiência como docente?

**Professor Antônio Carlos:** como docente ... nessa área ... nessa ... é ... como docente ... eu precisava pagar Educação Física ... eu já tinha Administração ... essa foi minha primeira experiência como docente ... era para pegar o boné e sumir de lá ... não é? ... você sabe o que eu fiz? ... vai vendo ... puta o cara me recebe assim rapaz ... pé de guerra ... peguei ... o meu material ... pus sobre a mesa ... falei ... “ó pessoal eu vim aqui ... eu vou confessar para vocês ... vocês mandaram um professor de contabilidade embora ... vocês erraram ... porque esse professor de contabilidade que vocês mandaram sabe duzentas mil vezes mais do que eu” ... aí virou um ... “então o senhor não sabe nada” ... falei ... “NADA ... eu não sei NADA de contabilidade ... só que tem um detalhe ... do jeito que vocês me viram entrar ... eu vou voltar e vou embora ... eu vim aqui porque eu estou precisando de dinheiro” .... olha a conversa minha com os caras ... só marmanjo ... gerente de banco ... só marmanjo ... eu falei ... “eu vim aqui porque eu preciso desse dinheiro ... agora não é problema nenhum ... se ... eu estou aqui ... porque o dono ... o Senhor Gilberto aí ... é amigo do meu pai ... por um acaso eu conversei com ele ... ele me apelou para vir aqui ... para terminar o ano com vocês ... senão vocês sabem quem vai se ferrar nessa história ... vocês vão me mandar embora sim ... eu não vou ficar aqui não ... certo? ... mas vocês vão lamentar no final do ano que vocês não receber diploma porque não tem um professor de contabilidade que vem aqui ... quem é que vem aqui para ganhar essa miséria de salário aqui como professor? ... quem é que vem? ... parem e pensem em vocês ... ô pessoal eu tenho experiência de alpargatas ... já fui administrador de fábrica de alpargatas ... vocês querem discutir comigo ICM ... IPI ... ISS ... imposto tributário ... abre a boca aí ... nós vamos discutir ... contabilidade eu não sei nada ... só que vocês precisam de mim ... eu não preciso de vocês ... vocês precisam de mim” ... aí levantou o Rubão ... olha como eu guardo os nomes ... importante né? ... levantou o Rubens e falou ... “professor ... eu gostei do senhor ... ninguém mais vai abrir a boca aqui para o senhor ... nós vamos levar esse curso até o final” ... porque ninguém precisava aprender contabilidade lá ... o detalhe era esse ... todo mundo sabia ... mas precisava do diploma para assinar balanço nos escritórios ... porque noventa por cento era escritório ... e eles não podiam assinar balanço e ganhar dinheiro ... porque sabiam fazer o balanço ... faziam ... vai dar aula para uns caras daquele ... precisava do diploma ... eu falei para eles ... “vocês precisam de mim ... eu não preciso de vocês ... eu já estou no bagaço ... eu saio daqui ... eu vou arrumar ... e estou por teimosia minha ... porque eu não quero voltar a trabalhar em empresa ... porque conhecer como eu conheço a contabilidade fiscal ... amigo ... não tem muita gente aqui nessa São Paulo que conheça não” ... foi quando o Rubão levantou e entendeu o papo ... “aqui ninguém põe a mão ... vocês dão aula entre vocês mesmo de contabilidade ... eu vou dar aula de contabilidade para vocês ... alguém aqui precisa aprender contabilidade? ... o único que precisa aprender contabilidade sou eu ...que eu fiz Administração e não sei contabilidade” ... ganhei o pessoal ... e daí ... foi o maior espetáculo que você pode imaginar ... sabe por que? ... porque aí eu fui trazendo algumas experiências

que eu tinha da contabilidade ... da parte contábil lá na faculdade que eu guardei ... eu era muito localizado ... certo? ... análise de balanço ... coisas que eles tinham que aprender ... eu fui para o ... não sei ... intuitivamente eu comecei a trabalhar em equipe ... os caras se organizavam para fazer análise de balanço ...

**Pesquisadora:** você ganhou eles né?

**Professor Antônio Carlos:** eu aprendi tudo de contabilidade ... você acredita? ... eu aprendi tudo de contabilidade ... até análise de balanço ... análise de balanço ... é um negócio complicado ... você fazer uma análise de balanço ... entendeu? ... e nós fazíamos ... eles recortavam e traziam publicação de jornal ... os balanços de jornal ... nós fazíamos ... foi ... foi um final de ano maravilhoso ... e os caras ... “pô professor ... o senhor ... o senhor é fantástico” ... precisava ver como que eu ganhei a amizade daquele povo ... e assim ó ... “mais um que nós vamos mandar embora” ... você vê ... comecei minha carreira profissional como professor ouvindo esse ... mas nítido e claro ... nítido ... quando a classe estava toda quieta alguém abriu a boca lá ... daí falou ... “mais um ... que” ... eu devia estar com aquela cara de espanto ... “mais um que nós vamos mandar embora” ... foi onde eu virei o disco com eles ... ganhei a classe toda ... e eu banquei uma ... é claro fiquei ... era noturno o trabalho ... a escola era noturna ... eu fiquei lá ... o que ... uns três ... quatro anos ... trabalhando lá ... fazendo bico lá naquela escola ... enquanto fazia faculdade ... e enquanto fazia faculdade de Educação Física e trabalhava lá na escola ... depois aí eu já entrei no Objetivo e foi aquela ... aí eu já comecei a minha carreira de Educação Física ...

**Pesquisadora:** é nesse período que o senhor conheceu sua esposa ou foi depois?

**Professor Antônio Carlos:** não ... minha esposa desde criança aqui ...

**Pesquisadora:** ah é ... então pode contar por favor ...

**Professor Antônio Carlos:** ainda não conheço minha esposa ... mas namoramos nove anos e meio e faz quarenta e ... casei em setenta e quatro ... há trinta ... trinta e um? ... setenta e quatro ... oitenta e quatro ... noventa e quatro ... dois mil e quatro ... dois mil e catorze ... é ... quarenta e um anos ...

**Pesquisadora:** ela é daqui?

**Professor Antônio Carlos:** daqui ... somos daqui ... faz oito anos ... nove anos e meio de namorado ... cinquenta anos ...

**Pesquisadora:** estudaram juntos?

**Professor Antônio Carlos:** eu estava um ano na frente dela ... eu tinha dezessete ... ela tinha dezesseis ...

**Pesquisadora:** quando o senhor foi para São Paulo ... já namorava?

**Professor Antônio Carlos:** já namorava ... depois ela foi para lá ... foi fazer a faculdade ... a gente nunca se encontrou ... o negócio dela era trabalhar em banco ... né? ... ela gostava de trabalhar no banco ... eu fui levar ... inventar de levar para fora ... porque ela estava fazendo português ... eu fui inventar de levar ela para aquela escola do Alfredo ... do Juca Peralta ... né? ... escola particular e de elite ... classe A ... achando que ia ganhar bem ... como de fato ganhava ... mas desconjurou ... não gostou ... não gostou ... não gostou ... saiu ... nunca mais se animou ...

**Pesquisadora:** vocês casaram em qual ano mesmo?

**Professor Antônio Carlos:** nós casamos em setenta e quatro ...

**Pesquisadora:** quantos filhos?

**Professor Antônio Carlos:** duas filhas ... uma nasceu em setenta e seis e a outra nasceu em setenta e oito ...

**Pesquisadora:** as filhas já são casadas?

**Professor Antônio Carlos:** são ... são ...

**Pesquisadora:** netos?

**Professor Antônio Carlos:** netos ... né? ... tenho os netos aí ... é o que ela [referiu-se à esposa] ... estava falando da Sara né?

**Pesquisadora:** quais são os nomes?

**Professor Antônio Carlos:** é Nicole ... Sara e Antônio Carlos ...

**Pesquisadora:** entendi ... os netos?

**Professor Antônio Carlos:** os netos ...

**Pesquisadora:** e as filhas?

**Professor Antônio Carlos:** Camila e Bruna ...

**Pesquisadora:** alguma é professora?

**Professor Antônio Carlos:** as duas se formaram professora ... uma exerce e a outra escolheu ser madame ... ela é esperta ...

**Pesquisadora:** formaram em ...

**Professor Antônio Carlos:** ciências ... ciências ... as duas fizeram ciências ...

**Pesquisadora:** não foi em Jacarezinho?

**Professor Antônio Carlos:** foi em Jacarezinho ...

**Pesquisadora:** foi com habilitação?

**Professor Antônio Carlos:** tudo...

**Pesquisadora:** química ... física ... matemá...

**Professor Antônio Carlos:** a Camila inclusive ... a Camila ... tem um curso de Especialização ... ela fez um curso de formação em ortodontia ... prática de ortodontia ... faz todo tipo de aparelho ortodôntico ... depois ela fez uma Especialização em São Paulo ... de ortodontia ... mas ela fala ... “pai ... eu sou madame ... não quero papo ... madame?” ... falo ... “se o seu marido sustenta” ... não ... “ele sustenta ... ele briga comigo ... mas sustenta” ... então acabou ...

**Pesquisadora:** a outra exerce?

**Professor Antônio Carlos:** a outra ... coitadinha ... a outra se mata ... ela é professora de ciências ... leciona aí na cidade aí perto ... eu comprei uma casa para ela ... nós estamos juntos pagando ... se virando ... aquela luta de professor ... mas está ... a gente vai ... a vida vai dando rumo para tudo ... não precisa se desesperar ...

**Pesquisadora:** aí depois se o senhor tiver alguma foto que marcou esse período de atuação que não foi na escola ... nessas outras áreas ... tanto dessa primeira experiência na docência ... mas ... não na Educação Física ...

**Professor Antônio Carlos:** aí é difícil eu ter ... eu acho que apaguei tudo isso aí ... foi tão dramático para mim ... que eu tenho umas fotos ... dos colegas né? ... sabe? ... eu tinha foto da Alpargatas no final de ano ... lá no escritório e ... pessoal ... mas isso foi tão doloroso para mim que eu apaguei tudo ... tudo bem?

**Pesquisadora:** tudo bem ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora professor Antônio Carlos ... nós vamos falar da formação inicial ... faculdade ... pode falar da Administração ... o senhor fez uma boa parte ... não concluiu ... mas estudou ... e a Faculdade em Educação Física ... pode falar um pouco do Magistério ... se quiser ... fica à vontade ... que o Magistério não deixa de ser um curso profissional e outros programas ... cursos ... congressos ... eventos que o senhor participou ... e pode ser já atuando profissionalmente ... de formação continuada ...

**Professor Antônio Carlos:** nossa ... pensei em tanta coisa ... bem ... o ... o ... a parte da Administração de Empresas foi comentada e eu acho que eu não tenho nada a acrescentar a não ser que ela me deu uma ... uma ... formação pessoal ... ela só reforçou alguns conceitos que eu tinha de valores morais e pessoais que eu levei ... e levo ... já trago desde a família ... e

essa experiências me fortaleceram como professor ... na Educação Física ... é a melhor faculdade do mundo ... para se fazer é a Educação Física ... eu se tivesse que voltar a fazer ... eu fiz ... não foi ... olha eu fiz administração ... até o 4º. ano ... eu fiz Educação Física ... eu fiz a Pedagogia ... a ... o curso de Pedagogia ... eu fiz a Pós-Graduação em Pesquisa ... em Administração e fiz também o mestrado em Administração Escolar ...

**Pesquisadora:** o senhor iniciou fazendo Administração ... aí depois a Educação Física ... que ano que foi a Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** de setenta e três a setenta e seis<sup>152</sup> ... né? ... três anos né?

**Pesquisadora:** e a Pedagogia foi quanto?

**Professor Antônio Carlos:** depois ... acho que foi em oitenta ... oitenta e um ... não ... não foi oitenta e um ... foi também aí nessa época de setenta e oito ... setenta e nove ... porque eu ... é tão embrulhada a coisa ... sabe? ... que eu tenho ... que eu tenho ... é ... é ... é ... eu tenho aí todo esse material guardado aí ... eu não me lembro direito que época que foi ... mas eu sei que eu fiz Pedagogia também ...

**Pesquisadora:** e a Pedagogia por que?

**Professor Antônio Carlos:** por que? ... porque dizia o seguinte ... “se você quiser ser professor ... professor sem Pedagogia não é nada” ...

**Pesquisadora:** o senhor já atuava?

**Professor Antônio Carlos:** eu já atuava ... como professor de Educação Física ... de cabeça ... não ia mudar mais ... né? ... aí eu já era efetivo do Estado ... e aí diziam nas escolas ... “olha ... você quer ser um diretor ... um coordenador pedagógico ... tem que ter Pedagogia” ... e como eu já tinha faculdade de Administração ... algumas disciplinas ajudaram ... a Educação Física algumas disciplinas ... tanto que eu fiz complementação né? ... de três anos de Pedagogia ... eu fiz um ano e meio ... né? ... um ano meio eu fiz minha faculdade de Pedagogia ...

**Pesquisadora:** e onde o senhor fez?

**Professor Antônio Carlos:** lá em São Paulo ... na Campos Salles ... Faculdade Campos Salles lá na Lapa ... então ... na Educação Física ... o ambiente da Educação Física ... as coisas que aconteceram ... a convivência ... porque eu faço uma distinção muito interessante ... quatro anos de Administração de Empresas eu fiz um amigo que já era meu conhecido ... em quatro anos ... de Administração de Empresas ... em três ... quatro anos de faculdade de Educação Física ... eu conheci a faculdade inteira ... vê a diferença ... de relação pessoal ... você está entendendo?... eu fiquei quatro anos cursando ... o cara do meu lado não me conhecia ... terminava o curso ... pegava a valise ... tudo pegava a valise ... porque está acostumado a andar com valise ... pegava a bolsa e ia embora ... não tinha tempo para conversar ... né? ... não tinha interação nenhuma ... nunca teve ... tive uma com o José Marquezine ... porque o José já era nascido daqui ... e foi se encontrar lá ... hoje está aí para o mundo ... era uma figuração nessa área de Contabilidade ... mas ... a faculdade de Educação Física ... eu sempre digo ... se eu tivesse que ... voltaria a fazer a Educação Física ... porque ela foi muito marcante nessa questão ... eu conhecia a turma toda ... não era da minha classe ... a faculdade inteira ...

**Pesquisadora:** e na faculdade tinham outros cursos?

**Professor Antônio Carlos:** não ... era só Educação Física ... porque ... nós fomos da turma ... a primeira ... lá da FEFISA ... lá em Santo André ...

**Pesquisadora:** foi conhecendo as outras turmas depois ...

**Professor Antônio Carlos:** a turma ... das classes de ... vixe ...era gostoso para caramba ... até porque nós matávamos aula ... e eu era um dos poucos que tinha carro na época ... carro ... eu tinha um fusquinha ... né? ... nós matávamos aula e íamos todos para a praia lá para Santos ... minha mulher não sabe disso ... se ela souber ... bom ... não vai falar mais nada hoje ... porque

<sup>152</sup> Essa informação não confere com o diploma do curso de Educação Física (Figura 10).

hoje isso já tem cinquenta anos para trás ... mas a verdade é que resolvíamos lá e íamos lá para o Pereque ... lá no Guarujá ...

**Pesquisadora:** isso vai ser publicado (risos) ...

**Professor Antônio Carlos:** pode publicar ...

**Pesquisadora:** queria que o senhor falasse um pouco ... é ... o senhor já falou sobre a perspectiva dos pais em relação ao Magistério ... a opção pela profissão de professor ... que na época era um bom negócio ... mas em relação assim ... a ser professor de Educação Física ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... é ... interessante ... eu sempre fui um sujeito muito ... aparentemente ... eu não demonstro isso ... mas eu sou muito observador ... eu tenho até uma passagem de uma escola pública ... uma escola de São Paulo ... isso daí ... acho que vale ... por ... por ... para definir bem como o pessoal da escola pública ... é ... via o professor de Educação Física ... eu estou num conselho de classe para aprovar ou reprovar aluno ... porque naquela época ainda tinha essa ... de aprovar ou reprovar aluno ... e uma professora de matemática ... estava assim tipo ... cinco a quatro para o aluno ser aprovado ... né? ... e ... e ... faltava eu e ela para votar ... para dar o parecer sobre o aluno ... e ela deu um parecer para o aluno e ... e ... reprovou o aluno ... da classe dela ... reprovou ... ela queria reprovar o aluno ... e ela ... e ela ... e aí chegou a minha vez ... e eu aprovei o aluno ... ela ficou em pé indignada ... histérica ... histérica ... me apontou o dedo e disse ... “quem é você ... para aprovar esse aluno ... você não passa de um mero professor de Educação Física” ... você acredita nesse papo? ... me meteu o dedo na cara ... sabe? ... eu sou muito hilário ... porque eu tinha duas atitudes ... eu sei saio ... dou um petardo nela ... certo? ... ou eu iria pela ironia ... que é uma atitude que eu tenho muito ... eu falei ... “minha querida ... eu sou um professor tão importante quanto você ... a ponto de aprovar o aluno da escola ... e você pode ficar histérica o tempo que quiser e se você continuar histérica com esse papo fora da sala de aula ... eu te meto a mão na cara ... se você continuar essa conversa de me desprestigiar ... de me menosprezar ... lá fora ... nós vamos parar na cade ... nós vamos parar na polícia ... porque eu vou te meter a mão na cara ... o assunto vai encerrar aqui ... eu sou tão importante quanto você” ... não ... ainda bem que afinou ... imagina o tom e a postura que eu tive ... a ponto do José que era o diretor ... “Antônio Carlos ... pelo amor de Deus” ... falei ... “não estou respondendo a ela ... e estou deixando bem claro minha posição ... porque ela tem clareza na ... no que eu represento para a escola ... eu sou um zero à esquerda ... para ela ... mas não sou ... pega as classes e pergunta aí quem é o professor de Educação Física ... está certo? ... então se ela tem essa visão minha ... que ela acabe com essa visão agora ... porque se ela sair daqui indignada com o meu voto ... né? ... com a minha avaliação do meu aluno ... certo ... e for sair comentando aí ... mostrando indignação ... ela vai apanhar de mim” ... eu era assim ... sabe?

**Pesquisadora:** o senhor lembra quando foi isso? ... no início ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... um fim de ano de Magistério ... já por volta de ... é ... tudo girou nesse período que eu estava lá em São Paulo ... né ... que ... tipo setenta e cinco ... setenta e quatro ...

**Pesquisadora:** e os outros professores tinham reprovado o aluno também?

**Professor Antônio Carlos:** então ... no fim deu cinco a cinco ... estava cinco a quatro a favor do aluno ... ela empatou ... e se permanesse empatado ... pelo regimento da escola na época esse aluno teria que ser reprovado ... e eu ... e eu aprovei o aluno ... e aí ela perguntou ... “quem é você” ... sabe? ... “um reles professor de Educação Física ... avaliando um aluno de matemática ... eu não estou avaliando aluno de matemática ... eu estou avaliando a pessoa dele ... o que ele é ... o que ele faz comigo ... o que ele faz também com os outros colegas que também aprovaram ele ... agora você vem me desvalorizar moça” ... bom essa conversa teve uns dez minutos ...

**Pesquisadora:** e essa escola o senhor estava há mais tempo?

**Professor Antônio Carlos:** eu era efetivo ...

**Pesquisadora:** essa professora, vocês já trabalhavam juntos?

**Professor Antônio Carlos:** não sei ... não tinha muito contato com ela não ... só tinha contato com ela nessas ... nessas ...

**Pesquisadora:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... é ... então essa foi uma experiência ... que sempre deixou muito claro quem é o professor de Educação Física na escola ... que se ... eu não sei se ainda se tem ... essa mesma visão ... mas naquela época tinha ... e eu mudava ... por onde eu passei ... e eu não passei por uma escola só ... foram várias escolas públicas ... está? ... eu sempre fiz prevalecer o meu papel de professor de Educação Física na escola ... você está entendendo? ... eu nunca me senti minimizado ou desvalorizado ou perturbado pela postura de qualquer colega que fosse ... porque a história sempre girava português e matemática ... o resto é resto ... professor não ... mas eu era um cara que me impunha ... eu me impunha ... porque o meu trabalho com os meus alunos ... por isso que eu sempre digo para você ... não que eu não levasse apito ... às vezes ... essa história de jogar futebol de salão ... essa história da molecada querer jogar ... eu ... nunca ... nunca sentei num banco ou peguei um apito ... a não ser aqui no final da carreira já com a criançada ... eu adorava fazer isso ... mas isso já era aqui ... no final de carreira ... mas no meu começo de carreira ... mesmo tinha que montar time lá de vôlei ... para ir jogar futebol ... eles apitavam ... eu parava a aula ... eu orientava o que tinha que fazer ... sabe? ... mas eu apitar ... eu nunca pus apito na boca para apitar ... eu só conversava ... você está entendendo? ... eu nunca pus um apito na boca ... o meu apito ficava no bolso ... “ô professor vamos jogar” ... “opa ... quem vai apitar” ... fulano apita ... “então vocês dividem aí e toma o apito” ... certo ... mas eu falar ... e conversar com o aluno ... tem professor que conversa com o apito ... apita alto ... apita mais baixo ... parece que ele está falando com o aluno através do ... do barulho do apito ... eu nunca tive isso ... eu parava ... dialogava ... conversava ... e eu sempre tive ... olha eu vou dizer para você ... ao longo da minha vida profissional ... por isso que eu fui muito feliz como professor de Educação Física ... eu sempre tive o respeito ... o respeito ... a molecada me adorava ... tanto nas escolas de classe A ... principalmente nas escolas públicas que eu ia na casa dos meus alunos ... ninguém ... professor nenhum ia na casa de aluno nenhum e eu chegava mais cedo lá no ... para aquelas quebradas de Caieiras ... Franco da Rocha ... eu sempre fazia questão ... eu ia de carro ... eu sempre fazia questão de chegar mais cedo ... né? ... eu ia na casa de um aluno ... tomava cafezinho lá ... sabe? ... eu ia ... “ô professor ... o senhor foi na casa de fulano não foi na minha casa” ... “uai você não me convida ... me convida que eu vou” ... sabe? ... a gente ... sabe? ... eu fazia isso ... eu valorizava isso ... e isso repercutia ... em termos de ciúme dos meus colegas ... sabe? ... e em termos da valorização do meu papel de professor ... né? ... e aí então me fez um sujeito feliz né? ... não vou falar financeira ... mas ... profissionalmente ... minha mulher quando fala agora ... porque você largou Administração de empresas ... porque ganha um montão de dinheiro ... mas olha ... de onde nós saímos e o que nós já temos ... nós já fizemos muito ...

**Pesquisadora:** estou pensando aqui ... essa atitude da professora de matemática ... talvez revele um pouco a perspectiva em relação à Educação Física na sociedade da época ... e em relação à família ... quais eram as perspectivas dos pais em relação a ser professor de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** mas aí era outro papo ... as experiências que tenho na visão do professor ... da família com relação ao professor ... ela é fantástica ... eu fui professor que ia para a escola de sábado e domingo ... certo? ... abria a escola ... chamava a merendeira ... fazia merenda para os alunos ... eles jogavam futebol ... jogavam lá o futebol de salão deles ... está? ... por autorização do diretor da escola ... eu dava o meu sábado ... eu dava o meu domingo para ir lá na escola ... eles jogavam lá ... a escola vivia fechada ... arreventada ... vivia fechada ... não parava portão inteiro em lugar nenhum ... que eu fiz ... abri a escola ... abri a cozinha ...

da escola ... chamei a merendeira ... faz comida aí para todo mundo e para você levar para a casa ... então tinha ... tinha muito ... era uma alegria ... porque fazer comida ... o que significava ... dar um chocolate ... um copo de chocolate ... com bolacha ... enfim ... tapeia essa gente aí ... que muitos deles não tem nem o que comer ... certo? ... então isso já vinha pronto ... fazia aqueles baldões enormes de achocolatado e com bolacha salgada ... bolacha doce ... enfim ... e o pessoal comia ... “aí professor” ... sabe o que aconteceu ... ao longo de um tempo nessa escola ... dessa professora de matemática ... que não parava um cadeado ... que a ... a ... cozinha-piloto era totalmente atacada ... devastada ... depois de uma ... de três vezes que eu fui ... que eu montei um campeonato entre os alunos da escola ... em que eu dava a chave para eles abrirem e fecharem o portão ... certo? ... e que a merendeira ia lá e fazia o lanche para eles ... nunca mais tivemos problemas ... aí os pais vinham me agradecer ... você está entendendo? ... porque quando as crianças ... moçada ... não era só criancinha não ... criança de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries ... colegial ... eles vinham lá para jogar ... era a hora de diversão do ... da escola ... eu estou falando de uma escola que fica Freguesia do Ó ... em Cruz das Almas ...

**Pesquisadora:** como é o nome dessa escola?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... não lembro ...

**Pesquisadora:** não lembra ... o senhor ficou nela quanto tempo?

**Professor Antônio Carlos:** eu fiquei ... eu acho que três anos ...

**Pesquisadora:** era efetivo lá?

**Professor Antônio Carlos:** efetivo ...

**Pesquisadora:** assumiu lá?

**Professor Antônio Carlos:** não ... eu não assumi ... eu assumi ... aí onde que eu assumi?

**Pesquisadora:** não tem problema ...

**Professor Antônio Carlos:** não tem problema?

**Pesquisadora:** não ... se lembrar para depois o senhor fala ...

**Professor Antônio Carlos:** eu assumi ... acho que na Vila ... eu assumi lá do lado da Penha ... tudo São Paulo ... e a Freguesia do Ó ... exatamente o oposto ... Freguesia do Ó aqui do lado da Lapa ... eu assumi lá ... na ... lá em São Mateus ... onde eu assumi ...perto já de Santo André ... lá que eu fui pegar a minha primeira escola ... mas depois no 1º ano eu já transferi ... fui chegando mais próximo de mim ... porque eu morava na Casa Verde e eu fui chegando mais perto ...

**Pesquisadora:** e as experiências da faculdade mesmo ... teve alguma influência de alguma coisa ... de algum professor da faculdade de Educação Física ... que contribuiu ou não para a escolha do ensino da Educação Física na escola ... porque a área de Educação Física ela tem várias opções ... para atuar ... aí em relação a atuação dos professores na faculdade ... as disciplinas ... se tinha preferência ... conteúdo ... metodologia né? ... para trabalhar ... se os professores da faculdade ... eles ... é ... trabalhavam maneiras de se trabalhar na escola ou nos estágios ... as relações com os professores ... com os colegas de sala ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... o ... o ... eu penso que toda influência minha de professor veio do Magistério ... toda ... o que a Educação Física ... por onde eu passei só as experiências agregaram valores em cima de alguns valores principais que eu adquiri no Magistério ...

**Pesquisadora:** então já estava claro a preferência pela escola?

**Professor Antônio Carlos:** claro ...

**Pesquisadora:** por que na Educação Física você tem outros campos de atuação né? ... que não escolares ...

**Professor Antônio Carlos:** certo ... veja você ... por exemplo ... o convite que eu recebi do Corinthians para ser técnico de ... de ... preparador físico ... certamente ganhando três vezes mais ...

**Pesquisadora:** isso foi quando?

**Professor Antônio Carlos:** foi em setenta e seis ...

**Pesquisadora:** o senhor já estava atuando?

**Professor Antônio Carlos:** estava atuando ... professor efetivo do Estado ... professor do Objetivo ... e não tinha coragem de arrancar isso para mudar de profissão ... usando a Educação Física para uma área muito mais evoluída financeiramente ... até muito mais interessante ... né? ... que foi a ... a ... a ... formação de técnico-esportivo ... preparador físico esportivo ... e olha que eu tinha amigos importantes ... o Turíbio ... né? ... que é o fisioterapeuta mundial ... o Turíbio era colega meu de ... de ... pensão ... né? ... ele formou lá na Paulista de Medicina ... da Fisiologia do Esforço ... vai vendo onde eu estava envolvido ... e nunca mais saí do Magistério ... você está entendendo? ... porque eu estava embutido nessa minha ... na minha formação de Magistério ... professor ... e ... e eu penso que é isto ... as coisas que foram ... que aconteceram com a gente ao longo do Magistério ... eu não tenho ... com exceção dessa professora que me apontou o dedo ... eu não tenho não ... eu não tenho ... eu não tenho nada ... nada a ... eu fiz alguns tipos ... como deixando de ser professor ... aí para a 5ª. série aqui ... aqui já na escola já ... né? ... quando a gente ... eu nunca ... como eu disse ... eu nunca usei apito ... mas nós tínhamos que formar time ... tinha aquelas turmas de treinamento ... que completava a nossa carga horária e ali você tinha que ser técnico ... e aí eu montava timinho de vôlei ... que eu cheguei até uma final do Estado de São Paulo ... é ... essa fotografia eu tenho ... do meu timinho de vôlei ... estava na frente da Prefeitura ... eu vou achar ela direitinho ... eu vou mandar ...

**Pesquisadora:** são alunos da rede estadual?

**Professor Antônio Carlos:** tudo estadual ... certo ... e ... teve uma passagem também que ... eu acho mais hilária do que... porque ela foi totalmente intencional ... aconteceu um fato que nós classificamos aqui ... tinha três times para um deles ir para Marília e para ... para ... para o Guarujá ... ficar uma semana no Guarujá ... uma final de Estado lá ... até minha gordinha ... a Bruna<sup>153</sup> ... que é ... era ... era do time de handebol ... a Bruna ... filha ... era do time de handebol ...

**Pesquisadora:** foi sua aluna?

**Professor Antônio Carlos:** foi ... e aí então nós estávamos Assis ... Bernardino e Marília ... um desses times ia para ... para ... e nós jogamos contra Marília ... o primeiro jogo e eu ganhei ... sete a dois ... né? ... e viemos embora ... fui para Paraguaçu Paulista ... viemos embora ... no dia seguinte jogou Assis com Marília ... e Assis ganhou de cinco a dois de Marília e no terceiro dia nós voltamos lá para jogar contra Assis ... né? ... o vencedor ia para o Guarujá ... eu falei ... “não posso perder essa chance ... minha criançada tudo pobrezinha ... não vai nunca para o Guarujá ... eu não posso perder essa chance” ... eu tenho que arrumar um jeito de ganhar esse jogo ... e quando nós entramos na quadra ... certo ... eu falei ... “perdi o jogo” ... sabe? ... pela vivência ... a gente vê ... “perdi o jogo” ... sabe porque você perde o jogo? ... porque minhas meninas ao invés de ficarem fazendo aquecimento lá e tal ... elas ficaram olhando para o lado de lá ... para ver as meninas do lado de lá fazer aquecimento ... “perdi o jogo ... meu time afinou” ... né? ... e era normal que fizesse isso ... a criançada de onze anos ... disputar final ... aí ... eu falei ... “aí ... mas não pode ... eu tenho que ganhar esse jogo ... que eu vou fazer? ... porque agora ... eu já tinha aberto ... eu não sou professor de Educação Física ... sou técnico ... eu quero levar minha turma para o Guarujá” ... e aí ... o que acontece? ... eu vejo a ... a ... goleira ...do time de Assis com uma camiseta e o esparadrapo fazendo o 1 e o 1 a ... né? ... ganhei o jogo ... ganhei o jogo ... a gente tinha a bagagem que ensina a gente ... chamei minha turminha ... pessoal vem cá ... senta aqui no banco ... senta todo mundo aqui no banco ... vamos conversar com vocês um minutinho ... rápido ... vai começar o jogo já ... eu vou fazer um escândalo aqui ... mas vocês não deem risada ... porque senão ninguém vai levar

<sup>153</sup> Referiu-se à uma de suas filhas.



a sério ... está? ... vocês ficam pé de cabeça viu ... toda risada ... baixa a cabeça e dá risada de cabeça baixa ... certo? ... porque vocês vão ver o tamanho do barulho que eu vou fazer aqui ... assim nós vamos ganhar o jogo ... e aí nós vamos para o Guarujá ... vocês querem ir para o Guarujá? ... nós queremos ... então vocês ficam ... quem que não quer ir para o Guarujá? ... o juiz chama os times lá para ... para a quadra ... eu falei ... “vocês não vão ... fiquem aí” ... eu fui ... eu falei ... “você ... o regulamento é para ser seguido?” ... já falando inquirindo ... não estou falando manso ... eu estou inquirindo ... “o regulamento é para seguir?” ... “é” ... “o senhor observou ... você leu o regulamento para vir apitar o jogo?” ... e eu apertando o juiz ... “então vem cá ... vem cá ... vem cá comigo” ... fui na mesa ... “quinze minutos aí ... quero quinze minutos ... começa a cronometrar agora ... JÁ” ... e os caras ... sabe porque? ... porque tinha que trocar a camisa da goleira ... um A não fazia parte do regulamento ... e o regulamento dizia ... devidamente uniformizado ... certo? ... “mas a numeração não está de acordo ... com a numeração do jogo de futebol ... de handebol ... então meu time não vai jogar ... porque que eu tenho” ... mentira ... “porque que eu tenho que comprar o uniforme novo ... porque que eu tenho que fazer tudo que eu fiz para trazer meu time aqui ... tudo dentro da Lei ... e o outro pode fazer de qualquer jeito? ... marca os quinze minutos” ... eles marcaram ... certo? ... e a professora veio lá ... e eu falei ... “e você cala a boca ... você fica quieta” ... deixei ela extremamente nervosa ... porque essa era a intenção ...

**Pesquisadora:** que série que eram essas crianças?

**Professor Antônio Carlos:** eram onze anos ... infantil ... infantil ... naquela categoria infantil ... 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... 5<sup>a</sup>. e 6<sup>a</sup>. séries ... ganhei de sete a cinco ... porque ela se perdeu e não custava um minuto ... era só ela ir do lado de lá ... porque tinha a torcida ... a diretora minha aqui que era uma encrenqueira de primeira mão ... “Antônio Carlos pelo amor Deus o que você está fazendo!” ... o supervisor veio ... “ô professor” ... “que professor rapaz ... eu sou técnico ... eu não sou professor coisa nenhuma ... eu não estou aqui para fazer média com ninguém ... vim aqui para ganhar o jogo e por isso eu estou cumprindo com a lei” ... ele disse ... “eu cumprio o que tem que cumprir” ... aí o cara ficou ... “uai você tem que considerar” ... “considerar coisa nenhuma ... não vim aqui para considerar nada ... eu vim aqui para ganhar ... não é isso que eu tenho que ser ... eu não vim aqui para ganhar ... eu quero ganhar” ... fiz cinco a um no primeiro tempo ... que as meninas ... a professora ficou nervosa ... deixou as meninas nervosas ... de sacanagem ... foi tudo programado ... certo? ... o que ... o que faltava ... o que ela precisava fazer ... era só chegar do lado de lá da ... aqui ... do gradil ... “o fulano empresta uma camisa de goleiro seu aí” e punha no dela e acabou o jogo ... não precisava todo esse discurso meu ...

**Pesquisadora:** desestabilizou ...

**Professor Antônio Carlos:** era isso que eu queria ... eu queria desestabilizar e desestabilizei todo mundo ... as minhas como eu tinha avisado ... entraram com a corda toda ... sabe? ... e fomos para o Guarujá ... foi a primeira vez que eu fui técnico na minha vida ... que eu abri mão da profissão de professor ... de educador na verdade ... para ser ... aliás como diz ... eu vou lembrar ... você pode ser duas coisas na vida né? ... nessa profissão ... você pode ser professor ou educador ... se você se coloca como professor ... você é como um eucalipto que dá iguais em qualquer tipo de terra ... uma árvore sem vergonha ... que é igual a milhares ... certo? ... mas se você se coloca como educador ... você é um jequitibá ... uma árvore frondosa ... misteriosa ... única ... certo? ... esse era o meu ... essa foi a minha ... aliás eu tenho duas ... duas ... dois pensamentos interessante né ... Gusdorf<sup>154</sup> também é interessante ... né? ... porque Gusdorf era uma outra linha depois daquela do cara falar ... é mais um que nós vamos mandar embora ... eu andei ... eu estou lendo Gusdorf ... que eu fui muito leitor ... li muito ... Gusdorf dizia ... que chegou na frente de uma sala de aula ... e ele disse assim ... quem sou? ... né? ... e

<sup>154</sup> Referiu-se à Georges Gusdorf (1912-2000).

quem são eles? ... o que penso eu deles? ... e o que eles pensam de mim? ... olha que reflexão mais fantástica ... quem eu sou e quem são eles ... o que penso deles ... e o que eles pensam de mim ... essa interação tem que existir ... você não pode ser um mero papagaio ... tem que interagir ... você tem que conhecer ... e para você se conhecer ... conhecer o outro ... você tem que se preocupar com o outro ... senão você não conhece ele ... você está entendendo? ... então esse meu envolvimento de conhecer ... de estar envolvido ... eu nunca ... eu nunca interfeiri na desgraça dele ... no sentido que eu vou entrar em pânico ... vou entrar em crise porque eu não consigo resolver a vida dele ... desta ou daquela área ... seja material ou não ... eu sei que emocional e afetivamente eu interfeiri ... e nunca tive crise de existência ... porque eu deparei com miserável ... uma criança ou um grupo de crianças ... que você está vendo que vem mais na escola para comer do que para estudar ... isso nunca me pegou ... porque não podia me pegar ... não que eu fosse insensível ... eu somente eliminava ... se eu me envolvesse com essa ... eu não tenho o que resolver ... então eu ficava no plano racional ...

**Pesquisadora:** é ... a faculdade foi ... licenciatura plena?

**Professor Antônio Carlos:** plena ... minha faculdade ... meu curso é de licenciatura plena ...

**Pesquisadora:** e da faculdade ... gostaria que o senhor contasse um pouco ... durante mesmo a faculdade ... a atuação dos professores ... as disciplinas ... as relações ... recursos ... era uma faculdade particular ... metodologia de ensino ... o que da faculdade de repente o senhor levou para a sua prática?

**Professor Antônio Carlos:** duas coisas eu levei para a minha prática ... primeiro a ... a ... aula de basquetebol ... mas ... isso porque era o Vlamir Marques<sup>155</sup> que era o professor ... na verdade ele nem era o professor ... ele era aluno da nossa classe ... mas só que o Vlamir Marques ... você sabe quem é? ... Vlamir Marques é o número um do basquete brasileiro ... é o top ... se você fizer uma pesquisa ... você vai conhecer o Vlamir Marques ... e o Vlamir ... ele substituí o professor ... professor não podia dar aula para ele ... professor não tinha nenhuma bagagem ... a não ser acadêmica ... para dar aula para o Vlamir ... hoje o Vlamir é até professor de Educação Física na faculdade de Guarulhos ... e o Vlamir estava lá conosco ... o pessoal da equipe brasileira ... ele fez parte da seleção brasileira de basquete ... campeão mundial ... primeiro campeão mundial de basquete do Brasil ... tem um título de campeão mundial de basquete e o Vlamir fazia parte dessa turma ... então o Vlamir chamava muito a atenção ... porque era um caboclo muito ajeitado ... muito ... e ele falava ... “olha pessoal” ... muita bagagem ... muito conhecimento ... ele jogava no Corinthians nessa época ... e ele falou ... “olha ... vocês tem que ensinar a criança a parte do domínio da bola primeiro ... não começa ensinar técnica ... faça dominar a bola ... como a molecada domina a bola no campo de futebol ... eles tem que dominar a bola com a mão ... então faça isso” ... sabe? ... isso aí ... mas o que ... quem mais me marcou ... foi a Maria Rodrigues ... com as danças folclóricas ... era muito gostoso ... porque eu era muito assanhado ... assanhado assim em termos de não ser inibido ... e eu tinha ... e a nossa turma ... era uma turma de caipira que ficava inibido para dançar as músicas do folclore ... que a Maria Rodrigues dava ... aí eu era o primeiro a puxar ... né? ... eu puxava e aí a turma vinha ... Maria ... “faz que nem o Antônio Carlos ... vocês estão vendo aí ó” ... aí juntava a turma e ia dançar ... né? ... mas a Maria Rodrigues ela tinha uma didática muito interessante de ... de ... dança ... do folclore ... sabe? ... das musiquinhas infantis que você fazia ... e aí ela também mandava nós fazermos ... mandava fazer assim ... uma coreografia em cima de uma música infantil ...

**Pesquisadora:** mas ... então ... era voltado para o ensino de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** a Maria sim .... a Maria Rodrigues ... a Maria Rodrigues ... era a única professora da ... do ... da escola ... que tinha uma visão focada na Educação Infantil ... porque o restante era tudo apito e time de bola ... não tinha prática ... era formar equipe de

<sup>155</sup> Referiu-se à Vlamir Marques, ex-jogador de basquetebol brasileiro.

atletismo ... era formar equipe de basquete ... era formar equipe de vôlei ... era formar equipe de natação ... epa ...

**Pesquisadora:** e ... nessa época o especialista lecionava de 5ª. série em diante?

**Professor Antônio Carlos:** nós professores de Educação Física ... por isso que nós usávamos essas musiquinhas ... essas danças para as meninas ... para as meninas de 5ª. série ... eram separadas ... né? ... daí os professores ... nós ... eu tenho uma vivência aqui ... porque uma vez eu briguei com a professora ... com a diretora da escola aí ... não é que eu briguei ... era ... era ... eu era o primeiro da escola para a escolha da ... da ... das aulas ... e eu sabia ... sempre soube ... sempre fui um cara de Lei ... sempre acompanhei ... sempre foi um sujeito diferenciado ... ninguém vinha ... ninguém criava Lei para mim na hora ... “ah ... porque tem uma Lei que fala isso” ... “ah ... tem é? ... vamos procurar ... vem comigo ... vamos lá no computador da secretaria ... procurar onde está ... não vem criar Lei para mim” ... então nas atribuições eu era um dos poucos que lia a ... a ... a portaria de atribuição de aula ... e a portaria dizia que se eu tinha carga horária integral .. eu não precisava ir lá escolher ... se você quisesse ia lá escolher ... se você quisesse ia lá escolher ... era um privilégio que você tinha ... mas se você não quisesse ... eu para mim era indiferente ... única coisa que fazia questão era do horário ... e uma vez eu não fui ... eu não fui porque a diretora da escola ... eu não fui porque eu já não ia ... a diretora falou ... “Antônio Carlos se você não vier na ... na ... atribuição de aula ... eu não vou lhe atribuir nenhuma aula ... eu lhe atribuo um processo” ... “qual o problema? ... nós não precisamos esquentar a cabeça ... você não me atribui aula e eu te atribuo um processo administrativo ... né? ... porque o meu direito eu sei” ... “ai ... mas eu estou brincando com você ... você leva tudo a sério” ... “mas eu também estou brincando com você” ... mas ela não estava brincando não ... e porque que aconteceu ... eu não fui escolher ... as aulas e eu já tinha participado ... aí já é um período que nós já estamos pulando ... eu já estava na Diretoria de Ensino ... e eu fui escolhido pela Diretoria Regional de ... pela dele ... pelo... pela Diretoria ... aqui era Delegacia de Ensino de Santa Cruz ... estava afastado lá ... e eu fui escolhido pelo ... pela Regional de Marília ... para ser o professor de Educação Física representante de um projeto de reestruturação da Educação Física no Estado ...

**Pesquisadora:** em que ano foi isso?

**Professor Antônio Carlos:** vamos pensar ... eu acho que oitenta ...

**Pesquisadora:** eu pensei ... em oitenta ...

**Professor Antônio Carlos:** eu acho que oitenta ...

**Pesquisadora:** foi depois disso que teve um currículo né?

**Professor Antônio Carlos:** é ... e aí nós fomos para São Paulo e fomos em sessenta professores ... do Estado ... para montar esse projeto ... que demorava quinze dias ... você imagina ... discutindo ... e numa linha pedagógica já que a Secretaria da Educação no Estado na época tinha proposto e nós estávamos discutindo a Educação Física focada nesse sentido ... por que? ... porque veio uma conversa ... porque isso veio por conversa ... sobre vai mudar o sistema de educação ... de ensino ... agora é construtivismo ... né? ... e agora tudo que vocês fizeram ... não vale ... daqui para a frente é construtivismo ... agora o que é construtivismo?

**Pesquisadora:** ninguém sabia ...

**Professor Antônio Carlos:** nem a coitada que foi lá explicar para nós ... mas eu tinha ... percebe? ... eu tinha uma formação ... que nesse período ... eu estava no Objetivo junto com o Alfredo e que foi um período mais ou menos concomitante ... eu dava aula numa escola Piaget ... essencialmente construtivista ... e era escola infantil ...

**Pesquisadora:** e você lecionava como professor de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** como professor de Educação Física ... e era essencialmente construtivista ... né? ... níveis de competência cognitiva ... então eu tinha isso ... eu conhecia isso ... né? ... o que é construtivismo? ... de que maneira as coisas acontecem? ... eu não tinha a menor noção do que era ... e eu tinha ... como eu tenho ... como era minha defesa de

Mestrado ... a minha defesa do sociointeracionismo de Vygotsky ... ou construtivismo de Piaget ... ou a hereditariedade de Wallon ... eu ia colocar tudo isso ... eu estava preparando material para fazer o meu Mestrado ... sobre isso ...

**Pesquisadora:** na época?

**Professor Antônio Carlos:** na época ... o meu mestrado era sobre a construção do conhecimento ... como ele se processa ... está entendendo? ... e essa construção ... aí eu entrei numa discussão com uma diretora ... discussão dentro da sala ... ela provocou a discussão ... eu tinha muita bagagem ... e fomos discutindo gestão escolar ... né? ... e no final da discussão ... ela falou assim ... “Antônio Carlos ... você vai terminar o Mestrado aqui ... você vai comigo lá para Cascavel ... porque você vai ser meu professor coordenador” ... foi uma professora lá ... da escola lá ... não estou lembrado do nome dela agora lá ... mas tenho um livro dela ... de ética e moral dela ... que ela me presenteou na época ... “mas não ... eu vou fazer minha defesa ... minha dissertação ... já estou preparando meu material ... é competência cognitiva ... construção de conhecimento ... sociointeração ... eu vou usar Vygotsky ... eu vou usar Wallon ... eu vou usar Piaget ... eu estou trabalhando nessa área ... na minha” ... “não ... não ... não ... você vai fazer administração” ... e aí ... por comodismo ... por comodismo ... certo? ... ela me deixou ... eu fiquei uns quatro meses travado ...

**Pesquisadora:** estava se preparando então para tentar um Mestrado?

**Professor Antônio Carlos:** não ... nas aulas de Mestrado ...

**Pesquisadora:** você já estava fazendo?

**Professor Antônio Carlos:** já estava fazendo ... para definir a nossa dissertação ...

**Pesquisadora:** ah ... ainda ia ser definido?

**Professor Antônio Carlos:** é ... é ... no 1º. ano ...

**Pesquisadora:** mas já era em administração?

**Professor Antônio Carlos:** é ... já era em Educação ... ou era Educação Física ou Educação como um todo ... era uma das áreas que a gente tinha optado ... em Educação ...

**Pesquisadora:** mas ... daí depois tinha opções?

**Professor Antônio Carlos:** tinha ... tinham ... várias vertentes ... uma delas era essa possibilidade de você fazer a parte da didática e a outra vertente era a parte de administração escolar ...

**Pesquisadora:** uma linha de pesquisa?

**Professor Antônio Carlos:** uma linha de pesquisa ... foi o que eu fiz ... né? ... eu tinha muito uma facilidade ... aquilo para mim foi um mamão com açúcar ... preguiça minha ...

**Pesquisadora:** de repente ... pela própria atuação profissional ...

**Professor Antônio Carlos:** de repente ... por tudo que tive ... por todo conhecimento que eu tive ... que eu tinha na época ... eu fiz brincando ... tanto que eu fui o único ... o professor Romanelli ... que era da administração lá da PUC<sup>156</sup> de Curitiba ... que foi o professor nosso aqui ... classe inteira queria ele como orientador ... e eu apresentei meu projeto para ele ... meu pré-projeto né? ... discuti com ele algumas ideias ... daí ele falou ... “apresenta para mim ... conta para mim o que você está pensando” ... falei ... “ah ... eu acho que a educação pública ela tem que ser compartilhada ... se não tiver compartilhamento ... envolvimento da família ... com a direção da escola ... o Estado ... o Estado pode vir como apoio ... mas escola e família tem que estar junto senão não junto ... não tem Educação ... não adianta” ... e lá na sala de aula ... lá ... dois dias depois que veio para me dar aula ... “eu só tenho que avisar vocês ... eu já escolhi um ... vou monito ... vou orientar um único aluno nessa área ... eu não tenho tempo para dois ... e o meu aluno é o Antônio Carlos” ... ah ... matei de inveja ... todo mundo lá queria o Romanelli como professor ... ele era um top de linha lá ... sabe? ... aí eu fiz minha dissertação em Administração Escolar ...

<sup>156</sup> Pontifícia Universidade Católica.

**Pesquisadora:** mas ele orientou aqui?

**Professor Antônio Carlos:** aqui ... ele é da PUC e vinha dar aula para nós ... no módulo dele de Administração ... e eu ... ele ... ele ... nós pagamos acho que mil reais para ele ...

**Pesquisadora:** ah ... então ... vocês ingressaram no Mestrado não tinha já o orientador definido ... durante o curso que seria definido?

**Professor Antônio Carlos:** não ... durante o curso que foi aparecendo ... porque era o 1º ano ... o pessoal estava ainda ...

**Pesquisadora:** processo diferente ...

**Professor Antônio Carlos:** estava ainda vendo quem era ... o que ... porque é diferente ... quando você entra no Mestrado ... você já vai ... eu tenho uma história para te contar ... eu tenho um amigo ... que nós fomos lá na UNESP<sup>157</sup> ... lá em Bauru ... para fazer uma prova para escolher ... para nós escolhermos ... uma linha de ... está ... aí o Péricles passou ... ele é até delegado de ensino aí ... Péricles passou e ele não sabia quem indicar para ser o orientador dele ... aí ele olhou assim e falou ... “olha esse tema aqui é interessante” ... ele achou que o tema dele condizia com aquela da professora ... ele falou ... “ah ... vou escolher essa daqui” ... e ele foi lá para ser entrevistado ... pela professora ... a professora ouviu ele ... tudo ... com muita paciência ... e ele contando para mim ... depois ela virou para ele e falou ... “olha aqui professor ... eu não concordo com nenhuma palavra que o senhor está dizendo (risos) ... eu não concordo com nada com o que o senhor está dizendo aí ... eu não vou querer o senhor como o meu” ... quer dizer ... acabou ... não tinha outro ... perdeu a chance ...

**Pesquisadora:** é ... orientador tem que querer ...

**Professor Antônio Carlos:** então ... foi isso aí ... o que mais nós temos aí? ... eu fui conversando ... eu pulo ...

**Pesquisadora:** é ... não tem como não falar da formação sem já falar da atuação né? ... está interligada ...

**Professor Antônio Carlos:** nós fomos sempre ... eu só fui ... uma vez técnico ... eu usei minha profissão uma única vez técnico para ir para o Guarujá ... num campeonato de colegial ...

**Pesquisadora:** certo ... da faculdade ainda ... tinha alguma ... o senhor falou da aula de dança ... da Maria Rodrigues e os demais professores ... em relação a atuação deles ... metodologia de ensino ...

**Professor Antônio Carlos:** era acadêmica ... nós tínhamos cinesiologia ... fisioterapia ... eram disciplinas acadêmicas ... não tinha ... não tinha ... as práticas ... natação ... basquete e vôlei ... que eram disciplinas do ... natação ... basquete e vôlei e atletismo ... que eram quatro disciplinas ... cinesiologia ... que era área acadêmica ... descobrir corpo ... musculatura e função muscular ... ações ... e ... essas disciplinas eram todas acadêmicas ... não tinha ... era secundária ... então não tinha grande influência na disciplina não ... porque a disciplina que era fundamental ... atletismo ... basquete e vôlei ... atletismo ... basquete e vôlei ... natação ... que você tinha saber e saber para valer ... e eu ergo a mão para o meu professor de natação ... porque eu tinha uma tremenda de uma ... de uma ... asma ... eu tinha uma bronquite asmática ... não havia o que curasse e quando eu entrei na faculdade ... ele era um cara que ... se você não entrasse na piscina ... você não tinha presença ... eu com frio ... sem frio ... com (risos) ... só Deus sabe ... mas eu curei da minha bronquite asmática ... única coisa que esse professor fez de bom para mim ... fez ... graças a Deus ... eu não esqueço dele ... Seu José ... professor José ... né? ... porque uma vez eu fiquei em DP<sup>158</sup> ... porque ... eu tinha uma micose crônica no pé ... vai vendo ... eu falei ... “puts preciso pegar Seu José numa hora que a gente for nadar lá ... for tomar um cafezinho na cantina ... eu vou mostrar o pé para ele” ... por isso que eu ficava em DP ... eu dava um pulinho na água ... vai que uma micose dessa aqui ... que não conseguia

<sup>157</sup> Universidade Estadual Paulista.

<sup>158</sup> Dependência.

sarar ... negócio louco ... é ... eu vou ver se ele me livra ... pelo menos me dispensa ... ao invés de dar natação ... ele me dá práticas ... né? ... trabalho escrito ... mostrei o pé para ele ... ele falou ... “nossa ... mas esse pé está feio hein” ... “pois é professor ... olha aí ó ... parece pé de andante” ... era inchado ... e todo ... você não imagina ... falei ... “pois é professor ... não consigo entrar na água lá ... eu tenho evitado entrar na água ... porque eu tenho medo de que essa micose que já está crônica atinja outros colegas” ... “eu não tenho nada que ver com isso ... ou você entra na água ou você vai repetir de ano” ... eu e ele no barzinho da cantina da faculdade ... o velho falou isso para mim ... “eu não tenho nada que ver com isso ... ou você entra na água ou você vai ser reprovado” ... ergo a mão para ele sabe ... porque aí eu fui para o hospital das clínicas do servidor público ... eu consegui lá um tratamento ... eu fui para o ... eu fui para o ... meus amigos me levaram para o hospital para ... do paulista ... enfim ... fizemos tudo que podia fazer ... eu consegui um remédio que que era uma autovacina e eu curei ... né?

**Pesquisadora:** e o rendimento na faculdade? ... as notas?

**Professor Antônio Carlos:** eu sempre fui um aluno mediano ... porque na verdade eu fui fazer Educação Física por força de ter um professor que foi fantástico ... que foi o professor Sodré ... José Osvaldo Voz Sodré ... eu sempre fui um aluno mediano ... porque a minha postura foi sempre de administrador ... interessante ... eu fui educador ... como professor ... eu fui ... eu nunca fui professor ... eu sempre fui educador ... mas com uma postura sempre focada num contexto de administração ... por isso que quando do meu Mestrado ... na minha Especialização e no meu Mestrado ... eu fiz por comodismo porque eu tirava de letra ... certo? ... eu cheguei a conclusão que eu não devia inventar ... eu fui e às vezes eu até lamento ... porque eu podia ter escrito um livro sobre isso ... sabe? ... os níveis de competência cognitiva ... como isso funciona ... no processo de interação ... conhecimento construído não se descobre ... daí você vai ... tem uma linha fantástica sobre isso ... eu dei até palestra ... já dei várias palestras sobre essa questão ... em vários ... eu tenho aí alguns ... alguns ... certificados ... de palestrante e tal ... que eu fiz ... né? ... nessa área ... da competência e tudo mais ... mas eu fiz sempre ... no final da história eu sempre fui um administrador ... interessante ... um educador administrador ... sabe? ... a ponto de ter abandonado a escola ... abandonado a coordenação ... porque o pessoal ... os professores acharam que eu como coordenador deveria ser um prestador de serviços para eles ... um *office-boy* ... e não era nada disso ... agora se o diretor não conversa seus subordinados de que tem um coordenador pedagógico que o leva as ideias de uma coordenação ... de um trabalho multidisciplinar ... os caras não querem ... os caras não entendem ... ou se não entende ... não quer ... eu vou mudar? ... eu vou enfrentar colega? ... eu não tenho autoridade ... não tenho autoridade ... quem tem autoridade é diretor ... escola pública você pode nomear quem você quiser ... quem tem autoridade na escola pública é o diretor ... só ele pode mudar ... né? ... então peguei meu boné ... os caras ... “bom ... você é louco ... vai abandonar ... você não faz nada ... fica aí sentado” ... e eu ... exatamente por isso ... “você que acha que eu estou na idade de não ficar fazendo exatamente nada ... vou voltar para as minhas crianças” ... me chamaram de louco ...

**Pesquisadora:** imagino ... e situações de sucesso ... ou insucesso durante a faculdade ... como aluno?

**Professor Antônio Carlos:** não ... nenhuma ... o percurso foi normal ... nunca tive nada de ... de ... nós tínhamos nossas turminhas ... nós saíamos para jogar ... a própria turma da classe ... o nosso curso transcorreu normalmente ... não teve nada de ... nenhum pico de ... nem para cima ... nem para baixo ... foi realmente um curso ... um curso normal ... como qualquer um outro ... mas a ... o que eu poderia dizer de sucesso ... é que se eu tivesse que fazer uma outra faculdade hoje ... eu faria Educação Física ... né? ... essa é a parte do sucesso ... da Educação Física ... da convivência ... da relação humana ... que o professor de Educação Física tem ... tanto que nós implantamos no Objetivo ... todo dia ... todo dia ... o diretor de escola ... todo diretor de escola que era ... que a escola era ... fundada pelo Objetivo ... que não tinha parceria

com nenhuma outra entidade ... mas que era Objetivo Júnior ... por exemplo ... nós montamos Objetivo Júnior em Ribeirão Preto ... quem era o diretor de escola ... professor de Educação Física ... nós montamos em São José do Rio Preto ... o nosso Objetivo Júnior ... quem era o diretor de escola? ... professor de Educação Física ... eram os únicos que tinham capacidade de uma visão total da escola ... o professor de Educação Física é o único que consegue fazer uma leitura da escola como um todo ... e nós implantamos isso no Objetivo de São Paulo ... depois claro que essas escolas foram tendo parcerias ... com grupos particulares ... eles foram mudando ... mas na abertura das escolas ... eu vou citar só essas duas ... Ribeirão Preto e São José do Rio Preto ... certo ... que nós colocamos ... aqui em Ourinhos ... vou dar outro exemplo ... Ourinhos ... quando nós montamos o Objetivo em Ourinhos ... quem foi o diretor de escola? ... o professor de Educação Física ...

**Pesquisadora:** era um requisito?

**Professor Antônio Carlos:** requisito ... era um pré-requisito ... para ser diretor ... nós implantamos essa mentalidade dentro do Objetivo enquanto nós estivemos lá e tínhamos peso de decisão ... vai para a direção da escola ... vai ficar lá para um ... dois anos ... se der certo fica lá o resto da vida ... é professor de Educação Física ... então nós pegávamos da rede nossa mesmo ... “o fulano ... vem cá ... quer ir embora para lá ... você vai ser diretor lá” ... “mas eu não sei nada” ... “bom ... vai para lá que você vai ser ... nós vamos te dar todo apoio ... nós vamos te dar toda a instrução ... você não vai ficar sozinho” ... e quantos permaneceram ... nossa ... noventa por cento ... nós não erramos ... depois essas escolas foram fazendo parcerias com outras entidades ... claro que cada um foi pondo o seu ... esses professores até permaneceram por competência ... houve crítica ... tiraram ... como é o caso de Ourinhos ... por exemplo ... que tiraram o professor de Educação Física ... nunca ... nunca ... foi por falta de competência ... mas por política ...

**Pesquisadora:** em relação a faculdade ainda ... em relação a materiais ... espaço físico ... para o desenvolvimento das aulas ...

**Professor Antônio Carlos:** material e espaço físico nós tínhamos de ... de ... sobra ... material nunca faltou ... espaço físico nós usávamos o Aramaçã ... que era um clube ... um clube social ao lado da faculdade ... nós usávamos o campo de futebol que tinha a pista de atletismo ... que era o campo lá do ... do ... Santo André ... né? ... e nós usávamos a piscina também do ... do ... complexo ... do estádio esportivo lá de Santo André ... que era uma piscina de cinquenta por vinte e cinco ... né? ... tinha trampolim ... de dez metros ... então nós ... em termos de recurso material para basquete ... para colchonete ... para ginástica ... cavalete ... a parte de ginástica olímpica ... esses negócios todo ... mas isso era pouco desenvolvido ... não era uma pretensão ... se apresentava ... mas não ... não fazia não ... tinha material ... o material sempre foi muito forte ...

**Pesquisadora:** e a participação nos estágios ... em cursos ... eventos ... paralelos à faculdade e pela faculdade ...

**Professor Antônio Carlos:** muito pouco ... esse período foi um período que participação em ... até nem me lembro ... o ... o ... os estágios ... como nós já chegamos lá com a ... logo no 1º ano nós já tínhamos emprego de Educação Física ... nós tínhamos ... isso aí já ... foi ... foi ... do 1º ... a melhor parte ... porque Educação Física era muito pouco professor ... então tinha espaço ... né? ... então você já fazia ... o estágio já era a própria aula para você fazer ... fazia no seu trabalho ... né?

**Pesquisadora:** mas durante a faculdade o senhor disse que tinha um outro emprego ... para bancar a faculdade ...

**Professor Antônio Carlos:** à noite ...

**Pesquisadora:** então já estava lecionando?

**Professor Antônio Carlos:** já estava lecionando ... então no outro período ... no outro intervalo nós fazíamos [interrupção em virtude do horário de almoço, mas resolvem terminar esta questão] ...

**Pesquisadora:** então durante a faculdade o senhor a lecionar?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... entrei no 1º. ano da faculdade de Educação Física ... a gente já arrumou aula para dar ...

**Pesquisadora:** era como professor substituto?

**Professor Antônio Carlos:** professor substituto ... começamos como professor substituto ... nós começamos depois como professor eventual ... pelo Estado ...

**Pesquisadora:** escola particular também?

**Professor Antônio Carlos:** particular ... depois dessa história ... né? ... que eu fui cair na escola particular ...

**Pesquisadora:** entendi ... mas então não era uma obrigação fazer o estágio?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... nós não tínhamos uma disciplina que dizia estágio obrigatório ...

**Pesquisadora:** sobre as características da formação ... o senhor já falou um pouco ... universidade privada ... já falou da época ... do local ... eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho sobre o contexto social ... econômico e cultural dessa época ...

**Professor Antônio Carlos:** estávamos em plena revolução ... o período do contexto ... o contexto social ... né? ... o contexto ... claro envolve o econômico ... nós estamos num período de recessão ... também de exceção ... menos recessão mas muito mais de exceção ... foi o período da ditadura ... nós cursamos a faculdade todinha no período de ditadura ... ditadura militar ... e que ... nós ... não sofremos nenhuma ... nenhuma restrição em questão de ... nós recebemos general para explicar para nós o que nós podíamos ou não fazer dentro da faculdade ... né? ... e esse contexto é o que permeou todo o período de ... do domínio do militarismo ... domínio do militar ... e ... e ... agora ... nós sentimos muito pouco ... a influência desse militarismo no nosso trabalho ... até porque o nosso grupo ... a escola de uma certa maneira era de alunos ... a maioria de alunos do interior ... vindo do interior para São Paulo ... então não tinha muito ... e outros ... ou profissionais já ... em final de carreira ... profissional do basquete ... profissional do futebol ... né? ... profissional do vôlei ... né? ... né? ... tipo Leão ... conhece o Leão né? ... técnico de futebol ... o Mosquito ... o Rosa Branca que era toda a seleção brasileira de basquete ... né? ... além do Vlamir ... o Brecha ... o Brida ... que eram uns jogadores de futebol ... enfim ... vários ... quer dizer ... era um pessoal que estava em fim de carreira buscando uma formação nível superior ... para encontrar uma resposta de vida ou ... uns interioranos querendo arrumar uma faculdade de Educação Física para dar aula ... então a influência do militarismo na nossa faculdade ... eu diria nula ... até porque eu fui presidente do Diretório Acadêmico e nós nunca sofremos nenhuma restrição ... a não ser receber o general para dizer para nós o que podia fazer ... mas ... não ... pressão ... atitude de pressão ... postura de pressão ... não ... ele veio numa boa ... falou como se fosse um ... e foi embora ...

**Pesquisadora:** eu ia perguntar sobre os perfis dos ingressantes ... mas o senhor já falou né? ... do pessoal do interior e os atletas ... técnicos ... que não era o caso do senhor ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... eu era um administrador frustrado ...

**Pesquisadora:** mas o interesse pela docência ... ela veio ...

**Professor Antônio Carlos:** ela veio desde o Magistério até aqui ... isso aí calou em mim né? ... calou em mim ... incrustou ...

**Pesquisadora:** e qual era a expectativa do senhor ... tanto pessoal ... quanto profissional ... fazendo curso de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... essa expectativa ... é engraçado ... ela vem junto ... ela vem junto com ... com a docência mesmo ... porque sabe como eu comecei a dar aula no



Estado mesmo ... um dia um amigo meu chegou e falou ... “ô Boy” ... ele era professor de matemática nessa escola ... ele falou ... “ô Boy ... pô ... você poderia ir dar umas aulas de comércio” ... a disciplina na ... na ... no ... Estado ... chamava comércio ... falei ... “o que é isso?” ... “ah vai lá ... o professor explica para você” ... eu fui lá ... você tinha que ensinar o que é ... tipos de empresa ... sociedade anônima ... individual ... essas coisas ... ensinar fazer cheque ... o que é uma duplicata ... o que é isso ... aí ... isso aí era um abc ... e eu comecei a ir ... um dia ... meu amigo ... de Educação Física ... eu já estava fazendo Educação Física ... meu amigo de Educação Física chegou e ... falou para mim ... “Boy ... achei a escola do sonho” ... falei ... “é ... onde?” ... “perto do Canal quatro ... lá na TV Tupi ... rapaz” ... o cara ... “eeeeeee” [balbucia som] ... contou a história ... da escola dele ... “puxa me leva ... me leva lá de uma vez ... para eu conhecer um tesouro desse” ... ele comentou com o Alfredo que veio a ser meu amigo depois ... sobre mim ... e o Alfredo me chamou lá ... como eu tinha essa formação ... Administração ... o Alfredo pediu para eu dar uma olhada na escola dele ... o Alfredo era um caso sério ... sabia montar a escola ... mas em compensação era zero para todo lado ... e eu fui no escritório lá né? ... no centro de São Paulo ... ver o que o Alfredo tinha comprado ... ele comprou ... eu falei ... “Alfredo porque você não montou uma escola? ... você foi louco” ... ele comprou uma escola falida de seis donos ... só que ele comprou de dois donos ... dois donos fixaram um preço e ele deu um dinheiro ... os outros quatro ... não fixaram o preço ... no meio do caminho ... um fixou o preço ... ele comprou ... ficaram em três ... esses três ficaram esperando ... “opa ... ele vai levantar a escola ... hora que ele levantar a escola ... nós vamos ficar ricos ... nós vamos vender ... nós vamos ficar ricos” ... falei ... “você é louco ... você não vai pagar nada ... hora que os caras souberem que a escola está indo para a frente ... eles vão por um preço na sua cabeça ... você não vai ter como pagar ... como você compra um negócio?” ... “ah ... mas ninguém me falou ... ninguém me orientou” ... eu falei ... “ah ... está aí ó ... isso aí não vai dar certo ... você vai ter que negociar já ... né? ... porque ... você precisa ficar dono único desse negócio aqui ... pega lá com o Dejeno um dinheiro” ... ele tinha acesso ... “pega lá um dinheiro ... com o Dejeno e compra” ... e eu orientei o Alfredo a fazer isso ... e ele fez ... né? ... aí a escolinha passou a ficar só dele ... aí ele me adorava né? ... não tinha ninguém melhor no mundo do que eu para ele ... né? ... e um dia ele me chamou ... “não ... se vai aqui ... se vem aqui ... que você vai trabalhar ... de funcionário meu aqui” ... eu falei ... “Alfredo o que eu vou fazer aqui? ... eu não tenho que fazer nada ... eu tenho o escritório lá” ... “não ... você vem ... eu vou dar três aulas para você ... você vai trabalhar aqui ... dar três aulas ... mas eu vou te pagar tanto” ... que correspondia a dez aulas ... vinte aulas ... pagava bem para caramba para mim ... foi quando a gente começou a ver um outro ... um outro ambiente de escola ... um outro perfil de educação ... um outro nível ... das coisas ... né? ... e que isso ... foi muito bom ...

**Pesquisadora:** aí o senhor ia falar de quando começou no Estado ...

**Professor Antônio Carlos:** então ... no Estado ... foi assim ... um professor me chamou ... um professor de matemática ... me chamou lá para dar essas aulinhas de técnica comercial ... eu dava essas aulas ... fiquei um ... acho que eu fiquei um ano dando aula de técnico ...

**Pesquisadora:** e tudo isso paralelo à escola particular?

**Professor Antônio Carlos:** e tudo isso paralelo à escola particular ... olha você não sabe o que eu fiz ... e quanto nó eu dei ... sabe? ... para sobreviver ... para ficar ... se você colocar assim ... põe em ordem cronológica ... você vai me matar ... que eu vou ficar louco ...

**Pesquisadora:** e por que o apelido Boy?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... isso é familiar ... esse já vem ...

**Pesquisadora:** de criança ...

**Professor Antônio Carlos:** a única avó ... minha avó Palmira dizia ... “como você tem um nome tão bonito ... Antônio Carlos ... e todo mundo chama você de Boy” ... só ela me

chamava de Antônio Carlos ... os outros a vida inteira ... aqui em Bernardino ... se você falar do Antônio Carlos ninguém conhece ...

**Pesquisadora:** é ... eu perguntei aqui na ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... ninguém conhece ...

**Pesquisadora:** e perguntaram ... ah ... mas é rapaz ... é senhor ...

**Professor Antônio Carlos:** pois é ... se você fala ... “é o Boy ... onde mora o Boy?” ...

**Pesquisadora:** é ... e nesse período da faculdade ... que o senhor já atuava profissionalmente ... a concepção de Educação Física ... nessa época ... de professor de Educação Física ... de bom professor ... era a mesma da época ... quando o senhor foi aluno na época da Educação Básica?

**Professor Antônio Carlos:** mesma coisa ... mesma coisa ... a concepção era que o professor de Educação Física era um bom vivante ... que não fazia nada na escola ... a não ser apitar ... certo? ... e que ... ninguém tinha a menor ... a classe de professores em relação ao professor de Educação Física ... tanto que por muitos anos ... eu não entrava na sala de professor ... eu não entrava ... entendeu? ... eu ficava lá no pátio ... eu ficava lá na quadra ... eu tomava meu lanche lá com eles ... ou às vezes eu passava pela sala de professor ... tinha um cafezinho ali ... uma bolachinha qualquer ... eu pegava aquilo e ia lá para fora ... mas não ficava na sala de professor ... por muitos anos ... muitos anos ... até eu me consolidar como professor ... aí quando eu me consolidei ... me amadureci ... eu me formei e sabia exatamente o meu papel ... aí ninguém abria a boca porque ia levar a discussão ... e estava aberta para se encontrar ...

**Pesquisadora:** então assim ... na formação o senhor não teve essa clareza do seu papel?

**Professor Antônio Carlos:** não ...

**Pesquisadora:** e o que se falava sobre ... o que se espera de um professor de Educação Física na escola ... o que é ser um bom professor ... estava claro isso?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... não se espera nada ... professor de Educação Física era um ... um ... qualquer ... não tem perspectiva do papel do professor ... aliás o professor bom era aquele que ganhava jogo e levava troféu para a escola ... aí a diretora falava ... “esse meu professor é bom ... porque ... ele trouxe troféu para a escola” ...

**Pesquisadora:** isso era explícito?

**Professor Antônio Carlos:** explícito ... claro ...

**Pesquisadora:** isso era explicitado na formação ... na graduação?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... de jeito nenhum ... isso não estava ... o que estava no ... dentro da ... na ... na ... isso eu percebia ... porque tinha ... uma perspectiva ... uma maturidade para você perceber ... que nós tínhamos que ser técnico de fute ... técnico ... não era professor né? ... nós tínhamos que ser técnico ... a formação nossa era de técnico ... né? ... tem que ganhar ... isso era explícito ... né? ... que nós tínhamos que ser técnico ... agora ... se você ... para ser técnico ... você não pode ser técnico perdedor ... tem que ser técnico vencedor ... então se ... você tem que montar time ... você tem que ganhar ...

**Pesquisadora:** aí o senhor disse que foi técnico por uma vez só ... e aí como que o senhor avalia ... toda a trajetória profissional tendo sido técnico só uma vez ... que era ... o que se esperava do senhor ... por não ser em outros momentos ... aí como que o senhor avalia isso?

**Professor Antônio Carlos:** é ... pelo lado ... pelo lado profissional ... ridículo ... sempre me senti ... sempre me senti ... que eu fiz o papel ridículo ... honesto e sinceramente ... eu fiz um papel ridículo ... aquilo nunca foi a minha postura verdadeira ... como técnico ... agora eu queria levar meu pessoal para o Guarujá ... eu sabia que daquelas doze meninas que estavam comigo ... muitas delas dificilmente teriam uma segunda chance de ir para o Guarujá ... e eu fiz para levar ... e eu as levei ... daí eu estou feliz ...

**Pesquisadora:** mas em relação assim a ... sua atuação ... o que não era de técnico ... você deixou bem claro que era como educador ... é ... quais os efeitos dessa atuação nos outros? ...

e em relação ao que os outros esperavam de você como professor de Educação Física ou como técnico ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... estava num ambiente de competição ... nós estávamos fora da escola ...

**Pesquisadora:** na escola ... eu digo ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... na escola ... aquilo foi ... foi ... foi ... eu procurei minimizar ... e até transformei aquilo numa piada ... até porque o diretor da escola de Marília e de Assis ... de quem eu ganhei ... era amigo pessoal meu ... e eu num sabia ... nós não sabíamos ... quando eu soube que era o Ari ... né? ... que era o Ari ... que era o diretor da escola ... que um dia me encontrando com ele aqui em Bernardino ... ele falou ... “pô você é um filho daquele ... porque deixou minha namo ... minha professora ... e meus alunos lá ... na pior” ... eu falei ... “puxa Ari ... você era o diretor da escola” ... ele falou ... “eu sou rapaz ... quando ela falou ... me contou o que aconteceu ... eu falei ... eu só sei de um que pode fazer isso ... né?” ... mas era eu só ... né? ... porque eu era o professor aqui ... né? ... o único professor de Educação Física que tinha equipe aqui ... então ... “ah ... só pode ser o Boy que fez isso aí para você ... né?” ... e eu falei ... “ô Ari ... se eu soubesse ... talvez” ... mas eu falei ... “ah eu tinha minha filha ... tinha outras crianças que queriam ir para o Guarujá ... eu fiz mais para ir para o Guarujá” ... mas isso ... passa por cima ... é ... por cima ... porque não ... não pegou ... isso não teve ... a repercussão aqui foi que nós fomos para o Guarujá ... mas a crítica ... nenhuma ... porque a inconsciência do professor é enorme ... o professor aqui é tudo papagaio do Capitão Gancho ... passa para a frente o que aprendeu e não está nem aí se o aluno ... então isso não sensibiliza ... vou contar uma história aproveitando esse momento para caracterizar bem ... e numa reunião de professores aqui ... a professora de português apresentou uma redação feita por um aluno ... e todos que leram a redação davam risada e ... por uma questão qualquer ... eu fui o último a ler a redação ... e como eu fui muito crítico ... eu falei ... “pessoal vocês estão dando risada do aluno ou de nós mesmos? ... porque vocês já fizeram contas de quantos esse aluno frequentou a escola? ... 3º. colegial ... vai vindo ... faz a conta ... quatro anos de primário ... quatro anos de ... de ... de ... 5ª. a 8ª. ... e mais três anos ... são onze anos de estudo e o produto que nós fizemos ... e o nosso produto final é esse ... vocês estão dando risada de quem?” ... “ai Boy ... você sempre” ... a professora ... falei ... “não ... eu estou amargurado porque eu fui parte integrante da formação ... da produção dessa porcaria ... eu mereço ganhar mais do que ganho? ... para produzir isto? ... num final de curso ... você me apresenta um aluno escrevendo essa redação? ... e dá risada ... nós tínhamos é que nos envergonhar” ... nossa ferveu ... “nós temos que nos envergonhar do que estamos fazendo ... sabe? ... isso aí não é para dar risada do aluno não ... é para dar risada de nós ... nós tínhamos que ter vergonha que o produto final nosso é esse aqui ó” ... cessou a conversa ... abriram a boca ... quiseram discutir ... “pessoal nós vamos discutir ... agora nós vamos ficar apontando o dedo de quem é o culpado ... é todo mundo aqui ... não é porque eu sou da Educação Física que eu estou fora ... nunca ... estou junto do bolo” ... porque eles querem isso ... “ah ... porque você é da Educação Física ... não ... eu estou parte integrante dessa porcaria aí” ...

**Pesquisadora:** e pensando assim que para o diretor ... o bom professor era quem trazia troféu para a escola ... e como o senhor disse que foi técnico por uma vez só e por um motivo ... especial ... para levar os alunos a um lugar que eles não teriam ... que eles não iriam por outros meios ... qual era ... o que o senhor sentia em relação a essa situação ... talvez diferenciada para a época do senhor como professor ... como educador ... o que o senhor sentia em relação aos outros ... o que eles esperavam de uma Educação Física na escola para a época e o que o senhor fazia ... era diferente disso ...

**Professor Antonio Carlos:** não tinha expectativa não ... ninguém tinha expectativa ... nós éramos os excluídos ... nós éramos o sub ... a subclasse do Magistério ... sempre foi assim ... senti isso desde o início ... sempre foi assim ... nós éramos subclasse do Magistério ... por

outro lado ... a inveja que eles tinham da amizade que nós tínhamos com nossos alunos ... nós éramos amigos dos nossos alunos ... então não era uma subclasse ... eu nunca entendi assim ... e eu nunca me vi assim ... certo? ... mas ... percebia que eles nos viam assim ... certo ... isso não quer dizer que eu não ganhei vários jogos ... certo? ... mas a minha atitude nunca foi aquela intempestiva que eu adotei ... nós montávamos os timinhos aí ... e ia jogar por aí ... porque era o campeonato colegiado ... ganhei muito troféu ... ganhei muita ... mas nunca usando o que eu usei lá ... muito normal ... eu ia com as minhas crianças ... “ó pessoal ... se nós ganharmos” ... eu até brincava assim ó ... “se nós ganharmos ... nós tomaremos duas tubaina ... se nós perdermos ... nós tomaremos uma tubaina só ... certo?” ... era minha brincadeira com eles ... sabe? ... quer dizer ... eu não jogava a pressão nelas para ter que ganhar ... não tem que ganhar ...

**Pesquisadora:** por conta do que se esperava do professor ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... vamos jogar [interrupção para avisar sobre o almoço] ... vamos ... está terminando ...

**Pesquisadora:** podemos?

**Professor Antônio Carlos:** podemos? ... você que sabe ...

**Pesquisadora:** é ... tem algum sentimento, situação ou pessoa que marcou esse período da formação? ... na Educação Física ... na Pedagogia ... no Mestrado? ... no Magistério ...

**Professor Antônio Carlos:** o professor que me marcou ... ao longo de todo esse período ... com exceção da ... eu vou citar assim ó ... Darli no Magistério ... Sodré no basquetebol ... da Educação Básica ... o Vlamir ... que era colega nosso ... que a gente ... era um medalhão ... para chegar nele ... né? ... e o Rainero ... aqui do Mestrado e da Pós-Graduação ... conheceu ele?

**Pesquisadora:** esse eu conheço ... o Rainero ...

**Professor Antônio Carlos:** o Rainero é meu amigo do peito ... e esse cara me marcou ... mas ele me deu uma lição ...

**Pesquisadora:** é o diretor?

**Professor Antônio Carlos:** ele está como diretor?

**Pesquisadora:** foi diretor ...

**Professor Antônio Carlos:** ele foi tudo ...

**Pesquisadora:** então foi esse ... baixinho? ... cabelo branco?

**Professor Antônio Carlos:** é ... cabelo branco ... prosa ... o Rainero um dia ... um dia o Rainero me pegou ... eu vou contar a história ... ela é importante ... mas isso aqui na área do Mestrado ... na Pós-Graduação ...

**Pesquisadora:** que época? ... é formação continuada ...

**Professor Antônio Carlos:** formação ... um dia eu cheguei ... “Rainero ... vamos tomar café” ... “vamos ... vamos tomar café ... vamos tomar café” ... fomos lá na cantina da faculdade ... lá da FAFIJA<sup>159</sup> ... e fomos tomar café ... pegamos o café ... fomos sentar no banco lá do pátio ... falei ... “Rainero ... vou te dizer uma coisa para você ... rapaz ... que merda” ... ele falou ... “por que?” ... “ah eu estou trabalhando no meio de um bando de nego desinteressado” ... vai vendo a história ... “num bando de nego desinteressado ... rapaz você vê ... você me ensina algumas coisas aqui que eu nunca imaginei que eu ia aprender ... eu tenho aprendido coisas aqui que eu levo para a sala do professor lá ... eu toco nos assuntos lá ... com a turma ... o senhor sabe o que acontece? ... de repente eu fico sozinho na sala ... ninguém quer saber nada ... um bando de ignorante” ... aí eu descasquei ... “calma ... calma ... calma ... que é isso?” ... né? ... aí ele me virou assim ... “você conhece a história dos fenícios?” ... olha o papo ... ele era professor de história ... falei ... “nunca soube de história dos fenícios” ... ele falou ... “pois eu vou te contar uma história ... os fenícios nunca foram conquistados pela ... eles eram ...

<sup>159</sup> Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Jacarezinho.

dominavam a navegação do mar ... da época ... da região deles lá ... nunca ninguém pôde competir com eles ... eles inventaram todos os tipos de instrumentos de navegação ... certo ... todos os tipos de instrumentos de navegação que existe hoje é origem dos fenícios ... mas tinha uma coisa que eles acreditavam ... que o sol se escondia da lua ... porque a lua fazia xixi na floresta” ... aí ele virou para mim e disse assim ... “esse pessoal ... esse povo aí ... é ignorante ou é sábio?” ... “um povo que acredita que o sol se esconde da lua porque faz xixi na floresta ... é uma ignorância que não tem tamanho ... por outro lado ... um povo que desenvolveu todo tipo de instrumento de navegação ... é de uma sabedoria fantástica” ... ele falou ... “vai devagar ... o que é bom para você ... não é bom para eles ... o que interessa para você ... não interessa para eles ... e o que você está preparado para receber ... eles ainda não estão ... então vai devagar ... você não pode criticar ... porque ... já ... ah ... esse bando de ... porque você está vendo mais coisas que ... você está entendendo?” ... essa comparação para mim foi a maior lição que eu tive no meu fim de carreira ... “esse povo é ignorante ou é sábio?” ... “o que é bom para você ... não é bom para mim” ... acabou ... não queira fazer eles ...

**Pesquisadora:** e depois se o senhor tiver alguma foto da época da faculdade ... da formatura ... do Mestrado ... da Pedagogia ...

**Professor Antônio Carlos:** sabe quem vai ter ... e eu vou até passar ... eu vou ligar para o José ... o José é o professor de matemática da faculdade de Avaré ... o José ... o José era o nosso festeiro lá na faculdade ... e eu sei que ele tem fotos da nossa época de fazer churrasco lá ... enfim ... sabe aquela vida de estudante ... reúne a turma lá e tal ... eu vou ver o que ele tem ... vou até ligar para a Ilka ... certo ... vou ligar para a Maria Helena ... a Maria Helena deve ter sido sua professora ... uma loira ... será que não foi?

**Pesquisadora:** na Educação Física? ... não ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... o Rinaldo ...

**Pesquisadora:** o Rinaldo sim ...

**Professor Antônio Carlos:** o Rinaldo pode ter até ... nós podemos ter junto ... você está entendendo? ... eu vou ... eu vou ... eu vou entrar em contato com essa turma aí ... e nós vamos puxar todos ... um monte de ... documentos para comprovar essa ... situação [pausa de gravação] ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** então agora nós vamos falar sobre todas as experiências da vida profissional ... da atuação profissional ... e com foco no ... na atuação da Educação Básica ... de 1ª. a 4ª. séries especificamente ... na rede estadual ... lógico que paralelo a isso teve outras experiências que com certeza estão relacionadas ... e o senhor também pode comentar sobre elas ... essas primeiras experiências ... na rede estadual ... primeiro dia de aula ... a época ... o contexto ... as condições das escolas ... né? ... ou da escola ... o processo de socialização ... na profissão ...

**Professor Antônio Carlos:** porque ... está ... o ... o ... na verdade quando a gente ... nós começamos a trabalhar em termos da Educação Física no Estado ... na rede estadual ... nós começamos a trabalhar de 5ª. a 8ª. séries ... de 5ª. a 8ª. séries foi o nosso trabalho ... nós só viemos a ... a ... trabalhar com ... com ... 1ª. a 4ª. séries já por volta do ano ... acho que no Estado ... por volta ... no ... no ... em meados dos anos noventa ... né? ... e nós viemos trabalhar aqui e foi uma situação até ocasional ... porque o que ocorria era o seguinte ... nós conseguimos quando ... é ... membro da Diretoria de Ensino ... da equipe técnica da Delegacia de Ensino ... como escolhido para participar de uma ... numa ... de uma ... de uma ... reforma da Educação Física para o Estado de São Paulo ... que nós conseguimos ampliar a área do professor de Educação Física além da 5ª. a 8ª. para as séries iniciais ... que era de 1ª. a 4ª.

séries ... né? ... o que nós podemos observar aqui ... são situações extremamente ... interessante ... na prática interessante ... por duas questões ... primeiro ... o currículo da escola de Educação Física não ensinou o professor de Educação Física ... certo? ... brincar ... ele não sabia brincar ... tanto que nas escolhas de aula ... nas atribuições de aula ... o pavor do professor de Educação Física em ter que escolher os mais novos ... porque as aulas que sobravam sempre ... foram de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... ninguém queria dar aula de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... foi uma luta de mais de dez anos para trazer a Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... quando nós conseguimos ... os professores não queriam dar aula ... não sabiam dar aula ... teve professor que foi até hospitalizado aqui ... na Delegacia de Ensino da época ... Delegacia de Ensino de Santa Cruz do Rio Pardo ... porque ele como professor novo só sobrou para ele aula de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... ele não conseguiu ... ele foi hospitalizado ... e ficou ... ficou ... fora da rede pública ... por mais de um ano ... porque só sobrou para ele ... aula de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... estou reforçando ... estou contando isso ... porque quando eu já mais ... já nessa época com uma boa bagagem na Educação Física ... em todas ... todos ... os níveis ... né? ... ocorreu um fato interessante ... porque nas atribuições ... que eu era o primeiro professor a ter direito de escolher as aulas ... eu não ia para a escolha ... né? ... eu ia ... a atribuição das aulas era feita direção da escola ... e a direção da escola certa vez entendendo que ia me punir ... porque eu não ia nas atribuições ... ela ... deu as aulas de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... colegial ... para um professor mais novo que eu ... e me atribuiu as escolas ... e por isso foi ocasional ... me atribuiu as aulas de Educação Física aqui de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** mas o senhor não ia para a escolha ... então para o senhor era indiferente?

**Professor Antônio Carlos:** indiferente ... claro ... eu não me preocupava com as séries ... eu me preocupava com o horário ... até porque a questão do horário ... era porque eu queria um horário mais tarde ... né? ... então o que ocorreu ... a ... nós trabalhamos três anos ... quatro anos na área da Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... porque depois eu passei a exigir que as aulas de Educação Física ... é ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries fizesse parte das minhas aulas atribuídas ... e o pessoal ficava admirado ... “como?” ... né? ... mas eu era ... eu ... eu dividia minha ... as minhas crianças ... nós brincávamos de Roda ... nós cantávamos música infantil ... cada aula ... três crianças tinham que trazer para mim ... músicas novas infantis ... para ensinar o restante ... da classe ... e nós cantávamos e nós dançávamos ... nós pulávamos elástico ... nós brincávamos de cambalhota ... nós brincávamos de pega-pega ... nos brincávamos de pelota no reio ... nós brincávamos de esconde-esconde ... e nós brincávamos de cantiga de roda ... e ninguém ... para minha ... pelo meu ... perfil de pessoa parecer tão séria ... tão austera ... seca ... jamais podiam imaginar o quanto eu curtia brincar de roda com as minhas crianças ...

**Pesquisadora:** então no início foi por acaso ... depois passou a ser uma escolha?

**Professor Antônio Carlos:** aqui ... na rede pública foi a nem ... foi por acaso ... foi por punição ... foi por punição ...

**Pesquisadora:** foi com aquela mesma diretora?

**Professor Antônio Carlos:** foi ... minha amiga ... foi por punição ... “então você não quer? ... então você vai pegar as aulas do infantil” ... e a surpresa dela que ... eu não fiz isso no primeiro ano ... nem no segundo ... eu guardei como uma arma ... sei lá qual era a mi ... eu sei que na última avaliação do último ano que eu estava ... quando eu trabalhando com escola de formação ... de trabalho com a Educação Infantil ... eu apresentei uma planilha de avaliação ... coisa que nunca foi feita de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... eu apresentei uma planilha ... é ... de avaliação no campo pedagógico ... no campo social ... e no campo da interação social e no campo da aprendizagem ... uma planilha de duas folhas para cada aluno ... analisando aluno por aluno ... e fazendo um comentário específico de cada no seu contexto geral ... e isso eu apresentei na ... na ... na ... na última avaliação do ano na escola ... aí a diretora perguntou para a coordenadora da época ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... quem que tinha elaborado aquela ficha ... a Jaíra que era coordenadora ... ela falou assim ... “quem fez essa ficha para nós foi o Antônio Carlos ... e

agora nós vamos usar a partir desse ano ... todos os anos ... todas as ... né? ... nós não vamos usar só para a Educação Física ... nós vamos usar essa ficha” ... essa uma experiência que eu tinha trazido de São Paulo na época que eu era coordenador de Educação Infantil lá né? ... e do primário lá na particular né ...

**Pesquisadora:** o senhor não tem guardado?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... isso eles já ... a Jaíra deve ter ... eles devem ter aí ... deve ter prontuário de infantil aí ... eu vou pegar uma ficha dessas e vou mandar para você ...

**Pesquisadora:** o infantil que o senhor fala ... é de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... então foi uma surpresa para a escola ... uma surpresa para a diretora ... imaginar que eu era um especialista ... um autodidata na Educação Infantil ... eu tinha experiência ... e foi um sucesso ... foi muito bom esse período de trabalhar com as crianças ...

**Pesquisadora:** foram quantos anos?

**Professor Antônio Carlos:** foram quatro anos ...

**Pesquisadora:** e paralelo a isso ... o senhor lecionava em outros níveis?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... eu já dava aula na faculdade ... nesse período eu já dava aula na faculdade ... em faculdade ... eu já estava dando aula em ... em ... mas ... já era um período em que eu ficava com a 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... já não queria mais colegial do meu lado ... né? ... já estava beirando o final de carreira ... né? ... então eu comecei a escolher ... como era minha tendência de trabalhar com as crianças ... eu fui pegando só as classes iniciais ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... e as séries iniciais ... até ... até ... que por força dessa natureza do professor de Educação Física ... não ter preparo para brincar ... que era isso que eu falava para os meus colegas ... pessoal ... “você está admirado do que ... né? ... vai brincar ... nós ganhamos um espaço para brincar ... nós não precisamos fazer nada ... é brincar ... cria as brincadeiras ... lembra suas brincadeiras de rua ... traz para cá ... traz para a escola ... a criançada vai brincar” ... não sabia ... eu estava fazendo um curso com uma professora que veio da Alemanha ... ainda professor de Educação Física ... um curso de danças infantis ... e eu tinha um problema de inflamação do joelho e eu tive que parar no meio de uma dancinha muito gostosa alemã que nós estávamos aprendendo a fazer toda coreografia ... eu entrava em todas ... né? ... eu fazia ... eu participava ... não fica sentado lá fora vendo o professor ensinar ... eu ia lá ... fazer ... para aprender ... e eu tive uma infecção no joelho ... uma inflamação ... que foi quando começou a ... a ... mas ... eu tive que sair na base da gozação e o pessoal ... “ei ... hein ... velho ... nem uma dancinha infantil consegue?” ... e fazia mais e tal ... foi uma ... mas aí ... o que aconteceu ... como o professor de Educação Física não soube ... não sabia ... não estava preparado para exercer a função de professor ... é ... é ... de a gente de brincar né? ... e tudo mais ... o Estado cortou as aulas desse especialista ... foi cortado ... foi cortando né? ... gradativamente ...

**Pesquisadora:** o senhor viveu o período então que não tinha ... que foi implantado e depois que tirou ... depois que voltou?

**Professor Antônio Carlos:** tirou ... e ficou tempo sem voltar ... aí a mudança de currículo ... que o currículo da Educação Física passou a ser mais ... mais ... humanista ... né? ... voltada para formação do sujeito ... da pessoa ... do cidadão ... né? ... não do esportista ... as aulas parece-me que tem aí ... voltou ... o professor tem um espaço na 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries né? ... isso aí eu já estou fora dessa área ...

**Pesquisadora:** o senhor lembra o ano que foi? ... que o senhor lecionou de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... na década de noventa ... se você lembrar o período ... e aí que ano parou ... que ano começou e que ano parou?

**Professor Antônio Carlos:** pois é ... aí é meio complicado ... de lembrar ... mas deve ser por volta de ... acho que de oitenta e cinco ... oitenta e três ... oitenta e cinco ...

**Pesquisadora:** acho que implantou o Ciclo Básico ... 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries ...

**Professor Antônio Carlos:** isso ... isso ... é esse período ... esse período nós estávamos em plena atividade ...

**Pesquisadora:** até início de noventa ...

**Professor Antônio Carlos:** isso ... foi ...

**Pesquisadora:** foi quando tirou ...

**Professor Antônio Carlos:** foi quando tirou ....

**Pesquisadora:** e ... teve essa ... alegação que estava tirando porque os professores ...

**Professor Antônio Carlos:** alegação que o professor de Educação Física não estava preparado para dar essas aulas ...

**Pesquisadora:** por que a maioria não tinha interesse em pegar essas aulas foi falado alguma coisa?

**Professor Antônio Carlos:** professor era ... declaradamente contra dar aula na Educação Infantil ... foi um negócio absurdo ... porque foi uma luta tremenda para a gente colocar isso de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Pesquisadora:** como que foi a parte que o senhor fala desse esforço para colocar as aulas de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... como que foi ... como que foi a sua participação nisso ... nesse esforço de colocar essas aulas ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... que condição o senhor estava? ... para participar disso?

**Professor Antônio Carlos:** eu era membro de uma equipe técnica da Delegacia de Ensino ... eu era membro de uma equipe técnica ... Delegacia de Ensino ... e ... e ... isso era um ... uma luta nossa ... você está entendendo? ... era uma luta da classe ... do professor ... de Educação Física ... querer que tivesse aula de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Pesquisadora:** era uma luta desse grupo ...

**Professor Antônio Carlos:** do Estado ... dos professores do Estado ... certo? ... nós queríamos que o Estado reformasse o modelo ... e reimplantasse a Educação Física ... porque a defesa nossa era a seguinte ... para de ficar jogando queimada ... porque a professora<sup>160</sup> só levava para fora ... ela não tinha obrigação nenhuma de saber mais ... e já levava uma bola de meia ... e ... vai jogar queimada ...

**Pesquisadora:** e isso foi em qual ano?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... foi ... então ... por volta de oitenta e um ... oitenta e dois ... né? ... e que nós levantamos essa bandeira através do sindicato dos professores de Educação Física ... né? ... para que pudessem implantar Educação Física no ... na ... na ... da 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... isso foi no período do Governo do Quêrcia e nós conseguimos ... implantou ...

**Pesquisadora:** foram anos né?

**Professor Antônio Carlos:** puxa ... foi ... vinha lá detrás ... lá do início ... final de oitenta ... final de setenta ...

**Pesquisadora:** e como que foi essa ... essa luta ... o senhor estava na condição de ...

**Professor Antônio Carlos:** nós estávamos na condição de coordenador ... aí o que aconteceu ... o Estado ... a Secretaria da Educação ... após uma série de estudos ... feito ... em cima da viabilidade da implantação ... até porque ... as professoras de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... também defendiam o espaço de ter pelo menos uma hora de descanso ou de intervalo dentro das ... das quatro horas de trabalho da sala para destinar a um professor especialista para elas poderem também se reciclar ... de se preparar ... porque não tinha tempo ... então essa era outra bandeira ... a 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries defendendo o especialista de Educação junto à elas ... e aí então tem ... a APEOESP<sup>161</sup> ... o CPP<sup>162</sup> ... que era o Centro do Professorado Paulista ... que é de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... são dois sindicatos ... né? ... então eles se juntaram ... uma das poucas vezes ... o CPP se juntou à APEOESP né? ... e também levantaram essa bandeira de ... do especialista ...

<sup>160</sup> Referiu-se à “pedagoga”.

<sup>161</sup> Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>162</sup> Centro do Professorado Paulista.



então não era só a Educação Física ... a Educação Física passou a dividir o horário da semana com a Educação Artística ...

**Pesquisadora:** certo ... isso foi para a Educação Artística também?

**Professor Antônio Carlos:** também ... então ... nós dividíamos ... era aula de ... aula da semana ... aquela hora ... ela foi uma hora ... um dia era Educação Artística ou dia Educação Física ... era uma aula só ...

**Pesquisadora:** quando o senhor foi para a Delegacia de Ensino ... já existia esse grupo ... com esse movimento?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... já ... esse já era um movimento de cinco ... seis anos ... para trás ... já era uma bandeira deflagrada aí ... para regulamentar essas aulas ... porque estava ... qual era a reclamação ... que o professor de Educação Física estava perdendo as aulas de Educação Física ... que parece que hoje são duas aulas só ... você vê que absurdo ... você vê que absurdo ... você está entendendo? ... nós tínhamos três ... agora o que ocorreu foi que essa ... essa ... a ... a mudança do currículo ... para deixar de formação de esportista para formar o sujeito ... isso não é muito ... isso é ... complexo ...

**Pesquisadora:** no currículo da universidade ...

**Professor Antônio Carlos:** da universidade ... porque ... formar o esportista é fácil ... é mais palpável ... você forma um ... você seleciona ... você monta o time ... agora ... se eu fazer o cidadão ... isso é subjetivo ... e nós não soubemos aplicar isso ... isso aí professor ... essa é uma das falhas do nosso ... ou da nossa formação ... ou da formação do próprio currículo ... não apresentar condições para que caracterizasse bem o papel da Educação Física enquanto cidadania ... não formação de atleta ... porque formar atleta é fácil ...

**Pesquisadora:** nesse período ... de movimento de vocês ... provavelmente a faculdade estava formando igual?

**Professor Antônio Carlos:** estava jogando fora ... tudo quanto é profissional com apito ...

**Pesquisadora:** a mudança foi mais ... de repente ... na teoria mesmo ... não chegou na prática ...

**Professor Antônio Carlos:** ela veio depois né? ... é ... ela veio invertida ... pois como nós estávamos defendendo a ideia da Educação Física na 1ª. a 4ª. séries ... quando foi aprovado ... o que tinha ... só tinha técnico (risos) ... só o cara com o apito na mão na boca para poder montar time ...

**Pesquisadora:** era o que ele sabia fazer ...

**Professor Antônio Carlos:** era o que sabia fazer ... compreendeu ... né? ... depois que mudou o currículo ... depois que mudou o currículo ... mas aí ... o que já tinha ocorrido ... nós já tínhamos entrado numa área ... numa área ... foi uma área de conquista ... numa área de luta ... e já tínhamos perdido esse espaço ...

**Pesquisadora:** porque até mudar o currículo ... também demora né?

**Professor Antônio Carlos:** quatro anos no mínimo para ver uma mudança ...

**Pesquisadora:** e para haver essa mudança ...

**Professor Antônio Carlos:** demora né? ... até para mudar ... para esse contexto aí ... ah ... foram quase que uma geração ... né? ... e ... e ... ainda isso perdura ... ainda ... porque a escola ... eu sempre defendo aí na minhas falas com o pessoal ... a escola não sabe quem é que ela ... quem é o produto dela ... a escola particular sabe ... a pública não sabe ... é por isso essa confusão ... a pública não sabe quem é o produto dela ... a particular sabe ... a particular fala assim para você ... bem no ouvidinho [sussurrando] ... “está vendo esse seu do lado aí ... sua amiguinha íntima aí ... ela é sua maior concorrente daqui a pouquinho ... ela vai disputar seu espaço ... seja melhor que ela” ... pronto ... está resolvido o problema ... está entendendo? ... e nós estamos querendo tirar o rapaz da bandidagem ... para ser uma pessoa perfeita ... larga mão desse papo ... isso aí é um processo maluco ...

**Pesquisadora:** é a clareza da finalidade ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... não tem ... não tem meta ... não tem objetivo ... eu fico até admirado como ainda a minha filha que chega aqui desesperada ... e como esses professores dão aula ... porque eles ainda estão no conteúdo ... estão ainda no conteúdo ... esse conteúdo você aprende fora da sala de aula ... eu vou ... eu vou ... dar um exemplo para você como professor de Educação Física ... essa também é boa ... uma das últimas ... penso até que foi a penúltima ... penúltimo ano de minha prática educativa ... eu tinha que escolher uma carga suplementar ... eu tinha que escolher uma carga suplementar ... e uma diretora de uma escola ... daqui de Bernardino ... de lá ... falou ... “olha eu quero você ... você vai escolher essas três aulas lá porque ... essas aulas tem a sua cara ... você que tem que ir lá” ... e era só aluno-problema ... só aluno-problema ... que já não tinham dado nada ... já tinham ... eu falei ... “ah ... eu não vou” ... “não Antônio Carlos ... pelo amor de Deus ... você me ajuda” ... vai ... ela insistiu tanto ... que eu fui lá e escolhi essas classes ... o pessoal deu risada de mim ... que ninguém queria aquilo lá ... eu fui lá e escolhi a classe ... e fui lá ...

**Pesquisadora:** e era ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... era ... ali tinha de tudo ... bandido ... analfabeto ... as meninas vida fácil ... e ... de tudo que você pode imaginar ... certo? ... foi uma invenção que o Estado deu aí para juntar a rapa que já não tem ... mais o que fazer com ela ... e tentar resgatar alguma coisa delas ... e eu fui lá dar essas aulas ... as minhas aulas tinham ... a minha aula de Educação Física ... ela se resumia em eu pegar essa turma por fora da sala de aula ... na aula de Educação Física ... e falar de qualquer tipo de esporte ... não queriam nada ... e saí passear ... fui passear pela rua ... passear pelas estradas ... né? ... e eu ia conversando ... e eu conversava de tudo ... de tudo que você pode imaginar ... tudo ... e muito delas ... mais sabidamente na área ... você não pode imaginar ... o perfil daquele povo ... eles me adoravam ... porque eu conversava abertamente com ela ... com elas ... com eles ... tinha um moreninho ... para você ter ideia ... ou você conserta cedo ou depois não tem mais conserto ... esse moreninho ... ele morreu à paulada ... num canavial aí ... ainda quando acharam ele ... ele não estava ainda morto ... estava ... sabe? ... porque ... a mania dele era mulher casada ... andar atrás de mulher casada ... falei ... “cuidado rapaz ... um menino bonito” ... e era mesmo ... “menino ... cuidado ... você é um menino bonito ... tem tanta menina aí ... sabe? ... você não precisa de” ... “o senhor não sabe como é” ... aquelas conversas ... falei para ele ... “cuidado ... você vai correr um risco” ... não deu um ano ... mataram ele na paulada ... até hoje ninguém sabe quem foi ... e ... e ... a parte da ... da ... da Educação Física ... da ... da ... do ato do brincar ... do socializar ... do dar o espaço para ... quem ... para quem tem habilidade e para quem não tem habilidade ... mas que também não pode ficar à margem do processo ... isso nós fizemos com muita propriedade ... tanto que eu costumava dizer ... que eu gostava ... eu ... eu ... eu tinha um momento das minhas aulas ... a cada quinze dias ... eu jogava futebol de salão ... ficava com eles ... com a criançada ... não tinha apito ... não tinha nada ... às vezes um lá pegava o apito ... sabe? ... o que eu fazia? ... eu dizia ... “escolhe um time de vocês” ... e aí e os molequinhos ... “nós somos os bons” ... e eu ... “pode escolher” ... e eles escolhiam o time deles ... então o que fica para o lado de cá ... a rapa ... que nem chutar bola sabia ... e nós íamos jogar ... só que eu jogava para a rapa ... né? ... naquele tempo chamava de rapa ... não sei se você sabe ... que se chama de rapa ... a minha era rapa ... você escolhe o que há de melhor ... o que sobrou é a rapa ... fica para lá ... do lado de lá ... e eu roubava deles ... mas roubava descarado ... certo? ... eu falava ... “ei ... foi falta ... não foi falta ... não foi ... foi falta ... você não podia ter feito isso e tal” ... e nós ganhávamos da ... do time que era bom ... eles choravam ... eles ficavam bravos comigo ... falava ... “vocês não adianta chorar ... vamos fazer o seguinte ... próxima aula ... vocês vem” ... e eles já ficaram ... então eu já deixava espaço para a próxima aula ... para eles jogarem ... nessa próxima aula ... sempre ... dois ou três aulas seguidas ... de que a gente ia brincar ... e eu roubava ... e eles sabiam que eu roubava ... mas eles queriam ganhar de mim mesmo sabendo que eu roubava ... e o meu roubo não era ...

disfarçado ... era ... sabe? ... era (risos) sacanagem para eles ... mas eles me adoravam ... porque era depois ... eu pegava a molecadinha da rapa ... aqueles ... os gordinhos ... e já saía correndo ... na quadra ... ganhamos ... ganhamos ... você não pode imaginar ... e tinha um dia ou outro que eu deixava os bons ganhar ...

**Pesquisadora:** isso era fora do horário de aula?

**Professor Antônio Carlos:** dentro da sala ... dentro do horário de aula ...

**Pesquisadora:** e as meninas ... elas eram separadas?

**Professor Antônio Carlos:** as meninas ... estavam juntos ... elas estavam juntas ... então o que eu fazia quando a gente programava ... elas faziam bandeiras ... eu pegava papel crepom ... nós pegávamos ... uns papéis crepom ... umas varinhas ... uns caninhos plásticos ... fazia bandeira para torcer para o meu time ... e tinha umas que faziam bandeira para torcer para o time do ... e brincavam ... é a participação ... era mesmo ... era gostoso ... eu programava ... quando isso não era feito ... que a gente fazia ... ficava pulando de elástico ...

**Pesquisadora:** elas não queriam jogar ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... vez ou outra uma jogava ... porque o negócio delas era ... eu peguei um período de muito rico na história do elástico ... eu acho que uma das brincadeiras mais criativas que eles puderam inventar ...

**Pesquisadora:** eu pulei muito elástico ...

**Professor Antônio Carlos:** elástico ... você conforme ... você supera as dificuldades ... você cria ... a própria criança ... a própria criança cria uma dificuldade para que as outras não sejam capazes de fazer ... e vão se desafiando ... eu acho elástico uma das brincadeiras cognitivas mais interessantes ... você pode imaginar ... que o desenvolvimento é fantástico ...

**Pesquisadora:** e essa ... e esse período aí ... foi de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... fiz muito disso ...

**Pesquisadora:** e era escola de sítio ... era aqui mesmo?

**Professor Antônio Carlos:** escola do Estado ... aqui no centro da cidade ...

**Pesquisadora:** por falar em escola ... gostaria que o senhor contasse um pouco do início ... a primeira escola ... que escola ... qual que foi ... quanto tempo ficou ... se teve muita mudança de escola ... ou qual escola o senhor ficou mais ...

**Professor Antônio Carlos:** se for na época de ... de ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Pesquisadora:** pode ser toda a trajetória no Estado ...

**Professor Antônio Carlos:** a trajetória toda é muito ... é muita escola ...

**Pesquisadora:** é muito escola?

**Professor Antônio Carlos:** muita escola ... certo ...

**Pesquisadora:** e qual que iniciou?

**Professor Antônio Carlos:** então... eu ... iniciei ... e lá ... lá ... perto de Santo André ... né ... eu não vou lembra das ...

**Pesquisadora:** o senhor ficou quanto tempo em São Paulo?

**Professor Antônio Carlos:** eu fiquei treze anos ...

**Pesquisadora:** depois veio para cá?

**Professor Antônio Carlos:** vim para cá ...

**Pesquisadora:** estava tentando remoção?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... não ... foi uma coisa simples ... porque eu vim por questões políticas ... um cargo político na delegacia de ensino e logo que eu saí da política ... logo que saiu o Maluf ... que era o governador ... que ele saiu e entrou o Franco Montoro ... eu era um dos primeiros do Estado para a remoção ... então já escolhi para cá ...

**Pesquisadora:** essa função na Diretoria de Ensino ... foi um convite ... como que foi?

**Professor Antônio Carlos:** era ... foi criado o cargo ... o cargo era ... a função na verdade ... foi criado a função de especialista em educação ... equipe técnica ... chamava equipe técnica ... eram três membros da equipe técnica ... que nós trabalhávamos juntos na Diretoria ... e nós

dávamos todo uma assessoria de atribuição de aula ... para cursos e treinamentos ... de formação ... a gente fazia esses cursos ... reproduzia esses cursos na rede ... né? ... e veio ao longo todo esse processo aí ... até que a gente pôde ... desenvolver um trabalho ... então eu me removi para cá e eu fiquei o resto ... fiquei o maior período meu de ... da rede pública foi aqui em Bernardino ...

**Pesquisadora:** e lá em São Paulo o senhor já ingressou como efetivo?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... eu ingressei como eventual e depois ... ingressei como substituto ... depois como eventual ... depois eu fui ... fui ... logo ... não fui muito tempo que eu fiquei eventual ... logo eu fiz o concurso ... fiz o concurso de Magistério ... aí o concurso de Educação Física ... passei sem querer ... até fui fazer a prova ... eu não sabia nenhuma pergunta daqueles ... de conhecimento gerais ... eu fiquei de braço cruzado ... lá ... esperando que alguém (risos) ... desse ... ou faltando cinco minutos eu ia chutar ... né? ... aí ... tudo acontece ... sei lá ... a moça da mesa falou ... “olha ... vocês quatro ... se virem aí ... vamos rápido porque daqui cinco minutos vai terminar a prova” ... e ... aí ... passa aí ... passa aqui ... tirei quatro vírgula oito ... não passei ... aí ... na semana seguinte publicou uma correção do ... tinha uma errada ... passei ... e eu tinha errado ... passei ... ganha né?

**Pesquisadora:** aí você ganha aquela questão né? ... então o senhor voltou para cá ... porque era daqui ... para assumir essa função ... na delegacia?

**Professor Antônio Carlos:** fui morar em Santa Cruz ... assumir a função de equipe técnica ... fui morar em Santa Cruz ... e fiz parte da equipe técnica lá ... por quatro anos ...

**Pesquisadora:** quatro anos ... e aí foi o envolvimento com a Educação Física de 1ª. a 4ª. séries?

**Professor Antônio Carlos:** aí foi envolvimento na área da ... da ... da elabo ... em nível de Estado ... na elaboração de um novo projeto para a Educação Física ... que incluía o especialista em Educação na 1ª. a 4ª. séries ...

**Pesquisadora:** Bernardino de Campos é a DE<sup>163</sup> de Ourinhos?

**Professor Antônio Carlos:** agora é ...

**Pesquisadora:** não era antes?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não era ... era da ... a ... a Delegacia de Ensino de Santa Cruz é ... faz parte ... ou fez parte ... da primeira reforma da ... da ... do ensino do Estado de São Paulo ... quando da ... da ... da ... da 4.024 ... que é federal? ... acho que da 5.692 ... eu acho que anterior a 5.692 ... na reforma do ensino ... Santa Cruz ... para você ver ... Santa Cruz é ... foi ... o Estado dividido em três regiões ... de ensino ... Santa Cruz era uma delas ... pegava Ourinhos ... pegava ... ia até Assis ... pertencia a Santa Cruz ... por isso foi uma divisão política ... não foi divisão que não fosse política ... Santa Cruz tinha um peso político muito grande ... e ela por muitos anos permaneceu ... Ourinhos pertencia a Santa Cruz e hoje ... hoje Santa Cruz pertence a Ourinhos ... fechou até ...

**Pesquisadora:** quando o senhor ainda estava atuando ... já passou a ser de Ourinhos?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ...

**Pesquisadora:** foi bem depois ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... ele vem depois ... vem uns seis anos depois ...

**Pesquisadora:** é ... e a socialização na profissão ... as primeiras experiências ... como que o senhor avalia como professor de Educação Física ... como substituto ... eventual ... em nível de Estado?

**Professor Antônio Carlos:** em nível de Estado ... ah ... era aquela coisa né? ... você entrava na sala ... você pegava a classe ... e ninguém dava bola ... ninguém dava importância não ... você ... sei lá ... se vira lá ... né?

**Pesquisadora:** e as condições de trabalho ... materiais?

---

<sup>163</sup> Diretoria de Ensino.

**Professor Antônio Carlos:** do início muito pouco material ... muito pouco material ... mas depois ... nunca faltou material ... não ... o Estado sempre supriu com muita ... até porque com força das aulas de treinamento ... das turmas de treinamento ... o Estado era ... se via obrigado a fornecer material para as coisas de treinamento ...

**Pesquisadora:** por causa do foco né?

**Professor Antônio Carlos:** é ... então ... por conta de treinamento ... tinha basquete e vôlei ... vinha um caminhão de bola de vôlei ... um caminhão de bola de basquetebol ... se você tinha futebol de salão ... você recebia material de futebol de salão ... e camiseta ... essas coisas ... recebia ... né?

**Pesquisadora:** e a socialização? ... o contato com os outros professores ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... isso foi complicado ... isso foi complicado ... onde eu passei ... com exceção aqui ... que ... a maioria dos professores já eram amigos ... mas eu também mantinha essa distância ... eu na DE lá de São Paulo ... eu não ficava em São Paulo ... de professor ... entendeu? ... porque eu sabia que havia uma certa distinção ... e eu falava ... “esses caras não vão me diminuir” ... mas eu não tinha preparo para combater ... eu estava no início ... eu só sabia da minha posição ... mas não aceitava essa ... sabe? ... porque ... por algumas vezes eu fui numa sala de professores ... e o que eu percebia lá ... aqui tem um foquinho ... aqui tem um grupinho ... aqui tem outro ... depois aí com o Joaquim Severino veio me explicar o que significava isso ... Antônio Joaquim Severino ... chegou a ler? ... então ele fala dos grupos informais ... né? ... dentro da escola ... essa panela né? ... e isso aí vai ... é importante ter ... você não pode destruir porque ela é ... é parte da informação ... é uma maneira de você recolher informação ... então na escola é assim ... né?

**Pesquisadora:** uma troca de experiência né?

**Professor Antônio Carlos:** é ... eu ficava de fora ... depois ... com um pouco mais ... mais experiência ... com mais posicionamento ... então eu fui entrando ... percebi que ... aí quando eu vim para cá ... eu era extremamente aceito ... né? ... nunca houve questionamento para mim aqui né? ... a não ser essa vez ... “você está dando risada?” [relembra o episódio da redação do aluno e o deboche da professora] ... “mas você é culpada também” ... você vê a visão deles lá ... embutido na cabeça deles ... falou ... “mas quem somos nós ... tanto que eu não estou dando risada ... estou lamentando a porcaria que ... em onze anos eu contribui para formar” ... né?

**Pesquisadora:** corresponsável ...

**Professor Antônio Carlos:** claro ... aí matei ele ... matei o professor de ciências ... né? ... mas olha ... onze anos ... eu não consegui perceber o que é que eu estava produzindo ...

**Pesquisadora:** em São Paulo foram várias mudanças de escola ... mas teve uma que o senhor ficou mais tempo?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... se você for considerar ... a quantidade de escola que eu trabalhei ... que eu não tenho nem ideia hoje ... eu não devo ter ficado mais que um ano ou dois anos em cada escola não ...

**Pesquisadora:** e ... quando o senhor se efetivou ... ficou em uma mesmo?

**Professor Antônio Carlos:** é ... fiquei um ano ... já removi para outra ... queria vir cada vez mais perto de casa ... no ano seguinte já me removia ... pedia remoção ... ou ... então ... eu nunca fiquei ... eu nunca criei raiz ... nunca criei raiz ...

**Pesquisadora:** isso dificultava ... facilitava ... o seu trabalho?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... era indiferente ... porque nós não tínhamos nem tempo de saber se isso era um processo que dificultava ou facilitava o trabalho nosso ... tamanho a correria ... e o volume de trabalho ... que não dava tempo ... não dava tempo de saber ...

**Pesquisadora:** paralelo a isso ... o senhor ... tinha o que ... uma jornada de quantas horas no Estado?

**Professor Antônio Carlos:** era integral ... não ... não ... não era integral ... era completa ... paralelo a isso nós trabalhávamos o período nas escolas particulares ...

**Pesquisadora:** completa ... significava quantas aulas?

**Professor Antônio Carlos:** trinta aulas ... então você tinha ... sempre sobrava para você ... dois meio períodos ... durante a semana ... às vezes três meio períodos ... às vezes dois meio períodos ... na semana ... é onde eu passava duas tardes ... uma tarde e uma manhã ... duas tardes dando aula ... no particular ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ... quando o senhor ingressou no Estado ... já lecionava na particular?

**Professor Antônio Carlos:** já ...

**Pesquisadora:** e em relação ... assim ... a mudança de ensino ... começou atuando com 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ou com todas as séries ... desde o início ... todas as séries?

**Professor Antônio Carlos:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. e colegial ... não sobrava para nós ...

**Pesquisadora:** e as relações com os pais dos alunos?

**Professor Antônio Carlos:** distante né? ... tem um modelo ... na escola pública ... que é a reunião de pais e mestres ... eu confesso de ter ... participado de uma única vez na minha vida e isso ... eu tenho muito claro na minha mente ... na minha cabeça ... uma única vez por distração ... eu participei de uma reunião de pais e mestres ... porque eu sempre fui contra a reunião de pais e mestres ... para esse fim ... porque ... tinha ... era coisa marcada ... o pai do aluno ruim ... só se por distração ... ele fosse lá na escola ... porque ele não ia vir lá para ouvir botinada dos professores ... “ei seu aluno ... seu filho ... ele precisa ... e ... que você está fazendo ... não cuida” ... aquele negócio todo ... a maioria era pai de aluno bom ... “ô seu filho é uma maravilha ... seu filho é um exemplo ... de aluno” ... uma besteira ... uma bobagem ... eu confesso para você ... que eu estava na casa ... na escola ... aqui ... a diretora falou ... “ô Antônio Carlos ... você não foi para a sala ainda?” ... “mas ah para a sala ... hoje é ... hoje não tem aula ... não tem aula porque tem reunião de pais e mestres” ... olha como eu era meio fora do ... e você tem que ir lá naquela classe com a professora tal ... aí eu fui lá ... falei ... “agora eu vou exercer aquele papel que eu sempre questionei” ... então eu só peguei o papel ... aluno bom ... eu chamava a mãe do aluno bom ... todos eles estavam lá para ouvir ... “seu filho é uma maravilha ... olha se todo mundo fosse igual a seu filho ... coisa linda teria a escola” ... o pai saiu ... eu não acrescentei nada ... ele sabe disso ... ele só foi lá para ouvir ... o que ele já sabe ... aluno ruim eu não pegava ... porque não adiantava você ir lá espinafrar ... com o pai ... não é assim que funciona ... não vai representar nada ... a única coisa que eu ouvi era ... “pega aquele sem-vergonha” ... quando eu vi era uma professora ... falando com a mãe ... “eu vou pegar aquele sem-vergonha ... vou cobrir ele de pau” ... resolve isso?

**Pesquisadora:** e assim ... a resolução de conflitos ... com os alunos ... nas aulas ... tinha muito conflito ... não tinha ... quando tinha ... o que resolvia?

**Professor Antônio Carlos:** eu nunca tive conflito ... quer dizer ... eu tive ... um único conflito ... que foi basicamente no final da minha carreira ... na verdade ... dois conflitos ... estou lembrando de mais um agora só ... um foi com uma aluna de 5<sup>a</sup> série ... e a outra foi com aluno de 1<sup>o</sup> colegial ... interessa isso?

**Pesquisadora:** pode contar ... por favor ...

**Professor Antônio Carlos:** a aluna de 5<sup>a</sup> série ... nós saímos da ... a quadra fica fora do ... da ... do espaço da escola ... tem que atravessar o Ginásio de Esportes ... e a aluna pedia ... logo que a gente entrava no Ginásio de Esportes ... eu punha a criançada sentada no banco lá para nós conversarmos um pouquinho e tal ... ela pedia para ir ao banheiro ... eu deixava ir ... porque eu nunca fui professor de ficar fazendo ... ficar sentado no banco com as minhas crianças ... eu sempre saía brincando ... distraí ... eu só depois faltava ... cinco ... dez minutos ... eu voltava da aula ... dava um descanso para eles ... e dava aula ... e fazia chamada ... e já me deixaram ... falaram ... “ah ... professor ... o senhor já reparou uma coisa?” ... as meninas da classe ... “o senhor já reparou que fulana só entra aqui ... na sala ... no quadro ... só para responder a chamada ... que ela fica do lado de fora ... ele pede para o senhor tomar água ... e depois fica aqui do lado de fora ... o senhor já reparou nisso?” ... eu lá não tinha

pensado nisso ... “o senhor presta atenção ela vai voltar hora que o senhor chamar ... porque ela vai ficar ouvindo lá fora ... ah ... vamos limpar o rosto ... vamos lavar a” ... porque lá embaixo tinha o banheiro ... tinha chuveiro ... “vamos lavar o rosto ... quem estiver suado demais” ... eu ... pedia para eles trazerem toalhinha ... lavar o rosto ... “você vai chegar muito suado na classe” ... daí ela abria a porta ... e esse dia como a menina me alertou ... eu pus todos sentados na mesa ... no banco ... e passei o sabão em todo mundo ... mais especificamente para ela ... né? ... e falei ... “olha aqui ... vocês não podem ficar com essa mentira ... de dizer que vão tomar água e não vão tomar água ... fica lá fora e ... tal ... tal ... está” ... e me virei para ela e falei ... “e você menina ... você é muito assanhada ... porque você sabe ... que ... que ... na escola pública ... fica aquela molecada ... na esquina da quadra e que já estudou de manhã” ... o coitado também não tem nem para onde ir ... agora você não sabe quem é aluno ... se é traficante ... ou então ... “que estão pensando” ...

**Pesquisadora:** a quadra é exposta né?

**Professor Antônio Carlos:** é ... eu falei “você é muito assanhada ... além de você mentir para mim que ... vai dar ... que vai dar ... que vai tomar água ... você não toma água nada ... você fica lá com aquela turma de vagabundo lá em cima lá né? ... e eu não quero mais saber disso ... então a partir de hoje ... nem você ... nem mais ninguém ... né? ... vai ... vai ... entrar aqui na quadra ... sem ter passado antes” ... eu fazia eles passarem para ir ao banheiro ... a criançada você sabe que ... e passado uns dois ... três dias ... veio uma ... uma servente de aluno ... uma servente lá do ginásio ... lá ... e falou ... “ô ... Antônio Carlos ... você chamou a fulana lá de biscate” ... “ô Rosalina ... você já me viu algum dia falar bobagem ... besteira ... falar palavrão ... eu mudar minha conduta ... meu comportamento aqui na escola?” ... ela falou ... “não” ... era uma inspetora de aluno lá antiga ... “qual motivo vou chamar aluna de biscate ... logo criança de 5ª. série ... eu não ... houve um fato sim ... aconteceu ... eu chamei de assanhada ... e por isso proibi de sair da sala” ... “ah ... pois é ... o Paulo” ... era o vice-diretor ... “o Paulo já falou para a mãe dela que você não é desse perfil e jamais você falaria alguma bobagem que não fosse chamando a atenção ... mas jamais se falaria uma ofensa ... para a menina ... está resolvido” ... “está” ... “só o Paulo mandou eu vir só para confirmar ... porque já resolveu lá em cima” ... eu falei ... “ah ... então está bom ... aconteceu assim ... houve um fato ... mas depois passo lá no Paulo ... eu falo ... converso com ele sobre o assunto” ... coisa que eu fiz ... passei no Paulo ... falei ... “Paulo ... houve um fato ... você foi lá ... mandou o aluno ... a Rosalina ir lá me questionar” ... “mas ... não ... não mandei não” ... “está certo ... a culpa minha foi não ter passado aqui e ter te avisado ... tanto do incidente lá ... foi uma conversa puramente entre uma aluna e de professor ... agora jamais podia imaginar que ela ia sair por aí ... falando que eu tinha chamado ela de biscate” ... você quer saber o resumo dessa ópera? ... semana seguinte veio a mãe lá ... e veio com a diretora ... e me chamaram lá ... eu fiquei p da vida ...

**Pesquisadora:** Paulo era quem?

**Professor Antônio Carlos:** Paulo era o vice-diretor ... aí a mãe veio com a diretora ... e eu fiquei p da vida da diretora me chamar ... perto da mãe ... ela tinha que me chamar lá fora ... lá numa hora em particular ... um problema administrativo da escola ... “Antônio Carlos que aconteceu?” ... assim ... assim [balbuciando] ... “deixa que eu resolvo com a mãe” ... mas ela me chamou na frente da mãe ... e na frente da menina ... e eu não gostei ... e não ia gostar mesmo ... certo? ... que eu tive um pega feio com ela ... o que aconteceu ... ela me faz essa pergunta ... “professor ... o senhor chamou a aluna aqui de biscate?” ... falei ... “o que você acha?” ... nem chamei ela de senhora ... falei ... “o que você acha?” ... ela era uma colega minha de ciências ... que se tornou diretora efetiva da escola ... “ah ... não sei” ... “você não sabe mesmo ... você é uma diretora omissa ... que resposta você pode dar de mim ... que tipo de avaliação você faz de mim quanto a professor ... nenhuma ... você não me conhece como professor ... então se eu disser que sim ... se eu disser que não ... é verdade ou mentira ...

fundamentalmente mentira ... porque não é essa resposta que você quer ouvir de mim ... você quer ouvir de mim ... que eu chamei ela de biscate” [longa pausa] ... “não é” ... “claro que é ... se me pondo em dúvida ... é o que você está querendo ... não ... na verdade ... você me chamou” ... porque se ela me conhecesse ... ela diria ... “não ... o professor jamais diria um negócio desse” ... aí o que aconteceu ... expliquei para a mãe o que se passou ... “olha vou contar para a senhora o que aconteceu ... pá ... pá ... pá ... pá .. pá ... pá” ... “ah ... mas o senhor chamou ela de biscate” ... falei ... minha senhora ... “eu sou pai de duas meninas ... eu jamais ... nunca usei em momento algum ... não tenho esse direito ... de chamar ninguém assim ... assim ... assado ... eu vou repetir a história para a senhora de novo” ... contei a história de novo ... “ah ... mas senhora ... você chamou ela de biscate” ... aí caiu o mundo ... aí caiu o mundo ... eu peguei essa menina pelo ... “Antônio Carlos” ... daí a diretora ficou toda espantada ... porque ... chamei por tudo quanto é nome que você pode imaginar ... na frente da mãe ... da diretora e do vice ... que não foi capaz de dizer ... “não ... o Boy já me explicou” ... não foi capaz de ... de ... de entrar na conversa ... “vocês querem ouvir a versão ... dos que vocês já montaram o quadro ... vocês vão” ... juntei a menina ... você pode imaginar o que saiu ... né? ... “era isso que vocês queriam ouvir?” ... antes disso ... meti o pé na porta ... quase quebrei a porta da diretoria ... foi coisa séria ... aí eu falei para a mãe assim ... “você veio armar barraco aqui comigo ... eu te conheço ... eu te conheço ... fora daqui ... está ... mas não é isso que está em julgamento ... o que você tem feito para essa sua filha que está virando moça? ... você já olhou para a cara dela ... e já viu que ela está virando moça e precisa da sua atenção? ... você já se deu conta que quanto mais você tem uma filha que já não é mais criança ... e ... que está virando moça e precisa da atenção sua? ... que você tem feito? ... para vir armar barraco comigo aqui ... você está pensando que eu sou moleque? ... você vai agora lá na polícia ... você não vai na polícia não ... quem vai sou eu ... não aceito ... estou com trinta e cinco anos de Magistério e nunca passei por uma vergonha dessa ... agora vem aqui me questionar que eu chamo a menina de biscate ... pega as crianças ... porque vocês não vão lá na classe ... e pergunta para as crianças se eu fiz isso?” ... né? ... ah ... agora ... queria bater na menina ... depois que eu falei ... botei ela na parede também ... né? ... a mãe né? ... “você vai me chamar daqui a pouco para ser padrinho do filho ... da sua neta que você não é capaz de cuidar da sua filha ... não está percebendo que ela está querendo atenção sua? ... e vem aqui ... fazer ... me armar barraco comigo ... como se eu fosse um moleque” ...

**Pesquisadora:** e a diretora?

**Professor Antônio Carlos:** calou ... calou a boca ... fechou a boca ... não abriu um a ... falei ... vai sobrar para mim uma punição administrativa ... pois eu falei para ela ... “claro se não me conhece ... se não é competente” ... falei ... vai sobrar ... o que ... sobrou nada ...

**Pesquisadora:** ela era ausente?

**Professor Antônio Carlos:** totalmente ausente ... totalmente ... não tinha problema não ... não tinha problema não ... aquilo foi uma experiência ... e uma outra ... um aluno me chamou ... me mandou para aquele lugar ... eu nunca aceitei isso ... de graça ...

**Pesquisadora:** de que série?

**Professor Antônio Carlos:** 1º colegial ... eu juntei esse neguinho no alambrado da quadra ... espremia ele ... com a coluna dele ... com as costelas dele no alambrado assim né? ... e falava para ele assim ... tudo que você pode imaginar né? ... mas só para ele ... “eu quero morrer rapaz ... se eu pudesse eu te arrebetava no meio ... se eu quisesse” ... e espremi ele ... daí ele saiu correndo mais um ... e foram correndo lá na diretoria ... e contaram a versão deles lá do negócio ... eu já tinha estado descolado da primeira história ... fui lá ...

**Pesquisadora:** na mesma escola?

**Professor Antônio Carlos:** na mesma escola ... isso já com outra diretora ...

**Pesquisadora:** muito tempo depois?



**Professor Antônio Carlos:** é ... foi ... foi um tempo depois ... algum tempo ... não foi muito tempo não ... porque essa diretora foi substituta supervisora ... outra veio ... apareceu uma outra lá ... que era até conhecida da gente ... e eu falei para a Fátima ... “aconteceu um fato assim ... assim ... assim ... eu quero que você toma providência” ... “ai Boy ... mas você sabe quem é a mãe dele” ... “eu não ... mas eu quero que seja feito ... como que um moleque desse me chama do que me chamou e fica por isso mesmo ... ele vai crescer ... ele vai crescer ... vai ... vai ... vai achar que ele é o bom da boca ... apesar de eu ter quase quebrado a costela dele ... lá no alambrado lá” ... “ah ... mas a mãe dele é a Vera ... a Verona” ... era uma mulatona ... baiana ... de quase dois metros ... eu não sabia ... eu não sabia ... mas ela tinha sido aluna minha do Magistério ... e não Magistério quando eles fizeram uma feira de ciências ... eu trouxe ... eu peguei da ... CESP<sup>164</sup> ... na época ... que eu tinha um amigo ... que era do reflorestamento da CESP ... ele trouxe para mim ... duas mil e quinhentas mudas de ... de árvore de reflorestamento ... me trouxe a mostra de ... de ... me trouxe uma sala de reflorestamento ambiental espetacular ... trouxe pronto e eu dei isso para o magistério ... e a Vera era aluna do Magistério ...

**Pesquisadora:** então o senhor lecionou no Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** dei aula no Magistério ...

**Pesquisadora:** isso paralelo ao Estado?

**Professor Antônio Carlos:** não ... dentro ... junto ... junto ... junto ... porque quando eu fiz Pedagogia né? ... eu também tinha ... quando eu ... quando ... porque aconteceu o seguinte ... as aulas vão diminuindo ... vai entrando mais cargo e você vai pegando carga suplementar ... e algumas aulas da Educação Física eu complementava com aula do Magistério ...

**Pesquisadora:** e aí ... era qual disciplina?

**Professor Antônio Carlos:** qual disciplina ... que eu dei ... história da educação ... foi uma ... eu dei aula de ... metodologia e prática de ensino ...

**Pesquisadora:** de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** também dei ... dei aula para o Magistério ... das práticas de ... aquela experiência que eu tinha trazido do Objetivo ... eu dava ... tanto que eu apresentei a ficha na época também ...

**Pesquisadora:** então ... também foi ... no Estado mesmo?

**Professor Antônio Carlos:** é ... é ...

**Pesquisadora:** na época em que tinha o Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** foi ... foi ...

**Pesquisadora:** entendi ... e aí?

**Professor Antônio Carlos:** aí pegou esse moleque ... “ô Boy ... meu neguinho destratou você” ... “é seu filho” ... “é” ... falei ... “Vera se você soubesse o mal-estar que o seu menino me fez passar ... porque foi de graça” ... eu falei ... “pessoal ... vocês não querem jogar mais ... a bola ... eu falei nesse tom Vera ... não estou exagerando ... se vocês não querem jogar mais ... vamos parar” ... ele pegou ... pegou a bola ... deu um chute na bola ... de vôlei para cima né? ... e me mandou ... me xingou ... “ah ... vá tomar no seu” ... falou de graça ... ela falou ... “não ... você deixa ele comigo” ... ela deu um cacete nesse neguinho ... ela deu no neguinho ... e o pai era um bandido lá em São Paulo ... você sabe o que ela fez ... ela pôs o moleque dentro do ônibus e mandou embora para São Paulo ... você acredita numa conversa dessa ... “se quer ser bandido ... você vai lá com seu pai ... aqui comigo você não fica” ... eu acho que ela já estava tendo problema com ele ... não foi por minha causa ... um fato ... até corriqueiro dentro de uma escola ... eu sei que ela botou ele no ônibus e mandou ele embora ... então é isso ... eu não sei se ... mas a ... o Magistério sempre me deu muito prazer ... muita alegria ...

<sup>164</sup> Companhia Energética de São Paulo.

**Pesquisadora:** e em relação às normas das escolas ... pelas quais o senhor passou ... tinha algumas normas mais ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... a norma é padrão ... né? ... mas o Estado eu acho até muito interessante ... que eu participei desse momento ... né? ... de que cada ... cada ... cada escola pudesse ter o seu regimento interno ... né? ... o você sabe que não conseguiram fazer seu próprio regimento ... nós incentivamos ... nós estimulamos ... demos as coordenadas ... que a gente recebia da Secretaria da Educação ... isso ainda ... isso aí ... eu estava ainda na Diretoria de Ensino ... na Delegacia de Ensino ...

**Pesquisadora:** quanto tempo o senhor ficou?

**Professor Antônio Carlos:** quatro anos ... é ... o meu período sempre foi assim ... parece que de quatro em quatro anos acontecia um fato ... a ... a ... nós orientamos as escolas ... fazerem seu próprio regimento ... não virou nada ... então o regimento interno da escola ... é um regimento que o Estado publicou ... como um modelo ... que permanece ... está aí ... o regimento interno ... hoje ele é ... ele é interno ... mas não é tão interno assim ... porque ... a rede ... ele é interno para a rede ... porque a rede toda funciona daquela mesma maneira ... como é a história do ... do ... projeto pedagógico ... da escola ... está entendendo? ... eu dei tanto curso de ... projeto pedagógico ... eu dei tanta orientação ... eu dei tanto seminário ... eu fui professor da faculdade aqui em Santa ... Piraju ... e nós tínhamos a semana pedagógica ... né? ... como nós tínhamos também em Santa Cruz ... e a gente sempre participava ... eu sempre tinha ... eu sempre tive ... uma ... uma ... área de posição ... ao longo da semana ... de exposição de trabalho ... e tal ... né? ... eu me lembro a última minha ... foi falar sobre a questão do projeto pedagógico ... aí alguém falou ... “professor ... projeto pedagógico da escola é o mesmo projeto político pedagógico?” ... falei ... “é a mesma coisa ... é que vocês vão inventando nome para não fazer ... vocês podem ... vocês vão ouvir mais uns dez tipos de conversa ... o que é o projeto da escola ... é para não fazer o projeto ... vocês não querem fazer ... né?” ... o melhor era não fazer ... e isso é o que ocorre ... dificilmente você vai encontrar uma escola pública que esteja comprometida com ... uma escola da rede pública ... você está entendendo? ... que esteja comprometida com o projeto de escola ... dificilmente ... eu só conheço uma ... sabe onde? ... em Itaquaquecetuba ... perto de São Paulo ... num bairro extremamente violento ... onde a diretora elaborou junto com os professores da rede pública um projeto pedagógico ... é a escola-modelo para o Estado de São Paulo ... no meio da bandidagem ... no meio daquilo que você pode considerar do que há de pior ... a escola não tem um risco na parede ... a escola é toda enfeitada de vaso de flor ... de folhagem ... e a escola é um brinco ... dentro ... do ... do ...

**Pesquisadora:** o senhor lecionou?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ...

**Pesquisadora:** conheceu alguém?

**Professor Antônio Carlos:** conheci ... conheci ...

**Pesquisadora:** como na ... Diretoria?

**Professor Antônio Carlos:** como membro aí de Diretoria ... fazendo visita ... Itaquaquecetuba ... você cai duro o lugar que é ...

**Pesquisadora:** então o senhor ficou treze anos em São Paulo ... né? ... na rede estadual ... no Objetivo ... depois veio para cá ... para assumir essa função de Diretoria ... ficou quatro anos ... depois disso voltou para a escola ... isso já aqui em Bernardino?

**Professor Antônio Carlos:** já ... já aqui em Bernardino ...

**Pesquisadora:** e aí ... o Objetivo?

**Professor Antônio Carlos:** aí eu fui para o céu ...

**Pesquisadora:** o Objetivo foi em São Paulo ... então ...

**Professor Antônio Carlos:** em São Paulo ... quando eu optei por ficar aqui ... porque aí quando eu fiquei aqui ... eu já estava dando aula na faculdade ... na faculdade de Educação aqui de Santa Cruz ...

**Pesquisadora:** certo ... vou perguntar um pouquinho disso depois ... no Objetivo o senhor lecionou também com 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** só 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** só 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professor Antônio Carlos:** só 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** e foi concomitante ao Estado ... ou foi antes?

**Professor Antônio Carlos:** foi antes ... começou antes e depois foi concomitante ...

**Pesquisadora:** e no Objetivo era 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... por quê?

**Professor Antônio Carlos:** porque era o Objetivo Júnior ... né? ... e eu ... eu ... e o pessoal entendeu ... que eu tinha ... porque ... quando eu entrei no Objetivo ... eu já tinha uma experiência de acampamento em Educação Infantil ...

**Pesquisadora:** de onde ...

**Professor Antônio Carlos:** do Juca ... do Alfredo que tinha uma escolinha ... do Juca Peralta lá ... lá perto do canal quatro ... lá ...

**Pesquisadora:** canal quatro?

**Professor Antônio Carlos:** canal TV Tupi ... que era a TV Tupi ... canal quatro ... e que era escola particular ... e que eu fui por acaso ... quando aquele meu amigo chamou que tinha descoberto uma escola que era do outro mundo e tal ... é que era envolvido com o Fred ... e aí o Alfredo falou ... “vamos fazer um acampamento” ... fomos para Atibaia ... ficamos dez dias em Atibaia ... fazendo acampamento com criança ... criando recreação dentro da fazenda ... do espaço assim ... tipo ... uma fazendola ... mesmo ... né? ... tinha o local para nós dormimos ... que era alojamento ... tudo com beliche ... e ... uma cozinha ... um galpão para brincar com as crianças à noite ... nós fomos criando brincadeiras ... isso era período de férias ...

**Pesquisadora:** colônia de férias?

**Professor Antônio Carlos:** é ... é ... é o que chamou de colônia de férias ...

**Pesquisadora:** que ano o senhor começou a lecionar no Objetivo?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... agora você me apertou ...

**Pesquisadora:** foram treze anos ... foi o tempo que ficou em São Paulo?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... foi menos ... foi menos ... que ano que ... eu fiquei quatro anos lá ... foi considerável ... quer ver ... fica fácil ... ó ... setenta e oito ... setenta e sete ... setenta e seis ... setenta e cinco ... eu comecei no Objetivo ...

**Pesquisadora:** foi depois da faculdade ou foi durante?

**Professor Antônio Carlos:** é ... foi depois da faculdade ... foi depois da faculdade ... essa cronologia eu me misturo tudo né?

**Pesquisadora:** não ... tudo bem ... só para tentar organizar um pouco ... e lá foi só 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... lá sempre foi como professor ...

**Professor Antônio Carlos:** sempre ... sempre ... primeiro como coordenador da Educação Infantil ... primeiro eu fui coordenador ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... Educação Infantil ... que era maternal ... maternal ... infantil ... pré I e pré II ... é ... depois ia para 1<sup>o</sup>. ano do primário ... eu coordenei essa área ... na área de educação ... entendeu? ... da Educação Física ... mas ... nós montamos os projetos ... todos os projetos ... e fizemos a coordenação ... foi basicamente um ano ... um e meio ... e depois eu fiquei na parte da ... da ... prática de educação ... e aí a escola foi deslançando ... montando apostila ... montando material ... e eu não fico com nada ... o pessoal foi montando isso e eu fiquei com outra parte ...

**Pesquisadora:** então o senhor ficou como coordenador da área ... de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** da área de Educação Física ...

**Pesquisadora:** e chegou a elaborar algum material?

**Professor Antônio Carlos:** ficou tudo lá ... a gente nunca deu valor para isso ... né? ... para você ter ideia ... da ... uma vez eu tinha guardado até ... os ... todas essas brincadeiras ... eu posso lembrar de várias delas ... que foi brincadeira que a gente fazia nas colônias de férias ... que a gente levou para a escola ... você está entendendo?

**Pesquisadora:** a colônia de férias foi uma experiência anterior ao Objetivo?

**Professor Antônio Carlos:** anterior ao Objetivo ... mas não foi anterior à 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... porque lá no ... Juca Peralta ... que chamava a escola de ensino Juca Peralta ... Piaget ... também ... foi quando o Alfredo falou ... “vamos fazer um acampamento” ...

**Pesquisadora:** foi a escola do amigo que ... pediu ajuda ... de vários donos?

**Professor Antônio Carlos:** isso... que comprou ...fez um puta rolo ... muito amigo dele ... aí nós juntamos ... tem uma história ... até fiquei dono da escola ... devolvi para a mulher dele depois ... “eu não tenho que ficar com o que é seu ... José cuida” ... eu sei que ela ficou mais uns anos lá ... mas é muito idealista ... certo ... eram muito idealistas ... não iam ganhar dinheiro ... como de fato nunca ganharam ... então nesse período aí ... a gente fez acampamento ... e essas brincadeiras nós começamos a transferir ... para as escolas ... upa ... ninguém tinha ... ninguém tinha ...

**Pesquisadora:** e como que foi esse trabalho ... nos acampamentos ... começou com o convite desse amigo ... depois surgiram outros convites?

**Professor Antônio Carlos:** isso foi muito engraçado... né? ... quando o Alfredo nos convidou ... fui eu e esse amigo meu ... que também é professor de Educação Física ... fomos até lá ... ficamos dez dias lá ... os pais pagavam e pagavam muito bem ... aí esse amigo meu falou assim ... “nós não vamos receber nada ... vamos ficar dez dias aqui ... e não vamos receber nada ... vai você e fala com o Alfredo lá ... você que é mais chegado no Alfredo” ... eu fui no Alfredo e falei ... “Alfredo ... vem cá ... precisamos conversar” ... “ô Antonio Carlos ... pois não” ... ele era de uma vizinha mansa ... muito ... “você não vai pagar nada para nós?” ... “o que ... vocês querem receber? ... eu estou dando uma tremenda (risos) ... eu estou dando uma tremenda oportunidade de vocês aprenderem a fazer acampamento e vocês ainda querem (risos) ... ah ... e ainda vocês querem receber para aprender?” ... ele tinha uma certa razão ... estava certo a razão ... falei para o ... “ah pô uma certa sacanagem com o cara ... tudo bem que você pagou” ... porque ele tinha pago toda a estrutura e nós desenvolvemos aquele projeto ... nós não fizemos o projeto ...

**Pesquisadora:** então esse projeto era para as crianças ... da escola ... no período de férias?

**Professor Antônio Carlos:** isso ... quando a gente foi para o Objetivo ... nós levamos isto ... e isso emplacou ... isso pegou ... nossa ... hoje todo mundo tem ... mas naquela época ... só nós tínhamos ... novidade extrema ... só nós tínhamos ... tanto que esse era o gancho do Objetivo ... colônia de férias ... vendia ... vendia no programa ...

**Pesquisadora:** ia no pacote ...

**Professor Antônio Carlos:** no pacote ... eles defendiam a ideia ... e pais tinham uma tremenda ... e outro lado da história ... tremenda confiança em mim ... porque eu sempre fui um cara muito sério ... tal ... eu tinha tudo estruturado ... eu chegava ... onde fosse ... Atibaia ... São Roque ... onde fosse ... Serra Negra ... onde fosse ... primeira coisa que a gente ia ... no hospital ... sabe? ... arrumava um pediatra lá ... falava ... “você não vai ficar ... você não sair daqui dez dias ... quanto custa?” ... era assim ... “você não vai sair daqui ... você vai ficar de plantão ... nosso plano de saúde é você ... ficando dez dias aqui ... e nós não queremos vir aqui ... mas nós queremos que se vier ... você esteja de plantão” ... é ... custa cinco milhões na época ... isso era porcária ... nós pagávamos ... e o médico ficava lá de plantão para nós ...

**Pesquisadora:** se acontecesse alguma coisa ...

**Professor Antônio Carlos:** qualquer coisa ... um resfriado ... um cortinho de nada ... ninguém fazia prognóstico ... o outro lá nem fazia avaliação ... com médica ... entendeu ... então isso criou ... no Objetivo ... eu já entrei com esse “know-how<sup>165</sup>” lá ...

**Pesquisadora:** como que o senhor entrou no Objetivo?

**Professor Antônio Carlos:** através do Alfredo ... o Alfredo foi quem criou a ... até é um caso muito interessante ... porque eu era professor de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. .... e normalmente professor de classe é mulher ... e o Alfredo era um terror ... era um terror ... a escola que nós trabalhávamos ... era uma escola assim ... um antigo ... era assim ... aqui o pátio no meio ... as salas de aula aqui ... as salas de aula aqui ... banheiro ... coisa ... e a diretoria aqui desse lado e tal ... café ... cozinha ... sala de professor ... desse lado aqui ... então ... batia o sinal ... né? ... a criançada vinha aqui para o meio ... os professores para a sala aqui né? ... e eu também vinha ... mas eu sempre fui desligado ... vai vendo ... e quem passasse ... se o Alfredo tivesse vindo por aqui ... se uma professora saísse por aqui e desse de cara com ele ... vinha para cá ... porque ... fugia dele ... dava até dó ... e eu saía de braço dado com o Alfredo ... e eu saía de braço dado com o Alfredo ... eu tinha umas histórias ... eu tenho umas histórias com o Alfredo ... né? ... quando ele faliu ... quando ele quebrou tudo ... eu já tinha antecipado para ele ... chorou na minha frente ... um homem quando chora na frente ... já sente ... cai tudo ... desmontou tudo ... não adianta você fazer tipo ... então eu tinha isso ... mas isso era meu ... era um negócio meu ... essa intimidade ... e mesmo a afetividade do amigo ... do companheiro ... que segurou a barra ... então não tem do que reclamar ... e eu chegava na sala dos professores ... a professorada quase nem abria a boca ... eu nunca dei bola para isso ... mas um dia esse silêncio me chamou a atenção ... sabe por que? ... eu fui lá tomar um café ... já puxei papo com uma ... ficou meio esquivada ... eu falei ... “perae ... pessoal ... quando eu chego aqui ... agora eu estou me recordando ... eu chego aqui ... vocês ... vocês se calam ... o que acontece? ... vamos ... abre o jogo comigo ... pelo amor de Deus ... né? ... que é está acontecendo ... que eu fiz ... que eu faço?” ... aí uma lá se dignou a explicar para mim ... eu falei ... “ah pessoal ... pelo amor de Deus ... vamos juntos dar um cacete nesse cara então ... mas jamais me excluam do nosso grupo ... eu faço parte desse grupo ... não daquele ... só que eu tenho uma história com o Alfredo fora daqui ... isso não significa que eu sou o ... o repórter ... de ser o dedo-duro dele ... larga mão disso ... pelo amor de Deus ... o que é que vocês estão descontentes? ... vamos começar por aí ... agora nós vamos começar” ... “não ... ele não conversa com nós ... ele não fala nada ... quando ele ... quando ele ... ele só ... quando ele vai falar é só para fechar a porta da diretoria e só espinafrar com nós” ... “deixa comigo” ... não queriam falar na minha frente ... não queriam ... “deixa comigo que vai mudar de agora ... foi bom vocês terem falado” ... mudou ... mudou da água para o vinho ... um dia eu peguei ... um dia não ... no outro dia ... peguei o Alfredo ... “preciso te dar um recado ... falar com você ... pô ... professorado está morrendo de medo de você ... cara ... eles não tem respeito ... por você ... eles tem medo de você ... né? ... você não está sabendo se posicionar com eles ... e eu sei que você ... é um puta cara de coração ... tremendamente ... você é um cara de bom coração ... pô ... vamos mudar ... maneira de lidar com esse pessoal ... que esse pessoal está morrendo de medo ... e não produz ... começa dar um sorriso ... começa ... sabe? ... quando chegar aqui na diretoria ... você não chama diretoria só para espinafrar ... chama aqui na diretoria ... pelo amor de Deus ... vou te ensinar para você o que tem que fazer ... põe uns chocolatinhos aí ... quando tiver aqui ... já dá um chocolatinho ... pô ... agrada ...

**Pesquisadora:** qual era a formação dele?

**Professor Antônio Carlos:** ele era professor de português ...

**Pesquisadora:** e vocês se conheceram lá?

---

<sup>165</sup> “Saber-como”.

**Professor Antônio Carlos:** por através daquele amigo lá ... que me levou lá ... e que ele mandou eu fazer uma avaliação da escola que ele comprou ... que ele comprou a escola ... eu fui lá ... voltei ... e falei ... “você é louco ... o que você fez?” ... e a partir daí nós nunca mais ... aí ele foi para Genebra e me chamou para ir lá ... ela nem sabe ... mas me chamou ... já estava meio velhão ... eu não vou ... não tenho ... mais ... não tenho mais pretensão de ... se eu tivesse ... se logo que ele foi e voltou ... ele tivesse me chamado ... mas aí também quando ele voltou ... eu não estava mais lá ... eu estava pra cá ... né?

**Pesquisadora:** entendi ... aí de lá ... o senhor foi para o Objetivo?

**Professor Antônio Carlos:** fui ... ele que me levou ...

**Pesquisadora:** foi por meio dele também ... ele também foi?

**Professor Antônio Carlos:** foi ... foi ... ficou ... ficou lá ... ele coordenou ... ele era um homem forte ... do Objetivo ... ele era o homem mais terrível do Objetivo ... do Objetivo era o Alfredão ...

**Pesquisadora:** no Objetivo foi no final ... mas para o final do tempo que ficou em São Paulo ... porque aí depois foram quatro anos ... e depois veio para cá?

**Professor Antônio Carlos:** quando ele voltou ... quando ele voltou de Genebra ... um tempo depois ... o Sérgio que é professor aqui ... que foi o diretor que nós indicamos para Ourinhos ... que trabalhava lá ... ele falou ... “Boy ... o Alfredo está desesperado para te ver” ... e eu voltei ... né? ... falei ... “um dia ... liga para ele ... que a semana que ia para São Paulo ... ele vai estar lá ... ah ele fica numa sala lá ... ele não faz nada ... mas fica na sala ... ele tem uma ... ele tem uma secretária ... ele fica lá” ... né? ... eu falei ... “vou lá visitá-lo” ... e fui ... e cheguei lá e já ... a secretária ... “pois não” ... “eu queria falar com o Seu Alfredo Fernandes” ... “quem é o senhor?” ... “fala que eu sou o ... eu fui um ex-funcionário dele ... eu gostaria de conversar com ele” ... e a moça ficou meio assim ... e aí ele foi lá ... ele estava de barba ... nunca usou barba ... e ele mandou entrar né? ... e antes da gente se abraçar ... eu falei ... “perae” ... e a secretarinha dele do lado ... ela quase caiu dura ... porque eu acho que ninguém nunca falou com ele assim ... “que é essa barba? ... você agora é do PT ... da Revolucionário ... você veio com essa cara ... você veio com outra cabeça ... que conversa é essa barba aí?” ... a menina ... “porque ele nunca deu esse espaço para ninguém” ... me lembro que ele falou assim ... “esse pode” ... falou para ela ... “esse pode” ... aí me abraçou ... e passamos a tarde aquele dia ... fomos almoçar num restaurante lá no Don Curro ... foi gostoso ... e aí ele falou assim ... “eu tenho um emprego para você” ... “eu não vim aqui para emprego ... cara” ...

**Pesquisadora:** isso foi aqui ... onde?

**Professor Antônio Carlos:** isso lá em São Paulo ... em São Paulo ... eu fui daqui para lá ... passei lá para visitá-lo ... fui lá para visitar ... e no final do nosso almoço ... ele falou ... “eu tenho um emprego para você ... a passagem já está comprada ... e você já pode ir lá” ... porque ele é assim ... ele sempre foi assim ... “você pode pegar o avião aqui amanhã às três horas da tarde ... você já desce lá em Ribeirão Preto ... que nós estamos reformulando o Objetivo de Ribeirão Preto e eu quero você como diretor lá ... está aqui a passagem ... a passagem” ... eu falei ... “mas ... nem ... nem com reza ... você vai me tirar do meu sossego ... nem com reza ... pode esquecer” ... “você não quer?” ... eu falei ... “não quero ... não quero ... eu já fiz a minha oferta” ... eu falei ... “Alfredo a nossa primeira fase ... a nossa primeira etapa ... quando nós estivemos juntos e lutamos tanto ... e somado todo esse tempo ... dá mais de dez anos juntos ... nós nos perdemos ... você foi para Genebra ... eu fui para Bernardino ... e eu não quero mais nada” ...

**Pesquisadora:** nessa fase ... o senhor ... estava fazendo o que exatamente (risos)?

**Professor Antônio Carlos:** estava fazendo aqui ... eu estava na Diretoria de Ensino ...

**Pesquisadora:** estava na Diretoria de Ensino?

**Professor Antônio Carlos:** eu estava dentro do mundinho ... que no final da história eu escolhi para viver ...

**Pesquisadora:** e no Objetivo ... de onde que surgiu a ideia ... do Objetivo Júnior? ... já tinha essa ideia ... quando o senhor foi para lá?

**Professor Antônio Carlos:** não não ... isso foi coisa de ... é coisa de Paulo Natanael ... como João Degeni ... isso vem da cúpula da ... da ... do Objetivo ... não é coisa nossa não ... nós só fomos lá para ajudar ... eles já tinham deter ... o Paulo Natanael era sócio do Degeni ... e o Paulo Natanael ... ele ... ele ... a parte da sociedade dele era para a escola ...

**Pesquisadora:** como o senhor avalia ... as melhores e piores experiências ... do Magistério?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... eu ... eu vou começar pelas piores ... eu fui muito atuante na questão das greves no Magistério ... claro... eu fui muito apegado ... e acreditava ... que esses movimentos ... como esse que está ocorrendo agora de nós irmos lá no Ibirapuera ... subir com a bandeira pela Augusta ... pegar a Paulista ... descer até lá na Praça da República lá ... “professor unido ... jamais será vencido” ... esses blá ... blá ...blá ... tem que acreditar ... e reunia lá ... fazia discurso ... nós íamos lá para a APEOESP e reunia lá no salão da APEOESP ... um baita salão ... na sede da APEOESP ... e ... nós fazíamos aquele ... todo aquele barulho ... acreditando na conversa [longa pausa] ... a Camila estava no 3º. colegial ... ela ... Camila é a minha filha ... aluna número um da escola ... especial ... aluna inteligente ... aluna ... da melhor ... para poder ... poder pegar qualquer ramo ... de estudo ... que ela ia embora ... não tinha segredo ... e nós estávamos em plena greve ... outubro ... era 3º. colegial e passou noventa dias de greve ...nós terminamos a greve ... feliz da vida ... não tínhamos ganho nada ... tudo aquilo que o Estado tinha oferecido para nós ... no primeiro dia ... sabe depois ... de noventa dias ... a mesma coisa ... e aí acabou a greve ... né?

**Pesquisadora:** o senhor lembra o ano que foi ... essa greve ... de três meses?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... essas últimas greves aí ... noventa e pouco aí ...

**Pesquisadora:** noventa e dois ... noventa e três ... eu me lembro dessa greve ...

**Professor Antônio Carlos:** o fato é o seguinte ... que a minha filha chegou ... eu cheguei aqui em casa ... ela falou ... pai ... um dia aqui em casa ... “pai ... o que eu faço?” ... falei ... “por que filha ... qual o problema?” ... “pai ... vocês ficaram três meses em greve ... eu não tenho menor formação ... não tenho menor condição de fazer qualquer vestibular” ... “por que filha?” .... “pois é pai ... três meses ... que vocês não dão aula ... que eu vou fazer ... vou pegar o diploma ... porque o diploma vai ter me dado aí ... no final do ano ... e o que ... que vestibular ... eu vou fazer?” ... aí a minha ficha caiu ... instrumento do ... instrumento do sistema ... sabe? ... eu me dei conta do quanto a gente era instrumento ... e o quanto ... esses caras aí ... são instrumentos do sistema ... você acha que ... eu até hoje ia escrever para o Estado ... mas ... daí eu vi que alguns fizeram ... você acha que professor vai lá jogar pedra ... na Secretaria da Educação ... professor não faz isso ... professor não faz isso ... sabe? ... é um bando de ... de nego que entra ... nego de metalúrgico ... às vezes eles entravam no meio nosso lá e eles queriam fazer a baderna ... e o Estado nunca tomou conhecimento ... esperava ganhar pelo cansaço ... ganhava pelo cansaço ... e eu prejudiquei minha filha ... esse foi a minha maior frustração enquanto professor ... você está entendendo? ... porque não foi só ela ... quantos ... quantas crianças do nível de conhecimento e competência que tinha ... e que ficaram para trás ... porque o que ela foi fazer ... ela foi fazer um curso técnico para fazer dentadura lá em Bauru ... porque um dia ela chegou para mim e falou ... “pai ... o que é prótese dentária?” ... chegou aqui ... meio sem rumo ... “não filha ... a prótese dentária é uma coisa interessante ... é fazer dentadura” ... “ô pai tem um curso técnico para isso lá em Bauru” ... nós fomos lá ... eu matriculei ela ... ela ficou morando lá ... num pensionato ... lá ... e fez o curso em Bauru ... ela era tão habilidosa ... que o professor ... o professor do curso ... que era nível técnico ... convidou ela para fazer Ortodontia ... Técnico em Ortodontia ... certo? ... eu não sei se ela fez Técnico em Ortodontia e depois foi fazer Ciência ... eu sei que ela fez ... um ... também não sei a cronologia disso aí... eu sei que ela fez ... fez a Ortodontia ... especializou em Ortodontia ... às vezes cai um servicinho para ela lá ... ela tem todo o laboratório que eu

montei para ela ... para ela fazer ... todo tipo de aparelho ... todo tipo de aparelho ... tinha ortodontia ... foi aí que ela se especializou ... né? ... é ... até estava vendo ... é interessante ... que eu até estava vendo ... nossa ... onde que a Camila me jogou ... ela falou ... “o pai ... o senhor que sabe o que fazer ... esses trabalhos” ... a conversinha dela ... eu não sabia definir nem o termo ... olha o TCC que eu fiz [entrega uma cópia] ... com um pouquinho de conversa dela ... olha ... o uso de ...

**Pesquisadora:** o uso de ... planejamento em reverso de protocolo ...

**Professor Antônio Carlos:** (risos) ... não tinha a menor noção que era isso ... aí elas me deram as informações ... eu dei uma pesquisada ... e fiz o trabalhinho para elas ... guardo isso como ... né? ... aí elas resolveram ... daí elas foram melhorando ... colocaram ... até terminar o trabalho ... e eu fui lá na apresentação delas ... lá ... lá no ... no dia em que elas fizeram ... fizeram a apresentação desse TCC lá ... lá em São Paulo ... mas o ... eu ajudei a fazer ... Ortodontia ...

**Pesquisadora:** e as melhores experiências?

**Professor Antônio Carlos:** eu acho que as melhores experiências ... que nós tivemos ... foi essa área ... essa área de colônia de férias ... porque nós tínhamos muito aluno-problema ... não era só festa ... tinha muito aluno-problema ... que nós conseguimos ... enquadrar socialmente ... era problema social ... de interação ... de interagir ... nós tínhamos de tudo ... nós tivemos problema de uma escola ... que ela veio agregada à nossa escola ... uma escola de uns alemães lá ... nível alto também ... o moleque não conversava ... não falava ... não abria a boca ... não falava ... foi para o psiquiatra ... foi para o psicólogo ... foi para todo mundo ... todo lado e não abria a boca ... nunca falava ... aí entenderam que ... os pais e a escola ... se fosse para um acampamento ... puta ... esse foi um dos maiores sucessos ... nosso ... que o moleque voltou ... totalmente integrado ... né? ... falando tudo ... né? ... totalmente ... envolvido ... com os coleguinhas ... fantástico ... esse foi um sucesso nosso ... esse foi um sucesso assim ... pontual ... né? ... e como nós tivemos um aluno que era superdotado ... que ele só ficava em nosso entorno ... do grupo ... dos monitores ... e a criançada brincando lá ... e ele virava e falava ... “essa criançada é tola” ... moleque tinha onze anos ...

**Pesquisadora:** não brincava?

**Professor Antônio Carlos:** não brincava ... “molecada tola ... brincando de esconde-esconde” ... SUPER ADULTO ... e não ... conseguimos entrosar ele não ... ele ficou conosco ... ele ficou ... em nosso ... nosso ... ele ficou de ajudante ... entendeu? ... mas brincar ... não ... ficou dez dias lá ... e não brincou de NADA ... nada com nada ... né? ... e eu acho que o sucesso nossa da Educação ... eu sempre digo isso ... que o grande mérito do professor ... é quando você passa na rua ... um aluno ... alguém vem do lado de lá ... “professor ... o senhor lembra de mim?” ... né? ... “professor o senhor fez isso para mim ... o senhor fez isso ... me ajudou nisso” ... sabe? ... porque o aluno não esquece ... não ... então a gente ... HOJE JÁ NÃO É MAIS TANTO ... porque afinal de contas essa turminha já está já ... num nível de né? ... mas eu ... recebi muito disto ... “professor ... o senhor se lembra de mim? ... se não fosse o senhor” ... sabe? ... eu acho gostoso ... esse é o sucesso nosso ... esse é o nosso papel ... né? ... e nós tivemos muito ... mas aí eu fui exemplo para professor de Educação Física ... para a molecada ... hoje então ... o Secretário de Educação ... o Secretário de Esporte da cidade aqui foi meu aluno ... ele sempre diz ... “se não fosse o senhor” ...

**Pesquisadora:** Secretário de Esportes ...

**Professor Antônio Carlos:** Secretário de Esportes ...

**Pesquisadora:** como é o nome dele?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... não lembro ...

**Pesquisadora:** é da Prefeitura né?

**Professor Antônio Carlos:** da Prefeitura ... Secretário de Esportes ... e outros tantos ... que estão por aí ...



**Pesquisadora:** tem algum que o senhor lembra ... que está como professor de Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** pois é ... tem um aí que eu dei todo meu material ... para ele ... toda minha bibliografia ... todo meu material ... toda a minha literatura ... estava guardada ... um dia ele veio aqui e falou ... “ô professor” ... o ... eu falei ... “vai lá em casa que eu tenho um material para você” ... dei tudo ... as minhas coleções ... tudo de ... tudo coisa que ainda ... ainda falei ... “olha ... isso aqui ainda não está ultrapassado ... isso aqui ainda está de acordo” ... mas eu não lembro nome ... é muito ... eu mexi com muita gente ...

**Pesquisadora:** tantos anos né?

**Professor Antônio Carlos:** tantos anos ... é muita convivência ... eu não tenho a ...

**Pesquisadora:** é ... o que o senhor caracteriza como influência da vida pessoal na profissão ... especificamente na Educação Física ... e da profissão ... na vida pessoal?

**Professor Antônio Carlos:** na minha vida ... na minha vida pessoal ... a satisfação de ter sido ... né? ... a satisfação de ter sido esse educador que eu ... eu ... tenho certeza ... porque sempre foi uma atitude consciente ... eu tenho certeza que eu fui ... que eu fui educador ... muito mais do que professor ... eu fui um educador ... e acho até que eu sempre estive um pouco à frente do ... sem modéstia ... um pouco à frente do meu pessoal da escola ... algumas ... algumas ... e ... eu percebo ... por exemplo ... tem a Cecilia ... Cecília ... “ah Boy ... ó ... eu adorava ver você falar ... colega ... quando ... você fazia lá umas conversas ... lá na escola ... ou numa reunião ... você expunha o seu ponto de vista ... você sempre fez as coisas com muito fundamento” ... sabe? ... eu nunca fui ... sabe? ... eu nunca fiquei na periferia ... sempre eu ia fundo ... sempre ... e isso ... uma reação de uma colega ... como a Cecília ... “Antônio Carlos ... como era gostoso ... ouvir você falar” ...

**Pesquisadora:** ela era professora?

**Professor Antônio Carlos:** professora de ciências ...

**Pesquisadora:** trabalharam juntos?

**Professor Antônio Carlos:** trabalhamos juntos ... ela falava ... “ah ... você faz muita falta ... ah” ... mas ela logo em seguida também se aposentou ... então ... agora uma outra frustração que a gente teve ... e tem ... é que a escola ... um dia eu estava na ... eu estava saindo da escola ... e passou um ex-diretor da escola na frente dela ... “ô ... o que você está fazendo aí?” ... olha a pergunta que ele fez ... “o que você está fazendo aí?” ... “o que eu estou fazendo aqui? ... isso aqui foi a minha vida cara ... não vou permitir que ninguém” ... não era o caso ... mas já falando assim que ... “não vou permitir que ninguém me impeça de entrar aqui ... isso aqui foi minha vida ... escola ... foi minha vida ... pode parar ... o que eu estou fazendo aqui? ... não estou fazendo nada ... vim matar minha saudade aqui” ... que eu tenho saudade da escola ... a maioria dá no pé ... não quer nem passar perto ... o cara aposenta como parece se ... saído da prisão ... eu não tive essa sensação ... não ... nossa ... eu fui ... muito feliz ...

**Pesquisadora:** é ... aí o senhor comentou ... que de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... foi na década de noventa ... mas antes disso já estava acontecendo as aulas de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... pelo que eu entendi ... e por quê não antes ... a escolha pela 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... que não foi bem uma escolha né? ... foi por conta de ...

**Professor Antônio Carlos:** você fala aqui?

**Pesquisadora:** aqui ... ou ... outro lugar ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... aqui ... porque outro lugar ... não foi ... não tive opção ... era atribuído ... eu estava na ... é ... eu ... por exemplo ... não comecei a dar aula de Educação Física ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... no Estado ... eu comecei no particular ... né? ... e por essas circunstâncias de entrar lá com o Alfredo ... de uma escola ... depois fomos para o Objetivo ... montamos o Objetivo ... fiquei ... é ... porque antes disso eu estava na administração ... empresa né?

**Pesquisadora:** mas no Estado ... né? ... o senhor começou de 5ª série em diante ... porque ... porque quando começou não tinha aula de Educação Física ...

**Professor Antônio Carlos:** quando começou não tinha ... quando tinha ... a gente não escolhia ... era um hábito ... porque você quer saber ... é interessante isso até ... porque nós escolhíamos as aulas ... como nós já estávamos habituados a trabalhar de 5ª. a 8ª. ... ah ... não tinha a menor intenção ... porque também quando montou ... engraçado essa pergunta ... ela tem uma ... um fundo ... um aspecto psicológico disso ... porque quando nós montamos ... nós criamos ... implantou através do Estado ... um novo modelo que incluía especialistas de Educação Física na educação de 1ª. a 4ª. séries ... nós pensávamos nos novos professores ... é ... não pensávamos na gente ... era pensar em aumentar o número de aulas para que os novos ... tivessem chance de arrumar emprego ... ter aula ... nós não fizemos com a intenção de ... “pô ... se tiver Educação Infantil nós vamos para lá” ... não ... nenhum ... nenhum veterano ... eu que tinha a menor ... a maior habilidade ... e ... todas aquelas que a gente conhecia ... que tinha em habilidade ... nunca passou ... mesmo nas nossas discussões lá em São Paulo ... foram quinze dias ... para montar o projeto final da implantação do modelo de Educação Física ... passou na cabeça de um deles lá ... confesso para você que eu não ouvi ... que ele dissesse ... “pô ... eu vou ... hora que sair essas aulas ... eu vou para lá ... eu vou deixar 5ª. a 8ª. ... deixar o colegial” ... nada ...

**Pesquisadora:** e será que porque não queriam mesmo ou porque simplesmente não pensaram?

**Professor Antônio Carlos:** não pensaram ... a ideia era aumentar o número de aula para arrumar ... entrar mais profissional na rede ...

**Pesquisadora:** e aí ... depois ... o senhor disse ... não sei se isso lá em São Paulo ... mas quando que o senhor começou a escolher primeiro? ... porque não foi logo no início ... no Estado ... a atribuição ... a ser o primeiro ... o primeiro a escolher ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... isso é por tempo de serviço ...

**Pesquisadora:** ah ... e aí ... foi um tempo depois ... e aqui já?

**Professor Antônio Carlos:** aqui ... aqui como eu era o primeiro ... por ter uma classificação de tempo ... de serviço ... de cursos ... de treinamento ... você vai aumentando a sua ... a sua pontuação ... e essa pontuação lhe dava oportunidade de você ser o primeiro ...

**Pesquisadora:** sim ... então sempre o senhor escolhia ...

**Professor Antônio Carlos:** escolhia ... 5ª. a 8ª. ...

**Pesquisadora:** mas aí ... quando veio para cá ... o senhor disse que ... não ia para a atribuição ...

**Professor Antônio Carlos:** eu não ia na atribuição...

**Pesquisadora:** então era indiferente ...

**Professor Antônio Carlos:** era indiferente ...

**Pesquisadora:** o senhor sabia que estava correndo o risco ... de alguém lhe atribuir ...

**Professor Antônio Carlos:** eu ... eu não ... não via isso como um risco ... me atribua a aula que me atribuir ...

**Pesquisadora:** mas o senhor sabia que poderiam atribuir a 1ª. a 4ª.?

**Professor Antônio Carlos:** claro que eu sabia ... tanto que ... quando veio ... e a diretora veio me dizer ... “olha ... suas aulas” ... mas ela veio com um ar de que ... “está vendo ... você não quis ... agora estou te punindo” ....

**Pesquisadora:** hum ... estou te castigando (risos) ...

**Professor Antônio Carlos:** estou te castigando ...

**Pesquisadora:** entendi ... aí então esses quatro anos de 1ª. a 4ª. no Estado foi mais ... não foi no final né? ... da carreira ... ah ... foi até acabar ... né? ... a Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** foi até acabar a Educação Física ... foram uns quatro anos ...

**Pesquisadora:** foram os quatro anos ... últimos né?

**Professor Antônio Carlos:** é ...

**Pesquisadora:** e sobre a reflexão sobre a prática ... como se dava esse processo ... o senhor tinha tempo para isso ... isso era em casa ... na hora que planejava as aulas ... tinha um momento ... na escola ... para isso ... em conversa com os outros professores?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... nós fazíamos ... eu fazia muito ... essa reflexão sobre a minha prática ... né? ... sobre a minha prática ... e ... e ... do desenvolvimento desse trabalho ... e eu tinha muita clareza ... que o meu papel era de formação pessoal ... era de interagir ... eu tinha que interagir com meus alunos ... eu tinha que brincar ... mesmo quando eu roubava das minhas crianças ... elas sabiam que eu estava roubando ... mas eu não estava ... sabe? ... não é uma agressão ... a atitude não era agressiva ... era de muita diversão ... é ... os menorzinhos eles sabem ... você sabe que chora né? ... mas eles choravam ... daqui a pouquinho ... “ah lá ... está chorando” ... já virava sorriso ... já virava ... nunca foi um negócio ... nunca foi ... um roubo traumático ... sabe? ... porque eles já sabiam que eu ia roubar ... mas eles acreditavam tanto que eles iam ganhar ... que eles topavam a parada comigo ... então isso foi ... sabe? ... e eu sempre tive muita clareza de que o meu papel era ... de formação ... de pessoa ... e eu não ... eu não tive dúvidas ... e não tenho dúvida ... que eu lutei ... e COMO lutei para esse tipo de trabalho na escola ...

**Pesquisadora:** que era ... o que o senhor acreditava?

**Professor Antônio Carlos:** e como tentei fazer meus colegas se voltarem para esse ... como coordenador ... pedagógico ... um projeto que eu elaborei ... eu ... eu vou ... eu vou usar ... eu vou ... eu vou ... eu vou me meter ... fazer um negócio ... um metido à besta ... eu chamei o Supervisor da Diretoria de Ensino ... Supervisor de Ensino ... que era nosso chefe aqui ... eu desci na Delegacia de Ensino ... “você é meu amigo ... aqui fora ... lá dentro da escola eu não posso falar para você ... o que eu vou falar agora ... certo? ... mas vou falar ... mas se você não for no nosso planejamento ... no meu projeto que eu estou elaborando para a escola ... você não vai lá apontar falha ... você não vai lá apontar erro ... porque eu vou me calar ... lá ... mas aqui fora eu vou te meter a boca ... lá dentro da escola eu vou te obedecer ... cem por cento ... se você não participar e não tiver presente ... depois você não venha cobrar defeito” ... ele ficou os quatro dias do planejamento na escola ... foi o ano de maior sucesso na escola ... menos indisciplina ... menos é ... é ... transferência de aluno ... maior número de presença de aluno ... melhoria na qualidade do ensino ... eu dividi ... nós fizemos projeto multidisciplinar ...

**Pesquisadora:** nós ... quem?

**Professor Antônio Carlos:** eu ... e ... eu ... você está entendendo?

**Pesquisadora:** mas aí pensando na escola ...

**Professor Antônio Carlos:** na escola ... no coletivo ... só que na hora de por na discussão ... eu falava ... “olha ... isso aqui está colocado assim ... assim” ... claro que lá na hora um professor preferia ficar naquela ... naquele bloco de multidisciplinar ... aquele outro preferia vir para ... não interessa ...

**Pesquisadora:** ah ... isso como coordenador ...

**Professor Antônio Carlos:** como coordenador ... maior sucesso ... maior sucesso na escola ...

**Pesquisadora:** quanto tempo o senhor ficou na coordenação?

**Professor Antônio Carlos:** um ano ... e eu fiquei dois ... não ... fiquei dois ... porque o outro ano ... já acharam que tinha dado muito trabalho ... “pessoal ... olha o resultado ... olha o resultado da nossa escola ... e vocês estão dizendo que deu muito trabalho ... caralho ... então tchau” ...

**Pesquisadora:** literalmente muito trabalho ... mas o pessoal não quer trabalho ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... o pessoal não quer trabalho ...

**Pesquisadora:** então ... na coordenação foram dois ... e na Diretoria ... quatro né? ... como que o senhor visualiza a construção da sua própria identidade ... pessoal e profissional ... ao

olhar para a sua trajetória ... em que momento o senhor se viu como professor ... é ... porque é um processo ... né? ... quando a gente termina a graduação ... a gente ainda não se vê como professor né? ... a gente se apresenta ... eu sou o professor fulano de tal ... mas ... ainda não é real né?

**Professor Antônio Carlos:** parece que isso foi tão ... dentro desse processo ... não teve um marco ... não ... não teve não ...

**Pesquisadora:** foi acontecendo ...

**Professor Antônio Carlos:** foi acontecendo ... foi amadurecendo ... fui me envolvendo ... tive tanta briga ... tanta briga ... quando já ... já ... a Diretoria de Ensino de Ourinhos ... eu tive um pega lá ... que subiu ... eu era coordenador pedagógico ... subiu Diretoria de Ensino ... subiu Supervisão ... e a escada era de madeira ... aquele tropé lá em cima ... e tudo mundo olhando para mim ... falei ... “agora a coisa vai ferver” ... né? ... aí ... e a Diretora ... “Antônio Carlos ... o que ... que houve?” ... eu falei ... “a professora ... não dá ... não dá ... eu não estou ... eu não ofendi a sua funcionária aí ... que agora é a sua funcionária ... porque ela esqueceu ... que ela passou pela sala de aula e agora ela está trabalhando na Delegacia ... ela tem uma visão diferente ... da sala de aula” ... aí aproveitei ... né? ... “então ela vem dizer para nós ... o que nós temos que fazer ... e nós já sabemos o que nós temos que fazer ... ela trouxe nós aqui para fazer uma apresentação ... projetou esses slides aí” ... porque naquela época era de slide ... ia pondo os slides ... transparência ... e ia passando ... “daí ela pô ... ela no começo da reunião ... pô ... já são quase quatro horas da tarde ... certo? ... e ela disse que nós poderíamos interromper ... para nós discutir o tema ... e por várias vezes eu tentei interromper ... e eu tentei discutir ... eu quero ouvir onde nós vamos ... ela não permitiu” ...

**Pesquisadora:** e o senhor estava como coordenador?

**Professor Antônio Carlos:** coordenador ... e com formação continuada lá ... ela não permitiu de maneira nenhuma ... só que ela chegou a feliz conclusão ... sabe? ... porque ela chegou a uma conclusão que foi lá ... correndo lá de manhã ... e a tarde sem dar chance ... lendo ... aquilo não precisa ler ... nós não somos analfabetos ... e no final da história lá ... o que ela fala ... “é ... o problema da escola está no professor” ... opa ... aí eu levantei e falei ... “ponto final? ... está resolvido o problema? ... você fez nós ficarmos aqui a manhã inteira ... para dizer que o problema da escola está no professor? ... pois você quer saber ... de uma conversa menina?” ... e já era uma senhora ... e eu chamando de menina ... já para ... porque eu era briguento ... sou muito briguento ... “você quer saber ... são quatro horas ... se você me permitisse sair dessa ... porcaria ... de reunião ... aqui ... desse blá ... blá ... blá seu ... inconsequente ... sabe? ... você veio aqui cumprir uma hora ... que você se afastou da escola ... esqueceu como é que é a escola ... como funciona ... me permita que eu vou sair daqui ... eu vou lá ... lá ... na minha escola ... vou falar ... PARA essa porcaria de escola aqui ... PARA ... professorada ... junta a sua traia e SOME daqui ... porque aqui vocês são culpados ... do fracasso dessa porcaria ... pode parar ... mas eu corro o risco ... sabe o que eu corro o risco ... de chegar lá e eles estarem reunidos ... também ... e hora que eu chegar ... disserem para mim ... professor ... cheguei a uma conclusão ... o erro da ... da ... a falha da ... escola ... está na burocracia ... onde tem gente incompetente ... como a senhora ... querendo determinar as regras do jogo para o professorado ... eu corro esse risco ... aí o que é que eu faço? ... eu mando eles embora logo ... ou venho aqui dizer para a senhora não perder tempo com blá ... blá ... blá desse que é uma perda de tempo” ... daí começou a chorar ... certo? ... começou a chorar ... aí subiu a diretora ... “é isso aí professora ... é isso que aconteceu ... agora tem um detalhe também ... tem um detalhe também ... eu sou um idiota ... sou burro ... porque eu quero as coisas ... bem-feitas ... eu quero as coisas que realmente tenham significado ... tenham importância ... eu não quero a burocracia por ela só ... por simplesmente burocrática ... e vem ainda me dizer ... o que eu tenho que fazer ... vai ler textozinho ... textozinho dessa ... livro aí ... eu já li um milhão dessa porcaria aí ... ninguém vai me ensinar o que a escola precisa ... escola precisa é atitude ... né?

... agora ... vai ficar toda dengosa ... porque não pode ouvir uma crítica ... não está preparada ... né? ... não está preparada ... para uma discussão adulta ... que não tem nada de pessoal ... é profissional” ... né? ... acabou a reunião ... aí a diretora me chamou lá na sala ... “você fez a melhor coisa que podia ter acontecido ... nessa Diretoria ... essa moça é mulher de um médico aí ... ela se acha a mais importante ... profissional aqui da Delegacia ... e você enfrentou ela e falou o que ela precisava ouvir” (risos) ... eu falei ... “ah Regina” ... Regina Seller ... da Diretoria ... eu falei ... “ah Regina ... é isso aí ... mas isso desgasta a gente ... eu não estou mais a fim disso não ... eu vou parar ... aí devagarinho eu fui me afastando” ...

**Pesquisadora:** o senhor lembra qual ano o senhor ficou na coordenação da escola?

**Professor Antônio Carlos:** ah isso é fácil ver ...

**Pesquisadora:** mais para o final?

**Professor Antônio Carlos:** ah foi ... foi ...

**Pesquisadora:** aí já pertencia à Diretoria de Ourinhos?

**Professor Antônio Carlos:** já ... já pertencia à Diretoria de Ourinhos ... Diretoria de Ourinhos quando foi ... noventa e cinco? ... noventa e seis?

**Pesquisadora:** então o senhor ingressou na rede ... ficou um tempo como professor ... depois ficou treze anos ... depois foi para a Delegacia ... ficou quatro anos ... depois voltou para a sala de aula ...

**Professor Antônio Carlos:** nessa sala de aula ... eu saí ... eu fui ser Coordenador Pedagógico ... fiquei dois anos ... depois voltei ...

**Pesquisadora:** mas como Coordenador Pedagógico ... foi antes de ... ficar quatro anos ... na 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... ou foi depois?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... foi bem depois ... foi mais para o final ... mesmo ...

**Pesquisadora:** qual era o sentido da docência que permeou essa trajetória ... aí ... no Magistério ... para o senhor ... para os colegas?

**Professor Antônio Carlos:** pois é ... pois é ... nessa época ... eu acho que é essa época ... ela ainda é esse momento ... é esse período ... e ... eu não sei por quanto tempo vai perdurar isso ... né? ... essa ... essa ... a filosofia ... o sentido ... a direção ... a diretriz ... porque ... primeira coisa ... o pessoal não lê as diretrizes educacionais ... você vê ... perceber ... qual é a política de Educação ... e para qual ela está voltada ... né? ... eu quando eu dou meus cursos aqui para ... para ... para formação ... para pessoal fazer ... prestar concurso público ... eu sempre mando eles lerem o edital do concurso ... porque o que ... “o que vocês querem ... todo mundo quer ... um emprego que ... dê estabilidade e que ganha miseravelmente pouco ... é isso que vocês querem ... está certo? ... mas vocês não sabem o que o outro lá está querendo de vocês ... está certo? ... qual o sentido? ... o que ele espera que vocês sejam capazes de fazer ... vocês têm que ler ... têm que ler o edital ... para ver o perfil desse profissional” ... e ... e mais agora ... gente ... isso aí num edital de concurso ... agora se você quer saber o perfil de uma política educacional ... você tem que ler as diretrizes educacionais ... e diretrizes ... não são questionadas ... você não pode questionar uma diretriz ... porque ela já foi debatida lá ... e ela foi estabelecida como a ... norma ... agora ... o como fazer ... o como alcançar ... esse ... essas propostas dentro dessas diretrizes ... que é o processo dinâmico da Educação ... né? ... então nesse sentido aí ó ... você tem que pensar duas coisas ... e o fundamental ... é esse ... quem é que nós queremos formar na Educação? ... certo? ... eu levo ... eu ... considero ainda que a escola particular ... ela tem ... ela tem ... é mais clara ... ela é mais clareza ... sabe? ... vale tudo ... a escola particular vale tudo ... tudo a qualquer preço ... não importa ... não tem esse sentido humanístico da Educação ... tem ... tem um sentido do mercado ... não adianta a educação vir e dizer ... “não ... mas isso pode ... vai ter que fazer parte do processo ... mas o importante é o ser humano enquanto ser humano” ... isso é altamente ... altamente ... utópico ... não que a utopia não seja alcançada por outra utopia ... né? ... mas querer ... se você consegue alcançar o sujeito ... íntegro ... perfeito ... e ... feliz num ... num modelo ... porque você tem que levar ...

levar em conta o modelo ... sócio-político ... econômico do país ... se é democrática assim ... se é comunismo é assim ... se é socialismo é assim ... enfim ... e seja da forma como for ... a ... as linhas de pensamento vão ser impregnadas ... né? ... então ... o que que a gente ... o que que eu percebo ... o que os professores não se dão conta disto ... e olha ... nós estamos no século XXI ... o professor ainda ... se prende ... no ... no ... nos ... livros didáticos ... da editora ... aí de Bauru tem uma editora grande lá que distribui livro para todo mundo ... aí [mostra os livros] ... minha filha tem ... olha o tanto de livro ... que vai lá buscar em Bauru ... é ... Ática ... e seja lá qual for a editora ... o cara vai ... vai ... vai reproduzir aquilo ... vai passar para o aluno ... o aluno ... “pô tem que ver isso?” ... e o professor está ali ... não sabe ... sabe? ... ele acha que dá aula é encher o caderno de coisa ... aí ... ele acha que dá aula é ... é ... é enfiar conteúdo inútil na cabeça do moleque ... e recobrar ele ... mas essa é do século ... não sei nem que século ...

**Pesquisadora:** o senhor acha que está relacionado à formação?

**Professor Antônio Carlos:** claro que está ... claro que está ... porque isso já vem da estrutura ... você está entendendo? ... porque ... o ... o ... o quando ... a ... o sistema burocrático e eu digo para você ... eu fui ... porque já não sou mais ... eu fui um especialista ... na ... na ... na ... nas Leis educacionais ... nas diretrizes ... essa última leia ... a 9.394 ... a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional ... eu fui um especialista ... desde a 5.692 ... desde a 4.024 ... que antecede ... eu sempre me envolvi ... para buscar nela ... o que se propunha em termos de Educação ... é fantástico ... e essa aqui ainda ... e a última do Darcy Ribeiro ... ela é ... ela é primorosa ... essa atual lei ... a última lei nossa ... a 9.894 ... ela é primorosa ... sabe? ... ela é fantástica ... ah ... mas aí por comodismo ... o professor chegou à conclusão ... de que o aluno não precisa saber para tirar nota e passar de ano ... a pergunta que eu faço ... “o que significa” ... pergunta que eu fiz para um aluninho ... “o que é passar de ano? ... da 5<sup>a</sup>. para 6<sup>a</sup>. série ... da 5<sup>a</sup>. para 6<sup>a</sup>. ... da 6<sup>a</sup>. para 7<sup>a</sup>. ... que significa isso para você? ... ele não sabia responder ... e não sabe mesmo ... sabe? ... porque não tem significado ... não tem ... passar de ano ... eu estou cada vez mais fora ... dessa porcaria ... porque ... na verdade se a escola tem como fundamento ... se a escola tem como fundamento ... a formação DESSE indivíduo ... não pode ser ... os seus valores únicos a serem colocados na cabeça desse coitado aí ... porque os meus que contrariam os seus ... ele vai ouvir e falar ... “meu Deus do céu ... o pai veio aqui e já falou totalmente diferente” ... vem a outra ... e empurra nele ... o moleque ... dá ... dá um ... dá um nó ... dá um nó ... então ... o que que é prioridade para você? ... o que é prioridade para mim? ... o que é prioridade para ... para mais dez professores? ... o que que nós podemos definir como prioridade para alcançar nesses alunos?

**Pesquisadora:** algum ponto em comum né?

**Professor Antônio Carlos:** além do “bom dia” ... do “boa tarde professor ... como vai você?” ... um ... um abraço no colega ... um aperto de mão no colega ... o levantar da ... da ... da carteira ... quando o professor chegar na sala de aula ... o sentar sem arrastar carteira ... o ... o não jogar o chiclete no chão ... ou não escrever na parede ... ou lá no banheiro ... não escrever no banheiro ... o que que é prioridade? ... isso nunca foi discutido ...

**Pesquisadora:** essas ... prioridades né? ... para o senhor enquanto educador ... sempre permearam a sua prática ... ou elas ... é ... se fizeram mais presentes ... por conta da formação no Magistério ... que foi em âmbito mais geral ... quer queira quer não a Educação Física especializa ... numa área ... é ... ou posteriormente na Diretoria de Ensino ... numa função também num âmbito ...

**Professor Antônio Carlos:** já numa visão mais abrangente ...

**Pesquisadora:** já numa visão mais geral ... como coordenador pedagógico ... num curso de Pedagogia ... no Mestrado ... ou é uma característica pessoal ... ou é tudo isso?

**Professor Antônio Carlos:** eu penso que ... é uma característica pessoal e de ... uma certa maneira ... na medida em que ... a gente ... nós fomos nos aprofundando ... no campo do ... do

aprendizado ... da Educação ... da legislação ... eu me interessava muito ... por essas questões ... até por uma questão de formação ... de formação profissional minha ... de ninguém me ... vir criar lei ... “ah ... não pode ... porque tem uma Lei que proíbe” ... “então ... cadê a Lei?” ...

**Pesquisadora:** isso enquanto professor?

**Professor Antônio Carlos:** sempre fui assim ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** certo? ... então ... eu fui desenvolvendo uma ... uma formação interior ... muito voltada para esses ... para esse tipo de ... de ... de ... de ... de aspecto ... de ... de ... de aspecto mesmo ... profissional ... e mais ainda quando eu comecei a estudar né? ... para ... para ... para ... dar minhas aulas ... de faculdade ... porque eu tinha que me preparar para dar minhas aulas de faculdade ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professor Antônio Carlos:** eu trabalhava metodologia e prática de ensino ... legislação ... é ... coordenador de ... de ... de estágio ... né? ... criei várias escolas ... várias salas ... de ... de Educação de nível ... de primário ... de 1ª. ... de alfabetização ... de adulto ... né? ... eu fui responsável ...

**Pesquisadora:** é ... eu gostaria que o senhor ... por falar nisso ... eu gostaria que o senhor contasse um pouco ... é ... em que período que foi a realização do curso de Pedagogia ... que aí já foi na atuação profissional ... né? ... não foi antes ... e o Mestrado ... e depois essas aulas na faculdade ... penso que foi depois ...

**Professor Antônio Carlos:** nessa faculdade ... quando eu já vim do interior de São Paulo para cá ... já tinha esse curso ... foi por volta de ... a ... o curso de Pedagogia ... eu já vim com ele ... antes de setenta e nove ... eu já tinha feito ele ...

**Pesquisadora:** fez lá em São Paulo?

**Professor Antônio Carlos:** fiz lá em São Paulo ... quando eu vim para cá ... eu já trouxe o meu cargo ... de ... de professor efetivo ... do Estado ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professor Antônio Carlos:** e já tinha a Pedagogia ... então quando eu vim para cá ... fui trabalhar na Diretoria de Ensino numa área de ... específica ... né? ... eu fui convidado ... pelos donos da faculdade de Santa Cruz para dar aula lá ... que era uma escola particular ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professor Antônio Carlos:** e eu comecei a dar aula lá ... na faculdade ...

**Pesquisadora:** em qual curso?

**Professor Antônio Carlos:** curso de Pedagogia ...

**Pesquisadora:** entendi ... o senhor já tinha Especialização?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... eu só tinha a Pedagogia ... né? ... depois quando o MEC<sup>166</sup> exigiu a Especialização ... porque nós tínhamos autorização do MEC ... sabe? ... antes dessa conversa de que professor ... licenciatura ... tem que ter um grau acima para dar aula ... dar aula para a licenciatura ... que era Especialização ... eu tinha mais de dez anos de Magistério ... muito mais ...

**Pesquisadora:** e ficou quanto tempo?

**Professor Antônio Carlos:** trinta anos ...

**Pesquisadora:** nossa ... tudo isso ... então ficou junto com o Estado?

**Professor Antônio Carlos:** vinte e oito ... trinta anos ... aposentei no Estado e continuei na faculdade ...

**Pesquisadora:** sempre no curso de Pedagogia?

**Professor Antônio Carlos:** sempre no curso de Pedagogia?

**Pesquisadora:** as disciplinas ... metodologia ...

---

<sup>166</sup> Ministério da Educação.

**Professor Antônio Carlos:** metodologia e prática ... estágio ... administração escolar ... legislação ...

**Pesquisadora:** foi isso que levou ao Mestrado depois ... ou não?

**Professor Antônio Carlos:** o que me levou ao Mestrado é que nós fomos fazer ... é ... por ... por uma cobrança ... do próprio MEC ... e o Dadá ... o Adalberto ... o dono da faculdade ... ali de ... Santa Cruz ... ele falou ... “psiu ... psiu ... vem cá ... ó ... precisa fazer um curso aí ... nem que seja de” ...

**Pesquisadora:** correspondência?

**Professor Antônio Carlos:** “correspondência ... mas você tem que pegar um diploma de especialista para nós apresentar aqui” ... saiu lá em ... em ...

**Pesquisadora:** Jacarezinho ...

**Professor Antônio Carlos:** Jacarezinho ... porque a turma precisava também ...

**Pesquisadora:** a turma de lá?

**Professor Antônio Carlos:** a turma da Ilka ... do ... do diretor seu lá ... que é o ...

**Pesquisadora:** é o Rinaldo ...

**Professor Antônio Carlos:** do Rinaldo ... e aquele pessoalzão lá ... e aí ... eles lá ... só de lá deve ter uns quinze ...

**Pesquisadora:** que já atuavam né?

**Professor Antônio Carlos:** é ... mas tudo a mesma história ... muita experiência ... que era o nosso caso ... e só licenciatura ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professor Antônio Carlos:** aí precisava ... quando precisou ... eles abriram ... e eu trabalhava com uma diretora ... tinha uma professora aqui ... que era uma gordinha ... até de ... de ... de Ribeirão Claro ... acho que deve ter sido sua professora ...

**Pesquisadora:** era de Ribeirão Claro?

**Professor Antônio Carlos:** é ... como que ela chama? ... oh meu Deus do céu ... bom ... não importa ...

**Pesquisadora:** não é Cristina Simeoni?

**Professor Antônio Carlos:** não ... ela falou “Antônio Carlos ... nós vamos fazer um curso de Especialização lá para nós garantirmos os nossos empregos lá em ... lá na FAFIJA... e você não quer ir lá fazer?” ... eu falei ... “claro que eu quero fazer” ... aí nós reunimos a turma ... isso foi a Especialização ... a Especialização ... e nós fomos lá ... íamos todo final de semana ... e era só sábado ... não ... era sexta à noite e de sábado ... e fizemos o curso ... quando estava terminando o curso ... eles conseguiram ... uma autorização para conseguir o Mestrado ... então aquela turma que fez Especialização lá ... a nossa turminha ... ficamos lá para fazer o Mestrado ...

**Pesquisadora:** continuou ...

**Professor Antônio Carlos:** você está entendendo? ... demorou ali ... acho que uns seis meses para ligar isso ... mas nós estávamos antenados ... né? ... quando abriu ... nós estávamos lá dentro ...

**Pesquisadora:** a Especialização e o Mestrado foram em Administração?

**Professor Antônio Carlos:** é ...

**Pesquisadora:** entendi ... aí o Mestrado ... a Especialização foi um ano e ...

**Professor Antônio Carlos:** acho que ... um ano e meio ... e o Mestrado ... acho que nós gastamos quatro anos para fazer ... foi muito bom ... esse Mestrado ... o que foi bom para mim ... você não imagina ... pena que chegou tarde ... sabe ... eu estava já no final ... no Estado ... pena que chegou tarde ...

**Pesquisadora:** o senhor escreveu sobre o que?

**Professor Antônio Carlos:** o que eu escrevi ... sobre a ... espera que eu vou pegar o texto para você [pausa na gravação] ...



**Pesquisadora:** sobre perspectivas e valores ... dos pais e da família em relação ao exercício da docência o senhor já comentou né? ... caracterizou os insucessos e sucessos ... como professor ... melhores e piores práticas ... o senhor gostaria de comentar alguma coisa?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não vejo melhores e piores práticas ... eu vejo é que ... existe um momento na educação e que você pode desenvolver os trabalhos pontuais ... que caracterizam de uma forma mais dinâmica ... né? ... por exemplo ... eu não entendo porque que acabaram com as feiras de ciências na escola ... “ah ... porque não assiste aula” ... mas é um momento que as crianças se realizam na sua criatividade ... você está entendendo? ... essas coisinhas que a gente pode caracterizar como as melhores práticas ... porque elas são criativas ... as piores práticas ... esse modelo de ensino que está aí ... e que não sei porque não muda ... não sei porque ... o professor não muda ... é isso aí ...

**Pesquisadora:** entendi ... e o conceito de professor de Educação Física bem-sucedido ... na época em que o senhor atuou ... se esse conceito ... era explícito ... ou era percebido de alguma forma ... o sentido e a justificativa para o ensino da Educação Física na escola ... porque que ela era importante ... por que que existia né? ... a relação com os conteúdos ... atividades ... método ... critérios de avaliação ... vivência com certas práticas da Educação Física ... enquanto aluno ou atleta ... né? ... que contribuíram para o ensino de Educação Física na escola ...

**Professor Antônio Carlos:** o papel da Educação Física sempre foi de integrar o aluno à escola ... o professor sempre ... o professor de Educação Física ... independentemente de ter apito na boca ou não ... ele sempre foi ... um instrumento de ... agregação ... do aluno dentro da escola ... o aluno muitas vezes deixava de fazer alguma coisa que ele estava a fim de fazer sacanagem ... para poder não ser punido pelo professor de Educação Física ... ou não deixar de participar de um esporte ou coisa dessa forma ... se o professor percebia isto ... e eu percebi durante muito tempo isto ... e usei isso com muito ... como instrumento ... de aluno que desacatava professor ficava fora da minha aula ... e ele dizia ... “professor ... eu não fiz nada” ... “você não fez? ... olha para trás ... você fez sim” ... você está entendendo? ... “se você fez lá porque você não gosta da aula de ciências ... e você gosta de aula de matemática ... Educação Física e vem aqui ... então agora você vai pagar aqui ... então você vai ficar sentado aí e de boca fechada ... e de boca fechada ... porque você desacatou o professor lá ... com que direito você tem de desacatar o professor ... que que ele fez para você? ... ele está dando uma ... uma ... um conteúdo que ele acredita que para você é importante e vocês desacatam o professor ... não tem bola ... não tem bola” ... e não dava ... né? ... porque o aluno quer bola ... né? ... então você usava tudo isso como instrumento ... de ... TENTAR ... eram as tentativas que ... muitas delas deram certo ... agregar e ... e colocar o aluno dentro do contexto da escola ... o papel do professor de Educação Física ... FUNDAMENTALMENTE é este ... colocar o aluno dentro do contexto da escola ... ele tem que ter esse poder ... essa capacidade ... ainda até hoje ... sabe? ... de ser um instrumento de agregação ...

**Pesquisadora:** mas daí nesse caso ... é ... o que o senhor pensava ou pensa disso ... de usar da aula de Educação Física ... para auxiliar o colega de profissão?

**Professor Antônio Carlos:** sim ... sim ...

**Pesquisadora:** e ... nesse caso ... não teria aula ... de Educação Física ... que é um direito do aluno ...

**Professor Antônio Carlos:** um direito ...

**Pesquisadora:** uma obrigação do aluno ... um dever né? ... para auxiliar de repente o professor de Língua Portuguesa ...

**Professor Antônio Carlos:** sim ...

**Pesquisadora:** o professor de matemática ... e o inverso ... acontecia?

**Professor Antônio Carlos:** nunca ... nunca aconteceu ... porque também nunca houve necessidade disto ... mas ... eu sempre usei de ... desse tipo ... não sei se eu ... se era uma ... era

uma atitude ... puramente pessoal ... era uma questão de ... não sei de ... uma questão de hierarquia ... de estrutura ... por que a gente ... tinha nada a ver com o outro aparentemente ... mas ... dentro ... pensando em contexto de escola ... tinha tudo a ver ... né? ... por várias vezes eu fiz isso ... não foi uma vez só ...

**Pesquisadora:** o outro professor ... chegava a pedir?

**Professor Antônio Carlos:** nada ... nem ... fazia de conta que não tinha acontecido nada com eles ... mas eu me envolvia ... eu me ... eu me ...

**Pesquisadora:** o senhor percebia ...

**Professor Antônio Carlos:** eu percebia ... um dia foi muito claro ... eu estou na sala dos professores ... a sala dos alunos ali ... aquele pampeiro ... que a professora desesperada para ver bater o sinal logo ... e aquele alvoroço na sala ... e quem ia depois era eu ... bateu o sinal ... acho que nem bateu o sinal ... a professora já estava aqui na sala do professor ... eu entrei ... e aquele alvoroço continuou ... mas eu não tive dúvida né? ... botei meu material em cima da mesa ... não chamei a atenção de ninguém ... não me fiz ... “estou aqui pessoal” ... para ... já sabia como é que era ... aí ... um ... “ou ... fica quieto ... o Boy já chegou” ... outro ... “ou ... o Boy já chegou ... shi” ... aí mais uns cinco minutos ... “ah ... vocês ficaram quietos ... por que vocês ficaram quietos? ... eu não chamei a atenção de ninguém ... porque que vocês não continuam a bagunça de ... que estava lá na sala ... na aula anterior ... continua ... continua agora pô ... está tão bom ... não era isso que vocês queriam? ... bagunçar ... eu estou dando a liberdade de bagunçar ... tem direito a bagunça ... pode fazer” ... não faz né? ... não faz ... “ô professor ... vamos jogar bola ... por favor” ... “pois é ... você está vendo ... faz o que quer ... a vida é assim ... eu só faço o que eu quero ... né? ... e vocês acham que lá fora ... a vida é desse jeito ... você só vai fazer o que você quer? ... o que não quer ... você não faz e ... quem vai achar ... você não vai incomodar ninguém ... né? ... é assim que vocês pensam ... está totalmente errado” ... eu dava aula ... eu dava aula ... você está entendendo? ... eu não dava aula de bola ... mas eu dava aula ...

**Pesquisadora:** não o que eles mais queriam ...

**Professor Antônio Carlos:** você está entendendo? ... “então você só faz o que você quer ... o que você não quer ... você não faz ... e além de não fazer ... você tem o direito de perturbar ... você tem o direito de perturbar aqueles que querem ... você ... você” ... eu não apontava ... né? ... “a vida não é assim” ... aí eu dava uma aula de ... “ô professor ... pelo amor de Deus ... vamos jogar bola” ... né? ... aí eu cortava o discurso ... né? ... “vai sair um por um” ... era até engraçado ... “vai sair um por um na fila ... se fizer barulho ... no corredor ... até a saída lá fora ... volta todo mundo para a sala ... ninguém vai jogar bola coisíssima nenhuma” ... isso já era a nível de colegial ... “todo mundo sai de boca fechada” [susurra] ... descia a escadaria da escola ... então podia conversar ... então você vê que é possível ... é possível educar ... basta querer ... basta se envolver ... era muito ... para mim era muito mais prático ... “pessoal vamos embora ... vamos para lá ... vamos fazer ginástica ... vamos fazer isso ... vamos fazer aquilo” ... eu dava muita ginástica ... né? ... naquele ...

**Pesquisadora:** mudava ... o senhor mudava às vezes o tipo de aula ... por conta desse tipo de situação?

**Professor Antônio Carlos:** sim ... tranquilamente ... eu não sei se você ... eu trabalhei muito com ginástica ... a a ginástica sueca né? ... trabalhei muito com o banco ... é ...

**Pesquisadora:** método sueco ...

**Professor Antônio Carlos:** é ... muita ginástica ... essa ginástica ... tipo militar ... que é sueco ... né? ... um ... dois ... três ... quatro ... que é rítmica ... eu fiz muita apresentação e a molecadinha gostava ... adorava ... fazer ... porque ... ela é para campo ... né? ... para bastante gente ... né? ... eu fiz muito com a criançada ... cheguei a dar uma ... nós fizemos ... chegamos a fazer uma apresentação ... de 5<sup>a</sup>. ... 6<sup>a</sup>. ... 7<sup>a</sup>. série ... com cento e sessenta e duas ... cento e

sessenta e dois ... movimentos ... espetacular ... pessoal batia palmas ... os pais ... lá fora ... um dia ... dia de professor ... de aniversário de escola ...

**Pesquisadora:** entendi ... e o conceito de professor de Educação Física bem-sucedido ... para essa época?

**Professor Antônio Carlos:** quem levava mais troféu para a escola ... não tem erro ... você não ... ninguém fazia essa avaliação de ... de ... de o seu trabalho sobre o aspecto social ... integrado ... ih ... ninguém dava bola ... para isso não ... você era bom professor ... se você fosse disputar o colegial lá em ... e trouxesse uma medalha no atletismo ... ou você trouxesse um troféu de vice ... ou de campeão ... de uma modalidade coletiva ... isso era o professor bem-sucedido ... depois disso acabou ...

**Pesquisadora:** e o conceito de boas práticas para a época ... independente da área?

**Professor Antônio Carlos:** mas ... o conceito é esse mesmo ....

**Pesquisadora:** está relacionado aos treinos?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... não tem dúvida ... era montar time ...

**Pesquisadora:** na escola particular também?

**Professor Antônio Carlos:** também ... a escola particular tinha um pouco mais de coisa ... porque tinha abertura né? ... você tinha mais ... tinha o xadrez ... tinha aqui uma coisa ou outra .. a criançada se divertia ... ou fazia ... ou ia ... a nataçãõ ... tinha piscina na escola ... onde eu dei aula ... tinha piscina ... então era um negócio que a gente ... mas sempre foi isso ... professor bem-sucedido ... é professor que leva troféu para a escola ...

**Pesquisadora:** e os métodos ... método ... de trabalho e avaliação na Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** na época ... da avaliação ... era avaliação técnica ... certo? ... avaliação nossa era avaliação técnica ... se você tem o domínio da bola ... certo? ... se você tem ... você sabe ... um lançamento ... um toque no vôlei ... uma manchete de vôlei ... ou um “jumping<sup>167</sup>” no basquete ... um arremesso né? ... o bater bola ... o drible ... você dava ... isso daí era avaliação para você fazer ... que fazia ... ou não ... ou quando não ... você fazia avaliação é ... daquele ... tem um método ... eu não estou lembrando o método agora ... tinham cinco modelos de ... era um teto de cinco exercícios ... se eu ... fazia ... né? ... e tinha lá uma tabelinha ... que se apresentava para a molecada ... não era ... tinha fundamento nenhum ...

**Pesquisadora:** e quais experiências da ... enquanto aluno na escola ... ou na faculdade ... que contribuíram para a prática ... como professor de Educação Física ...quais vivências ... né? ... no esporte ... na dança ... na ginástica ... que contribuiu para o desenvolvimento das aulas?

**Professor Antônio Carlos:** não tem desenvolvimento especificamente ... elas vieram no bolo ... nós fomos de uma década de muita ... muita musicalidade ... e certamente as músicas de Beatles e companhia ... influenciou a dança ... o modelo de escola ... que eu estava falando para você ... a Maria Rodrigues dava lá para nós ... mas em compensação tinha aqueles caras que ... lá ... tinha que fazer você dominar o ... ter o domínio da ... habilidade ... para ... para ... o objetivo era claro ... era montar time ... né?

**Pesquisadora:** e a participação em cursos ... Especializações ... o senhor já comentou ... e ... fora essa ... essas iniciativas ... que foram próprias ... é ... programas de formação continuada oferecidos pela Secretaria da Educação ... que aconteceram em horário de trabalho ou fora do horário ... local ... fora do horário ... que aconteceram ...

**Professor Antônio Carlos:** ah ... teve muitos ... né? ... estava comentando outro dia que eu torci o joelho lá ... numa dança ... isso era formação continuada ...

**Pesquisadora:** lá na Diretoria?

**Professor Antônio Carlos:** específico do curso ... com professor alemão ... professora alemã ... trazendo musiquinha e ... isso marcou muito ... porque eu tive que sair ... depois da ... da ... mas nós tivemos muito curso ...

---

<sup>167</sup> “Salto”.

**Pesquisadora:** pela Secretaria ... muitos?

**Professor Antônio Carlos:** vixe maria ...

**Pesquisadora:** em horário de serviço?

**Professor Antônio Carlos:** não ... a gente era dispensado ... é ... em horário de serviço ... eles punham um professor substituto ... e nós íamos fazer os cursos ... teve muito sim ...

**Pesquisadora:** eram convocações?

**Professor Antônio Carlos:** convocações ... convocação para fazer curso ...

**Pesquisadora:** e a aquisição de materiais ... livros didáticos?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... isso era pessoal ... comprava o que estava na ... o que você entendia ser no momento

**Pesquisadora:** revista da área ...

**Professor Antônio Carlos:** revista ... a gente comprava ... eu comprei muito ... eu comprei muito ... né? ... livros e revistas ... que fornecia para nós ... que ... era aquela história ... nós tínhamos aquele método dos doze minutos ... como chama ele? ... de avaliação física ... ah ... ficou famoso ... porque a NASA fazia ... e que todo mundo fez ... o esporte ... o futebol ... todos os esportes aplicaram o teste ...

**Pesquisadora:** método de Cooper?

**Professor Antônio Carlos:** método de Cooper ... isso mesmo ... Cooper ... é esse ... então você usava aquilo como referência ...

**Pesquisadora:** entendi ... e era o que vocês conheciam?

**Professor Antônio Carlos:** era o que sabia ... era único ... né? ... era o único que sabia ... e então ... era um trabalho que gente usava ... meio empírico ... era meio empírico mesmo ... pegava a tabelinha lá ... dava uma garibada ... mas era porque você queria apresentar uma outra coisa ... mas fundamentalmente ... era muito pobre a ... o esquema ... por que ... era esporte ... esporte ... esporte ... esporte ... tem que montar time ... e ponto final ... não tem outro ali ... não tem outro mais ...

**Pesquisadora:** a época da Educação Física esportivizada ...

**Professor Antônio Carlos:** esportivo ... é coletivo ... então os que ... o gordinho ... coitado ... ou ele era goleiro de handebol ... ou ele não fazia nada ... você está entendendo? ... as meninas ou jogavam vôlei ... ou não faziam nada ... então ... não tem ... não tem ...

**Pesquisadora:** ao mesmo tempo que o senhor queria ... procurava fazer ... envolver todo mundo ... tinha essa cobrança para treinar?

**Professor Antônio Carlos:** não tinha jeito ... era hora que eu pegava os ... para envolver eu pegava os menos hábeis ... e jogava contra os mais ... que se julgavam mais e na verdade eram ... só que eu ... roubava deles ... para dar valor para as minhas crianças ... se bem que não tinha significado nenhum ... era muito mais de ... era muito mais ... lazer ... então ... então não tinha significado nenhum de ganhar ou perder ... você está entendendo porque eu não valorizava isso? ... eu só perturbava eles ... mas não valorizava ... isso não tinha ... eu mostrava claramente que isso não tinha importância nenhuma ... tanto que eles topavam a parada ... e na ... quinze dias depois eles estavam a fim de jogar comigo de novo ... “hein ... nós vamos brincar” ... eles não sabiam que iam perder ... e ... e sabe?

**Pesquisadora:** mesmo assim queriam jogar?

**Professor Antônio Carlos:** queriam jogar ... era o desafio deles né? ... e a ... às vezes não deixava ganhar ... e ele ficavam felizes da vida ... eu não ganhei sempre não ... eles ganhavam também ...

**Pesquisadora:** e a aposentadoria?

**Professor Antônio Carlos:** olha ... eu não percebi muito a minha aposentadoria da ... do ... Estado ... porque quando eu terminei o Estado ... eu continuei na faculdade ... eu continuei dando aula ...

**Pesquisadora:** de repente ... aumentou a carga horária na faculdade?

**Professor Antônio Carlos:** é ... eu sei ... eu sempre dava as minhas vinte aulas ... a noite lá ... ficava ... eu não percebia ... não deu para sentir muito ...

**Pesquisadora:** não teve ruptura ...

**Professor Antônio Carlos:** não teve grande ruptura ... ela só foi ter uma ... só teve uma ... quando eu tive o Câncer ... né? ... e esse Câncer que eu ainda carrego ele ... mas ... sob controle ... aí que me deu uma ... eu recebi vários convites para voltar a dar aula ... e não tive coragem de voltar ... né? ... e aí você vai ficando para trás ... né? ... para de ler ... para de estudar ... fica preocupado com a saúde ... você que sempre foi um cara de muita leitura ... muita coisa ... hoje eu ... leio ... leio assim ... tenho um jornal que eu compro para ler e ... me basta ... não tem ...

**Pesquisadora:** e da faculdade ... o senhor também se aposentou?

**Professor Antônio Carlos:** sim ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ... ou pessoa que marcou essa trajetória no Magistério ... sobretudo na rede estadual ... que marcou ... que encerrou ... essa etapa?

**Professor Antônio Carlos:** não ... não ... ela foi ... ela foi ... nada assim que foi ... marcante ... sabe? ... um negócio presente ... muito positivo ... não ... não tenho não ... não tenho não ... não ...

**Pesquisadora:** fotografias?

**Professor Antônio Carlos:** pode ter muita fotografia por aí ... eu acho que ... eu nunca fui muito de foto ... mas eu acho que dá para ... o que marca a gente ... principalmente no Magistério ... são aquelas ... a gente ganha muita ... muita ... como chama essas ... não é carta ... elas são ... umas ... tipo medalhas ... plaquinha de agradecimento ... a você ... como professor ... eu tenho muito dessas ... né? ... de turmas que eu fui paraninfo ... de turma ...

**Pesquisadora:** na Educação Básica ...

**Professor Antônio Carlos:** na Educação Superior ... na Educação Básica ... vou dizer para você ... eles nem valorizam mais formatura ... que eu acho um absurdo ...

**Pesquisadora:** na época do senhor ... valorizava né? ... um pouco mais ...

**Professor Antônio Carlos:** ou ... para ... era importante ter a formatura ... sabe? ... era solene ... pô ... você tinha concluído um grau ... hoje ... você ... pode parar ... vulgarizaram ... esse é o sintoma da escola pública ... o próprio professor não dá importância de que ele contribuiu para formação do moleque que está saindo lá ... ele não está nem aí se ... ah ... para ... tudo errado ...

**Pesquisadora:** é o que o senhor vê hoje por aqui?

**Professor Antônio Carlos:** é o que eu vejo ... formatura é um momento solene ... mas solene mesmo ... importante ... né? ... para conclusão de um degrau ... de uma conquista ... né? ... faz parte da vida ... mas ... se reúne numa sala ... num negocinho aí ... num auditório mequetrefezinho ali ... uma festinha ... uma coisinha que ... você percebe que não tem ... sabe? ... não tem ... não tem ... não tem alma aquilo ... está sendo feito como um processo obrigatório ... né? ... aquilo não é obrigatório ... aquilo é satisfatório ... satisfação ...

**Pesquisadora:** e qual é a relação ... do senhor ... com as práticas da cultura corporal hoje ... as práticas da Educação Física?

**Professor Antônio Carlos:** eu diria ... depois que eu fiquei doente ... eu não faço mais nada ... estou um caos ...

**Pesquisadora:** aprecia pela TV?

**Professor Antônio Carlos:** ah ... aprecio ... tudo isso aí ... eu não perco ... até luta greco-romana eu assisto ... mas fazer ... eu saio aí ... ainda não estou conseguindo fazer eu estou com o Câncer aqui na coluna ... Câncer na costela aqui [aponta] ... né? ... eu tomo meu remédio ... às vezes eu saio aí ... e eles já ficam preocupados comigo ... eu já volto ofegante ... ela já ...

**Pesquisadora:** o senhor está em tratamento ... então?

**Professor Antônio Carlos:** estou ... estou ... em tratamento ... e ... é isso aí ... a minha vidinha mudou depois disso aí né?

**Pesquisadora:** e faz tempo?

**Professor Antônio Carlos:** faz ... desde dois mil e oito ... que aí eu tive ... forcei minha aposentadoria ... de uma certa maneira ...

**Pesquisadora:** da faculdade ....

**Professor Antônio Carlos:** da faculdade ... eu já tinha tempo ... só de Ourinhos ... na FAFIO ... FAFIO ...

**Pesquisadora:** FIO<sup>168</sup>?

**Professor Antônio Carlos:** FIO né? ... o pessoal da FIO ... o pessoal me convida aí ... não tenho mais saúde ... já nem me convidam mais ... tem um tempo já ... já fiquei para trás ... ih ... agora minha preocupação é minha saúde ... e eu me divirto plantando tomate lá no sítio ...

**Pesquisadora:** tem uma diversão ... não deixa de ser um lazer ...

**Professor Antônio Carlos:** olha ... é gostoso ... era gostoso ...

**Pesquisadora:** aqui em Bernardino ... quando o senhor voltou ... ficou na mesma escola ... desde que voltou?

**Professor Antônio Carlos:** sim ... sim ...

**Pesquisadora:** como é o nome da escola?

**Professor Antônio Carlos:** Miguel Prianti Calderaro ...

**Pesquisadora:** o senhor se aposentou nela?

**Professor Antônio Carlos:** é onde eu estudei ... e me aposentei nela ...

**Pesquisadora:** fez a 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... a 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Professor Antônio Carlos:** não ... eu fiz a 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. foi no Abreu Sodré ... Antônio Carlos de Abreu Sodré ... e depois ... 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... aqui ... colegial e Magistério aqui ... e .... Miguel Prianti Calderaro ... que foi um médico aqui ... que era pai de um amigo meu ... que era bravinho o velhinho ... e nós íamos na fazenda dele ... buscar mexerica para vender ... vender para o mercado ... pra nós ganhar ... eu me lembro que no mercado ganhava cinquenta centavos ... cada um gastava acho que uns dez cruzeiros de gaso ... de óleo para ir lá na fazenda buscar ... daquelas mexeriquinhas caipira ... para vender para o ... para o mercadinho ali ... e para ele ... para ele ... e ele pagava ... ele pagava ... dois reais ... dois cruzeiros ... então o Chico ... o Chico que era o filho ... era amigão meu ... o Chico ficava com um e cinquenta e me dava cinquenta centavos ... era um dinheirão para tomar sorvete que você não imagina ... muito dinheiro ...

**Pesquisadora:** depois da 8<sup>a</sup>. série ... fez o Magistério ... só né? ... não foram dois cursos ao mesmo tempo?

**Professor Antônio Carlos:** não ... eu fiz ....

**Pesquisadora:** é o que o senhor comentou colegial ... eu pensei a respeito de dois cursos ...

**Professor Antônio Carlos:** eu fiz o Magistério ... é ... esse colegial ... que era ... era ... o colegial era ... assim ó ... o colegial era o clássico e o científico ... esses dois davam certificado de conclusão de curso ... mas não dava diploma ... então tinha três vertentes ... Magistério ... clássico e científico ... o clássico era para ciências humanas ... história ... para ir lá e ser professor ... de geografia ... história ... é ... educação artística ... seja qual for ... está certo? ... o científico era para ciências exatas ... né? ... matemática ... física ... né? ... você fazia o científico ... então você ia para medicina ... você fazia ... teve uma época que você fazia Educação Física e te preparava para medicina ... essa ... era o esquema ... o Magistério era para te dar ... fazer você ... professor primário e sair por aí dar aula ...

**Pesquisadora:** e o senhor nunca pensou ou nunca aconteceu ... ou teve oportunidade de atuar como professor ... alfabetizador ... mesmo ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ou não deu tempo?

---

<sup>168</sup> Faculdades Integradas de Ourinhos.

**Professor Antônio Carlos:** nunca ... essa foi minha frustração ... nunca fui ... eu nunca fui alfabetizador ... sabe? ... e ... e ... eu tenho como professor de faculdade .... lá na área da metodologia e prática de ensino ... nós chegamos até implantar ... na pior vila ... na Vila Divinéia ... em Santa Cruz ... os caras ... “você é louco de ir lá na Divinéia ... montar sala de aula lá” ... pois foi na Divinéia que eu fui ... eu fui na Divinéia ... reuniu lá a diretoria da comunidade ... de lá ... me trataram como se fosse um rei ... eu levei a diretoria na faculdade ... foi a coisa mais linda que eu tive como experiência ... os caras tinham ido tudo de chinelinho lá ... tudo acanhadinho ... arrumadinho ... sabe? ... camisa do São Paulo ... o outro ... o melhor que eles tinham ... tinham ... levei na faculdade ... eles foram lá ... nunca se sentiram ... acredito ... tão importante quanto ... aquele dia ... apresentei todos os professores ... dei a volta lá na escola ... faculdade com eles ... os caras se sentiram o máximo ... sabe? ... eu fiz questão de enaltecer essa turma ... voltei para lá ... ficamos um ano lá ... lá na sala de alfabetização ... num curso ... depois a faculdade acabou ... nossa faculdade acabou ... acabou o curso lá ...

**Pesquisadora:** foi durante a ...

**Professor Antônio Carlos:** durante o período que eu dava aula na faculdade ... aí começaram essas faculdades à distância para fazer Pedagogia ... as nossas escolinhas aqui ... foi tudo para o espaço ... e isso ... esse massacre já estava vindo ... você fazia faculdade por ... isso aqui ... esse massacre em cima de nós já estava vindo ... e aos poucos foram acabando os alunos ... porque é muito mais fácil ... você paga mais barato ... e faz por aqui ... acabou ... está feito ... é assim mesmo o modelo ... o modelo é esse ... vamos em frente ...

**Pesquisadora:** o senhor quer falar mais alguma coisa?

**Professor Antônio Carlos:** eu acho que é isso aí ... eu espero que a gente tenha contribuído para você poder desenvolver seu trabalho ... né? ... e o que se fizer necessário ... nós estamos aí a disposição ...

**Pesquisadora:** muito obrigada (risos) ...

**Professor Antônio Carlos:** pode contar comigo ... falar sobre educação ... eu ainda não perdi esse ...

## APÊNDICE D - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM A PROFESSORA ROMILDA AUGUSTA

### TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** então ... como primeiro bloco de primeiro assunto né? ... da entrevista ... professora Romilda ... nós vamos falar da experiência da vida extraescolar ... que compreende todas as experiências né? ... é ... situações ... pessoas ... que aconteceram antes da escola ... seja na família ou não ... né? ... então ... a ... é ... a antes da escola ... durante a escola e depois também né? ... são situações que estão relacionadas ... que podem ter acontecido ... durante ... continuado ... né? ... e aí como uma um primeiro assunto ... vou pedir para você ... caracterizar a sua origem ... falar um pouquinho da cultura ... da família ... e do contexto histórico político ... e social da época ...

**Professora Romilda:** então ... eu fui ... eu nasci ... tenho falar sobre assim ... o nascimento ... todo ... também ou não?

**Pesquisadora:** o ano ...

**Professora Romilda:** então ... o ano que eu nasci ... então eu nasci em 1948 ... dia seis de maio e ... e ... e aí eu tinha ... meus pais meu pai era descendente de espanhol ... não ... meu pai era espanhol legítimo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e minha mãe era descendente de portugueses ... meus avós vieram da ... é de Portugal ... de uma região lá chamada<sup>169</sup> ... é ... deixa eu lembrar ... vê se eu me lembro o nome que ela falava ... eu sei que meu pai veio da Espanha ... de Purchil ... ficava na Espanha ... uma região lá de Purchil ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... e aí ... eu ... meu nome completo também ... né?

**Pesquisadora:** pode ...

**Professora Romilda:** meu nome completo é ... antes de eu me casar ... era Romilda Augusta dos Santos Ribeiro e ... depois que eu me casei ... é que ficou Romilda Augusta dos Santos ... é Romilda Augusta dos Santos ... depois Romilda dos Santos Ribeiro ... Romilda dos Santos Ribeiro ... e ... e meus avós vieram para o Brasil ... em busca de melhores condições de vida ... né? ... e ... só que eles ... um ... a minha avó era assim ... vendia ... é ... tipo assim ... de ... feirinha né? ... ela saía com a carrocinha ... né? ... para vender verdura ... enquanto meu avô trabalhava na Companhia Paulista ... que ... ele era ... trabalhava com ... com ... aqueles ... deixa eu lembrar o nome ... é dormente ... lá que eles falavam né? ... que eles ... que colocava nas linhas de trem ... e ele era funcionário da Companhia Paulista de Estrada de Ferro ... e meu pai ... ele trabalhou como ... assim como ... carcereiro na Ilha Anchieta ... depois ele veio para Piratininga ... e trabalhava na Prefeitura como secretário ... ele teve várias profissões ... meu pai ...ele ... tinha ... assim ... ele era muito inteligente ... então todo mundo ... às vezes chamava ele para resolver os problemas ... que existiam na comunidade ... sabe?

**Pesquisadora:** ele estudou? ... seu pai ...

**Professora Romilda:** meu pai ... ele tinha o primário ... né?

**Pesquisadora:** até a 4<sup>a</sup>. série?

**Professora Romilda:** é ... até o 4<sup>o</sup>. ano ... falava na época né? ... e minha mãe também ... minha mãe também tinha 4<sup>o</sup>. ano de primário ... mas ... ela diz que aquele 4<sup>o</sup>. ano que ela tinha ... era um 4<sup>o</sup>. ano ginásial ... porque ela falava assim ... que tinha de tudo ... dentro da ... assim ... a maior parte das coisas ... tinha até basquete na época ... ela falou que ela jogava basquete ... e os jogos ... assim ... na ... ela se destacava um pouco ... na parte de Educação Física né? ...

<sup>169</sup> Em 9 de janeiro de 2016, a professora Romilda se lembrou do nome da região: Almería.



e ... então ... meus pais ... meu pai faleceu eu tinha quatro anos ... vítima assim ... de uma Diabetes de origem nervosa ... e minha mãe ficou viúva com sete filhos e depois ainda assumiu mais três sobrinhos também ... que minha tia tinha ... havia falecido ... e ... eu sei que minha mãe lutou para ... para cuidar da gente ... de nós né? ... e ... porque ela não tinha emprego fixo ... então ela deixava os mais velhos cuidando da casa para ela sair para trabalhar numa tecelagem ... ela costurava ... ela fazia várias ... e vendia roupa também nas horas vagas ... para poder sustentar os dez ... porque ela na época ela não tinha vencimento do meu pai por causa de política ... não deram ... o que ele ... tipo assim de uma aposentadoria ... só deixou um pecúlio ... para ela ... e aquele pecúlio era pouco ... então ... não era uma coisa que ia receber sempre ... até que ...

**Pesquisadora:** não era mensal?

**Professora Romilda:** não ...

**Pesquisadora:** não?

**Professora Romilda:** não ... veio um dinheiro ... tanto é que ela ficou ... devendo assim ... nos armazéns ... depois ela foi ... quando ela recebeu ... ela pagou tudo ... daí um prefeito chamado José Cardoso Franco ... que ele era muito amigo do meu pai ... arrumou um emprego para ela na ... no ... no ginásio ... daí ela ficou efetiva depois ... depois de muito tempo conseguiu se efetivar ... no ... e ... se ... aposentou como servente no ... no Eduardo Velho Filho ... e ...

**Pesquisadora:** e você ... era qual filha dos sete?

**Professora Romilda:** bom ... eu sou a 6<sup>a</sup>. ... do ... da escala ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** a penúltima ... depois tinha o caçula ... o Fernando ... nós somos em 7 ... era o José Carlos ... depois Maria Beatriz ... João Roberto ... Antônio Celso ... Aristeu Luís ... daí eu ... depois o Fernando Marcos ...

**Pesquisadora:** tudo com dois nomes?

**Professora Romilda:** é todos com dois nomes (risos) ... minha mãe também ... Maria Augusta ... então ela pôs ... ela teve uma professora chamada Romilda e ela ... gostava da professora ... daí ela pôs em mim ... Romilda ...

**Pesquisadora:** professora dela?

**Professora Romilda:** é ... ela teve uma professora ... chamada Romilda ...

**Pesquisadora:** e o contexto da época?

**Professora Romilda:** então ...

**Pesquisadora:** ... política ... sociedade ...

**Professora Romilda:** ah ... a política também na época era ... o que eu ouvia falar assim que ... a minha mãe contava ... também tinha assim aquela ... política meio suja sabe? (risos) ... que falam né? (risos) ... porque ... eles queriam né? ... os que tinham mais posses ... queria dominar tudo sabe? ... inclusive o meu pai ... meu pai era muito honesto ... e ... por isso que ... ele que teve essa Diabetes ... porque ele que ... gostava das coisas tudo certo ... então ... e ... é tinha gente dentro do ... do ... da prefeitura ... por exemplo ... que não queria fazer coisas erradas ... né? ... e ele não aceitava na época ... então ele começou a ficar nervoso ... tiraram ... tiraram ele ... uma época ... daí voltaram ele de novo ... porque ... sabiam que ele usava da honestidade né? ... mas ... era também assim na época ... esse contexto político ... era como ... mais ou menos como agora ... também ... só que cada um dentro do ... do seu ...

**Pesquisadora:** momento ...

**Professora Romilda:** momento ... né?

**Pesquisadora:** tudo bem ... agora queria que você falasse um pouco ... dos princípios de educação dos pais ... né? ... o que que o pai e a mãe passava sobre isso ... mais a mãe né?

**Professora Romilda:** mais minha mãe ...

**Pesquisadora:** que você conviveu pouco com o pai ... a mãe no caso ... e pessoas da família ... que se envolviam ou não né? ... o que podia ... o que que não podia ... as regras né? ... de

conduta ... e as relações dentro de casa né? ... as relações com os familiares ... ou ... com pessoas próximas ... vizinhos comunidade geral ... e ... também ... as condições de vida e de moradia ...

**Professora Romilda:** isso daí posso falar mais para o final ... então da ... ou ... ou falo antes das condições de moradia?

**Pesquisadora:** a ordem independentemente ... tanto faz ... pode falar o que quiser primeiro ...

**Professora Romilda:** então ... nós sempre fomos de família simples né? ... fomos criado com humildade ... mas com ... muita minha mãe ela era assim rígida ... porque ela tinha que fazer o papel de mãe e de pai ... então ela ... sempre a honestidade imperava dentro de casa não podia fazer coisa ... pegar alguma coisa de alguém ... é ... sem pedir licença ou ... é ela ... ela achava assim ... que a gente tinha que ser criado ... dentro dos moldes dos princípios dela ... né? ... então às vezes ela era até rígida demais com a gente ... mas isso daí eu não condeno não ... porque isso daí serviu muito na minha vida ... e ela ... e ela era assim um tipo ... de mãe que exigia dos filhos estudar ... porque ela achava que o futuro dependia do estudo ... e a gente ... todos ... eu tenho curso superior meu ... um dos meus irmãos se formou na Aeronáutica ... a minha irmã que não quis estudar ela fez até ... o aquela época era o clássico né? ... na época dela tinha o ... o ensino clássico em Bauru e daí ...

**Pesquisadora:** é tipo o Ensino Médio hoje?

**Professora Romilda:** era o científico ... falava né? ... curso científico ... que valia assim ... mais ou menos ... mas aí ela quis casar com vinte anos ... e minha mãe falou ... bom você vai escolher né? ... ou estudar ou casar ... porque casar ... e também daí ... ela teve que ir para São Paulo ... porque meu cunhado trabalhava lá ... e ela não estudou ... agora os outros ... tem uns que tem o curso ginásial ... Ensino Médio ... outro tem ... e ... um outro fez o curso de ... como se diz aquela época era um outro nome ... contabilidade assim ... que ele até foi trabalhar em banco ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** curso de contabilidade e ... e ... minha mãe sempre achava que ... a gente tinha que seguir alguma ter alguma profissão ... então a ela exigia que a gente estudasse e ... na escola mesmo ela ia participava das reuniões ... é de pais né? ... que tinha ... porque ela queria saber ... se como a educação como os filhos tratavam os professores ... se era malcriado ... e daí se falasse alguma coisa ... em casa lá puxavam-se as orelhas mesmo sabe? (risos) ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí ela falava ... estão reclamando ... tal ... então ela era desse tipo na parte da ... da ... educação e ... ela procurava assim né? ... dar para a gente o melhor que ela podia ... só que a gente não tinha aquela ... era tudo dividido ... por que eram dez dentro de casa ... alimentação ela sabia controlar ... nunca passamos fome graças a Deus ... é ... pão ... por exemplo ... ia buscar de saco ... vinte pães por dia ... para sustentar ... comprava carne que aquela época não tinha açougue ... era de carrocinha ... o Seu Afonso tinha uma carroça organizada ... assim ... era tipo ... era latão ... sabe? ... mas aquele latão lavável né? ... então era tudo colocado ali ... não era sujo ... era tudo limpinho ... higiênico ... sabe? ... e ... daí ela comprava ... é ... fraldinha ... comprava fígado ... rim ... a gente comia de tudo ... nunca reclamamos sabe? ... e a gente aprendeu com ... assim na alimentação ... verdura ... até meu marido hoje fala que ele aprendeu comer verdura em casa (risos) ... por que a mãe dele não tinha costume de ... de fazer a verdura né? ... e ...

**Pesquisadora:** e as relações com os irmãos ... os primos?

**Professora Romilda:** então sempre fomos ... agora que teve uma desavençinha entre os irmãos ... mas por que o caçula ... ele ... ele foi criado assim mais diferente ... fora de casa ... ele começou a trabalhar num curso e ele ficou assim ... até com a família dele ... a minha mãe chamava muito a atenção dele por causa disso ... o tratamento dele ...

**Pesquisadora:** o caçula ... o caçula não é você?

**Professora Romilda:** é o Fernando ... não ... eu sou a penúltima ...

**Pesquisadora:** ah tá ...

**Professora Romilda:** ele chama Fernando e ... inclusive dia vinte e cinco ele fez aniversário ... e ele ... ele não muda o jeito dele ... é difícil ... um gênio difícil ... então até comigo ... às vezes eu vou conversar com ele ... ele é ríspido sabe? ... então ele começou ... ele trabalhou como peão ... é fora de casa ... sabe que ... ele foi trabalhar na NATIVA ... depois ele fez um curso e passou na Petrobrás ... e aposentou na Petrobrás ... então ele é meio assim ... acha que ele é o rei do gado ... sabe?

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Professora Romilda:** é ... eu falo aberto ... eu estou falando assim ... a verdade ... por que é o tipo dele ... ele ... até os filhos assim ... ele é muito rígido ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** rígido mas assim ... ele fala ... mas não pensa o que ele fala ... tanto é que ele magoa ... tem gente da família minha ... é sobrinha ... que não gosta dele ... por que ele não pensa para falar ... ele fala coisa que ofende ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** sabe ... age sem pensar ... então ... assim ... mas agora depois de adulto ... isso daí ...

**Pesquisadora:** de criança ...

**Professora Romilda:** mas de criança ... dentro de casa ... assim né? ... minha mãe ... sempre impôs respeito entre os irmãos ... é ... a gente sempre se deu bem ...

**Pesquisadora:** com os primos...

**Professora Romilda:** com os primos né? ... e até hoje eles vêm na minha casa ... tem liberdade de ... porque a gente sempre foi criado assim ... é ... um ajudar o outro ... sabe?

**Pesquisadora:** certo...

**Professora Romilda:** certo ... então minha mãe sempre ... pessoas que vinha ... assim ... minha mãe nunca negou um prato de comida ... ela sempre foi uma pessoa caridosa e ensinou a gente também a doar ... sabe?

**Pesquisadora:** sei ...

**Professora Romilda:** então a gente tem esse jeito de ser assim ... doa ... é ... doa né? ... a gente ... é melhor doar do que ... dividir as coisas ... então ela ... ela foi uma mãe batalhadora ...eu falo que a minha mãe foi uma mulher muito para frente ... na cidade todo mundo fala ... e ... e ... porque uma pessoa ficar viúva com sete filhos e ainda três sobrinhos ... SEM emprego ...

**Pesquisadora:** corajosa ... né?

**Professora Romilda:** corajosa né? ... e ... e ... nunca casou ... de medo de ... de afetar a vida dos filhos e das filhas sabe? ... então ela ... ela morreu com noventa anos agora ... é ... em dois mil e ... em dois mil e sete ... vai fazer ... vai fazer ... dia catorze de setembro ... ela vai fazer de dois mil e sete<sup>170</sup> ... e tinha uma SAÚDE boa ... sabe? ... e ainda andava de saltinho ... ninguém falava que ela tinha noventa anos (risos) ... ia no mercado ... fazia a compra (risos) ...

**Pesquisadora:** estilo de vida né?

**Professora Romilda:** é ... o estilo de vida ...

**Pesquisadora:** e as condições de moradia? ... casa ...

**Professora Romilda:** então ... a casa ... era de madeira né? ... que o meu pai construiu ... e era assim ... tinha ... a gente teve que dividir a sala ... por causa dos meus primos ... ter vindo para morar ... porque tinham três quartos ... mas daí como ficou dez ... daí minha a sala era maior ... minha mãe dividiu com uma cortina e ... ficou um outro quarto do lado de lá da cortina ... daí pôs os meninos para dormir lá ... daí a minha prima dormia comigo ...

<sup>170</sup> Em 9 de janeiro de 2016, a professora Romilda confirmou a morte da mãe em 14 de setembro de 2007.

**Pesquisadora:** separou os meninos das meninas ...

**Professora Romilda:** é ... separou os meninos das meninas ... e ... e ... daí minha prima dormia ... depois minha mãe ... é ... minha irmã ... já tinha casado ... eu passei a dormir com a minha mãe ... no mesmo quarto da minha mãe ... porque só tinha eu né? ... e a gente assim ... e a vida é ... era tudo simples ... na simplicidade ... casa de madeira sem forro ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Romilda:** sabe? ... e ... só que não chovia dentro ...

**Pesquisadora:** tinha energia elétrica?

**Professora Romilda:** energia elétrica ... água ... tudo ... tanto é que a minha mãe conseguiu ficar com aquele terreno lá por usucapião<sup>171</sup> ... que ela tinha tudo guardado os ... ela pagava imposto ... asfalto ... tudo certinho ... nunca atrasou ... sabe? ... então ... ela ... daí meus parentes falou ... que ela ... era para ela ficar mesmo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Romilda:** com aquilo lá ... por que eles não iam querer ... que eles moravam em São Paulo ... e daí ... mesmo assim minha mãe falou assim ... é ... mesmo ... porque tinha que acertar o ... o ... aquele negócio do terreno lá ... e a escritura ... tudo ... daí ela pegou um ... um advogado e falou assim ... ah ... vamos fazer o usucapião ... por que já faz mais de cinquenta anos que a senhora mora aí (risos) ...

**Pesquisadora:** sempre morou na mesma casa ...

**Professora Romilda:** sempre morou na mesma casa né? ... então ... e tinha outra casa do lado de baixo ... era a ... a casa e tinha uma outra de madeira ... tanto é que eu até morei lá ... depois que eu casei ... cheguei ainda a morar lá ... porque eu ficava perto dela ... que ela já estava envelhecendo e eu achava que eu tinha que ficar perto da minha mãe ... para cuidar dela né? ... se ela precisasse ... então eu também morei nessa casa ... e o terreno era grande ... era vinte e dois de frente por vinte e oito ... então ainda deu e ... ainda tem quintal ainda ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** tinha pé de fruta ... tudo isso daí ... a gente quase nem gastava em fruta ... porque tinha ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Romilda:** é (risos) ... e ... daí acho que é só isso mesmo (risos) ...

**Pesquisadora:** e os lugares que vocês frequentavam ... nessa época ... as atividades lúdicas ... de lazer ... e as oportunidades de aprendizagem e de realização de atividades ... tanto atividade cognitiva ... física ... cultural ... social ...

**Professora Romilda:** então ... a gente participava assim ... das brincadeiras na rua ... porque não tinha ... assim lugar ... QUADRA ... para a gente ir ... na época ... né?

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** era tudo ... assim ... improvisado né? (risos) ... então a gente saía ... minha mãe dava horário até a ... depois que estudasse a tarde ... daí a gente podia brincar das sete até às nove ... da noite ... daí a gente sentava na ... na rua ... na calçada ... a gente passava a fazer várias atividades ... brinquedos ... é ... passa-anel ... é ... pamponeta ... é ... salva ... pique ... trepa-trepa ... garrafão ... esses tipos de brinquedos que a gente usava ...

**Pesquisadora:** o que é pamponeta?

**Professora Romilda:** a gente é ... é ... esse daí era ... para quando a gente fosse brincar de pique ... a gente ficava ... pam [cantarola] ... po ... ne ... ta ... peta ... peta ... com a mão assim ... e a gente ia eliminando ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** o ... as pessoas ... né? os jogadores né?

**Pesquisadora:** como se fosse batata quente?

<sup>171</sup> “Modo de adquirir propriedade móvel ou imóvel pela posse pacífica e ininterrupta desta, por certo tempo” (FERREIRA, 2000, p. 698).

**Professora Romilda:** é ... isso daí ...

**Pesquisadora:** parecido?

**Professora Romilda:** é ... quase igual ... só que a gente fazia em PÉ ... com a mão assim ... a gente batia a mão na boca ... fazia [cantarola] ... pam ... po ... ne ... ta ... daí ia batendo nas mãos ... peta ... peta ... perrugem ... peta ... peta ... perrugem ... ge ... ge ... ge ... trimmmm ... daí ele era eliminado (risos) ... sabe?

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Professora Romilda:** é ... então tinha senhora Dona Loleta ... que a gente brincava muito ...

**Pesquisadora:** é cantiga de roda?

**Professora Romilda:** é ... era assim ... de em fileira ... de mãos dadas ... duas fileiras ... não ... vinha um ... um era o ... ele vinha na frente ... um ficava na frente mas... o menino ... e a gente ficava ... é a Dona Loleta com as filhas ... daí ele vinha [cantarola] ... “Senhora Dona Loleta ... língua de ouro ... língua de prata” (risos) ... “o Senhor mandou pedir ... uma filha para casar” ... daí a Dona Loleta ia com as filhas e falava [cantarolando] ... “eu não dou as minhas filhas ... nem por ouro ... nem por prata ... nem por ouro ... nem por prata ... nem pelo sangue da lagarta” (risos) ... daí ele voltava [cantarola] ... “tão alegre eu vinha vindo ... tão tristonho eu voltarei ... pela filha da condessa ... que nenhuma levarei” (risos) ... daí ela falava [cantarola] ... “volta cá ... seu cavalheiro ... escolher este monteiro ... escolher este monteiro ... qual delas o senhor quer” ... daí ele falava [cantarola] ... “esta quero ... esta não quero ... esta pois será melhor ... esta come o pão da cesta ... bebe o vinho da galeta” (risos) ... “come queijo ... requeijão ... vim buscar meu coração” (risos) ... quando acabava coração ... daí ele levava para ele ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** sabe? ... é assim ... mais ou menos (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi (risos) ...

**Professora Romilda:** daí ... depois trocava o menino ... sabe? ... a gente brincava com os meninos ... não tinha malícia ... aquela época ... a gente sempre ... assim tinha respeito ... nas brincadeiras e ... e tinha esse tipo ... tinha também ... a salva ... já falei né? e ... garrafão falei?

**Pesquisadora:** falou ...

**Professora Romilda:** falei ...

**Pesquisadora:** pega-pega ...

**Professora Romilda:** pega ... trepa-trepa ... é ... aquele ... como que a gente fazia? ... é ... tinham aquelas brincadeiras no ... em casa que era de cirquinho ... que a gente fazia e enchia de criançada ... sabe? ... e nas árvores a gente também brincava de ... de fazer cambalhota ... invés de fazer nas barras ... a gente virava pirueta (risos) ...

**Pesquisadora:** na árvore ...

**Professora Romilda:** lá de cima da árvore (risos) caia em pé ... sabe?

**Pesquisadora:** e algum esporte ... também?

**Professora Romilda:** esporte ... QUEIMADA ... a gente jogava muita ... assim brincando ... é o início né? ... da ...

**Pesquisadora:** na rua?

**Professora Romilda:** da rua ... a gente brincava muito de ... queimada também ... e barrabol ... barrabol ... também a gente brincava ...

**Pesquisadora:** como que é barrabol?

**Professora Romilda:** barrabol? ... ele é quase igual a queimada ... só que você fica num campo ... e ... a ... e ... a outra ... fica uma fileira ... do outro lado ... um time ... de um lado outro time do outro ... conforme você vai queimando ... vai passando para o outro time ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Romilda:** entendeu? ... e ...

**Pesquisadora:** o nome muda um pouco né? ... do jogo ...

**Professora Romilda:** é ... é ...

**Pesquisadora:** e as atividades de lazer ... com a família?

**Professora Romilda:** lazer ... assim a gente ia ... assim ... em um bailinho né? ... é nessa fase assim de ... de nascimento ... até quatro ... ou seis anos ... minha mãe levava a gente para participar sim ... no jardim da banda ... sabe? ... que tocava ... até hoje tinha ... esses tempos ainda estava tocando ... na banda municipal da cidade ... e a gente era assim ... ela levava a gente ... se tivesse uma exposição em Bauru ... ela também ... se fosse ônibus ... ela levava a gente para ver também ... ela era ANIMADA ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... assim ... na participação de escola ... eu por exemplo ... declamava ... todo mundo ia me chamar para declamar ... porque eu decorava muito ...

**Pesquisadora:** poema?

**Professora Romilda:** poema ... poesia ... sabe? ... até ... até a Julis esses dias falou assim ... mãe conta aquele poema do ... do japonês (risos) ... aí você ... é ... coisa assim ... mas não vou falar aqui por que ... depois eu posso contar para você (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Professora Romilda:** eu decoro ... eu tinha facilidade para decorar ... então Tiradentes ... Dia das Mães ... era tudo eles me convocavam ... para recitar ...

**Pesquisadora:** sempre participando de tudo ...

**Professora Romilda:** é ... desde pequena né? ... então ... eu tinha isso ... eu participava assim ... se tinha ... uma vez teve ... de pequena também ... um festival ... é ... eu participei também ... do festival de dança ... que foi feito na escola ... daí a gente ia foi fomos para Duartina apresentar ... para Agudos ... sabe? ... então mas não tinha assim ... uma professora de dança ... então era a Dona Sofia ... que era diretora da escola ... que ela achava o negócio ela para ... é ... é ... fazia e ... ensinava a gente sabe? ... e os filhos dela também já gostavam de música ... os mais velhos então eles passavam para a gente ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... e ... assim ia na igreja ... não deixava faltar à missa ...

**Pesquisadora:** isso não só de criança né? ... depois adolescente ... também ... sabe?

**Professora Romilda:** é ... mesmo depois de adolescente ... e ... mas de ... desde criança ... ela sempre impôs a religião para a gente ... sempre ... é ... tinha que ir na igreja ... “porque Deus está presente na nossa vida” ... ela falava ...

**Pesquisadora:** e os lugares que vocês frequentavam?

**Professora Romilda:** então a gente ia assim ... né? ... era no jardim ou um clube velho ... sabe aquele clube que tem perto da igreja? ... ali?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Romilda:** ali ... na ... na esquina ... era um clube ... ali que é o primeiro clube ...

**Pesquisadora:** ah ... aquela casa? era um clube?

**Professora Romilda:** é ... de Piratininga ...

**Pesquisadora:** eu não sabia ...

**Professora Romilda:** ali era ... foi o primeiro ... eles falaram que iam reformar ... depois virou PRIMEC ... sabe? ... mas era ali que começou assim ... o CARNAVAL ... é dança ... a gente tinha um palco pequeno ... assim ... acho que era o palco do tamanho daqui ó [mostra um espaço como referência] ... dessa área ali ... e só ... e a gente participava sim das festividades que tinha ... eu me lembro que eu ... que eu me vestia de cigana ... também ... e participação na igreja ... assim de ... presépio vivo ... é ... na época do da páscoa ... eu fui até a Maria Madalena ... fizeram ... é ... assim ... aquele cenário né? ... a encenação e ... eu participei de várias atividades ... dentro da igreja também ... de fada e ...

**Pesquisadora:** teatro?

**Professora Romilda:** teatro é ... e música também ... eu não tinha ... eu tinha uma voz afinada ... eu ... eu fiquei meio ... por causa de dar aula ... mas minha voz era ... super afinada ... e a gente também eu participava muito ... assim ... do coral da escola ... no coral tinha uma professora excelente ... até esses dias eu vi que ela foi embora ... ela está de idade né? ... ela ... a filha levou ela para Londrina ... eu li no jornal ... fiquei tão assim (risos) ...

**Pesquisadora:** ela era daqui?

**Professora Romilda:** ela era de Bauru ... mas ela era casada com um rapaz ... com um senhor lá de Fartura ... onde eu comecei minha carreira ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ela era excelente professora ... nossa ... as músicas ... eu até hoje sei tudo ... eu às vezes cantava para as crianças ... às vezes quando eu estava ensinando eles ... às vezes eles falavam uma palavra ... eu soltava uma música (risos) ... eles gravavam rápido ... sabe? (risos) ... então é ... e ... e assim ... a minha participação ... e minha mãe também ... minha mãe participava ... levava a gente e ela também tinha o dom assim de poesia ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Romilda:** é ... e meu pai também ... meu pai ... escrevia às vezes alguma poesia ... eu também gosto ... às vezes quando eu estou assim ... inspirada ... eu dou uma ... faço umas musiquinhas ...

**Pesquisadora:** é de família então?

**Professora Romilda:** é ... é ...

**Pesquisadora:** e atividades cognitivas ... em casa ...

**Professora Romilda:** intelectual ... né?

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** então ... era aí ... a gente obrigação da tarefa escolar ... tinha que ... que fazer os trabalhos ... e a gente ... às vezes não tinha revista ... para recortar ... sabe? ... então a gente às vezes ouvia a rádio ... o rádio ... por que na época nós não tínhamos televisão ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** depois foi de um tempo para a frente ... que minha mãe conseguiu ter uma televisão ... então a gente ouvia historinha ... pelo rádio ... e a gente ficava atenta ... e parece que a gente estava vivendo a história ... HOJE ... eu falo ... hoje os livros são todos ilustrados ... a criança OLHA ... mas parece que não ...

**Pesquisadora:** poda a criatividade?

**Professora Romilda:** é ... eu acho que sim ... eu acho que a criatividade da criança ... é ... vem assim ... eu acho que você ouvindo ... você vai imaginando ... vai criando ... sabe? ... na imaginação ... e eu vejo hoje assim ... eles ... eles CRIAM ... se você trabalhar com eles ... eles criam ... mas não sei ... é difícil você ver uma criança assim ... querer fazer versinho ... desde pequena ... assim ... é difícil ... tem ... existe ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** mas é muito ...

**Pesquisadora:** não é tão comum ...

**Professora Romilda:** não é tão comum ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** é ... então os lugares que a gente frequentava eram esses ... a parte cognitiva era isso ... era fazer os trabalhos ... e não deixar de levar tarefa para a escola ... e ...

**Pesquisadora:** e antes da ... antes da ... de você ingressar na escola? ... quais eram as atividades assim ... intelectuais?

**Professora Romilda:** antes do período escolar?

**Pesquisadora:** antes ... é ...

**Professora Romilda:** minha mãe ela ensinava a gente a bordar ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Romilda:** assim ... pegar na agulha ... no crochê sabe? ... ela ensinava fazer correntinha ... então é ... desde pequena ... ela ... ela fazia a gente observar ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** tanto é ... que eu nunca ... nunca aprendi ... mas eu faço ... se tiver que fazer ... eu faço (risos) ... eu não tenha o que eu não faça (risos) ... até depilatório eu faço (risos) ...

**Pesquisadora:** até o banco com a cadeira né? (risos) ...

**Professora Romilda:** (risos) ...

**Pesquisadora:** aí agora gostaria que você falasse um pouco ... as primeiras experiências ... né? ... você já falou um ... pouco né? ... agora vai falar um pouquinho mais ... e de maior interesse assim ... que você teve com alguma prática da cultura corporal ... que foi realizada em ambiente não escolar ... durante a escola ... posterior a escola ... né? ... a visão ... e valores dos pais e ... da sociedade em relação a essas práticas ... né? ... da cultura corporal ... e a participação e envolvimento deles ... nessas práticas ...

**Professora Romilda:** então ... nessas práticas aí ... eu ... eu ... a gente já tinha assim ... por exemplo ... a gente catava colchão em casa ... punha no chão ... virava pirueta ... cambalhota ... fazia roda de carro ... que hoje eles falam estrela né? ... na época a gente falava roda de carro e ...

**Pesquisadora:** e qual atividade que você ... despertou maior interesse assim ... de todas essas?

**Professora Romilda:** então ... eram esses tipos assim que ... de cirquinho ... que a gente fazia acrobacia ... sabe? (risos) ... então eu tinha assim ... aquele ... quando vinha e chegava o circo na cidade ... eu ficava empolgada (risos) ... ficava louca para ir ... assistir ... né? ...então essas atividades ... o corpo assim ... desde minha mãe sempre anda ... impunha ... impunha na gente corretas ... corpo reto sabe? ... é ...

**Pesquisadora:** para sentar?

**Professora Romilda:** é ... para sentar na mesa ...

**Pesquisadora:** sempre?

**Professora Romilda:** é ... ela falava assim ... é ... não põem os cotovelos na mesa ... põe a mão ... ela falava (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos)

**Professora Romilda:** ela falava ... não estou falando por mim (risos) ...

**Pesquisadora:** mas está certo (risos) ...

**Professora Romilda:** para comer ela falava assim ... é ... ela não tinha certo estudo ... mas ela tinha muita sabedoria ... sabe? (risos) ...

**Pesquisadora:** tinha etiqueta ... né? ... etiqueta ...

**Professora Romilda:** é ... e ela falava assim ... (risos) ... e daí até um dia eu li ... ou numa piadinha né? ... mas eu não posso falar agora ... e então ... ela falava assim “coloca o braço sempre assim ... quando você for comer ... comer com a mão ... assim com o garfo com a mão ... mas não o cotovelo em cima da mesa” (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos) vou me lembrar disso agora ... quando eu for comer (risos) ...

**Professora Romilda:** (risos) mas não é que muda né? ... para que tanta etiqueta também né?

**Pesquisadora:** ah ... mas é importante ...

**Professora Romilda:** mas é ... assim ... não ... tem casamento ... assim ... tudo bem ...

**Pesquisadora:** é um conhecimento importante ...

**Professora Romilda:** mas você está na sua casa assim ... à vontade ... para quê tanta etiqueta né? (risos) ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** e ela falava assim ...

**Pesquisadora:** você não esqueceu né?



**Professora Romilda:** ela falava assim ... ela falava assim ... não vai ... é ... quando for sair na ... na casa dos outros ... vocês é ... não ... não ... põe a mão em nada ... se for pedir água ... vocês ... dá por favor ... para mim ... ela falava ... essas coisas ... sabe? ... e ela ... e eu falava ... então os vizinhos ... por exemplo ... a gente sempre teve bom relacionamento ... NUNCA nós tivemos ... minha mãe ... a gente conviveu com gente de todas as religiões ali ... e todos os vizinhos se davam com a gente ... porque aí a gente nunca foi de brigar ... sabe? ... às vezes ... a gente via coisas assim ... mas ... a minha mãe conversava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** ela não era de ... de brigar ... ela era de conversar ... dialogar ... então a gente aprendeu isso aí também ... tanto é que com os meus alunos ... eu também dialogava muito ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu não chamava assim ... na frente ... na presença dos outros a atenção ... eu chamava do lado ... sabe? ... daí conversava ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Romilda:** e ... ia tocando ...

**Pesquisadora:** e ... qual era a participação ... que tem no caso mais da sua mãe né? ... na ... na realização dessas práticas ... ela incentivava ...

**Professora Romilda:** ah ... ela sempre incentivou ... porque ela GOSTAVA também ...

**Pesquisadora:** chegava a participar junto ...

**Professora Romilda:** ela participava assim ... ela ... ela ... deixava a gente fazer... por exemplo ... tem mãe que não deixa levar a criança lá em casa e ... fazer ... certas ... assim ... é ... cerquinha ... fazer essas coisas ... acha que é bagunça ... e minha mãe não ... minha mãe ... ela achava que aquilo era cria ... criatividade ... então ela ... deixava a gente ... ela achava assim ... é melhor vir a mim ... do que ... vocês ficar para a rua ... por aí ...

**Pesquisadora:** ela participava também?

**Professora Romilda:** ela participava ... sentava ... assistia ... sabe? ... ao que a gente fazia ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** ela era ...

**Pesquisadora:** qual atividade assim que ela participava junto? Você se recorda de alguma?

**Professora Romilda:** ah ... ela participava dessas brincadeiras ... balança caixão ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** ela ... é ... coisas assim ... mais ... é ... joguinho ... assim ... de ... de BARALHO ... que ela participava ... do mico ... sabe? ... porque ela não sabia jogar outros tipos assim ... mas ... tipo do mico ... assim ... que vinha ... aqueles baralhinhos ... né? ... com figura ... daí ela ... ela brincava junto com a gente ...

**Pesquisadora:** ela que ensinou ... a jogar?

**Professora Romilda:** é ... ela que ensinou ...

**Pesquisadora:** entendi ... e a ... as outras pessoas assim da ... comunidade ... que vocês conviviam ... qual era a perspectiva deles em relação a essas práticas ... essas brincadeiras ...

**Professora Romilda:** ah ... eles participavam junto assim ... igual o ... a ... as ... afilhadas ... afilhadas da minha mãe ... a comadre da minha mãe ... tinha um monte de filho também ... ENTÃO ... eles desciam para a minha casa ... ou a gente subia ... até a casa deles ... que eles moravam mais para cima ...

**Pesquisadora:** era comum essa ...

**Professora Romilda:** era comum ... ali na rua era comum ... e ...

**Pesquisadora:** ora na casa de um ... ora na casa de outro ...

**Professora Romilda:** é ... é ... eles ... mesmo assim ... eles ... eles também ... corrigia a gente ... se tivesse alguma coisa errada ...

**Pesquisadora:** ah ... é?

**Professora Romilda:** eles com ... comunicava com a ... com a mãe e conversava ... o que eles achavam ... sabe? ... de errado ... e às vezes a gente brincava assim de telefone sem fio com lata sabe? (risos) ... um punha uma lata ... uma linha e ia de um lado até lá na outra esquina ... e a gente ficava é ... ouvindo ... pela ... linha ... que dava uma percepção ... assim ... uma audição ... na audição a gente ... dava para se comunicar (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Professora Romilda:** e aquelas latas ... minha mãe fazia ... também ... aquelas latas que você punha o barbante embaixo fazia um furo ... punha o barbante grosso e se andava em cima dela ...

**Pesquisadora:** pé de lata?

**Professora Romilda:** é ... pé de lata ... a gente era ... e carrinho de rolimã ... que ela também deixava meus irmãos fazerem ... e a gente só ficava ... ali ... na frente ... porque naquela época não tinha asfalto ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** calçada tinha ... mas asfalto não ... né? ... então meus irmãos faziam esses carrinhos ... a gente sentava ... e ia até lá embaixo ... e ... ou aquele um que já falei do cabo de aço ... que ele esticava de uma árvore na outra ... e punha um pneu ... numa carretilha ... a gente ia igual bondinho do Pão de Açúcar ...

**Pesquisadora:** aqui você não falou ainda desse aí ... pode contar ...

**Professora Romilda:** eu ... aqui ... ah ... esse daí ... eu não contei ... então o ... João ... meu irmão ... ele era muito criativo ... né?

**Pesquisadora:** esse é o mais velho?

**Professora Romilda:** não ... ele é o terceiro ...

**Pesquisadora:** é o que foi para a Aeronáutica?

**Professora Romilda:** é ... e ele ... ele ... uma vez ... eu já contei também que ele pegou o ...

**Pesquisadora:** aqui você não contou ainda (risos) ...

**Professora Romilda:** o guarda chuva (risos) ... ele pulou do barranco ... e falou que ia saltar de paraquedas ... daí ele pulou ... ele achou que ele ia cair no barranco de baixo (risos) ... e caiu e quebrou o braço ... e ele ... com o guarda chuva aberto ... e ele era criativo ... então ... ele pegou um cabo de aço ... esticou de um pé de goiabeira ... até no pé de laranjeira ... que era ... uma distância longa ... e ... daí pôs uma carretilha ... um pneu de bicicleta ... e nesse pneu ... sentava e a gente ia igual bondinho ...

**Pesquisadora:** uma vez de cada ...

**Professora Romilda:** do Pão de Açúcar ...

**Pesquisadora:** uma vez de cada?

**Professora Romilda:** é ... e chovia de criança lá em casa ...

**Pesquisadora:** fazia fila ...

**Professora Romilda:** por causa que queria andar naquilo lá né? ... é ... e ele puxava com uma corda ... é ... e aí ele segurava ... a gente segurava ... a gente segurava do lado assim ... do pneu ... e ia embora ...

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Professora Romilda:** depois descia e ia outro (risos) ...

**Pesquisadora:** cabo de aço ...

**Professora Romilda:** é ... e assim a gente ... a comunidade ali ... olha ... tinha também uma comunidade negra ... que a gente se dava muito bem ... sempre tinha baile ali ... a noite ... minha mãe não dançava ... mas a gente ia para se divertir ... sentava ... ficava assistindo ... sabe?

**Pesquisadora:** e o tipo de dança?

**Professora Romilda:** ah ... era dança assim ... normal ... né? ... essas danças de ... arrasta pé ... porque aquela época não falava ... desses tipos de dança agora ... que tem né? ... o ... o ... axé ...

**Pesquisadora:** o forró ...

**Professora Romilda:** forró ... falava era forró ... só que ... eles falavam ... arrasta pé ...

**Pesquisadora:** só que o estilo era outro ...

**Professora Romilda:** arrasta pé ... né? ... então ... eles eram também ... pessoas assim de cor ... mas muito boas ... eu tenho amizade até hoje ... eram umas ... umas meninas ... os mais velhos já faleceram ... e as que ficaram da minha idade ... a gente se encontra ... até hoje ...

**Pesquisadora:** mora por aqui?

**Professora Romilda:** mora em Bauru ... aqui ... em Piratininga ... sabe?

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Romilda:** e ...

**Pesquisadora:** e assim ... é ... durante já o período da escola e depois da escola ... teve alguma prática que você continuou realizando ... mas que realizava fora da escola ... que não teve relação com a escola?

**Professora Romilda:** assim ... de ... Educação Física não ... só dentro da escola ...

**Pesquisadora:** depois daí ... foi só dentro da escola?

**Professora Romilda:** é ... só dentro da escola ...

**Pesquisadora:** tudo bem ...

**Professora Romilda:** porque mais eram esses brinquedos ... brincadeiras livres né? ... brinquedos de roda ... que a gente fazia ...

**Pesquisadora:** e a preferida era o ... o rolamento?

**Professora Romilda:** é ... é o que a gente brincava muito ... era de fazer estrela ... né? ... é que falava ... roda de carro ...

**Pesquisadora:** era sua preferida?

**Professora Romilda:** e ... não ... eu gostava mais da cambalhota ...

**Pesquisadora:** ah ... está ...

**Professora Romilda:** e a gente como participava também do [interrupção com a chegada de alguém] ... a gente participava do ... como fala ... do cirquinho né? ... daquela família que tinha cirquinho ... olha ... [relacionado a interrupção] ... eram duas horas (risos) ... tinha uma família circense ... perto de casa ... humilde também eles eram ... os filhos ficavam no circo ... e dois ficavam lá ... e eles faziam ... assim ... um tocava violão ... outro tocava bandolim ... outro cavaquinho ... sabe? (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e daí a gente dançava ... é ... quando era pequena eu me lembro ... tocava música ... como ... é ... deixa eu ver ... Barril de Chope ... “pararã ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá ... lá” ... essa música ... a gente dançava ... e ...

**Pesquisadora:** eu não conheço ...

**Professora Romilda:** e a gente ... minha mãe fazia roupa ... para a gente ... sabe assim ... participar da ... na ... assim na comunidade ...

**Pesquisadora:** mas daí ... era um evento ... com dia marcado ...

**Professora Romilda:** era um evento assim NÃO ... a gente combinava e fazia ...

**Pesquisadora:** ah ... e ela fazia roupa?

**Professora Romilda:** é ... ela fazia ... ela costurava ... né?

**Pesquisadora:** ela se envolvia bem né?

**Professora Romilda:** é ... toda roupa ... ela quase fazia ... para mim ... para participação ... de cigana ... de ... de tudo minha mãe ... ela ...

**Pesquisadora:** fazia roupa também para o dia a dia?

**Professora Romilda:** de dia a dia ... também ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** ela era ... na comunidade era isso ...

**Pesquisadora:** muito bom ... tem algum sentimento ... situação ou ... alguma pessoa em especial que de algum modo marcaram ... ou encerraram ... essas experiências ... que você comentou até agora ...

**Professora Romilda:** ah ... acho que não ... eu nunca me envolvi assim ... sempre ... pessoas ... que eu ... não tive assim uma ... uma sequência ... assim de ... por que isso daí vai indo pela escola ... eu acho que da vida ... é ... do lar ... a gente passa para a escola ... daí na escola ... que houve maior desenvolvimento né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** porque ... daí ... começa aparecer certos ... é ... certas ... atividades ... diferentes ... que daí ... como por exemplo ... eu ... minha professora de Educação Física no ginásio ... a Dona Lúcia ... ela era uma pessoa excelente ... ela falava assim ... é ... “garbo ... minha gente ... garbo” ... ela falava (risos) ... só ... então a gente aprendeu só com ela assim ... porque ela na época ... ela não tinha uma quadra ... a gente fazia Educação Física no barro ... na terra ...

**Pesquisadora:** mas isso você vai falar um pouquinho depois ... é mais desse período mesmo ... fora da escola ... se teve alguma situação ... alguma pessoa ...

**Professora Romilda:** ah ... não teve assim ... que ... quando eu era pequena aquela situação que eu falei para você né? ... que eu ...

**Pesquisadora:** aqui você ainda não falou (risos) ...

**Professora Romilda:** a minha mãe ... a minha mãe não deixava a gente sair ... e daí um dia ... aquilo que me marcou ... que eu era assim ... muito criança ... e aquele senhor ... que era pedófilo ... ficava na esquina ... daí ... exibindo os órgãos genitais ... eu voltei ... chorando ... gritando ... isso aí que me marcou ... sabe? ... mas já existia nessa época ... né? ... esses pedófilos também ...

**Pesquisadora:** aí você contou para a sua mãe?

**Professora Romilda:** daí eu contei para a minha mãe ... minha mãe foi ... e ... falou que ia dar parte ... mas na época ... era vergonha ... sabe? ... essas coisas ...

**Pesquisadora:** e expor né?

**Professora Romilda:** daí ela ficou assim ... daí ela chamou a atenção dele né? ... e não ... não quis criar certo caso ... porque se dava com a mulher dele ... e com ... com as filhas ...

**Pesquisadora:** ele era casado?

**Professora Romilda:** era ... era casado ... né? ... na época tinha um monte de filho ... já era VELHO ... também ... idoso ... mais ... é ... de idade ... sabe? ... e ... mais isso daí que me marcou mais ... porque era uma criança ... acho que eu tinha uns cinco ... seis anos... por aí ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí minha mãe não deixava mais a gente andar na calçada ... não saía mais ... só ficava na frente de casa ... não podia assim ... ir sozinha ... sabe? ... ela não deixava ... a gente sair sozinha ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** só isso daí que me marcou na vida assim ... mas ...

**Pesquisadora:** aí ... é ... se você tiver ... também ... alguma fotografia ... ou algum registro ... não precisa ser agora ... pode ser depois ... que representa esse período né? ... da infância ... representa alguma situação ... fora do ambiente escolar ... que representa algum sentimento ... alguma situação ou alguma pessoa ... que marcou ... encerrou esse período né? ... mas aí pode ser em outro momento ...

**Professora Romilda:** então ... fotografia ... eu devo ter sim ... só que nesse momento eu ... eu estou em mudança (risos) ... eu falei para você né? ... e ... eu tenho que ... pegar as fotos ... daí eu vou te mostrar ... uma hora ...

**Pesquisadora:** tudo bem [término do arquivo 1] ...

## TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora nós vamos falar da ... experiência na vida escolar ... então é o período que compreende desde a pré-escola ... educação infantil ... se fez ... ou não ... até o ensino médio ... ou curso correspondente ... na época ... para iniciar ... eu vou pedir para senhora ... para você ... falar como que foi o início né? ... de ingresso na escola né? ... se foi escola pública ... se foi escola privada ... quais eram os valores ... a perspectiva dos pais em relação ... a escola e ao futuro ... e como que eles participavam ... eu sei que você já falou um pouquinho ... de participação da mãe ... se quiser falar mais um pouco ... fique à vontade ...

**Professora Romilda:** está ... na época era ... a gente falava ... jardim da infância ... né? ... então eu ... fiz ... tinha a professora ... Dona Elza ... que foi minha primeira professora ... na ... no ... jardim da infância ... e ... nesse período ... é ... eu ... eu ... assim ... tinha medo de bola ... é ... eu acho que eu tinha medo de bola ... tinha sim um pouco de medo ... eu estava iniciando né? ... a vida escolar ... então tinha ... às vezes eu chorava ... às vezes eu chorava para ir na escola ... mas minha mãe levava e daí ela ia conversando e acabava ficando ... mas depois ... de ... dessa ... daí eu tinha ... os me ... os mesmos era desenho ... atividade ... é ... atividade de desenho ... é ... rabisco ... garatuja ... aquela ... e ... depois dessa fase ... daí vem o 1º ano ... né? ... o 1º ano escolar ... chamava Grupo Escolar de Piratininga ... primeira escola mista de Piratininga ... acho que é ... a escola que eu ... tenho até o ... o diplominha aqui ó [mostra o diploma] ... aqui é ... era o primeiro grupo escolar de Piratininga ...

**Pesquisadora:** ah ... então depois eu vou fotografar ...

**Professora Romilda:** chamava Coronel Virgílio Rodrigues Alves ...

**Pesquisadora:** que é onde é a EMEI<sup>172</sup> hoje ...

**Professora Romilda:** isso ... onde é a EMEI hoje ... e depois passou em um mil noventa e cinquenta ... que abriu o Eduardo ... né? ... daí ele chamava Ginásio Estadual ... é ... de Piratininga ... primeiro ... depois ... que ele passou a ser chamado ... Eduardo Velho Filho ... e ... aí ... eu tenho esses dois certificados [mostra-os] ... que é do 1º ... da 1ª. a 4ª. séries ... e de 5º. ano ... que ... o outro é de 5º. ano ... porque aquela época ... antes de você fazer o ginásial ... você fazia o 5º. ano ... também ... então eu terminei o 4º. ano ... daí eu fui para o 5º. ... 5º. ano ... daí que eu comecei ... 1ª. série ginásial ... 2ª. série ginásial ... 3ª. série ... 4ª. série ...

**Pesquisadora:** então aqui nesse certificado ... você foi aprovada ...

**Professora Romilda:** aí é o primeiro ... é ... grupo escolar ... é ...

**Pesquisadora:** esse aqui ... esse outro aqui é ... aprovação obtida no 5º. ano ... está aqui ...

**Professora Romilda:** no 5º. ano ... é ...

**Pesquisadora:** está ... e você foi aprovada para o 5º. ano ... ou já tinha terminado o 5º. ano ...

**Professora Romilda:** não ... eu já terminei o 5º. ano ...

**Pesquisadora:** e foi para 1ª. série ginásial ...

**Professora Romilda:** 1ª. série ginásial ... é ... ginásial ...

**Pesquisadora:** entendi ... então era do 1º. ao 5º. ... e depois ...

**Professora Romilda:** só que assim ... eu fiz do 1º. ... da 1ª. a 4ª. no ... do primeiro grupo escolar ... é ... era aqui ... lá onde é o ... o Coronel Virgílio ... era ... era Coronel Virgílio ... agora mudou também o nome ... mas daí ... era uma escola que era mista ...

**Pesquisadora:** o que significa mista?

**Professora Romilda:** mista era masculino e feminino ... teve uma época que separava ... os meninos das meninas ... e essa época era escola mista ... e é ... é ... essa escola ... o 1º ano ... eu me lembro que eu fui fazer ... ela nem era dentro da escola do Coronel Virgílio ... ela era

<sup>172</sup> Escola Municipal de Educação Infantil.

do lado ... assim ... numa esquina ... porque acho que tinha mais classe ... lá ... não dava .. não comportava ... então a gente fazia ... ia lá naquela escola mista ... que funcionava duas classes ... que tinha duas salas ... então a professora punha a lousa lá ... o quadro ... negro ... e a gente ... daí ela dava aula ... tanto é ... que ela era ... ela tacava apagador ... (risos) em todo mundo ...

**Pesquisadora:** tacava apagador ...

**Professora Romilda:** você não podia olhar dos lados ... que vinha um apagador voando ... uma vez eu agachei ... pegou na detrás (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos) e era para pegar em você? ... por que?

**Professora Romilda:** eu nem ... a gente não fazia nada ... se você só olhasse assim do lado ... ué (risos) ... daí que ela punha ... saía ...

**Pesquisadora:** jogou muita queimada ... desviou da bola (risos) ...

**Professora Romilda:** daí eu desviei ... como a menina era ... assim de família muito dengosa ... nossa ... deu problema ... porque a mãe ... a mãe ...

**Pesquisadora:** acertou na menina ...

**Professora Romilda:** a mãe foi lá né? ... mas aí quem tacou apagou não fui eu (risos) ...

**Pesquisadora:** era para você levar (risos) ...

**Professora Romilda:** era para mim ... para acertar em mim (risos) ... mas não acertou ... (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... daí ... funcionava ... daí que acontecia ... os meninos ... castigo ... ela dava castigo para os meninos ... numa 1<sup>a</sup>. série ... ela punha fitinha ... na cabeça dos meninos ...

**Pesquisadora:** o que significava? ...

**Professora Romilda:** então ... era um castigo ... para eles ficarem como se fossem meninas ...

**Pesquisadora:** para ridicularizar ...

**Professora Romilda:** para ridi ... é ... e ... punha atrás da porta ... da classe ... sabe ... e ... as meninas ... ela punha também atrás da porta ... mas não colocava coisas de menino ... ela punha grão de milho ...

**Pesquisadora:** para ajoelhar no milho?

**Professora Romilda:** é ... ela colocava ... tanto é que ela faleceu no dia do meu aniversário ...

**Pesquisadora:** essa é a professora ...

**Professora Romilda:** ela foi minha professora ... Dona Eunice ... ela chamava ...

**Pesquisadora:** Ionice?

**Professora Romilda:** Eunice ...

**Pesquisadora:** Eunice ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** entendi ... ela foi do 1<sup>o</sup>. ano ...

**Professora Romilda:** do 1<sup>o</sup>. ano ...

**Pesquisadora:** está ...

**Professora Romilda:** e ... é assim ... o ensino era ... era ... dava ... a gente ficava meio assim no abstrato ... sabe? ... porque aquela época se aprendia muito mais ... não era o concreto ... aprendia mais assim ... por abstrato ...

**Pesquisadora:** aula expositiva ...

**Professora Romilda:** é ... você lia a cartilha do tatu ... “eu vejo um tatu ... o tatu ... tatá” ... daí depois vinha da bacia ... “aqui está uma bacia ... bacia ... babá ... tabá” ... porque você já tinha aprendido tá ... tatu ... daí você ia aprender o bá da bacia ...

**Pesquisadora:** “bá ... tá ...”

**Professora Romilda:** é ... depois é ... assim ... é ... depois vinha o cavalo ... “Donato tem” ... é até o nome do meu marido ... “Donato tem um cavalo ... o cavalo de Donato é bonito” ... daí

vinha ... “tá ... bá” ... não ... é ... “cá ... bá ... é ... cá” ... daí ... ia assim ... as sílabas ... né? ... essa parte silábica ...

**Pesquisadora:** sempre estudou em escola pública?

**Professora Romilda:** pública ...

**Pesquisadora:** e quais eram os valores dos pais em relação à escola ... ao futuro ... envolvimento ... participação ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... eles participavam ... minha mãe participava muito assim ... das atividades que tinha na escola ... dia de festinha que tinha ... é ... reuniões ... é ... então ela ia ... porque eu recitava também ... daí ...

**Pesquisadora:** daí ela ia para assistir ...

**Professora Romilda:** daí ela cuidava ... quando era assim ... um horário que não dava para ela ir ... minha irmã que ia ...

**Pesquisadora:** sua irmã ...

**Professora Romilda:** que era a mais velha ... sabe?

**Pesquisadora:** ia representando a sua mãe ...

**Professora Romilda:** representando ... e ... assim ... os valores assim ... que ... ela deixou ... que era o de ... respeito ... entre os professores ... que a gente tinha que ter ... né? ... só que tinha professor que não respeitava a gente não ... porque era ... não ... olha ... tinha tanto medo ... eu vou falar a verdade ...

**Pesquisadora:** é para falar a verdade ...

**Professora Romilda:** a carteira era dupla ... daí ela colocava tinta na ... no ... nanquim [mostra como] ... na carteira ... eu tinha tanto medo ... eu batia a mão ... virava (risos) ... o vidro da tinta ... porque se ... aquelas canetas com pena ... sabe ... aquelas canetas que você molhava ...

**Pesquisadora:** eu sei ... mas não conheci ...

**Professora Romilda:** então ... na época ... tinha essa caneta ...

**Pesquisadora:** com a tinta nanquim ...

**Professora Romilda:** com a tinta nanquim ... e tinha um buraquinho na carteira ...

**Pesquisadora:** para por ...

**Professora Romilda:** para por a tinta ... só que você ficava tremendo ... de tanto medo do professor ... que se acabava tremendo ... e a carteira balançava! (risos) ...

**Pesquisadora:** isso no 1º. ano? ...

**Professora Romilda:** no 1º. ano ...

**Pesquisadora:** 1º. ao 4º. ...

**Professora Romilda:** é ... porque lá ... eu fiz o 1º. ano ... eu me lembro bem ... nesta ... nessa classe do 1º. ano ... sabe? ... então era ... era ... elas eram muito ... assim ... elas impunham ... sabe? ... tinha status né? ... a professora era tudo né? ... então a gente ... procurava fazer certo ... só que não podia ... tinha que ficar ... imobilizado ... você só prestava atenção ... na lousa ... se você virasse a cabeça assim [mostra] ... vinha apagador (risos) ... mas isso foi só nesse 1º ano ... porque depois eu tive no 2º. ano ... uma professora lá ... ela ... até ela era espírita ... mas né? ... ela assim ... “ai minha doçura ... ai minha fofura” ... aquilo cativava a gente ... sabe?

**Pesquisadora:** já se posicionava de outro jeito ... de jeito diferente ...

**Professora Romilda:** é ... ela se relacionava ... ela chamava Dona Nair ... daí ela ... inclusive ... as filhas dela ... eram super pedante ... mas ela era uma pessoa ... e um marido muito bom ... umas pessoas muito boas ... sabe? ... as duas eram pedantes ... as filhas ... ninguém gostava ... assim ... elas se achavam na época né? ... então ... é ... a Dona Nair não ... onde você ia ... ela ... “oi ... minha fofura ... oi minha doçura” ... sabe? ... aquilo cativava ... então ... eu ... a gente guarda ... grava isso aí dentro da gente ... na idade ... que a gente estava ... inclusive quando eu namorava ... ela tinha costume de ir no cinema ... e falar alto dentro do cinema ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Romilda:** daí a turma saía tudo de perto dela ...

**Pesquisadora:** (risos) ...

**Romilda:** e eu namorando ... e ela ... eu ficava com vergonha ... eu não ia sair dali ... daí ela falava assim ... ela um dia ... ela falou assim ... olha ... meus amores ... se vocês tiver que se beijar ... eu sou cega ... surda e muda ... mas não saía daí (risos) ... mas depois ela acabou falecendo ... lembro dela ... e ela ... assim ... também ... um método de ensino ... com ela ... era também num ... no “be-a-bá” ... que a gente falava ... “ah ... o abecedário” ... é ... com cartilha ... tudo assim ...

**Pesquisadora:** isso do 1º. ao 4º. foi assim?

**Professora Romilda:** é ... do 1º. ao 4º. ... ano ...

**Pesquisadora:** na mesma escola? ...

**Professora Romilda:** na mesma escola ...

**Pesquisadora:** e os recursos físicos ... materiais disponíveis na escola... o que vocês tinham lá ...

**Professora Romilda:** então ... tinha os livrinhos de histórias ... que eu pegava lá ... para ler ... levava para casa ... sabe? ... existia bastante livrinho de história ... da Branca de Neve ... Cinderela ... os Três Porquinhos ... o Chapeuzinho Vermelho ... então eles tinham bastante livrinho ... daí a gente podia levar ... para quem gostava de ler ... levava para ler e depois devolvia ... então eu levava ... porque eu gostava de historinha ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** eu ... eu ... pegava e levava ...

**Pesquisadora:** e os recursos da sala de aula ... que a professora usava ...

**Professora Romilda:** ah ... na sala de aula ... que a professora usava era o quadro-negro ... apagador ... e giz (risos) ... e ... ah ... tinha um quadro de gravura ... para a gente fazer ... contar as histórias ... fazer descrição ... ou ... narração ... narrando a história ... e então vinha ... tinha uma ... tinha uma menina na porteira ... e dois gansos ... atrás ... então a gente tinha que formar uma história ... com aquilo lá ...

**Pesquisadora:** entendi ... aí ... vocês que desenhavam?

**Professora Romilda:** não ... ela punha o cartaz lá ... já com as figuras ... cada dia ela virava aquilo lá ...

**Pesquisadora:** ah ... tinha a figura e vocês criavam ...

**Professora Romilda:** tinha a figura ... e a gente criava a história ...

**Pesquisadora:** com base na figura ...

**Professora Romilda:** com base na figura ... é isso daí ...

**Pesquisadora:** entendi ... e a avaliação ...

**Professora Romilda:** avaliação era a provinha mesmo ... prova ... e era nota ... era cinco ... seis ... sete ... até dez ... de zero a dez ... então se você tivesse ido mal ... depois tirava média final ... então ... a avaliação era ... o que eles davam na sala de aula ... eles pediam ... para ver se a gente tinha aprendido mesmo ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** mas às vezes ... até depois ... quando eu comecei a dar aula ... daí eu vi muitas falhas ... assim ... por exemplo ... tem aluno que você dá questionário ... vamos supor ... você dá dez perguntas no questionário ... ele pode não saber aquelas dez ... mas pode saber as outras dez ... entendeu? ... que eu fazia então ... então eu dava ... eu dava as perguntas ... dava assim ... eu comecei a fazer um roteiro ... e daí eu fazia um questionário com cinquenta perguntas ... e dava assim ... para eles estudarem ... é ... para ver né? ... e daí conforme eles iam fazendo ... eu via que eles estavam ... assim ... aptos ... porque um não sabe alguma coisa mas sabe a outra ... o outro sabe outra ... sabe? ... então ... não era ... a avaliação era ... eu acho que é um geral ... daí às vezes eu fazia pergunta oral ... e eles respondiam ... sabe? ... mas como que ele sabe falar oralmente ... e não passa ... no ... na escrita?



**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu comecei a mudar minha técnica de ... e deu certo ... sabe ... porque daí eu falava assim ... você não sabe essa daqui ... “ah ... não sei ... mas eu sei essa” ... daí eu fui dando ... os questionários assim ... e eu ouvia pelo ... pelas ... quanto ao conteúdo ...

**Pesquisadora:** pode continuar ...

**Professora Romilda:** o conteúdo ... eu falava assim ... era tudo aquilo ... dava conteúdo geral ... que eu tinha dado ... então eu falava assim ... se ele sabe ... não sabe dez mas sabe as outras ... ele ... ele tem que passar ... né? ... porque ele não sabe aquela ... mas ele sabe as outras ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... eu ... mudei o jeito de lidar ... com a aula ... e acho que com isso ... consegui coisas com eles ... também ...

**Pesquisadora:** que você vai contar depois para nós ... e as relações com os outros alunos ... com as outras crianças ... na escola ...

**Professora Romilda:** ah ... eu sempre tive assim ... bom relacionamento ... nunca ... assim ... brigar ... minha mãe ... em fila ... por exemplo ... tinha aqueles que brigavam ... empurravam né? ... na época ... como a gente era mais humilde ... sabia que ia cair tudo sobre a gente ... porque tinha ... tinha muita humilhação na época ... sabe? ... então ... a gente procurava nem tocar em ninguém ... de medo ... porque minha mãe falava ... “se vier reclamação ... aqui em casa você apanha” ... da gente tinha medo ... de fazer alguma coisa ... assim que ... apertasse alguém ...

**Pesquisadora:** entendi ... como que você descreve a trajetória escolar ... na Educação Básica ... do jardim de infância ... 1º. ao 4º. ano e ... as séries ginasiais ... pensando em conteúdo ... né? ... atividades desenvolvidas ... e como eram desenvolvidas ... e o que era mais recorrente ... o que era mais frequente ... a atuação dos professores ... as relações ... com os professores ... trabalho ... tarefa ... desempenho na escola ... como aluna ... como é que era ... a participação em eventos ... que você já comentou alguns né? ... se tinha alguma preferência ... em relação a alguma disciplina ... ou não ... e convívio com as outras pessoas da escola ... funcionário ... diretor ... coordenador ... se existia esse convívio ... como é que era ...

**Professora Romilda:** então ... aí ... nessa época ... a gente ... eles tinham ... assim ... também ... um caderninho que ... de ... era de português ... matemática ... estudos sociais ... e já vinha a ... a ... a história ... né? ... parte de história ...

**Pesquisadora:** isso em qual nível?

**Professora Romilda:** é ... a gente ... tinha um ... era um livrinho comprido assim ...

**Pesquisadora:** mas em qual série?

**Professora Romilda:** em todas as séries a gente tinha ... aquele livrinho ...

**Pesquisadora:** da 1ª. a 4ª. ...

**Professora Romilda:** é ... na 1ª. era a cartilha ... né? ... mais alfabetização ... né? ... depois ... do 2º. ano ... já tinha um questionário ... um livrinho de 2ª. série ... 3ª. série ... 4ª. série ... e ali tinha o conteúdo ... e já tinha perguntas para você responder ...

**Pesquisadora:** tipo uma apostila né?

**Professora Romilda:** é ... tipo de uma apostilinha ... sabe? ... e daí você já levava para casa ... e fazia o questionário ... levava no outro dia ... e ... a professora corrigia ...

**Pesquisadora:** já tinha as tarefas de casa ...

**Professora Romilda:** já tinha ... as tarefas ... é ... então nessa parte aí ... foi de 2ª. a 3ª. ... a 4ª. série ... que tinha esses questionários ... para responder ... e nesses questionários ... faziam na prova ... na avaliação ... eles usavam ... as mesmas perguntas ... que colocavam ... que tinham no ... no ... no livrinho ... lá na apostilinha ...

**Pesquisadora:** você lembra o ano que foi ... que você ... fez do 1º. ao 5º. ...

**Professora Romilda:** então ... aí eu terminei acho que foi em cinquenta e [pesquisadora sugere olhar nos diplomas que está em mãos] ... é ... esse daqui ... eu terminei ... o 2º. ... esse daqui ...

**Pesquisadora:** esse ...

**Professora Romilda:** esse daqui ... esse eu terminei ... então ... em cinquenta e nove ... que eu terminei ... aqui ...

**Pesquisadora:** terminou ou iniciou ...

**Professora Romilda:** esse aqui do grupo escolar foi término ... término em cinquenta e nove ...

**Pesquisadora:** ah está ... tudo bem ...

**Professora Romilda:** então ... eu acho que comecei em ... pelo ...

**Pesquisadora:** quatro anos ...

**Professora Romilda:** quatro anos? ... 4º. ano ... em quarenta e cinco?

**Pesquisadora:** cinquenta e cinco?

**Professora Romilda:** é ... cinquenta e cinco ... é cinquenta e cinco ...

**Pesquisadora:** é ... cinquenta e seis ... cinquenta e sete ... cinquenta e oito ... cinquenta e nove ... correto ... eram cinco?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** está ... então é cinquenta e cinco ...

**Professora Romilda:** se for contar até o 5º. ano ... daí o 5º. ano eu terminei em sessenta ... então ... são cinco ... era ... mas é que eu fiz o jardim da infância um ano ... um ano antes ... então ... iniciou em cinquenta e quatro ... a escola eu comecei em cinquenta e quatro ... e terminei o período ... primário ... que falava na época era primário ... e terminei em sessenta ... foi no 5º. ano né? ... e no 2º. ... daí já funciona ... no ... na escola ... que era Ginásio Estadual ... o ... o ... funcionou como ... primeiro grupo escolar ... mas ele veio funcionar aqui em cima ... 5º. ano ... no Eduardo Velho Filho ... só que falava ... Ginásio Estadual de Piratininga ...

**Pesquisadora:** 5º. ano pertencia ao grupo ... mas ... funcionava na outra ...

**Professora Romilda:** e ... e ... até que tem nesse livro ... nesse livrinho aqui ó [mostra o livro] ... aqui fala [vai folheando] ... está vendo ... quer ver ... ó ... Ginásio Estadual ... primeiro nome ... que teve do Eduardo ... foi ... olha aqui [folheia mais páginas] ... deixa eu mostrar aqui ...

**Pesquisadora:** esse foi um informativo que a escola ...

**Professora Romilda:** esse aqui foi Seu Persin que fez ... você conhece o Seu Persin ... ele foi professor de Artes ... ele que fez da escola ...

**Pesquisadora:** é uma história ... é a história da escola ...

**Professora Romilda:** é ... é ... é uma história ... é ... é uma história ... que eu guardo ... porque minha mãe está aqui também né? ... e faz parte ...

**Pesquisadora:** ah ... ela está aqui ... ah ... eu vou fotografar então ...

**Professora Romilda:** depois se você quiser levar ... para ver ... daí você leva a história ... todinha ... a historinha aí ...

**Pesquisadora:** e nessa época ... você era aluna quando ele fez esse trabalho ...

**Professora Romilda:** e nessa época ... eu estava já no ginásio ...

**Pesquisadora:** ah ... era aluna dele ...

**Professora Romilda:** é ... acho que já até tinha saído ... quando ele fez isso daí ... sabe ... porque ele fez um apanhado geral ... da história da escola ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... o 5º. ano ... era chamado ... primeiro grupo escolar ... lá no Coronel ... né? ... daí quando ele ... o Eduardo começou ... era Ginásio Estadual de Piratininga ... então o 5º. ano ... passei a fazer aqui ... no Edu ... só que não falava Eduardo ... ele passou depois a se chamar de Eduardo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então eu fiz da ... até o 4º. ano eu fiz lá no Coronel ... esse daqui [mostra o lugar] ... mas depois passou para ... lá ... o segundo grupo escolar ... veio a funcionar aqui ... na parte de cima ... do ... do ... ginásio ...

**Pesquisadora:** certo ... e como eram as aulas já no ginásio ...

**Professora Romilda:** então ... as aulas eram expositivas ... oral ... sabe? ... eu tinha muita exposição oral ... com professor de português ... também ... ele ... ele ... dava muito assim ... exposição oral ... tipo de televisão ...

**Pesquisadora:** como que era essa exposição? ... oral ...

**Professora Romilda:** então ... ele fazia assim ... um ia ser ... repórter ... então ele ... ele chamava Seu Retz ... então ... ele na parte ginasiado ... falando ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e ... ele fazia a exposição dele assim ... a gente tinha que organizar ... como fosse uma televisão ... vamos supor ... daí tinha a repórter ... tudo que a gente ... fazia ... é ... brincadeiras ... de ... cantar ... por exemplo ... dadas as atividades que ele dava ... baseada também em livros ... ele ... além dessas atividades extra ... assim ... que ele fazia ... como televisão ... ela dava ... tinha o livro ... que a gente seguia também ... de português ... então ele ... ela ia ... as atividades ... dele ... era assim na base de ... oral e escrita ... e ele era muito bom professor assim para explicar o português ... tanto é ... eu tinha a minha língua ... minha língua era presa ... eu não conseguia falar o “l” ... eu ia falar aflito ... eu falava “afrito” ...

**Pesquisadora:** falava com “r” ...

**Professora Romilda:** falava com “r” ... daí ele falou para a minha mãe ... que a minha mãe estava trabalhando lá ... daí quando eu fiz a cirurgia das amígdalas ... o médico deu um pique ... debaixo da língua ... daí eu comecei a soltar ... daí eu comecei a falar o “l” ... aflito ... elevar a língua para falar o “l” ... então ele ... que observou ... em mim isso daí ... sabe ... e eu ... e assim ... fazia exposição oral ... a gente tinha que estudar também ... e se expor lá na frente ... o que ... uma maté ... ele dava um tema ... você que tinha que estudar aquele tema ... e falar lá na frente dos colegas ... isso para desinibir ... então a gente ficava mais solta ... sabe? ... e ... era esse tipo ... e a parte escrita ... e ... e ele mandava na lousa ... também ... fazer atividade na lousa ... com o aluno ... ele chamava ...

**Pesquisadora:** e os outros professores? ...

**Professora Romilda:** também ... de matemática ... eles tinham uma linha assim ...

**Pesquisadora:** parecida ...

**Romilda:** parecida ... é ... e inclusive ... geografia ... eu não entendia o que a professora punha na lousa ... porque era um quadro sinóptico ... e esse quadro sinótico ela punha assim ... por exemplo ... “l” [“l”] ... ela colocava ... na época a gente ... ainda não tinha estrutura para certas coisas ... então o professor tinha que explicar ... que aquele “l” [“l”] ... em algarismo romano ... era um tema ... e dentro daquele tema ... daí vinha o outro “l” ... sabe?

**Pesquisadora:** eram subtemas ...

**Professora Romilda:** então ... eu estava perdida ... naquilo lá ... minha cabeça rodava e eu não conseguia entender ... até que um dia me despertou ... eu ... “mas nossa como eu estou tirando nota baixa ... de geografia ... eu não consigo entender ... e eu estudo” ... daí que eu fui ... ver que um tópico estava dentro do outro ... sabe? ... então para a gente que estava complicado ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... ela não explicava ... falava assim “ó ... esse tópico ... esse aqui ... é ... desse tema ... aqui dentro desse tema” ... era ... porque ... nas séries iniciais ... do ginásio ... você ainda está meio bobinha ... né? (risos) ... daí ... matemática também era muito ... professor Isac Portal Roldan ...

**Pesquisadora:** Roldão?

**Professora Romilda:** Roldan ...

**Pesquisadora:** Roldan ...

**Professora Romilda:** é ... ele era bom professor ... só que para passar matemática ... era muito difícil ... tanto é ... que depois chegou na 2ª. série ginásial ... que veio um professor de ... de Botucatu ... daí ele começa ... de ... começou ... falava para as meninas ... que gostava de mim ... o professor era novo ... daí as meninas ... daí ele ... eu comecei ... é ... eu sentava na frente ... na primeira fileira ... e eu era assim ... tímida ... e ele esticava o pé e pisava no meu pé ... daí eu peguei ... e falei um dia ... lá ... minha colega viu lá ... amor zero ... matemática dez ... não ... matemática ... dez ... não ... zero ... amor dez... e eu sei que daí ... esse daí ... dava umas atividades assim ... até meia louca ... por exemplo ... ele ia falar ... falava assim ... a gente fazia um teatrinho ... ele falava assim ... “ah ... vamos apresentar um fa ... ah ... a Romilda vai participar disso aqui ... da balaiada” ... daí vinha o Duda com um balaio na mão ... tacava na minha cabeça ... desmaiava ... da balaiada ... era fato histórico (risos) ...

**Pesquisadora:** era um jogo ... uma brincadeira ...

**Professora Romilda:** era ... só levava na brincadeira ... esse professor ... sabe? ... a tomada da Bastilha ... daí vinha o Duda com o ... com o comprimido na mão ... e dava para mim tomar ... tomada da (risos) ... depois ... como é que é ... a queda de Constantinopla ... o Duda vinha assim ... CONSTANTINOPLA ... e jogava eu no chão (risos) ...

**Pesquisadora:** era tudo com você? ...

**Professora Romilda:** era ... tudo comigo ... só que daí ... ele foi embora ... porque ele só estava levando as coisas na brincadeira ... daí a diretora mandou embora ... sabe? ... ah ... eu falei ... eu era novinha ... né? ... e ele já tinha vinte e poucos anos ... na época que ele estava dando aula ... eu ... o que eu tinha ... uns treze ... catorze anos ...

**Pesquisadora:** era ... 2ª. série do ginásio?

**Professora Romilda:** era ... 2ª. série ...

**Pesquisadora:** entendi ... e o convívio com os outros colegas ... participação ... em projetos ...

**Professora Romilda:** sim ... foi assim ... tinha aquelas umas ... de uma panelinha fechada ... também tinha ... sabe? ... então como a gente era de família mais humilde ... a gente ficava com as amigas da gente ... para não ... porque elas faziam coisas assim ... para humilhar mesmo ... então a gente ... eu não brigava com ninguém ... eu aguentei humilhação ... mas nunca briguei ... sabe?

**Pesquisadora:** que tipo de humilhação?

**Professora Romilda:** ah ... tipo assim ... porque ... é ... minha mãe fazia umas roupinhas bonita para mim ... por exemplo ... daí elas não aceitava aquilo ... porque eu era filha de uma servente ... entendeu?

**Pesquisadora:** hum ... não podia estar bem vestida ...

**Romilda:** não podia estar bem arrumada ... bem vestida ... só que a minha mãe pôs eu para debutar ... sabe? ... eu junto com a ... a Dona Sofia ... ela falava ... não ... ela vai debutar ... a diretora ... minha mãe se dava muito bem com ela ...

**Pesquisadora:** o que é debutar?

**Professora Romilda:** debutar é os quinze anos ... você faz ... daí você dança a primeira valsa ...

**Pesquisadora:** isso na escola? ...

**Professora Romilda:** não ... daí foi feito na escola ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Romilda:** porque naquela época ... não tinha clube ... daí ela fez na escola ... o baile das debutantes ... que a filha dela também participava ...

**Pesquisadora:** eu pensei nos quinze anos ... mas eu pensei ... porque na escola né?

**Professora Romilda:** TUDO era feito na escola ... não tinha assim ... era festa junina ... eram certas festas que podiam ... de exposição ... tudo era dentro da escola ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** sabe? ... não tinha ...

**Pesquisadora:** outro espaço ...

**Professora Romilda:** é ... é ... não tinha outro espaço ... então dava tudo certo ali dentro ... também ... porque eu acho que ... os antepassados ... os nossos antepassados ... tinham ... uma linha assim ... meia dura ... então ... na ... é ... era difícil acontecer um crime ... num baile ... uma coisa assim ... briga ... sabe? ... não ... não ... na época não tinha ... isso que eu me lembro não ... nessa escola que eu estudei ... não ...

**Pesquisadora:** aham ...

**Romilda:** então a gente participava dessas atividades dentro da escola ... se dava bem com os amigos ... participação de coral ... da escola ... inclusive eu cantava o Uirapuru ... e a professora colocou eu para fazer o solo da ... da ... música ... porque era em várias vozes ... e tinha a voz ... que tinha que cantar um pedacinho ... é ... só uma pessoa que cantava ... daí ela colocou eu ... porque tinha voz aguda ... então ... hoje eu sou afônica ... eu era ... eu tinha a voz superaguda ... e ... então ... então ... essas atividades a gente se dava bem ... com os professores também ... tinha medo ... assim ... do seu jeito ... se o professor olhasse assim ... a gente já sabia ... que ele não quer que olha para o lado ... então prestar atenção na matéria mesmo ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e ... o Seu Isaac era muito rígido ... agora ... daí eu tive também ... professora de ... economia doméstica ...

**Pesquisadora:** isso no ginásio ...

**Professora Romilda:** tudo no ginásio ... é ... é ... Arte a gente aprendia ... também ... essa Economia Doméstica ... a gente aprendia a bordar ... aprendia também fazer ... assim ... até hoje eu me lembro ... ela dava assim ... noções de coisa doméstica ... por exemplo ... batata que está brotando ... para a gente não utilizar ... porque ela solta um veneno ... é ... um líquido dentro ... que pode prejudicar o organismo ...

**Pesquisadora:** ah ... que interessante ...

**Professora Romilda:** a Dona Rute e a Dona Criseida ... davam ... então ... eu tive um ano com a Dona Rute ... e o outro ano ... eu tive com a Dona Criseida ... e elas ensinavam assim ... noções de economia também né? ... como economizar as coisas em casa ... né? ... o lápis que a gente usava ... tinha ...

**Pesquisadora:** até o toquinho ...

**Professora Romilda:** é ... é ... elas ensinavam isso daí também ... e bordar ... fazer ... como que fala ... aquele ... desfiado ... no pano ... no tecido ... a gente aprendia também ... fazer pontos diferentes ... tudo dentro da escola ... tudo é isso que eu falo ... educação moral e cívica ... que era importante ... tiraram ... porque depois ... eu acho assim ... que toda a lição da moral ... o aluno fica atento ... na moral da história ... depois eu fui fazer um curso ... o professor falou que não era mais para dar ... assim ... histórias com moral ...

**Pesquisadora:** isso já enquanto professora ...

**Professora Romilda:** é ... quando eu já estava dando aula ... um curso que eu fiz ... ele falou ... ele falava ... e eu ... eu até ... daí eu falo assim ... “olha educação moral e cívica ... o aluno aprendia a ... civi ... a ... civi ... civilidade né? ... ali dentro né?” ... e depois tiraram isso aí ... virou uma bagunça ... tudo eles acham ... que tem direito de tudo ... não tem dever ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então eu acho que tem muita disciplina ... que devia ter ainda dentro da sala de aula ... porque eu acho que a gente aprendeu ... a gente aprende muito com lição de moral dentro das histórias ... de moral ... eu acho que era importante ... isso daí ...

**Pesquisadora:** e o seu desempenho como ... aluna ...

**Professora Romilda:** então ... eu não era a excelente aluna ... assim ... em tudo ... assim ... em Língua Portuguesa eu era mais ou menos ... mas tirava uma nota boa ... às vezes eu tirava oito ... oito e meio ... em outra ... matemática era mais fraca ... eu nem entendia matemática de jeito nenhum ... daí quando eu fui entender ... quando meu irmão veio lá de São José ... da escola da Aeronáutica ... isso já é no 4º ano ginásial ... que ele veio numas férias ... ele me pegou ... ó ... e eu fui ... aí tinha ... aquela época tinha ... segunda época ... se você ficava na primeira época ... você tinha que fazer em janeiro ... segunda época ...

**Pesquisadora:** uma recuperação?

**Professora Romilda:** não ... você tinha que estudar em casa e fazer a prova ... eu sei que eu decorei ...

**Pesquisadora:** para não ficar de exame ... né?

**Professora Romilda:** é ... para não ficar de exame ... daí ... daí era em janeiro isso ... o exame ... daí se você passasse ... você ia para a outra série ... se não ... você ficava mesmo ...

**Pesquisadora:** prova definitiva ...

**Professora Romilda:** é ... prova definitiva ... daí meu irmão veio ... e me ensinou ... e eu consegui entender com o meu irmão ... daí eu tirei nota ... passei ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e uma vez eu decorei o livro de história ... você acredita ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** daí caiu ... a queda de Constantinopla também ... caiu também as Capitânicas Hereditárias ...

**Pesquisadora:** nunca mais esqueceu ...

**Professora Romilda:** nunca mais ... o professor Gori ... José Gori ... tem a foto dele aí até ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** é ... e ...

**Pesquisadora:** tinha que escrever igual estava no livro ...

**Professora Romilda:** é ... ler ... lia ... ele queria que decorasse ... eu não queria decorar ... eu queria que fosse com as minhas palavras ... e você tinha que decorar ... e tinha que falar ... pá ... pá ... pá ... até o fim ... e eu fiz ... e passei ... de ano ... tive que decorar o livro ... porque eu não sabia o que ia cair ...

**Pesquisadora:** a prova escrita ...

**Professora Romilda:** escrita ... escrita e oral ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** é ... tinha exame de segunda época ... que caísse isso daí ...

**Pesquisadora:** história também? ... então ...

**Professora Romilda:** história também ... história também uma época eu fiquei ... na segunda época ... de história ...

**Pesquisadora:** mas não foi no mesmo ano ...

**Professora Romilda:** não ... um ano foi matemática ... no outro foi ... história ...

**Pesquisadora:** você tinha alguma ... disciplina favorita?

**Professora Romilda:** ah ... eu sempre gostava da música (risos) ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** a música e arte ... e Educação Física também né? ... sempre fui boa aluna ... que minha professora na ... essa do ginásial ... ela só dava o método francês ... posição fundamental ... sabe? ... e ... e ... queimada ... o que ela ... ela não tinha um espaço ali também ... ali ... porque aí a criatividade ... ela podia exigir ... usar um pouco de ... criatividade ... só ...

**Pesquisadora:** e do 1º. ao 5º.? ... você teve professor de Educação Física?

**Professora Romilda:** não ... não tive ... naquela época ... não teve ... a gente brincava no recreio ... nessa época ... só assim no recreio ...

**Pesquisadora:** não era direcionado ...

**Professora Romilda:** não ... a gente só brincava no recreio ...

**Pesquisadora:** hum ... e quais foram as experiências na ... nas aulas de Educação Física ... então ... no ginásio?

**Professora Romilda:** então ... aí eu tive ... a experiência que eu tive ... assim ... que eu me ... eu me destaquei muito ... assim ... na parte de ... de ginástica ... então ela me colocou de guia ... na frente ...

**Pesquisadora:** para demonstrar ...

**Professora Romilda:** é ... é ... para demonstrar ... daí na queimada eu era ótima ... catava as bolas ... no peito assim ... aquelas bolas ... era pesada ... eu agarrava e pá ... e vai ... queimava todo mundo ... mas eu não jogava com força ... que eu tinha dó ... porque tem umas que ... usa da agressividade ... né? ... e eu tinha dó ... eu queimava ... mas eu pegava ... no peito ... assim ó ... daí jogava ... queimava ... daí ... meu time ... todo mundo queria ir para o meu time ...

**Pesquisadora:** ah ... é ...

**Professora Romilda:** na época né?

**Pesquisadora:** escolhia time? ... como que era?

**Professora Romilda:** é ... era escolhido ... ela punha duas meninas ... para escolher ... tirava ímpar ou par .... né? ... e daí ia escolhendo ...

**Pesquisadora:** era você?

**Professora Romilda:** era eu e uma outra menina ... também ... que se destacava ...

**Pesquisadora:** eram sempre vocês que ...

**Professora Romilda:** só que ... era meu time que sempre ganhava ... então elas queriam ir do meu lado ...

**Pesquisadora:** então você viveu o outro lado da história ... fora aí da escolha dos times ... você que escolhia ...

**Professora Romilda:** verdade ... eu que escolhi ... é ...

**Pesquisadora:** você não era escolhida ...

**Professora Romilda:** não ... não ...

**Pesquisadora:** o que mudou ... assim ... ou não ... né? ... das experiências ... na Educação Física ... que você teve na escola ... das experiências que você viveu em família ... com os amigos antes da escola ...

**Professora Romilda:** ah ... aí foi ... foi ... uma série de ... assim foi ... em consequência de umas coisas de ... a gente vai ... aprendendo e criando ... outras coisas né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Romilda:** então eu ... a ... igual ... na quadra eu observava ... eu observava a quadra ... eu falava assim ... “Educação Física é muito importante” ... eu sempre pensei isso ... eu sempre falei isso para os meus alunos ... “a Educação Física é a disciplina mais importante ... que existe” ... porque você aprende português ... matemática ... geometria ... ela socializa ... a parte psicológica da ... da criança ... tudo influi dentro da Educação Física ... então eu sempre debati isso ... que a Educação Física é a disciplina mais completa ... que existe ... mexe com o corpo ... a parte do corpo ... né? ... lateralidade ... tudo ... tudo é na Educação Física ... então ...

**Pesquisadora:** infinitas possibilidades ... né?

**Professora Romilda:** daí ... daí ... eu fui ... eu olhava a quadra ... eu falava assim ... a quadra ... nossa ... tem ... tanta coisa para você ensinar ... de geometria ... é tudo geometria ... né? ... retângulo ... é ... as formas ... o aro ... tudo é geometria ... então eu começava ... às vezes eu ... inventava assim ... fazia ... eles ... bom ... eu estou falando ... para além do ginásio ... isso aí eu já vou deixar para falar depois ...

**Pesquisadora:** pode ... pode ser ... só vou anotar aqui para eu ... não esquecer ... é ... teve uma prática de Educação Física marcante? ... desse período do ginásio ...

**Professora Romilda:** do ginásio? ... ah ... era assim ... as gincanas ... que eu participava ... sabe ... gostava muito de participar ... inclusive a gincana era no meio da rua ... quebra-pote ... lembra? ... não sei se você lembra ... que ... o ...

**Pesquisadora:** talvez outras atividades ...

**Professora Romilda:** é ... porque hoje existem outros tipos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** mas eles colocavam a moringa pendurada ... daí vendava o seu olho ... e você tinha que com o pau ... quebrar ... as moringas ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... já tive uma atividade parecida ... mas não com moringa ...

**Professora Romilda:** sabe? ... da maçã ... é que hoje ... se você for olhar esse tipo de atividade ... você tem que ter muito cuidado ... porque ... se acontece alguma coisa ... antigamente não ... os pais ... eles falavam assim “ó ... isso aqui é perigoso ... mas você quer ir ... vai” ... então eles deixavam a gente escolher ... entendeu? ... eu acho ... hoje ... se uma criança se machuca ... a escola é responsável ... por tudo ... não é ... e eu ... quando eu vim assim para ser professora ... eu na quadra ... eu observava tudo ... se não tinha caco de vidro ... porque é um lugar que ...

**Pesquisadora:** é aberto né? ... exposto ...

**Professora Romilda:** é ... tudo ... se tinha alguma coisa que machuca ... às vezes arame ... o que fica ... aqueles pontinhos ... eu observava tudo ... eu ia ... eu ia lá ... torcia ... é meu jeito de ser ...

**Pesquisadora:** observadora ... né?

**Professora Romilda:** é ... tanto é ... que às vezes isso criava ... nos outros professores ... eles achavam que ... eu queria me achar ... mas não era ... era do meu eu ... entendeu ... então eles achavam que eu queria ser superior ... mas não era ... era que eu sou assim ... até hoje ... eu sou assim ... sabe?

**Pesquisadora:** uma característica pessoal ... né?

**Professora Romilda:** é pessoa ... é ... então ... nesse período ginásial aí que eu falei ... o que me ...

**Pesquisadora:** você falou da ginástica ...

**Professora Romilda:** da gincana ...

**Pesquisadora:** da queimada ...

**Professora Romilda:** que fazia ... esse tipo de atividade ... na escola ... também ... tudo a parte de festa ... recreação ... é ... tudo que entrava na ... na ... no período ginásial ... e a música ... que me incentivava muito ...

**Pesquisadora:** e a música ... na aula de arte ... ou era uma disciplina separada?

**Professora Romilda:** não ... tinha ... era ... a Dona Vera tinha ... a ... a ... aula de música ... e tinha a hora do coral ... que era do meio dia ... a uma hora ... ela vinha mais cedo ... daí quem participava do coral ... treinava das ... do meio dia até uma hora ...

**Pesquisadora:** era em horário separado ...

**Professora Romilda:** é ... é ... porque daí da uma hora até as 5 ... era as matérias ... as disciplinas ... mesmo ...

**Pesquisadora:** e a ...

**Professora Romilda:** mas tinha a aula de música ... você aprendia a sofejo ... sabe? ... até tinha aquela música ... do sofejo ... uma que eu não consigo lembrar ... ela ... eu ... ainda tenho até ... no caderno que eu ... marcava tudo ... tanto que eu gostava de música ... né? ... é ... deixa eu ver se eu lembrar ... depois eu falo para você ... é que é muita música ... tanta música ... que ...

**Pesquisadora:** não tem problema ... e nas ... nas aulas de Educação Física ... elas eram ...

**Professora Romilda:** elas eram ... na terra ...

**Pesquisadora:** eram separadas? ... não era junto menino com menina ...



**Professora Romilda:** não ... era separado ... Seu Eloil dava para as meni ... para os meninos ... e a Dona Lúcia dava para ... para o feminino ...

**Pesquisadora:** foi a mesma professora?

**Professora Romilda:** é ... ela dava para o feminino ... professora até o final do ...

**Pesquisadora:** ginásio ...

**Professora Romilda:** é ... do ginásio ... meu ...

**Pesquisadora:** e aí ... e as aulas eram a ginástica ... e a queimada ...

**Professora Romilda:** é ... e a queimada ...

**Pesquisadora:** e o tipo de aula?

**Professora Romilda:** era assim ... posição fundamental ... esquerda ... direita ... todas aquelas noções de lateralidade ... só que não era igual eu ... dava assim ... um salto a direita ... um salto a esquerda ... um salto a frente ... um salto atrás ... então para a criança já ... ela ali ... tendo atenção ... para se desenvolver ... atenção ... ela falava assim ... “posição fundamental ... braço na vertical” ... sabe? ... horizontal ... isso aí que ela dava ... as posições ... sabe?

**Pesquisadora:** as posições ...

**Professora Romilda:** é ... aí ela fazia ...

**Pesquisadora:** e na queimada?

**Professora Romilda:** na queimada ela ficava olhando ... ela não ... não ...

**Pesquisadora:** não explicava?

**Professora Romilda:** não ... ela explicava assim ... é que eu ... a gente já sabia ... a queimada ... porque a gente brincava na rua ... né? ... então ... no ginásio a gente já sabia ... então ... a gente já escolhia os times ... e brincava ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ela dava as posições fundamentais ... exercício ... muito apoio de frente ao solo ...

**Pesquisadora:** ah ... é ...

**Professora Romilda:** é ... e a gente tinha também na época... os exames biométricos ... não sei se hoje tem ...

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Romilda:** não ... e médico e biométrico ... fazia os exames ... né? ... e inclusive eu cheguei ... levei meus alunos para fazer ...

**Pesquisadora:** biométrico ... peso e altura?

**Professora Romilda:** é ... peso e altura ...

**Pesquisadora:** aham ... no início do ano?

**Professora Romilda:** é ... é ... no início do ... daí você ia vendo o desenvolvimento do aluno ... se ele manteve o peso ... se ele desenvolveu ... sabe? ... e ... e ... com isso ... eu achava importante ... também ... né? ... esses exames ... porque daí você passava pelo médico ... quantos alunos que eu ... eu descobri ... que estava com sopro ... e daí eu mandava o médico ... examinar ... ver ... porque notava assim ... a criança puxando muito o ar né? ... daí ele falava ... “não ... ela não vai fazer agora ... ela vai fazer um tratamento ... para depois fazer a atividade física” ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... tinha tudo isso ... exame biométrico ... daí a gente tinha que ... no ... anotar tudo ... daí passar num livro ... tinha tudo anotado ... a altura ...

**Pesquisadora:** mas isso como professora ...

**Professora Romilda:** é ... mas tinha ... o diretor queria ver também ... o diretor via isso daí ... nesse período do ginásio ... assim ... então ... a Dona Lúcia fazia também exame biométrico ... e ... e ... a gente ... peso e altura ...

**Pesquisadora:** e as aulas ... eram em horário contrário?

**Professora Romilda:** eram em horários diferentes ... porque quem estudava a tarde ... ia de manhã ... quem estudava de manhã ... ia a tarde ...

**Pesquisadora:** certo ... eram duas aulas por semana?

**Professora Romilda:** eram três aulas ... por semana ...

**Pesquisadora:** três aulas ... tudo no mesmo dia?

**Professora Romilda:** não ... era sempre ...

**Pesquisadora:** dois e um?

**Professora Romilda:** é ... não ... era assim ... um dia ... um dia ...

**Pesquisadora:** entendi ... uma por dia ...

**Professora Romilda:** é ... porque o Seu Eloil também dava ... no espaço que tinha ... não tinha Ginásio de esporte ... nada ... então só tinha um ... pedaço de terra lá ...

**Pesquisadora:** aberto ...

**Professora Romilda:** na parte detrás do ginásio ... então ele era tudo assim ... você sabe ... era com a sainha branca tudo cheia de barro ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** dava um trabalho ... por isso que a minha mãe ...

**Pesquisadora:** o uniforme era branco?

**Professora Romilda:** era ... era short vermelho ... e a sainha branca e a blusa branca ... e no ginásio ... era ... saia azul marinho ... a blusa era branca ... e gravata azul ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** gravatinha azul ...

**Pesquisadora:** tem foto?

**Professora Romilda:** ahn?

**Pesquisadora:** tem alguma foto?

**Professora Romilda:** eu devo ter viu ... eu vou ... eu vou ... dar uma procurada de foto ...

**Pesquisadora:** está bom ... alguma situação de sucesso ... e de insucesso ... nas aulas ... enquanto aluna ...

**Professora Romilda:** insucesso ... é ... insucesso é na Educação Física ... não tinha ... não ...

**Pesquisadora:** não teve ...

**Professora Romilda:** não ...

**Pesquisadora:** só sucesso?

**Professora Romilda:** só sucesso ... agora na parte das outras disciplinas ... Música também ... Artes também ... não ... agora ... a matemática ... foi a mais ... dificultosa para mim ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** português ... eu comecei a me desinibir ... porque o professor dava muita exposição oral ... você tinha que ir na frente ... falar ... sabe? ... então ... ele mandava a gente ouvir também ... no rádio ... notícias e depois comentar ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** quer dizer que você fica ... desenvolve né? ... que ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** mas assim ... insucesso ... é nas notas ... porque (risos) ...

**Pesquisadora:** em algumas notas ...

**Professora Romilda:** em algumas notas ... porque algumas eu tinha dez ... dez ... dez ... também ... não era ...

**Pesquisadora:** e já existia assim ... nesse período ... você observava ... uma preocupação sua mesmo ... uma preocupação com a cultura do corpo ...

**Professora Romilda:** ah ... a gente ... sempre ... olha ... quando a gente ia para o ginásio ... a gente sempre tinha uns paquerinhas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** né? ... por que nessa idade aí ... da ... do ... da adolescência ... então os rapazes ... ficavam perto do jardim ... perto da igreja ... esperando a gente passar ... e a gente se preocupava ... e eu tinha um cabelo preto ... bem comprido ... liso ... sei que repiquei ... foi encrespando ... mas ele era igual o seu ... então eles adorava né? ... então quando a gente subia ... eles ficavam esperando ... a gente passar ... daí a gente passava ... eles iam atrás (risos) ... até chegar no ginásio (risos) ...

**Pesquisadora:** todo dia a mesma rotina? ...

**Professora Romilda:** todo o dia a mesma rotina ... e ... e ... assim ... a gente chegava lá ... a gente não pensava em namorar naquela época ... a idade que a gente tinha ... e nem meus irmãos deixavam ... tinha uns que ... queriam me namorar ... mas meus irmãos ... cortavam o barato ... muito logo ... por ciúmes ... então a gente não namorava ... eu fui namorar com vinte e um anos ... começar a namorar ... então ... a gente tinha os paqueras ... mas assim ... e dançava ... né? ... quando tinha bailes ... eles iam ... tirar a gente para dançar ... daí não perdia um ... não tomava chá de cadeira não! (risos) ...

**Pesquisadora:** ah ... é (risos) ...

**Professora Romilda:** (risos) ...

**Pesquisadora:** não faltava convite? ...

**Professora Romilda:** não faltava convite ... um largava ... outro pegava (risos) ...

**Pesquisadora:** ah... é ...

**Professora Romilda:** mas assim ... minha mãe nunca deixou ir em baile sozinha ... sempre acompanhado ... sabe? ... porque agora todo mundo sai ... vai na balada (risos) ...

**Pesquisadora:** agora é diferente ...

**Professora Romilda:** é diferente ... os tempos mudaram ... né? ... eu sei ... porque minhas filhas iam ... só que eu sempre falei ... “não sejam maria-vai-com-as-outras ... vocês têm que ter a cabeça de vocês” ... tanto é que elas nunca me deram ... assim ... o menino deu ... porque virou ... para o lado da droga ... né? ... mas ... faleceu né? ... elas não ... e ... e eu sei que uma coisa [interrompe para falar com alguém] ... “você não foi lá levar a Laura<sup>173</sup>?” [alguém responde] ... “ela não está lá” [pede desculpa à pesquisadora] ...

**Pesquisadora:** imagina ... pode continuar ...

**Professora Romilda:** bom ... então nessa época ... é ... assim ... o sucesso ... acho que foi em certas notas ... e também humilhação ... essa parte de humilhação na escola ... tinha umas que vinha ... levantava a saia da gente ...

**Pesquisadora:** ah ... é ...

**Professora Romilda:** na frente dos meninos ... sabe? ... para ver a calcinha ... elas faziam isso ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** na parte de ginásio ... eu sofri muito com isso daí ... não foi só eu não ... tinha umas três ... que [pesquisadora avisa a chegada de alguém] ... umas três ... então ... na parte de insucesso ... só foi isso daí ...

**Pesquisadora:** e a escolha do Magistério ... como que foi o Magistério ... foi uma opção?

**Professora Romilda:** então ... o Magistério ... não existia em Piratininga ... nessa época ... daí ... que aconteceu ... abriu em Duartina ... abriu em Duartina ... Duartina ... daí nós ... pegávamos o trem da manhã ... e o trem saía cinco e pouco da manhã ... que ia para Duartina ... a gente chegava seis e meia lá ... quase sete horas ... daí estudava ... fiz o 1º. Magistério ... é de lá ...

**Pesquisadora:** e por que o Magistério?

**Professora Romilda:** porque minha mãe achava assim ... não foi porque ... foi opção minha ...

<sup>173</sup> A professora Romilda referiu-se à sua neta, filha de seu filho Deivis.

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí minha mãe achava que ... que eu tinha que ter uma profissão ... então ... e aquela época ... a queda era mais pro Magistério ...

**Pesquisadora:** qual era a outra opção?

**Professora Romilda:** a outra opção minha era ... era ... era estudar teatro ... ou ser alguma coisa assim ... ir pro Rio de Janeiro ... e fazer teatro ...

**Pesquisadora:** e na escola ... o que era oferecido na escola? ... pública ... além do Magistério ...

**Professora Romilda:** além do Magistério?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** na escola? ... naquela época ... fora ... então ... era parte ginásial só ... depois ...

**Pesquisadora:** não tinha ...

**Professora Romilda:** não tinha ... Magistério aqui ... então ...

**Pesquisadora:** não tinha nenhum outro curso aqui? ... equivalente ...

**Professora Romilda:** não ... na época não ... a turma todinha ia para Bauru ... no Instituto de Educação Ernesto Monte<sup>174</sup> ... sabe? ... vai ... o Guedes de Azevedo ...

**Pesquisadora:** era o científico?

**Professora Romilda:** lá era o científico ...

**Pesquisadora:** o equivalente ao Ensino Médio ...

**Professora Romilda:** ou senão lá no Liceu ... que também ... que eles faziam ... ou no ... na USC<sup>175</sup> ... que funcionava no Colégio São José em Bauru ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** ali a turma fazia o secretariado ... sabe? ... tinha ... e no SENAC<sup>176</sup> ... no SENAC também iam muitos alunos ...

**Pesquisadora:** então já ia para o técnico ...

**Professora Romilda:** é ... técnico sim ... SENAC ... SENAI ... sempre ... sabe? ... tanto é ... meus dois irmãos ... meu primo ... um primo meu ... que minha mãe criou ... fez o SENAI ... e o meu irmão ... o caçula ... fez também SENAI ... e o outro ... meu primo ... que minha mãe criou ... fez pontes e estradas ... para na ... hoje é ... a Secretaria da Educação lá ...

**Pesquisadora:** ah ... é o CESUB<sup>177</sup> ...

**Professora Romilda:** CESUB ...

**Pesquisadora:** do lado da Diretoria de Ensino ...

**Professora Romilda:** é ... é ... então ... lá é CESUB agora ...

**Pesquisadora:** aí você foi para o Magistério por indicação da sua mãe ...

**Professora Romilda:** daí porque ... é ... minha mãe achava que eu levava ... que eu ia dar para professora ... porque ela teve uma professora chamada Romilda e ... ela achava ... que eu tinha que ser professora ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e daí ... acabei fazendo ... né? ... e não era aquilo que eu achava ... que eu ia ... me dar bem ... e no fim eu me dei bem ...

**Pesquisadora:** e qual ... como que foi o curso?

**Professora Romilda:** então ... daí ... o curso foi assim ... foi sacrificado né? ... porque eu levantava ... tinha que levar marmita ... a gente levava ... tinha que descer lá na Estação ... pegar o trem da manhã ... chegava em Duartina ... tinha que descer ... e subir ... era mais de 1 quilômetro ... uns dois ... três quilômetros ... o ginásio ... e a gente ia a pé ... porque não tinha

<sup>174</sup> Atual Escola Estadual “Ernesto Monte”, de Bauru.

<sup>175</sup> Universidade do Sagrado Coração.

<sup>176</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

<sup>177</sup> Centro de Ensino Superior de Uberaba.

condução para levar ... da estação lá ... daí saía de lá ... pegava o trem as duas e vinte ... de luxo ... trem de luxo ... que vinha ... daí o dia que tinha Educação Física tinha que ficar lá ...

**Pesquisadora:** ah ... e como que eram essas aulas de Educação Física?

**Professora Romilda:** então ... era normal ... era como as outras do ginásio ...

**Pesquisadora:** aula mesmo ...

**Professora Romilda:** a Dona Zuleide que dava ... inclusive ela deu aula no CEFAM<sup>178</sup> ... para minha filha ... depois ... ela faleceu pouco tempo agora ... e ... era assim ... tipo de atividade com cabo de vassoura ... que era o bastão ... arco ... que ela fazia ... e bola ...

**Pesquisadora:** era Educação Física para você?

**Professora Romilda:** era para nós ... era normal ... não era Educação Física ... assim ... para você ensinar ... trabalhar com criança ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** era uma Educação Física assim ... normal ... não era ensinar a trabalhar ... agora ... às vezes ela ... uma vez só que ela deu aquela ginástica historiada ... daí a gente tinha para aplicar em alunos na sala de aula ... que a gente ia dar aula em outra escola ...

**Pesquisadora:** para fazer o estágio ...

**Professora Romilda:** é ... daí ela dava esse tipo de atividade ... ginástica historiada ... só ... que eu aprendi ... com ela ... até ... daí você vai contando a história ... conforme vai falando ... vamos supor ... o ratinho correu atrás da ... daí você ... corre ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Romilda:** daí ... movimentou os braços ... bateu na coisa ... daí você ... ia nas pancadinhas ... assim ... como se tivesse vivendo a história ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Romilda:** então ... esse tipo de atividade ... que ela dava ... daí a gente ia numa outra escola ... para dar para os aluninhos ...

**Pesquisadora:** preparava a aula ...

**Professora Romilda:** preparava a aula ... e ia na outra escola para dar esses tipos de ginástica historiada ... ..

**Pesquisadora:** mas aí não só essa atividade ...

**Romilda:** não era ... não falava assim ... na lateralidade ... espaço-temporal ... não falava nada ... educação espaço-temporal ... não falava nada ... orientação ...

**Pesquisadora:** mas aí ... quando vocês iam para o estágio ... não era só para dar a ginástica historiada ...

**Professora Romilda:** não ... daí ... entrava a parte de metodologia ... com o professor Roberto ... ele era o professor próprio da matéria ... era metodologia ... então ele ... ele ia na escola ... a gente ia lá ... daí a gente expunha né? ... uns alunos faziam ... davam aula ... né? ... e depois da aula ... a gente ... ela mandava ... a gente também na parte de Educação Física ... era assim ... você ia lá ... contava história ... ia embora ... lá para o ... para o ... voltava para o ginásio ...

**Pesquisadora:** a história fazia parte da aula?

**Professora Romilda:** é ... lá era ... Benedito Gebara de Duartina ... daí eu ... fiquei lá 1º ano ... daí no 2º. ano ... que eu vim para o Instituto Ernesto Monte ... tinha prestado ... porque você tinha que fazer um vestibulinho ... porque ficava mais perto Bauru ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** do que eu ir em Duartina ... então ... daí eu tinha que prestar um vestibulinho ... e eu fui bem na parte de português ... caiu assim ... a parte de ... Gregório de Matos Guerra ... então eu tinha que expor sobre isso ... e eu tirei nota máxima ... daí eles me chamaram ... porque não tinha vaga para todo mundo ... daí eu peguei ... inclusive minhas

<sup>178</sup> Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério.

amigas falavam assim ... “ai não vai não ... fica com a gente aqui” ... e eu não sabia ... meu coração ficava ... largava as amigas ... se ia para lá ...

**Pesquisadora:** para continuar o Magistério ...

**Professora Romilda:** é ... daí eu falei ... sabe de uma coisa ... como eu fico gastando para cá e minha mãe ... também ... é duro né? ... então ... eu peguei ... fui ... para o Instituto Ernesto Monte ... dai fiquei lá ... até sair aqui em Piratininga ... daí quando foi ... quando que foi ... que eu fui ... foi no ano de ... deixa eu ver aqui [procura entre os certificados] ...

**Pesquisadora:** foi na sequência ... terminou o ginásio ... o Magistério ...

**Professora Romilda:** daí ... então ... fui para lá ... daí abriu o curso aqui ... em Piratininga ... em sessenta e oito ... começou o último ano [ainda procurando nos documentos] ...

**Pesquisadora:** o 1º. ano ...

**Professora Romilda:** é ... não ... o 3º. ano ... eu fiz aqui ... que era o 3º. ano do Magistério ...

**Pesquisadora:** mas começou no terceiro ano ...

**Professora Romilda:** não ... eu fiz o 1º. em Duartina ... o 2º. no Instituto ... e o 3º. aqui ...

**Pesquisadora:** mas aqui abriu no 3º. ano?

**Professora Romilda:** é ... abriu ... no 3º. ano ... começou no 3º. ano ...

**Pesquisadora:** mas ... mas no 3º. ...

**Professora Romilda:** é ... depois começou no 1º. ...

**Pesquisadora:** não teve que começar no 1º. ...

**Professora Romilda:** então ... mas aí que ... isso que eu lembro ... que olha ...

**Pesquisadora:** será que é uma turma que vem de fora ...

**Professora Romilda:** 4ª. série ginásial ... terminei em sessenta e cinco ... primeiro colégio estadual normal ... daí veio escola Benedito Gerbara de Duartina ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** no Instituto Ernesto Monte ... em sessenta e sete ... em sessenta e oito ... 3º. ano ... já era Colégio Estadual Escola Normal de Piratininga ... daí abriu aqui ... em sessenta e oito ... daí eu terminei ... daí começou o 1º. ano ...

**Pesquisadora:** é que ... normalmente quando abre ... começa no 1º. ... né?

**Professora Romilda:** é ... mas é ... eu acho que terminou ... esse ano ... sessenta e oito ... e começou em sessenta e nove ... do 1º. ao 3º. ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí todo mundo veio para o Eduardo ... é ... até o diretor substituto era um professor de português ... chamado Adasil ... na época ... sabe? ... e ... então ficou assim ... até o Magistério ... mas ... assim ... não era uma coisa que eu achava ... que eu ia me dar bem ... no fim ... eu fui ... dei as aulas ... o professor gostava das minhas aulas ... e ... e então ... as minhas notas eram normais ... aí era ... sete ... oito ... nove ... no ginásio que eu penei um pouco ... mas ... no Magistério ... já ... tinha filosofia ... sabe? ... tinha vários ... tinha psicologia ... tinha todas aquelas disciplinas ... eu gostava de psicologia também ...

**Pesquisadora:** ah ... é ...

**Professora Romilda:** nossa ... eu adorava ... quando falava em Freud ... até ele nasceu no dia do meu aniversário ... morava na Áustria ... e eu ... nossa ... eu gostava muito ... análise dos sonhos ... que falava em psicologia né? ... então eu achava que eu tinha ... uma ... assim ... até para psicologia ... eu queria ... fazer...

**Pesquisadora:** tinha uma afinidade ...

**Professora Romilda:** é uma afinidade ... mas o que eu gostava mesmo ... era de fazer teatro ... meu sonho era ir pro Rio e entrar numa escola de teatro ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Romilda:** só que a minha mãe não tinha condições ... né? ... então eu tive que ... optar mesmo pelo Magistério ...

**Pesquisadora:** e os métodos de ensino ... dos professores ... atividades ... conteúdo ...

**Professora Romilda:** os métodos de ensino era tudo assim ... ela falava ...

**Pesquisadora:** expositivo ...

**Professora Romilda:** expositivo ... e a gente tinha que prestar atenção ... e ... ó ... só copiar né? ... ia copiando o que o professor ia falando ...

**Pesquisadora:** escola pública né?

**Professora Romilda:** é ... escola pública ...

**Pesquisadora:** e a ... os recursos da escola ...

**Professora Romilda:** ah ... a escola nessa época ... aí ... tinha assim ... algum recurso ... áudio visual ... né? ... slides ...

**Pesquisadora:** ah ... já tinha?

**Professora Romilda:** punha na parede ... slides ... sabe?

**Pesquisadora:** projetor ... transparência ...

**Professora Romilda:** projetor ... transparência ... é ... e tinha também aquele ... aquele mimeógrafo ... tinha ... é ... tinha um outro aparelho ... eu não lembro o nome ... que eles utilizavam também ... eu queria lembrar o nome agora ... dele ... mas não lembro ... mas eu lembro mais do mimeógrafo ... e o aparelho ... e o projetor de slides ... que eles precisavam de slides na parede para a gente ...

**Pesquisadora:** aí já não era só a lousa ... né?

**Professora Romilda:** não era só a lousa ...

**Pesquisadora:** é ... tem alguma experiência escolar ... de toda essa trajetória aí ... até o Magistério ... que contribuiu ou não ... para a escolha da docência ... e para a escolha da docência na Educação Física ... posteriormente ... influência de alguma situação ... de algum professor ... experiência escolar que cruzou o tempo e a formação ... em Educação Física ... que quando de repente ...

**Professora Romilda:** então ... ó ...

**Pesquisadora:** estava lá ...

**Professora Romilda:** aí ... começou ... uma ... a filha da comadre da minha mãe ... ela fez Educação Física ... professora ... ela já é bem mais velha ... ela é da idade da minha irmã ... daí ela fez Educação Física ... inclusive as irmãs também ... depois ... puderam fazer ...

**Pesquisadora:** você quer falar primeiro da escolha ... da docência ... e depois da Educação Física ... que a Educação Física chegou depois ... é ... porque você fez o Magistério ...

**Professora Romilda:** então ... eu fiz o Magistério ... mais por causa que minha mãe ... achou que era uma profissão para mim ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** certo ... porque na época ... aqui em Piratininga ... não tinha outro tipo de aprendizado ... assim ... era ... mais e também ... tinha que sair para fazer ... porque não tinha ... era terminar ... terminou o ginásial ... você tinha que ir para Bauru ... ou para outro ... mas daí você tinha que prestar um vestibulinho e daí ... como eu não tinha feito ainda esse vestibulinho ... eu ... era ... todo mundo ia para Duartina ... todo mundo não ... os que optaram por fazer o Normal ... o Magistério ... daí nós fomos para Duartina ...

**Pesquisadora:** mas ... aí ... você disse que gostou ...

**Professora Romilda:** é ... daí ...

**Pesquisadora:** não foi uma escolha sua ... mas acabou gostando ...

**Professora Romilda:** gostando ...

**Pesquisadora:** o que você acredita que contribuiu ... para você gostar ...

**Professora Romilda:** ah ... eu acho assim ... que foi o incentivo ... assim ... dos próprios professores ... do jeito deles darem aula ... e falando ... e criança ... e ... também que eu sempre gostei ... desde pequena ... então ... eu acho que isso daí ... que me levou a ... a ... gostar ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e eu sempre entrava na sala de aula ... quando eu ia fazer estágio ... as crianças já ... estavam me esperando ... e eu acho que aquilo foi me ajudando ... eles falavam ... “cadê a Dona Romilda ... cadê a Dona Romilda” ... então ... vocês notavam que ... que você tem algum dom para aquilo lá ... né? ... então eu achei ... que ... daí eu ia dar sequência ... nisso daí ... do Magistério ... para ... para frente né? ... daí acabei fazendo Educação Física ... porque ... eu também gostava da Educação Física ... daí ia ter Vestibular ... eu peguei e falei ... “ah ... vou prestar o vestibular ... de Educação Física” ...

**Pesquisadora:** foi logo em seguida que você terminou ...

**Professora Romilda:** é ... terminei o ano ... já fiz ... sessenta e nove ... então ... terminei em sessenta e oito ... Magistério ... sessenta e nove ... já teve o ... o vestibular de Educação Física ... na ITE ... Instituição Toledo de Ensino ... daí eu prestei ... não fiz cursinho ... eu prestei e passei ... na corrida ... ganhei ... no atletismo ...

**Pesquisadora:** prova prática?

**Professora Romilda:** nas provas práticas ... depois eu estava com dificuldade ... em inglês ... é assim ... era ... mas não era uma exigência muito grande ... e eu também na parte de natação ... que eu não sabia nadar ... então o professor ... na ... pegou ... eu tinha que fazer um teste ... de coragem ...

**Pesquisadora:** isso no vestibular ...

**Professora Romilda:** isso ... no vestibular ... de pegar uma pedra no fundo da piscina ... sem saber nadar ... mas perto da escada ...

**Pesquisadora:** teste de coragem ...

**Professora Romilda:** é ... daí eu consegui ... eu enchi meu pulmão de ar e fui (risos) ... daí vim com a pedra ... né? ... cheguei com a pedra ... ele falou ... “está bom ... está ótimo ... já demonstrou que tem coragem” ... então (risos) ... e dali ... daí eu passei ... no ... daí quando ... comecei ... daí fiz três anos ... ali entrava atletismo ... ginástica geral ... ginástica rítmica ... natação ... e os desportos coletivos ...

**Pesquisadora:** é ... você vai falar um pouco mais depois ... da faculdade mesmo ... aqui é mais o que te levou ...

**Professora Romilda:** o que levou né? ... é ...

**Pesquisadora:** quais as experiências ... da escola ... que cruzaram o tempo e cruzaram a graduação ... né? ... que ... permanece ... permaneceu em você ... e qual que era a concepção de Educação Física ... na época ... enquanto aluna ... tanto na Educação Básica ... quanto no curso superior ... e concepção de professor de Educação Física na época ... tanto na escola quanto na faculdade ...

**Professora Romilda:** então ... a ... a concepção assim ... de Educação Física ... é ... eu acho que ela foi ... se modificando ... depois ... com o tempo ...

**Pesquisadora:** e nessa época ...

**Professora Romilda:** nessa época ... era esse tipo assim ... era ... é ... esses tipos de atividade ... mesmo que ... que você não se movimentava tanto igual agora ... que tem um mundo de ... hoje tem academia ... tem muito ... tem um monte de coisa ...

**Pesquisadora:** não tinha tanta diversidade ...

**Professora Romilda:** é ... muita diversidade ... na época era aquilo lá ... porque material ... quase assim ... não existia mesmo ... igual medicinebol ... era difícil ter na minha escola ... eu ainda consegui quando dava aula ... nesse tipo ... daí mais para frente ... né? ... na fase que eu fiz de dar aula ... mas nas escolas não tinha ... só tinha bola de borracha ... para queimada ... e bola levinha assim ... aquelas bolas de plástico ... uma ou outra que furava ... também ... daí o diretor também não se importava de comprar ... então ... a gente fazia aquelas atividades mais naturais ... brincadeiras ... né? ... sem material ... então ... eu acho que aí ... o contexto da Educação Física ... foi mais assim ... depois que saiu o Ciclo Básico ... que eu acho ... que foi



criado o Ciclo Básico ... porque daí veio ... esses ... tem a ... um livro ... que eu tenho aí ... que é ... eu também me inspirava nele ... para ... para dar certas atividades ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... é um guia ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** também um guia curricular ... você tinha que ... que seguir ...

**Pesquisadora:** antes disso ... não tinha ...

**Professora Romilda:** antes disso ... não ... não tinha ... o guia curricular ... ele ... vinha com uma página ... tudo de Educação Física ... os objetivos ... sabe? ... e daí ... para você desenvolver ... o que você tinha que desenvolver ... na aula ... tinha uma ficha ... que você tinha que preencher ... do aluno ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** sabe? ... então eu acho assim ... era tudo atividade mais simples ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** não tinha coisa assim ... diferente ... igual um colchão ... uma coisa assim para você dar ... dar diferente para os alunos ... era tudo uma sequência assim ... só o corpo livre ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ... e na faculdade?

**Professora Romilda:** na faculdade ... tinha ... você encontra tudo quanto é material ... né? ... então ... ali ... eu ... era plinto ... pulava ... saltava ... é ... na barra ... na dança ... ginástica rítmica ... eu ... eu sofri muito com ginástica rítmica ... na parte assim de ... de ... de ... que ... é ... dava a música ... e eu tinha muito ... muita câibra ... lembro até hoje ... eu tenho câibra ... ela forçava muito as pernas ... da gente ... e eu ... chegava ... nossa ... eu quase desmaiava ... de tanta dor ... nas pernas ... e câibra ... na ginástica rítmica ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** porque você tinha que fazer ... tudo ... arabesque ... nos arabesques eu era excelente ... agora no ... nos plié ... que dava muita câibra em mim ... e a professora puxava ... sabe? ... então ... eu ... ela ... isso me marcou também ...

**Pesquisadora:** que isso era do ballet né?

**Professora Romilda:** é ... então ... tinha ballet ...

**Pesquisadora:** era ginástica rítmica? ...

**Professora Romilda:** ginástica rítmica ... era ballet ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então você aprendia ... plié ... daí o ... petit battement ... tudo esses nomes ... que eu também nem conhecia ... aprendi a me desenvolver ... assim ... no português ... com coisas novas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** que ... você ... não sabe né? ... depois eles apresentam né? ... um outro vocabulário ... porque é francês ... né? ... a maioria do ... daí você acaba aprendendo ... glissade ... os nomes das posições ... para o plié ... primeira ... segunda ... então ...

**Pesquisadora:** e a concepção de professor ... dessa época ... professor de Educação Física ... e de bom professor ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... essa ... depois que eu ... comecei a dar aula de Educação Física ... eu me ... eu acho que ... me empolguei mais ...

**Pesquisadora:** mas ... antes ... antes de você começar a lecionar ... qual que era a concepção de professor de Educação Física ... que existia ...

**Professora Romilda:** antes ... de lecionar ... eu sempre achei ... assim ... a concepção de professor ... sempre na ... falei para você ... que eu sempre achei ... que o professor de Educação Física é aquele amigo ... aquele ... é ... que os alunos ... tem uns que não ... gostam de Educação Física ...

**Pesquisadora:** mas já era assim ... nessa época ...

**Professora Romilda:** era ... eu era ...

**Pesquisadora:** você sentia assim? ...

**Professora Romilda:** eu sentia ...

**Pesquisadora:** na relação com os professores ... com os professores de Educação Física ...

**Professora Romilda:** tinha ... sempre tive assim ... um bom relacionamento ... sabe?

**Pesquisadora:** que você era uma aluna hábil né?

**Professora Romilda:** é ... eu não sei ...

**Pesquisadora:** ou não ...

**Professora Romilda:** não sei ... eu sei que eu sempre tive ... um bom relacionamento assim ... porque eu gostava ... eu acabava gostando ... daquilo que eu fazia ...

**Pesquisadora:** tinha proximidade ...

**Professora Romilda:** é ... só que eu procurava me desenvolver na criatividade ... de outra forma ... não ficava só naquilo ...

**Pesquisadora:** isso já enquanto professora?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** mas enquanto aluna ...

**Professora Romilda:** aluna ... eu me espelhava ... é ... igual a Dona Lúcia ... falava assim ... em desfile ... “busto para frente ... ximbuco para trás ... ELEGÂNCIA” ... então ... foi ... eu sempre andava assim com o braço ... sabe? ... para trás e ... na ponta ... “andar na ponta dos pés” ... ela falava assim ... então você tinha que caminhar ... e “correção dos pés” ... isso ela falava ... na parte de ... que tem ... muitos até hoje ... anda com andar de pato ... e eu também falava ... “pé de bailarina” ... sabe? ... então ... é pé de bailarina ... até hoje ... então eu me espelhei nisso aí também ...

**Pesquisadora:** na postura ... né?

**Professora Romilda:** na postura ... da professora ... né? ... ela era ...

**Pesquisadora:** então ... poderia dizer que essa são as experiências ... que cruzaram o tempo?

**Professora Romilda:** é ... essas ... foram ...

**Pesquisadora:** a postura ...

**Professora Romilda:** a postura ... do professor ... sabe? ... a amizade ... assim ... amigo ...

**Pesquisadora:** você levou isso para a sua prática profissional ...

**Professora Romilda:** é ... amigo ...

**Pesquisadora:** de relacionamento ...

**Professora Romilda:** relacionamento ... com professor bom ... sabe?

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** a Dona Lúcia ... acho que você conhece ... a Casa Carvalho em Bauru ...

**Pesquisadora:** conheço ...

**Professora Romilda:** então ... era do marido dela ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Romilda:** ela faleceu também de Câncer ... também ... Itacolombi de Carvalho ... o marido dela ...

**Pesquisadora:** entendi ... tem algum sentimento ... situação ... ou pessoa ... que marcou essa trajetória aí da Educação Básica ... do jardim de infância ... até o Magistério?

**Professora Romilda:** ah ... é sim ... foram mais essas coisas ... humilhação ... é ... essas coisas que ... eu não gostava ... de humilhar ninguém ... e às vezes a pessoa me humilhava ... porque era de família humilde ... essas coisas ... que mais me marcou ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** mas o resto não ... que eu possa falar ... de coisa ... eu me dei bem assim ... todas as disciplinas ... com professor ... eu me dava bem ... não tive ... e ... é ...

inclusive ... uma época eu não sabia isso ... na escola ... tinha cola ... né? ... e todo mundo colava ... tinha medo ... um dia ... eu não sabia ... um dia eu fui colar ... um negócio lá ... e eu ... a professora me pegou ... com a cola (risos) ... daí eu ... falei para ela ... “professora ... mas quem não cola ... não sai da escola” (risos) ...

**Pesquisadora:** em que ano foi isso?

**Professora Romilda:** ela pegou ... daí ela falou assim ... “mas não pode” ... depois ela me deu outra chance ... daí eu fiz ... e tirei nota ... mas a cola você também aprende (risos) ...

**Pesquisadora:** para fazer a cola né?

**Professora Romilda:** mas eu nunca tinha feito ... por isso pegou ...

**Pesquisadora:** não tinha experiência ... para colar ...

**Professora Romilda:** não tinha experiência ... daí eles faziam ... pegavam o lápis ... não sei se você viu esse sistema ... de cortar o lápis ... assim ó ... e enrola o papel ... daí você põe assim ... vai virando ...

**Pesquisadora:** ah ... ele enrola ...

**Professora Romilda:** enrola o papel ... assim ... fica enroladinho ...

**Pesquisadora:** acho que eu me lembro disso ... também nunca fui de colar ...

**Professora Romilda:** então ... eles faziam ... com isso ... e eu fui fazer ... porque ... tinha coisa que eu não sabia ...

**Pesquisadora:** que matéria ...

**Professora Romilda:** aí ... eu não lembro se era geografia ...

**Pesquisadora:** história ...

**Professora Romilda:** eu acho que era geografia ... a professora de geografia ...

**Pesquisadora:** isso no ginásio ...

**Professora Romilda:** é ... então isso aí marcou ... porque eu nunca tinha colado ... depois ... tinha um professor de ciências ... isso que eu falo ... ele bebia ... só que ele transmitia ... que você não esquecia nunca ... as coisas que ele falava ...

**Pesquisadora:** a forma ...

**Professora Romilda:** a fórmula ... todos os nomes que ele falava... Trypanosoma cruzi ... tudo assim ... nome científico ... a gente tinha na cabeça ... daí eu tirava só dez ... com ele ... que eu gravava ...

**Pesquisadora:** e a aula dele ... não era expositiva também?

**Professora Romilda:** era expositiva ... mas ele punha na lousa ... daí fazia a ... daí eu co ... o nome .. eu fixava ... por exemplo ... música do barbeiro ... doença de Chagas ... Trypanosoma cruzi ... daí tinha uma musiquinha que ele dava ... que eu acabava gravando ... sabe? ... então ... é ... porque eu gostava da música também ...

**Pesquisadora:** e aí aprendia ... os nomes ...

**Professora Romilda:** aprendia ... daí ... acabava ... sabe? ... o que mais me marcou né? ... aí foi essa cola ... que eu nunca tinha feito ... e depois nunca mais colei ... e ... também inclusive minhas colegas ... da faculdade ... elas colavam ... e um dia nós fomos estudar juntas ... elas riam de mim ... e eu me matando de estudar ... me matava de estudar ... e elas lá ... pegando cola lá ...

**Pesquisadora:** fazendo cola ...

**Professora Romilda:** é ... ia no lixo e catava o ... como chama aquele ... do mimeógrafo ... que sobra lá ... né?

**Pesquisadora:** aí ... não sei o nome agora ... é como se fosse uma ... uma ... passado na ... carbono ... né?

**Professora Romilda:** é ... carbono ... e eles amassavam e jogavam no lixo ... as danadas descobriam (risos) ... quando largava ... e eu já sabia tudo ... depois que eu tinha estudado ... elas falavam ...

**Pesquisadora:** ah .. aí ... já tinha estudado ...

**Professora Romilda:** já tinha estudado (risos) ... a bobinha ... não que era ... é que ... eu não tinha costume de fazer isso mesmo ... colar ...

**Pesquisadora:** mas está ótimo ... aí depois ... se você tiver alguma fotografia ... desse período ... de escolarização ... e ... a gente registra ... também ...

**Professora Romilda:** está bom ...

**Pesquisadora:** está bom?

**Professora Romilda:** está bom [término de gravação] ...

## TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora ... nós vamos falar das experiências profissionais ... que antecederam ... ou não ... né? ... a docência ... o exercício profissional da docência ... na Educação Física ... é ... então ... gostaria de pedir para você descrever ... se você teve ou não ... as experiências profissionais ... que não foram como professora de Educação Física na escola ...

**Professora Romilda:** experiências profissionais ... assim ... que eu tive antes ... de ser professora ... foi ... eu dei aula no MOBREAL<sup>179</sup> ... que na época ... a noite ... para adultos ... curso de alfabetização de adultos ... eu nunca tive experiência assim noutra profissão ... não tive ... porque eu só estudava ... só estudei até terminar o curso ... daí ... e ... peguei umas aulas ... dez dias antes de ... de terminar o curso ... e daí já estava dentro do curso ... podia dizer que já tinha um pouco de experiência ... mas ... antes dessa experiência ... a única coisa que eu dei aula ... no MOBREAL ...

**Pesquisadora:** foi durante o Magistério? ...

**Professora Romilda:** não ... ah ... é ... foi no Magistério ... mas assim ... na parte noturna ... que eu ... que eles chamam ... pediram para eu dar aula ... daí o prefeito que estava organizando ... e ... pegou várias professoras ... e ... estabeleceu em cada ... núcleo da cidade ... ele pôs uma professora para dar ... pro pessoal não ficar ... indo de um lado pro outro ... então eu dava aula perto da minha casa ... o outro dava aula ... mais longe ...

**Pesquisadora:** aqui?

**Professora Romilda:** é ... lá por onde eu morei né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** então ... cada um dava mais próximo do aluno ... do aluno ...

**Pesquisadora:** entendi ... um polo ... polos ... como se fosse um polo ...

**Professora Romilda:** um polo ... é ...

**Pesquisadora:** é ... quais outras experiências profissionais ... que não foram a docência ... na Educação Física ...

**Professora Romilda:** então ... a única que ... eu me lembro ... é essa do MOBREAL ... eu tive que ... a ... e ... dentro de ... casa só que eu ajudava ... né? ... assim ... a parte ... de ... minha mãe ... fazendo a parte de culinária dentro de casa ... é ... lavando ... as coisas ... eu não ... no momento ... assim ... não teve ... eu não tinha ... assim ... um ser ... uma profissão ... que me ... agora é isso aí ...

**Pesquisadora:** e como professora alfabetizadora?

**Professora Romilda:** como professora alfabetizadora ... daí ... eu tive assim ... a experiência que eu tive ... de .. alfabetizar ... é que .. começando com adulto ... né? ... daí ... já estava ... vinha aqueles livros que a gente tinha que seguir ... mas daí você começa a se soltar mais ... e parece que a aula vai melhorando ... cada dia mais .... dentro da sala de aula ... né? ... e ... mas é assim ... experiência mesmo ... eu acho que a gente vai adquirindo ... com o decorrer ... da ... do que você vai ... do assunto que você trata na sala de aula ...

**Pesquisadora:** certo ...

<sup>179</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização.

**Professora Romilda:** né? ... e ... com ... na parte com profissionalizante ... é isso que eu tenho que falar ... né? ... agora você quer saber dentro ... já dando aula?

**Pesquisadora:** dando aula ... já ... exercendo o Magistério ... ainda ... não na Educação Física ...

**Professora Romilda:** então ... aí ... então ... foi difícil ... é difícil responder ... porque eu comecei com a Educação Física ... então ... eu fui para ... comecei a lecionar em Fartura ...

**Pesquisadora:** é ... só os detalhes ... daí ... a gente aprofunda ... depois ...

**Professora Romilda:** comecei a lecionar em Fartura em setenta e dois ... me formei em setenta e um ... setenta e dois já peguei aula ... que foi na região de Ourinhos ... Fartura pertenceu a Ourinhos ... e fui para lá ... fiquei lá dez anos ... dando aula ... e antes quem dava aula lá ... eram professores leigos ... os professores eram leigos ... então eles também não tinham experiência ... igual a gente já ... fui empolgada ... igual eu ... cheguei lá ... eles achavam que eu era precursora da Educação Física ... porque eu comecei a dar de tudo ... e lá eu encontrei discos ... tinha aparelho para fazer ginástica ... sabe? ... dardo ... então ... e ... essa parte assim ... eu me desenvolvi ... e desenvolvi os alunos ... que eles chegaram a ganhar nos campeonatos ... aí né?

**Pesquisadora:** que bom ... você vai contar um pouco mais depois ... da Educação Física ... gostaria que você contasse da sua atuação como professora de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... como professora polivalente ... professora de classe ...

**Professora Romilda:** então ... aí ... você já ... foi mais em setenta e ... em oitenta ... que eu comecei ... dar aula para PI ... para professor I ...

**Pesquisadora:** e por que ... qual ...

**Professora Romilda:** eu ... eu era ACT<sup>180</sup> ... em Fartura ... daí a caráter temporário ... ACT era temporário ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** a caráter temporário ... daí tinha uma lei ... que eu tinha ... que eu podia permanecer lá ... só que uma professora escolheu lá ... desse ... nesses dez anos que eu fiquei lá ... uma professora de Ourinhos ... chamado Raquel ... escolheu ...

**Pesquisadora:** por que aí nesse tempo teve concurso ...

**Professora Romilda:** é ... teve concurso ... não ... ela já tinha ... era concursada ...

**Pesquisadora:** ah está ... como ela estava longe ... em remoção ... ela foi para lá ... que era mais perto ... de Ourinhos ...

**Pesquisadora:** então nesse período ... esse período não teve concurso ...

**Professora Romilda:** não ... daí ... que eu fui ... daí ... que eu fui ... fazer o concurso ... depois eu ... então eu tinha feito nessa época ... eu fiz inscrições em várias Delegacias ... de Ensino ... mas não ... aqui na região de Bauru ... não tinha ... daí eu fiz inscrição em Ourinhos ... e tinha aula sobrando ... lá em Fartura ... daí eu peguei ... fui para Fartura ... daí fiquei dando aula dez anos de Educação Física lá ...

**Pesquisadora:** como ACT?

**Professora Romilda:** é ... qua ... em setenta e oito eu me casei ... depois eu ainda continuei lá ... porque eu comecei em setenta e dois ... daí eu fiquei em regime temporário ainda ... porque não podia mandar embora ... porque eu estava com uma ação judicial ... quando foi em ... daí em oitenta ... teve um concurso ... eu até vou lembrar o ... o ... dia do concurso [folheia algumas folhas] ... deixa eu ver aqui ...

**Pesquisadora:** não ... não precisa do dia não ...

**Professora Romilda:** não ... o dia não ... é assim ... teve concurso de ingresso no Magistério ... primário ... em setenta e oito ...

**Pesquisadora:** certo ...

<sup>180</sup> Admissão em Caráter Temporário.

**Romilda:** daí eu prestei um concurso e passei ... nesse concurso ... e como eu estava com aquela reclamação trabalhista ... eu precisei desligar do ACT para assumir ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** não era obrigado ... mas ... eles pressionaram tanto ... que eu falei ... aí ... mas vale um pássaro na mão ... do que dois voando ... e daí ... eu peguei e desisti de ACT ... e fiquei efetiva como professora primária ...

**Pesquisadora:** aí você se efetivou onde?

**Professora Romilda:** daí eu me efetivei em Guarulhos ... fiquei quatro meses lá .... e voltei por união de cônjuge ... peguei a escola de Alba ... aqui ... como PI<sup>181</sup> ... daí eu ... concomitante ... eu dava aula de Educação Física e primário ... junto ...

**Pesquisadora:** mas ainda aí não é ... o concurso ... a Educação Física ...

**Professora Romilda:** a Educação Física não ... o concurso de Educação Física eu fiz é ... eu acho que foi bem depois ...

**Pesquisadora:** não ... esse momento ... em que você falou que dava aula de Educação Física ... concomitante ... era porque você tomava iniciativa de dar aula ... ou era instituído que você ia dar as aulas também ... você ganhava por essas aulas ... a mais ... não?

**Professora Romilda:** não ... porque a gente acabava ... completando com as aulas de Educação Física ... porque se ...

**Pesquisadora:** ah ... era carga suplementar ...

**Professora Romilda:** carga suplementar ...

**Pesquisadora:** e aí era ... não era efetivo ... mas como carga suplementar ... você ganhava ...

**Professora Romilda:** é ... como carga suplementar ... você pegava ...

**Pesquisadora:** e na mesma escola?

**Professora Romilda:** é ... no ... daí ... então ... daí eu fiquei em Alba e no Coronel Virgílio ... ah ... na ... suplementar ... é ... lá ... então Alba eu dava aula de ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... multisseriada ... né? ... a classe ... e ... e ... e eu ... a minha experiência com eles foi fantástica ...

...

**Pesquisadora:** me conta essa experiência ...

**Professora Romilda:** porque eu ... porque ... é assim ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... porque eu não só ficava assim ... dentro da sala de aula ... se eu fosse dar ... ciências ... eu saía lá fora ... a gente observava as folhas ... das árvores ... o formato ... sabe? ... tamanho ... os pássaros ... as cores ... tudo ... tudo o ... o canto ... sabe? ... eu fazia eles ouvirem ... porque ... depois eu fui perceber ... que numa descrição ... uma coisa ... eles estavam ... até fazendo versinho ... sabe? ... vocabulário era outro ... sabe? ... e eu então ... eu ... assim ... eu era ... para eles eu era uma mãe ... para essas crianças ... porque eles eram muito pobres ... moravam assim ... na estação ... lá ... e só dois que moravam numa baixada que tinha um rio ... então ... mas a minha experiência assim ... como professora foi ... é ... eu ... não achei assim ... porque ... dar aula ... ser merendeira ... eu fazia merenda na sala de aula ... então vinha pronta aquelas ... sopas ... mas eu nunca só fazia aquilo ... às vezes eu levava até de casa ... alguma coisa para ...

**Pesquisadora:** incrementar ...

**Professora Romilda:** é ... daí então os alunos ... eles tinham ... teve até um menino ... chamado ... Benedito ... que ele acabou fazendo um verso assim ... que ... é ... uma poesia ... mas não lembro ... eu só me lembro que o menino esticava o estilingue para acertar no pássaro e a pedra voltou e bateu no peito ... do menino ... então ele criava ... começou criar ... sabe? ... várias coisas ... e os outros também ... fazendo versinho ... porque eu dava muita rima também ... sabe? ... e com essas rimas ... eles iam desenvolvendo ... na parte de português ... e ... e assim ... eles sempre ... quando chegava aqui ... erros de português eles não tinham ... porque a ... uma professora do 3<sup>o</sup>. ano ... falou para mim assim ... “como ... que você faz lá em Alba

<sup>181</sup> Professor de Educação Básica I (PEB-I) na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP).

... que seus alunos chegam aqui e não têm erro de português” ... eu falei ... “ah ... porque eu leio ... eu pronuncio ... eu faço eles pronunciarem ... assim ... corretamente ... então é difícil ... insisto quando são dois ‘r’” ... sabe? ... eu fazia isso ... e eles não tinham erros ... assim quase de português ... na ... quando vieram para cidade ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e as provas ... professoras que davam aula aqui ... que viam isso daí ... não era nem eu que falava ... porque ... elas que vinham e me falavam ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** que ... que eu fazia com meus alunos lá ... eu dava aula ... para quatro séries ... e eles se desenvolviam ... sabe? ... eu falei ... “ah ... eu ... assim ... eu vou na carteira ... da aula ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries” ... até então dividia a lousa ... em quatro partes ... a lousa ... daí eu passava ... para a 1<sup>a</sup>. série ... se eu ia para a 2<sup>a</sup>. ... a 4<sup>a</sup>. que já utilizava livros ... né? ... porque ... quantos livros que ... pessoal da zona rural ... eles mudavam muito ... então ... hoje eles estavam aqui ... amanhã ... o pai ia na colheita ... outro lugar ... eles iam ... mudavam ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... nunca eles ficavam fixo ... então vinha ... sempre eram alunos diferentes ... mas sempre esses alunos aprendiam ... é ... ensinando eles ... conseguiam atingir o objetivo ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... é ... então ... estou aqui pensando ... como você teve uma experiência inicial na Educação Física ... imagino que foi de 5<sup>a</sup>. série em diante ... no período lá em Fartura ... e depois você foi para 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... como professora alfabetizadora ... o que da professora de Educação Física que você levou para a professora alfabetizadora ...

**Professora Romilda:** ah ... eu levei muitas coisas ... porque eu ... lá fora ... eu tirava os alunos ... às vezes eu dava atividade de Educação Física ... porque eles não tinham ...

**Pesquisadora:** não tinham professor ...

**Professora Romilda:** não tinham professor ... e ... não ... eu também não ficava assim ... com medo de diretor falar ... sabe? ... e eu agia do meu jeito ... que eu achava que eu estava certa ... não estava fazendo nada de errado ... eu achava que tinha que dar ... lateralidade eu dava ... eu dava dentro da sala de aula ... dava orientação espaço-temporal ... dava ... então ... e joguinhos que eu dava também ... porque eles não tinham diversão ... então o que eu ensinava ... e fazia eles criarem também ... é o que eles faziam né? ... então ... eu não ficava presa só dentro da sala de aula ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... inclusive uma vez foi o inspetor lá ... me viu lá fora ... daí ele falou ... que ... que eu estava fazendo ... daí ... eu estava dando uma aula de ciências ... ele achou aquilo formidável ... sabe? ... eu trabalhei com folhas ... tipos de folhas ... né? ... as gavinhas ... que tem no ... em certos ... trepadeira ... que grudam né? ... eles grudam na ... então ... ele achou fantástico ... isso daí ... e assim ... a parte de Educação Física ... eu dava assim ... na esquerda ... direita ... o bracinho esquerdo ... nunca ... eu só observava qual era a mão direita ... quem escrevia a esquerda ... mas nunca falei nada ... porque o aluno pode ... se forçar o aluno mudar a mão ... isso aí prejudica ele ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** dá até gagueira ... já tinha isso daí ... sabe?

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** é ... você tem que deixar o aluno ... se ele é canhoto ... escrever com o canhoto ... então eu sempre ... vi isso daí ... e daí eu ... ensinava a lateralidade dentro da sala de aula ... falava ... “que ... que está do seu lado ... ó ... esse lado é o lado direito ... vamos por a mãozinha direita ... essa mãozinha é esquerda” ... vamos supor [sussurra] ... eu estou falando assim [voz normal] ... “daí esquerda ... então que ... que está do seu lado direito ... que ... que

está do seu lado esquerdo” ... daí eles falavam ... “a parede ... a porta” ... sabe? ... eles iam definindo ... então eu já aplicava isso ... em Alba ... nessas classes multisseriadas ...

**Pesquisadora:** quanto tempo você atuou? ... lá ...

**Professora Romilda:** lá ... então ... eu fiquei muito tempo ... porque ... era depois ... que era assim ... até setenta a oitenta ... que eu vim para Alba ... né? ... depois de oitenta ... eu ... o [folheia documentos] ... até ... oitenta ... deixa eu lembrar ... aqui ... eu fiquei então ... daí ... eu peguei ... eu fiquei ... vim para coisa ... para a Delegacia ... deixa eu lembrar ... porque é tanta coisa ...

**Pesquisadora:** não ... não tem problema se não lembrar também ... mais ou menos quantos anos ... atuou como professora alfabetizadora?

**Professora Romilda:** em Alba ... eu fiquei tempo lá hein ...

**Pesquisadora:** foi só lá?

**Professora Romilda:** não ... daí eu peguei ... daí eu fui dar aula também na Boa Vista ...

**Pesquisadora:** fazenda?

**Professora Romilda:** é ... na Fazenda Boa Vista ... na Fazenda Água da Faca ...

**Pesquisadora:** como professora alfabetizadora?

**Professora Romilda:** como professora alfabetizadora ... também ... primária aí ... e dava aula de Educação Física completando a carga suplementar ... né?

**Pesquisadora:** só que Educação Física ... já era aqui na cidade ...

**Professora Romilda:** concomitantemente ... é ...

**Pesquisadora:** na cidade?

**Professora Romilda:** é ... na cidade ... lá eu dava ... mas ... a minha experiência eu passava para eles também ... dentro de ... no sítio lá ... nas classes ...

**Pesquisadora:** sim ... e nesse período que foi concomitante ... que na Educação Física era sempre ... 5ª. série em diante?

**Professora Romilda:** não ... comecei com o Ciclo Básico ... e ia até o cole ... até o Ensino Médio ... né? ... que eu dei aula ...

**Pesquisadora:** quando ... que você começou com o ... Ciclo Básico ... você lembra?

**Professora Romilda:** ah ... o Ciclo Básico? ... foi logo já em oitenta ... oitenta e ... Ciclo Básico acho que foi oitenta e ... dois? ... oitenta e um? ... ah ... foi quando já ... começou assim ... oitenta e ... até ...

**Pesquisadora:** do início até ...

**Professora Romilda:** é ... não ... acho que o Ciclo Básico foi depois né? ... eu acho que sim ... foi depois ... foi ... eu não estou bem lembrada a data ... mas ...

**Pesquisadora:** não tem importância ... foi do início ao término do Ciclo Básico ...

**Professora Romilda:** é ... eu come ... peguei alunos ... que foram meus alunos desde o Ciclo Básico até o Ensino Médio ... foi uma sequência ...

**Pesquisadora:** você ficou todo o tempo ... que durou o Ciclo Básico?

**Professora Romilda:** fiquei ... fiquei ...

**Pesquisadora:** entendi ... e daí ...

**Professora Romilda:** e daí até aposentar ... aposentei como professora de Educação Física ... né? ... porque aí quando ... prestei o concurso ... daí eu peguei todas as aulas ... daí eu pegava aula no Jacyra ... no Eduardo ... e no Coronel ...

**Pesquisadora:** mas não eram dois cargos?

**Professora Romilda:** então ... daí ... mas daí ... eles pegaram ... e passaram ... sabe? ... para a Educação Física ... só ... foi passado depois ...

**Pesquisadora:** e depois ... contou o tempo?

**Professora Romilda:** conta tempo ... conta todo tempo ... o tempo de serviço ...

**Pesquisadora:** porque seriam dois cargos ... né? ... são dois concursos ...



**Professora Romilda:** é ... é então ... mas aí ... aí ... como daí eu fiz Pedagogia ... que eu não tinha ... em Franca ... eu fiz ...

**Pesquisadora:** aí quando você fez Pedagogia?

**Professora Romilda:** ah ... isso eu tenho o diploma ... aqui (risos) ...

**Pesquisadora:** foi já dando aula .... né?

**Professora Romilda:** é ... dando aula ...

**Pesquisadora:** então foi depois ...

**Professora Romilda:** é ... foi depois ... dando aula ... eu fiz ... quando a Julis ... foi setenta e oito ... setenta e nove que a Jules nasceu ...

**Pesquisadora:** então ... foi antes de começar como professora de classe ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** ou foi logo depois?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** ou logo que começou ...

**Professora Romilda:** é ... porque precisava ... fazer licenciatura ... ter ...

**Pesquisadora:** foi quando você ... foi assumir o cargo ...

**Professora Romilda:** assumir o cargo ...

**Pesquisadora:** de professora de classe ...

**Professora Romilda:** é ... aí eu ... eu comecei a dar ... o que eu aprendi da Educação Física ... eu aplicava também ... na sala de aula ...

**Pesquisadora:** certo ... e o contrário?

**Professora Romilda:** eu ... o que?

**Pesquisadora:** o contrário ... da sala de aula para a Educação Física ...

**Professora Romilda:** da sala de aula para a Educação Física ... eu desenvolvia muito a parte de Língua Portuguesa também ... porque através de jogos ... você acaba ... a gente ... eu dava ... jogo assim ... por exemplo ... das palavras ... então você acaba na Educação Física ... por exemplo ... jogo das profissões ... então eu dava de tudo quanto é tipo de jogo ... sabe? ... então eles iam desenvolvendo ... junto ...

**Pesquisadora:** a linguagem ...

**Professora Romilda:** a linguagem ... e ... assim a minha experiência era essa ... eu dava em sala de aula ... eu nunca perdi ... nem dia de chuva eu dava aula na classe ... dentro da sala de aula ...

**Pesquisadora:** tinha professor ... que em dia de chuva ... não dava aula?

**Professora Romilda:** tinha ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** tinha ... tinha professor que não dava aula ...

**Pesquisadora:** era comum?

**Professora Romilda:** era comum ... eu sempre ... eu fui ... os alunos agrupavam ... agrupava eles na sala ... e ... não perdia aula ... dava atividade ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então tinha a ... exercício ... brincadeira assim de ... jogos ... de formação de palavras ... por exemplo ... tinha aquelas brincadeiras ... que você dividia ... não sei se você sabe ... aquela que divide os grupos ... daí ... eles têm que falar a sílaba ... todos juntos ... por exemplo ... camelo ... daí uma turma fala ca ... a outra me ... a outra lo ... mas tudo junto ... e tem que descobrir qual é o animal que foi falado ...

**Pesquisadora:** o outro grupo tem que descobrir ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** tem que descobrir ...

**Professora Romilda:** tem que descobrir ... qual ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... isso daí é ... parte de sí ... silábica ... né? ... a parte de ... ba ... ra ... ta ... até ... dava também ... esses tipo de ... então eu ia inventando ... daí eu mudava ... punha flores ... margarida ... formava mais grupos ... então eles tinham que descobrir ...

**Pesquisadora:** entendi ... bom ... olhando aqui para ... para os temas ... eu ia pedir para você falar das experiências profissionais ... com finalidades não escolares ... mas você não teve ... né? ... já foi desde o início na escola ... e as práticas não escolares que contribuíram ... para a escolha da Educação Física ... na escola ... mas também não é o caso ... algumas questões você já colocou ... mas eu vou pedir para você se quiser falar mais ... influência da vida pessoal ... na profissão ... e da profissão ... na vida pessoal ...

**Professora Romilda:** então ... a minha experiência ...

**Pesquisadora:** principalmente nesse período como professora de classe ...

**Professora Romilda:** então ... olha ... eu sempre fui ... uma professora assim ... observadora ... dentro da sala de aula ... eu nesse período de primário ... zona rural ... eu observava ... assim ... entre as alunas ... que elas estavam quase cegas ... então ... e os pais não sabiam ... e eu colocava na lousa ... minha letra era super legível ... e elas iam lá perto para olhar ... daí eu falei ... “essas meninas tem problema” ... né? ... peguei ... fiz o teste ... de vista ... nelas ... e ... constava trinta por cento da visão ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** daí o médico da ... daí eu peguei e encaminhei elas pelo ... posto de saúde ... para um médico oftalmologista ... né? ... e o médico perguntou para a minha diretora ... falou assim ... “quem que” ... daí eu fiz um teste ... eu fiz teste ... depois ... fiz o re-teste ... e deu trinta por cento de visão ... daí a minha diretora pegou assim e falou ... “ah ... vamos ver então né? ... essas meninas ... porque que estão dando esses problemas” ... daí foi ... o médico falou ... “elas estão com toxoplasmose” ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** daí teve que fazer ... o que ... daí não achava remédio ... mas meu irmão trabalhava na Drogasil ... daí ele começou mandar os viajantes ... ele era gerente da Drogasil ... mandou os viajantes trazerem ... o remédio para ... para elas ... hoje elas falam para os filhos ... “ó ... se não fosse a Dona Romilda ... vocês não teriam nascido” (risos) ... elas falam ... eu sou madrinha delas ... elas me tratam como mãe ... porque eu nas minhas experiências ... de observação ... eu ficava atenta ... com aluno ...

**Pesquisadora:** ah ... então você ... essa característica de ser observadora ... característica pessoal ... você levou para a profissão ...

**Professora Romilda:** é ... levei para a profissão ...

**Pesquisadora:** e o contrário?

**Professora Romilda:** então ... e da profissão para mim ... assim ... eu acho que ... que isso ... me trouxe ... ai ... como que eu posso dizer ... é ... os alunos que ... que tem ... que falar ... não sei ... eles que falavam assim ... “a ... a ... a Dona Romilda tem um jeito especial para ... para ... para atender a gente” ... então eu não ... eles para mim ... eu não sei como que eu vou explicar ... é difícil ... porque ...

**Pesquisadora:** não ... tudo bem ...

**Professora Romilda:** é uma coisa assim ... pessoal ... né? ... mas ... deles para ... e eu fazia isso ... por eles ... porque para mim ... eu estava bem comigo ... eu queria ver o bem deles ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então é para mim ... eu não estava preocupada no que ia vir para mim ... eu estava preocupada com eles ... então ...

**Pesquisadora:** sim ... sim ... mas é pensando assim ... o que de repente ... você aprendeu ... sendo professora ... que você levou para a sua vida pessoal ...

**Professora Romilda:** então ... para a minha vida pessoal ... é ... toda essa experiência que eu tive ... eu ... ai ... meu Deus do céu ... é uma coisa muito ...

**Pesquisadora:** de repente ... vou dar um exemplo ... na questão do se planejar ... da organização ... por exemplo ... o fato de eu ser professora ... me faz ser organizada na minha casa ... um exemplo ... seria mais ou menos nesse sentido ...

**Professora Romilda:** então ... eu assim né? ... eu acho que eu ... eu ... procurava sempre ... trazer deles para mim ... assim ... a ... o jeito ... da característica ... de cada característica de cada um deles ... às vezes porque ... cada ser é de um jeito ... né? ... então assim eu ... fico observando ... então às vezes você vê aqueles tipos de aluninhos que ... que está mais triste ... mais ... então isso daí é que ... mexe dentro do interior ... da gente ... então ... eu vejo assim ... numa ... numa ... uma coisa que ... não sei explicar ... é uma coisa muito ...

**Pesquisadora:** subjetiva ...

**Professora Romilda:** subjetiva ...

**Pesquisadora:** tudo bem ...

**Professora Romilda:** então ... e daí ... fora isso ... nessas experiências minhas que eu ... observadora ... tinha um ... um outro aluno ... que ele é deficiente físico ... e ninguém observava que o aparelho dele ... ele estava crescendo ... e o aparelho dele ... estava ... pela altura dele ... pequeno ... estava deformando mais ele ... e ele não fazia Educação Física ... mas ele participava ali das aulas ... sentado às vezes ... sabe?

**Pesquisadora:** esse já é ... na Educação Física mesmo ...

**Professora Romilda:** é ... na parte de Educação Física mesmo ... os professores dele ... não observavam isso daí ... e eu comecei a observar ... que estava com dificuldade assim ... o tronco dele ia para baixo ... e ele estava alto ... e tinha que aumentar o aparelho para ele ... ficar com o corpo reto ... daí eu cheguei para a diretora e falei ... né? ... para a Dona Júlia ... que o Eduardo ... daí ela falou ... “ah ... mas se viu isso” ... eu falei ... “ele está com problema e vai ... vai piorar o problema dele ... porque ele já é deficiente das pernas ... ainda com um aparelho que é para criança menor ... ele já está mocinho” ... daí ela pegou e ... ligou não sei para onde ... para ... para ... para trocar o ... aparelho ... dele ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** conversou com a mãe ... na reunião ... e conseguiu trocar o aparelho dele ... mas ele ... ele estava no Ciclo Básico já ... no Ciclo Básico ...

**Pesquisadora:** Ciclo Básico ... 1<sup>a</sup>. a ... 2<sup>a</sup>. ...

**Professora Romilda:** é ... 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** então ... ele não era do ginásio ...

**Professora Romilda:** não ... não era do ginásio ... ele estava no Ciclo Básico ... é ... no Ciclo Básico ... e ...

**Pesquisadora:** entendi ... e ... quando você comentou ... de levar de uma experiência para outra ... fiquei pensando ... porque você lecionava como professora de classe ... é ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... e ao mesmo tempo ... como professora de Educação Física de 5<sup>a</sup>. série em diante ... depois que você foi para o Ciclo Básico ...

**Professora Romilda:** é ... isso ... concomitante ... é ... Ciclo Básico ...

**Pesquisadora:** nesse período ... quando você foi para o Ciclo Básico ... eu imagino que você ali trocava as experiências ... porque era o mesmo nível de ensino ... só que num lugar você estava com uma função ... e no outro ... com outra função ...

**Professora Romilda:** é ... com outra função ...

**Pesquisadora:** mas em relação à experiência de professora de classe e a experiência como professora num outro nível de ensino ... como que era isso ... e você trocava experiência ... levava de um para o outro ... de repente a forma de se relacionar ... com os alunos ... não sei ...

**Professora Romilda:** ah ... eu trocava ... com assim ... com amigas ... às vezes a gente ... comentava assim ... como estava na aula ... que elas falavam assim ... “como que se dá isso ...

por exemplo ... esse tipo de atividade?” ... daí eu falava ... “eu faço assim ... assim” ... do jeito que eu dava ... por exemplo ... eles gostavam muito assim ... de uma atividade com corda ... essas coisas ... então eu criava também ... coisas assim de ... tipo ... além de ... eles mesmo ... eu criava ... e eles acabam criando ... recriando ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... eu ... a gente ... trocava experiência assim ... de cursos ... sabe? ... que fazia ... de recreação ... que eu fiz ... vários cursos ... e ... e a gente ia passando uma para a outra ... o conteúdo ... assim ... de aprendizagem ... para elas também ... eu falei ... “você conhecem esse tipo de musiquinha ... é que ... o aluno gosta” ... eles sempre gostavam ... porque eu sempre punha ... alguma coisa ... eu punha música ... e eles despertavam ... sabe? ... então eu acho assim né? ... a experiência assim ... aprendia com elas ... e ... também passava ... né?

**Pesquisadora:** e tinha alguma experiência sua ... enquanto professora de classe ... que você ... que era possível ... levar para os alunos de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>.?

**Professora Romilda:** ah ... então ... foi ...

**Pesquisadora:** como professora de Educação Física ...

**Professora Romilda:** foi mais assim ... das coisas que eu passava ... através de jogos ... essas coisas ... que eu passava ... porque eu dava na sala de aula ... às vezes eu via que ... se eu via que ia dar certo no ginásio ... no ginásio ... eu passava também ... sabe? ... então no fim dava tudo certo ... isso daí ... e eles gostavam das aulas ... sabe? ... tem aluno que não gosta ... mas depois até correção de postura ... tudo ... teve aluna minha que achava ruim ... depois foram fazer curso de manequim ... vieram me agradecer (risos) ... sabe? ... então ... eu falo assim ... que ... eu sempre falava para elas ... “ó ... eu estou corrigindo ... porque você está com problema na coluna ... na curvatura da coluna ... já está com lordose ... com escoliose” ... eu sempre ia ... fazendo isso daí ... eu podia passar para elas de melhor ... eu passava ... e ... eu essa parte ... sei lá ... a experiência assim ... é mais pessoal ...

**Pesquisadora:** e aí nesse período ... você comentou do casamento ... eu gostaria que você contasse um pouquinho ... quando que você casou ...

**Professora Romilda:** então ... aí ... eu namorei nove anos ... dez anos ... né? ... e eu ficava mais em Fartura ... do que aqui ... para cá ... daí eu casei em setenta e oito ... foi quando ... depois eu vim para o ... de união de cônjuge para Alba ...

**Pesquisadora:** ah ... daí que você já veio ...

**Romilda:** daí eu casei ... daí eu tive que escolher lá em São Paulo ... daí tive que escolher Guarulhos ... o lugar mais perto que minha irmã morava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí eu fiquei quatro meses lá ... para depois vir por remoção ... daí eu vim por remoção ... daí eu tive a Julis ... em setenta e nove ... setembro de setenta e nove ... e eu casei em janeiro de setenta e oito ... e a Julis nasceu ... e ... daí eu tive que tirar licença ... né? ... daí os alunos achavam falta de mim ... que nem ... tinha um aqui ... que nem queria ir ... na aula da tal outra professora ... que eu também no período que eu peguei aula em Alba ... eu catava os alunos na estrada ... porque eles não tinham outro ... meio de ir para a escola ... então eu que ... eles ficavam esperando eles na estrada ... eu punha no carro e levava ... sabe? ... então ... sempre foi assim ... porque até ... depois mudou ... porque daí tiraram as escolas rurais né? ... trouxeram tudo para a cidade ... então ... mas a princípio ... eu que levava esses alunos ... para estudar ...

**Pesquisadora:** e a segunda filha ...

**Professora Romilda:** então ... a segunda filha ... a Greicis ... daí nasceu o Deivis ... em oitenta e um ...

**Pesquisadora:** ah ... então ... ele é o segundo ...

**Professora Romilda:** é o segundo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** em oitenta e um ... e oitenta e dois nasceu a Greicis ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... daí ... minha vida assim ... pessoal casada ... é ... família ... né? ... a gente tem sempre problema né? ... mas a gente tem que saber superar ... equilibrar ... e ... as meninas foram crescendo ... estudando na mesma escola que eu dava aula ...

**Pesquisadora:** aqui em Piratininga ...

**Professora Romilda:** aqui em Piratininga ... eles fizeram o primário lá na Jacyra ... na Jacyra Motta Mendes ... o pré e o primário ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** depois ... eles já passaram para o Coronel ... na parte de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... séries ... e depois a Julis fez o CEFAM ... do CEFAM ela fez ... prestou vestibular para Direito ... passou ... e a Greicis ... ela ... fez Ensino Médio ... e terminou em Bauru ... lá na escola do Luiz Zuiani ... e o Deivis por problemas ... que ele teve ... meu filho ... ele não terminou o 3<sup>o</sup>. colegial ... quer dizer ... o Ensino Médio ... ele parou na metade do ano ... e ... daí agora ... com o meu marido ... ele era policial militar ... aposentou em noventa e quatro ...

**Pesquisadora:** ah ... por isso que você veio por união de cônjuge ...

**Professora Romilda:** é ... por união de cônjuge por causa dele ... que eu vim ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** assim ... a família sempre naquela coisa ... luta ... né? ... cuidar de filho ... dar aula ... acabava dormindo uma hora ... uma e meia da manhã (risos) ... porque não tinha como ... né? ... se tem ... dava aula ... cedo ... à tarde ... e à noite ...

**Pesquisadora:** todos os períodos ...

**Professora Romilda:** dei no Magistério ... aula ... também ... para a turma do Magistério ...

**Pesquisadora:** de Educação Física ...

**Professora Romilda:** de Educação Física ...

**Pesquisadora:** ah está ... depois você vai contar um pouquinho mais ... então ... é ... desse período ... principalmente como professora de classe ... tem alguma situação ... ou pessoa ... ou sentimento que marcou ... ou encerrou esse período?

**Professora Romilda:** então ... eu acho que eu tinha professor ... porque eu sempre fui de procurar as coisas para ... para ... para ter coisas diferentes ...

**Pesquisadora:** como professora de classe ...

**Professora Romilda:** como professora ... de classe ... como professora né? ... é ... de classe ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí ... eu fuçava os porões da escola ... e eles achavam que ... “onde você viu” ... eu achei cada material ... didático ... que nunca tinha sido usado ... e eu comecei a usar ... principalmente matemática ... sabe? ... e estava dando resultado ... e eles achavam que com isso ... eu estava querendo ... mas não era ... era o meu eu ... o que estava procurando ... coisa melhor para os alunos ...

**Pesquisadora:** pensando nos alunos ...

**Professora Romilda:** pensando nos alunos ... e eles acham ... então eles começavam ... um ou outros dois que começaram a criticar ... de eu ... inclusive eu achei até um livro de historinha ... que esses alunos adoravam ... que eu contasse para eles todas as aulas ... mas daí eu dramatizava junto ... sabe? ... e esse livro de historinha ... chama Vassoura de Bruxa vira Avião na Floresta ... e quando eu ... peguei o livrinho ... eu peguei e vi ... Romilda ... lá ... o nome da bruxa era Romilda (risos) ... só que ela ... essa bruxa ... não era ruim ... era uma bruxa boa na história (risos) ... sabe? ... mas daí eu não comentei com os alunos ... daí ... eu peguei e falei para eles assim ... “ó ... qual o nome dessa historinha” ... e mostrei o livro ... daí eles leram ... “vassoura de bruxa ... vira avião na floresta” ... eu falei ... “será que vocês sabem ... qual é o nome dessa bruxa” ... “ah” ... eles falavam um nome ... o outro falava outro ... o

outro falava outro ... né? ... eu falei assim ... “não ... não é nenhum desse ... mas ela está aqui presente ... perto de vocês ... e vai daqui ... e vai dali” ... eu não falei ... como que era o nome da bruxa ... daí ... daí ... um falou ... “ah ... então só pode ser Romilda” (risos) ... isso é raro né? ... daí eu falei ... daí eu falei ... “vocês acham que essa bruxa ... era uma bruxa má?” ... bom já fala bruxa ... todo mundo pensa que é bruxa má ... né? ... mas ... eles falaram assim ... “ai ... deve ser má” ... eu falei assim ... “mas se for igual a senhora ... não é má não” ... eu deixava eles sabe?

**Pesquisadora:** dava espaço para eles ...

**Professora Romilda:** é ... dava espaço para eles ... para mim não ... não ... eu queria tirar a deles ... as coisas ... daí eu dei essa ... história de uma bruxa ... ela queria fazer amizade ... amigos ... então ela não conseguia ... porque todo mundo tinha medo dela ... daí ela catou uma vassoura ... e daí ela começou ... “ai vocês não querem dar uma volta na ... minha vassourinha” ... para fazer amigos ... daí que vem a onça Gertrudes ... o Tafogildo ... o jabuti Tafogildo ...

**Pesquisadora:** Tafogildo ...

**Professora Romilda:** é ... é ... e eu lembro mais ou menos assim ... isso daí ... os alunos ... nomes ... eu sei que todo mundo depois queria ... andar na vassoura da bruxa ... porque ela era boa ... não era bruxa má ... daí ela voou para a floresta ... daí ela ... da floresta ela ia por cima de uns prédios ... sabe? ... eles estavam adorando a viagem ... e o elefante ... táfogi ... o elefante acho que é ... não ... o jaboti ... e o elefante Jerônimo ... então ... ele entrou de tão medo que ele tinha da bruxa ... ele entrou debaixo da mesa ... e ergueu a mesa com o peso dele ... e eu fazia isso ... essa dramatização ... eu fazia na cadeira ... na carteira ... e eles se esborrachavam de rir ... daí eles sabe? ... sabe? ... daí eu ... fazia eles também ... dramatizar ... fazia a dramatização ... é igual aquela música ... da velha que tinha nove filhas ... pegava a música ... tem uns professores que só davam música ... eu já dei dramatização ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... por exemplo ... falava [cantarola] ... “era uma velha ... tinha nove filhas ... todas foram fazer biscoito” ... sabe essa?

**Pesquisadora:** aham ...

**Romilda:** daí eu colocava as nove ... daí eu ia revezando ... né? ... porque todo mundo queria ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então eu revezava ... daí eu punha ... deu um tangorolô [agita a voz] ... numa delas ... eu fazia ... e assim caía ... e eles também achavam engraçado ... acabavam caindo ... sabe?

**Pesquisadora:** e aí é ... é essa situação que você considera marcante ... nesse momento?

**Professora Romilda:** é ... essa sim ... que eu fazia ... que eu considero marcante ... na sala de aula ... sabe? ... e eles também ... vibravam ... então eles ficavam assim com o olhinho tudo estalado ... queriam que eu contasse mais ... sabe? ... porque eles achavam engraçado ... né? ... e eu fazia o papel assim ... de ... e eles também ... porque não só eu fazia ... fazia eles fazerem também ... e então ... eles acabavam ... é ... participando de tudo ... inclusive tinha um aluninho ... que eu levei meses meses ... para conseguir ele ... entrar na aula de Educação Física ... no Ciclo Básico ... hoje ele trabalha na Paschoalotto ... encontra comigo né? ... ele vem ... mas ele ... o pai dele bebia ... batia muito nele ... e então eu fui procurar saber ... porque que ele ... se eu punha material ele ficava tudo assim ... encolhidinho ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí o que fiz ... eu peguei estava assim ... que ele não entrava na aula e tinha medo ... eu fui pondo aos poucos ... o material perto dele ... fui pondo um bastão ... uma bola ... uma bola principalmente para tirar o medo ... porque a bola chama a atenção ... daí ele ... não ... não fazia aula de jeito nenhum ... punha arco perto ... sabe? ... ficava encolhidinho ...

eu com paciência ... fui com a minha paciência até ... uns seis meses ... quando eu vi ... ele estava correndo na quadra ... pegando corda ... bastão ... arco ... pulando ... igual aos outros .... então eu falo que o professor não pode ser só professor ... de ensino ... para ensinar ... ele tem que ser observador ... também ... e ... ajudar o aluno a crescer ... porque se não ... não fizer isso ... às vezes não sabe o problema que está ... afetando ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** e então ... a parte psicológica ... eu ... eu ... sempre ... achava que tinha que observar na criança ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** porque senão ... igual esse menino ... se ... se eu não fizesse isso ... ele não ia ... ele ia ficar a vida inteira ... daí eu fui na sala de aula ... conversava sabe? ... falava também sobre os problemas na família ... daí eu falava ... daí eles acabavam contando para mim ... tudo que passava ... daí eu entendia melhor eles ...

**Pesquisadora:** isso ... como professora de classe ... ou como professora de Educação Física ...

**Professora Romilda:** de classe e de Educação Física ... as duas ... os dois ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** eu ... usava ... tanto na sala de aula de Educação Física ... quanto no primário ... né?

**Pesquisadora:** essa prática ... que você contou do livro ... da dramatização ... foi como professora de classe ... ou os dois?

**Professora Romilda:** é ... primeiro professora de classe ... aí ...

**Pesquisadora:** ah ... está ...

**Professora Romilda:** isso porque ... era mais para criança ... assim ... de ... Ciclo Básico até a 4<sup>a</sup>. série ... eu dei aula até a 4<sup>a</sup>. série também ... além do Ciclo Básico ... eu dei aula até a 4<sup>a</sup>. série ... para o primário ...

**Pesquisadora:** como professora de classe ...

**Professora Romilda:** como professora de classe ... professora de classe ...

**Pesquisadora:** de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** e nesse primeiro período ... você ainda não atuava como professora de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... só de 5<sup>a</sup>. série em diante?

**Professora Romilda:** só de 5<sup>a</sup>. série ... é ...

**Pesquisadora:** quando você começou a atuar ... no ... Ciclo Básico ... como professora de Educação Física ... você já não era mais professora de classe?

**Professora Romilda:** não ... eu era sim ... eu dava aula ... tanto em uma como na outra ...

**Pesquisadora:** mas ... foi mais para o final ...

**Professora Romilda:** foi mais para o final ...

**Pesquisadora:** entendi ... aí depois se tiver uma fotografia ... desse período como professora de classe ...

**Professora Romilda:** então ... eu tenho ... eu ... agora que eu me lembrei ...

**Pesquisadora:** ou algum documento ... um registro ...

**Professora Romilda:** lembrei ... quando eu fiz estágio de Educação Física ... eu peguei uma classe especial ... para dar ... fazer estágio lá no Jacyra ...

**Pesquisadora:** mas aí já é como professora de Educação Física ... né?

**Professora Romilda:** não ... no estágio ... quando eu estava estudando ...

**Pesquisadora:** no ...

**Professora Romilda:** no ... quando eu estava no 3<sup>o</sup>. ano de Educação Física ... eu tinha que fazer um estágio ...

**Pesquisadora:** é que daí ... já entra na formação ... que a gente vai falar agora ... tudo bem?

**Professora Romilda:** ah está ... está bom [término da gravação] ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora nós vamos falar sobre as experiências da formação inicial ... que é a faculdade de Educação Física e outros cursos que você realizou né? ... a faculdade de Pedagogia ... que você já contou ... e cursos paralelos ... ou durante a faculdade ... ou posterior ... durante a atuação profissional ... então aí gostaria que você caracterizasse ... e você já falou ... um pouco disso ... se quiser falar mais .. fique à vontade ... se não ... fique a vontade ... caracterizar o interesse pela docência inicial ... porque foi para a faculdade de Educação Física ... é ... a trajetória no curso de formação em Educação Física ... como que foi o curso ... o decorrer do curso ... a perspectiva da sua mãe no caso ... em relação a fazer faculdade de Educação Física ... da família ... da sociedade ...da época ... qual que era a perspectiva ... e qual era a sua perspectiva em relação a fazer um curso para ser professora de Educação Física ... e em relação ao futuro profissional mesmo ...

**Professora Romilda:** então eu comecei em setenta e ... sessenta e nove ... o curso né? ... porque terminei em sessenta e oito ... o curso do Magistério ...sessenta e nove eu já prestei vestibular e passei ... no ... sem fazer curso ... nada ... daí tive que fazer aqueles testes que eu expliquei ... de natação ... que eu não sabia nadar ... porque aqui não tinha piscina ... então tive que pegar aquela pedra ... no fundo ... de ... para demonstrar coragem ... e durante o curso... eu acho que foi ... assim ... um curso muito gostoso ... sabe ... é ... é um curso ... porque eu gostava também ... das atividades né? ... e os professores ... assim ... muito bons ... do curso ... todos eles ... muito dedicados ... e ... e ... atletismo por exemplo ... Seu Silvio Minhoto ... ele ... era muito assim ... ele procurava transmitir mesmo ... para ... de tudo ... que a gente pudesse captar nas aulas ... ele dava assim ... sugestão ... é ... o que você precisasse ... ele ... atendia ... assim ... na hora que ... você não entendia a exposição ... dele ... sabe? ... os professores muito bons ... durante o curso ... e ... as matérias também ... eu tive muito socorros de urgência ... é ... biometria ... é ... atividade rítmica ... ginástica gítmica ... ginástica geral ... natação ... é ... fisioterapia ... daí tivemos também ... aquela ... aquele ... aquela ... matéria de Leis ... será que é ... falava ... estudos dos problemas brasileiros ... é ... tivemos a parte de ... biologia ... biologia ... tinha dois cursos a noite ... de curso técnico ... de basquete ... de vôlei ... eu fiz esses dois cursos também ... professores que vinham de São Paulo ... excelentes ...

**Pesquisadora:** a faculdade era durante o dia?

**Professora Romilda:** era ... era de manhã ...

**Pesquisadora:** de manhã ... ah ... e a noite tinha esses cursos ...

**Professora Romilda:** é .... é .... a noite tinha o curso ... a gente voltava para fazer o curso ...

**Pesquisadora:** mas o curso era um período mais curto ...

**Professora Romilda:** é ... a noite era assim ... ele dava duas horas ... e o outro dava duas horas ... de basquete ... duas horas de vôlei ...

**Pesquisadora:** mas eu digo curto assim ...

**Professora Romilda:** o ano inteiro ... né?

**Pesquisadora:** o ano inteiro ...

**Professora Romilda:** é ... o ano inteiro ...

**Pesquisadora:** um ano ...

**Professora Romilda:** eu não lembro ... quantas horas ... deve ter no diploma aqui ... porque tem no curso de diploma ... de ...

**Pesquisadora:** mas ... era como uma matéria ... do ... da época da ... do curso ...

**Professora Romilda:** não ... não era matéria do curso ...

**Pesquisadora:** era um curso a parte ...

**Professora Romilda:** é ... a parte ...

**Pesquisadora:** entendi ...



**Professora Romilda:** então ... eu sempre procurei fazer ... esses cursos ... porque para mim especializasse em ... entender mais também ... que ... vôlei ... por exemplo ... eu não sabia como apitar um jogo ... direito ... os professores davam ... mas davam assim ... mais ... na brincadeira ... né? ... agora no curso técnico ... você aprendia a técnica ... as regras certas ... né? ... e que mudou muito né?

**Pesquisadora:** era uma opção ... então ... a fazer esse curso ...

**Professora Romilda:** era ...

**Pesquisadora:** não era obrigatório ...

**Professora Romilda:** não era obrigatório ... mas eu optei para fazer ... e fiz cursos em Assis de Recreação ... e atletismo também ...

**Pesquisadora:** aí já atuando ...

**Professora Romilda:** é ... atuando ... e quando eu estava em Fartura ... eu saía de Fartura e ia lá em Assis atuar ...

**Pesquisadora:** aí esses que você fez em Assis ... foi pela Secretaria de Estado ...

**Professora Romilda:** foi ... foi também ... foi registrado ... era registrado ... então ... contava ponto também ... então ... eles estavam ... é ... o ... dando assim ... como que eu posso dizer ... para quem tivesse o curso ... mais cursos ... então ... aí ... a gente na hora do ... que a gente ... do concurso ... a gente ... eles contavam os pontos ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** dos cursos né? ... então ... incentivava mais ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** e eu também gostava de me especializar ... porque aprendendo sempre uma coisa nova ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** então ... fiz de atletismo ... recreação ... lá ... daí fiz de metodologia da educação do Moacir Daiuto em Ribeirão Preto ... que foi ... eu ... eu ficava em Sertãozinho ... com a minha colega ... que é madrinha da minha filha ... ela casou e foi morar em Sertãozinho e é perto de Ribeirão Preto ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e ela pegou ... e falou ... “não ... você vai fazer esse curso ... comigo” ... então eu fui mais porque ela ... esse curso ... eu fiz mais por causa dela ...

**Pesquisadora:** entendi ....

**Professora Romilda:** que ela falava ... “não ... você vai ficar em casa” ... você ... daí eu fui ... foi ... a gente ia em Ribeirão ... que ... que era encostada em Sertãozinho ... daí fiz esse curso ... daí fiz outros cursos aqui de recreação aqui também ... então ... isso achei que ajudou muito ... também tinha coisas que eu não conhecia ... e eu comecei a aplicar ... depois ... mesmo ... certos jogos ... né? ... que aparecia ... diferentes ... então eu ... eu ... músicas mesmo diferentes ... eu colocava e passava para os alunos ...

**Pesquisadora:** e a maioria desses cursos era promovido pela Secretaria ...

**Professora Romilda:** de Educação ... é ...

**Pesquisadora:** do Estado ... e quais eram ... os valores da família ... da sociedade ... da época que você foi fazer Educação Física ... em relação a essa formação ... em relação a ser professor de Educação Física ... e o que você pensava a respeito ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... aí ... a gente ... você sabe né? ... que a gente ... eu ... era uma pessoa de família humilde ... então quando você entra numa faculdade ... os outros achavam que você ... que ... que você está ali ... né? ... só que ... minha mãe sempre falou ... “não liga para o que os outros falam ... você vai em frente” ... eu aprendi a ser firme também ... é ... então eu fui humilhada lá na faculdade ... também ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** por uma ... pela filha dessa professora mesmo ... que eu lembro ... lembra que eu falei ... que eu era uma doçura ... uma fofura ...

**Pesquisadora:** a professora lá do 2º. ano ...

**Professora Romilda:** é ... isso ... a filha dela ... é ... todo mundo detestava ... ela achou que ela ia se ... assim ... que os outros iam dar risada ... ela falou ... porque eu era ... a minha mãe comprou um maiô bonito ... e eu na época tinha um corpinho bem ... feito ... sabe ... então ela achava ... que ... onde ... que ... que a minha mãe ... como que minha mãe ia comprar ... se ela ... chegou na frente de todo mundo ... falou assim para mim ... é ... “onde você roubou esse maiô” ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Romilda:** eu falei ... “fui roubar no varal da tua casa ... essa noite” ... é o que respondi para ela ... daí nisso ... isso ... os rapazes que estavam tudo do lado assim ... e ela já estava no 2º. ano ... de Educação Física ... eu estava no 1º. ... daí eu peguei ... eu fiquei quieta ... nem liguei ... sabe? ... minha mãe sempre me ensinou isso ... nem dá bola ... eu nem ligava ... daí ela tentou me desfazer de novo ... sabe? ... me rebaixar ... daí eu fiquei quieta ... eu não falei nada ... daí os caras falaram assim ... “mas que arrogância ... não ... que arrogância que ela é não” ... falei ... “onde se viu isso” ... e ela achava que os outros iam dar risada do que ela disse para mim ... daí eu falei assim ... “fui roubar lá no varal da tua casa ... essa noite ... você não percebeu ... você não sentiu falta” ... e minha mãe tinha comprado numa malharia ... no ebe ... Denitex ... chamava Denitex ... perto do Hospital de Base ...

**Pesquisadora:** entendi ... daí ela comprou e fez ...

**Professora Romilda:** não ... comprou o maiô feito ... mas ele era bonito ... aí o preto ... sabe ... só podia maiô preto na época ... e ficava muito bonito no meu corpo ... e ela ... não sei ... ela ... se ... que ... que ela achou ... para vir falar isso na frente de todo mundo ...

**Pesquisadora:** e aí quais eram as suas ...

**Professora Romilda:** então ... aí eu ...

**Pesquisadora:** suas expectativas ...

**Professora Romilda:** minha expectativa ... é que tinha que ir em frente ... tinha que ir em frente ... e não ligar para essas coisas ... que hoje fala bullying ... então eu falo que ... que a gente não pode deixar se levar por bullying ...

**Pesquisadora:** e em relação a ser professor de Educação Física ... que você pensava ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... eu pensava que ... eu ... eu comecei a gostar da profissão ... ali já no curso mesmo ... sabe? ... que eu estava fazendo ... porque já gostava ... já tinha uma queda ... para a Educação Física ...

**Pesquisadora:** uma grande queda (risos) ...

**Professora Romilda:** é ... então ... não era para cair ... porque de escola eu nunca caí ... (risos) ...

**Pesquisadora:** uma pequena queda (risos) ...

**Professora Romilda:** por isso que eu falei ... eu caí três metros ... não quebrei nada ... depois de velha ... né? ... e na faculdade ... pulava igual ... né?

**Pesquisadora:** pulava e saltava ...

**Professora Romilda:** é ... pulava e saltava ... então ... é ... é ... era ... era o que eu queria ... mesmo porque ... o que eu queria mesmo ... eu não podia ... que era longe ... e minha mãe não tinha condições ... então ...

**Pesquisadora:** e o que ... sua mãe falava em relação à faculdade?

**Professora Romilda:** ah ... a minha mãe sempre estava atenta ... porque eu ... porque assim ... eu não tinha condição para pagar uma faculdade ... com dinheiro mensal ... né? ... então ganhei uma bolsa ... uma parte ... daí ela completava ... meu irmão ajudava completar para pagar a faculdade ...

**Pesquisadora:** qual irmão?

**Professora Romilda:** o João ... esse da Aeronáutica ...

**Pesquisadora:** o do paraquedas ...

**Professora Romilda:** trabalhava ... é (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ele ajudava ... então ... eu tinha que me esforçar ... porque eu sempre pensei ... a minha mãe está fazendo um ... sacrifício ... meu irmão ... eu tenho que estudar né? ... então ... e ela ... sempre acompanhando ... notas ... tudo .. ela acompanhava ...

**Pesquisadora:** e como que foi seu desempenho ... na faculdade?

**Professora Romilda:** então ...

**Pesquisadora:** como aluna ....

**Professora Romilda:** então ... eu fui uma aluna ... assim ... não fui a melhor aluna ... mas ... eu procurava ser ... você entende? ... eu procurava ... fazer ... eu queria fazer ... tudo perfeito ... até hoje eu sou meio assim ... se eu tivesse que fazer uma coisa ... vou fazer um docinho modelado ... se eu não fizer perfeito ... eu desmancho (risos) ...

**Pesquisadora:** (risos) ... perfeccionista ...

**Professora Romilda:** é ... nessa parte eu sou mesmo ... de coisa assim ... sabe? ... eu falei assim ... a gente tem que procurar o melhor ... né? ... sempre o melhor ... eu falei assim ... a gente procura ... se dá certo dá ... se não dá certo ...

**Pesquisadora:** pelo menos tentou ... né?

**Professora Romilda:** pelo menos tentou ... então ... eu ...

**Pesquisadora:** quais experiências ... assim da faculdade ... né? ... que contribuíram ou que não contribuíram para o ensino ... da Educação Física na escola ... que você poderia ter optado ... por exemplo ... em atuar ... não na escola ... em outros ambientes ... fez licenciatura plena?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** então poderia ... ter optado ... por outra área ... dentro da Educação Física ... né?

**Professora Romilda:** outra área ... é ...

**Pesquisadora:** o que ... que te ... o que contribuiu da faculdade ... que você falou ... não ... quero mesmo a escola ... as condições ... as oportunidades que você teve ...

**Professora Romilda:** ah ... eu tive assim ... ó ... essa oportunidade de ... de entrar ... né? ... e ... e eu dentro da escola ... como eu já falei ... é ... a perspectiva ali era ... de terminar e sair lecionando mesmo ... sabe? ... só que na época estava meio difícil também ... para pegar aula nessa época ... porque daí você tinha que fazer inscrição em várias delegacias né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** e ... então ... era difícil ... mas lá no curso mesmo ... a natação por exemplo ... tinha dias ... que eu ficava com medo ... conforme o tipo de atividade na água ... eu sentia medo ... então eu ia com coragem ... mas eu ... eu ... eu demonstrava coragem ... mas dentro de mim ... eu tinha um pouco de medo ... sabe? ... tinha medo de afogar ... eu não sabia nadar ... eu aprendi ... um pouco ... o clássico e o crawl ... eu nado ... e o cachorrinho (risos) ... agora aqueles nados ... eu já não gostava ... nado borboleta ... que desenvolvia o músculo ... eu achava feio ...

**Pesquisadora:** o nado de costas ...

**Professora Romilda:** eu não queria ficar musculosa (risos) ... com o braço grande ... tinha medo de fazer ... e desenvolver muita musculatura ... que achava feio (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... procurava assim ... fazer um pouco ... assim ... mas eu me esforçava ... nessa parte da natação ... porque eu não era excelente aluna ... sabia nadar ... assim igual as outras alunas ... que pegava ... saía ... voltava ... ia ... sabe? ... eu não ... eu ia ...

**Pesquisadora:** não era uma paixão ...

**Professora Romilda:** não era uma paixão ... pela natação ... né?

**Pesquisadora:** o que você gostou durante a faculdade ... alguma disciplina ... algum conteúdo ... alguma maneira de algum professor trabalhar ... que você levou para a sua prática depois?

**Professora Romilda:** ah ... então ... depois ... a parte de rítmica ... né? ... de ginástica rítmica ... que eu gostava muito ... né? ... e ... a ginástica geral ... porque virava pirueta ... cambalhota ... um dia a professora ... só que eu fiquei sentida com a professora ... porque ela me elogiou tanto ... tanto ... falou que eu ia tirar dez ... quando eu saltei na prancha do trampolim ... que tinha que dar um salto e cair no colchão ... falou ... “perfeito” ... tinha que cair assim ó [demonstra com movimento do corpo] ... os braços bem abertos ... igual Cristo ... ela falou ... “o salto excelente ... dez” ... depois minha nota veio baixa ... cinco ... daí ela confundiu eu com uma tal de Neide (risos) ... que era morena também ... e a classe era muito grande ... a classe tinha setenta e cinco ... só na minha ... e tinha quatro classes de Educação Física ... com ... com números de alunos altos ... e eu lembro quase todos os nomes ainda ... dos alunos da minha classe ...

**Pesquisadora:** o pessoal da sua classe ... que você deve ter conhecido mais ... a maioria assim ... qual que era o perfil ... é ... queriam ser professores ... ou estavam decidindo ainda ... e iam atuar em outras áreas ... já atuavam?

**Professora Romilda:** a maioria ... era igual como eu ... atuava no primário ... e na Educação Física ... era ACT ...

**Pesquisadora:** ah ... é?

**Professora Romilda:** é ... e a maioria ... assim ... que eu convivia ali ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** as outras ... tem umas que eram ricas ... que não deram aula ...que eu sei ... de ... de Presidente Prudente ...

**Pesquisadora:** rico não precisa dar aula (risos) ...

**Professora Romilda:** ela... ela disse que ia para a fazenda ... ela só fez o curso por fazer ... o curso ... o curso superior ... sabe? ... mas não que ela ia exercer ... a profissão ...

**Pesquisadora:** ah ... tinha assim ... ex-atleta ... ex-técnico?

**Professora Romilda:** tinha ... a Berti ... a Maria Luiza Bertioli ... que ela era de vôlei ... ela jogava vôlei ... e tinha a ... tinha vários ...quem que mais ... tinha assim ... jogadores de futebol ... sabe? ... que era profissional mesmo ... e ... o Cheirinho ... por exemplo ... tratava ele de Cheirinho ... está lá em São Paulo até hoje ... ele ... mas ele ... estava dando aula ... além de ... exercer a profissão ... ele ... jogava bola também ...

**Pesquisadora:** profissionalmente ...

**Professora Romilda:** é ... e tinha o Caetano ... também parece que ... ele também era jogador ... não sei se de basquete ... quem mais ... ó ... o Barbosa ... que era da seleção ... ele estudou na minha época ... lá ... com a minha colega ... era ...

**Pesquisadora:** não na sua turma ...

**Professora Romilda:** não na minha turma ... era uma turma antes da minha ... ele se formou um ano antes de mim ... então ele fazia parte também da ... já fazia parte de basquete ...

**Pesquisadora:** da seleção ...

**Professora Romilda:** da seleção brasileira de basquete feminino ...

**Pesquisadora:** masculino ...

**Professora Romilda:** feminino ... ele ...

**Pesquisadora:** masculino ... era jogador ...

**Professora Romilda:** não ... era técnico ...

**Pesquisadora:** ah ... era técnico ...

**Professora Romilda:** é ... ele deu aula para a Hortência ...

**Pesquisadora:** ah ... ele era técnico ... entendi que ele era jogador ...

**Professora Romilda:** não ... técnico ... ele era técnico ... e ele se formou lá ... e ... quem mais

...

**Pesquisadora:** então ... mas a maioria ... era ... professor ... ou aspirante a professor ... a minoria ... que era técnico ... ou jogador ...

**Professora Romilda:** é ... é ... alguns ... eram técnicos ... então ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** mas a maioria que ... que ... dos amigos mesmo ... que deu aula ... assim ... era professor primário e de Educação Física ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** eles fizeram o curso ...

**Pesquisadora:** provavelmente porque maioria teve ... uma trajetória parecida com a sua ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** que fez o Magistério ... é ...

**Professora Romilda:** fez o Magistério né ... isso ...

**Pesquisadora:** e as relações assim ... entre professor e aluno ... aluno e aluno ...

**Professora Romilda:** ah ... entre alunos ... era ótima ... a relação ... sabe? ... eu não posso falar de ninguém ... sabe? ... porque eram colegas ... o que a gente tinha dúvidas ... às vezes ... um resolvia ... sabe? ... e ... e ... os professores ... eram ... bons ... assim ... não tinha professor que ... a Dona Clélia era mais ... que ela era ... casada com o professor ... e estava de separação ... então dava às vezes problema ... né? ... então ... mas era excelente ... às vezes ela ficava nervosa ... tal ... descarregava ... mas a gente já sabia ...

**Pesquisadora:** e relevava ...

**Professora Romilda:** é ... relevava ...

**Pesquisadora:** é ... alguma situação ... assim ... que você lembra de sucesso ou de insucesso nas aulas de faculdade ... quanto aluna?

**Professora Romilda:** ah ... então ... sucesso assim ... que você conseguia atingir o objetivo dentro da aula ... né? ... então ... eu ficava feliz quando o professor falava ... “excelente ... ótimo” ... e ... e ... mais assim ... porque ... que mais ... e participação ... assim ... de campeonato ... que às vezes tinha ... sabe?

**Pesquisadora:** ah ... a participação em campeonato ... já que você tocou no assunto ... como que era a participação em estágio ... curso ... projetos ... eventos?

**Professora Romilda:** então ... dessa participação ... eu tive que fazer estágio ... na escola ... aqui do ... Jacyra Mota Mendes ... para a classe especial ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e tem a Dona Saud ... que foi professora ... até hoje ela fala... me vê ... ela fala que nunca esquece ... eu tenho fotos dos alunos ...

**Pesquisadora:** ah ... eu quero ...

**Professora Romilda:** eu dava aula assim ... eu aproveitava ...

**Pesquisadora:** isso foi lá no estágio ...

**Professora Romilda:** é ... no estágio ...

**Pesquisadora:** que era da faculdade ...

**Professora Romilda:** eu aproveitava tudo ... os bancos da escola ... fazia eles subirem ... fazia dar a mão ... porque a maioria era classe especial ... eles não têm ... tem ... uns que não tinham coordenação ...

**Pesquisadora:** esse estágio ... tinha que ser só na classe especial?

**Professora Romilda:** não ... podia ser em outra ... mas o diretor achou que ... melhor eu pegar classe especial ... que eles não tinham certa atividade ...

**Pesquisadora:** ah ... foi o diretor da escola ... que decidiu ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** era obrigatório ...

**Professora Romilda:** é ... ele que designou a classe especial ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí ... ainda ... eu fiz o curso ... relatório ... entreguei para ele ... ele assinou ... ele ... achou que estava excelente ... sabe?

**Pesquisadora:** e era ... que série?

**Professora Romilda:** ali ...

**Pesquisadora:** lembra? ...

**Professora Romilda:** a classe especial ... ali era ... é tudo ...

**Pesquisadora:** junto?

**Professora Romilda:** estava tudo junto ...

**Pesquisadora:** mas eram anos iniciais ... anos finais ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... ou 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>.?

**Professora Romilda:** era 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... tudo junto ...

**Pesquisadora:** entendi ... mas alguma outra experiência de estágio?

**Professora Romilda:** de estágio só essa ... de estágio que eu fiz ...

**Pesquisadora:** foi no Jacyra ...

**Professora Romilda:** foi no Jacyra Mota Mendes ... aqui em Piratininga ...

**Pesquisadora:** cursos você já comentou ... e algum projeto ... eventos ... assim ... da faculdade ou promovidos pela faculdade ou paralelo pela faculdade ...

**Professora Romilda:** tinham as festas ... que faziam dentro da faculdade ... que a gente tinha que fazer a apresentação ... odalisca ...

**Pesquisadora:** ah ... é?

**Professora Romilda:** é ... é ... várias danças ... inclusive a gente tinha que encenar ... fazer o cenário ... a professora só vinha e falava ... “ó ... vai ter o festival de dança ... vocês vão escolher o tema e vão desenvolver esse tema ... mas eu quero cenário ... eu quero tudo” ... então tinha ... eu até dancei odalisca ... eu lembro que tinha o ... sultão ... daí fizemos com uma ... pegamos essas coisas de mato que ... ficava abanando ... pusemos um homem gordo lá (risos) ... deitado ... cheio de frutas ...

**Pesquisadora:** e tem foto?

**Professora Romilda:** não tem foto (risos) ... naquela época não usava ter foto (risos) ... cheio de frutas ... daí tinham os escravos ... as escravas ... que eles falavam ... no harém ...

**Pesquisadora:** e você foi a odalisca (risos) ...

**Professora Romilda:** (risos) ... dançamos ...

**Pesquisadora:** era a disciplina de dança ...

**Professora Romilda:** era ... dançamos ... era festival de dança da escola ...

**Pesquisadora:** da escola ou da faculdade?

**Professora Romilda:** da escola ... da faculdade ... é que falava Escola de Educação Física ... Superior de Educação Física ...

**Pesquisadora:** ah ... era Escola ...

**Professora Romilda:** Superior de Educação Física ...

**Pesquisadora:** Superior de Educação Física ... entendi ... e assim ... conteúdo ... método de ensino ... como que os professores trabalhavam?

**Professora Romilda:** os professores ... você quer dizer comigo ou com os professores ... o método de ensino deles?

**Pesquisadora:** os professores ... isso ... deles ...

**Professora Romilda:** então ... os professores tinham a parte prática ... e a parte teórica ... né? ... tinha as disciplinas que só tinha teórica ... e tinha ... por exemplo ... natação ... o professor de natação ... dava natação e recreação ... e a gente participava também ... às vezes ... ele mudava ... ao invés de dar natação ... dava recreação ... então ... a gente ... eu até tenho um caderninho ... acho que está até guardado ... até hoje ... de natação ... de recreação dele ... e ... os outros assim ... é ... ginástica geral ... a Dona Clélia também ... em vez de dar ginástica geral ... ela dava a ginástica rítmica ... só que tinha a moça que tocava no piano ... a ... Sonia

Berriel ... de Bauru ... que ela era ... rege o coral ... agora ... acho que ela aposentou ...mas ela que tocava o piano para a gente fazer os plê ...

**Pesquisadora:** olha que legal ...

**Professora Romilda:** dança rítmica ... e as barras eram altas ... você tinha que levantar a perna ... até no último ...

**Pesquisadora:** pelo jeito ... acho que você já comentou também ... materiais não eram o problema né?

**Professora Romilda:** não ... material tinha de tudo ... aí na faculdade ... depois na parte de ... de ... aula ... de lecionar ... eu também encontrei escola que tinha ... material ... lá em Fatura ... tinha ... e tinha escola aqui ... que não tinha ... a gente ... eu procurei usar tudo ... sabe? ... quando não tinha improvisava ...

**Pesquisadora:** inventava ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** e a concepção ... de Educação Física ... na época que você fez ... faculdade ... qual era?

**Professora Romilda:** vixe ... quem fizesse ... Educação Física ... que estava fazendo curso de Educação Física ... era assim ... é tudo ... é tudo ... eles achavam que era ... sabe? (risos) ... não vou falar o nome ...

**Pesquisadora:** fala (risos) ...

**Professora Romilda:** não ...

**Pesquisadora:** fala ... que eu não entendi ...

**Professora Romilda:** achava que era assim ... pessoas da vida ...

**Pesquisadora:** sério?

**Professora Romilda:** é ... e tinha mesmo ... muitas ...

**Pesquisadora:** por que será?

**Professora Romilda:** muitas que vinham de fora ... faziam ...

**Pesquisadora:** mas você ... fala isso ... acho que em relação à sua condição ... como mulher ...

**Professora Romilda:** é ... como mulher ... porque eles comentavam ... isso daí ...

**Pesquisadora:** por que antes ... a maioria que procurava era homem ... é isso ...

**Professora Romilda:** é ... acho que era ... porque eles falavam isso daí ... que a mulher ... que ia fazer Educação Física ... era tudo leviana ... na época (risos) ...

**Pesquisadora:** quem ... que falava ... os colegas?

**Professora Romilda:** os homens ... eles falavam ... que ... assim ... a gente ouvia ... ouvia eles falarem ... mas daí foi quebrando isso ... sabe? ... porque ... é que vinha ... sempre tem no meio ... e a gente não pode julgar as pessoas ... também né? ... então ... mas tem ... existe ... aquelas que ... inclusive ... uma época ... teve ... aluna ... não vou citar o nome ... porque é chato ... mas ela ... estava com uma doença ... e entrava na piscina ... lá da escola ... natação ... daí começou a dar coceira ... em todo mundo (risos) ... e até eu ... até me deu coceira ... daí ... daí lá ... nós reclamamos para o professor ... daí ela teve que ficar afastada ... das aulas ... até se curar ... e ... mais tem ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e ... mas ... tem ...

**Pesquisadora:** mas qual que era ... a concepção de ... Educação Física ... o que ... que era ... o que ... que se falava ... sobre o que era Educação Física nessa época?

**Professora Romilda:** ah ... então ... a Educação Física nessa época ... era ... assim ... era uma disciplina né? ... e ... que desenvolvia ... o ser humano ... em todos os aspectos ... então a turma começou a ... procurar ... foi depois que começou a sair as academias ... né? ... porque antes não tinha academia ...

**Pesquisadora:** academia ... foi década de oitenta ...

**Professora Romilda:** é ... essas coisas de hoje ... então ... desenvolvimento físico ... eles viam ... às vezes iam fazer ... pelo desenvolvimento físico ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... era mais isso aí ... mais para a parte física ...

**Pesquisadora:** e aí ... a percepção ... pode falar...

**Professora Romilda:** podia ser essa opção ... porque eles ... não assim ... na parte ... você não ouvia falar assim ... que ... que ... você ia ... desenvolver ... a observação ... o cognitivo ... da pessoa ... você não ouvia essas palavras ...

**Pesquisadora:** é só físico ...

**Professora Romilda:** é ... só físico ... que eu ouvia falar ... então ... eu acho que mais essa parte aí ... que nessa época ... se falava mais na parte física mesmo ...

**Pesquisadora:** certo ... e aí a concepção de professor ... de Educação Física ... na época ...

**Professora Romilda:** professor ... então ... a concepção ... era que ... era a formação para ... o magi ... para dar aula mesmo ... é isso que você está perguntando?

**Pesquisadora:** é ... o que ... que o professor de Educação ... é ... você fazendo a faculdade lá ... o que ... que você entendia ... que o professor de Educação Física ... tinha que fazer ... quais seriam as atribuições dele ... para a época?

**Professora Romilda:** as atribuições dele ... eu achava que era dar aula mesmo ... e cada um dentro da sua disciplina ... né? ... matéria para que a gente desenvolvesse depois ... fora da sala de aula ...

**Pesquisadora:** mas ... aí ... também estaria relacionado ... com o físico ...

**Professora Romilda:** aí ... eu acho que com os professores não ... não era só o físico ... eles já tinham a parte também de atleta ... queriam ... como fala ... é ...

**Pesquisadora:** técnico ...

**Professora Romilda:** técnico ... formar atletas ... entendeu? ... porque dali ... saiu muito também que ... era ... ele ficou ... que eles vinham que desenvolvia ... e eles começaram a tirar ... e por ... para ... nessas competições fora ... que tem ... competições de campeonato ... colegial que tinha ... lembra ...

**Pesquisadora:** isso enquanto alunos ... ali ...

**Professora Romilda:** é ... e ... e ... então ... foram na formação assim ... de profissionais deles ... para participar de campeonatos ...

**Pesquisadora:** quem ... qual seria o perfil ... de um bom professor de Educação Física ... nessa época?

**Professora Romilda:** bom ... perfil para mim ...

**Pesquisadora:** como que ele seria esse bom professor ... para a época ... do que era exigido na época ... do que era objetivo de escola na época ...

**Professora Romilda:** perfil ... perfil do bom professor ... era aquele professor que exigia mesmo ... da gente ... e ... ensinava ... você a crescer dentro da sala de aula ... na disciplina ... os perfis deles ... era a gente sempre estava em busca ... daquilo que eles ... é ... da matéria ... era dada ... e a gente ... visava assim ... sempre para o melhor... procurar se especializar nas coisas que ... que a gente ia atuar ... futuramente ...

**Pesquisadora:** isso era você ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** você tinha essa preocupação ...

**Professora Romilda:** é ... tinha essa preocupação ...

**Pesquisadora:** e o que ... que ... qual era o discurso que rolava do que ... era um bom ... professor ... era isso que você fazia ou não era isso ... ou ... um exemplo ... o bom professor era aquele que levava ... os alunos para o campeonato ... que trazia mais troféus para a escola ... ou não ... você não viveu isso?



**Professora Romilda:** não ... eu acho que o bom professor ... é aquele que tem ... o dom mesmo de ensinar ...

**Pesquisadora:** sim ... para você era isso ... o dom de ensinar ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** para a época ... as pessoas ao seu redor ... quando você estava na faculdade ... ali ... o que ... que se comentava ... e o que se valorizava em ser um bom professor ... “ah ... espera-se que um bom professor ... de Educação Física ... faça isso ... isso ... isso e aquilo outro” ... tinha essa fala?

**Professora Romilda:** então ... aí era difícil ... porque todos tinham ... davam sua função ali de ... ensinar ... e a gente ... sempre estava ligado no que eles ... davam para a gente na aprendizagem ...

**Pesquisadora:** e aí ... por exemplo ... os professores na faculdade ... então ... eles falavam sobre ... “ah ... para ser professor de Educação Física na escola ... você tem que agir ... de tal e tal forma” ... é isso ... que eu quero chegar ...

**Professora Romilda:** não ... não falava nada ... nessa parte ... eles só davam o conteúdo ... o conteúdo ... e as atividades práticas ... mas falar assim ... “você tem que dar isso ... dessa forma ... é ... que é melhor” ... não ... eles jogavam o conteúdo ... e a parte prática ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** você que fazia ... então ... mas não falava assim para você ... “ah ... você vai usar isso ... lá ... você” ... mas que depois que você se forma ... é que você consegue ... passar ... lembrar ... e para transmitir ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** entendeu? ... não que eles falam ... isso daqui ... dava normal ... eles davam jogos ... mas não comentavam ... sobre jogos ... falavam tipos de jogos ... é ... jogos calmantes ... jogos intelectuais ... jogos ... daí você falava ... “mas o que ia fazer” ... os objetivos dos jogos ... a gente não sabia ... porque eles não comentavam assim ... o que é o objetivo desse jogo ... sabe? ... a gente ... eles davam a apostila ... com os jogos ... assim ... a apostila já vinha certos jogos ... mas não tinha o objetivo ... então ... você que tinha ... que usar da mente ... para ver aquele jogo ... para transportar ... para o aluno ... qual o objetivo daquele jogo ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... quais eram as expectativas suas ... e dos colegas da época ... em relação assim ... a transformação no ambiente pessoal e profissional ... após escolher Educação Física como profissão ... e principalmente ... escolher ser professor de Educação Física na escola?

**Professora Romilda:** então ... aí que eu acho que é o dom ... da pessoa ... já que Deus acho que leva ... a gente praquilo ... sei lá ... não sei ... é uma coisa assim que ... vem de dentro ... parece ... que é uma impulsão ... sabe? ... eu ... por exemplo ... eu ... eu ... eu que me leva assim a ... pensar ...

**Pesquisadora:** o que você esperava?

**Professora Romilda:** ah ... eu esperava ... que eu ia ser professora ... mesmo ... e ia me dedicar ... na função de professora ... e a procurar dar o máximo de mim ... e isso que eu esperava isso de mim ... e que eu fiz até hoje ... que eu faço ... então eu ... às vezes as crianças reclamam hoje que ... não tem certas atividades... então a Lúcia ... minha colega ... falava ... assim ... “vai lá com a Dona Romilda ... que ela dá atividade ... para você” (risos) ... então ... é ... é ... mas isso daí ... vai mudando ... cada dom de uma pessoa ... Educação Física é isso daí ... é dom ... e ... ensinar é dom também ... porque eu acho que já vem de dentro da gente ... isso daí ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** e na Pedagogia?

**Professora Romilda:** então ... Pedagogia ... você tem que saber como ... conduzir né?

**Pesquisadora:** no curso ...

**Professora Romilda:** no curso ... eu fiz então ... o curso foi em Franca ...

**Pesquisadora:** e quando ... que foi?

**Professora Romilda:** esse curso ... de Franca ... eu ... eu fiz assim ... ele era curso vago ... só levava trabalhos ... sabe? ... que eu fiz ... e no final do ano ... eles só ... eles só davam notas pelos trabalhos ... não era um curso que você fazia assim ... direto ... igual hoje ...

**Pesquisadora:** foi quanto tempo?

**Professora Romilda:** um ano ...

**Pesquisadora:** a faculdade de Educação Física ... foram três anos ... licenciatura plena ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** e ... você ... fez a Pedagogia ... quando passou no concurso ... como professora de classe ... né?

**Professora Romilda:** é ... né ... em setenta e oito ... quando eu estava ... acho que em setenta e nove ... que a Julis nasceu ... inclusive eu não podia ... eu estava de licença ... uma colega minha ... chamada Joana ... ela levou os trabalhos ... que eu ... tinha feito ... ela levou ... para mim ... daí ... ela pegou ... foi depois pegar o diploma ...

**Pesquisadora:** aí ... podemos dizer que foram ... uns dez anos depois ... da faculdade de Educação Física ... que você atuou ... que você atuou em Fartura?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** quer falar alguma coisa?

**Professora Romilda:** dessa época que ... eu ... estava em Fartura ... que eu perdi praquela professora ... que eu te falei ... daí ... peguei aula no ... Óleo ... e ... Espírito Santo do Turvo ... também ... eu passava ... eu dava aula ... no Espírito Santo do Turvo ... de lá eu ia para Fartura ... tomava quatro ônibus ... para chegar lá ... e aquela época não tinha asfalto ... então o ônibus encalhava na serra ... lá é serra né? ... então às vezes não queria chegar atrasada ... eu ficava nervosa ... porque ia chegar ... atrasada ... e ... tudo isso ... na cabeça da gente ... porque você está naquela empolgação ... daí acontece aquela coisa ... esses imprevistos ... daí você pensa ... “como vou falar com o diretor ... eu cheguei atrasada ... porque o ônibus não descia a serra” ... era assim ...

**Pesquisadora:** em Fartura ... você ficou todo tempo ... na mesma escola?

**Professora Romilda:** fiquei em três escolas ...

**Pesquisadora:** ah ... três escolas ...

**Professora Romilda:** fiquei primeiro no Monsenhor José Trombi ... depois abriu no João Batista de Oliveira e depois no ... Coronel Marcos Ribeiro ... daí eu dava concomitante ... né?

**Pesquisadora:** sempre com bastante aula?

**Professora Romilda:** sempre com bastante aula ... quase o total ... quase ...

**Pesquisadora:** quase o total ...

**Professora Romilda:** não era total ... mas era quase... trinta e poucas aulas ... trinta e oito ... e eu ... nessa fase ...de experiência lá ... igual ... eles queriam participar ... aí tinha coisa que eu queria dar e não podia ... igual salto ... de extensão ... que tinha o campeonato colegial ... na época ... é ... tinha em todo lugar ... era campeonato colegial ... de vôlei ... de basquete ... atletismo ... e eu ia participar ... daí o que eu fazia ...

**Pesquisadora:** era ... tipo os campeonatos escolares hoje em dia?

**Professora Romilda:** é ... daí eu queria ... ensinar ... e punha a tábua de impulsão ... mas daí eu fiquei pensando ... “que ... que eu vou fazer ... vou dar para eles ... que não pode machucar ... para eles não se machucarem” ...

**Pesquisadora:** ahã ...

**Professora Romilda:** daí eu mandava ... tinha uma ... uma maquinaria ... de ... tirar palha do arroz ... eu peguei ... e pedi para o homem três sacos de palha de arroz ...

**Pesquisadora:** para amortecer a queda ...

**Professora Romilda:** para amortecer a queda ... e você sabe ... que ... olha ... todos os meus alunos voavam ... chegou lá em Marília ... no campeonato ... ganharam ... em corrida ... salto ... tudo ... foi medalhas ... eles levaram ... então ...

**Pesquisadora:** salto em distância ...

**Professora Romilda:** há ...

**Pesquisadora:** salto em distância ...

**Professora Romilda:** salto em distância ... e ... saltos em altura ... que eu punha para amortecer ... então ... na corrida ... eu fazia na subida ... porque ... lá ... a cidade é assim [mostra com as mãos o declive] ... a escola fica lá em cima ... então você pode ir descendo ... ensinava eles correrem na subida ... mas não exigia assim ... observava ... sabe? ... se estava com a respiração certa ... tinha um cronômetro ... eu tinha ... eu comprei um cronômetro na época ...

**Pesquisadora:** isso ... você vai contar depois ... vai contar mais um pouco disso ... no último ... tópico ... aqui ...

**Professora Romilda:** ah está ... então ... está ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ... ou pessoa ... que marcou esse período da formação?

**Professora Romilda:** ah ... foi mais assim ... porque ... a época que ia ... a turma achava que eu estava querendo aparecer ... e não era ... era uma coisa minha ... entendeu? ... daí ... tinha professor que estava comentando com outro ... achando ruim ... de eu ir buscar material ... didático ...

**Pesquisadora:** ah está ... da faculdade ... eu falo ...

**Professora Romilda:** ah ... da faculdade ...

**Pesquisadora:** da faculdade ... da formação mesmo ...

**Professora Romilda:** da formação não ...

**Pesquisadora:** não ... não ... não tem nada de especial ...

**Professora Romilda:** nada de especial ...

**Pesquisadora:** nada de especial ...

**Professora Romilda:** não ... nada de especial ... a formação ... sempre se deu bem ... assim ... com os colegas ... nunca ... até hoje ... elas me ligam ... sabe?

**Pesquisadora:** é ... mantém contato ...

**Professora Romilda:** ah ... nós fizemos um ... há pouco ... uns quatro anos atrás ... a gente tentou juntar ... os colegas que se formaram ... mas só vieram acho que uns vinte ...

**Pesquisadora:** ah ... veio bastante ...

**Professora Romilda:** nossa ... mas ... foi ótimo ... sabe? ... era de ... das duas classes era cento e pouco ... alunos ... cento e cinquenta e pouco ...

**Pesquisadora:** que se formaram ...

**Professora Romilda:** é ... da minha turma ... cento e setenta e pouco ...

**Pesquisadora:** se formaram ...

**Professora Romilda:** é que ...

**Pesquisadora:** é ... às vezes ... começa e termina ... com um número menor ... um grupo menor ...

**Professora Romilda:** é ... um grupo menor ... mas daí vieram só esses ... veio vinte ... mas foi muito bom ... a gente rever os amigos ... né?

**Pesquisadora:** é ... estão aposentados?

**Professora Romilda:** está ... tem uns que estão aposentados ... a dos outros ... estão fazendo ... outras atividades ... tem um que está ... é ... é ... cuidando ... de idosos ... é ... fiquei sabendo ...

**Pesquisadora:** quando ... foi que vocês se reuniram?

**Professora Romilda:** faz uns quatro anos agora ... atrás ...

**Pesquisadora:** se fosse quatro anos atrás ... ia ter um monte de gente para pesquisar (risos) ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** eu precisava ter vindo nessa festa (risos) ...

**Professora Romilda:** veio gente de Prudente ... a Maria Dizolina ... dai veio a Edna ... veio a ... como que ela chama ... a Irene ... veio o ... a Heloísa ... que era a madrinha da Julis ... e dos homens ... veio bastante colegas ... também ...

**Pesquisadora:** aí ... depois ... se você encontrar ... alguma foto ... documento ... fotografia ... registro ... desse período da formação ... pode ser tanto da graduação em Educação Física ... quanto dos cursos ...

**Professora Romilda:** da fase de Educação Física ... não tinha máquina fotográfica ...

**Pesquisadora:** de algum curso que você fez ... depois da ... Pedagogia também ... pode ser ...

**Professora Romilda:** eu posso ver o que eu tenho ... um tempo que eu não tenho ... eu tenho de uma aluna que faleceu ... lá de Fatura ... morreu na água lá ... que lá é represa ... e essa irmã dela ... Cirene Erusti<sup>182</sup> ... que me deu uma máquina fotográfica ... depois ... quando eu dava aula para ela ... daí ela me deu uma máquina fotográfica ... daí ... eu já estava formada né?

**Pesquisadora:** então ... da atuação profissional ... você tem fotos?

**Professora Romilda:** da atuação eu tenho algumas ... eu tenho quando dava teatrinho ... tem ... do diploma ... acho que das meninas ...

**Pesquisadora:** depois a gente ... tira dos diplomas ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** tudo bem ...

**Professora Romilda:** tudo bem [pausa na gravação] ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora nós vamos falar ... da experiência ... na atuação profissional ... o período que assim ... que corresponde ... é ... ao exercício da docência ... como professora de Educação Física ... na rede estadual ... de São Paulo ... então ... para iniciar ... gostaria que você falasse ... das primeiras experiências como professora de Educação Física ... na rede estadual ... a época que foi ... o contexto ... que nem a sociedade ... economia ... cultura ... da época ... as condições de trabalho ... das escolas ... se foi uma escola só ... se foi mais de uma escola ... como que foi assim ... o processo de socialização na profissão ... com os pares ... com os outros professores ... né? ... se tinha troca de experiências ... entre os professores ... com os professores mais velhos ... que já atuavam ou não ... as etapas de mudança ... se percebeu assim ... os momentos que iniciou ... os momentos de ruptura ... que ... do próprio desenvolvimento ... mesmo na carreira ... como professores ... você percebeu ... essas mudanças nessa própria prática ... se mudou de nível de ensino ... se sempre atuou ... no mesmo nível ... né? ... anos iniciais ... anos finais ... Ensino Médio ... se mudou muito de escola ... mudou muito de cidade ... se tinha muito conflito ... para resolver ... né? ... com os alunos ... ou entre aluno e aluno ... né? ... e se você ... consegue caracterizar ... as melhores e as piores experiências ... sobre que se dava o processo de reflexão ... a prática ... se você consegue visualizar como que você foi ... construindo como professora ... foi se vendo como professora ... de Educação Física ... se você trabalhava com ... práticas inovadoras ... para a época ... diferentes ... né? ... e se essas práticas tinham alguma consequência ... né? ... no que era comum ... a ser trabalhado ... e qual que era o sentido de ser professora ... nessa época ... principalmente nessa época que você se iniciou ... depois eu vou retomando ... está?

<sup>182</sup> Em 9 de janeiro de 2016, a professora Romilda se lembrou do nome da irmã: Lúcia Helena Andrade.

**Professora Romilda:** está ...

**Pesquisadora:** se quiser falar para mim ... da primeira experiência ...

**Professora Romilda:** eu iniciei como professora ... no final de setenta e um ... eu peguei uma substituição ... aqui na escola ... e ... e eu aplicava aquilo que eu aprendi na escola ... no momento ... da faculdade ... que eu estava aprendendo ... a medida que eu fui ... me desenvolvendo ... eu fui criando sobre aqueles tipos de atividades ... alguma coisa diferente ... que eu achava que precisava ... e então ... que os alunos também ... gostavam né? ... então eu comecei assim ... fim de setenta e um ... com substituição ... e em setenta e dois ... eu comecei a atuar ... em Fartura ... nas três escolas ... que tinha na cidade ...

**Pesquisadora:** só uma pergunta ... essa substituição ... foi como professora de Educação Física?

**Professora Romilda:** como professora de Educação Física ...

**Pesquisadora:** e as séries ... que séries?

**Professora Romilda:** as séries ... essa daí foi no ... é ... na série ginásial ... na série ginásial ...

**Pesquisadora:** está certo ...

**Professora Romilda:** na série ginásial ... e ... e ... em substituição à professora Isvânia ... que ela tinha ... pedido uma licença ... e foi poucos dias ... dez dias ... foi essa substituição ... e depois já entraram as férias ... foi bem no finalzinho do ano ... entraram as férias ... e os alunos ... eu vi que eles estavam assim ... animados com a aula ... então ... eu achava ... eu falava assim ... “ai meu Deus” ... eu ... eu sentia aquele medo ... de insegurança ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** porque eu estava ... saindo da faculdade ... já peguei aquelas dez aulas ... então ..... eu era meio insegura ... era insegura ... no começo ... daí ... depois ... eu pe ... minha mãe ... falava para mim ... “você vê qual Delegacia ... que você quiser” ... que poderia pegar ... igual a Delegacia de Bauru ... não tinha aula ... daí eu ... peguei fiz inscrição nas Delegacias vizinhas de ... Ourinhos ... é ... Assis ... várias Delegacias ... Jaú ... até em São Carlos eu fui ... fazer inscrição ... da ... da aula ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Romilda:** mas no momento ... o que eu consegui ... foi na cidade de Fartura ... que eu ... peguei na escola Monsenhor José Trombi ... e não era o total de aulas ... mas eu ... eu ... acho que tinha umas trinta e oito aulas ... por aí ... umas trinta e oito aulas ... e ... e ... eu ... nessa época ... eu viajava ... saía de Piratininga ... viaja ... ficava a semana inteira na cidade ... né? ... e ... voltava ... e ia fazer cursos ... nas outras ... no final de semana ... e ... em Assis ... que eu fiz aqueles cursos de recreação ... técnica de atletismo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e ... fui também para Ribeirão Preto ... que eu fiz cursos lá também ... e ... e dentro da cidade mesmo ... eu peguei aula em três escolas ... depois ... Monsenhor José Trombi ... foi a primeira ... depois quando ... é ... Coronel ... deixa eu me lembrar ... o nome agora ... eu estou com ela na cabeça ... a terceira ... que é do Coronel Marcos Ribeiro ... e ... o ... o do Seu Geraldo ... a escolinha dele ... é em ... vou lembrar o nome [folheia alguns papéis]

...

**Pesquisadora:** não tem importância ...

**Professora Romilda:** então [ainda folheando] ... ah ... João Batista de Oliveira ...

**Pesquisadora:** está certo ...

**Professora Romilda:** João Batista de Oliveira e ... a terceira que eu peguei ... foi Coronel Marcos Ribeiro ... tudo de Educação Física aí ...

**Pesquisadora:** ginásio?

**Professora Romilda:** é ... ginásio ... era ginásio ... mas daí ... no ... no Monsenhor José Trombi ... eu dei aula no Magistério também ... e no curso médio também ... só que era ... as

turmas eram assim ... separada ... feminina ... quem dava aula era o professor de Educação Física feminino ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** masculino ... era o professor de Educação Física masculino ...

**Pesquisadora:** o médio que você fala ... é o Ensino Médio de hoje?

**Professora Romilda:** é ... o de hoje ... é colegial ... então eu dava aula desde o ginásio ... até o colegial ...

**Pesquisadora:** certo ... colegial e Magistério ...

**Professora Romilda:** é ... e o Magistério ... e ...

**Pesquisadora:** e no Magistério era aula de Educação Física mesmo ... ou era metodologia do Ensino?

**Professora Romilda:** era aula de metodologia do ensino ... de aplicação ... da metodologia do Ensino da Educação Física ... para elas atuarem com as crianças para dentro da sala de aula ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... eu ... dava ... dava ... em período separado ... porque era a tarde ... o Magistério ... então ... de manhã eu dava aula para o ginásio e Ensino Médio ... do colegial ... e a tarde eu dava no Magistério ... eu tenho até fotos ali do Magistério ... e ... e como na minha docência assim ... então no início ... eu senti muito ... porque eu ... nunca tinha saído de casa ... né? ... para exercer ... e ... nunca tinha trabalhado também fora ... então eu ... me senti ... muito insegura ... mas com o tempo ... o passar do tempo ... assim ... dos meses ... eu fui adquirindo uma confiança muito grande em mim ... porque eu estava vendo que ... os alunos estavam achando as aulas excelentes ... e o professor que dava ... era professor leigo ... antes de mim ... então ele não tinha ... tanta assim ... aprendeu tanta metodologia ... tanta coisa ... para poder aplicar ...

**Pesquisadora:** não tinha formação ...

**Professora Romilda:** é ... a formação deles era diferente ... então eu ... daí eu fui adquirindo aquela confiança ... e fui vendo né? ... que os alunos gostavam do tipo que eu dava daquela aula né? ... e procurando usar os materiais que tinha na escola ... e ... eu ... na época ... tinha assim ... campeonato colegial ... campeonato ... na ... na cidade ... também teve muito campeonato ... e eu ... comecei a participar com os alunos ... coisa que eles nunca tinham ... entrado em competições ... daí nós fomos até para Marília ... Ourinhos ... e ... conseguimos ganhar várias medalhas ... assim ... com ... atletismo ... com vôlei ... basquete eu não dava muito não ... mas o vôlei era o que mais destacava ... porque era o que eles gostavam mais também ... mas ensinava também ... o ... a parte de basquete ... de handebol ... é ... arremesso de disco ... que lá tinha material ... sabe? ... então ... eu encontrei ... assim ... um material que eu podia usar ... dardo ... peso ... medicinibol ... tinham vários tipos de material ... lá na escola ... mas que nunca tinha sido usado ... pelos outros professores ... que eles eram leigos ... e não sabia como ... eu fui ... desenvolvendo a Educação Física através de ... mesmo sem material ... exercício com material ... sem material ... e eles ... foi ... assim ... eu notava que eles gostavam de ... do jeito que você dava aula ... então ... eu acho que ... assim ... eu perdi ... aquele medo ... aquela insegurança ... com esse desenvolvimento ... de estar participando de campeonatos ... em Iaras ... nós fomos também ... é ... levei aqui de Espírito Santo do Turvo ... alunos para competir lá ... então eu acho que aí ... foi um negócio assim ... que ... que eu desempenhei minha função ... de professor... porque ...

**Pesquisadora:** você levava aos campeonatos ... por conta própria ... ou a escola pedia ... a direção pedia ... como que era?

**Professora Romilda:** não ... a escola nunca exigiu ... não ... que eu ... participasse ... uma ... porque naquela época era difícil ônibus para transporte também de aluno ... então ... mas eu ia ... na prefeitura ... eu insistia ... para eles poderem participar ... sabe? ... porque ... eles falavam ... “ai Dona Romilda ... vamos participar” ... eu falei assim ... “mas a gente tem que ver se tem

condições ... se a prefeitura vai arrumar o ônibus ... para mim poder levá-los para lá ... porque eu não tenho carro ... não tenho condução ... condução nenhuma que eu possa transportar vocês” ... daí eu ... sempre eu tive ... assim ... com o prefeito ... nunca ele negou ... sabe? ... só uma vez que ele falou assim ... sabe? ... “o caixa aqui para a parte de cultura ... de esporte ... não está fortalecido ... assim ... mas a gente vai fazer um esforço ... para poder levar esses alunos” ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e eu consegui ... consegui ir com eles ... assim ... para transportar eles tudo ... na ... na cidade ...

**Pesquisadora:** e como era o contexto na época ... a sociedade ... a economia ... a cultura?

**Professora Romilda:** ah ... lá era uma cidade assim ... muito ... monetariamente ... o pessoal tinha grana ... sabe? ... então ... é ... é ... era uma sociedade ... eu acho assim ... normal ... assim ... tudo bem né? ... porque eles participavam ... os pais participavam das reuniões ... a gente se tinha algum evento ... eu ia ... a gente conversava ... sabe? ... eles iam saber sobre os filhos ... e ... a sociedade ... é ... uma sociedade ... como eu posso dizer ... uma sociedade assim ... que impunha respeito ... também nas coisas ... sabe? ... não tinha queixa assim ... então ... é ... é ... na época ... é ... eram pessoas que ... eu quase assim ... eu convivia só ... mais com os alunos na época ... porque os pais eram em reunião ... agora assim ... na cidade ... a participação da cidade ... era em desfile ... ah ... mas assim na parte de ... de ... de coisas assim teatrais ... tinha ... dentro da cidade ... inclusive ... tinha o professor Saito ... ele era japonês ... ele fazia muito teatro ... dentro da sala de aula ... e depois fora da sala de aula ... também ... na cidade ... apresentava e ... a gente participava junto assim ... com o pessoal ... a ... a ... a juventude ... né? ... ali dentro ... e ... era ... falar assim ... muito da sociedade da época ... era uma sociedade ... na parte social ... assim ... tinham todos os eventos ... assim ... na cidade ... então ... foi difícil quando eu cheguei né? ... na cidade ... porque eu não tinha conhecimento de ninguém ... não conhecia ninguém ... então um dia eu fiquei andando atrás ... de pessoas que pudessem me dar ... uma atenção ... para mim ... poder ficar e me desenvolver ... né? ... daí foi até que eu encontrei ... uma senhora chamada Dona Ivone ... tenho até a foto dela aí ... o esposo dela ... que me acolheu ... sabe? ... depois ... eu fiquei tempo na casa dela lá ... e ... a pessoa ... pessoal era assim ... muito dado ... comigo ... com os professores ... dentro da sala de aula ... qualquer coisa era ... assim ... me chamavam ... eu fiquei muito comunicativa ... com eles ... então ... tudo que tinha dentro da sala de aula ... às vezes até aluno ... inventava que tinha machucado para mim ... ir lá ... acudir ... e socorrer ... sabe? ... então ... porque eles viam ... então não sei o que eles viam em mim ... porque qualquer coisinha ... eles falavam ... “ah Dona Romilda ... corre lá com a Lúcia Helena” ... daí eu cheguei lá ... nem era a Lúcia Helena que tinha ... era uma festa para mim ... que eles tinham feito ... daí era a ... uma coisa assim ... e os alunos ... eles se desenvolviam assim ... através ... eu ... eu ... demonstrava exercício ... fazia uma vez ... daí eu com cuidado ... eu nunca pus aluno para se jogar ... eu sempre ... ficava parando ... as primeiras ... por exemplo ... eu vou ensinar uma cambalhota ... eu ficava perto ... ensinava se agrupar bem ... para fazer o rolamento ... então nessa parte ... não teve ... única coisa que teve na minha aula ... foi ... uma aluna ... que tinha um problema na coluna ... de nascença ... quando ela fez o rolamento ... ela ficou esticada ... daí eu nem mexi ... peguei o colchão ... fui puxando devagarzinho o colchão ... e ... mandei chamar o médico ... no hospital ... o hospital veio ... daí pôs ela na ambulância ... levou ... mas daí foi constatado depois ... até chamei a mãe ... conversei né? ... com a mãe ... e a mãe levou para Avaré ... porque Avaré tinha mais recurso ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e daí ... o médico falou que esse problema que ela tinha era de nascença ... foi até bom porque ela estava em fase de desenvolvimento ... então conseguiu corrigir ... entendeu? ... porque senão ela ia com o tempo ficar ... ia ficar ... ia ter deformação ... e então

... acho que foi por Deus também ... que aconteceu isso ... para ... eu assustei na hora ... porque ... nunca tinha acontecido ... daí aconteceu aquilo ... eu fiquei ... meio assustada ... é porque ... um aluno ... fica esticado ... não se movimenta ... eu ... eu achei que ... eu falei “meu Deus” ... mas eu estava com todo cuidado ali ... então foi o problema mesmo dela ter a ... o problema na coluna ... né? ... de nascença ... e ... depois ... assim ... do desenvolvimento em sala de aula também ... com o Magistério ... eu trabalhava muito assim ... eu colocava ... o conceito na lousa ... o sinótico ... depois ia desenvolvendo ... junto com elas ... e ia fazendo perguntas ... elas respondiam ... né? ... daí conforme elas respondiam as perguntas ... eu ia ver ... colocando na lousa ... às vezes eu ia ... assim ... o jeito da gente ensinar dentro da sala ... às vezes não chega até o aluno né? ... mas ... eu não sei ... como que eu conseguia ... puxar deles ... através de perguntas ... essas coisas ... porque ... não era só por lá na lousa ... sabe? ... daí eu falava ... “como você poderia trabalhar com aluno ... em sala de aula ... com esses tipos de atividades”... daí elas iam falando ... depois elas até fizeram um caderninho ... depois ... é ... com todos os tipos de brinquedos ... sabe? ... e ... e o jeito que ... a formação ... o desenvolvimento dentro da sala de aula ... do jeito que a gente desenvolvia ... eles também aplicavam ... mas eu ... ah ... eu não cheguei a trabalhar com elas junto ... junto com crianças ...

**Pesquisadora:** só com elas?

**Professora Romilda:** é ... só com elas ... porque a diretora na época ... ela não deixava sair da sala de aula ... sabe? ... cada diretor é um tipo né? ... não é o ... então ... eu ...

**Pesquisadora:** você falou ... você falou sinótico ...

**Professora Romilda:** ähn ...

**Pesquisadora:** sinótico ... foi essa a palavra?

**Professora Romilda:** sinótico ...

**Pesquisadora:** é ... o que ... que é?

**Professora Romilda:** a gente ... eu colocava assim ... por exemplo ... se eu fosse falar ... sobre alguma atividade ... eu colocava um sinótico assim na lousa ... do que eu ia dar ... sabe? ... daí a gente ia desenvolvendo aquilo ...

**Pesquisadora:** o que é um sinótico?

**Professora Romilda:** sinótico ... é ... por exemplo ... você vai dar ... tipos de brinquedos ... então né? ... brinquedos de correr ... então eu vou por na lousa ... brinquedos de correr ... brinquedos de saltar ... brinquedo ... é ... de ... de roda ... brinquedo de ...

**Pesquisadora:** para chamar a atenção ...

**Professora Romilda:** é ... para chamar a atenção ... daí através daquilo lá ... eu pegava e falava ... “vocês é ... que tipo de brinquedo ... que vocês já fizeram ... de correr ... depois ... de saltar ... de ... brinquedos cantados” ... então eu ia ... através desse sinótico que eu ponho ... elas iam ... desenvolvendo ... o tipo de atividade ...

**Pesquisadora:** entendi ... e as condições das escolas ... as condições de trabalho ...

**Professora Romilda:** como?

**Pesquisadora:** condição mesmo ... da escola ... espaço ... estrutura ... materiais ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... material assim ... para a parte de ... do Magistério ... eu só tinha a lousa ... o giz ... as lousas e o material ... e ... e ... a gente ... eu que improvisava as coisas ... às vezes dentro da sala de aula ... se não tem certo material ... né? ... então você tinha que ... às vezes eu demonstrava ... no Magistério ... por exemplo ... elas não foram minhas alunas ... quando eu cheguei ... elas não foram minhas alunas no ...

**Pesquisadora:** nos anos anteriores ...

**Professora Romilda:** porque tinha lá ... começou o Magistério depois ... então ... daí eu tinha ... se eu falasse medicinibol ... elas não sabiam o que era medicinibol ... então eu ia lá e mostrava ... o medicinibol ... falava ... ó ... essa bola pesada aqui ... tem de vários pesos ... chama medicinibol ... entende? ... então ... é ... material desconhecido para elas ... daí



conforme o material que eles podiam trabalhar ... daí eu falava ... vocês podem trabalhar com futebol com bolas de meia ... bolas de borracha ... porque trabalhei muito com bolas de meia ... também ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** então ... que ela não machuca tanto ... né? ... então ... eu trabalhei ... então ... elástico ... coisas com elástico ... então eu ia falando para elas ... o tipo assim ... atividade que podia ser dada ... e elas de ... e depois ia desenvolver através das aulas ... com os alunos ... como eu ... que aprendi metodologia ... tudo ... depois cheguei na escola ... também não tinha ... assim ... não sabia o que ... que tinha ... é que eu fuçava os lugares ... procurava para ver ... esse ... se eu achava material ... e às vezes tinha sala desativada ... trancada ... que ninguém usava ... sabe?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** eu era curiosa ... sabe? (risos) ... eu fuçava ... eu achava ... as coisas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí ... eu comecei a utilizar o material ... quando eu descobri que tinha ... eu comecei a desenvolver atividades com aqueles materiais ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** porque se eu ... se eu não tivesse ... também não podia ... eles não conheciam o tipo de material ... daí eles falaram ... “medicinebol ... fala em medicinebol ... que ... que ... é isso” ... né? ... eu falei assim ... “são bolas né? ... são vários pesos ... né? ... que a gente aplica ... para desenvolver o peso ... a força ... a forma ... se você vê a forma ... o tamanho ... desenvolve a ... o espaço-temporal” ... né? ... então ... essa parte eu trabalhei muito lá ... essas atividades ...

**Pesquisadora:** o tempo que você ... você ficou lá em Fartura ... o tempo todo ... você ficou nessas três escolas?

**Professora Romilda:** ah ... foi na ... então ... fiquei nas três escolas até o final ... até foram dez anos que eu fiquei lá ... então ... né? ... quase dez anos ... porque eu fui em setenta e ... um ... mas é ... é ... setenta e dois ... eu comecei dia três de março de setenta e dois lá ... daí fui até oitenta ... que eu era ainda celetista ... depois que eu tive ... que abandonar a ... a CLT<sup>183</sup> ... para mim assumir em Guarulhos ... né? ... mas daí ainda voltei lá ... em Fartura ... fiquei mais um tempinho e depois ... peguei aula em Manduri ... no Óleo ... perto de Manduri ... e ... e ... ah ... concomitante ... eu também dei aula aqui em Espírito Santo do Turvo ... que eu parava ali ... e dava aula ... de Educação Física ... mas nas séries assim ... ginásial ...

**Pesquisadora:** mas durante ... todo o tempo ... que ficou em Fartura ...

**Professora Romilda:** não ... todo tempo não ... mas é ... foi ... no Espírito Santo do Turvo ... eu ... eu ... em setenta e oito ... foi minha sede de controle de frequência ... lá ...

**Pesquisadora:** ah está ... e antes ... era em Fartura?

**Professora Romilda:** é ... e daí eles passaram minha sede de controle ... de frequência ... e eu ia para Fartura de lá ... tomar quatro ônibus para chegar em Fartura ... porque a ... a estrada ... era estrada de barro ... aquele barro ... é ... massapê ... escorregadio ... terra vermelha ... e ... tinha ... a serra ... que a gente ... e muitas vezes era dificultoso chegar na cidade ... quando chovia ... eu passei muito nervoso aí ... porque o ônibus às vezes encalhava e eu tinha horário de aula ... e a gente não podia ... chegar no horário ... às vezes o diretor não gostava ... então eu ficava preocupada ... eu queria ser sempre pontual ... então ... eu tinha aquele medo de não chegar ... daí dava nervoso né? ... porque ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** mas eu passei ... em Espírito Santo do Turvo ... e depois ... fui readmitida nas três escolas de Fartura ... em setenta e nove ... é ... como celetista ... e ... depois

<sup>183</sup> Consolidação das Leis do Trabalho.

... foi ... foi transfe ... bom ... lá nesse período ... o que falo é isso ... eu ... as aulas que eu dava ... quando era festa ... junina ... eu ia atrás de sanfoneiro ... para ... para ... é ... para ensinar ... por exemplo ... a música ... é ... como chama aquela música que eu dava ... “olé ... mulher rendeira ... olé mulher renda” ... e não tinha naquela época disco ... eu não consegui ... então ... eu cantava ... daí a sanfoneira ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** é ... ela ...

**Pesquisadora:** e ... em relação aos conflitos ... conflitos entre alunos ... com os alunos?

**Professora Romilda:** conflitos ... nunca tive ... conflito com aluno ... nunca ... se eu falar que eu tive conflito ... eu estou mentindo ... nunca tive ...

**Pesquisadora:** e entre eles ... os alunos?

**Professora Romilda:** como?

**Pesquisadora:** conflito entre os próprios alunos ...

**Professora Romilda:** entre os alunos ...

**Pesquisadora:** é ... durante as aulas ...

**Professora Romilda:** era muito ... muito pouco também ... eu não sei se era porque eu controlava ... às vezes ... eu ouvia alguma coisinha ... eu já chegava ... conversava ... com eles ... e ... assim ... de briga ... de violência ... Fartura eu nunca tive ... para falar a verdade ...

**Pesquisadora:** talvez por falta da região ...

**Professora Romilda:** nem ... aqui na região ... de Espírito Santo ou Óleo ... também que eu fiquei pouquinho no Óleo ... eu não tive problema com aluno ... assim ... de ... briga ... conflito ... e nem eles ... entre eles ... eu dominava assim ... porque ... eu achava assim ... se eu ouvisse alguma coisinha ... que ia ... eu já ia lá e conversava ... e eles separava ... não ... assim ... de a conversa ... e não ia para a frente o negócio ... sabe? ... eu não sei ... é ... o jeito da gente ...

**Pesquisadora:** mas tinha conflito ... então?

**Professora Romilda:** é ... a ... que assim ... alguma coisinha ... mas é mínima ... sabe? ... eu não lembro ... disso daí ... que eu tive que ... mandar aluno para a diretoria ...

**Pesquisadora:** não?

**Professora Romilda:** não ... tsc ... tsc ... tsc ...

**Pesquisadora:** e aqui em Piratininga?

**Professora Romilda:** ah ... aqui em Piratininga já teve né? ... já na época ... já tinha ... mudado a época ... já estava entrando as drogas ... então o negócio estava já ... começou ... mas assim ... foi mais no final ... uns três ... quatro anos ...

**Pesquisadora:** final da carreira ...

**Professora Romilda:** antes de eu aposentar ... que teve mais ... mas ... assim ... com aluno ... também ... assim ... comigo ... não ... eu não me lembro ... agressão ...

**Pesquisadora:** como que ...

**Professora Romilda:** entre eles ... brigava assim em jogo ... daí eu sentava e conversava ... sabe? ... e ... e ... eles ... acabavam parando ... um dia fui separar uma briga ... e ... o do ... um tal de Ricardo com o Júnior ... e eu sou mais baixa ... eles já estavam um homão alto né?

**Pesquisadora:** ahãhã ...

**Professora Romilda:** alto ... daí o Ricardo ... fui e conversei ... né? ... não estava conseguindo apaziguar ... porque eles estavam ... um ... chamando o outro ... de nome ... assim ... feio ... sabe? ... então ... eu peguei ... fui conversar ... mas daí ... quando eu olhei ... tinha apaziguado ... quando eu olhei ... os dois estavam na escada da quadra ... do campão ... um estava atacando o outro ... daí ... eu entrei no meio ... separei ... até ... eu nunca tenho unha comprida ... as minhas unhas sempre foram curtas ... o filho ... um era filho do ... da diretora ... ele fez assim para mim ... não separar ... e minha unha bateu nele ... daí ele foi falar para a mãe dele que eu tinha unhado ele ... e eu nunca fiz isso na minha vida ... nunca ... foi o jeito ... que ele

fez ... que ... sabe? ... daí eu conversei ... com a mãe dele ... eu falei ... “não ... imagina ... nem unha eu tenho” ... falei para ela ... “ele deu um arrancão ... porque ele não queria largar do outro ... então conforme ele fez assim ... minha unha ... eu fui separar ... a unha ... relou nele ... mas nem fez nada ... um risquinho ... de coisa” ... daí eu acho que ele quis ... porque a mãe era diretora ... né ... foi falar ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** mas ... não aconteceu nada ... é ... a única coisa assim ... e ... alunos que eram do meio ... muito ... precário ... eles ... teve um ... um tal de Emerson ... ele levava prego na escola ...

**Pesquisadora:** isso aqui já?

**Professora Romilda:** é ... em Piratininga ... mas do lado de Fatura ... não tive nada ... só aqui mesmo ... lá em Fatura eu conseguia assim ... o carinho ... era um carinho ... e ... eu dava carinho ... e eles davam carinho ... também ... e gostavam das aulas ... do tipo de aula que eu dava ... porque eu fazia também as aulas ... então ... eles ficavam olhando ... eu fazer ... sabe? ... então ... eu fazer a rotina de cambalhota ... daí ... eles despertavam ... também ... neles ... a vontade de fazer ... e tinha aqueles ... que sempre tem um ou outro ... não gosta ... porque eu acho que também ... é um pouco de dom ... sabe? ... então tinha ... mas eu falava assim ó ... “você não precisa ... se você não gosta ... você tem que pelo menos participar de alguma outra forma ... então ... você vai participar ... fazendo um trabalhinho” ... eu dava sempre um trabalhinho ... para quem não gostava ... mas assim ... tirava ... alguma atividade que eles gostavam ... eles faziam ... não era toda ... tinha menina que tinha medo de jogar vôlei ... ela se encolhia toda ... não gostava de bola ... de jogo de bola ... mas ... com o tempo ... elas foram perdendo também ... medo ... como a gente sente algum medo ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** é alguma coisa ... elas também ... então eu nunca fui professora ... de pressionar ... o aluno ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** para fazer atividade ... porque eu achava que ... que ... tudo é um dom ... o tricô é um dom ... o crochê ... é um dom ... é ... nem todo mundo ... tem dom para uma coisa ... né? ... para certas coisas ... então ... eu sempre fazia assim ... eu dava ... em forma de trabalho ... para fazer ... para repor ... as aulas ... e naquela época tinha ... exame biométrico ... que era feito né? ... de ... de ... altura... biométrico ... de altura e peso ... e ... exame médico ... que ... é ... eu acho que até hoje ... deveriam ... porque ... esses dias não sei com quem ... que eu estava conversando ... que a menina dela caiu ... ah ... a Bel ... que era minha vizinha ... a menininha dela está na escola ... ela caiu na escola ... na aula de Educação Física ... e ... está com sopro ... então ... não foi feito ... um exame médico ... para ela ... para poder atividade ...

**Pesquisadora:** para saber que ela já tinha né?

**Professora Romilda:** então ... eu acho que isso ... ainda hoje ... é ... é necessário ... né? ... ter isso daí né? ... e outra eles gostavam quando fazia ... porque ... eles sabiam o peso ... a altura ... é ... daí ... e se houve desenvolvimento na aula ... sabe? ... então ... ele falava ... “nossa ... eu cresci” ... você via o aluno falando ... “nossa ... começo do ano até agora ... eu cresci ... e bastante ... o peso” ... é ...

**Pesquisadora:** uma avaliação que fica né? ... entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu acho que isso daí ... tinha ... tem que ter ... né? ... tem sim ... tem escola que exige ... hoje ainda ... será que tem ...

**Pesquisadora:** depende da escola ... avaliação física ... normalmente ... pelo menos ... nas escolas que eu trabalhei ... pedia ... no início do ano ... para saber ... antecedentes do aluno ... se ele tinha problema de saúde ou não ... e se tinha ... tinha que levar para consultar ...

**Professora Romilda:** então ... lá eu descobri ... tinha ... Ana ... Erustes ... eu sei que o sobrenome ... dela ... era Erustes ... ela também ... ela estava com sopro ... e através desse

exame ... que foi detectado ... no começo do ano ... daí ela fez o tratamento ... daí o médico liberou ela ... depois ela voltou a fazer aula normal ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** de Educação Física ...

**Pesquisadora:** e em relação ... às normas da escola ... regras da escola?

**Professora Romilda:** então ... as normas ... quando eu che ... eu cheguei em Fartura ... você sabe? ... marinheira de primeira viagem ... eu não sabia assim ... que podia dar tanto número de faltas ... na ... na ... na escola ... sabe? ... então ... daí ... daí ... eu fui aprendendo ... assim ... conforme eu fui me desenvolvendo ... eu fui observando ... aí eu vi que podia dar uma falta ... no final do mês ... é ... o ... e ... assim ... dentro da escola mesmo ... tinha normas né? ... você ... igual ... eu tive um diretor ... chamado Alcides Ximenes ... que foi o primeiro diretor meu ... lá ... e lá ... quando chovia ... a quadra ficava escorregadia ... porque ... ia o barro tudo na quadra ... e não tinha assim ... como eu dar aula ... numa quadra daquela ... o pátio era pequeno ... e a turma muito grande ... e tinha ainda o professor de masculino ... para a gente dividir ... não tinha como ... né? ... então ... que ... que eu fazia ... pegava esses alunos ... eu dava aula dentro da sala de aula ... dava atividade assim ... por exemplo ... se fosse de passar papel ... é ... é ... aqueles jogos assim ... que você solta a folha ... você tem que rir ... vai rindo enquanto a folha está caindo ... quando ela parar de cair ... aí você ... você não pode rir mais ... daí ... eles continuavam rindo ... achavam graça ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e vários jogos na lousa ... dava muito joguinho ... assim que entrava de português ... por exemplo ... punha uma palavra ... verificação ... e daí eles tinham ... que daquela palavra ... tirar muitas palavras ... da ... do ... verificação ... que ... que ... da ação ... da ... eles iam formando palavras ... daquelas palavras ... eles formavam muitas palavras ... e daí eu dava um tempo ... para eles ... terminarem ... aquele que terminasse primeiro ... daí ... ia falando ... sabe? ... e muitos joguinhos assim ... dentro da sala de aula ... que davam para dar ... que eu tenho é ... agora em mente ... é duro você lembrar todos ...

**Pesquisadora:** não ... imagina ... mas ... e as regras escolares?

**Professora Romilda:** as regras ... então ... o diretor ... ele impunha assim regras ... é ... na sala dos professores ... sabe? ... não podia fumar ... eu não fumava ... mas quem fumava ... ele ... ele ... falava para ir fumar lá fora quem fumasse ... então ... tinha regra ...

**Pesquisadora:** e para os alunos?

**Professora Romilda:** então ... eles não deixavam fumar ali dentro da sala de aula ... nem dentro da sala dos professores ... e ... as regras ... assim ... é ... das regras assim mesmo ... não impunha regra assim ... sobre o professor ... tinha que ... assim ... participar das atividades da escola ... corretamente né? ... tinha que ter ... e ... ajudar assim ... nas festividades que tinham ... coisas que ele ... mas regra ... regra ... sobre ...

**Pesquisadora:** horário ...

**Professora Romilda:** horário ... horário ... a gente cumpria ... porque eu mesmo ... eu sou assim ... se eu falar ... um horário ... eu estou lá (risos) ... aí ...

**Pesquisadora:** certo ... como você caracteriza ... quais as experiências ... que você caracteriza como as melhores ... e as piores?

**Professora Romilda:** melhores experiências ... minha ... eu acho que foi assim ... foi para o campeonato ... sabe? ... assim ... que eu preparei ... os alunos para o campeonato ... e ... eu acho que foram as melhores experiências ... assim ... o trabalhar para participar de campeonato colegial ... mas atualmente ... já ... não estava dando ... no final da minha carreira ... porque estava muito agressão de uma escola com a outra ... porque ganhava campeonato ... a turma de uma escola atacava a outra escola ... então ... nós ... eu mesmo ... fui agredida lá ... no ... em Bauru ... aqui já ... no ... lá em Fartura ... NÃO ... não teve isso ... nem Ourinhos ... nem Marília ... mas aqui ... aqui ... houve isso daí ... agora lá ... só foi assim ... destaque ...

sabe? ... coisa de destaque ... não tive assim ... uma coisa que eu posso falar ... que ... eu ... coisa pior ... para mim ... não teve ... eu não ... não vou falar ... foi quando ... a única coisa ... que eu senti ... foi quando eu perdi as aulas lá ... com a professora efetiva ...

**Pesquisadora:** em Fatura ...

**Professora Romilda:** escolheu uma professora ... efetiva ... porque eu era ACT ... lá ... então ... eu ... eu senti ... porque ... eu até pensava em casar e morar lá ... sabe?

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Romilda:** mas como ela escolheu ... eu tive que ... sair do cargo ... e ficar só na parte do ACT lá ... assinando ponto ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e eu não gostava daquilo ... de ficar ... eu queria ... atividade ...

**Pesquisadora:** isso ... você considera ... como a pior experiência?

**Professora Romilda:** é ... eu acho que foi ... a falta de atividade ... dentro da ... ali ... quando eu passei ... perdi as aulas ... e ... e ... fiquei ali ... porque para mim ... fiquei ali parada ... dava impressão ... que eu estava ganhando o pão ... sem trabalhar ... sabe?

**Pesquisadora:** você tinha ... o cargo ... mas não tinha aula ...

**Professora Romilda:** é ... tinha o cargo ... mas não tinha aula ...

**Pesquisadora:** e nesse período ... que você ... ficou em Fatura ... você lecionava só para as meninas então?

**Professora Romilda:** para as meninas ... é ... era tudo separado ... menino ...

**Pesquisadora:** até quando ... quando foi separado?

**Professora Romilda:** é ... é ... depois ... quando foi vim para cá ... já estava com ...

**Pesquisadora:** já estava junto?

**Professora Romilda:** é ... já ... estava professor ... é ... dando aula para o masculino ... aí ... uma época ... ainda ... porque ... quando ... eu voltei para cá ... eu estava ainda no ... dando aula para o primário ... aqui ...

**Pesquisadora:** certo ... aí quando ...

**Professora Romilda:** aí quando eu completava com a Educação Física ... né?

**Pesquisadora:** mas você ficou ... com tempo ... por exemplo ... sem lecionar ... para a Educação Física ... ou não?

**Professora Romilda:** não ... não ...

**Pesquisadora:** está ... então você veio ... para cá e já ficou nos dois?

**Professora Romilda:** é ... daí já estava separado ... meninos das meninas ... masculino do feminino...

**Pesquisadora:** estava separado ... ainda ...

**Professora Romilda:** é ... já estava separado ... porque o Tutem<sup>184</sup> ... ele estava ... ele deu aula ... um tempo para menina e para menino ... aqui ... depois quando eu ... peguei na escola ... ele já estava dando aula só para menino ... e eu peguei o feminino ... entendeu?

**Pesquisadora:** quando que juntou ... aqui?

**Professora Romilda:** quando teve essa junção ... aí ... a data que eu não me lembro ...

**Pesquisadora:** mas você lecionou?

**Professora Romilda:** lecionei ... eu lecionei ...

**Pesquisadora:** foi mais para o ... final da carreira ...

**Professora Romilda:** ah ... não ... aqui para os ... meninos ... eu dava ... aula assim ó ... só as duas classes juntas ... era por classe ... porque saía uma classe para levar ... daí você dava aula ... eles colocavam assim ... durante o período de aula ... aí ... assim ... Educação Física ... então ... você ... por exemplo ... sete horas da manhã ... vamos supor ... eu pegava 5<sup>a</sup>. série ... daí eu levava a 5<sup>a</sup>. série ... daí ... dava aula ... daí ... eles voltavam ... para a quadra ... ficava ... é ...

<sup>184</sup> Referiu-se ao professor Antônio Carlos Daher.

soltava quinze minutos antes ... para eles ... fazerem a higiene pessoal ... para depois pegar outra classe e ir para a quadra ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** então era ... durante o pe ... quando eu peguei ... que era durante o período de aula ... agora em Fartura ...

**Pesquisadora:** mas era ... junto ... menino com menina?

**Professora Romilda:** era junto ... era porque ... é ... a ...

**Pesquisadora:** quando você começou ... aqui então ... já era junto?

**Professora Romilda:** lá no Coronel ... já era junto ...

**Pesquisadora:** só em Fartura ... que você teve ... essa experiência de ... dar aula só para menina?

**Professora Romilda:** é ... diferente ... é ... é ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e o Navarro ... dava aula para os meninos ...

**Pesquisadora:** então ... aqui ... sempre foi junto?

**Professora Romilda:** aqui sempre foi junto ... desde o Ciclo Básico ... já ...

**Pesquisadora:** até o Ensino Médio ...

**Professora Romilda:** é ... depois ... então ... lá ... a gente ... tinha a diretora ... que ela fazia a aula das cinco e vinte da manhã ... porque era antes da hora deles entrar ...

**Pesquisadora:** lá em Fartura ...

**Professora Romilda:** é ... na sala de aula às sete horas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... eu me sacrificava ... porque ... é ... eu dava aula ... até onze e meia ... meia noite ...

**Pesquisadora:** então lá ... era fora do horário ...

**Professora Romilda:** era fora do horário ...

**Pesquisadora:** e ... separado ... menina de menino?

**Professora Romilda:** é ... é ... só o Magistério que era junto ...

**Pesquisadora:** era junto?

**Professora Romilda:** é ... o Magistério ... o Magistério lá ... era junto ... masculino com feminino ...

**Pesquisadora:** aí também ... porque o foco era outro ...

**Professora Romilda:** é ... também ... e ... daí ... eu ... ela ... eu dava aula ... até quase meia noite ... até chegar na pensão ... onde eu morava ... já era uma hora quase ... e dez anos ... quase ... eu levei essa vida ... dormindo tarde ... levantando de madrugada ... para dar aula ...

**Pesquisadora:** quando você foi ... lecionar no Magistério ... você recebeu alguma orientação ... porque o objetivo da Educação Física era outro ... né?

**Professora Romilda:** não ... não recebi ... nada de orientação ... no Magistério eu comecei assim ... com dificuldade lá ... por causa disso ... entende? ... porque eu não tinha orientação de ninguém ... só assim ... aqueles guias curriculares ... da época ... tinha um verdão ... não sei se você sabe ...

**Pesquisadora:** acho que não ...

**Professora Romilda:** vinha os objetivos ... os conteúdos ... os objetivos ... então eu fui ... seguindo aquilo ... sabe? ... daí eu fui tirando ... vendo o que era necessário para o Magistério ... vendo o que eles podiam usar ... para aplicar na sala de aula ... e fui ... mudando ... sabe? ... e aí ... eu comecei ... pelos guias curriculares ... depois ... mais para a frente ... eu tinha um livro também ... que eu me baseava ... para as séries ... de 1º. grau ... tirava alguma coisa ... depois criava outra ... em cima daquilo ... era um livrinho grosso ... muito bom ... também ... aquele livrinho ... é ... como que chama ... eu tenho ... eu devo ter ... ele ainda ... mas enfim ... não me lembro o nome ... eu me baseava ... eu ... eu ... eu dava o conteúdo ... mas eu sempre

... procurava mudar ... sabe? ... eu não ficava ... só naquilo ... procurava transferir para alguma coisa ... igual por exemplo ... eu dava ... aquele ... na quadra ... aqueles trenzinhos ... daí um dia ... né? ... eu peguei e falei ... “não ... essa quadra ... ela é boa ... ela ... ela tem linha para tudo quanto é qualquer lado ... o que eu posso dar de trânsito aqui ... na semana do trânsito” ... daí ... eu formava os trenzinhos ... falava assim ... “ó ... vocês vão andar nas linhas ... da quadra ... só ... que vocês não podem trombar ... vocês sabem que ... trem se tombar ... dá choque ... ou então ... vocês tem que procurar ... um trem para o lado ... e desviar sobre as linhas ... que tem na quadra” ... daí ... eles pensavam ... para fazer ... sabe? ... então ... eu ... isso daí ... eu também acho ... que foi ... deu um desenvolvimento ... na parte ... de ... de ... de trânsito ... de aprendizagem ... porque ... eles aprendiam ... a esquerda ... direita ... então ... eles procuravam pensar o que é ... era esquerda ... o que era direita ... para eles mudarem direção ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... eu sempre achava assim ... alguma coisa ... se tivesse que dar ... uma música ... por exemplo ... alguma coisa assim ... e eles falassem alguma coisa ... eu sempre tinha uma música ... para cantar ... para eles lembrarem ... sabe? ... então ... eu não sei se esse tipo de atividade que eu dava ... isso chamava ... a atenção ... deles ... eu não sei ... é uma coisa ... que eu não sei te explicar ... o porquê (risos) ... e eu por exemplo ... a gente ... hoje ... fala ... de pular sela ... na ... no meu tempo era ... unha na mula ...

**Pesquisadora:** acho que depende da região né?

**Professora Romilda:** da região ... né? ... então ... é ... a gente dava esses tipos de atividades ... olha ... dava com menino ... a menina ... tudo ... nunca deu ... assim ... briga ... eu não sei ... era um respeito ... tinha ... respeito ... porque eu respeitava também ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** sabe? ... eu sempre respeitei o aluno ... então ... eu acho que eles também viam isso ... e procuravam me respeitar ... porque eu não deixava ... acontecer as coisas ... eu ... conforme ia ... acontecendo ... eu ia ... sabe?

**Pesquisadora:** sim ... e as ... inovações assim ... práticas diferentes ... que você chegou a propor já ... a trabalhar ... era diferente ... por exemplo ... do que os colegas ... faziam?

**Professora Romilda:** ah ... então ... os meus colegas ... em sala de aula ... eles eram ótimos professores também ... só que ... eu incomodava certas coisas ... assim ... dos alunos ... a quadra ser muito próxima às salas de aula ... que era ... então eles se empolgavam na aula ... e atrapalhavam ... às vezes ... a aula ... e como na aula ... de Educação Física ... você vai ... então ... tapar a boca do aluno ...

**Pesquisadora:** não tem como ...

**Professora Romilda:** não tinha como ... porque a ... a quadra era feita ... por isso que eu falo ... quadra ... depois que eu comecei ... dar aula ... em ginásio mais distante ... daí acabou a reclamação ... porque eles reclamavam ... sabe? ... mas eu falava ... “gente ... como que eu vou fazer ... se a quadra ... fica próxima à sala de aula” ... a quadra era aqui ... a sala de aula era aqui ... e os alunos ... que estavam dentro da sala de aula ... queriam ir para a aula (risos) ...

**Pesquisadora:** queriam ir para a quadra?

**Professora Romilda:** ficavam ... dispersos ... né? ... então ... é isso que atrapalhava às vezes ... mas a culpa não era a minha ... inclusive tinha vizinho ... é ... mandei por tela bem alta ... para a bola não cair ... para lá ... para o outro lado ... porque no vôlei a bola ia ... para o outro lado ... daí ... o homem segura o ... o vizinho segurava a bola ... e não dava mais ... então tinham ... essas coisas também ... mas eu sempre assim procurava ... ver o ALUNO ... VER ... por exemplo ... eu tinha costume de olhar ... quadra ... antes de ... não sei ... porque ... que eu era assim ... mas eu tinha ... se tinha caco de vidro ... para os alunos não se machucarem ... sabe? ... eu sempre fui assim ... até hoje ... eu olho uma coisinha assim ... que eu vejo que vai ... prejudicar o próximo ... eu tiro ... do caminho ... sabe? ... eu ... inclusive eu falo ... para as

minhas filhas ... nunca deixa faca com ponta ... para cima ... quando tem criança ... e ... eu ... falo porque ... eu sei que pode ... machucar ...

**Pesquisadora:** é um cuidado né?

**Professora Romilda:** é um cuidado ...

**Pesquisadora:** mas e inovação ... prática nova?

**Professora Romilda:** inovação ...

**Pesquisadora:** diferente ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... aí foi ... através de curso ... que eu ... fiz ... que eu fui também inovando ... porque às vezes ... você ... aprende uma coisa num ... no outro você aprende o que você ... não conhece ... e você ... vai ... vai ... vai colocando na sua prática também ... e assim ... você vai desenvolvendo ... vai fazendo inovações ... dentro da sala de aula ... através de curso ... quantos cursos ... eu fiz até um curso ... de ... que ... fala assim ... por exemplo ... que destrava a língua do aluno ... “olha o sapo dentro do saco” [fala rápido] ... “olha o saco ... com o sapo dentro ... na briga a rã ... a rã arranha a aranha ... a aranha arranha a rã” ... sabe? ... isso eu aplicava também ... não era só a parte de Educação Física ... mas eu entrava com parte da língua portuguesa ... tudo ... matemática ... depois a gente estava dando ... coelhinho na toca ... “quantas tocas tem ... quantos coelhinhos ... então ... vão sobrar quantos” ... já entrava matemática dentro ... da ... da ... da...

**Pesquisadora:** da aula ...

**Professora Romilda:** da aula ...

**Pesquisadora:** e o sentido ... da docência ... nessa época ... qual era?

**Professora Romilda:** ah ... para mim ... eu ... achava assim ... o sentido ... era tudo para mim ... na docência ... porque era a única coisa que eu ... almejava naquele momento ... era ... e ... era ... e não tinha o que ... eu gostava ... eu achei ... eu achava ... que eu não ia me dar bem ... e acabei ... me dando bem ... na profissão ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... para mim ... a docência ... eu coloco ela lá em cima ... porque ... eu aprendi muito também ... na vida ... dando aula ... com os alunos ... às vezes ... a gente aprende muita coisa ... e vê ... você vê ... e sente ...

**Pesquisadora:** sim ... mas e para ... para a época ... qual era o sentido da docência ... na época ... que você percebia?

**Professora Romilda:** na época?

**Pesquisadora:** não ... não a sua ... percepção ... dos outros também ...

**Professora Romilda:** então ... eu acho que ... olha ... os pais de alunos ... vinham ... até hoje ... encontro ... eles ainda falam ... né? ... “você devia voltar para dar aula” ... eu ... falo ... “ai ... como ... eu estou numa idade ... já ... que não tem como dar aula” ... ela falou ... “é ... porque essas alunas ... que você deu aula para o meu filho ... e nossa ... ele se desenvolveu ... tanto ... dentro de casa ... a gente ... eu mesmo ... não sabia assim ... tinha dificuldade ... com esquerda ... com direita ... e depois ele falava assim ... esse lado é direito ... esse lado é esquerdo” ... é ... o que estava ... é porque eu dava muito assim ... o que estava na frente ... o que estava atrás ... mandava passar a mão na parede para sentir ... se é áspera ... se é lisa ... sabe? ... e ... isso também ... ajudou na parte do ... do primário ... porque ... eles aprenderam a descrever ... descrição de objeto ... então ... foi ... uma coisa muito ... tinha aluno ... que ... não conseguia escrever nada ... quando eu comecei a dar isso ... eles ... começaram ... assim ... fizeram até poesia ... sabe? ... é uma ... é ... eu tenho ... até hoje ... um ... de um aluno ... é que eu não achei ... que ele está ... a minha mudança ainda está tudo ... assim ... mas ... eu tenho ... até ... versinho de aluno ... que fez para mim ... e ... ele fez ... também ... versinho ... é ... assim ... na parte ... que eu dava aula de Educação Física ... dentro da sala de aula ... mesmo que eu não ... não era professora lá do primário ... eu dava as atividades ... de Educação Física ... de lateralidade ... tudo ... dentro ... e eles ... foram pegando ... essa parte ... assim ... e as mães



vem até hoje falar ... “os alunos hoje não estão tendo ... certas atividades” ... eu falo ... “mas porque” ... eu não sei porque ... porque o curso de ... Educação Física ... ele é completo ... para fazer ... eu não sei ... como que é hoje ... a formação ... assim ... se é para a academia ... personal training ... ou se trabalha com criança mesmo ... sabe? ... eu não sei ... atualmente ... como que funciona isso ... dos tempos dessa ... década para a frente ...

**Pesquisadora:** é ... depois eu te explico ... é ... queria te perguntar ... sobre influências ... da vida pessoal ... sobre a profissão ... em relação a ... especificamente ... a ser professora de Educação Física ... e da profissão ... da vida pessoal ...

**Professora Romilda:** então ... influência ... foi da minha mãe ... também ... né? ... e da ... e da ... afilhada da minha mãe ... que a família inteira ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** era professora de Educação Física ... e ... e ... como eu já tinha ... assim ... desde criança ... gostava de atividade assim ... de fazer roda de carro ... de fazer pirueta ... virar cambalhota ... então eu achei ... que ... era um curso que ... ia dar certo comigo ... entendeu? ... porque ... tem muitas que fazem o curso ... mais para ter um diploma ... não é? ... tem gente ... que vai para fazer o curso para ter um diploma ... o pai ... às vezes ... é rico ... não precisa ... trabalhar ... eu ... na minha sala de aula ... teve isso ... mas eu ... precisava ... me desenvolver em alguma coisa ... minha mãe ... era humilde né? ... então ... ela achava que ... alguém tinha que se formar ... dentro de casa ... e ... eu também achei ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** daí fui prestar o vestibular ... inclusive falava ... “ah ... você não vai passar ... você não fez cursinho ... você não vai passar ... no vestibular” ... mas eu fui ... me destaquei na corrida ... fiz ... assim ... não fui a melhor aluna ... não vou falar que eu fui a melhor aluna ... que eu não fui ... mas ... procurava sempre o melhor ... sabe? ... desenvolver a ... então eu tive ... mais influência ... pela minha mãe ... e pela ... a ... a ... a afilhada dela ... que morava na mesma rua ... que as irmãs dela era tudo professora de Educação Física ...

**Pesquisadora:** e durante a profissão ... quais foram as influências da vida pessoal ... na profissão ... já atuando como professora ... e da profissão ... na vida pessoal?

**Professora Romilda:** influência ... eu não tive ... assim ... antes ... influência de alguém ... assim ... quando eu estava ... no Magistério ... dando aula mesmo ... eu não tive influência ... de ninguém ... assim ... eu tive incentivo ... assim ... porque eles viam que ... eu ... estava sempre atenta ... nas coisas ... então ... eles vinham e pediam ... para mim ... fazer isso ... fazer aquilo ... então ... dentro da sala de aula ... é ... assim ... influência mesmo ... no ...

**Pesquisadora:** ou de alguma situação da ... da sua profissão ... que influenciou ... ou alguma situação da sua vida pessoal ... na forma de viver ... ou na forma de atuar ... não necessariamente ... de uma pessoa ... essa influência ... mas da própria prática ...

**Professora Romilda:** a prática ... isso que eu falo ... eu comecei assim ... insegura ... depois eu fui me desenvolvendo ... então ... mas assim ... influência ... assim ... eu tive amigas ... que ligavam para mim ... influenciando para fazer curso ... é ... os cursos que tinham ... porque às vezes ... eu estava lá em Fartura ... lá ficava meio desligada ... de curso ... daí ... inclusive a ... madrinha ... da Julis ... de batismo ... ela é ... professora de Educação Física ... mora em Santo André ... até ela está em Bauru ... porque o pai dela ... não está bem ... e ela ligava ... para mim ... falava ... “ó ... vai ter um curso ... em tal lugar ... viu ... vem fazer” ... falei ... “vamos né” ... fui ... daí ... falei ... “vamos ... eu vou sim” ... então ... eu nunca falava não ... e ela também ... sabe? ... é ... era uma turma assim ... é ... que gostava do que fazia ... e ... então eu tive influência assim ... para cursos ... no Magistério ... entende? ... mas ... assim ... influência ... de uma pessoa ... de... de ... minha ... mesmo ... é ... assim ... que eu ... acabei ... ficando assim ... gostando ... mesmo da ... profissão ... sabe? ... eu não ... inclusive ... que eu ia falar ... eu tinha um negócio ... eu tinha um negócio que eu ia falar ... ah ... nas escolas ... as festas ... que tinha ... eles me procuravam ... para organizar ... porque não tinha assim ... outro professor ... para

... que fazia isso ... esse tipo de ... atividade ... sabe? ... então eu acabava organizando ... até festa ... assim ... do dia da ... escola ... do ... dia de Ação de Graça ... eu acabava fazendo ... sabe? ... mesmo como professora de Educação Física ... eu fazia esses tipos de atividades ... na escola ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** porque a diretora falava ... “ah ... fica para você ... toda essa parte aí” ... ela dava ... deixava eu ... viver assim ... o jeito meu de trabalhar ... porque ... ela via que ... eu gostava ... e fazia bem ... sabe? ... mas eu ... assim ... eu até ... eu acho assim ... de eu falar isso ... não é que ... eu estou me engrandecendo ... é que eu ... eu percebia isso neles ... e eles sempre ... e até hoje ... se eles ... se eu saio na rua ... eles vêm e falam ... comigo ... como se eu fosse uma mãe ... para eles ... meus alunos ... os meus colegas de trabalho ... sabe? ... a única ... às vezes achava ... porque eu tinha essa curiosidade ... de procurar as coisas ... sempre procurando a mais ... para passar para os alunos ... eles achavam que ... “ah ... para que isso” ... tinha ... algum professor ... não eram todos ... “para que ... que você ... está pegando isso ... pegando esse material aí” ... eu falei ... “ah ... porque esse material ... é um material ótimo ... para desenvolver ... então eu ... eu estou ... procurando ... quando eu acho ... eu posso aplicar ... eu vou ... aplicar” ... então ... mas não é que eu queria aparecer ... que queria ser ... mais ... do que elas ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Romilda:** entendeu? ... era o meu jeito de ser ... e as minhas ... diretoras ... tinham ... assim ... pegaram muita confiança ... então me deixavam à vontade ... livre ... para desenvolver as coisas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** porque ... via que eu trabalhava mesmo ...

**Pesquisadora:** que bom né?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** conta um pouquinho ... da sua ... experiência ... como professora de 1ª. a 4ª. séries ...

**Professora Romilda:** de 1ª. a 4ª. séries ... nossa ... foi uma experiência muito boa ... viu ... porque ... a ... da 1ª. a 4ª. séries ... eu lecionava ... como fosse professora primária né? ... e a Educação Física ... abrangeu também ... porque ... tudo que você ... dava em sala de aula ... era assim ... eu procurava assim ... tirar no contexto ... tudo que eu via assim ... eu ... apresentava para o aluno ... e eles ... acabavam ... através ... da Educação Física ... aplicando na sala de aula ... é ... no caderno ... então ... por exemplo ... às vezes até os desenhos deles ... você via que eles faziam ... é ... pulando corda ... é ... bola ... arremessando bola ... um para o outro ... às vezes desenhavam ... esse ... tipo ... de desenho assim ... que você via ... que ... estavam ... aplicando ... dentro ... da ... aula ... aquilo que era ... passado ... lá fora ... daí ... eles vem do Ciclo Básico ... porque eu saía com os alunos ... também ... na quadra ... não era só dentro da sala de aula ...

**Pesquisadora:** mas ... você ... está falando da sua experiência ... como professora de classe ... ou como professora de Educação Física ... de 1ª. a 4ª. séries?

**Professora Romilda:** você ... quer saber de classe ... de classe?

**Pesquisadora:** de Educação Física ... porque de classe ... nós já falamos ...

**Professora Romilda:** é ... de Educação Física ... ah ... então ... a Educação Física dentro da sala de aula ... foi ... nossa ... desenvolveu muito os alunos ... tinha alunos ... que tinha problemas ... físico ... eu ... a gente conseguiu ... falar eu ... parece que eu estou sendo egoísta ... mas ... tinha ... alunos ... que ... que ... os professores ... não tiveram visão ... que aluno ... tinha problema ... e com a atividade física ... eu desenvolvi a perna de uma ... o outro tinha ... problema também ... de usar ... usava ... um ... um ... aparelho ... acho que eu já falei isso ...

**Pesquisadora:** é o do ... aparelho ... que estava ... com problema ...

**Professora Romilda:** o mocinho ... com aparelho ... e a Natália ... tinha um problema físico na perna ... mas era o nervo que era encolhido ... ele ... ela ... eu acabei ... com o movimento de ... perna ... de fazer o movimento ... para baixo e para cima ... esticar o pé ... e coisa ... acabei deixando ela ... andando normal ... ela mancava ... sabe? ... ela tinha ... um centímetro ... sabe? ... a menos numa perna ... então ... isso aí também ... é ... é ... uma coisa ... é ruim falar ... essas coisas ... mas ... é realmente verdade ... que eu estou falando ... não estou mentindo ... é uma coisa que ... eu acho que o desenvolvimento da aula ... você ... vale tudo ... então ... eu dava as atividades ... procurando olhar ... ao aluno para trás ... também ... não é só ... a atividade em SI ... eu observava os alunos ... tinha um que andava com o pé ... assim ... como fosse ... ele corria como se tivesse pisando em espinho ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e era um problema ... no pé ... e a mãe ... não tinha visto também ... não sabia ... então ... no decorrer das aulas ... quando teve a reunião ... eu conversei com a mãe ... ela levou no ortopedista ... acabei ... acabou corrigindo ... porque estava em fase de crescimento ... então ... Igor ... esse foi o Igor ... então e tinha o Júlio também ... que teve aquele problema ... que eu falei ... já citei ... e ... assim ... a experiência ... que ... eu tive ... assim ... nessa parte ... da Educação Física ... eu apliquei tudo o que eu podia ... sobre lateralidade ... educação espaço-temporal ... é ... trabalhava com palavras ... assim ... por exemplo ... é ... se eu colocasse ... assim ... é ... tivesse uma gincana ... por exemplo ... no dia seguinte ... eu colocava tudo o que eles viram ... na gincana ... na lousa ... então ... é ... quebra-pote ... é ... tudo que ... corrida ... é ... do ovo ... corrida da maçã ... pegar a bolacha e só assopra ... tudo isso ... daí ... daí eu ía colocando tudo o que eles falavam ... na lousa ... e dessas palavras ... eles tinham que fazer uma historinha ... sabe? ... então ... saía cada coisa maravilhosa ali... dentro ... porque ... eu dou ... qualquer atividade ... que eu dava fora da sala de aula ... eu ... buscava por na lousa ... as palavras ... e eles ...

**Pesquisadora:** você sempre ... trabalhava assim ... como professora de Educação Física de 1ª. a 4ª. ... nessa dinâmica ... de usar a sala ... a quadra ... ou era mais a quadra?

**Professora Romilda:** é ... eu trabalhava assim ... muito saltitamento ... andar ... correr ... saltar ... é ... lateralidade ... é ... participar espaço-temporal ... é ... é o que eu achava que era importante para eles ... na fase ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** e isso ... eu acho que desenvolveu ... porque tem criança que ... você nota ... igual minha neta ... ela não teve essa parte desenvolvida ... agora esses tempos ... porque não teve professor que ... desse esses tipos de atividade ... então eu perguntava para ela ... “Laura ... qual ... o que ... que está ... à sua direita” ... não conseguia saber qual era a direita ... qual era a esquerda ... tinha dificuldade ... “me cita ... quais as coisas que estão à sua direita e esquerda” ... daí ela fica assim ... meia aérea ... eu falei ... “ó ... direita ... esquerda” [demonstra com gestos] ... “direita ... esquerda” ... eu falava ... ia falando ... daí ela começou ... “então ... está ... direita está isso daqui ... porta” ... e ... tal ... tal ... tal ... então ... isso daí ... que eu acho muito importante ... da lateralidade ... nesse período ... tem a parte espaço-temporal ... se deslocar ... em vários tipos de objetos na sala ... assim ou na quadra ... ou dentro da sala de aula ... andava na sala de aula também ... com curvas ... linhas retas ... sabe? ... eu fazia ... dava muito esses tipos de atividades ...

**Pesquisadora:** você ... usava a sala ... para revezar com outro professor ... ou quando chovia ... como é que ... é ... era?

**Professora Romilda:** revezar ... não ...

**Pesquisadora:** não ... não precisava ...

**Professora Romilda:** não ... tsc ... tsc ... tsc ... revezar não ...

**Pesquisadora:** não tinha ... outros professores ... de Educação Física ...

**Professora Romilda:** não ... ah ... na sala ... dentro da sala de aula ...

**Pesquisadora:** não ... porque vocês tinham a quadra ...

**Professora Romilda:** na quadra ... era assim ... como mudou ... lá ... eu tinha que revezar ... lá em Fartura ... porque ... quando ... Navarro ... não ... aí lá ... era assim ... ele dava aula ... numa terça ... quinta e ... sexta ... parece ... um negócio assim ... e eu dava ... os outros dias da semana ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** para a gente ... não ocupar ... a quadra junto ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** sabe? ... ou ... às vezes ... quando eu estava na quadra ... ele estava no espaço ... de grama ... plantada ... agora isso lá em Fartura ... agora nas outras escolas ... era a mesma coisa ... porque só tinha ... uma quadra né? ... então dividia ... dividia ...

**Pesquisadora:** e aqui ...

**Professora Romilda:** e aqui ... já era diferente ... porque eu peguei ... pegava todas as aulas ... quase ...

**Pesquisadora:** era só você?

**Professora Romilda:** é ... depois que veio a Carmelita ... a Carmelita ... pegou e ... o Rubens também pegou umas aulas ... mas daí já era ... enquanto ele estava no Jacyra ... eu estava lá ... então ... eu ia para o campo ... eu saía do Eduardo ... eu ia para o campo ...

**Pesquisadora:** entendi ... mas aí você já ... não estava ... não era no Jacyra ... então?

**Professora Romilda:** então ... eu dei aula no Jacyra ... também ... concomitante ...

**Pesquisadora:** a 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... era onde?

**Professora Romilda:** então ... eu dei no Jacyra ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... eu dei no ... Coronel ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... e dei no Eduardo ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** ah ... foi mudando né?

**Professora Romilda:** foi mudando ... e ... mas assim ... era concomitante ... também ... completava ... sabe? ... depois com outras aulas ...

**Pesquisadora:** entendi ... então você trabalhou com a Carmelita ... com o Rubens?

**Professora Romilda:** o Rubens ... então ... o Rubens ... é ... era ... depois que eu peguei essas aulas ... tinham outras séries ... daí ele pegou também ... daí eu saí do Jacyra ... daí o Rubens que entrou lá ... o Rubens ... depois quem mais?

**Pesquisadora:** e ... a ...

**Professora Romilda:** lá no Coronel ... no Coronel ... fiquei até o final ... né? ... porque ... né? ... eu só aposentei no Eduardo ... porque mudou ... é ... passou tudo para o Eduardo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** então ... mas no Coronel ... daí ficou uma ... não tinha mais ... daí foi só escola municipal ... que abriu lá ...

**Pesquisadora:** e ... nesse período que você lecionou ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... em todos esses anos você ... deu aula ... em todas as séries ... 1<sup>a</sup>. ... 2<sup>a</sup>. ... 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. ... ou não?

**Professora Romilda:** eu dei aula assim ... porque eu também ... quando eu vim para Piratininga ... dei aula para ... nas escolas rurais ... só que ... eu dava aula lá ... e completava com Educação Física ... na cidade ...

**Pesquisadora:** lá era como professora de classe ...

**Professora Romilda:** é ... lá era como professora de classe ... e ... depois ... esse daí ... daí ... é ... porque ... eu era ... em Alba ... que era a minha sede ... de controle né? ... depois mudou ... de lá ... eu vim para Piratininga ... começou a trazer ... é ... alunos ... para cá e ... daí ... fui dar aula no São José ... e na Boa Vista ... que fica para cá ... eu pegava essa estradinha ... ia lá para Boa Vista ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí ... eu só dava aula para o primário ... agora na Educação Física ... mesmo ... eu dei aula ... depois nesse período todo ... é de ... ginásial ... até o Ensino Médio ... porque depois eu deixei o Ciclo Básico ... e peguei o ginásial e o Médio ...

**Pesquisadora:** e de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... como professora de Educação Física ... qual foi o período que você lecionou ... quanto tempo ... de que ano a que ano?

**Professora Romilda:** de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... eu dei ...

**Pesquisadora:** professora de Educação Física ...

**Professora Romilda:** então ... eu dei aula de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... olha ... eu dei até em oitenta ... eu ... dei ... depois ... aqui ... acho que foi até oitenta e ... nove ...

**Pesquisadora:** dez anos ...

**Professora Romilda:** ãhn ...

**Pesquisadora:** uns dez anos ...

**Professora Romilda:** ah ... eu acho que sim ... foram uns dez anos ... porque ... é ... era eu e o Tutem ... que tinha de professor ... daí ... ficou ... eu acho que uns ... oito anos ... viu ... uns oito anos ...

**Pesquisadora:** e ... sempre ... com todas as séries?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** ou não?

**Professora Romilda:** é ... com todas as séries ...

**Pesquisadora:** com o Ciclo Básico ... foi só com 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>.?

**Professora Romilda:** o Ciclo Básico ... no Eduardo ... peguei 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ... no Eduardo ... agora lá no ... no ... no Coronel ... eu peguei já 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries também ... daí ... eu ... saía ... com eles ... tinha dia que eu saía com eles também ... iam para a quadra ali ... perto ... e ... mas é mais assim ... foi ... que eu dei mais aula ... foi no ... Coronel e no Eduardo ... e dei no Jacyra ... porque fui chamada ... para dar aula lá ...

**Pesquisadora:** é ... eu ia perguntar ... sobre perspectiva e valores ... dos pais ... as pessoas da família ... da sociedade ... em relação ao exercício profissional da docência ... mas nós também já falamos sobre isso ... agora eu gostaria que você falasse um pouco ... qual era o conceito ... de boas práticas ... para a época ... em que você lecionou ... como professora de Educação Física ... o que era considerado uma boa prática ... que se falava ... que se divulgava ... que se exigia ... né? ... de repente ... e ... qual era o conceito ... de professor de Educação Física ... bem-sucedido ... para essa época ... e pedir para você ... caracterizar ... né? ... se possível ... sucessos e insucessos ... que você percebeu ... enquanto professora ... de Educação Física ... qual era o sentido ... para o ensino de Educação Física na época ... porque que era importante ... o ensino de Educação Física na escola ... porque que existia ... a relação com os conteúdos ... atividades ... métodos ... e avaliação ... e alguma coisa ... alguns pontos você já ... comentou ... né? ... e como que você se relacionava com os movimentos ... as práticas ... da cultura corporal ... qual era a sua relação ... né? ... enquanto aluno ... enquanto atleta ... e se essas vivências que ... você teve enquanto aluna e atleta ... contribuíram ... para ensinar Educação Física ... na escola ... ou não ...

**Professora Romilda:** ai ... será que eu vou lembrar tudo (risos)?

**Pesquisadora:** quer ... quer começar falando ... não tem uma ordem ... pode ir falando ... à vontade ... se tinha um conceito de boas práticas ... para a época ... que eram ... uma boa prática ... como professor ...

**Professora Romilda:** na época ... uma boa prática ... era a ... você ... fazer com que seus alunos ... exercitassem ... é ... procurassem ... fazer aula de Educação Física ... porque ... muita ... muita ... porque ... naquela época ... não era igual hoje ... que todo mundo procura ... a Educação Física ou a ... as ... academias ... para ... para ... por causa do corpo ... antigamente ... na minha época ... ninguém fazia Educação Física ... a gente falava ... sobre a mente sã ... corpo são ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Romilda:** quem tinha ... uma men ... um corpo são ... tinha uma mente sã ... ou vice-versa ... né? ... então ... então ... eles procuravam assim ... a ... a ... parte assim ... mas tinha a professora ... professor mesmo ... que falava ... “para que fazer Educação Física ... para que” ... ué ... “porque ... é ... a Educação Física ... é uma disciplina completa ... ela socializa ... ela trabalha com a musculatura ... ela trabalha ... com a parte biológica ... da pessoa ... é ... psicológica ... com tudo” ... então ... eu sempre debati ... essas coisas ... com professores ... mesmo com os pais de alunos ... “ah ... meu filho não gosta de fazer aula” ... “mas se ele não gosta ... ele vai gostar ... ele vai começar ... ele vai gostar” ... e daí ... eles iam ... sabe? ... e no final ... eles acabavam gostando ... das práticas ... então ... eu acho que assim ... é ... a primeira pergunta ... você fez ... qual foi?

**Pesquisadora:** é ... das boas práticas ...

**Professora Romilda:** então ... das boas práticas ... eu acho que é isso ... você ... dar as atividades ... que assim ... que ... chama atenção do do aluno ... e que leve ele a fazer ... a praticar ... lá ... as atividades físicas ...

**Pesquisadora:** era isso ... que era ... valorizado?

**Professora Romilda:** é ... era ...

**Pesquisadora:** não era o que ... você ... valorizava?

**Professora Romilda:** não ... eu acho também ... que os pais ... também ... achavam isso daí ... também ...

**Pesquisadora:** também ... e a escola ... a direção ... os professores?

**Professora Romilda:** a escola ... e a direção ... é ... então ... eu acho assim ... eles mesmos comentavam isso daí ... falavam às vezes que ... o ... um ... não queria ... é ... um ... não gostava da aula ... de repente começou gostar ... e chegava em casa ... e falava ... “ah ... eu aprendi hoje ... isso na escola ... com a Dona Romilda” ... então ... eles ... sei lá ... é um ... meio assim ... de ... o diretor ... também ... ele falava ... falava assim ... “se você está dando esses tipos de atividades ... fica um desenvolvimento bom para os alunos” ... que ... eles ... inclusive quando eu dava ... formação ... os alunos tinham ... assim ... não tinham disciplina ... mas comecei a dar ... o tipo de atividade ... lá ... eles começaram a se or ... a se reorganizar ... sabe? ... e daí ... eles já iam ... mais devagar ... é ... diminuindo os passos ... era aquela coisa de correr ... sabe? ... disciplinar o aluno também ... né? ... em certas coisas ... né? ... então eu acho que isso daí ... contribuiu para ... para ... para esse tipo de ... eu fiquei me perdendo ... um pouco ...

**Pesquisadora:** tudo bem ... é isso mesmo ... e o conceito de ... não ... não ... é isso mesmo ... é ...

**Professora Romilda:** fala ... fala de novo ... fala de novo essa parte ...

**Pesquisadora:** o conceito de bom professor ... e qual era o conceito de professor bem ... sucedido ... professor de Educação Física ... bom professor ...

**Professora Romilda:** o bom professor era que ... não falta às aulas ... ele não ... ele era ... chegava a ser sempre ... bem pontual ... esse era o conceito ... não só do professor de Educação Física ... mas dos professores ... em geral ... mas ... eles ... se eu faltasse ... uma aula ... “porque ... que a senhora faltou” ... ele sentia falta ... da ... da ... da aula ... então ... eu vejo nisso ... assim ... é ... eles ...

**Pesquisadora:** e para os colegas ... para a escola?

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** para a escola ... qual é ... o ... qual era o bom professor?

**Professora Romilda:** o bom professor ... era aquele que ensinava ... que transmitia ... né? ... e ... que ... procurava entender o aluno ...

**Pesquisadora:** e ... o bom ... professor de Educação Física?

**Professora Romilda:** o bom professor ... de Educação Física ... no geral ... eu estou falando ... porque uma coisa ... puxa a outra ... sabe?

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Romilda:** porque ... mesmo você ... na parte de ... de ... de ... de primário ... dos alunos ... de escola primária ... você ... também tinha esse conceito ... se você ensinasse ... e os pais dissessem que você estava ... seguindo o método ... o método que ... estava sendo adequado para o filho ... eles vinham e comentavam ... com a gente ... sabe? ... inclusive é ... a parte de questionário ... eu questionei muito sobre isso ... que às vezes o aluno não sabe aquelas dez ... sabe outras dez ... entendeu? ... às vezes você dá dez para um aluno ... o outro não sabe ... mas ... é ... aquela ... mas ele sabe aquelas dez ... as outras dez ... entendeu? ... então o conceito ... é até difícil você ... daí eu fui aos poucos modificando ... daí os pais vinham e falavam assim ... “é ... você mudou ... um método aí ... e ... que está dando resultado ... que você?” ... por exemplo ... as perguntas ... de ... de ... todo o conteúdo que ... eu tinha dado ... daí ... eu falava assim ó ... “eu vou pegar ... aqui ... é ... dez perguntas assim ... dez perguntas ... aqui ... dez perguntas aqui ... vamos ver ... quem responder dez ... perguntas de todas essas cem ... vai tirar ... dez ... ou nove ... ou oito” ... por aí ... e daí eu fazia isso daí ... sabe? ... eles acabavam ... é ... é ... vendo que ... era um outro tipo de avaliação ... que eu estava dando ... e o diretor ... ele não impunha ... porque ele achou ... também que ... sabe? ... porque se ... o ... o ... eu estou ... acho que batendo aí ... né?

**Pesquisadora:** não ... eu que olhei ... a hora ...

**Professora Romilda:** então ... eu ... ele só observava ... se estava dando aula ... se estava bem dada ... e se os alunos ... reclamavam de você ... os alunos ... eu ... os alunos ... nunca reclamou de mim ... em sala de ... para diretor ... eu não sei ... pode ter até acontecido ... mas que eu saiba ... não ...

**Pesquisadora:** o que ... você caracteriza ... como sucesso ou insucesso ... que você percebeu ... enquanto professora ... de Educação Física?

**Professora Romilda:** o sucesso ... eu acho assim ... de você ser vista ... como bom professor ... entendeu? ... eu acho que isso foi o sucesso ... da ... agora o insucesso ... insucesso ... é ... que ... que eu posso falar ... de insucesso?

**Pesquisadora:** que você considerou ... como insucesso ... considera?

**Professora Romilda:** insucesso ... ah ... insucesso ... assim ... eu acho ... na época ... por exemplo ... ah ... eu achei insucesso ... quando ... acabou ... assim ... o ... o final do ... quando ... estava para aposentar ... acabaram os jogos colegiais ... na escola ...

**Pesquisadora:** ähn ...

**Professora Romilda:** porque ... já estava assim ... não estava sendo como antes ... os alunos ... é ... tendo indisciplina ... e a gente ... de outras escolas ... que não eram alunos ... de agredir ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** alunos ... que ... participavam ... desse campeonato ... eu achei que foi o ... mas eu acho que ... esse campeonato ... era muito bom ... porque ... aí você ia descobrindo talentos ... sabe? ... para mim ... eu acho que ... o ... quando ... acabou esse campeonato ... eu achei ... que ... eu fiquei assim ... meio chateada ... porque os alunos ... gostavam de participar ... eu também gostava de ... levá-los ... enfim ... eu achei que foi ... um ... insucesso ... assim que eu tive ... na coisa ... foi mais ... a falta de ... de ... certas ... atividades ... que eu não pude ... realizar mais ... sabe?

**Pesquisadora:** e as suas vivências ... práticas né? ... da Educação Física ... enquanto aluna ... e ... enquanto ... né? ... docente ... você acredita que essas vivências ... experiências ... contribuíram para ... ensinar Educação Física ... na escola ... ou não?

**Professora Romilda:** ah ... eu acho que sim ... eu acho que sim ... porque ... tudo que você ... faz ... ou aprende ... você acaba ... trans ... transferindo ... para outras ... né? ... áreas ... de

Educação ... para outros alunos ... mesmo fora da escola ... muitos alunos ... muitas vezes vinham ... “como é aquele joguinho ... que a senhora deu ... uma vez” ... sabe? ... então ... houve uma transferência ... de aprendizado ... para eles conseguirem ... eu acho que a gente ... que isso daí ... foi muito bom ... na minha vida ... e da minha vivência ... eu acho que ... foi ... porque ... se eu não tivesse vivência ... eu também ... não ia conseguir passar ... e ... que mais ... ah ... as outras ... as ... atividades ... na escola também ... eu procurava organizar muita dança ... era dança gaúcha ... coisa que nunca foi feita ... na cidade ... eu ... eu ... eu ... fui atrás ... até achar um disco ... gaúcho ... da Inezita Barroso ... consegui achar ... daí eu fazia danças ... né? ... e ... aquilo atraía ... muito ... a ... a ... o pessoal ... para ir assistir na escola ... e os teatros também ... que a gente fazia na sala de aula ... ou fora ... que a gente fazia ... assim ... e ... nas festividades da escola ... dia das mães ... é ... dia ... de ... ação de graça ... então tudo isso ... a gente trazia ... os pais ... para a escola ... atraía os pais ... para a escola ... então ... e daí ... eles viam né? ... através dessas atividades ... que estava tendo ... que ... nunca tinha na cidade ... esses tipos ... depois ... eu comecei a organizar e incentivou muito ... sabe? ... e ... e ... eu acho que foi um sucesso ... assim ... dentro da ... das escolas ... que eu dei aula ... inclusive ... em toda escola ... eu fazia ... para mim ... todas as escolas ... eram iguais ... nunca pus diferença ... só que tinha ... uma que achava que ... a dela era melhor ... do que as outras ... e ... então ... isso estava me irritando ... porque ela queria ... o que eu desse para ... na escola dela ... não desse na outra ...

**Pesquisadora:** a diretora ...

**Professora Romilda:** é ... não era isso ... que eu queria ... eu queria ... eu trabalhava ... todo mundo igual ...

**Pesquisadora:** que você desse ... enquanto aula ... ou ... nos jogos ... para campeonato ...

**Professora Romilda:** ah ... em campeonato mesmo ...

**Pesquisadora:** hãhã ...

**Professora Romilda:** ah ... é ... às vezes ... queria que pusesse ... só as panelinhas ... da escola ... e eu ... não fazia isso ... por que eu falei ... “todo mundo tem oportunidade de aprender ... de aprendizagem” ... e daí ... essas panelinhas ... começaram a ir contra a minha pessoa ... porque só elas achavam ... que elas eram ... então ... que acontecia ... que as outras ... não ... participavam das aulas ... quando eu entrei lá ... não era eu que dava aulas ... eram outras ... então fazia isso ... deixam elas ... as panelinhas ... agir ... daí ... as outras depois quando eu ... entrei ... reclamaram ... sabe? ... para mim ... sabe? ... mães que vieram falar ... “que fulana ... que as filhas” ... comentando que ... não estavam participando da aula ... “porque fulana ... não deixava ... ele ... porque ... elas queriam ... só elas jogavam” ... eu falei ... “não ... aqui não é escola de profissionais ... aqui é escola de aprendizagem ... então vocês vão aprender” ... e no fim ... essas alunas que eu peguei ... também ... participaram de campeonato colegial ... e ainda ... ganharam medalha ... que eles falavam ... que elas não sabiam ... não se desenvolviam em jogos ... e eu ... acha ... eu falei ... “não ... aqui é todo mundo ... todo mundo vai aprender ... não é escola de profissionais ... quem quiser se profissionalizar ... vai num clube ... lá você se profissionaliza ... aqui ... todo mundo tem o mesmo direito ... tem deveres e tem direitos” ... então eu comecei a colocar ... e daí aquelas que ... eram as panelas ... elas já acharam ruim ... sabe? ... daí ... eu ... falei “não ... vamos misturar ... vai todo mundo ter os mesmos direitos” ... então eu colocava ... um pouco de cada ... “vocês vão ... se vocês quiserem ... vocês jogam no clube” ... já existia as Águas Quentes ... “tem o clube ... lá embaixo ... o PTC<sup>185</sup> ... então vocês procuram se profissionalizar lá ... aqui eu tenho que ser professora ... então ... eu tenho que dar aula ... eu tenho que ensinar ... quem não sabe ... vai aprender” ...

**Pesquisadora:** certo ...

---

<sup>185</sup> Piratininga Tênis Clube.



**Professora Romilda:** então ... eu nunca deixei ... é ... é ... sem aluno no canto ... só quando eu percebia ... que a criança tinha problema de família ... na família ... e trazia ... para a escola ... no fim ... eles acabavam contando tudo para mim ... confiava ... e acabava contando ... daí ... eu já ... fiquei uma vez ... seis meses ... com um menininho ... que o pai bebia ... sabe? ... eu falei ... acho que já para você ... isso daí ... o pai dele ... bebia ... e ele ... no Ciclo Básico ... ficava encolhidinho ... não ia ... e chorava ... que não queria participar ... eu fiquei ... falei ... “vou deixar” ... fui pondo bola ... objeto perto dele ... ali ... acho que eu já falei isso daí ... comentei ... e ...

**Pesquisadora:** ah ... já ...

**Professora Romilda:** então ... assim ... que a gente ... isso daí me marcou ... assim ... porque ... é uma coisa ... o ... o ... campeonato ... uma coisa que suspenderam ... e era uma coisa que ia ... era bom para ... descobrir novos atletas ... certo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** e então ... mas ... mas daí ... também ... agora ... tem ... muitos clubes ... coisas ... que tinha antigamente ... né? ... então ... o pessoal ... estava procurando ... agora ... clube para praticar esportes ... para fazer ... assim ... certas atividades ... e agora tem aparelhos ... de academia também ... essas ... eles procuram academia ... então ...

**Pesquisadora:** sim ... tem ...

**Professora Romilda:** Educação Física na escola ... já está mais ... eu acho que está mais ... assim ... não é como ... porque ... por exemplo ... tem aluno que está fazendo academia ... pode pedir dispensa na escola ... agora não sei se no Estado pode ... no particular pode ...

**Pesquisadora:** é ... particular difere um pouco ... vou pedir para você ... falar um pouco agora ... sobre a participação em cursos ... acredito que você já contou bastante ... dos cursos que você fez ... mas também se quiser ... comentar mais ... ou complementar ... cursos que você realizou ... Especialização ... qualquer tipo de curso ... enquanto já trabalhava ... durante o trabalho ...

**Professora Romilda:** sim ... enquanto eu trabalhava ... todas essas coisas ...

**Pesquisadora:** é ... ou que você realizou ... no próprio horário do trabalho ... no próprio local ... de trabalho ... como você adquiria livros ... revistas ... é ... materiais né? ... para estudar ... para preparar aula ... se tinha na escola ... se a secretaria enviava ... ou se você tinha que comprar ... ou se comprava do seu próprio bolso ...

**Professora Romilda:** então ... os cursos que eu fiz ... fiz de técnica de voleibol ... de voleibol ... técnica de basquete ... isso daí foi na época ... da faculdade ... que eu fiz ... à noite ...

**Pesquisadora:** ah ... acho que você já comentou né?

**Professora Romilda:** é ... e fiz cursos ... agora durante o ...

**Pesquisadora:** período que você atuou ... como professora de Educação Física ...

**Professora Romilda:** é ... daí ... eu fiz ... quando eu ... lecionava em Fartura ... ainda como professora de Educação Física ... eu fiz ... em Assis ... curso de técnica em atletismo ... recreação ... curso de recreação ... isso daí ... que ampliou ... muito ... me ajudou muito ... porque ... a criança gosta muito de ... recreação ... então esse curso ... tanto adulto ... quanto criança ... também ... gosta de recreação ... criança e adulto gosta ... então eu achei excelente ... porque ... ali ... eu aprendi muita coisa ... não só ... a parte de Educação Física ... como parte de arte também ... a ... fazer trabalho ... em mosaicos ... que é também ... um tipo de recreação ... são de gravuras ... papelão ... é ... sabe? ... aprendi assim ... foram várias coisas dentro do curso ... e daí ... também fiz o curso de ... metodologia da Educação Física ... lá em Ribeirão Preto ...

**Pesquisadora:** foi curso ou especialização?

**Professora Romilda:** foi um ... eu acho que foi um ... especialização ... acho que eu até mostrei o ... para você ... o [procurando o papel] ...

**Pesquisadora:** não ... não precisa pegar agora não ...

**Professora Romilda:** ãh ...

**Pesquisadora:** não precisa pegar ... agora não ...

**Professora Romilda:** foi ... foi um curso VAGO ... porque era fim de semana ... era só no sábado e domingo ...

**Pesquisadora:** você lembra ... quanto tempo durou ... quantas horas eram?

**Professora Romilda:** olha ... eu fiz ... esse curso ... acho que durou ... um mês ... parece ...

**Pesquisadora:** ah ... então não foi ... especialização ...

**Professora Romilda:** acho que não foi ... bem ... é ... é ... ver aqui ... ó [volta aos papéis] ...

**Pesquisadora:** não ... depois ... a gente olha ... pode continuar falando ...

**Professora Romilda:** é ...

**Pesquisadora:** pode continuar ... relatando aqui ... ó ...

**Professora Romilda:** porque eu me lembro ... que ... que ...

**Pesquisadora:** Romilda ... fala mais alto ... mas aqui ... ó ... depois a gente olha ...

**Professora Romilda:** ah ... então ... foi com o professor Moacir Daiuto ... então era para ser ... eu ficava em Sertãozinho ... que era ... minha amiga era professora ... de Educação Física ... e a gente ia para Ribeirão ... de sábado para domingo ... e daí ... e fazia o curso sábado e domingo ... o dia todo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Romilda:** daí ... eu voltava ... e ia para Fatura de novo ... para lecionar ... e fiz curso também ... assim ... de aperfeiçoamento ... mas ... isso foi dentro da escola mesmo ... aqui do Coronel ... Virgílio Rodrigues Alves ... que veio a professora Dirce Guedes ... ela que ministrou o curso ... falando sobre a fala ... do aluno ... que a gente às vezes não percebe ... a dicção ... do aluno ... mas também sobre ... a Educação Física ... foi mais ... para a parte de brinquedos cantados ... aquela ... que ela deu ... no curso ... porque ... tem até ... o cd ... a fita ... antiga ... da ... tsc ... que toca as musiquinhas ... tudo ... que veio as musiquinhas dela ... né? ... é que ela fez um roteiro ... e ... mandou gravar ... na fita ... e tem as duas fitas ... que ela usava também em sala de aula ... eu usei muito em sala de aula ... essas fitas ... aperfeiçoamento ... e ... que mais?

**Pesquisadora:** alguma especialização?

**Professora Romilda:** especialização ... eu fiz aqueles de Franca ... Pedagogia ...

**Pesquisadora:** graduação ... né?

**Professora Romilda:** é ... em Franca ...

**Pesquisadora:** especialização ... não?

**Professora Romilda:** essa especialização ... não ... eles falam especialização ... eu acho que não foi assim do ... um ano ... um ano ...

**Pesquisadora:** não tinha mais de trezentas horas?

**Professora Romilda:** não era assim ... como você frequentar ... mesmo ... fazer um ... curso ...

**Pesquisadora:** a carga horária ... eram mais de trezentas horas?

**Professora Romilda:** a carga horária ... não estou lembrada desse curso ... se eram mais de trezentas horas ... eu sei que ...

**Pesquisadora:** mas depois a gente olha ... não tem problema ...

**Professora Romilda:** é ... você olha ... é ...

**Pesquisadora:** e assim ... para adquirir ... materiais ... livros ...

**Professora Romilda:** ah ... isso daí ... livros ... eu comprava ... com meu dinheiro ...

**Pesquisadora:** ãh ...

**Professora Romilda:** eu comprava ... quando eu achava ... eu que precisava de alguma coisa ... eu comprava ... até que ... do Cooper ... eu tinha comprado ... mas depois também ... mudou tudo né? ... o que ele propunha lá ... muita coisa foi mudada ... do livro dele ... e comprava livros ... assim ... de recreação ... é ... livros para leitura ... de ginástica mesmo ... então ...

**Pesquisadora:** ahã ... você lembra o nome do livro ... desse ... do Cooper?

**Professora Romilda:** do Cooper ... nome ... nome do autor ... acho que está lá na minha mãe ... faz tantos anos ... que eu não (risos) ...

**Pesquisadora:** tudo bem ... é ... tem algum sentimento ... ou alguma situação ... uma pessoa ... que de certo modo ... marcou ou encerrou esse período ... de atuação profissional ... como professora de Educação Física ... na rede estadual?

**Professora Romilda:** sentimento?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Romilda:** tsc ... eu não ...

**Pesquisadora:** situação?

**Professora Romilda:** ah ... eu sempre vou falar ... eu ... eu ... sou ... sempre fui dada com tudo mundo ... eu não sei ...

**Pesquisadora:** ah ... pode ser ... um bom sentimento ...

**Professora Romilda:** ah ... eu ... eu ... não ... não tinha aquele ... não ... sentimento ... sentimento ... que sentimento ... que eu tenho? ... aqueles sentimentos ... que eu falei só ...

**Pesquisadora:** do sucesso ... insucesso ...

**Professora Romilda:** é ... é ... e aquele sentimentos ... assim ... não é ... que eu guardei assim ... eu perdo ... mas é ... que hoje fala que é bullying ... mas não é ... era humilhação na época ... não é coisa assim ...

**Pesquisadora:** mas ... da época como professora?

**Professora Romilda:** é ... como professora ... como professora ... não tive não ...

**Pesquisadora:** bullying ... foi como aluna né?

**Professora Romilda:** é ... foi como aluna ... não foi ... como professora ... eu não posso falar que eu ... tive esse ... única coisa ... né? ... foi tudo aluno ...

**Pesquisadora:** é ... e alguma pessoa ...

**Professora Romilda:** é ... frustração ... não tive ... assim ... de alguma coisa ... eu não ...

**Pesquisadora:** e alguma coisa ... pessoa que marcou ... que você considera ... que marcou ... encerrou esse período ... até a aposentadoria?

**Professora Romilda:** ah ... eu acho que foi dos meus amigos ... assim ... que ... perda dos amigos ... um foi para o lado ... outro foi ... para o outro ... sabe? ... e a escola ... também ... era aconchegante ... e assim ... a gente procurava ... trabalhar em conjunto ... também né? ... então ... é ... a gente sente falta ... eu senti muita falta de não dar aula ... e eu não podia mais também ... porque eu tive ... problema em casa ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Romilda:** daí ... um ano eu fui dar aula em Bauru ... na ... de Educação Física lá no CIPS<sup>186</sup> ...

**Pesquisadora:** depois de aposentada?

**Professora Romilda:** é ... depois de aposentada ... em noventa e oito ... então lá também ... minha diretora não queria que eu saísse de lá ... dessa escola ... só que meu filho ... era dependente ... começou a me dar muito trabalho ... e eu ... tive que ... que parar ... porque em casa ... já viu ... né? ... uma situação de dependência ... e a gente ... nem sabe ... há vinte anos ... que eu lutei com ele ... mas graças a Deus ... Deus sabe o que faz ...

**Pesquisadora:** se aposentou ... em que ano mesmo?

**Professora Romilda:** em noventa e sete ... dia cinco de setembro ... saiu minha aposentadoria ... de noventa e sete ...

**Pesquisadora:** entendi ... aí depois ... se você tiver alguma foto ... do tempo que atuou como professora ... para me mostrar ... ou de alguma pessoa ... ou dos alunos ... etc. ... e ... qual ... que é a sua relação com as atividades físicas hoje ... com as práticas da cultura corporal?

---

<sup>186</sup> Consórcio Intermunicipal da Promoção Social.

**Professora Romilda:** ah ... ah ... ai ... hoje eu estou ... ai ... ai (risos) ... sedentária ... não ... agora eu emagreci cinco quilos ... por causa da correria ... mas ... desde que eu aposentei ... fiquei sedentária ... mas eu gosto da atividade física ... só ...

**Pesquisadora:** a relação ... não necessariamente ... que você faça ...

**Professora Romilda:** é ... é ... mas eu ... é assim ... praticar esportes ... eu num estou praticando ... porque eu estou com problema na coluna (risos) ... eu tenho escoliose ... e é ... me prejudica ... eu não posso ... fazer certas atividades físicas ... que o médico recomendou ... só posso fazer hidro ... mas com essa vida agitada que eu tenho (risos) ... e meu marido depressivo ... eu não consigo sair de casa (risos) ... ai ... ai ...

**Pesquisadora:** acontece né?

**Professora Romilda:** mas eu gosto ... e se eu pudesse ... eu estaria dando aula até hoje ... daria ... porque ... eu ... é uma coisa ... que eu tenho ... dentro de mim ... eu não sei ... eu me revelei assim ... interiormente ... eu sinto aquela coisa... que eu devia ... estar na sala de aula ... ou na quadra (risos) ... sabe? ... eu tenho vontade de dar aula ainda ... assim ... eu sinto vontade ... só que minha idade ... já não está dando (risos) ...

**Pesquisadora:** são as etapas da vida ....

**Professora Romilda:** é ... são as etapas da vida ... mas se eu pudesse ... eu teria ... eu estaria dando aula ... eu voltaria nos meus ... vinte anos ... para poder começar tudo ... não ... os meus quinze ... porque desde a minha infância ... eu queria ter ... a infância que eu tive ... sabe? ... a infância que eu tive ... apesar de pobre ... mas ... uma infância ... gostosa ... de ... brinquei ... sabe? ... me diverti ... então eu acho que ... isso daí me traz alegria hoje ... e meus filhos ... minha ... agora ... mas ... Deus vai sempre iluminar ... sempre os professores ... para que eles ... na jornada ... na caminhada ... esteja sempre presente na vida dos alunos ... também ...

**Pesquisadora:** amém ...

**Professora Romilda:** amém ...

## APÊNDICE E - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM A PROFESSORA DINALVA APARECIDA

### TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** é ... então professora Dinalva ... para a gente iniciar ... eu gostaria que a senhora caracterizasse todas as experiências da vida extraescolar ... que não estão relacionadas à escola ... é ... e esse ... é ... esse... essas experiências correspondem às ... vivências e situações ... pessoas né? ... e acontecimentos ... que aconteceram fora da escola ... e talvez durante o período da escola ... mas em outros ambientes não escolares ... então para iniciar ... queria pedir para a senhora caracterizar a sua origem ... né? ... pode falar do ano ... do nascimento ... a cultura da família ... falar dos irmãos ... dos pais ... e o contexto da época ... né? ... o contexto histórico ... político e social ...

**Professora Dinalva:** posso começar?

**Pesquisadora:** pode ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... eu fui ... assim ... eu nasci em Guarantã ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... uma ... uma ... na Noroeste ... entre Pirajuí e Cafelândia ... cidadezinha pequena ... eu ... nasci dia sete de setembro de mil novecentos e quarenta e dois ... e ... eu tive assim ... uma vida muito [professora se emociona neste momento] ... eu sou meio chorona ...

**Pesquisadora:** fica à vontade ...

**Professora Dinalva:** é ... eu tenho uma vida assim muito ... a ... assim ... meia truncada um pouquinho ... porque eu perdi o pai muito cedo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu tinha um ano e nove meses quando meu pai morreu ... mas meus avós deram todo apoio para a minha mãe ... eu tenho ... tenho uma irmã também de quatro anos mais velha que eu ... e ... eu morei ... continuei morando com meus avós lá em Guarantã ... minha mãe cuidava da gente ... né? ... de nós duas ... meus avós também davam toda atenção ... meus avós eram italianos ... vieram da Itália ... e tiveram dez filhos ... minha mãe era uma delas ... e ... e nós ... e eu fiquei morando ... ele era barbeiro ... ele ajudou com que minha mãe cuidasse de nós ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então minha mãe ficou viúva durante oito anos ... e depois que o ... ela casou pela segunda vez ... a minha irmã já havia tirado diploma da 4<sup>a</sup>. série ... e ... minha mãe ... e eu ... e ... eu iria começar a 1<sup>a</sup>. série ... aquele tempo ... eu precisei fazer sete ... eu tinha sete anos ... porque eu sou de setembro ... não entrava na escola ... com menos de sete anos ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu fiquei meio ano assim ... não perdido ... mas que ... eu só entrei mesmo no ano seguinte ...

**Pesquisadora:** que faria oito ...

**Professora Dinalva:** que faria oito em setembro ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu fiquei morando ... porque minha mãe foi morar ... o meu pai era ... era administrador de uma fazenda ... bem aqui perto de Bauru ... longe da onde eu ... então eu fiquei morando com meus avós ... até terminar a 8<sup>a</sup>. ... a 4<sup>a</sup>. série...

**Pesquisadora:** uns quatro anos...

**Professora Dinalva:** fiquei os quatro anos ... sem a minha mãe ... indo nas férias ... minha irmã ia me buscar ... porque era mais trem ... aquele tempo era trem ...

**Pesquisadora:** entendi...

**Professora Dinalva:** que passava por lá ... então eu vinha ... passava as férias com a minha mãe ... depois minha irmã me retor ... retornava ... eu ia para a escola lá ... então eu fiquei ... quando eu terminei a oi... a 4<sup>a</sup>. série ... daí eu vim embora ... vim embora ... que meus pais ... meu pai era administrador de uma fazenda pertinho de Bauru... e ... e eu vim para morar com eles ... daí ...

**Pesquisadora:** o seu padrasto ... no caso ...

**Professora Dinalva:** meu padrasto ... é ... no caso ... meu padrasto ...

**Pesquisadora:** ele...

**Professora Dinalva:** ele era administrador de fazenda ...

**Pesquisadora:** é ... sua mãe casou com ele ... você tinha quanto tempo?

**Professora Dinalva:** olha ... quando minha mãe casou com ele ... eu já estava com quase ... com sete anos ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** mas por isso que eu fiquei lá ... porque na escola ... a ... na fazenda que ele morava não existia escola ... as escolas eu teria que ir ... como era perto de Bauru ... ou para Agudos ... ou para ... Piratininga ... ou para Bauru ... então ficava muito difícil ... então eu fiquei morando com meus avós ...

**Pesquisadora:** e a sua irmã?

**Professora Dinalva:** minha irmã já havia terminado 4<sup>a</sup>. série ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ela já tinha terminado ... então ela veio embora com a minha mãe ...

**Pesquisadora:** ela foi com eles...

**Professora Dinalva:** é ... ela foi ... e eu acabei ficando lá ... eu vinha só mesmo ... assim ... nas férias ... para visitar a minha mãe ...

**Pesquisadora:** e qual que é a diferença de idade entre você e sua irmã?

**Professora Dinalva:** olha ... nós somos ... na verdade... é ... é ... seis anos ... de diferença ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** seis anos de diferença...

**Pesquisadora:** e são só vocês duas?

**Professora Dinalva:** só nós duas ... é ... com o segundo casamento da minha mãe ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** depois de um ano minha mãe teve um menino ... eu tenho um irmão ... filho do meu padrasto com a minha mãe ... eu tenho um irmão ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** hoje ele tem ... acho que ele está com uns cin ... ele é sete anos mais novo do que eu ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sete anos ... então ... e ... daí eu fiquei ... fiquei morando na ... nas fazendas ... com a minha mãe e meu pai ... e minha irmã ... mas daí meu ... meus avós adoeceram ... e minha irmã foi embora ... voltou para a cidade ... para ... para ... Guarantã... cuidar dos meus avós ... e eu continuei a caminhada com a minha mãe e meu padrasto ... daí meu padrasto foi administrador em muitas fazendas na redondeza ali ... inclusive ... quando eu ... é ... fiz o ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... a ... aliás ... de 5<sup>a</sup>. em diante ... eu já morava ... é ... em Piratininga ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu já morava ... ele era administrador nessa fazenda ... é ... ela tem um nome ... é ... a gente falava fazenda Veado ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque tinha muito animalzinho lá ... então ficou com esse nome ... a fazenda Veado... daí eu fiquei morando ... ali ... fiz ... fiz ... fiz de 1ª ... de 5ª. a 8ª. ... ali fiz ... a qua ... o 5º. ano ano ... antigamente tinha o 5º. ano ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** foi como eu contei para você ... naquela escola assobradada ali perto da ... da Santa Casa ... fiz o 5º. ano ... e tinha preparatória ... é um tipo de preparatório ... e você tinha que fazer um vestibular para entrar na 5ª. série ... então eu precisei fazer ... daí de 5ª. a 8ª. era lá em cima no ... é ...

**Pesquisadora:** no Eduardo ...

**Professora Dinalva:** no Eduardo ... então...

**Pesquisadora:** quando você foi morar com os seus pais não comprometeu a continuidade dos estudos?

**Professora Dinalva:** não ... porque eu terminei a quarta série ... e vim embora ... eu fiquei no ... com meus avós até terminar o ... o grupo ... né? ... aquele tempo era grupo escolar ... né?

**Pesquisadora:** muito bem ...

**Professora Dinalva:** então ... terminei ... e ... e vim embora ... daí eu fiquei morando com meus avós ... aí foi ... co ... com meus pais ... daí foi outra fase ... né? ... porque daí ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** eles moravam ... inclusive quando eu fiz ... a ... o 5º. ano ... que eu estava ... é um tipo de preparatório ... eles falavam ... eu fiz aí nessa escola ... em Piratininga ... e ... eu morei na casa de uma tia ... dessa tia que eu contei para você ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** que tem a ... a neta morando aqui ... então eu fiquei na casa dela ... até eu prestar o vestibular ... daí meus pais ... dessa fazenda que eles moravam ... mudaram para cidade ... é ... aliás para uma cida... para a fazenda Veado pertinho da cidade ... dá uns três quilômetros alí ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** você conhece lá... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... daí ... eu fui ... fui ... daí eu fui morar com os meus avós ... meus pais outra vez ... saí da minha tia ... e fui lá com meus pais outra vez ... daí eu fiz de quinta a oitava vindo da ... morando nessa fazenda ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** hum...

**Pesquisadora:** e o contexto ... da época ... em relação à política ... à sociedade ... o que que a senhora se recorda? ... do que o pai ... ou a mãe ... ou os avós comentavam ...

**Professora Dinalva:** então ... meus avós eram assim ... é ... italianos né? ... eles eram italianos ... e eles ... e ... Guarantã é uma cidade pequena ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** né? ... pequena ... eles ... ele era barbeiro ... ele tinha muita amizade assim ... além de ... além de ter essa amizade ... ela ... elas eram em sete mulheres e três homens ... e meus tios na época ... eram solteiros ... né? ... porque a minha mãe ... a minha mãe é das cinco primeiras filhas ... minha mãe ... então minha mãe casou ... ficou viúva muito cedo ... e os meus tios ... os três tios eram solteiros ... e eles ... eles gostavam muito de música ... meu nono tocava acordeão ... meus tios também ... então além de eles serem ... eles serem ... barbeiros ... eles seguiram a profissão do ... depois um deles ... é ... prestou um concurso e parou ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas eles ... é ... meu nono tinha a barbearia onde meus tios trabalhavam também ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e depois ele ... eles ... eles faziam todo final de semana bailes ... então ... é ... a minha família era assim ... uma família muito é ... é ... com muitos amigos em ... em Guarantã ... todo mundo conhecia todo mundo ... todo mundo ia convidá-los para ... para baile ... para ... para festa junina ... para ... para tocar ... sabe?

**Pesquisadora:** sei ...

**Professora Dinalva:** então ... era uma vida assim ... é ... é ... até que social boa naquela época ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** assim ... é ... eram todos pobres ... tudo ... mas tinha assim uma ... uma atividade ... é ... boa ... porque aquele tempo era ... era ... assim ... as festas eram bonitas ... eram festas que iam todo mundo ... né? ... festa de igreja onde todo mundo participava ... né? ... então lá em Guarantã isso ... Guarantã ... quando eu vim depois para ... ali para ... e minha mãe ... minha mãe ficou viúva esse tempo todo né? ... depois que ela conheceu meu padrasto numa dessas festas ... inclusive ele ... ele trabalhava numa fazenda que era de um dos tios ... dos meus tios ... casado com uma irmã da minha mãe ... então ... e ele era assim também ... ele tocava violão muito bem ... sempre tocou violão ... inclusive ensinou a minha irmã ... minha irmã tocava muito bem violão ... e ... mas assim ... depois de lá ... a gente ... todo mundo conhecia ... sabia quem era Seu Santo Zambom ... porque ... porque era o barbeiro da cidade ... não existia tanto barbeiro ... cabeleireiro ... essas coisas ... não existia aquele tempo ... né? ... então a gente ... ele era bem assim ... solicitado ... uma família bem unida ... uma família assim ... GRANDE ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** grande ... dez filhos ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** eram ... eram sete mulheres e dois ... três ... e três homens ... mas a ... agora ... e quando eu vim para ... depois que ... eu terminei o ... o 4º. ano ... e que eu vim embora ... minha irmã voltou para Guarantã para cuidar dos meus avós ... porque ... nessa ocasião todos os filhos eram casados ... só tinha um que era solteiro que trabalhava na colheteria ... esse meu tio mais novo ... ele prestou um concurso e passou e trabalhou nessa colheteria ... é ... em Piratininga ... em Guarantã ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** desculpa ... em Guarantã ... e ... esse era o tio solteiro ... é ... até a minha mãe ... a minha mãe ... era ... eles eram ... ficaram assim ... muito ... muito enfonhado comigo e com a minha irmã ... porque sem pai ... né? ... então eles eram assim ... muito ciúmes da gente ... ciúmes da minha mãe ... então foi difícil para a minha mãe ter um namorado (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi (risos) ...

**Professora Dinalva:** e poder casar com meu padrasto ... porque eles nossa... eles não ... nossa senhora ... inclusive quando a minha mãe falou ... e que eles ... daí aceitaram ... meu pai ... era uma pessoa de roça ... mas assim ... bem letrado ... bem assim ... aquele tempo até 3ª. série ele foi ... mas ele fazia toda escritura ... escri ... é ... é ... as escritas das ... da fazenda ... sabe? ... ele era bem ... sempre foi muito inteligente ...

**Pesquisadora:** ele era o administrador né?

**Professora Dinalva:** nessa época ele não era administrador ... ele trabalhava ... ele fazia parte assim de... de ... um fiscal ... que trabalhava num escritório assim ...é ... a parte só de ... de ... via o que entrava ... o que saía ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** para os meus tios ... é ... e depois não ... depois ...

**Pesquisadora:** ah ... ele trabalhava para os seus tios?



**Professora Dinalva:** ele trabalhou para os meus tios ... ele trabalhava numa ... numa fazenda que o meu tio tinha ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** esse tio era casado com uma irmã da minha mãe mais velha que ela ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então ... eu sei que daí ... depois de ... de lá ... quando ... como eu terminei a 4<sup>a</sup>. série ... que eu vim embora ... foi meio difícil ... porque a gente se apega muito com os avós né? ... e eu tinha meus avós como meus pais ... né?

**Pesquisadora:** os avós ... maternos ... né?

**Professora Dinalva:** maternos ... maternos ...

**Pesquisadora:** e do lado do seu pai?

**Professora Dinalva:** então ... o meu pai ... quando a minha mãe ... minha mãe casou com meu pai ... eu tenho foto ... foto ... mas de ... da minha avó ... porque meu avô era português ... pai do meu pai ... e ele veio de Portugal viúvo ... com dois filhos ...

**Pesquisadora:** hum...

**Professora Dinalva:** quando chegou ... na região aqui de São Carlos ... é ... de ... por aqui ... depois que foram para Guarantã ... meu ... meu avô ... é ... comprou uma fazenda ... ele tinha lá ... acho que com certeza ... comprou aqui um pedaço de terra ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e nessa terra quem trabalhava ... tinha o ... bugre ... e minha avó ... minha avó mesmo ... é ... mãe do meu pai ... é ... é ... era bugre ... era índia ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** era ... era ... assim ... é ... então meu avô ele casou-se aqui ... com é ... com a minha avó ... que é avó mesmo ... porque o meu pai é desse casamento ... o meu pai ... então meu pai ... eles tiveram também dez filhos ... dois que meu avô trouxe de Portugal ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e mais ... e dez que eles tiveram aqui ...

**Pesquisadora:** mas ... esse que você está falando é o pai ou é o padrasto?

**Professora Dinalva:** não ... esse é o pai do MEU pai ...

**Pesquisadora:** do pai mesmo?

**Professora Dinalva:** do meu pai ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora do meu padrasto ... ele ... eu não conheci o pai ... dele ... não ... conheci a MÃE ... meu pai era ... é ... eles eram em seis irmãos ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ele morava com ... a mãe morava com ele e com esses outros irmãos solteiros ... porque ele era o mais velho ... ele que cuidava da família ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** meu padrasto ... esse é meu padrasto...

**Pesquisadora:** é que você chama ele de pai também ...

**Professora Dinalva:** é ... é ...

**Pesquisadora:** por isso que eu perguntei ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... porque ele na verdade criou a gente ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** você vê ... naquela época ... duas filhas ... minha mãe casou ... com duas filhas ... eu ... eram pequenas ... mas nós ficamos moças ... tudo ... ele foi um pai assim ... ótimo ... respeitador ... ele assumiu a gente como filhas mesmo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então ... a gente sempre chamou ele de pai ... haja vista que as tias ... é ... a gente tem eles como tia ... tio ... sabe?

**Pesquisadora:** está certo ... e o seu pai ... faleceu do que?

**Professora Dinalva:** então ... o meu pai ... a minha mãe contava ... porque eu tinha um ano e nove meses ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** minha mãe contava que o meu pai ... ele ... quando a minha mãe casou com ele ... ele era assim ... ele veio de fora ... ele veio de Matão ... dessa re ... redondeza aqui ... aqui perto de nós ... agora ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** Matão é por aqui ... né?

**Pesquisadora:** perto de Araraquara ... né?

**Professora Dinalva:** perto de Araraquara ... isso ... meu pai veio daí ... e meu pai ... comprou ... ele ... ele ... quando foi para lá ... ele foi trabalhar nu ... numa loja ... numa loja de secos e molhados ... vendia de tudo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e depois com o tempo ... meu pai ... o meu pai comprou ... uma loja ...

**Pesquisadora:** hum...

**Professora Dinalva:** sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e depois di ... depois disso [alguém chama a entrevistada] ...

**Pesquisadora:** quer fazer uma pausa?

**Professora Dinalva:** pode parar?

**Pesquisadora:** pode ...

**Professora Dinalva:** estou indo [diz para outra pessoa que surge no local] ... licença ...

**Pesquisadora:** fica à vontade [interrompe a entrevista] ...

**Professora Dinalva:** do meu pai ... né?

**Pesquisadora:** é ... para continuar ... é ... gostaria que você ... concluísse ... fala sobre o seu pai ... né? ... como ele faleceu ...

**Professora Dinalva:** certo ... então ... o meu pai ... ele te ... te ... é ... depois ele ... como comentei com você ... ele tinha uma loja lá em Guarantã ... até que boa ... tudo ... minha mãe teve uma vida assim ... BEM ... sabe? ... ele ... ele ... além de ... dele ... te ... te ... é ... a loja ... muito bem ... assim ... requisitada ... meu pai foi ... foi nomeado é ... delegado de Guarantã ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** naquele tempo não ... não era preciso fazer Direito ... era por ... por indicação ... por ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** por ... e meu pai era o delegado de Guarantã ... então ... como delegado ... foi uma época da queima do café ... minha mãe contava ... a queima do café ... é ... o café ficou sem preço nenhum ... então que que eles faziam ... eles faziam naquela fazenda ali ao redor ... aqueles carriadores bem grandes assim ... e colocava todo o café ... lá ... o café para ... para ... jogar fora ... era para fazer um a ... adubo ... porque o café não estava valendo nada mais ... assim ... mu ... mui ... muito baixo o ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** o preço deles ... então eles ... para ... é ... jogava fora ... então eles faziam esse ... eles abriam os carriadores muito grande ... e minha mãe contava que eles colocavam ... é ... é ... como que fala? ... esse ... esse ... hum ... não ... não ... não é cimento ... esse outro que põe ... CAL ... colocava cal e ficava o dia todo ... pessoal da prefeitura regando para fazer aquele ... é ... como um adubo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e na época ... é ... meu pai até arrumou várias pessoas para trabalhar assim ... inclusive um dos meninos que era afilhado dele também trabalhou lá ... e eu não sei se aquele calor ... aquela água ... aquele ... é ... aquele fermentar ... fermentação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** deu TIFO ... morreram cinco homens com Tifo naquela época ... e é o meu pai foi um deles ... dava uma febre ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** MUITO GRANDE durante vinte e quatro horas ... e a pessoa morria ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** e o meu pai morreu de Tifo ... na ... di ... é ... depois foi diagnosticado ... que ... é ... ele inclusive esse menino foi afilhado do meu pa ... que era afilhado da minha mãe ... também pegou Tifo ... eles falavam que era um Tifo preto ... eu não ... não presenciei isso ... não sei ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e minha mãe contava ... meu pai morreu em vinte e quatro horas ... cegava a pessoa ... era uma dor de cabeça ... lo ... de ficar enlouquecido ... e meu pai morreu ... de ... dessa doença ...

**Pesquisadora:** e ele deveria ser novo ainda ...

**Professora Dinalva:** e ... então ... minha mãe na época ... eu tinha ... e ... ela tinha uns vinte e seis anos ... meu pai tinha um ... se tivesse trinta ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** uns trinta anos meu pai tinha ... e ele morreu em consequência disso daí ... porque morreram vários ... cinco ...

**Pesquisadora:** cinco ...

**Professora Dinalva:** na mesma época ... é ... é ...

**Pesquisadora:** não foi um caso isolado?

**Professora Dinalva:** não foi um caso isolado ... não ... então ... e minha mãe ficou muito ... muito [tosses ao fundo] ... duas menina pequena né? ... foi ...

**Pesquisadora:** não deve ter sido fácil ...

**Professora Dinalva:** não ... não foi fácil ... não foi fácil não ...

**Pesquisadora:** agora eu queria que você falasse um pouco ... posso chamar de você ... né?

**Professora Dinalva:** pó ... ai ... meu Deus ... pode sim (risos) ...

**Pesquisadora:** é ... descrever os princípios educacionais ... dos pais ... né? ... da mãe principalmente ... dos avós que você morou um tempo com eles ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** regras de conduta ... o que podia ... o que não podia ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** as relações entre os familiares ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** as condições de vida ... de moradia ... a casa ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** que morava ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... os meus avós eles tinham ... eles tinham a casa deles ... era a casa deles mesmo ... e ... e eles ... meu avô quando veio da Itália ... ele ... ele ... até ... é ... estudou um pouco lá ... ele veio um menino ... menino já ... assim ... ah ... com seus dez ... doze anos ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** agora minha nona não ... minha nona ... ela veio da Itália ... inclusive minha nona ... mãe contava que minha AVÓ MESMO ... a minha bisa ... vinha rezando porque demorava de ... de ... de ... de ... quarenta ... cinquenta ... até sessenta dias ... é ...

**Pesquisadora:** a viagem ...

**Professora Dinalva:** a viagem ... né ... a viagem ... e ... e ela vinha com a minha nona e a outra irmãzinha ... ela ti ... teve gêmeos ... e ... e ela rezava porque uma delas ... veio doentinha ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e quem morria durante a ... a viagem mo ... jogavam no mar ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** então ... eles ... eles é ... diz que minha nona ... a minha nona rezava tanto ... tanto ... minha bisa ... né? ... e ... quando chegou no porto ... em Santos ... a minha ... outra ... morreu ... então fizeram o enterro tudo direitinho mas ... é ... e ela pediu tanto ... então ela conseguiu essa graça da ... da menina não morrer no navio ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... e eles eram assim ... a minha nona não sabia ler ... é ... é ... e o meu nono ... meu nono era mo ... era um italiano assim muito ... é ... bravo ... muito assim ca ... sabe? ... cra também ... sete filhos ... já tudo mulher ... e três homens ... então deixava ... não ... não deixou ... só a minha tia mais nova ... minha tia Maria ... que foi para a escola ... mas as minhas ... mi ... minha mãe ... minhas outras tias ... elas não ... não foram para a escola ... meu nono não deixava ... achava que na época moça ia escrever carta para o namorado ... sabe essa co ... cos ... história ... né? ... que ... então ... meu a ... meus tios como foram os ... os homens ... foram no ... foram para a escola ...

**Pesquisadora:** hum...

**Professora Dinalva:** fizeram até a ... o 4º. ano ... e ... e o meu tio ... esse mais novo que eu contei para você que ele depois prestou concurso né? ... e passou ... na colheitoria ... ele ENSINOU TODAS ELAS A ESCREVER O NOME para ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** quando casasse assinar ... saber assinar (risos) ... então elas (risos) aprenderam ... mas elas não foram para a escola ...

**Pesquisadora:** nenhuma delas? (risos) ...

**Professora Dinalva:** nenhuma ... só a mais ... Maria que foi para a escola ... essa sim ... essa fez até a 4ª. série ...

**Pesquisadora:** sua mãe também não fez ...

**Professora Dinalva:** minha mãe não ... não ... minha mãe aprendeu escrever o nome dela ... é ... para casar ... para não ficar feio ... né?

**Pesquisadora:** [rindo] olha a preocupação do seu tio ... né?

**Professora Dinalva:** olha a preocupação do tio ... então ele ensinou todas elas a e ... a assinar e fazer ... escrever o nome delas ... direitinho ... para ... para poder ... é ... não fazer feio na hora do casamento né? ... por o dedo ... né? ... porque antigamente punha o dedo ... né? ... hoje acho que põe o dedo também quem não sabe ...

**Pesquisadora:** sim ... sim ...

**Professora Dinalva:** mas ... é ... era assim ... a ... mas a ... é ... minha mãe também ... também não aprendeu ... sabe? ... não ... e ... o meu pai não ... o meu pai era ... minha mãe conta que meu pai era muito inteligente ... ele tinha feito ... não o padrasto ... o pai ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** que ele tinha feito até 4ª. série também ... e ... e que ele tocava muito bem ... ele deixou essa loja grande para a minha mãe quando ele faleceu ... né? ... e ... minha mãe tinha casa própria ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** para você ver ... na época né? ... eu ... eu com um ano e pouco ... minha irmã com quase seis ... cinco anos ... e ... então meu pai assim ... meu pai ... foi para a escola

mas eu não ... sei assim ... o ... eu tenho impressão que ele fez ... nesse ... nessa redondeza aqui nossa aqui ... né? ... porque ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** foi de Matão por aqui nessa ... então meu pai assim ... sabia ler e escrever ... por ... por sinal ele foi o delegado ... ele era delegado ... ele foi delegado durante uns anos aí ... em Guarantã ... né?

**Pesquisadora:** e a sua mãe tocou a loja?

**Professora Dinalva:** e a minha mãe não ... minha mãe não tocou a loja não ... porque eu era muito pequenininha ... eu mamava na época ...

**Pesquisadora:** hum...

**Professora Dinalva:** minha irmã pequena ... os meus tios tocaram a loja um tempo ... e depois foi vendendo ... porque na ... na verdade meu pai não tinha um ... um salário ... não tinha ... vivia daquilo aí ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... a minha mãe não ... não tocou a loja não ... foi ... meus tios foram vendendo ... minha mãe acabou vendendo ... vendendo o ... tudo ... meus tios ... vem ... venderam tudo para a minha mãe ... e minha mãe ficou com a casa ... a única coisa que minha mãe ficou ... com a casa ... e minha mãe é ... é costurava e bordava muito bem ... foi com que ... com que ela sustentou a gente esse tempo ... foi ... é ... dam ... é ... costurando para fora ... tudo ... e a casa ... ela veio morar com a minha avó ... a minha nona e meu nono ... e ... a casa era assim ... aquele tempo era cerca ... tinha até um portão que ligava uma casa da outra ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era uma casa boa da minha mãe ... e minha mãe alugou a casa ... na época ela alugava com todos os móveis até ... porque nós fomos morar lá com meus avós ...

**Pesquisadora:** para ter uma renda?

**Professora Dinalva:** para ter uma renda ... e então ... para ter uma renda maior ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque ... ela foi vendendo ... e dois filhos ... e vende barato ... e para isso ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então minha mãe PRATICAMENTE perdeu a loja ... né? ... se ela soubesse ler e escrever ela poderia ter tido ... poderia ter tido uma vida melhor ... né? ... assim ... não precisar ... é ... costurar para fora ... é ... fazer esses tipos de serviço ... né?

**Pesquisadora:** a loja era do que?

**Professora Dinalva:** era ... era ... assim ... secos e molhados ... vendia ... tecidos e vendia ... comida ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** arroz ... feijão ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** chamava de secos e molhados porque vendia tanto tecido ... vendia ... é ... linha ... tudo isso que você ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... era uma loja completa ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e como que era a casa ... que vocês moravam?

**Professora Dinalva:** ah ... olha ... a casa do meu ... do meu nono era uma casa ... é ... até assim ... boa ... na frente ele tinha ... é ... existe até hoje essa casa lá em Guarantã ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ela ... ela tinha na frente ... assim ... era um ... era um ... salão grande ... é com piso ... até tem lugar que eu olho eu vejo o piso igual o do meu nono lá de Guarantã ... E ALI ERA A BARBEARIA ... ele tinha ... a barbearia era ali ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** daí subindo as escadas ... e era uma casa assim grande ... uma casa que tinha ... na época assim ... qua ... um ... dois ... quatro quartos ... uma sala bem grande ... cozinha ... e tinha também um ... um quintal ... bem grande ... onde minha nona tinha ... aquele tempo era ... POÇO ... não tinha encanação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** era poço para pegar água ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** já a casa ... a minha casa ... a casa da minha mãe ... que existe até hoje ... já era uma casa assim ... feita ... né? ... meu pai já comprou ela ... é ... mais nova ... feita ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** tinha instalação ... tinha ... tinha tudo ... tinha rede elé ... trica ... elétrica ... rede ... é ... é ... é ... tinha assim ... era uma casa é ... hum ... bastante ... perto da ... da minha nona que precisava tirar água do poço ... lá não ... lá tinha ... a água ... de rua assim ... já ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ... era uma casa boa?

**Professora Dinalva:** uma casa boa ... PARA A ÉPOCA ... né? ... isso ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** há setenta anos atrás ... né bem?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** é ... é ...

**Pesquisadora:** não era de tábuas ... era de tijolo?

**Professora Dinalva:** não não ... era de tijolo ... e dos ... dos meus avós também era de tijolo

...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** e as regras de conduta? ... em relação a comportamento ... atitude ...

**Professora Dinalva:** então ... olha ...

**Pesquisadora:** sua relação com a irmã ...

**Professora Dinalva:** então ... a minha ... eu com minha irmã?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... nós fomos assim ... criada praticamente até o ... até os sete anos ... a minha mãe não tinha casado ainda ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então a gente vivia ali com meus avós ... o meu a ... o meu avô ... muito bravo ... muito assim ... sabe aqueles italianos ... aquelas regras assim ... todas assim muito ... “isso pode ... isso não pode” ... mas assim ... com muito amor ... muito carinho ... é ... que a gente ficou sem pai ... então ele tinha tanto ... sabe? ... e a família é ... sempre cheia ... porque meus tios venderam as lojas deles que tinha lá também ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e foi embora para Bauru ... uns foram para Bauru ... outros para Araçatuba ... cidade grande ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e os filhos já crescendo ... grande para estudar ... então dá ... acabaram ... mas assim ... a gente foi criada assim ... num ... num sistema meio ... é ... rigoroso ... porque meu nono era assim bravo ... e não deixava muita coisa ... muito religioso ... minha nona sempre ... a gente ia na missa todo o domingo ... sabe? ... todo ... então ... minha mãe ficou ...

continuou com a gente na ... nessa ... nessa ... sabe? ... muito respeito ... muito amor ... porque nós ficamos sem o pai mas eles não sabiam o que fazer para dar esse amor para nós ... para substituir ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Dinalva:** embó ... embora ... embora você fala ... é ... se tem falta ... eu tinha um tio que vinha de Bauru ... meu tio João ... e ele ficou viúvo logo depois que meu pai faleceu ele perdeu a mulher dele ... ela morreu de parto ... até ... essa tia ... e ele gostou muito da minha mãe ... então ele falava para minha mãe ... “Carolina ... vamos ... vamos casar? ... né? ... vamos casar?” ... é ... eu ... ele só tinha um filho ... Dirceu ... só tinha um filho ... tinha um ir ... me ... um primo ...

**Pesquisadora:** qual era o parentesco dele com sua mãe?

**Professora Dinalva:** CUNHADOS ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... a minha ... a minha tia que morreu era irmã da minha mãe ...

**Pesquisadora:** olha ... só ...

**Professora Dinalva:** então a minha mãe falou ... falava assim ... João ... mas eu não posso ... é ... a ... é ... eu ... eu ... a sua mulher ... é ... a gente não se gosta nessa altura de casamento ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** “a gente se gosta como cunhados ... né? ... e outra ... eu ... a sua ... a minha irmã tinha muito ciúmes de você ... eu falo que é ... não tem como ... embora você gosta muito das minhas filhas” ... e ele vinha de Bauru ... ele ficou viúvo muitos anos ... ele vinha de Bauru ... se era Páscoa ... se era Natal ... ele vinha trazer um ovo de Páscoa para mim e para minha irmã ... ele vinha ... trazia o Dirceu ... e falava ... “tia Carolina ... casa com o meu pai” ... né? (risos) ... ele fala ... “judiação” ... na ... na época que ele perdeu a mãe ... ele tinha uns oito anos ... e a mãe ficou grávida e morreu de parto ... morreu ... sabe? ... abortou e ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** e infeccionou ... morreu ... então a gente tinha assim ... era um amor mesmo ... a família assim muito amorosa ... na ... até hoje eu tenho alguns primos ainda em Bauru ... tudo ... e ... nós somos assim ... uma família muito grande ... muito assim ... dada ... amorosa ... umas tias vieram para São Carlos ... tem sítio ... moram em São Carlos ... mas das tias mesmo faleceram todas ... já não tenho mais nenhuma tia do lado assim ... da minha mãe ... lá tem primos ... né?

**Pesquisadora:** hum ... vocês tinham ...

**Professora Dinalva:** e nem do meu pai ...

**Pesquisadora:** vocês tinham um bom relacionamento?

**Professora Dinalva:** mas demais ... demais ... por isso que eu falo que eu assim ... tive ... tive ... não tive o pai ... né? ... durante esse tempo ... depois eu tive meu padrasto ... é ... que foi muito ... um pai para nós também ... mas eu ... eu ... nós fomos assim ... muito amada ... muito assim ... sabe? ... meus avós ... tios ... não sabiam o que fazer para a gente ... eu me lembro até que minha mãe contou que quando ... quando ela precisou me desmamar ... que ela dava de mamar ... eu era novinha ... aquele tempo dava de mamar até agora ... então ela ... meu tio falou assim ... esse tio que veio para Bauru ... falava assim ... é ... “Carolina ... a Dei já é maiorzinha ... grandinha ... tudo ... né? ... fica de companhia ... você não quer dar a Dina para mim? ... a Dinalva para mim?” (risos) ... “eu crio ela para você” ... daí minha mãe pegou e falou ... “não ... não ... eu não dou ... eu ... eu ... se eu comer ... o que eu comer elas comem” ... sabe? ... “se eu comer pedra minhas filhas vão comer pedra junto comigo” ... então ... sabe? ... foi um amor assim ... mesmo ... é ... sabe? ... eles tentaram querer ... é ... separar ... mas minha mãe falou ... “JAMAIS” ... duas meninas ...

**Pesquisadora:** que lindo ... né?

**Professora Dinalva:** LINDO ISSO ... minha mãe falava isso ...

**Pesquisadora:** muito bonito ... meu tio também falou ... “a Carol falou isso para mim” ... que ...

**Pesquisadora:** ela era super nova ... né?

**Professora Dinalva:** ela tinha vinte e dois anos ...

**Pesquisadora:** super nova ...

**Professora Dinalva:** novinha ... né?

**Pesquisadora:** que maturidade ...

**Professora Dinalva:** maturidade ... né? ... então ... foram criado assim ... meu avô muito bravo com elas ... ele era de ... de ... de ... bar ... barbeiro ... tocava na ... na ... na ... nas festas ... né ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então elas iam ... e ... e eram quatro quase da mesma idade assim ... que era ... minha mãe era das ... das cinco primeiras ... era minha tia Emília ... minha tia Lívra ... tia Clementina ... minha tia Amábile ... meu ... e minha mãe ... eram cinco ... e meu tio Primo ... então eram cinco mulheres ... então ... ela ... ela ... meu vô ... meu nono levava elas para o baile ... levava as damas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... elas chegavam lá ... aquele tempo começava acho uma festa que nove horas ... é ... né? ... então ... quando chegava dez horas ... meu nono era um italiano grandalhão assim ... de olho claro ... aquele bigodão assim ... ele tocando assim ... a primeira que passava por perto dele ... olhava e fazia assim ... só mexia o bigode ... ninguém segurava mas elas iam embora ... então ... das vezes não era dez horas ... nove e pouco elas iam embora ... porque ele mandou embora ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** entendeu? ... iam todas ... então ... Seu Santo ... chamava Santo Zambão o meu nono ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então ... “mas Seu Santo cinco damas ... a gente vai ficar sem para dançar ... sabe? ... tinha umas que estão já ... olhando um ou outro namorico” ... né? ... eram tudo mocinha ... e ele falava ... “não ... elas estão querendo ir ... é hora já de ir” ... então ... quer dizer ... você vê ... como que o ... era o respeito aquele tempo ... elas iam ... elas iam em toda festa ... em todo ... mas só que chegava lá o ... a primeira que olhava ... elas evitavam ... até minha mãe contava ... evitavam de olhar para o meu nono ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** porque olhava para ele ... ele já fazia ... era hora de ir embora ... então ... mas não tinha quem segurasse ... que coisa né?

**Pesquisadora:** nossa ... com o olhar ... né?

**Professora Dinalva:** com o olhar (risos) ...

**Pesquisadora:** muito bem ...

**Professora Dinalva:** ai meus Deus do céu ...

**Pesquisadora:** agora queria que você falasse um pouco sobre os lugares que vocês frequentavam ... atividades lúdicas ... de lazer ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** e as oportunidades que você teve ... assim ... fora da escola ... né? ... mais no ambiente familiar ... ou com os amigos ... não sei ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** para aprender ou realizar atividade cognitiva ... atividade social ... cultural ... e física também ...

**Professora Dinalva:** quando ... quando ... quando ... é ... minha mãe casou ... pela segunda vez ... ela veio embora e eu fiquei com meus avós ...



**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** só que ali ... Guarantã ... eu não ... eu ... acho que você não conhece ...

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** é uma cidade pequena onde tem um jardim maravilhoso ... o ... o ... tem a estação do trem ... é bem no meio ... entre um jardim e outro a estação ... o trem passa no meio da ... no meio da cidade ... sabe?

**Pesquisadora:** hum [um celular vibra] ...

**Professora Dinalva:** então ... assim ... é ... é ... a gente tinha nesse jardim ... é ... era a coisa mais linda o jardim ... então nós brincávamos toda noite ... a gente brincava... nós íamos brincar ... a gente brincava ... aquele tempo tinha ... é ... pique ... amarelinha ... esconde-esconde ... é ... sabe? ... a gente ... e tinha o ... é ... atravessando a ... a estrada de trem do lado debaixo ... tinha o outro jardim também ... mas a gente ficava nesse aqui ... o ... Cátia ... muito medo do trem ... e a gente tinha uma certa ... é ... receio ... né? ... não podia passar ... podia ... então ... mas aí eram cinco quarteirões de jardim ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** então você brincava ... sabe? ... o tempo todo ali ...

**Pesquisadora:** você e quem?

**Professora Dinalva:** então ... eu ... minhas primas ... minhas amigas de escola ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... os meninos eram meus amigos também ... a gente tinha os meninos ... brincava com os meninos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... era uma brincadeira sadia ... brincadeira gostosa ... sabe assim de ... pulava muita corda ... aquele tempo ... sabe? ... tinha ... e ... e a gente também ... depois de tudo isso daí ... a gente ... eu corria ... eu ... ou corria na sua casa ... já trazia ... e meu nono dava ... eu me lembro que ele dava uma ... uma moeda para mim assim ... para mim ... né? ... e ... e a gente ia tomar um sor ... com ... ia comprar um ... um picolé ... então daí sim ... daí ele pegava ... e ele ia com nós ... atravessava a ... a linha do trem ... não era horário de trem nada ... mas ele atravessava ... era tão ... tanta preocupação que se não era ele era a minha mãe ... atravessava a gente ... ele ficava esperando ... a gente ia na sorveteria do lado debaixo ... que era uma sorveteria melhor ... que a do lado ... que também tinha ... pra gente ir comprar o sorvete ... vinha todo mundo tomando sorvete ... sabe?

**Pesquisadora:** felicidade total ...

**Professora Dinalva:** nossa ... era uma felicidade total ... e era uma moedinha ... nem 6 centavos aquele tempo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** uma moeda assim ... se comprava um picolé assim ... às vezes ele falava assim para mim ... Dina ... “você traz para o nono ... um a ... um” ... então daí sim ... daí eu comprava ... se minha mãe quisesse também eu pegava ... ela me dava outra moedinha ... daí eu comprava para a minha mãe também que ela ... então quem ia atravessar com a gente lá também ganhava um sorvete ... mas o meu nono adorava ... o meu nono toda vez queria um sorvete também ele (risos) ... e a gente brincava assim ... era ... sabe? ... eu me lembro ... eu me lembro que nessa época também ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** tinha muita festa ... a ... em janeiro tinha festa de Reis ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e eu ... nós tínhamos um medo ... nós a criançada ... nós tínhamos um medo da festa de Reis ... porque vinha aquela procissão ... assim ... um pessoal com uns dez ... doze ... com a ... a ... é ... era uma ... é que em uma flâmula grande ... assim ... onde eles punham muitas ... muitas fitas coloridas ... com o Divino Espírito Santo ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e eles cantavam as músicas e dançavam em volta assim ... muitos até ficavam ... mas a maioria ... eu mesma ... olha ... mas eu corria me esconder de tanto medo que eu tinha dessa festa do divino ... então essa época ... i ... isso me marcou muito também ... eu tinha medo ... sabe? ... e ... e que engraçado ... né? ... eu falo que é ... era ... é uma festa tão bonita ... né? ... que eles ... e eles vinham ... então eles faziam aquele ... aquela ... apresentação ... é ... bem na porta do ... da ... do ... meu nono ali ... meu nono abria a porta ... que era ... era uma barbearia na frente ... então um salãozão ... com duas portas grandes que abriam assim ... então ele abria ... minha nona as vezes servia café ... né? ... para eles ali ... ou um chá ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... e dava uma ... eles arrecadam ... é ... esmola ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e daí dava porque eles mandavam rezar ... acho uma missa ou fazer uma ... é ... para ... alguma promessa que faziam ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e mai ... no ... nessa altura não achava a Dinalva ... porque eu estava até embaixo da cama (risos) ... que medo ... que medo ... medo doentio ... e a turma ... é ... que não tinha medo ... principalmente os meninos ... dançavam junto ... fazia a festa junto ... e era uma festa bonita ...sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... eles ... eles passavam ... e eu tinha essa festa do Divino ... daí ... nossa ... marcou muito na minha infância ... eu tive muito medo ... eu sempre fui uma menina muito medrosa (risos) ...

**Pesquisadora:** entendi (risos) ... e as experiências ... as primeiras experiências que você teve ... você já falou de algumas brincadeiras ... né?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** mas assim ... as que ... algumas experiências que despertou maior interesse ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** pela Educação Física ... né? ... por atividade da cultura corporal ... que vcê realizou em ambientes ... fora da escola ... e também ... durante a escola ... mas em ambientes não-escolares ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** o que que os pais ... né? ... e os avós ... no caso ... pensavam ou falavam em relação a essas práticas da Educação Física e ... como que era ou ... se ... eles participavam ou não ... e se eles participavam de algumas dessas atividades ... como que era a participação deles ... ou alguma pessoa da família ... no caso ...

**Professora Dinalva:** então ... a minha mãe ... a minha mãe contava ... é ... na época que ela ... ela era casada de novo quando nós éramos pequenas ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** a minha mãe disse que ... é ... Guarantã tinha um carnaval muito bonito de rua ... sabe? ... elas ... eles ... eles assim ... é ... faziam roupas ... minha mãe é ... minha mãe tinha o dom ... por isso que depois ela continuou ... é ... é ... costurando para fora ... porque minha mãe tinha o dom ... então minha mãe ela ... ela fazia ... uma fantasia para todo mundo ... ela e meu pai ... sabe? ... eles iam de casais ... e ... e ... e ... e tinha um clube que era do outro lado também ... como eu falei para você ... tinha a sorveteria ... que eles dançavam ... eles iam para a festa também ... então eles participavam de carnaval ... aquele tempo carnaval era uma festa bonita ... então ... uma festa assim ... é ... até certa hora ... eles iam ... eles faziam fantasia ... eles ... até ... também ... dançavam ... assim ... em volta do jardim ... e lá ... que o jardim tinha um coreto ... eles faziam a festa em volta do jardim ... do coreto ... eu não me lembro dessa parte ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu vi foto que minha mãe tinha ... e ... não lembro ... minha irmã já como era mais ... maiorzinha ... ela até meu pai levava ... a minha mãe ... é ... ela ia ... sabe? ... então dessa parte eu não lembro ... agora na escola ... eu sempre tive um ... é ... assim ... muita vontade ... eu sempre fui uma ... uma menina assim ... de coroar Nossa Senhora ... de ... de cantar na igreja ... de ... assim ... é ... e po ... poesia ... eu sempre gostei muito de poesia ... então no meu pri ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... e da ... de escola ... eu ... eu sempre ... todas festas ... eu que fiz ... eu que rezava ... eu que ... que canta ... é ... recitava as poesias ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** tinha mais meninas ... mas eu sempre tive muita facilidade de decorar ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então eu que decorava ... então tinha muita festa ... as festas na escola ... é ... na escola que eu frequentava eram duas só em Guarantã ... aquele tempo ... então eu ... a ... as nossas festas nós participávamos ... tinha assim ... tinha assim ... é ... danças ... às vezes dança ... às vezes a ... apresentação de algum ... algum teatrinho ... para a professora fazia .... e ... e por incrível que pareça ... as nossas pro ... a minha professora de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... nenhuma era de Guarantã ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** todas eram de fora ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...entendi ...

**Professora Dinalva:** então elas vinham e ficavam ... teve umas até que ... que morou um tempinho lá com a minha ... em casa ... minha nona ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... morava lá tam ... morou lá ... que ... não tinha hotel assim ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** tinha pensão ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** coisas assim aquele tempo ...então as minhas professoras eram muito legais ... então eu tive ... eu ... eu fui uma menina assim ... é ... é ... muito solicitada para fazer as coisas ... eu sempre gostei ... eu inclusive eu falo ... estou com setenta e dois anos ... eu tenho poesia que eu ... aprendi na escola ... né? ... eu te ... eu tive uma poesia que era ... da ... da ... da ... é ... grande do ... de ... de ... natal ... de ... de ... festa junina ... de tudo isso ... que eu ... até pude transcrever ... pois muitas delas ... nesse álbum que nós fizemos na faculdade ... porque eu me lembrei das poesias ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu lembrava ... então eu fui assim uma menina ... né? ... nesse sentido ... agora ... minha mãe participava ... minha mãe ia ... todas festas que tinha ... eu tenho uma ... eu tinha uma prima ... que meus avós criaram também ... que ... foi ... filha de uma tia que morou em Garça muitos anos ... ela teve sete ... sete filhos homens ... e só essa de mulher ... a Nadir ... e ela ... é ... essa minha tia ... foi mãe solteira ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e meu padrasto é o ... o ... meu tio que casou com essa minha tia ... ela teve sete homens depois ... ela ... eles tinham um quesinho assim com a Nadir ... ela ... ele ... minha tia levou ela pequenininha com dois aninhos ... daí meus avós ficaram com ciúmes e trouxeram de volta ... então minha nona também criou essa minha prima ...

**Pesquisadora:** hum ... entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... e ela também ... ela era muito de me deixar .... é ... dançar ... de me deixar ... é ... fazer ... é ... roupa para mim ... é [professora se distancia do gravador de som] ... vou mostrar para você ... aqui foi uma festa linda ... eu fui uma borboleta ... vou mostrar essa para você ...

**Pesquisadora:** ah ... depois eu vou fotografar ...

**Professora Dinalva:** é ... minha prima ... eu tenho ...

**Pesquisadora:** é você aqui?

**Professora Dinalva:** sou eu ... e minha prima Terezinha ... mora em ... em Bauru ... e aqui era um poço ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e eu tenho também ... é sentada no poço ... sabe?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então aí ... e aí você vê como a minha prima fazia ... era um vestido de tule ... lindo ... aí assim ... mas era tule assim ...

**Pesquisadora:** para a época ... né?

**Professora Dinalva:** nossa ... eu fui ... eu fui ... eu era a ... que nem uma borboleta ... e elas eram as flores ... isso aqui era verde ... e cada uma estava de ... de ... é ... a sainha era de crepom ... cada uma de uma cor ...

**Pesquisadora:** e é ... e isso foi para uma apresentação?

**Professora Dinalva:** foi uma apresentação ... da escola ...

**Pesquisadora:** da escola ... que bacana ...

**Professora Dinalva:** na escola ... aqui eu tinha na época ... acho que uns oito anos ...

**Pesquisadora:** pode ser ... acho que estava ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** na 1ª. série ... é ... essa prima é da mesma idade ... só que eu sou de sete de setembro e ela é de cinco de outubro ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... então a gente teve ... não são bastantes ...

**Pesquisadora:** vocês moraram juntas ... né?

**Professora Dinalva:** ISSO ... minha ... morava lá ... ela é filha de um irmão da minha mãe ... a Terezinha ... essa prima ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** e ali ... você vê ... minha irmã também ... pequenininha ... eu estava com quase três anos ali ...

**Pesquisadora:** a primeira ...

**Professora Dinalva:** minha irmã já era mais mocinha ... não ali ... aqui embaixo ...

**Pesquisadora:** está ...

**Professora Dinalva:** lá é minha filha e meu filho ...

**Pesquisadora:** ah ... está ...

**Professora Dinalva:** aqui ... olha ... onde ele usava o laço ... um laço na cabeça desse tamanho ...

**Pesquisadora:** a sua irmã e você ...

**Professora Dinalva:** é ... a minha irmã e eu ...

**Pesquisadora:** é uma boa diferença ... né?

**Professora Dinalva:** ah ... é ... seis anos ... e eu sou sete do irmão que é do segundo casamento da minha mãe ...

**Pesquisadora:** entendi ... e depois eu vou ... fotografar ...

**Professora Dinalva:** ISSO ... está bom ... bem ... eu tenho outras também se você quiser ...

**Pesquisadora:** é ... eu vou querer ...

**Professora Dinalva:** está ...

**Pesquisadora:** é ... e ... você comentou do teatro ... da ...

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** dos recitais ...

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** da poesia ...

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** da dança ...

**Professora Dinalva:** da dança ...

**Pesquisadora:** da dança ... né? ... mais alguma atividade física assim ... em especial ... que você tinha um maior interesse ... dessas brincadeiras no jardim ...

**Professora Dinalva:** então ... essas brincadeiras no jardim e ... eu ... você sabe que ... é ... é ... eu tive ... tinha os meninos que a gente na época até ... e ... era colega ... e ... e ... aí ... e eles eram danados ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eles ... escondiam ... às vezes empurravam a gente ... e nessa época também eu ganhei uma bicicleta ... da minha prima Nadir ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** ela me deu uma bicicleta ... então ... mas todo mundo andava com a bicicleta ... sabe? ... ela me deu a bicicleta ... me lembro até hoje ... era uma bicicleta Monark ... de é ... feminina ... e ela ... ela não tinha cano ... sabe?

**Pesquisar:** entendi ...

**Professora Dinalva:** todos podiam andar ... então depois ... ela ... eles falavam “DINA ... DINA ... QUE HORA NÓS VAMOS ANDAR DE BICICLETA?” ... então tinha ... tinha o horário ... da ... das brincadeiras ... sabe? ... mas eu era assim ... é ... é ... como líder ... sempre fui ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... eu sou assim é ... prosa ... gosto muito de conversar tudo ... mas tudo o que eu falava ... “GENTE ... VAMOS AGORA BRINCAR COM ISSO” ... então ...

**Pesquisadora:** você sempre que direcionava ...

**Professora Dinalva:** eu direcionava as brincadeiras ... e era ... nossa ... era pique ... era amarelinha ... era ... e todos brincavam da mesma coisa ... não tinha assim essa história de um falar ... “ah não ... não quero isso” ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** quero brincar com outra coisa ... né? ... porque na época não se tinha muito material ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** não se tinha assim ... então a ... eu ... eu era assim ... ali ... vamos agora ... cansava de brincar de pique ... porque pique corria muito ... os meninos pegavam muito a gente ... sabe? (risos) ... então a gente brincava ... brincava também de passar-anel ... adorava passar-anel ... porque na época de passar-anel ... é ... era com respeito tudo ... mas o ... um ... é ... um queria por na outra ... porque queria abraçar ... um abraço no outro ... você lembra dessa história de passar anel ... né?

**Pesquisadora:** sim ... sim (risos) ...

**Professora Dinalva:** então ... foi assim ... uma infância ... praticamente ... que eu fiz até a 4<sup>a</sup>. ... é ... assim ... pequenininha ... porque eu já morei com meus avós até minha mãe casar ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e fiquei até terminar o grupo ... foi uma infância assim ... com muita brincadeira ... com muito amor ... com muito ... assim ... sabe? ... nesse sentido assim ... porque era uma cidade pequena ... uma cidade que não ... não tinha ... não oferecia tanta coisa ... sabe? ... não era ... e eu só viajava todas vezes para ... para a casa da minha mãe ... é ... quando ela casou pela segunda vez ... que daí a minha irmã vinha me buscar ... e eu ia passar as férias ... mas daí era fazenda ...

**Pesquisadora:** sua irmã já era mocinha essa época?

**Professora Dinalva:** já ... porque ela ... é ... quando a minha mãe casou eu já ia fazer oito ... em sete ... oito ... ela já tinha terminado o grupo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ela veio embora com a minha mãe ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ela veio ... foi até uma separação muito difícil para nós ... ficamos a vida inteira desde que meu pai morreu ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** junto ... depois minha mãe casou pela segunda vez ... todo mundo ficou doente ... eu chorava aqui ... ela chorava lá ... meus avós choravam aqui [professora se emociona] ... que separou ... tinha que separar né?

**Pesquisadora:** e quando sua irmã foi com seus pais ... é ... aí ela parou de estudar?

**Professora Dinalva:** daí ela parou de estudar ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ela parou de estudar ... e depois ela morava na fazenda ... ajudava a minha mãe na fazenda ... o meu pai era administrador de fazenda ... se toda fazenda tinha uma ... uma casa melhor ... por um administrador ... era uma casa assim ... perto da casa da fazenda ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque geralmente as casas da fazenda do patrão eram boas assim ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** sempre tinha uma do lado que era assim ... um pouquinho melhor ... que morava o administrador ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... sempre casas ... sempre casas assim ... morei em casas também depois que o meu pai ... meu pai foi em várias ... é ... teve ... uma fazenda só ... que eu me lembro que ... aliás ... duas fazendas que nós moramos em ... em ... em casa de madeira ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** até ... casa de madeira ... até eu tinha meu irmão pequenininho ... e até foi picado ... que em volta da fazenda ... em volta da casa era só canavial ... e tinha muitas aranhas ... até ele foi ... é ... é ... uma aranha picou a perninha dele e ... nossa ... foi ... foi difícil ... precisava ficar em Bauru ... precisou abrir ... quase que ele perdeu a perninha ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** é ... então aconteceu isso ... mas do resto a gente morou em casas boas ... eu até ... né ... nessa última fazenda ... numa das últimas ... que antes do meu pai vir para cidade ... eu ... eu ajudava meu pai ... na ... na ... porque eu fiz até 4<sup>a</sup>. série e aquele tempo até a 4<sup>a</sup>. série se aprendia bastante ... se sabia ... e meu pai até a 3<sup>a</sup>. que ele fez ... ele é ... ele além de ... de ... de ... de ... de tomar conta da fazenda ele fazia escrita ... e eu ajudava ele fazer ... fazia toda a escrita com ele ... então eu aprendi muito ... por sinal ... eu vou contar depois para você ... eu ... eu ... eu tra ... eu ... quando eu fazia Educação Física ... que eu trabalhei em Bauru na “Plínio Ferraz<sup>187</sup>” ... e na “Plínio Ferraz” não podia ter uma sis ... uma sis ... uma sos ... uma auxiliar ... ou alguém para trabalhar na ... na ... secretaria ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu que fazia todo o trabalho de secretaria ...

**Pesquisadora:** olha só ...

**Professora Dinalva:** porque eu sabia até bater máquina eu sabia ... sabe? ... era aquela máquina desse tamanho ... se fazia o mapa do movimento ... desse tamanho ... hoje não ... é

---

<sup>187</sup> Referiu-se à Escola Estadual “Plínio Ferraz”, de Bauru, SP.

tudo tão fácil ... né? ... então eu fiz três anos lá ... enquanto eu fiz a faculdade eu era ... eu era ... é ... eu trabalhava na escola como ...

**Pesquisadora:** professora?

**Professora Dinalva:** professora é ... mas é ... mas é ... tinha outro nome ... se ... se ...

**Pesquisadora:** datilógrafa?

**Professora Dinalva:** não ... não ... eu trabalhava ... a minha ... a minha diretora até ... até uns anos atrás ela me mandava todo ano ... me ligava ... agradecendo ... ela fez Pedagogia fez ... e fez Direito ... enquanto eu fui ... eu fazia o trabalho de ... de escriturária ... então eu era ... é ... ai meu Deus ... eu fui ... quando você vai ... é ... você não é professora ... é titular ... você é ...

**Pesquisadora:** professora substituta?

**Professora Dinalva:** SUBSTITUTA ... EU FUI SUBSTITUTA ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** três anos ... nessa escola ... então é ... eu tive base nisso daí ... eu morei nas fazendas e eu ajudava meu pai na parte de escrita ...

**Pesquisadora:** então nesse período da escola ... só para eu entender ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** você em um período dava aula ... e no outro trabalhava na secretaria?

**Professora Dinalva:** não ... nesse período eu fazia Educação Física ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e eu trabalhava na secretaria ... como ... como ... é ... não podia ter secretária é ... é ... eu trabalhei dois anos só como secretária ali ... mas não ganhando porque não podia ter ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... eu fiquei fazendo o meu ... o meu é ... meu tempo de serviço ... daí teve no terceiro ano ... da ... daí ... daí a diretora ... a diretora ... me deu uma classe ... fez ... é ... trocou período para mim poder ganhar ... o ano inteiro ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu ... bem?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ela fez isso daí para mim ...

**Pesquisadora:** muito bem ...

**Professora Dinalva:** porque eu ... eu ganhava mais assim é ... mais pontos ... né? ... fazia mais por pontos ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** porque na verdade eu estava fazendo Educação Física eu queria sair daquela ... não queria ser professor mais primário ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ... depois você vai falar um pouquinho mais disso ...

**Professora Dinalva:** está bom ...

**Pesquisadora:** é ... é ... tem algum assim ... sentimento ... ou alguma situação em especial ou alguma pessoa em especial que de algum modo marcou ou encerrou essas experiências que você relatou até agora ... da infância ... do nascimento ... da família ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... eu ... eu assim ... embora eu falei para você que nós fomos ... fomos criadas assim em uma família simples mas [alguém interfere a conversa e fala com a professora] ... é ... então pega o dinheiro e paga ... está aí ... oh ... aí oh ... é ... e ele já trocou? ... está ... aí na bolsinha tem dinheiro paga ele ... eu pensei que fosse o ... o seu ... o seu ... viu ... é ... então ... embora a gente tenha sido assim ... é ... muito amada ... porque ... é ... eles não sabiam o que fazer para gente ... eu penso ... duas meninas ali ... tão pequenas sem o pai ... era família grande ... todos tinham pai ... todos tinham ... então a gente ficava sabe? ... e esse meu tio ... que ... que ... que era ... cunhado da minha mãe ... que queria casar ... com a minha mãe ... ele falava assim ... “ah eu queria tanto ser pai” ... então a gente esperava ele vir de Bauru ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque trazia sempre um presentinho para mim ... para minha irmã ... se era Páscoa ele trazia um ovinho de Páscoa ... um chocolate para nós ... então ... a gente nessa época ... a gente se apegava nele ... como se fosse um pai ... então ... na verdade ... por mais que nós fôssemos muito amada ... muito querida ... nós sentimos muita falta do pai ... nós sentimos muito assim é ... até o meu padrasto foi muito bom para a gente ... um bom ... bom mesmo ... nós tivemos uma família muito boa ... meus tios ... tudo ... tinha essa época que ... meu tio queria que minha mãe desse eu para ele ... e ela ficou triste essas coisas ... mas não teve que cortar a amizade nada ... era coisa assim de ... “não ... bem ... se eu como pedra minhas filhas comem” ... e ... encerrou o assunto ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** minha mãe cuidou da gente até o ... o que pôde ... entendeu?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e ... e assim ... sem faltar nada ... porque meus avós também ... o que precisava meus avós ... né? ... estavam ali ... e ... e foi uma pe ... uma ... uma ... uma família assim ... minha mãe comprava ... por exemplo ... uma fruta ... e falava ... “Dina ... sua da Dei ... da mamãe ... daí danone do nono” ... cada um comia a sua ... não tinha isso que ... é ... aqui em casa não ... às vezes tinha um monte de chocolate aí ... o Paulo sempre adorou ... tudo ... quem vai ... quem vai primeiro vai comendo tudo (risos) ... e se não esconder para outra ... é ... é assim ... a vida é hoje ... assim diferente ...

**Pesquisadora:** quem é Paulo?

**Professora Dinalva:** o Paulo ... meu filho ...

**Pesquisadora:** ah está ... então ... ele e a Lúcia (risos) ... mas nós não ... minha casa ... podia apodrecer a da da minha irmã ... ou a minha ... mas não pegava a da outra ... era um disciplina assim ... é ... é ... impressionante ... daí ela falava ... “oh Dina ... se quiser comer ... é ... pode comer a minha fruta ... ou pode comer isso daí que ... que é a Dei não quer” ... que uma chama ... ela chama Sidnei ... e eu Dinalva ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** então era Dei e Dina ...

**Pesquisadora:** entendi (risos) ...

**Professora Dinalva:** da Dei e Dina ... sabe? ... então ... então a gente ficou ... a gente era muito ... três ... a minha irmã foi ... voltou para cuidar dos meus avós ... tudo ... mas a minha irmã tem um temperamento ... até ... melhor que o meu ... assim ... ela é uma pessoa dada ... você vai ter oportunidade de vê-la ... é ... assim ... boa ... um coração ... então ... ela ... ela ... aceita ... eu já fui mais emburradinha ... assim ... sabe? ... mais ... chorona ... assim ... mas entre eu e a minha irmã ... nós ... até hoje ... nós temos uma amizade ... nós nunca ... brigamos ...

**Pesquisadora:** nossa...

**Professora Dinalva:** nós nunca ... uma falou alto com a outra ... uma ... eu si ... me lembro ... é ... uma ... uma fazenda que nós moramos ... em que ... meu pai ... além de administrador e tudo ... ele tinha uma capacidade ... minha mãe criou um moço também ... Luiz ... faleceu já também ... fazia umas hortas que a gente dava ... eu levava para a cidade ... eu morei quatro anos lá em Piratininga ... eu ... eu trazia ... ces ... sacola ... cesta ... para levar para os professores ... meus amigos em Piratininga ... de tanta coisa que tinha ... se fazia plantação cebola ... cebola ... cebola mesmo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** de ... de ... de ... de tomate ... tudo ... e a gente levava ... era uma fartura ... era uma fartura que ... Nossa Senhora ... todo mundo vinha da cidade e ia lá ... na minha casa comigo ... e ... quando ... logo que eu comecei a namorar meu marido ... e eles iam lá buscar ... e uma vez a mamãe falou assim para mim ... “Dina ... vai lá na horta ... filha ... e có



... pega uns ... uns ... uns chuchus para a mãe ... que ... aqueles bem novinhos ... bem novinhos assim ... para fazer aquela salada que eu gosto e ponho ... ponho aquele molho” ... eu falei ... “está bom” ... e eu fui ... ela falou ... “só que cuidado ... que o Luiz viu uma ... não é ... não é ... não é ... é cobra venenosa ... mas uma cobrinha por lá” ...

**Pesquisadora:** o Luiz era eu irmão?

**Professora Dinalva:** o Luiz era ... não ... era um camarada que minha mãe criou ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** ele ... é ... ele tinha difi ... é ele tinha ... é [celular vibra] dificuldade em falar ... que ele teve meningite ... ele tinha um papo ... um ... um ... uma muito grande assim ... e ele ... falava com dificuldade ... assim ... mas foi criado ... minha mãe criou ... minha mãe ... meu pai ... é ... pegou ele da ... da família dele ... estava muito assim debilitado ... e criou ele ... morou cono ... com a gente ... como se fosse um irmão ... morou ... minha mãe ...

**Pesquisadora:** e pegou assim com quantos anos mais ou menos?

**Professora Dinalva:** ah ... ele já tinha uns vinte e dois anos ... era um moço ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... mas ficou com minha mãe ... até ... quando que ... minha mãe ... depois de muito tempo que a gente já estava ... eu já estava marcado casamento ... minha irmã já tinha casado ... minha mãe separou do meu padrasto ... meu irmão que é esse ... meu ... único que eu tenho ... né? ... ele ... ele encontrou minha mãe ... meu pai conversando com uma mulher ... foi aquele desespero em casa ... ele doido ... ele gritava ... desesperada ... e minha mãe ... e minha mãe ... acabou se separando do meu pai ... desse padrasto ... sabe? ... mas ele continuou ... o Luiz continuou morando com meu pai até morrer ... o ... o ... sabe? ... esse que minha mãe criou ...

**Pesquisadora:** é ... ele ficou com o seu pai ...

**Professora Dinalva:** ficou com meu pai ... porque daí minha mãe foi morar comigo ah ... a minha irmã [corte no áudio] ... e o meu irmão veio morar comigo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** porque daí eu casei e ... ele morou comigo e ... e meu pai continuou trabalhando ... fazendo ... aquele tempo ... depois meu pai não era mais administrador de fazenda ... morava em Piratininga ... ele ... ele ... é ... pegava assim ... pedaços de terra para ... para tocar assim ... é ... para plantar ... é ... aquele tempo plantava amendoim ... é ... amendoim ... plantava batatinha ... essas coisas ... e o Luiz sempre junto ... com lá com ele ... sabe? ... continuaram morando junto os dois ... na mesma casa um cada um ... ficou na casa lá ...

**Pesquisadora:** e ninguém casou de novo?

**Professora Dinalva:** não ... não ... ninguém casou de novo ... então daí ... a ... é que eu estava ... eu ia falar para você ... até esqueci o que eu ia contar ...

**Pesquisadora:** você ia falar ... você falou do seu tio ... que vocês esperavam muito por ele ... e ...

**Professora Dinalva:** a gente esperava muito ele ...

**Pesquisadora:** pessoa ... pessoa ... situação ... sentimento que marcou desse período ...

**Professora Dinalva:** então ... então ... e ... e ... a gente morava nessa fazenda ... ah ... então ... e eu sempre ... é ... e a minha mãe mandou que eu fosse pegar isso na horta ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e eu fui ... e com medo ... era uma horta ... tinha uma fartura ... turma vinha ... levava de sacolada de chuchu ... de abobrinha ... de coisa ... que coisa mais linda ... eles tinham um dom ... para isso eles tinham uma terra boa também ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque para ... e ... eu fui lá ... ai fiquei aqui ... e a Dei ... minha irmã ... falou assim ... “ai mãe eu vou ... eu vou brincar com a Dina” ... ela falou ... “NÃO VAI QUE

A DINA É EMBURRADA ... A DINA VAI FICAR BRAVA COM VOCÊ” ... daí no que eu estou lá procurando dentro da horta ... ela fora da horta ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu fui pegar assim ... um chuchu ... ela fez assim ... “fuuuuu” ... fez um barulhão assim ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** eu joguei a bacia para cima ... assim comecei a gritar ... mas eu gritava ... eu gritava ... gritava ... “AI ... UMA COBRA” ... ela ... “DINA DO CÉU ... SOU EU ... ESTOU BRINCANDO COM VOCÊ ... DINA DO CÉU” ... aquele dia eu fiquei de mal dela ... foi a única vez que eu (risos) ... daí fiquei de mal ... eu chorava ... ela vinha me beijava ... “DESCULPA DINA ... PELO AMOR DE DEUS ... QUIS BRINCAR COM VOCÊ ... ACHEI QUE VOCÊ TINHA ME VISTO DO OUTRO LADO ... AMOR” ... então pra você ver ... nós nunca ... uma irmã brigou com a outra ... ou falou assim ... é ... sabe? ... o que ela precisou eu corri com ela ... o que eu precisei ela correu comigo ... ela me ajudou ... marido dela morreu de Câncer ... ela veio para cá ... ficou aqui comigo ... então eu ... eu ... nós tivemos assim ... é ... até hoje ... nós somos unidas ... mas demais ... mas demais ... nunca uma falou uma coisa que a outra ficasse triste ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Dinalva:** e isso é bom ... não é?

**Pesquisadora:** muito bom ...

**Professora Dinalva:** mas também só nós duas ...

**Pesquisadora:** e é raro né?

**Professora Dinalva:** é raro ... é raro ... eu vejo irmãs ai que fica de mal ... mal de anos ... que nem se conversam ... né? ... então nosso relacionamento foi muito ... e é até hoje ... porque nós somos as duas viúvas ... né? ... nós somos aí ... ela já ...

**Pesquisadora:** ela mora por aqui?

**Professora Dinalva:** ela mora aqui ... ali perto do su ... do antigo SESI<sup>188</sup> ... ali embaixo ...

**Pesquisadora:** hã ... está ...

**Professora Dinalva:** perto é ... mora aqui em Bariri ... ele ficou muito ... muito mal ... meu cunhado ... foi mandado embora do banco ... ele era gerente do banco ... aquele tempo era comércio e indústria o banco ... comércio e indústria ... e ... ela morou até um tempo nessa casa dos meus avós ... em Guarantã ... e depois como minha mãe ... já estava doente ... teve Câncer ... daí eu trouxe elas para cá ... aqui para Bariri ... minha mãe operou o Câncer no estômago ... aqui em Bau ... em Jaú ... mas morreu de Câncer minha mãe ... no estômago ... já tinha tomado tudo ... e ela ficou ... não morava nessa casa ... morava em uma casa ali embaixo ... perto da outra escola ... e minha mãe ficou morando ... minha irmã ficou morando comigo ... ela e ele e a minha sobrinha ... eu tenho uma sobrinha ...

**Pesquisadora:** ela tem uma filha?

**Professora Dinalva:** ela tem uma filha ... tem uma filha ... e essa filha tem um filho que hoje ele é médico ... uma gracinha ... até eu fui lá para comprar o pão ele ... ele tinha chego ... ele mora em Araraquara ...

**Pesquisadora:** hum ... está ...

**Professora Dinalva:** então ... e ... e eu falo assim ... que nós tivemos assim uma ... uma vida ... e ela ficou morando aqui ... ficou morando aqui ... depois é ... ele ... eu ... eu fiquei viúva ... né? ... ela me ajudou ... me deu muita força ... porque já fez trinta que eu estou viúva ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** verdade ... e ela já faz uns doze ... meu cunhado ... então ele também me deu muita força ... muita força assim ... eu tinha minha sogra e meu sogro também me deram

<sup>188</sup> Serviço Social da Indústria.

muita força ... é ... não é fácil você ficar viúva ... sabe? ... assim com duas crianças pequenas ... eu ... eu jamais esperava ficar viúva ... eu sempre fui assim ...

**Pesquisadora:** viúva nova ... né? ... faz trinta anos ...

**Professora Dinalva:** é ... minha mãe ficou bem mais que eu ... tadinha ... era menina ... né? ... mas eu ... eu tinha quanto ... trinta e sete ... para trinta e oito ...

**Pesquisadora:** nova ... super nova ...

**Professora Dinalva:** então ... e ele ia fazer quarenta e dois ... meu marido ...

**Pesquisadora:** novo também ...

**Professora Dinalva:** da idade do meu filho hoje ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** meu filho fez ...

**Pesquisadora:** hoje faz quarenta anos ... é novo ...

**Professora Dinalva:** é novo ... né? ... menino de tudo ...

**Pesquisadora:** e ele faleceu de que?

**Professora Dinalva:** ele teve um infarto fulminante ... trabalhava na Reseg aqui ... mas ele era ... ele tomava conta da Reseg de Jabuticabal ... ele morreu no hotel lá ... teve um infarto fulminante ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** é ... é a vida ... né?

**Pesquisadora:** é ... é a vida ...

**Professora Dinalva:** é a vida ... e seus parentes ... seus parentes são lá de Piratininga também?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** não ... bem?

**Pesquisadora:** só eu em Piratininga ...

**Professora Dinalva:** é ... bem?

**Pesquisadora:** só os parentes do meu esposo ...

**Professora Dinalva:** e onde moram?

**Pesquisadora:** Paranapanema ...

**Professora Dinalva:** e ... é longe ...

**Pesquisadora:** um pouquinho (risos) ...

**Professora Dinalva:** ah ... parece que eu ia ... pra ... por Guarantã ... noroeste ... ia para Paranapanema ... ia?

**Pesquisadora:** não sei ... acho que não ...

**Professora Dinalva:** não? ... não é noroeste?

**Pesquisadora:** acho que não ...

**Professora Dinalva:** não ... é?

**Pesquisadora:** deixa eu só encerrar aqui ... só encerrar ... aí depois ... se você tiver ... você já mostrou algum documento ... fotografia que representa de alguma forma esse período ... da infância ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** para a gente estar registrando também ... está?

**Professora Dinalva:** você quer que eu pego já?

**Pesquisadora:** não ... pode ser depois ... aí a gente encerra agora ... essa primeira ...

**Professora Dinalva:** sei ...

**Pesquisadora:** essa primeira ... esse primeiro roteiro ... primeira etapa ... está bom?

**Professora Dinalva:** está bem ...

## TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** é ... agora professora Dinalva ... nós vamos falar da experiência na vida escolar ... então o período que corresponde à Educação Básica ... desde a Educação Infantil até o Ensino Médio ... ou Magistério ... ou curso que ... você realizou na época ... então para iniciar ... eu gostaria que você cara ... caracterizasse ... como que foi o início do seu processo de escolarização ... se foi escola pública ... escola privada ... qual era a perspectiva e va ... valores dos pais ... e ... ou familiares e da sociedade em geral ... em relação à escola ... em relação ao estudo e ao futuro ... e como que era a participação dos pais e as pessoas da família na vida escolar ...

**Professora Dinalva:** então ... eu sempre gostei ... assim ... quis ser professora ... sempre quis ... estudar ... né? ... então o meu ... meu pai então resolveu mudar para Piratininga ... que era para mim continuar ... estudar ... né? ... porque eu tinha feito até a 4<sup>a</sup>. série ... e vim embora para a fazenda ... fiquei ... quatro ... porque quando eu comecei ... fui fazer o 5<sup>o</sup>. ano ... que era um preparatório antigamente ... eu fui ... meus pais moravam nessa fazenda perto de Piratininga ... então eu fiz o 4<sup>o</sup>. ano ... é ... é ... preparatório ... chamava preparatório ... e você fazia que ... que era 5<sup>o</sup>. ano ... com preparatório ... e se prestava ... é ... como um vestibulinho para você entrar para a 5<sup>a</sup>. série ...

**Pesquisadora:** meu pai passou por essa experiência ...

**Professora Dinalva:** passou também?

**Pesquisadora:** tinha um diploma lá de aprovação ...

**Professora Dinalva:** isso ... então ... e daí eu peguei e fui ... fui ... fui ... fiz lá em Piratininga ... é ... numa escola ... e depois eu passei ... e fui para fazer de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries ... é ... lá nesse colégio que você conhece ... que é o ... o ... lá em cima ...

**Pesquisadora:** que é a EMEI?

**Professora Dinalva:** não ... não ...

**Pesquisadora:** o Eduardo?

**Professora Dinalva:** Eduardo Velho Filho ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** lá eu fiz de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries ... então depois quando eu fiz de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries ... é ... é ... era escola do Estado ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu fiz morando nessa fazenda que ... tinha uns três quilômetros ali de Piratininga ... fiz de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... e quando eu terminei 8<sup>a</sup>. série ... eu queria de todo jeito ser professora ... é ... tinha aquilo de ser professora ... tudo ... e ... e aquele tempo também você tinha ... para você fazer é ... é educação ... pra fazer ... ser professora ... você tinha ... é ... saía todo mundo ... por exemplo ... de ... é ... de ... Duartina ... Piratininga ... Agudos ... todas cidades ... você tinha que ir para Bauru para prestar o vestibular ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** tinha vestibular para você fazer ... Magistério ... ou ... ou fazer clássico e científico ... aquele tempo tinha ... ou fazia comércio ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... então eu fui ... nós fomos ... nós éramos na minha classe ... nos éramos num ... ah ... uns trinta ... trinta e pouco ... né? ... então é ... nós éramos umas quinze que vamos ... fomos tentar no Instituto de Educação “Ernesto Monte<sup>189</sup>” ... nós fomos tentar fazer o vestibular para passar ... para fazer Magistério ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** porque Magistério só tinha em poucas ... poucas escolas ali ...

**Pesquisadora:** hum ...

---

<sup>189</sup> Atual Escola Estadual “Ernesto Monte”, de Bauru.

**Professora Dinalva:** escola do Estado ... que a gente era pobre ... não tinha como você pagar ... porque tinha escola particular ... e você podia ... até fazer ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu fui prestar ... nós fomos prestar ... e ... e para ... e né ... quando nós fomos ... é ... era limitado o número de vagas ... porque eles deixavam ... por exemplo ... cinco vagas para Piratininga ... cinco vagas porque tinha o pessoal de Bauru ali todos ...

**Piratininga:** sim ...

**Professora Dinalva:** todas as escolas de Bauru ... que eram do Estado ... então é ... é ... eu não passei nesse vestibular ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu não passei ... não ... não só eu ... não passamos em várias ... várias ... aliás não passamos para o Magistério ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... o que eu nós fomos fazer ... nós fomos fazer é ... umas delas foram fazer o clássico e científico ... e teve opção ... eu poderia ter feito [campanha da casa toda] ... clássico e científico ... se eu quisesse ... porque daí eram poucos candidatos ... então ...

**Pesquisadora:** clássico científico era como se fosse o Médio hoje?

**Professora Dinalva:** era ... eram três anos ... é ... tinha a área que você ia fazer ... é ... é ... por exemplo ... Medicina ... ou tinha clá ... ou ... o ... outra que você ia para lecionar ... sabe? ... era clássico científico ... você não chegou ... saber disso?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** era profissionalizante?

**Professora Dinalva:** era ... e ... não ... ele era do Estado ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e você fazia três anos ... e depois você ingressava na faculdade que você queria ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** ciências de letras ... ou ... ou você ia na área ... na área de ciências de ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** letras ... que daria para fazer medicina ... essas coisas ... ou na outra área ... outras áreas de ... que você ia ... para lecionar só assim ... sabe?

**Pesquisadora:** e comércio era profissionalizante?

**Professora Dinalva:** comércio ... comércio ... isso ... então daí nós fomos prestar ... nós fomos prestar ... a ... profissionalizante ... e fui prestar secretariado [alguém interrompe e fala com a professora] ... “aí ... tudo bem ... mas tem que pagar ... vê o dinheiro aí ... acho que é ... não sei ... então vê aí ... e paga para mim” ... então ... eu tinha ... daí ... daí nós fomos ... nós fomos em cinco fazer secretariado ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** nós fomos fazer no SENAC<sup>190</sup> ... secretariado ... lá em Bauru ... um ... umas fizeram clássico científico ... outras foram para ... foram fazer ... é ... comércio ... como que chama sem ser secretariado? ... era ... é ...

**Pesquisadora:** contabilidade?

**Professora Dinalva:** CONTABILIDADE ... foi fazer contabilidade ... só que contabilidade ... é ... é ... é ... secretariado ... esse aí ... já eram ... já foi particular ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** você prestava na mesma época ... só que a escola era particular ...

**Pesquisadora:** certo ...

---

<sup>190</sup> Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

**Professora Dinalva:** sabe? ... nosso ... daí ... daí nós entramos ... a gente ... nós entramos ... eu entrei ... eu fiz três anos de secretariado ... eu fiz três anos de secretariado ... mas a minha ideia era ser professora ... quis sempre de todo jeito ser professora!

**Pesquisadora:** desde quando essa ideia?

**Professora Dinalva:** ah ... eu desde menina ... que eu ajudava meu pai ... que eu contei para você ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... sabe? ... tive ... tinha muita facilidade ... tive dois tios ... que eram irmãos do meu padrasto ... que eles ... eles queriam ser ... é ... soldados ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** faziam a área de ser soldado ... então eles tinham ... tinham um exame para fazer ... prova ... tudo ... e eu ... na minha casa eu ensinei eles ... eles trouxeram para mim o que ia cair ... e eu só tinha até 8ª. série ... eu ensinei ... os dois foram aprovados ... e fizeram ... é ... é ... então eu sempre quis ser professora ... eu tive ... eu tinha assim ... é ... é ... facilidade para ensinar ... sabe? ... eu pegava assim uma ... uma matéria ... dava uma lida ... eu tinha essa facilidade ...

**Pesquisadora:** mas nessa época aí que você pensava em ser professora ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** você não tinha definido ainda que era de Educação Física?

**Professora Dinalva:** não ... nem imaginava ... nem imaginava ... porque ... eu sempre gostei de esporte ... sempre fui assim uma perereca assim ... mas não ... Educação Física não ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu queria ser professora de dar aula primária ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** com criançada ... tudo ... daí o que é que fiz ... eu fiz três anos de secretariado ... e depois me formei ... secretária ... me formei até eu ia trabalhar como secretária em Bauru ... na ... na ... na ... eu tenho um primo<sup>191</sup> que ... filho desse meu tio que queria casar com a minha mãe ... que eu comentei com você ... depois você corta essas coisas ... né? (risos) ... então ...

**Pesquisadora:** não precisa cortar não ...

**Professora Dinalva:** ele tinha uma ... ele tinha um ... um escritório bom de ... de ... é ... de imposto de renda ... escritório assim nesse sentido ... e ele falou assim ... “Dina ... você vai trabalhar comigo” ... sabe? ... então ... daí eu já estava namorando ... já estava ... há tempo com meu marido ... tudo ... e ... eu sei que ... daí que que eu fiz ... você podia prestar um vestibular e ... e ... para você entrar ... como eu tinha feito três anos [interrupção da entrevista para um café] ...

**Pesquisadora:** é ... então recuperando as experiências da vida escolar ... é ... você estava falando que fez o curso de secretariado ... e aí foi trabalhar com o seu tio ... né?

**Professora Dinalva:** isso ... certo ... então ... mas eu ... eu fiquei pouco ... porque daí abriu o concurso ... é ... tipo de um vestibular também ... em Duartina [interrupção da gravação ] ... então ... eu ... em Duartina ... ali é ... abriu uma escola de ... é ... normal ... é ... abriu como um vestibulinho ... um vestibular ... quem tinha feito ... por exemplo ... três anos de o ... o ... ou secretariado [corte na gravação] ... é ... que eu falei para você ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... para trabalhar em ... em escritório ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... é ... você tinha direito a prestar o vestibular ... se você prestasse e passasse ... você ganhava um ano ... você não precisava fazer o 1º ano de Magistério ...

<sup>191</sup> Referiu-se ao primo “Dirceu” (filho do tio “João”).

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** foi onde eu fiz ... fui uma das primeiras classificadas ... foi lá em Duartina ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu passei ... eu já estava casada ... eu passei e vim para ... para Bauru ... e fiz o 2º. e 3º. ano de Magistério no Liceu Noroeste ...

**Pesquisadora:** eram ... eram três anos?

**Professora Dinalva:** eram três anos ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** e ... e ... então daí eu fiz ... e daí sim ... daí eu comecei a ... é ... eu comecei a lecionar eu tinha uma ... uma amiga ... uma vizinha ... daí eu mudei para Bauru ... e ... e comecei a ser substitutu ... substituta efetiva né? ... nessa escola “Plínio Ferraz” ... aí em Bauru ...

**Pesquisadora:** isso após ter terminado o Magistério?

**Professora Dinalva:** ah ... ah ... após ter terminado o Magistério ...

**Pesquisadora:** aí a gente vai falar da ... do exercício e da docência um pouco depois ...

**Professora Dinalva:** ah ... está bom ... isso ...

**Pesquisadora:** aí eu vou retomar um pouquinho ...

**Professora Dinalva:** pode ...

**Pesquisadora:** queria te pedir para você falar do início na escola ... como que foi? ... o ingresso na escola ... quando começou a estudar? ... fez pré-escola? ... e aí foi para a 1ª. série ...

**Professora Dinalva:** ah ... então ... não ... então ... eu fiz ... eu fiz o ... o ... o ... 5º. ano ... que era é ... que era como um vestibulinho ... que você tinha que fazer ... um vestibular para você entrar no 1º. ... na ... na ... na 5ª. série ...

**Pesquisadora:** e antes ... do 5º. ano?

**Professora Dinalva:** antes do 5º. ano ... eu fiz da 1ª. a 4ª. séries ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** em Guarantã ...

**Pesquisadora:** como que foi o início?

**Professora Dinalva:** eu fiquei com meus avós lá ... então ... eu fui assim ... é ... foi bom ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque eu ... eu entrei já com sete anos e meio ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu já tinha assim ... é ... você tinha que ter ... fazer ... aniversário ... sete anos ... até junho ... ser de junho ... julho para lá ... se ... você não entrava ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** você tinha que esperar ... então ... então eu esperei ... eu entrei praticamente com sete anos e meio ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque eu sou de setembro ... então eu fiz a 1ª. série ... fiz a 2ª. ... a 3ª. e a 4ª. série lá em Guarantã ...

**Pesquisadora:** na mesma escola?

**Professora Dinalva:** na mesma escola ... e ... e fui bem ... eu era uma da ... da ... da ... assim ... dentro do ... do ... dos moldes assim ... eu fui sempre muito dedicada ... tinha essa prima que morava com meus avós também ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** que ela ... ela ... é ... me ... me ensinava muito ... ela trabalhava no Posto de Saúde ... ela tinha um ... um ... assim ... tinha estudado mais coisas assim ... então eu fiz assim ... até fui bem ... nunca repeti nenhum ano ... é ... eu ... fui bem de 1ª. a 4ª. séries ...

quando eu terminei a 4<sup>a</sup>. série que eu vim embora com meus pais ... né? ... eu vim embora ... daí que eu fui fazer esse ... essa quar ... esse quar ... esse 5<sup>o</sup>. ano ... que era ... era ... como se fosse um ... um ... um preparatório ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** para você fazer é ... de 5<sup>a</sup>. ... aí eu passei nesse ... passei ... teve pessoas que não passaram ... mas depois eles davam outras chances assim ... então passei ... só que nessa época também ... eu já estava bem mais madurinha ... né? ... porque minha ... minha ... minhas amiginhas eram tudo assim de dez ... onze anos ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** que vai fazer de 5<sup>a</sup>. em diante ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu já não ... eu já ... já tinha ... tinha ficado em casa um tempo ... né? ... então eu já tinha uns treze anos ...

**Pesquisadora:** ahã ... entendi ...

**Professora Dinalva:** quando eu fui fazer a 5<sup>a</sup>. série ... já ... então eu fiz 5<sup>a</sup>. ... 6<sup>a</sup>. ... 7<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>. no ... nesse ... nessa escola lá em ... em Piratininga ... né? ... no ... é ... como chama aquele?

**Pesquisadora:** Eduardo?

**Professora Dinalva:** Eduardo Velho Filho ... né?

**Pesquisadora:** como que foi a ... experiência de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>?

**Professora Dinalva:** então ... olha ... de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... foi uma experiência muito boa ... eu sempre gostei muito ... foi ... a gente tinha muita matéria ... aquele tempo você tinha latim ... você tinha francês ... você tinha ... você tinha português ... é ... o ... o ... o ... o inglês você começava na 7<sup>a</sup>. série ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** inglês você fazia a 7<sup>a</sup>. e a 8<sup>a</sup>. série ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora ... é ... francês você fazia os três anos ... os quatro anos tinha francês ... tinha o latim ... eu fiz latim ... eu fui do tempo de ... de ter latim ... quando eu sai da 8<sup>a</sup>. série ... o latim saiu junto comigo ...

**Pesquisadora:** ah é? (risos) ...

**Professora Dinalva:** eu tive uma professora muito linda ... maravilhosa ... ela era ... ela era antiga ... coitadinha ... até ela morreu de parto ... porque ela tinha ... teve ... o marido dela era médico lá em Piratininga ... e ela que foi minha professora de ... de ... de latim ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** os quatro anos ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** tinha ... nós tínhamos também ... nós tínhamos também ... trabalhos manuais ... e eu me identificava muito com trabalhos manuais ... todos os trabalhos que eram feitos para dar para alguém ... era a professora que ... que vinha de Bauru ... é ... é ... eu que fazia ... porque eu sempre tive ... gostei muito de bordado ... tra ... trabalhar a parte manual assim ... inclusive a minha filha tem uma loja de artesanato ... ela faz muito artesanato ... sabe?

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... então ... nós ... nós temos é ... mas foi uma experiência muito boa ... não ... não ... não repeti nenhum ano ... não era uma das primeiras alunas ... eu também já tinha mais idade ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** as outras eram mais novas do que eu ... mas eu fui bem até 8<sup>a</sup>. série ... nunca ... perdi nenhum ano ... para falar assim ... aí ... repeti um ano ... não ... foi bom ...



**Pesquisadora:** ahã ... e em relação a ... você falou de alguns conteúdos ... né? ... algumas matérias que eram trabalhadas ... em relação ao método de ensino ... como que eram essas aulas? ... você se recorda de alguma situação?

**Professora Dinalva:** olha ... eu tinha ... era assim ... eu tinha é ... por sinal ... eu tinha muita facilidade para o francês ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** mas o Francês é ... é ... o único problema de francês antigamente é ... era muita acentuação ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** francês tem muito acento ... né? ... e eu tinha assim ... eu tive até que facilidade ... português eu fui ... eu ... eu gostava muito de história e geografia também ... eu tive muita facilidade para decorar ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** na verdade às vezes ... nem ... era decoreba mesmo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** de muita coisa ... sabe?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** porque nós ... nessa época ... é ... Cátia ... nós tínhamos exame escrito e oral ... sabe?

**Pesquisadora:** avaliação ...

**Professora Dinalva:** tinha ... a avaliação nossa era ... escrita e oral ... e eu tinha assim muita facilidade ... e ... outra coisa ... eu sempre tive uma letra assim não tão linda ... mas eu tive assim uma letra pedagógica ... meio redonda ... e o meu professor de inglês ... ele era um pastor ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** pastor da Presbiteriana de Bauru ... é ... doutor Gutemberg de Campo ... ele chamava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas ele tinha paixão por mim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** mas ... mas eu não tinha muita facilidade para o inglês não ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu estudava e me matava de estudar para o inglês ... mas ele falava ... “Dinalva ... para a lousa” ... ele vinha assim ... bem ... ele sentava na ... na ... na cadeira ... punha os dois pés ... ele tinha aqueles coturnos que hoje usa ... é ... é ... para Tiro de Guerra ... essas coisas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** punha aqueles dois coturnos ... aquele pézão lá ... “vem para a lousa” ... eu passava tudo na lousa ... tudo ... tudo ... e eu tinha um medo dele ... eu tinha um medo dele ... mas ele falava ... “aí ... mas essa minha ... minha assistente” ... e me abraçava ... mas eu morria ... eu tinha ... eu arrepiava de medo dele ... mas eu ia muito para a lousa ... para mim anotar tudo que eles ... porque ele achava que minha letra era boa ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... é ... agora ... latim a gente estudava muita ... muita declinação ... muito ... sabe? ... não sei se ficou muita coisa do ... do latim ... sabe? ... francês eu até que ... a gente tocava o barco ... agora eu gostava muito também ... bom a ... a parte de coiso também ... Educação Física nos temos ... eu tenho até também fotos ... eu vou dar para você tirar ...

**Pesquisadora:** eu quero ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... das demonstrações que tinha ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e a ... e as minhas professoras ... e ... gostavam ... achavam que eu tinha facilidade ... acho que por isso que eu fui para a Educação Física ... facilidade ... então o que que eu fazia ... eu ... eu ajudava elas armarem a sequência de ... de exercícios para ... com a música para você fazer festas ... entendeu?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu tinha facilidade ... eu tinha facilidade para trabalhos manuais ... tudo o que fazia assim ... é ... que elas queriam fazer para dar de presente em fim de ano ... era eu que fazia o trabalho ...

**Pesquisadora:** sempre participava nos eventos ... na escola ...

**Professora Dinalva:** sempre participava ... os eventos ... todos eventos da escola ... eu participava ... eu é ... é ... para ser oradora ... não que eu tivesse dom de falar ... ou de escrever assim não ...

**Pesquisadora:** ahã ...

**Professora Dinalva:** mas eles às vezes passavam para mim tudo pronto ... que era para mim fazer lei ... ler ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** fazer uma oratória ... essas coisas assim ... mas não que eu tivesse facilidade ... tanta facilidade ... não era eu que escrevia não ... eu até ajudava em muitas outras coisas ... mas eu fazia assim pela escola como uma pessoa assim ... “ah ... a Dinalva faz isso ... ah ... a Dinalva faz aquilo” ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe?

**Pesquisadora:** faz tudo (risos) ...

**Professora Dinalva:** é ... então ... “oh ... não faz “... não é que ... não falava não ... né?”

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e eu morava em fazenda ... eu vinha de manhã ... eu tinha mais tempo ... eu vinha mais cedo para ficar ... então eu já chegava mais cedo ... já ... sabe? ... fazia isso ... fazia aquilo ... então eu ... eu fiz de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... as festas juninas ... os bailes assim ... a quadrilha ... é ... eu tenho até as fotos de quadrilha ... tenho tudo assim do tempo de escola ...

**Pesquisadora:** que legal ... depois eu vou perguntar sobre isso ...

**Professora Dinalva:** então ... então eu tinha assim ... nunca que eu estava pensando porque daí então eu já estava namorando o meu marido ... tudo ... na é ... não então ... eu estava pensando em casamento essas coisas ...

**Pesquisadora:** nessa época do ginásio?

**Professora Dinalva:** é ... já namorei ... é ... é ... eu comecei a namorar ele ... eu estava na 5<sup>a</sup> série ...

**Pesquisadora:** conheceu ele na escola?

**Professora Dinalva:** conheci ele na escola ....

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** conheci ele na escola ... é ... hã? ... e ... e daí a gente começou a namorar assim ... mas o meu pai ... depois de um ano de namoro ... tudo ... que eu ia embora ... ia para a fazenda ... o pai dele tinha um comércio lá ... uma casa de secos e molhados também ... eu ia e um ... daí um ano eu falei para o meu pai ... “pai ... eu preciso falar uma coisa para o senhor” ... minha mãe sabia ... ele falou ... “o que filha?” ... eu falei ... “olha pai ... eu estou namorando um mocinho lá ... lá em Piratininga” ... né? ... ele falou ... “já estou sabendo já” ... falei ... “pai” ... daí eu fiquei arrepiada [corte na gravação] ... “eu quero uma coisa filha ... você sempre foi bacana até agora ... então que você tenha muito juízo ... fala para ele que ele pode vir aqui em casa” ... eu morava na fazenda ... né? ... “pode vir aqui em casa” ... fiz até a

8ª. série morando nessa fazenda ... “ele pode vir aqui em casa ... tudo ... muito respeito ... muito” ... e na época eu tinha um professor de francês ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** aí ... se eu contar isso até você dá risada ... e ele era mocinho ... acho na época ... tinha acabado de formar ... vinte ... ah ... uns vinte e sete ... vinte e oito anos ele tinha ... eu tinha uns quinze ... dezesseis anos ... é por aí ... menina ... ele era apaixonado por mim ... sabe quando é apaixonado? ... ele tinha um ... um ... um ... um carrinho desses ... ah ... gozadinho até o carrinho dele ... pois ele ia na fazenda ... tinha amizade com meu pai ... com minha mãe ... ia na fazenda ... às vezes a gente convidava ele para comer lá ... e meu marido já era paquerando ... me paquerando ...

**Pesquisadora:** ahã ...

**Professora Dinalva:** mas ele tinha paixão ... sabe o que é paixão? ... mas eu falava ... ele chamava Domingos ... eu falava pro ... eu tenho foto até com ele também ... ele falou assim ... “é ... olha ... o senhor ... eu não ... é bom você desencantar” ... é ... ele era de fora ... ele veio de ... ele era de ... como chama aquela cidade? ... de Arara ... Araras ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... ele foi escolheu lá ... ele ingressou escolheu lá ... mas ele ficou um ano lá ... mas eu ficava ... fiquei com pena ... porque quando eu cheguei falar sério assim com ele ... é a gente tinha juízo ... você lembra aquele tempo era ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ele até chorou ... *aí Dinalva ... gostei tanto de você ... eu queria tanto que ... aí ... eu falei ... né? ... não é possível ... agora que meu pai deixou eu estudar ... estou na 5ª série ainda ... né? ... até eu terminar o estudo ... tudo ... às vezes namoro atrapalha ... né? ... mas eu comecei namorar meu marido não atrapalhou nada (risos) ... mas já viu ... né? ... então ... mas foi assim ... foi bom ... eu fui muito de participar em tudo assim ... sabe?*

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não que eu fosse excelente ... não ... mas assim eu fui pronta ...

**Pesquisadora:** sempre disposta ...

**Professora Dinalva:** sempre disposta ... sabe? ... o que precisava de mim eu estava pronta ... eu fazia ...

**Pesquisadora:** então não tinha muita preferência em relação à disciplina?

**Professora Dinalva:** não tinha ...

**Pesquisadora:** você gostava de tudo?

**Professora Dinalva:** gostava de tudo ... não tinha assim uma que eu falasse ... eu gostava muito que eu ia muito bem ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** em ciências ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... ciências a gente começava também na ... na 7ª. série ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** tinha muito ... muita ... tinha muita experiência assim ... abrir sapo ... abrir é ... flor ... que você é ... é ... é fazia a inseminação dela ... brotar o dela também ... é ... hoje existe uma flor aí que põe um ... uma tinta lá ... ela vem ... fica ... ela é branquinha ela fica ... a gente fazia essas experiências ... muita experiência de laboratório ... eu gostava ...

**Pesquisadora:** bacana ...

**Professora Dinalva:** isso daí eu me saia bem ... sabe? ... eu me identifiquei ... não que eu tivesse pensando em fazer alguma coisa ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** nesse sentido não ...

**Pesquisadora:** e a relação com os professores ... com os colegas ...

**Professora Dinalva:** ah ... muito ... até hoje eu tenho muita amizade com todos ... sabe?

**Pesquisadora:** dessa época?

**Professora Dinalva:** NOSSA ... lá em ... lá ... eu preciso ir para Piratininga ... porque ... mu ... muita amizade ... muito ... sabe?

**Pesquisadora:** e da época de Guarantã ... tem também?

**Professora Dinalva:** então de Guarantã ... eu tenho até hoje ... eu conservo umas amizades lá ... tenho muito mesmo ... é minha mãe foi ... foi assim ... comadre de muita gente lá assim ... que tem até hoje filhos ou netos ... sabe assim que ... sempre tive um relacionamento muito bom ... sempre tive assim ...

**Pesquisadora:** e agora vamos falar um pouquinho especificamente das aulas de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** não sei se você teve aulas de Educação Física de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** se teve pode contar também ... de todo o período da escola ...

**Professora Dinalva:** não ... no tempo de ... de ... de escola ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... não tinha professor de Educação Física não ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** a gente brincava no recreio ...

**Pesquisadora:** livre?

**Professora Dinalva:** era livre ... então ... era brincadeira livre que você ... como eu contei para você que eu brincava lá no jardim ... que a gente brincava de ... então a gente brincava ali ... às vezes o professor até ... da classe ... da própria classe ... fazia alguma gincana de saco ... de pular dentro do saco ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... essas coisas assim ... não tinha ... não tinha ... aula de Educação Física ...

**Pesquisadora:** não tinha o professor especialista?

**Professora Dinalva:** não tinha ... não tinha ... não ... não ...

**Pesquisadora:** e você percebe ... daí de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. tinha ... eu tive aula de Educação Física ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu até vinha outro período para fazer Educação Física ... porque a aula minha era de ... era a tarde ... começava meio dia e meia ...

**Pesquisadora:** é ... era separado?

**Professora Dinalva:** mas eu vinha ... separado ... eu vinha de manhã ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** lá ... lá do sítio ... fazia Educação Física e voltava para depois à tarde vir para a aula ...

**Pesquisadora:** e era junto com os meninos?

**Professora Dinalva:** é ... é não ... era feminino ... era só feminino ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não foi como eu lecionei ... menino e menina junto não ... era só ... professora dava aula para as meninas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e professor dava para os meninos

**Pesquisadora:** e aí o que que você perceber das ... das práticas ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** que você vivenciou na escola ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** nas aulas de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** foram diferentes das práticas corporais que você já conhecia ... já vivenciava na família ... com os amigos ... você percebeu alguma relação ... alguma semelhança?

**Professora Dinalva:** olha ... é ... é ... não ... acho que não ... não percebi assim não ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... eu ti ... tinha facilidade para isso ... sabe? ... para ... para ... para os exercícios ... é era mais ... era mais brincadeira assim ... você não tinha um ... um ... um esporte que você pudesse fazer ... um treinamento ... essas coisas ... era mais ... assim ... na brincadeira mesmo ... sabe?

**Pesquisadora:** era mais lúdica?

**Professora Dinalva:** era mais lúdico ... é ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... mas eu não tinha assim ... para falar para você assim um ... ah ... a gente brincava de tudo ... sabe? ... a professora dava é ... os ... a gente é ... brincava muito de queimada ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** queimada era assim uma coisa que todo mundo queria ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** todo mundo queria brincar ... e ... e aproveitava ... nessa hora da queimada ... eu me lembro que o professor punha os meninos juntos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então sabe? ... então é ... brincava junto ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... fazia os times ...

**Pesquisadora:** aí os dois professores ficavam juntos?

**Professora Dinalva:** ficavam juntos ... e fazia os times ... sabe? ... e ... e a gente brincava ... só que tinha umas meninas que eram que nem os meninos também ... FORÇA e sabe aquela coisa ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** tinham outras mais patas assim ... que já não gostavam ... não queriam ... ficavam de lado ... sabe? ... porque é bolada mesmo ...

**Pesquisadora:** sim ... às vezes tinha medo (risos) ...

**Professora Dinalva:** tinha medo ... é ...

**Pesquisadora:** e de ... dessa experiência e depois no Magistério ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** você teve ... aulas de Educação Física?

**Professora Dinalva:** olha ... no Magistério eu também não tive Educação Física ... não fiz ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não tive ... eu fiz à noite no Liceu ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e não tive aula de Educação Física ... prática nenhuma ...

**Pesquisadora:** certo ... e nem metodologia do ensino?

**Professora Dinalva:** não ... nem metodologia eu não tive ...

**Pesquisadora:** experiência foi de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. mesmo ...

**Professora Dinalva:** foi de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... foi ...

**Pesquisadora:** teve alguma prática corporal marcante? ... nesse período?

**Professora Dinalva:** hum ... não ... eu ... não a gente ... nós fazíamos lá na ... a ... a ... per ... na ... no tempo de Magistério ... a noite que a gente fazia ... e não ... não tivemos assim uma coisa para ... é ... sabe? ... nem festa nada ... todo mundo trabalhava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** ia a noite para fazer é ... coisa ... não ... eu acho que eu por ... por incrível que pareça ... eu acho que o Magistério até foi muito assim interrogação ... a desejar ... a gente fazia à noite ... tinha tanta coisa ... né? ... assim para ...

**Pesquisadora:** você já trabalhava esse período?

**Professora Dinalva:** não ... eu não trabalhava não ... eu ... eu ... depois eu voltei ... depois que eu terminei o Magistério ... eu morei lá em Bauru ... na Gerson França ... lá em cima com a Machado de Assis ... eu morei em Bauru ... terminei a facul ... terminei e voltei para Piratininga ... é ... em Piratininga ... é ... é ... foi quando eu já ... já ... é ... consegui com uma amiga minha ... ela ... ela trabalhava nessa escola ... era efetiva nessa escola do “Plínio Ferraz”

...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** daí eu fui ser é ... substituta efetiva lá ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e no mesmo ... na mesma ... é ... mesma época ... que eu fui substituta efetiva ... eu peguei para dar aula no MOBREAL<sup>192</sup> ... você acho que não lembra ... não ... não ... não sabe ...

**Pesquisadora:** eu soube ... eu soube ...

**Professora Dinalva:** você soube do MOBREAL?

**Pesquisadora:** soube do MOBREAL ...

**Professora Dinalva:** então o MOBREAL era assim ... a gente tinha ... é ... fazia um curso antes por ... pelo rádio ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então era na prefeitura ... você ia a ... a ... determinado horário lá ... as vezes à noite ... para assistir as aulas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e era para para ... só idosos né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e você dava aula de MOBREAL seis meses ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** hum ... então você pegava só idoso ... idoso mesmo ... que vinha da roça ... tudo ... eu até dava aula para eles numa igreja é ... crente ... crente ... é ... lá em cima ... tinha o ... o ... o ... o ... o ginásio onde eu dava aula ...uns quatro quarteirões para lá ... que hoje também já é tudo ... é que tinha uma igreja ... eu dava aula no fu ... nessa igreja ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... eu tinha ...

**Pesquisadora:** essa foi ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** uma primeira experiência profissional?

**Professora Dinalva:** foi ... é ... foi a primeira ... é ... eu ... eu dei durante três anos ... eu dei ... seis meses cada ano ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** depois que foi para outra escola?

---

<sup>192</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização.

**Professora Dinalva:** não ... então ... daí eu já ... já ... já fui para ... fui para ... para essa escola do “Plínio Ferraz” ...

**Pesquisadora:** logo em seguida?

**Professora Dinalva:** logo em seguida ... no “Plínio Ferraz” eu já é ... eu dava a parte de recreação para a criançada ... para todos eles ... porque eram quatro classes ... 1<sup>a</sup>. ... 2<sup>a</sup>. ... 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries ... eram quatro classes ... e ...

**Pesquisadora:** isso no ano que você ficou como professora?

**Professora Dinalva:** ISSO ... já era professora ... e daí que que eu fazia ... eu queria ... eu brincava com eles ... com amarelinha ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu brincava com eles ... tudo que eu tinha feito de ... em infância ... porque eu não tinha muita noção de tanta ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu brincava com eles assim ... é ... pintei ... pintei na ... no próprio pátio as amarelinhas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu brincava de corda ... brincava ... então cada período de recreio eu dava umas brincadeiras para ... para a criançada ...

**Pesquisadora:** era um recreio dirigido ...

**Professora Dinalva:** era um ... é um recreio dirigido ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e daí ... daí ... e como eu quis fazer Educação Física ... mas na verdade ... vou falar para você ... como eu sempre gostei de artesanato ... eu queria fazer ... é ... trabalhos manuais ... eu queria fazer ... é ... faculdade de ...

**Pesquisadora:** Arte?

**Professora Dinalva:** de Arte ... eu queria fazer Arte ... é ... então eu fui lá no Toledo para ... para ... para ver se tinha ... né?

**Pesquisadora:** na ITE<sup>193</sup>?

**Professora Dinalva:** na ITE ... eu fui na ITE ... e ... e tinha ... e ... não tinha mais ... é ... não ia ter ... não ia ter ... ou já tinha encerrado ... uma coisa assim ... daí eu falei ... “o quê? ... eu vou fazer ... como eu brinco com as crianças ... eu vou fazer Educação Física” ... então veio assim ... daí eu ... eu ... daí eu fiz a inscrição ... para vestibular ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e fui prestar e passei ...

**Pesquisadora:** e não pensou em fazer Pedagogia na época?

**Professora Dinalva:** NADA ... não ... fiz Pedagogia depois aqui em Avaré ... dando aula ... trabalhando aqui ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não fiz Pedagogia não ... daí eu peguei e fui fazer Educação Física ... eu prestei vestibular ... passei ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e continuei lá no “Plínio Ferraz” trabalhando ... mas como eu ... eu ... é ... as professoras tiravam alguma licença ... alguma coisa assim ... mas era ... não dava no meu período ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é porque eu vinha ... então o que que a diretora fez ... ela falou ... “Dinalva vamos fazer Pedagogia ... vou fazer” e fez Pedagogia ... e depois ela fez também ... ela foi ... fez Direito ... “você trabalha para mim você faz o ... o ... os papéis que eu tenho que

---

<sup>193</sup> Instituição Toledo de Ensino, de Bauru.

fazer ... e ... e eu vou quebrando um galho para você ... quando uma professora ... eu troco o período assim” ... porque era du ... classe de manhã e classe à tarde ... “eu troco o período para você vir e ganhar um dinheirinho” ... porque eu não ganhava nada né? ... eu só ganhava os pontos ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** daí no último ano de Educação Física ... ela ... ela ... eu tinha uma professora que ia tirar licença ... é ... licença para saúde ... é que ela ia fazer uma cirurgia ... fez até ... de varizes essas coisas ... então o que que ela fez ... ela trocou o período para dar a classe para mim ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** porque eu só ... eu ajudei bastante ela ... mas eu não ganhei nada ... esse ano ... esse ano eu ganhei o ano todo trabalhando ...

**Pesquisadora:** e como que era isso ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** de você lecionar?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** você tinha o ponto ... mas não tinha salário ... porque se tem o ponto teria que ter salário né?

**Professora Dinalva:** é não ... você assinava o ponto ... mas era ... era substituta efetiva ... mas ela tinha ... você não ganhava para isso ...

**Pesquisadora:** é ... deveria ser uma categoria que tinha na época ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... tinha na época e você ganhava os pontos ... é ... é ... ganhava os pontos ... então esses pontos é ...

**Pesquisadora:** que é tempo de serviço ... né?

**Professora Dinalva:** é ... que é tempo de serviço ... eu ganhei o tempo de serviço ... eu trabalhei lá de sessenta e nove até setenta e um ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** nessa escola ... foi bastante ... né?

**Pesquisadora:** foi bastante ...

**Professora Dinalva:** então ... em um ano eu dei aula ... ela ... ela fez isso para mim ... ela trocou o período da professora ... para poder dar para mim ganhar ...

**Pesquisadora:** e antes disso eram só os pontos como secretária?

**Professora Dinalva:** eram só os pontos como secretária ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... fazia o trabalho de secretária porque ... não tinha ... não podia ter secretária na escola por causa de poucos ... poucas classes ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então eu fazia isso para ela ... então ela ... em vez dela fazer ... e já ... como tinha ... tive muita prática com meu pai nas fazendas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então eu sabia ... escrevia bem assim ... digo uma letra boa ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... fazer movimento ... eu já ... já no secretariado eu aprendi muito datilografia ... então eu batia bem os mapas de movimento ... eram deste tamanho as ... a ... a máquina de escrever aquele tempo ...

**Pesquisadora:** o que que é mapa de movimento?

**Professora Dinalva:** é o ... do professor ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** as aulas que ele deu tudo ... para ele receber o pagamento no fim do mês ...



**Pesquisadora:** ah entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** como se fosse uma planilha ...

**Professora Dinalva:** uma planilha ... é ... é ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era um holerite ... aquelas coisas ...

**Pesquisadora:** ah entendi ...

**Professora Dinalva:** para saber o quanto ele ganhava ... hã?

**Pesquisadora:** voltando um pouco para a escola ...

**Professora Dinalva:** hum ... certo ...

**Pesquisadora:** enquanto aluna ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** teve alguma situação de sucesso ... que você considera de sucesso?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e de insucesso enquanto aluna durante a escola?

**Professora Dinalva:** olha ... eu ... eu ... eu falar a verdade para você eu ... eu assim ... tive muito sucesso ... é ... desse período ... quando eu fui prestar ... saímos ... saímos de Piratininga para prestar o vestibular do Magistério ... que eu não passei ... para mim foi uma decepção ... foi primeira ... primeira vez na vida que eu não passasse em alguma coisa ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então foi uma decepção ... porque eu queria ser professora e queria ser professora ... e ... e como secretariado era de manhã ... e ... e ... e curso do comércio era a noite ... e tinha classe científica de manhã e a noite ... e meu pai falou ... “ah não” ... porque a gente ia de trem ... pegava o trem em Piratininga seis horas da manhã ... ficava na ... na estação até clarear para depois descer ... é no SENAC lá embaixo que eu fazia ... né? ... lá na ... então ...

**Pesquisadora:** perto da rodoviária?

**Professora Dinalva:** per ... isso ... lá embaixo perto da rodoviária ... então e daí ... eu fui fazer secretariado ... porque meu pai não deixou eu fazer a noite ... nenhum curso à noite ... porque eu tinha que ir para Bauru né? ... difícil ... ele ficou com medo ... minha mãe também ... e eu já namorava o Dininho<sup>194</sup> também ... ele ficou meio assim ... ele que ... eu tinha na época dezoito anos já ... ele queria casar ... já namorava ele fazia tempo ... eu namorei ele nove anos ... e ... e ele queria casar ... falei ... “não ... quero terminar um estudo ... eu preciso estudar” ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** daí eu fui e com ... com esse dinheirinho também que eu recebia assim do ... é eu fui ... fui juntado para mim pagar ... porque pagava a escola ...

**Pesquisadora:** do MOBRAL?

**Professora Dinalva:** é ... não foi do MOBRAL ... eu fazia outras coisas ... eu trabalhava com uma senhora lá ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** de bordar ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** eu ajudava a pagar ... porque a gente ... nós pegamos como ... a gente pagava a ... é ... nós não pagávamos o trem ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** a gente tinha um ... aí como que fala ...

**Pesquisadora:** um passe ...

**Professora Dinalva:** UM PASSE ... nós tínhamos um passe ...

---

<sup>194</sup> Referiu-se ao esposo “João Pardo Gimenez”.

**Pesquisadora:** passe de estudante ...

**Professora Dinalva:** de estudante ... a gente ia às seis horas da manhã ... pegava o trem às seis horas da manhã em Piratininga e ... ficava em Bauru até umas ... meia hora ... vinte minutos ... para ... pertinho ... e ficava até clarear para depois a gente descer lá para ... né? ... e tinham uns que subiam ... iam para a escola fazer clássico científico ... todo mundo junto nesse período ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... e nessa vez que eu não passei ... eu fiquei decepcionada ... eu chorei ... falei ... “meu Deus queria tanto ser professora ... porque eu já namoro há tempo ... eu já ... é ... é ... certo que eu vou casar ... né? ... vou ter um lar ... então ser professora” ... a gente se encanta em ser professora ... eu tive minhas professoras ... sempre gostei muito delas ... então eu ... eu ... daí foi ... daí eu fiz três anos seguidos de secretariado ... fui muito bem no secretariado também ... fui muito bem ... matéria muito boa ... né? ... eu sei como secretária mesmo ... e ... mas daí que eu surgiu aquela oportunidade de fazer aquele vestibular lá em ... em ...

**Pesquisadora:** Duartina?

**Professora Dinalva:** Duartina ... eu fui fazer e ganhei um ano de estudo lá ... naquele ...

**Pesquisadora:** que bom ... né?

**Professora Dinalva:** é ... é ...

**Pesquisadora:** e nessa época da escola enquanto aluna ... tinha alguma ... você percebia ou você ... é sentia alguma preocupação com a cultura do corpo? ... em relação às aulas de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** ah sim ... porque eu sempre ... é ... eu ... eu tinha assim ... é ... cuidado ... eu era assim ... sempre fui uma menina não tanto ... sempre fui assim meio grandona ... grandalhona ... mas magra ... magra assim ... então eu me preocupava sim ... sabe? ... eu ... eu gostava assim de ... de ... de ... de ... de andar ... eu vinha da fazenda a pé todo o dia ... sabe? ... assim às vezes até fazia uma caminhada ... iam muitas meninas ... minhas amigas na época de prova ... elas iam comigo para a fazenda ... a gente ia até correndo um pouco ... elas até posavam lá para estudar comigo ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu ensinava elas também ... eu tinha facilidade numas matérias então eu ... eu ... elas iam para estudar comigo ... sabe? ... então eu me preocupava sim com o corpo ... sabe? ... é no que comer também ... a gente tinha assim uma ... uma ... ah ... era tudo muito ... muito ... não existia muito veneno ... esses to ... tóxicos ... essas coisas ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é a gente tinha muito uma ... uma comida muito boa ... muito ... então eu sempre me preocupei sim ...

**Pesquisadora:** certo ... eu ia comentar ... pedir para você falar de experiências escolares ... que contribuíram ou não para a docência ... e posteriormente para a docência em Educação Física ... mas você já comentou ... né?

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** ah ... o gosto pela profissão ... as boas relações com os professores na escola ...

**Professora Dinalva:** isso ... isso ...

**Pesquisadora:** e depois a experiência com a recreação enquanto professora de classe ...

**Professora Dinalva:** classe ... é ...

**Pesquisadora:** aí eu queria perguntar para você agora ... é ... quais experiências da escola ... que você pode dizer que cruzaram o tempo ... que não ficaram lá atrás ... elas atravessam o tempo inclusive cruzou sua formação em Educação Física ... e embasou alguma prática sua

posteriormente como professora? ... você comentou das vivências enquanto criança ... das brincadeiras ... provavelmente esses são bons exemplos disso ...

**Professora Dinalva:** certo ... certo ...

**Pesquisadora:** porque elas cruzaram o tempo ... né? ... e existe alguma outra experiência que ... perpassou todo esse tempo e que permeou a sua prática depois ... posteriormente enquanto professora ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... eu sempre ... eu sempre gostei ... haja visto que eu ... eu trabalhava ... eu dava essas brincadeiras para as crianças lá ... e ... inclusive tinha excursões com elas ... eu sempre é ... é ... eles me colocavam junto para ajudar assim também ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e ... nós tínhamos ali ... um ... um ... um gabinete dentário ... que o pessoal da odontologia ... que estava começando odontologia em Bauru ... é ... os meninos vinham ... os meninos que faziam odontologia vinham fazer estágio ali ... sabe? ... então eles vinham tratavam o dente da criançadinha ali tudo ... e tinha um dos diretores ... ele vinha de vez em quando ver tudo ... e ele falava ... “nossa ... mas a Dinalva ... a Dinalva gosta de tudo ... Dinalva porque você não faz odontologia em vez de querer fazer Educação Física?” ... porque eu gosto de criança ... de brincar com criança ... né? ... mais ... mas odontologia também tem a parte que você pode tratar de dente de criança ... sabe assim? ... e ... e ... e nós fomos ali do Plínio Ferraz várias vezes fazer uma excursão lá na odontologia ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e foi muito lindo porque eu ... eu me lembro que muitas crianças falavam ... “aí eu quero ser dentista” ... porque viu ... tinha a parte que eu nem gostava ... nem fui ver lá a parte onde fica o ... ficava os ... os cadáveres assim ... porque eles trabalham com o ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então é ... mas eu não tive assim uma ... uma ... eu tive essa ... porque eu gostava de fazer isso ... eu vim desde criança ... muita brincadeira ... muita coisa sadia assim ... sabe? ... então eu não tenho assim uma ... para falar para você que ... outra experiência assim não ... e haja visto que eu ia fazer ... tentei fazer vesti ... outro vestibular ... daí eu falei “não ... já que eu gosto de Educação Física ... que eu tenho essa facilidade ... eu gosto de criança” ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu ... e meu marido era muito ... ele falava ... “você quer fazer você faz ... só não quero que você é ... se esgote ... porque ... né? ... você já tem a Lúcia” ... já a tinha a Lúcia Fernanda de filha ... né? ... “então você vai ... é ... faça então” ... e daí eu prestei vestibular e passei e fui com tudo para a Educação Física ...

**Pesquisadora:** entendi ... pensando na época de aluna ainda ... é ... você consegue ... é ... identificar e dizer qual era a concepção de Educação Física na época? ... quando você era aluna ...

**Professora Dinalva:** olha ... é ... você sabe que a ... mesmo de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu ... eu ... todos ... todos ... todas ... todos professores e mesmo ... mesmo ... eles gostavam dessa parte esportiva ... parte de dança ... parte de ... de ... de recreação ... gostavam muito de ... é competições ... todos os professores ... então eles achavam que com isso daí ... é ... a criança ia enriquecendo mais ... ia aprendendo mais ... é sabe? ... era período contrário ... não era como é hoje às vezes é no próprio ... próprio horário de aula normal ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** se tem Educação Física você não faz uma aula bem-feita ... é ... é ... cansada ... para depois voltar numa classe ... como que o aluno depois se recupera ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque você sabe que uma brincadeira é brincadeira ... né? ... então ... mas é ... naquele tempo não ... naquele tempo os professores gostavam ... eles até cediam alguma das ... aulas ... para ... para você fazer ... eu era muito de ... de fazer ... por exemplo na época junina uma dança ou a quadrilha ... eu que ... que era coordenadora ... eu que ficava falando ... “vai isso ... aquele” ... então eles ... elas ficavam assistindo ... os professores ... eles deixavam ... a diretora deixava aquele período para ... para ... para a prática de ... de ... da ... da brincadeira ... ou ... ou se tiver uma competição ia todo mundo para assistir ... então é ... é ... eu acho que aquele tempo era mais valorizado do que hoje ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** é ... é ... embora assim ... não ... não ... não sei falar para você ... eu ... eu acho assim que a criançada ... mesmo de ... de ... de ... depois quando eu dava a aula para a criançada na escola ... depois tinha uma parte assim que eu dava assim um relaxamento ... eu cantava com eles ... para eles voltarem à tona para entrar na classe ... porque a maioria não queria entrar ... sabe? ... era ... é uma coisa assim ... né? ... impressionante ... porque quando ... quando é aula só de Educação Física você vai ... você dá sua aula tranquila ... depois os outros ... né? ... nas outras aulas que ... mas ali eu me lembro que era período de período assim que eu dava para ... no ... no ... no ... vou falar ainda do CB<sup>195</sup> para você também ... eu ... eu tinha a escola ... tinha professor ... tinha lá ... tinha aula que ela falava ... “não ... você que vai dar ... você vai dar Educação Física ... de ter ... 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. séries você vai dar é ... já iniciação de algum esporte” ... né? ... ou vôlei ... ou basquete ... é ... é ... eu dava muito também handebol ... era gostoso handebol ... “e de 1<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. você vai dar assim ... socialização ... você vai dar assim ... colegismo ... você vai dar assim ... o respeito ... brincadeiras nesse sentido” ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então ... então ... mas eu acho que ... que eles valorizavam sim no me tempo de ... de ...

**Pesquisadora:** de aluna ...

**Professora Dinalva:** de aluna ... eu acho que por isso também eu fui gostando mais ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... e ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** como que era ... a concepção de ... de profe ... de um professor de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** na época que você foi aluna? ... que que ... qual que seria o perfil desse professor? ... como que você caracterizaria ele?

**Professora Dinalva:** olha ...

**Pesquisadora:** nessa época ...

**Professora Dinalva:** olha eu ... eu acho assim que ele ... ele se doava mesmo ... o professor de Educação Física ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** ele vinha ... ele era assim ... sabe? ... ele ... ele ... era ... imaginava alguma coisa ... “gente vamos fazer isso ... vamos fazer” ... sabe? ... eu acho que ele ... ele tinha amor naquilo ali que ele fazia ... sabe? ... ele ... ele se preocupava ... não só com a brincadeira só ... ele se preocupava muito com o perfil mesmo ... assim ... o físico da pessoa ... sabe? ... ele se preocupava num aquecimento ... para não ter uma ... uma consequência ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

---

<sup>195</sup> Ciclo Básico.

**Professora Dinalva:** pelo menos o profe ... os professores que eu tive eram assim nesse sentido ... bem mesmo é ... podia até ser que eles não fossem assim ... tão especialistas em determinada coisa ... mas eles ... eles viam o todo da criança ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** via o todo ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ou pessoa ... que de algum modo marcou e encerrou esse período escolar?

**Professora Dinalva:** ah ... eu tive professores assim que marcaram assim ... na minha vida assim ... e que assim ... sabe? ... teve ... eu tive ... é que eu vim embora tudo ... eu tive um bom relacionamento ... eu tive professores que ... é ... muitas vezes veio até na minha casa para falar ... “Dinalva vamos fazer um coisa assim” ... professores assim que ... eu tive sim um bom relacionamento com vários professores ... porque na maioria eles eram de fora ... né? ... eles vinham de Bauru ... e ... mas eu tive sim ... até hoje se eu encontrar algum professor ... porque eu tive professores que até ... mas é ... sabe? ... não esqueceram de mim ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... isso é gostoso ... né?

**Pesquisadora:** é bom ...

**Professora Dinalva:** não esqueceram ... “Dinalva ... você não” ... sabe? ... quem ... o ... ontem mesmo a menina veio me trazer a ... a ... as apostilas aí ... então ela falou ... “Dinalva eu quero só que você leia isso aqui quando ... quando ... quando nós queríamos que você entrasse na prefeitura ... isso aqui estava dentro do meu caderno” ... então eles escreveram isso para o prefeito ... “Senhor Prefeito ... é ... sabedoras de que a Prefeitura Municipal possivelmente contratará uma professora de Educação Física ... tomamos a liberdade de indicar a professora Dinalva Aparecida Dantas” ... né? ... “por sua dedicação notável ... conhecimento e amor às crianças ... já provido em outros estabelecimento e clubes” ... e aqui as professoras (risos) ...

**Pesquisadora:** foi sua professora?

**Professora Dinalva:** de primeira ... essas daqui são ... não foram minhas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** a maioria foram minhas alunas ... para falar a verdade ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... mas é ... é da escolinha ... de maternal e do ... da prefeitura ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu achei uma graça porque ... porque ela deixou ... ela (risos) ... eu falei ... “ah não acredito que você fez isso” ...

**Pesquisadora:** depois eu vou tirar uma fotografia (risos) ... é ...

**Professora Dinalva:** eu achei graça ... né? ... dela ... foi quando eu entrei na prefeitura ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu achei graça porque ela falou ... “olha Dinalva ... e outra coisa ... todas as reuniões ... mesmo aqui na ... na COEBA<sup>196</sup> ... se é a parte de Física ... Educação Física ... se é a parte de ... de festa” ... porque eu sempre fui muito festeira ... fiz muita festa ... muita dança ... é ... é ... eles falam ... “oh! ... não preciso nem falar ... né? ... em quem nós nos baseamos” (risos) ... eu falei ...

**Pesquisadora:** o nome está lá ...

**Professora Dinalva:** aí que gostoso! ...

**Pesquisadora:** é bom ... né? ... é o reconhecimento ...

**Professora Dinalva:** é bom sim ... eu tenho uma ... eu tenho uma sala no clube ... no clube de Umuarama ... dei aula doze anos lá ...

---

<sup>196</sup> Cooperativa Educacional de Bariri.

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** de ginástica ... dança ... é jazz ... até fiz um curso de jazz ... uma amiga minha que fez Educação Física comigo ... a Lucila ... é em Bauru ... meu marido me levava uma vez por semana para eu fazer jazz lá ... quando começou ginástica moderna ... jazz ... essas coisas ... e ... e eu tenho uma sala que foi inaugurada com o meu nome ...

**Pesquisadora:** olha só ...

**Professora Dinalva:** foi uma festa bonita ... teve ...

**Pesquisadora:** que legal ...

**Professora Dinalva:** é ... eu fiquei muito emocionada (risos) ...

**Pesquisadora:** parabéns ... muito bom ...

**Professora Dinalva:** fiquei emocionada sim ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** aproveitando que você falou do namoro ... né?

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** do casamento ... eu gostaria que você contasse um pouquinho do casamento ... dos filhos ... como que foi ...

**Professora Dinalva:** ah .. então ... eu ... eu casei em ... dia quatro de julho ... de sessenta e ... cinco ... sessenta e cinco ... e ... morava em Piratininga ... né? ... morava lá em Piratininga ... casei lá mesmo ...

**Pesquisadora:** estava com quantos anos?

**Professora Dinalva:** eu estava na época com vinte e dois ... vinte e três anos ...

**Pesquisadora:** estava cursando o Magistério?

**Professora Dinalva:** não ... eu já tinha cursado ...

**Pesquisadora:** já tinha terminado ...

**Professora Dinalva:** então e ... e eu ... não ... Magistério eu não tinha terminado ... eu ... quando eu casei eu tinha terminado o secretariado ... né?

**Pesquisadora:** é que eu me lembrei que você comentou que começou o Magistério e já estava casada...

**Professora Dinalva:** é ... que eu comecei ... isso ... daí ... daí eu já estava casada quando eu ... eu ... eu prestei o vestibular lá ... para a gente ganhar um ano ... e ... e daí meu marido vendeu a padaria ... nós tínhamos uma padaria ... que eu contei para o seu marido ... seu esposo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e nós fomos para Bauru ... ele comprou uma mercearia em Bauru ... na Gerson França com a Machado de Assis ... por isso que eu fui fazer no Liceu ...

**Pesquisadora:** ah ...

**Professora Dinalva:** você conhece o Liceu Noroeste lá?

**Pesquisadora:** conheço de ouvir falar ...

**Professora Dinalva:** de nome ... né?

**Pesquisadora:** é ... de nome ...

**Professora Dinalva:** é ali mesmo na Avenida ... na Avenida Rodrigues Alves ali ... e ... e eu fui fazer ... já estava morando em Bauru ... e já tinha Lúcia quando eu fiz ... é ... é .. os dois anos de Magistério ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... então ... eu então eu tive a Lúcia Fernanda ... lá em Piratininga ... eu tive os dois em Piratininga ... mas a Lúcia eu tive ... depois nós fomos para Bauru ... eu casei com vinte e dois anos ... é ... vinte e dois ... o Denir tinha vinte e três ... vinte e quatro ... ele é um ano só mais ... ele é de quarenta e um e eu sou de quarenta e dois ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ele é de vinte e nove de abril e eu sou sete de setembro ... ele de quarenta e um e eu sou de quarenta e dois ... então ... nós casamos lá ... moramos nessa padaria um tempo ... depois disso ele comprou a mercearia ... nós fomos para Bauru ... e eu tive esses dois filhos ... eu tive o Paulo no último ano da Educação Física ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... são seis anos de diferença ... a Lúcia ... a Lúcia é de cinco de abril de ... de sessenta e seis ...

**Pesquisadora:** eu sou quatro de abril ...

**Professora Dinalva:** É? ... LINDA ... QUE AMOR (risos) ... é ... e o Denir era vinte e nove de abril ...

**Pesquisadora:** ah ... tudo em abril ...

**Professora Dinalva:** é ... tudo em abril ... os dois são ... então o Paulo nasceu em ... setenta e dois ... ele é de catorze de maio ... ele nasceu no dia das mães ... meia noite e cinco do dia das mães ele nasceu ... só que os dois nasceram na Beneficência em Bauru ... mas nós registramos eles em Piratininga ... a gente morava em Piratininga ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** podia registrar ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** “mãe ... por que não registrou nós em Bauru? ... a gente podia ser bauruense” (risos) ... então ... e ... e a diferença de seis anos um do outro ... sabe a ... o Paulo e a Lúcia ... a Lúcia ... a Lúcia ... daí ficamos lá ... ficamos lá em ... em ...

**Pesquisadora:** Piratininga?

**Professora Dinalva:** Piratininga ... eu ... eu fiz o Magistério ... dali dois anos meu marido ... eu terminei o Magistério ... daí meu ... meu esposo foi trabalhar em Cabreúva ... Cabreúva é por perto de São Paulo ... numa ... numa firma que fazia assim ... que fazia ... que pegava serviço para ... para fazer ... planação ... plano ... pla ... para ... era para plantio ... sabe? ... e ele foi trabalhar lá ... e meu sogro veio ... meu sogro e meu cunhado ... tenho um cunhado professor de Educação Física também ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** vieram ... vieram morar comigo ... em ... em Bauru ... porque eu tinha a Lúcia pequenininha ... eu tinha a Lúcia é ... com um ano e pouco ... né? ... mas depois como deu certo lá ... é ... nós voltamos para Piratininga ... daí vendemos a mercearia ... porque eu ficava aqui com meu ... meu sogro largava o serviço dele lá ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é que ele tinha loja ... e vinha ficar comigo em Pira ... Bauru ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é é ... e ... e ... e ... vinha e ia todo o dia ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e o meu marido vinha final de semana ... cada quinze dias de lá ... e daí que ficou mais fácil eu ir embora ... voltar para Piratininga ... que daí eu tinha minha sogra e meu sogro lá ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** que eu já não tinha mais a minha irmã também morava fora ... longe ... é ... eu já não tinha mais mãe ... não ... eu tinha mãe ... minha mãe morava com a minha irmã ... eu tinha mãe sim ... então eu voltei para Piratininga ... voltei para Piratininga ... foi quando ... que eu falei pra você que eu comecei MOBREAL ... dar aula MOBREAL ... eu tinha ela pequenininha ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... daí eu fiquei ... seis anos ... daí quando eu fui fazer Educação Física trabalhava também ... minha sogra que ajudava olhar a Lúcia para mim ...

**Pesquisadora:** aí você trabalhava na escola?

**Professora Dinalva:** daí eu trabalhava na escola lá em Bauru ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** lá em Bauru ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** daí eu comecei fazer ... daí eu ficava o dia todo ... porquê eu ficava num período da manhã na faculdade ... saía da faculdade só que ela ... ajudava ela na ... lá na secretaria ... eu chegava ... terminava a faculdade ... eu vinha ... é ... não era período de aula ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mas eu ficava fazendo o meu serviço ... então ... ela contava horário para mim ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu vinha embora mais cedo porque eu tinha a Lúcia pequena ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** daí eu ia embora de ônibus depois ... para Piratininga ...

**Pesquisadora:** mas era de manhã?

**Professora Dinalva:** era de manhã ... Educação Física era de manhã ... e eu ficava na escola à tarde ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** foi aí que ela trocou também os períodos ... no último ano que eu peguei o ... o ano inteiro para dar aula ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** dei aula para uma 4<sup>a</sup>. série ... outro dia eu estava assim ... assim deitada na minha cama ... e fiquei olhando assim ... eu tenho um crucifixo ... que o menininho Paulo ... eu falei ... “nossa ... queria tanto ver esse Paulo” ... ele ... ele tinha ... ele era paraplégico ...

**Pesquisadora:** foi seu aluno?

**Professora Dinalva:** foi meu aluno de 4<sup>a</sup>. série ... nessa ... ne ... nesse ano que eu peguei ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era aluno de 4<sup>a</sup>. ... e ele no fim do ano fez questão ... a professora que ... não deu para a professora dele ... e deu para mim esse crucifixo ... eu tenho na parede até hoje ... eu falei ... “olha ... coitadinho” ... ele era lindo ... um boneco de menino ... sabe? ... mas assim pelo ... pelo problema dele ... era terrível ... sabe esses meninos... inteligente ... aprendia as coisas ... você dava as coisas num minuto ele fazia ... mas atrapalhava a classe toda ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e eu fiquei pensando até nisso ... então ... mas daí ... eu ... eu fazia isso ... no último ano ... depois ... do ... do ... do ... é ... no último ano ... eu já ... fiquei grávida do Paulo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu fiz a faculdade ... tive ele ... né? ... tive ele ... tudo ... ele nasceu em maio ... catorze de maio ... e ... e voltei ... fiquei lá em Piratininga ... daí ... como eu formei em Educação Física ... daí eu pedi exoneração para a escola ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... pedi exoneração do ... do ... não era efetiva ... mas tinha que pedir um ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** a exoneração ... pedi a exoneração e ... e fiquei só com Educação Física ... daí eu ... você podia fazer inscrição da Educação Física em qualquer ... em qualquer delegacia ...

**Pesquisadora:** hum ...



**Professora Dinalva:** então é ... é ... você podia fazer na delegacia de Bauru ... eu fiz em Santa Cruz do Rio Pardo ... fiz em Bauru ... é ... meu sogro foi fazer para mim lá em Araçatuba ... vários lugares foram ... eu queria pegar aula ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** me formei ... eu queria dar aula ... daí que aconteceu ... eu peguei ... meu sogro ... no dia da atribuição meu sogro foi em Santa Cruz do Rio Pardo para mim ... e ... que eu não sei quem que foi em Bauru ... meu sogro foi lá para mim e eu e o Deninho fomos em ... em Araçatuba ... eu peguei uma cidade perto de Araçatuba ... quarenta e quatro aulas ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** mas eu teria que ir embora ... eu tinha o Paulo que eu amamentava ainda ... eu tinha que ir embora para lá ... eu ... o Deninho trabalhava aí em Bauru no ... acho que nem existe mais essa ... essa loja de ... ele vendia carro ... era ... ali na avenida mesmo mas bem perto do cemitério ... há ... bom ...

**Pesquisadora:** como que era o nome dele?

**Professora Dinalva:** João Pardo Gimenez ... mas a gente chamava ele de Dininho ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** o apelido dele era Dininho ... então ... e daí meu sogro foi lá em Santa Cruz e eu fui lá ... peguei as quarenta e quatro ... mas olha ... levei eles ... vim chorando de lá aqui ... uma chuva que a gente parava na estrada assim ... porque não dava para ... para andar ... chorando ... chorando ... chorando ... ele falou assim ... “Dina ... eu sempre falei para você ... você pode” ... queria estudar ... “mas eu não quero que atrapalhe nós ... você até agora ... deu para a gente tocar o barco ... a gente não tem dinheiro ... não tem nada” ... eu tinha um ... um fusca meio velho que ele tinha ... “mas você não precisa chorar” ... porque a gente teria que largar tudo lá em Piratininga ... todo mundo ... e vir embora ... falei então ... “vir embora não é o problema ... o problema... que ... quem vai olhar essas minhas crianças?” ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** sabe?

**Pesquisadora:** lá você não teria pessoas ...

**Professora Dinalva:** não ... eu tinha o Paulo pequenininho ... a Lúcia já era grandinha ... mas o Paulo era pequeno ... a Lúcia tinha seis ... o Paulo tinha um ... né?

**Pesquisadora:** cinco ...

**Professora Dinalva:** quando eu voltei ... de lá ... eu fiquei feliz porque meu sogro pegou as aulas de Santa Cruz do Rio Pardo para mim (risos) ... eram pouquinhas ... eram três numa escola ... até marquei aqui todas as escolas para você ver ... e eram três numa escola ... seis numa escola ... não três ... era ... era uma turma numa escola ... uma escola nova que estava começando em Santa Cruz do Rio Pardo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e na outra escola também ... só que Santa Cruz do Rio Pardo é meio grande ... então uma era aqui no começo a outra era lá no fim ...

**Pesquisadora:** longe ... né?

**Professora Dinalva:** teve uma das vezes que eu precisei pegar um táxi ... porque eu não tinha estrutura de andar ... porque eu fi ... eu ia com uma amiga minha de Piratininga ... ela é ... mas ela trabalhava em outra escola grande lá ... e ela me deixava ... porque ela tinha os horários dela ... ela me deixava ... mas depois eu ficava embaixo de um pontilhão lá esperando o ônibus para vir embora ... eu ... eu ficava pensando se ... “quando minha filha tiver ... eu não vou deixar ela ser professora” ... e aquele tempo ainda não tinha bandidagem como tem hoje ... né? ... assim mesmo passava um motorista de caminhão ... mexia ... sabe essas coisas?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... daí ... eu peguei e desisti das aulas ... das quarenta e quatro lá ... porque eu falei ... vai desestruturar a minha família ... como que eu vou fazer?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** se até agora deu para mim tocar o barco ... vamos ficar por aqui ... e ele foi muito ... ele era muito ... gente ... ele era muito amoroso ... ele era muito é ... confiante ... sabe? ... ele era assim ... então ele falou ... não ... bem ... me chamava de bem ... não bem ... daí eu peguei essas seis ... seis aulas em Santa Cruz do Rio Pardo ... daí eu fiquei ... ah seis meses ... acho que eu fiquei seis meses lá ... não fiquei isso ... fiquei três meses lá ... é três ... daí como eu tinha ... a minha concunhada ... era irmã da minha cunhada ... casada com o irmão do meu marido ... que esse era professor de Educação Física ... o marido dela era o Braz Kiatake ... que foi delegado de ensino em Bauru ... conheceu esse japonês?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** não é do seu tempo ... você é menina de tudo ... é ... ele era delegado de ensino em Bauru ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... eu ... eu peguei ... de ... desisti das aulas de lá ... de ... de Santa Cruz do Rio Pardo ... eu peguei umas aulas ... daí ... é ... ele pegou e falou assim para mim ... ele mandou um recado para mim ... “Dinalva ... venha na atribuição de aula aqui em Bauru” ... ele mandou falar para mim ... que você vai ... que ele sabia da minha vida dura de ir para lá ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e vim ... eu precisava ir para lá duas vezes na semana ... e ... e só com essas seis aulinhas daí ele ... ele ... “venha que vai ter uns blocos grandes que só você pode pegar” ... porque quem tem já doze aulas de um lado não podia ... não podia ... superava ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é assim até hoje?

**Pesquisadora:** não sei te dizer ... acho que eu nunca passei por essa situação ... não sei ...

**Professora Dinalva:** não ... né bem? ... então ... então daí eu fui na atribuição ... cheguei lá tinha bastante gente para pegar aula ... mas só que eles não quebravam bloco ... porque aqui em Bariri tinha acho que trinta e seis aulas ... então eles não quebravam bloco ... a pessoa que já tinha pego doze aulas ... seis aulas ... cinco aulas ... tãã ... é ... é ... não ... não ... é ... não podia ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então o que que aconteceu ... eu peguei as aulas ... eu em substituição ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** era ... era ... uma professora tirou licença ... ela estava grávida ... mas não era ainda gestante ... não era ainda para ter neném ... era ... era saúde ... eu vim ... eu vim e fiquei seis meses em Bariri ... mas eu tinha o Paulo com sete meses ... amamentava ... nossa foi uma vida ... eu ficava no hotel ...

**Pesquisadora:** morando em Piratininga?

**Professora Dinalva:** em Piratininga ... eu precisava tirar o leite ... sorte que eu arrumei uma amiga que era professora também ... morava ali perto do hotel ... e a menina da idade ... até fiquei contente ... de ficar sabendo que a filha dela chama Fernanda ... é ... é ... ela chama ... é ... a filha Fernanda ... é ... eu dei ... eu dava mamar para ela ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** Cecília acabou o leite dela ... é ... é ... e a ... a Roberta ... e a Roberta mamou em mim ... mamou em mim uns três meses ... mas daí o Paulo lá ... com seis meses ... eu ficava a semana inteira ... era trinta e nove anos ... o Paulo lá ... minha sogra dava uma mamadeira ... quando eu voltava de final de semana ele não queria mamar ... ele desmamou ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não quis mais ... daí quando eu vinha para cá eu dava mamá para ela ... eu ... eu amamentava ela ... mas daí o médico que era da escola ... que fazia os exames é ... das

crianças pra ver se tinha condições de fazer Educação Física ... toda escola tem um médico ... tem ainda?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** não tem?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** toda escola tinha um médico que passava ... você fazia o exame biométrico ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e fazia o exame prático também ... entendeu? ... para a criança ver se tinha condições de fazer Educação Física ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e ele falou ... “Dinalva você não pode ficar nessa vida ... eu vou te dar uns ... um ... umas injeções para secar teu leite” ... mas eu quase morri de ... de ... daí secou ... foi secando o leite ... daí o Paulo já tomava mamadeira lá ... ele desmamou ... não quis mais ... daí eu fiquei seis meses aqui ... porque a professora ... ela era de São ... São Carlos ... e ela foi tirando licença ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ela era bem de idade ... bem de idade não ... era ... tinha seus quarenta e poucos anos ... e se apaixonou por um meio velho aqui ... engravidou dele ... e ficou junto com ele ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** morava até em frente da escola ali ... era o centro de Bariri ali ... e ela passava ... passou mal a gravidez ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ela foi tirando ... eu fiquei seis meses aqui em Bariri ... daí quando eu sai daqui de Bariri ... eu voltei para as atribuições de aula ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e foi bom ... foi bom ... o ... Catia ... porque eu fiz a faculdade financiada ... quando eu fui ... que eu passei no vestibular ... eu não tinha condições de pagar a faculdade ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** era ITE né? ... tinha que pagar ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então fui conversar com reitor ... era o paizinho ... ele era vivo ainda ... então que que ele ... eu conversei com ele ... eu fui assim com cara e coragem ... se não financiava ... não ... não ... aquele tempo não tinha banco que fazia esses ... esses planos para você fazer uma faculdade ... não existia isso ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** daí fui falar com ele ... que eu tinha só o MOBREAL ... na época eu ganhava acho que cinquenta reais ... e ... mas era ... era por tempo limitado ... era por seis meses só ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e que eu poderia dar esse dinheiro ... né? ... mas eu não tinha ... cento e cinquenta a matrícula ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ele falou ... “nossa” ... ele me abraçou ... chorei tanto ... a gente fica humilhada ... com vergonha ... né? ... e ... mas eu chorei tanto ... eu falei assim ... “ah ... porque eu falei para o Dininho ... véio eu vou” ... ele falou ... “bem ... nós estamos sem dinheiro para você fazer” ... eu falei ... “deixa eu vou ver o que faço” ... mas eu chorei tanto ... chorei tanto ... ele me abraçou e falou ... “filha vem cá ... não chore” ... abriu o cofre dele ...

tirou de lá de dentro um coisa assim ... um monte assim de cheque ... e falou ... “olha isso aqui tudo de cheque que ... sem fundo” ... que eles davam para pagar a faculdade e não pagaram ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** “mas você está sendo honesta ... é isso que a gente precisa” ... chamou a assistente social ... falou ... “olha faz a matrícula dela ... não precisa ir na casa dela ... ela vai pagar só depois que ela” ... fez um termo lá ... eu assinei ... e nessa época que eu fiquei seis meses aqui ... eles me ligaram da faculdade para ver se eu já tinha condições de começar a pagar ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu já tinha juntado o dinheiro ... eu dava um pouco para o meu marido para a gente se ... viver ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** porque ele me trazia de carro ... né? ... era difícil ... eu pagava também aqui a pensão ... tudo ... daí eu já tinha o dinheiro tudo ... paguei a faculdade ... olha ... coisa linda ... daí ... eu fui para a atribuição de aula ... fui para a atribuição ... fiquei seis meses ... era uma maceta atrás da outra ... fui ficando ... daí fui para a atribuição de aula ... eu peguei o Instituto de “Ernesto Monte” de educação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** você acredita que eu fui? ... peguei quarenta e quatro aulas lá ... eu estava sem nada ... eu dava duas aulas por semana ... não ia ninguém para a Educação Física ...

...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** não ia ninguém ... não sei como que os professores faziam ... eu ia ... eu estava no meu horário ...

**Pesquisadora:** sim ... não tinha uma cultura né? ... da ... da prática ...

**Professora Dinalva:** não tinha ... não tinha ... não tinha ... olha aquele tamanho de escola é ... as crianças vinham e falavam ... “Dona a senhora não deixa ... não deixa a gente jogar vôlei? ... fazer uns times aqui” ... falavam ... era o que eu ia fazendo de prática ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... hoje uma amiga minha ... amiga ... é ... ela é irmã da minha cunhada ... de uma concunhada que é a diretora de lá ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** a ... a Leninha ... é ... diretora do Instituto ... ela até aposentou ... mas ela continua lá ... e daí ... surgiu outra atribuição ... daí eu dei aula lá uns ... aí ... uns dois meses ... daí terminou eu peguei aula ... daí eu fui outra vez para a atribuição de aula ... peguei aqui na Barra Bonita ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** aí na Barra Bonita ... eu fiquei até o fim do ano ... uma vida também de cão ... que nem você fez ... vida de cão porque ... de Piratininga até aqui ... tinha uma professora que vinha para Jaú ... aproveitava carona com ela até Jaú ... de Jaú eu ficava na ... na rodoviária esperando o ônibus que fosse para Barra Bonita ... só Deus ... né? ... só Deus e a necessidade tudo ... e daí no ano seguinte ... como o Braz me conhecia muito bem ... né? ... eu era cunhada da ... da ... da cunhada dele ... o meu diretor aqui mandou uma carta para ele ... que a professora daqui tinha desistido das aulas ... que ela teve neném e desistiu ... e ele não queria dar para ninguém ... senão fosse para mim as aulas aqui ... para ele mandou uma carta ...

...

**Pesquisadora:** e o diretor tinha autonomia para fazer isso ...

**Professora Dinalva:** tinha autonomia ... o que que aconteceu ... foi as aulas para lá ... o Braz me chamou ... só eu também que podia pegar porque era bastante aulas ... é todo mundo que ia para a atribuição ... todo mundo precisava pegar ... mas uma já tinha umas aulinhas aqui ... outra lá ... outra lá lá ... não podia ... somando dava ... ultrapassava as quarenta e quatro ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e daí que eu fui ficando em Bariri ... daí fiquei de uma vez e fui ... e vim embora ...

**Pesquisadora:** ai vocês vieram para cá?

**Professora Dinalva:** aí eu mudei para cá ... eu fiquei mais ... é ... mais aquele ano aqui ... né? ... ah ... eu preciso mudar ... porque como que eu faço agora ... né? ... minha sogra olhou todo esse tempo as crianças para mim ... né? ... tenho que vir embora ... a Lúcia já estava na 1ª. série ... né? ... minha filha ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** o Paulo já pequenininho ... tinha um ano e pouco já ... né? ... foi para em setenta e três eu mudei para cá ...

**Pesquisadora:** a questão das aulas então que foi te trazendo ...

**Professora Dinalva:** foi ... bem ... foi ... foi ...

**Pesquisadora:** é ... eu queria te perguntar ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** o seu cunhado ... que era professor de Educação Física ... já era professor quando você foi fazer a faculdade?

**Professora Dinalva:** olha ... ele já era ... quando eu me casei ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** ele já era professor de Educação Física ... inclusive ele ... ele ... ele foi embora no Projeto Rondon ... ficou no Amazonas ... em Manaus ... ele deu aula três anos lá ...

**Pesquisadora:** que bacana ...

**Professora Dinalva:** e quando eu tive a Lúcia Fernanda ... ele veio embora de todo o jeito ... ele veio embora ... eles vieram ... porque eles eram em cinco ... quatro homens ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e ... aliás cinco homens ... com o Cláudio ... cinco com meu marido ... e eles é ... minha sogra é ... sogro eram em cinco homens também ... minha sogra teve cinco homens ... a minha cunhada que era casada ... mais velha que eu ... tinha tido três meninos e a Lúcia foi a primeira menina da família ... quando ele soube que eu estava grávida e que eu tive ... ele veio ... embora de lá ... ficaram loucos por causa da menina ... primeira menina da família né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** a não ser a mãe e as cunhadas ... e ele ficou três anos lá ... veio embora ...

**Pesquisadora:** de alguma forma ele te influenciou?

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** não?

**Professora Dinalva:** não ... não ... não ...

**Pesquisadora:** muito bom ...

## TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** é ... agora nós vamos falar das experiências de atuação pré-profissionais ... aquelas experiências [corte na gravação] ... um pouco na Educação Física ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** que de repente antecederam ... né? ... a formação em Educação Física e atuação Educação Física ... ou que aconteceram ao mesmo tempo ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** então gostaria que ... que você descrevesse essas experiências ... que ... aconteceram ... a anteriormente ... ao ingresso ... à opção ... e ao ingresso na docência ...

**Professora Dinalva:** então é ... antes de ... de ... desse trabalho que eu estou falando para você ... eu ... eu trabalhei muito assim no escritório ... na fazenda com o ... o meu pai ...

**Pesquisadora:** certo ....

**Professora Dinalva:** é ... ele ... ele fazia toda a escrita da fazenda ... eu ajudava ele fazia toda essa escrita ... essa parte do escritório .... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mapa ... mapa assim ... de movimento ... do pagamento de ... de ... de ... de ... dos funcionários ... é assim ... questão de ... eu até ... eu até .... é nós tínhamos até um ... um ... um lugarzinho que a gente fazia vacina ... até vacina ... eu vacinava as crianças ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... é engraçado depois de ... de tempo que eu vacinei tanta criança ... fiquei com medo depois ... eu fui dar uma ... fazer uma ... uma injeção de bismuto ... é era uma... é ... é ... meio oleosa ... sabe? ... eu não sei se eu demorei ... eu não sei é ... se a ingestão tinha algum problema ... e ... ela coagulou na seringa ... então não consegui dar ... depois disso fiquei com medo ... então ajuda ... ajudava ... nossa senhora ... mesmo nas escolas aqui ... quanto ... quanto é ... esse tumorzinho eu que ... eu que ti ... eu que punha o remédio ... e acabava tirando ... sabe? ... é ... mas lá eu ajudava muito meu pai nessa parte ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** na farmácia na ... era uma farmacinha assim que tinha ... ficava até do lado do escritório ... então eu trabalhei assim nessa parte de ... de escritório ... eu trabalhei uns dois anos assim ... com artesanato ... com essa senhora ... é ... ela fazia assim para ... para vender em alta quantidade ... eu ... bordava para ela ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e o que mais fiz ... o MOBRAL ... que era fora do MOBRAL também ... mas era uma aula ...

**Pesquisadora:** o MOBRAL também já foi a docência mesmo?

**Professora Dinalva:** já foi a docência ... já a aula mesmo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era ... era ... é ... é ... coitadinho ... começava do “be-a-bá” ... porque às vezes nem coordenação motora eles não tinham ... era pessoal de roça né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** que ... que ia para a roça e voltava ...

**Pesquisadora:** tipo educação de jovens e adultos ... né?

**Professora Dinalva:** é ... é [alguém interfere na conversa e fala com a professora] ... mas ... mas ... mas ... de catecismo eu dava na fazenda ... te ... te ... te ... peguei até uma foto aqui ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu ... eu ... preparei acho que umas ... toda criança da classe da ... da ... da escola ... da ... da ... classe minha ... porque a professora morava na minha casa ... ela era de Piratininga ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ela era ... é ... mulher do gerente do banco ... e ela ficava a semana toda na minha casa ... morava em casa ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e eu que preparei a criançada para fazer a primeira eucaristia ...

**Pesquisadora:** mas isso você morava em Piratininga?

**Professora Dinalva:** isso não ... não ... eu morava na fazenda ainda ...

**Pesquisadora:** ah ... e ela ficava ...

**Professora Dinalva:** antes de eu ir para Piratininga ... antes ... eu era menina ainda ... quando eu ajudava meu pai nas fazendas ...

**Pesquisadora:** e foi nesse período que você deu aula de catequese?

**Professora Dinalva:** de catequese ... olha a criançada ...

**Pesquisadora:** quantos anos mais ou menos você tinha?

**Professora Dinalva:** ah ... eu tinha aí ... acho que eu tinha ... treze ... treze anos ...

**Pesquisadora:** e como que foi isso? ... porque que você foi? ... alguém te chamou?

**Professora Dinalva:** não ... ela morava na minha casa ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** né? ... e tinha entre a escola ... que é aqui que você está vendo ... e aqui era a colônia do ... do pessoal que morava na fazenda ... tinha uma igreja ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** a ... a ... o fazendeiro construiu uma igreja ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e o padre de Piratininga ele ia uma vez por ano fazer ... fazer a primeira eucaristia nas crianças ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... e eu que preparava ... esse ano ... essa ... essa senhora morava ... morou comigo ... com nós em casa ...

**Pesquisadora:** você não está aqui na foto?

**Professora Dinalva:** estou ... estou sim ... eu sou essa daqui ... ó ... eu preparei todas elas ... tem outra aqui ... aqui ó ... aqui sou eu ... essa aqui sou eu ...

**Pesquisadora:** você ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** está na mesma idade quase das crianças ...

**Professora Dinalva:** é ... tinham umas que eram até mais velhas que eu ... mas aqui é na mesa ... na escola ... onde fez o lanche depois ... essa sou eu (risos) ...

**Pesquisadora:** quanto tempo você fez isso?

**Professora Dinalva:** ah ... eu fiz assim ... enquanto eu morei nessa fazenda ... Santo Silvério chamava a fazenda ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... a primeira turma mesmo ... que eu preparei ... e que tiramos foto ...

**Pesquisadora:** está ... essa foi a primeira experiência dando aula ...

**Professora Dinalva:** é ... foi a primeira experiência ... pois ... pois eu dei mais uns anos ... né? ... mas essa daí foi a primeira turma que ... que eu comecei mesmo ... chamava de José Tadinho ... ele morreu ... bem velhinho ele era ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... depois eu vou fotografar ...

**Professora Dinalva:** está ... e era uma igreja tão ... bonitinha ... o dono da fazenda fez tão bonitinha ... então ... e eu nessa fazenda ajudava muito meu pai ... deixava até para mim fazer a parte de ... de escritório ... e também eu fui ... eu tinha ... a patroa gostava muito de mim ... é ... e ela tinha uma nora ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** e o filho dela ... até lembrava muito o seu esposo ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** lindo ... é ... se chamava Joel ... é ... e ela tinha três meninas ... uma atrás da outra ... quando ela vinha para a fazenda ... eu além de olhar as meninas ... eu ficava

trabalhando na fazenda com ela lá ... de faxineira (risos) ... o duro é olhar as crianças ... era mamadeira o dia inteiro ... eram três ... uma de cada idade ... e elas se agarravam tanto comigo ... que elas brigavam entre elas ... porque sabe como é criança ...

**Pesquisadora:** disputando ...

**Professora Dinalva:** disputando ... disputando ... “ai meu Deus” ... mas eu fazia mais isso ... eu ajudava meu pai muita na ... nessa parte ... e as festas também lá eram tudo por minha conta ... as festas na fazenda ... as isso era coisinha que a gente fazia mesmo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e essa turma eu preparei ... foi a primeira turma que eu preparei assim ...

**Pesquisadora:** foram várias turmas?

**Professora Dinalva:** não ... não ... é ... era ... só ... a escola era de 1ª. a 4ª. séries ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** a professora dava aula para as quatro séries ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era assim nas fazendas ... hã?

**Pesquisadora:** multisseriada ...

**Professora Dinalva:** é assim que fala hoje?

**Pesquisadora:** eu sempre conheci por esse nome ... eu estudei em escola multisseriada ...

**Professora Dinalva:** é?

**Pesquisadora:** no sítio ...

**Professora Dinalva:** é ... então era até ...

**Pesquisadora:** por isso que eu conheço (risos) ...

**Professora Dinalva:** ah então ... ela dava para todas ...

**Pesquisadora:** a mesma professora ...

**Professora Dinalva:** eu ajudava ... é ... eu além de ... de dar o catecismo ... eu ajudava nas primeiras séries e ficava ajudando ela ...

**Pesquisadora:** e nesse período você já tinha passado por todas essas séries ... né?

**Professora Dinalva:** eu já tinha vindo embora lá ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é eu tinha feito a 4ª. série ... como eu contei para você ...

**Pesquisadora:** você não tinha ido para o 5º. ano ainda?

**Professora Dinalva:** não ... não tinha ido ainda não ...

**Pesquisadora:** entendi ... foi esse período da catequese ...

**Professora Dinalva:** é ... é ...

**Pesquisadora:** e ... que que você caracteriza ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** é ... pode caracterizar ou não ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** é ... alguma experiência que influenciou ... alguma experiência da profissão ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** dessas experiências aí profissionais ... quaisquer delas ... que influenciou na sua vida pessoal ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e alguma experiência da vida pessoal que influenciou no exercício dessas atividades ... desse período ...

**Professora Dinalva:** então o que eu poderia falar para você ... eu na experiência assim como ... é eu ... a professora eu gostava muito ela ... ela ... eu ajudava ela em casa ... porque ela ... ela morava comigo ... né?

**Pesquisadora:** hum ...



**Professora Dinalva:** morava comigo ... morava com minha mãe ... era eu ... minha mãe ... a Dei<sup>197</sup> não estava mais em casa ... estava lá em Guarantã ... né? ... foi cuidar dos meus avós ... então eu tinha assim ... vontade de ... de ser professora ... porque eu via tudo o que ela fazia eu me encantava ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** me encantava ... né? ... e ... e ela ... ela pôde contar muito comigo ... porque às vezes ela até não vinha muito bem ... porque ela era esposa do gerente do banco ... é aquele tempo tinha banco comércio-indústria ... em ba ... em Piratininga ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... era comércio-indústria ... existia esse banco ... hoje acho que não tem mais comércio-indústria ... e ... e ... então ... e ela também ... muitas vezes ela não vinha bem ou ela ... ela ... é por exemplo ... tinha que faltar ou tinha que ir numa reunião alguma coisa ... não dispensava ... eu que ficava com as crianças dela ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então eu acho que ... eu ajudava ela nesse sentido também ...

**Pesquisadora:** o fato dela ficar na sua casa também ...

**Professora Dinalva:** o fato dela ficar na minha casa também ... eu acho que também ajudou isso ... né? ... porque ela também não tinha quem ... teria que deixar fechada a escola ... era ... era ... tinha criança que vinha de longe ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** naquele tempo não tinha perua essas coisas nada ... então é ... e ... pelo menos tinha o lanchinho que a gente fazia ... que as crianças é ... ia ... muitos iam pensando nesse lanche ... né? ... então eu acho assim ... que tanto eu ... ela foi bem ... foi ... me ajudou em muita coisa ... mas acho que eu também ... minha mãe ... nós também ajudamos muito ela nessa parte ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ... é ...

**Professora Dinalva:** ela foi ... de contar com a gente ... sabe?

**Pesquisadora:** ahã ... essa experiência como professora ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** de ... de catequese ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** você ... acredita que influenciou? ... confirmou o que você já queria? ... em relação a ser professora ...

**Professora Dinalva:** olha ... não sei se essa experiência ... porque depois eu não dei aula mais assim ... para catequese ... para as crianças ... mas é ... é porque eu gostava ...

**Pesquisadora:** mas a relação com a professora mesmo ... mas a relação com a professora que influenciou ...

**Professora Dinalva:** é ... mais com a professora mesmo ... eu acho que ...

**Pesquisadora:** que confirmou ... né?

**Professora Dinalva:** é ... acho que sim ... sim ...

**Pesquisadora:** entendi ... tem algum sentimento ... situação ... pessoa ... eu imagino que ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** seja a professora ... né? ... que talvez de algum modo marcou esse período ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e depois se tiver algum documento alguma fotografia também ...

**Professora Dinalva:** então ... então ela foi muito bacana é ... quando a gente ... é ... lembro que quando a gente recebia o pagamento ... eu ... eu ... meu pai me dava ... eu tinha um ...

**Pesquisadora:** tinha salário?

---

<sup>197</sup> Referiu-se à irmã “Sidnei”.

**Professora Dinalva:** não tinha salário ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** mas ele me dava um ... um dinheirinho ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** para mim ... do que eu tinha feito por ele ... tudo ... ele dava ... e eu acho ... a gente esperava tanto esse dia ... porque é ... essa fazenda era muito longe de Piratininga ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e ... então a gente ia ... e às vezes o marido dela fazia questão também de vir nesse dia ... para pegá-la ... ou para ... para poder levar ... me levava na casa dela também ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... não ficava ... mas me levava ... e era o dia que a gente ia comer doce to ... tomar sorvete ... a gente ficava doente para tomar sorvete ... que coisa né? (risos) ...

**Pesquisadora:** era só de vez em quando né? ... muito bem ...

**Professora Dinalva:** mas assim não tive assim outras coisas assim ... eu ficava ... ela fazia questão assim se tinha festa alguma coisa ... ela fazia questão [corte na gravação] ... “Dona Carolina ... deixa a Dinalva ficar lá em casa?” ... e ... e aconteceu de eu posar lá umas noites ... entendeu? ... ir para depois voltar com ela ... sabe? ... ela até não tinha filhos ... ela foi uma vez na fazenda me buscar para ficar lá ... não sei se era ... se era fim de ano ... se era Natal ... Missa de Galo ... essas coisas ... que eu fui ...

**Pesquisadora:** e ...

**Professora Dinalva:** eu sei que eu lembro que eu fiquei ... que eu ficava na casa dela ... ela morava na casa ... no prédio mesmo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** do ... do ... do ... do ... do banco ... e esses casarões bem grandes ... que nem cílio ... sempre teve ... grande ... e eu ficava encantada com ... era tão bonito ... né? ... é ... as coisas que ela tinha ... o que a gente tinha era tudo tão ... tão assim ... coisinha é ... ah ... o essencial a gente tinha ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** uma mesa lá com uma gavetinha ... um lugarzinho lá onde meu ... o Luiz até fez para por um rádio ... a gente conseguiu um rádio naquela época ...

**Pesquisadora:** tinham poucos móveis ... né?

**Professora Dinalva:** tinham pouca coisa ... é ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** a cama ... tudo aquelas camas de coi ... de pé assim ... era cama ... comprava ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** né? ... e mais (risos) ...

**Pesquisadora:** diferente ...

**Professora Dinalva:** diferente ...

**Professora Dinalva:** é ... mas ... nossa ...

**Pesquisadora:** muito bem ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUARTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora nós vamos falar das experiências na formação inicial ... na faculdade ... né? ... e outros programas de formação também ... formação continuada ... é que ... provavelmente você tenha realizado ou durante a faculdade concomitante ... e posteriormente à faculdade ... já atuando profissionalmente ... os cursos que você realizou ... que foram

oferecidos pela Secretaria do Estado ... ou não ... que foram feitos por iniciativa própria ... e outros cursos de faculdade ... ou especialização ...

**Professora Dinalva:** então é ... eu fiz ... eu fiz a ... a faculdade ... né? ... na ... no ... na ITE ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** na ITE eu fiz os três anos de ... de Educação Física ...

**Pesquisadora:** eram três anos?

**Professora Dinalva:** eram três ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eram três ... hoje são ... hoje é mais?

**Pesquisadora:** eu fiz quatro ...

**Professora Dinalva:** é?

**Pesquisadora:** agora o integral na UNESP<sup>198</sup> são quatro ... e noturno que eu dou aula são cinco ...

**Professora Dinalva:** verdade?

**Pesquisadora:** sim ... mas de ... normalmente é quatro ... de um modo geral ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** na UNESP tem essa diferenciação ...

**Professora Dinalva:** olha ... não ... eu fiz em três anos ... Educação Física ... é ... então ... onde trabalhei não ... né? ... só as faculdades ...

**Pesquisadora:** ah ... os cursos ...

**Professora Dinalva:** só os cursos ... né?

**Pesquisadora:** durante a faculdade fez outros cursos?

**Professora Dinalva:** ah ... então ... na faculdade eu fiz vários cursos assim ... mas cursos ... é ... durante a faculdade eu fiz cursos de o ... o maior curso que eu fiz foi Pedagogia ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e fiz ... é ... cursos técnicos assim de um ano ... eu fiz em Avaré ... né?

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é co ... você quer que eu ... selecione depois?

**Pesquisadora:** pode ...

**Professora Dinalva:** eu fiz um ... um em Avaré ... eu fiz um curso ... eu fiz um curso de ... de um ano ...

**Pesquisadora:** sobre?

**Professora Dinalva:** sobre ... é ... deixa eu pegar aqui direitinho ... então eu fiz em Avaré ...

**Pesquisadora:** quer por o óculos?

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** está ruim?

**Professora Dinalva:** eu peguei esse daqui ... porque esse daqui está ... está ... está meio trincado ... tenho medo que caia a lente ... deixa eu ver o de ...

**Pesquisadora:** é ... a faculdade foi de qual ... ano ... qual ano?

**Professora Dinalva:** a faculdade eu fiz ... é ... de ... se ... setenta e um ... setenta ... setenta e um e setenta e dois ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... eu fiz esses três anos ... é ... fiz a ... é ... é ... depois é ... enquanto eu estava fazendo a faculdade ... né? ... eu fiz vários cursos ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** fazendo ... eu fiz é ... é ... durante a faculdade não ... Pedagogia eu fiz aqui ... já trabalhando ...

---

<sup>198</sup> Universidade Estadual Paulista.

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** trabalhando ...

**Pesquisadora:** que período que foi ... a Pedagogia?

**Professora Dinalva:** a Pedagogia eu fiz ... é ... é ... faculdade de ciências e letras de Avaré ... né? ... com licenciatura plena ...

**Pesquisadora:** ah ...

**Professora Dinalva:** eu fiz ...

**Pesquisadora:** Pedagogia?

**Professora Dinalva:** Pedagogia ...

**Pesquisadora:** certo ... qual ano?

**Professora Dinalva:** eu fiz é ... eu terminei em oitenta ...

**Pesquisadora:** hum ... então ...

**Professora Dinalva:** um ano e meio ... nós fizemos ...

**Pesquisadora:** então foi em mais ou menos uns dez anos depois da Educação Física?

**Professora Dinalva:** ah ... mais ou menos ...

**Pesquisadora:** por aí ...

**Professora Dinalva:** eu já estava aqui ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** já estava em Bariri ...

**Pesquisadora:** e por que fez a Pedagogia?

**Professora Dinalva:** então ... porque na época é ... para o primário que fa ... era primário ... 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. séries ... a Pedagogia ... ela acrescentava no seu currículo ... e você tinha um ... um ... um grau a mais e você ganhava mais por isso ...

**Pesquisadora:** nessa época você já atuava como professora de Educação Física?

**Professora Dinalva:** Educação Física ... eu fiz Pedagogia mais assim ... para mim ... é ...

**Pesquisadora:** para a carreira ...

**Professora Dinalva:** para a carreira ... mas é ... não acrescentou nada ... não acrescentava nada assim ... para mim ganhar mais ... entendeu?

**Pesquisadora:** ah está ... entendi ...

**Professora Dinalva:** não fiz a ... não tinha assim ... é ... aparecia no meu currículo em todo o lugar a Pedagogia Plena que eu tinha feito tudo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** com direito ... direito até de eu lecionar ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** direito a dar aula ... mas eu não ... não acrescentava nada financeiramente ... sabe? ... mas muitas das ... a maioria que iam comigo ... era professor III ... então ...

**Pesquisadora:** que que era professor III?

**Professora Dinalva:** professor III era professor de ... de ... de 5<sup>o</sup>. em diante ...

**Pesquisadora:** ah ... especialista ...

**Professora Dinalva:** especialista ... né? ... e tinha alguns de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. que faz ... que é ... que acrescentava no currículo deles ...

**Pesquisadora:** mas você era III também?

**Professora Dinalva:** eu era III também ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** Educação Física III também ...

**Pesquisadora:** e você atuava em todos os níveis?

**Professora Dinalva:** todos ... então ... todos ...

**Pesquisadora:** sempre em todos?

**Professora Dinalva:** sempre em todos ...

**Pesquisadora:** é que depois a gente vai falar especificamente disso ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** está ...

**Professora Dinalva:** então ... eu fiz ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** né?

**Pesquisadora:** os cursos ... cursos paralelos assim ... de curta duração ...

**Professora Dinalva:** é ... eu fiz bastante ... fiz bastante curso ... quer ver ... vou falar aqui para você ... então eu fiz na faculdade de Jaú também ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** faculdade de filosofia ciências e letras ... em oitenta e sete eu fiz um curso também muito bom ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** sobre música ... movimento e criança ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** fiz esse ... eu fiz é ... também no serviço social no comércio no SESC<sup>199</sup> lá em Bauru ... eu fiz jazz ... fiz ginástica e jazz ...

**Pesquisadora:** e esses cursos ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** era tudo por sua iniciativa própria?

**Professora Dinalva:** eles mandavam para a escola ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** assim ... o convite ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas foi por iniciativa própria ...

**Pesquisadora:** e recursos próprios?

**Professora Dinalva:** e recursos próprios ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não ... nada assim ...

**Pesquisadora:** nada financiado ...

**Professora Dinalva:** não ... nada financiado ... geralmente até era assim ... ou final de semana ... ou ti ... teve cursos até que eles ... eles ... a escola mandava você e depois também não punha as faltas ... para você ... porque você estava fazendo o curso ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu? ... então ... eu fiz na escola também é ... de Educação Física de Bauru ... em setenta e um eu fiz também ... orientação técnica de natação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu fiz na academia de balé da Lucila ... como eu contei para você ... né? ... eu fiz um ano de jazz ... curso de jazz ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** porque eu dei ... dei aula doze anos numa es ... no ... no ... num clube aqui ... aonde eu falei para você que eu tenho ... tenho até a ... que puseram meu nome ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu dava jazz e dava ginástica para ... para a turma ...

**Pesquisadora:** e porque o interesse em jazz?

**Professora Dinalva:** porque eu ia dar ginástica ...

**Pesquisadora:** hã ...

---

<sup>199</sup> Serviço Social do Comércio.

**Professora Dinalva:** e depois é ... a turma já gostava de ... de ... de ... de ... de alguma coisa balanceada ...

**Pesquisadora:** ah ... está ... entendi ...

**Professora Dinalva:** então eu já punha música ... e eu fui fazer o jazz porque era na época estava naquele auge ... tinha até aquela ... uma novela que tinha jazz ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... então eu fui fazer o curso ...

**Pesquisadora:** como teve o auge da dança do ventre depois ...

**Professora Dinalva:** da dança do ventre ... isso ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... eu fiz também no SESC também outra vez ... outro curso de jazz também ... e foi complementação daquele lá ... foi um ... depois assim mais aprofundado ...

**Pesquisadora:** é ... essa ...

**Professora Dinalva:** foram dois cursos ...

**Pesquisadora:** certo ... essa experiência no ... na ... como professora de ginástica e dança ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** foi paralela ao Estado ... ao SESI ... tudo ao mesmo tempo?

**Professora Dinalva:** tudo ao mesmo tempo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** que eu dei aula ... essa época eu dava aula no SESI também ... porque eu dei aula no SESI também ...

**Pesquisadora:** então três lugares ...

**Professora Dinalva:** é ... SESI ... e me ajudou muito também na ... essa parte de ... mu ... música ... movimento para a criançada quando eu dei aula na EMEI ... que eu dei aula na prefeitura seis anos ...

**Pesquisadora:** isso foi depois?

**Professora Dinalva:** durante o ... ah ... não ... meu tempo era ...

**Pesquisadora:** concomitante ...

**Professora Dinalva:** concomitante ... concomitante ...

**Pesquisadora:** antes do SESI?

**Professora Dinalva:** não ... o SESI eu já trabalhava ... comecei a trabalhar no SESI em oitenta e ... não ... em setenta e seis eu comecei trabalhar no SESI ... e ... e na prefeitura em oitenta e cinco ...

**Pesquisadora:** quando você começou no SESI você já estava no Estado?

**Professora Dinalva:** no SESI? ... já estava no Estado ...

**Pesquisadora:** no Estado foi primeiro ...

**Professora Dinalva:** foi primeiro ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** foi primeiro ...

**Pesquisadora:** e a experiência como professora de classe foi só aquele um ano ...

**Professora Dinalva:** de classe você fala?

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** dar aula assim em classe ...

**Pesquisadora:** isso ...

**Professora Dinalva:** aquele ano ...

**Pesquisadora:** sobre aquele ano ...

**Professora Dinalva:** aquele ano eu peguei lá ... lá no Plínio Ferraz ...

**Pesquisadora:** foi só aquele ano?

**Professora Dinalva:** foi aquele ano ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** de classe só ... e ... eu dei ... eu dei aula também em classe mas para o Magistério ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu dei para o Magistério três anos é ... é ... no ... no ... numa escola Efigênia aqui ...

**Pesquisadora:** ah ... depois a gente vai falar disso ...

**Professora Dinalva:** mas eu também ... é ... mas eu também não fiz nada ... foi quando eu falei para você que eu mesma ... minha experiência [som de fundo atrapalhou o entendimento] eu que sentei com os coordenadores ... tudo ...

**Pesquisadora:** que não tinha ...

**Professora Dinalva:** para mim fazer o que ... dar para elas porque elas iam dar aula ... de ... de Educação Física ... né?

**Pesquisadora:** então ... mas aí era metodologia?

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** do ensino de Educação Física [som de fundo atrapalhou o entendimento] ...

**Professora Dinalva:** é ... então ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu? ... então ... eu fiz também ... ah ... eu fui também para ... para Santo André como técnica em ... em ... em atletismo feminino ... em oitenta e cinco ... eu fui ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... nós ficamos lá uns quinze dias ... nos jogos ... sabe? ... jogos abertos do interior ...

**Pesquisadora:** isso já atuando ... né?

**Professora Dinalva:** é ... isso já dando aula ... isso ...

**Pesquisadora:** e pela Secretaria de Estado assim ... tinha algum curso que era oferecido ... chegou a fazer algum?

**Professora Dinalva:** olha ... fiz algum sim ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** fiz alguns é de férias ... né? ... na época de férias ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** fiz algum sim ... tem ... devo ter marcado aqui algum ... eu fiz também o serviço é no ... no SESC também ... eu fiz o seminário de esporte e lazer em São Carlos ... esporte e lazer em São Carlos ... e ... e também fiz em Bauru é ... um curso técnico de arbitragem de basquete e de vôlei ... em setenta fiz também ...

**Pesquisadora:** esses ...

**Professora Dinalva:** mas tudo de final de semana ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** ou ... ou assim finais de semana ... entendeu?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** agora ... curso assim que a escola oferecia ... geralmente era em férias ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** era período de férias ...

**Pesquisadora:** é ... esses cursos aí no SESC ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** que você está comentando ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** eles eram divulgados na escola do Estado onde você estava ... ou no SESC?

**Professora Dinalva:** olha ... muitos ... muitos eram ... eram no ... no Estado mesmo ... até mandavam ...

**Pesquisadora:** era divulgado ...

**Professora Dinalva:** eles divulgavam ... o SESI também ... o SESI divulgava muito ... você não perdia nada porque o SESI era mais assim ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** do que o Estado ... né? ... eu fiz também um curso de expansão cultural em Dois Córregos ... é ... é de Educação Física infantil também ... e pré-escola ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... fiz também o curso de aperfeiçoamento em guias curriculares ... em setenta e cinco ... esses daqui ... esse aqui foi umas férias ... uns quinze dias de férias ... foi feito ... foi feito até numa escola em Bauru ... ali perto do ... do ... do ... esqueci o nome daquela escola ... perto do ... cemitério ... ali para cima ... sabe? ... na rodoviária ... na rodovia

...

**Pesquisadora:** perto da Castelo?

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** tem uma escola lá ...

**Pesquisadora:** tem Henrique Betolucci ... tem Plínio ... Plínio é por ali ...

**Professora Dinalva:** não ... Plínio não ... Plínio é indo lá para Piratininga ... Plínio Ferraz ...

**Pesquisadora:** é ... é ali ... a Castelo é ali ...

**Professora Dinalva:** não ... é para cá ... é aqui na entrada de Bauru ... do outro lado ...

**Pesquisadora:** ah está ... do outro lado ...

**Professora Dinalva:** é ... do outro lado ...

**Pesquisadora:** é ... já não sei ...

**Professora Dinalva:** é ... eu fiz o curso também ... esse técnico desportivo em nasquete eu fiz um ano todo ... eu fiz também um curso de ginástica feminina moderna ... daquele vira e gira os saltos ...

**Pesquisadora:** interessante ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** esses cursos aí você procurava por alguma necessidade sentida enquanto estava atuando ... esses foram todos durante a atuação ...

**Professora Dinalva:** foram ... eu ... eu ... eu ... eu queria assim ... eu queria aperfeiçoar ... porque na verdade você sai da faculdade meia ... né? ... então eu não tinha aqui ... aqui em Bariri como aprender com outras ...

**Pesquisadora:** não tinha pares ...

**Professora Dinalva:** não tinha pares ... outra coisa ... é ... tudo o que eu precisava e ... eu não recebia assim ... currículo nada assim para ...

**Pesquisadora:** não tinha material nada ...

**Professora Dinalva:** eu não tinha ... não tinha material ... eu também não ... não ... às vezes é ... fazia reunião com os coordenadores ... com a orientadora ... fui várias vezes para Jaú mas eu não trazia nada de ... nada ... me crescem ... não me acrescentava nada ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então por isso que eu fazia questão desses cursos ...

**Pesquisadora:** aqui é Diretoria de Jaú ... né?

**Professora Dinalva:** é Jaú ...

**Pesquisadora:** e na época que você comentou que ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** que escolhia e acabava sempre vindo para cá ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** depois veio morar mesmo ... porque aqui que tinha aula ...



**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** era Bauru ... né?

**Professora Dinalva:** era Bauru ... Bauru era regional ... é ... é regional que falava ... né? ... agora não ... você recebe ... você pode pegar escola aqui mesmo em Jaú ... hoje eu não sei ...

**Pesquisadora:** aqui pertence à DE de Jaú ...

**Professora Dinalva:** é ... de Jaú ... é ... é ...

**Pesquisadora:** mas é ... é Diretoria de Ensino de Bauru e região ... Diretoria de Ensino de Jaú e região ... tiveram essas mudanças ...

**Professora Dinalva:** em oitenta e seis eu fui fazer um curso em Bauru também ... é ... isso se aprende com Ciclo Básico ... quando começou com Ciclo Básico ...

**Pesquisadora:** foi em oitenta e seis?

**Professora Dinalva:** foi em oitenta e seis ...

**Pesquisadora:** e durou quanto tempo mais ou menos?

**Professora Dinalva:** ah ... eu lecionei uns quatro anos no Ciclo Básico ...

**Pesquisadora:** todo tempo que ele durou ou ele durou mais?

**Professora Dinalva:** não ... eu ... eu trabalhei o tempo todo que durou ...

**Pesquisadora:** certo ... então durou esse tempo?

**Professora Dinalva:** é ... não ... porque eu aposentei em noventa e seis ...

**Pesquisadora:** durou uns quatro anos então ...

**Professora Dinalva:** há ... é ... é ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... e ... eu fiz também em São Carlos um ano todo especialização em voleibol ...

**Pesquisadora:** uma pós-graduação ...

**Professora Dinalva:** uma pós-graduação ... eu fiz em São Carlos ...

**Pesquisadora:** e porque voleibol?

**Professora Dinalva:** porque aqui ba ... Bariri ... é ... tinha a parte de basquete ... então ficava muito para os meninos mais basquete ... eu dava o basquete ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas ficava mais para o masculino ... então o professor usava mais ... porque na verdade aquele tempo a gente tinha uma câ ... uma sa ... uma ... você tinha que estar dividindo a quadra ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não existia nem quadra coberta aquele tempo ... né? ... então o voleibol ... eu dava aquele vôlei ao fosso também ... o voleibol eu podia fazer no gramado ... não fazia ... entendeu?

**Pesquisadora:** espaços alternativos ...

**Professora Dinalva:** alternativos ... então ...

**Pesquisadora:** nessa época os meninos eram separados das meninas?

**Professora Dinalva:** eram separados das meninas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eram separados ... nessa época eram separados ...

**Pesquisadora:** década de oitenta ... né?

**Professora Dinalva:** isso ... mas depois não ... depois eu já dava aula para os ... para todos ...

**Pesquisadora:** quando ... você se lembra quando que ... que juntou?

**Professora Dinalva:** ixi ... agora você me apertou ... quando juntou eu não lembro ...

**Pesquisadora:** mas não tem problema se não lembrar ...

**Professora Dinalva:** mas eu não me lembro assim não viu ... então eu fiz também lá em Assis dois cursos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** em Assis eu fiz um curso de natação ... técnica em natação ... o ano todo ... fiz o curso é ... só desportivos e de recreação ... foi ótimo ...

**Pesquisadora:** e porque natação? ... estava atuando ...

**Professora Dinalva:** porque ... não ... não ... eu dei aula pouco tempo nesse ... nesse clube de natação para ... para a criançadinha pequena ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... então eu quis assim ... e lá estava oferecendo o curso ... então dava tempo ... a gente ficava lá ... você ia ... você ia final de semana ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então você tinha um tempo que você podia fazer o curso ... sabe?

**Pesquisadora:** todos esses cursos eram pagos?

**Professora Dinalva:** eram pagos ... eram pagos e as viagens também que você ia ....

**Pesquisadora:** sim ... custa ficar lá ...

**Professora Dinalva:** eram pagos sim ... eram pagos é ... a gente fazia ... tinha que ir guardando um pouco porque quando aparecia tinha que fazer ... porque se você não fazia ... você também dependia ... eu tinha mais tempo do que muita gente de ... de ... de serviço ... tudo ... né? ... trabalhava no SESI também ... tinha pouca aula no SESI mas tinha ... mas você tinha que ir melhorando ... né? ... o ... eu sempre gostei muito de ... de aprender ... de querer saber mais coisas ...

**Pesquisadora:** independente da fase da carreira que estava ...

**Professora Dinalva:** é independente ... é ... independente disso ... fiz um curso também de recreação infantil em handebol ... foi bom também ... eu dava muito handebol para a criançadinha ... eu trabalhei no SESI eu dava aula no ... no Tiro de Guerra ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** então era ... era um gramado ... tudo assim ... então você ... e dei aula muito na rua também lá ... porque eu não tinha quadra ... eu dava aula na rua ... eu punha trânsito impedido e dava aula na rua ...

**Pesquisadora:** que faixa etária? ... nessa época ...

**Professora Dinalva:** ah ... essa época ... foi de ... aí eu tinha o Dininho ainda ... foi em oitenta à oitenta seis ... oitenta e sete por aí ...

**Pesquisadora:** e a idade das crianças mais ou menos?

**Professora Dinalva:** é de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** é de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... é ... é ...

**Pesquisadora:** e pensando no handebol por exemplo ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** é ... você vivenciou essa prática enquanto aluna?

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** não?

**Professora Dinalva:** handebol não ...

**Pesquisadora:** você conheceu na faculdade?

**Professora Dinalva:** na ... não ... também não ....

**Pesquisadora:** como que você se apropriou desse conhecimento?

**Professora Dinalva:** então ... então porque eu ... em algum ... desse curso que eu fiz ... algum curso que eu fiz ... eu fui ... fui assim me adaptando ... aprendendo ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque a gente ... não tive nada disso ... não tive na faculdade ...

**Pesquisadora:** é ... fiquei pensando isso agora ...

**Professora Dinalva:** é ... então ... que não tinha ...

**Pesquisadora:** que na ... na experiência de aluna você não relatou handebol ...

**Professora Dinalva:** não ... não ... não ... eu não tive ...

**Pesquisadora:** nenhum esporte específico na verdade ...

**Professora Dinalva:** não ... nenhum específico ... era mais recreação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mais ... é ... mais lúdico mesmo ... mais brincadeira ... esses joguinhos de salão ... você fazia ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não tenho muito assim ... então é ... eu fiz uma ... muitos cursos ... tenho até o diploma de todos ... que a gente perder ... né? ... assim ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas ... e me acrescentou muita coisa viu ... é ... é ... porque se eu não fizesse esses cursos como seria? ... é você tem que fazer uma coisa ... você tem que abandonar ... abandonar ... abandonar a minha casa ... o meu marido ... meus filhos ... porque você tinha ... eu já trabalhava a semana inteira ... e final de semana tinha que ir para fazer esses cursos ... porque senão não tinha como ... né? ... agora ... mais me ... eu cre ... cresci bastante ... eu aprendi muita coisa ... não que eu fosse uma especialista em que ... mas eu falo assim que eu ... é pude trabalhar com essa criança o todo sabe? ... assim delas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... eles ... é ... aprenderam ... eu tive cursos de treinamento ... em voleibol ... tive basquete ... tive treinamento que eu participei de atletismo que eu participava dos jogos ... todos os jogos eu participava ...

**Pesquisadora:** nas escolas?

**Professora Dinalva:** nas escolas ... é ...

**Pesquisadora:** atuando?

**Professora Dinalva:** é nas escolas e ganhava aqui você ia participar em Jaú com as outras cidades ...

**Pesquisadora:** certo ... essas participações ... é ... eram uma iniciativa sua enquanto professora ... ou era uma cultura da época ... uma cultura da escola ... uma prática ... uma cultura da Educação Física da época ...

**Professora Dinalva:** há ...

**Pesquisadora:** de repente mais exigência da direção da escola ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... é ...

**Pesquisadora:** como que era?

**Professora Dinalva:** não ... isso daí você poderia ... você tinha direito a ... você tendo umas crianças que se sobressaíam ... alguma da ... da ... assim ... né? ... da ... da ... das atividades ... assim ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... você fazia ... eles até te davam uma turma para você dar ... dar um treinamento ... então eu tinha assim fora da ... da ... dessas aulas ... eu tinha é ... uns horários de treinamento ... então eu treinava com a criança a ... o ... por exemplo hoje só atletismo ...

**Pesquisadora:** você que escolhia a modalidade?

**Professora Dinalva:** eu ... não ... a criança escolhia o que ela queria ...

**Pesquisadora:** ah ... a criança escolhia ...

**Professora Dinalva:** e eu ... eu que treinava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu treinava o atletismo ... a que se sobressaía em atletismo eu treinava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu treinava as de vôlei ... que ... que voleibol a maioria gostava ... o ... o basquete eu treinava ... entendeu? ... o handebol ... só que na época o handebol ... nós não

tínhamos ... nós não tínhamos campeonato é ... entre ... entre cidades ... então a gente fazia só aqui é ... entre as escolas daqui ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** certo? ... agora as outras não ... as outras tinham período ... período de ... tem até hoje período para você ... para você jogar fora ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** você ganha ... jogando com aquele ... com o pessoal daqui ... o ... o ... o ... a cidade tenha ... tinha ... hoje tem ... tinha por exemplo ... um ... um ... um curso de treinamento onde é ... aquela equipe ia representar Bariri ... aí não ... aqui não ... a escola que ia representar ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... você jogava com bastante escola ... todas escolas aqui ... entre elas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** inclusive eu fui professora na época às vezes três escolas ... eu estava ... as minhas meninas mesmo uma ... uma jogando contra a outra ...

**Pesquisadora:** você era professora de todo mundo?

**Professora Dinalva:** eu era professora de todo mundo ... só que quem venciam ia para ... mas daí ...

**Pesquisadora:** ia para a etapa seguinte ...

**Professora Dinalva:** tinha o período certo ... ia ... é ...

**Pesquisadora:** e isso era pela Secretaria do Estado ... tudo ...

**Professora Dinalva:** pela escola ... isso ...

**Pesquisadora:** tinha um calendário?

**Professora Dinalva:** é ... tinha um calendário ... tinha tudo certinho ...

**Pesquisadora:** agora é ... no handebol era uma organização de vocês aqui?

**Professora Dinalva:** é ... da gente mesmo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** a gente fazia aqui ... inclusive ...

**Pesquisadora:** não era institucionalizado ... né?

**Professora Dinalva:** não ... não te ... não ... hoje sim ... hoje eu vejo equipes lindas de vôlei ... de ... de ... de handebol ... sabe? ... as meninas jogam ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e tem futebol de ... de campo ... de salão ... como as meninas estão jogando bem ... mas eu não tive ... eu tive ... eu tive futebol de salão porque eu tinha umas meninas que eram uns moleques ... né? ... e elas queriam ... queriam ... jogavam que nem os moleques ... por querer ... não era uma coisa assim que eu ... que eu ... que a escola mandasse ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... uma que também você te ... te ... tem preocupação com a criança ... né? ... são os alunos mais es ... mais ... estúpidos assim ... e criança ... é ... né? ... então a gente tem um pouco de medo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque até então nós tínhamos médicos que faziam uma ... uma avaliação todo começo de ano e meio de ano ... e a gente fazia aqueles exames biométricos ... então para ver se a criança não tinha nenhum problema cardíaco ... nenhum problema físico ... assim ... que pudesse é ... atrapalhar na Educação Física ... os que tinha o médico dispensava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e por sinal eu tive muitos casos do médico dispensar e a criança querer fazer ... vinha até com a mãe aí ... eu ficava com o coração na mão ... porque é uma coisa dura ... né? ... você vê ... a criança quer ... quer ... quer ...

**Pesquisadora:** é ...

**Professora Dinalva:** e às vezes não pode ...

**Pesquisadora:** é complicado ...

**Professora Dinalva:** então eu tive casos assim também que eu ... mas a ... mas sabe? ... sempre com médico ...

**Pesquisadora:** hum ....

**Professora Dinalva:** assim ... por perto e vendo ... por perto eu digo não junto ... mas assim ... “ela vai fazer ... doutor mandou dar isso daqui” ... né? ... “vou fazer esse aquecimento ... fazer ela brincar um pouquinho disso ... daquilo” ... porque a gente ...

**Pesquisadora:** com um certo cuidado ...

**Professora Dinalva:** certo cuidado ... é ...

**Pesquisadora:** queria perguntar para você ... quando você se decidiu pela Educação Física ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** você já estava casada ... né?

**Professora Dinalva:** já ...

**Pesquisadora:** mas assim ... qual que era a perspectiva da sua mãe ... por exemplo ... do seu pai ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** em relação ao fato de você estar fazendo uma faculdade ... né?

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** e de Educação Física ... que talvez não era muito comum na época ... não sei ...

**Professora Dinalva:** então ... é ... olha ... eu na ... na ... na verdade ... é ... meu sogro e minha sogra foram os pais que eu perdi tão cedo ... sabe?

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** e eles me deram todo o apoio ... eles ... eles ... eles ... eles ... olhavam as crianças para mim ... o Dininho também foi um marido assim que ... sabe? ... o que eu precisava dele ... minha ... minha sogra olhava as crianças ... ele ia comigo em determinado lugar ... sempre participei dos campeonatos ... com menino e menina junto ... indo de perua ... ele sempre aceitando ... nunca teve algum ... problema nenhum ... e na época eu só tinha a minha mãe ... minha mãe ficava feliz que eu estava fazendo a faculdade ... ela falava ... “Dina você sempre gostou tanto de estudar ... e agora você fazendo faculdade ... olha eu fico feliz” ... minha ... minha mãe ... minha irmã que não estudou ... não pôde estudar ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... então eu quando decidi é ... até meus amigos lá em Piratininga ... vizinhança lá tudo falavam ... “meu Deus ... olha que ... que coragem da Dinalva ... que coragem” ... é ... mas eu decidi ... falei “não ... a gente tem que melhorar ... né? ... eu tenho dois filhos agora eu tenho que melhorar” ... serviço também naquele tempo para o Dininho também era meio assim ... às vezes você estava numa firma de repente mandavam dois ... três embora ... entendeu?

**Pesquisadora:** não tinha estabilidade ...

**Professora Dinalva:** não tinha estabilidade ... ele nunca gostou de estudar ... o Dininho ... fez até 8ª série e não quis fazer (risos) ... então ... não quis fazer mais nada ... nunca gostou né?

**Pesquisadora:** é não adianta (risos) ...

**Professora Dinalva:** não adianta ...

**Pesquisadora:** quando não gosta não adianta ...

**Professora Dinalva:** então mas é ... mas ele dava todo apoio ... é como o seu ... todo apoio ...

**Pesquisadora:** sim ... claro ...

**Professora Dinalva:** sabe?

**Pesquisadora:** tem que estar junto (risos) ... estamos juntos ...

**Professora Dinalva:** estamos juntos ...

**Pesquisadora:** e quais eram as suas expectativas em relação à ... à formação e ao futuro profissional?

**Professora Dinalva:** aí eu queria ...

**Pesquisadora:** ser professora de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** ah então ... eu já ... eu gostava ... eu tinha muita vontade de ser professora ... né? ... o ... na ... de ser professora ... depois quando eu decidi ir para a Educação Física ... de Educação Física ... sempre gostei muito ... sempre gostei ... eu me so ... saía muito bem nas aulas de recreação e de dança ... eu fazia muita coisa ... muita demonstração ... muita coisa ... eu gostava ... então eu me realizei ... fazendo tudo isso ... eu vim para Bariri eu fazia festas nas escolas aqui ... é para arrecadar fundo para a própria ... para a própria ...

**Pesquisadora:** APM?

**Professora Dinalva:** APM ... a própria escola mesmo porque ... é ... não tinha material ... principalmente de Educação Física ... na verdade eu ... é ... vem verbas ... mas é ... eles precisam para outras coisas ... então não dá ... às vezes eu não tinha ... eu não tinha material ... não tinha bola ...

**Pesquisadora:** as outras coisas são sempre mais importantes ...

**Professora Dinalva:** sempre ... então o que que acontecia comigo ... eu precisava fazer muito material ... eu fazia muita bola de coisa ... eu mesma ia fazendo ... meu marido me ajudava muito ... eu fazia muito material para ... para ... bambolê ... tudo para dar aula ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque eu não tinha material ... queria dar uma ... uma atividade ... e não tinha material para aquilo ...

**Pesquisadora:** é ... você vai ficando limitada ...

**Professora Dinalva:** limitada ... né? ... mas eu sempre gostei muito ... sempre tive facilidade ... as festas aqui ... eu fiz festas aqui nessa escola de ter assim uma atividade de vinte danças ou mais ... e tudo com roupinha ... eu ajudava na confecção da ... as professoras de Arte também ... muito me ajudavam ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mas eu fazia ... elas queriam explicação ... “Ai Dinalva como faz isso aquilo?” ... é ... é então eu ... que hoje ... hoje trabalha a Educação Artística com a Educação Física sim ... naquele tempo não ... cada um na sua área e ... mas elas me ajudavam muito ... faziam muito de crepom ... muita ... era muito colorido ... muito bonito ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu chegava a fazer essas festas assim de ... mesmo ... de convidar pessoal de fora para ver ... foi muitas vezes dançar ... danças bonitas de vem ... do ventre ... como você falou ... eu fui em Arealva ... o ... a escola pagou um ônibus ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ... levando as crianças?

**Professora Dinalva:** levando as crianças ... eu fui até para São Paulo na ... na ... tinha um amigo nosso que ele ... é ... que ele é da aeronáutica ... e ele veio buscar ... ele que tinha uma festa junina ... e ele ficou sabendo da nossa festa junina aqui ... então ele veio e pediu para a diretora da escola ... a diretora deixou ... ele veio ... fez seis viagens de avião ... e levou minha turma toda para ... para Cumbica ... e ... e nós dançamos ... fizemos a festa lá ...

**Pesquisadora:** nossa ... que legal ...

**Professora Dinalva:** então foi lindo ... porque no ... não teve só as minhas danças ... tudo ... é ... é ... levamos também uma dupla ... essa dupla tem até hoje em Bariri ... ela que fez o pot-

pourri lindo que é a dança principal ... sabe? ... fizemos quadrilha ... fizemos tudo ... levei tudo daqui da festa ...

**Pesquisadora:** que legal ...

**Professora Dinalva:** então quer dizer que foi assim ... uma coisa que ... sabe? ... marcou bastante ... até as meninas que ... que foram elas lembram até hoje ... elas falam ... “Ai Dona que delícia” ...

**Pesquisadora:** é ... não esquece ...

**Professora Dinalva:** não esquece ... é ...

**Pesquisadora:** é ... em relação à faculdade mesmo de Educação Física ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** você ... avalia que algum professor da faculdade te influenciou de alguma forma que contribuiu ... né? ... para o ensino da Educação Física na escola ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** porque pensando na ... na Educação Física ... você tem várias possibilidades de atuação ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** inclusive em ambientes não escolares ... né?

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** e aí você acredita que algum professor te influenciou ... ou alguma matéria em especial?

**Professora Dinalva:** eu ... eu ... eu acredito que sim ... porque eu tive uma ... uma professora de ... de ... de ... dança ... que ela ... ela ... tudo que ela ia fazer ela me chamava ... ela era assim ... ela fez cursos em todos ... vários países ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ela trazia ... trazia esses cursos ... trazia essas ... essa ... essa experiência e ... e tinha outra ... a profe ... uma ... outra professora ... eu esqueci o nome dela<sup>200</sup> agora ... que ela só tocava piano nas nossas aulas de dança ... então é ... é ... ela ... com o material dela ... é ... avô ... avô ... o que ela aprendeu ... a outra que tocava o piano ... eu que gostava ... eu ajudava ela montar as coreografias ... então ela me influenciou muito nessa parte de dança que eu dava aqui ... que ninguém sabia dar ... ninguém tinha ... chegava aqui e falava ... “olha ... vamos pegar essa música e fazer ... uma dança ... vamos fazer um passo assim ... um passo assim” ... então foi isso ... eu tive uma de ginástica também ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... a Dona ... ela também me ... ela também ... muito ... muito dedicada ... ela fez muitos cursos ... é ... eu acho que me influenciou também bastante nisso ... sabe assim na ... nas aulas de ginástica sendo que eu dei doze anos de ginástica para adultos no Umuarama ... um clube aqui ... dei dois anos de graça assim ... mas que o clube não estava em condições ... depois eles me pagaram ... eu dei aula até para gestante ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... tive ... tive um médico muito meu amigo que me emprestou uma coleção eu fiz assim um ... um tipo de estudo ... perguntava para ele o que podia e o que não podia ... porque eu não tive experiência nenhuma disso ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ele falava ... “isso daí se ela perguntar porque que ela está tendo câimbra aqui é do peso ... se ela der câimbra ... continuar ... aí não é ... você manda ela comigo” ... então eu dei aula para gestante acho que dois anos ... lá no Umuarama mesmo ...

**Pesquisadora:** entendi ...

---

<sup>200</sup> Durante a leitura da transcrição (no período de 12 de novembro de 2015 a 28 de abril de 2016), Dinalva acrescentou o nome da professora ao arquivo: Clélia.

**Professora Dinalva:** foi bom porque foi uma experiência bonita ... porque elas vinham gordonas fazer a Educação Física comigo ... sabe?

**Pesquisadora:** diferente ... né?

**Professora Dinalva:** foi diferente ... é ...

**Pesquisadora:** essa ... experiência aí no clube ... foi mais voltada para a qualidade de vida ... lazer?

**Professora Dinalva:** ah sim ... de lazer ... isso ... a ... a ... olha ... a ... a ... até eu peguei aqui ... e veio até ... foi o ano que eu fiquei viúva ... deixa eu ver ... aqui ... aqui é ... quando eu fui homenageada ... eles puseram meu nome ...

**Pesquisadora:** ah que legal ...

**Professora Dinalva:** meu nome na placa aqui ... a ... a ... esse é o direito ... ele falava ... “olha essa mulher trabalhou dois anos sem ganhar nada só para ajudar a gente” ... aqui meu nome ... sabe?

**Pesquisadora:** que legal ...

**Professora Dinalva:** eu tenho uma ... eu tenho uma aqui ... não sei onde que está ... aí ... uma gracinha ... elas fizeram uma festa para mim ... sabe? ... é ... eu tinha assim ... o clube é enorme ... sabe? ... eu tinha ... uma média de toda aula ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eram duas vezes por semana só ... mas toda aula ... eu tinha mais de trinta ... eu cheguei ter sessenta alunas ... é ... é ... coiso ... fazendo aula de Educação Física ...

**Pesquisadora:** ao mesmo tempo?

**Professora Dinalva:** ao mesmo tempo ... é ... eu punha música lá ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... ah eu tinha uma aqui tão bonitinha ... foi quando eu fiquei viúva ... coitadas ... elas ... elas fizeram ... fizeram uma festa para mim ... fizeram um bolo ... sabe?

**Pesquisadora:** hã ... mas pode ser depois a gente olha ...

**Professora Dinalva:** é ... está em algum canto aqui ...

**Pesquisadora:** e pensando na faculdade assim ... como que você avalia a atuação dos professores que você teve na faculdade? ... as disciplinas que você teve ...

**Professora Dinalva:** olha ...

**Pesquisadora:** o conteúdo ... metodologia ...

**Professora Dinalva:** eu fiz ... eu fiz ... fiz um curso bom ... a Educação Física no que eu ... o ano que eu fiz ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** lá em Bauru ... eu fiz um curso muito bom ... eu fiz ... eu tinha ... é ... bons professores ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** as maté ... as matérias ... é ... as matérias médicas eram só médicos ... e tive ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** primeiros socorros de urgência ... anatomia ... biologia ... eu tive ... eram médicos que davam aula para nós ...

**Pesquisadora:** que interessante ...

**Professora Dinalva:** é ... e as outras não ... professores ... né? ... eu tive ... socorros de urgência ... biologia ... anatomia ... anatomia era um médico ortopedista maravilhoso ... até ele morreu ... era de Bauru ... os três eram de Bauru ... e ... e tive ... e tive assim ... tive ... a parte esportiva tive ... tive é ... uns três professores ... já bem é ... já ... amadurecido ... que já tinham ... davam ... já tinha dado anteriormente ... porque Educação Física é ... depois ... na ITE ficou um tempo sem né? ... depois que ... que voltou ... é voltou ... pararam ... porque eles param às vezes também ... né?



**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não tem ... não tem aluno ... acho que eles ... então é ... eu tinha uns três professores ... só novos ... mas que eram de basquete ... era o de natação ... e era a Ivânia que era de ginástica ... assim excelente ... sabe quando quer dar o sangue? ... eu fui fiz uma faculdade muito bem-feita ... muito boa ... eu fiz vários cursos aqui ... fui ali também na Barra Bonita ... fiz muito ... levei muita criança lá para dançar ... para fazer ... é ... para ... para participar de campeonato lá ... e vi o quanto que eu fui feliz na faculdade que eu fiz ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Dinalva:** sabe?

**Pesquisadora:** e você acredita que essas experiências da faculdade ...

**Professora Dinalva:** me contribuíram bastante ...

**Pesquisadora:** contribuíram para o ensino da Educação Física na escola?

**Professora Dinalva:** é ... eu ... eu acredito que sim ... muita coisa é ... eu fiquei porque ... na verdade o que gri ... o que diz ... diz ... diz ... falava de 5<sup>a</sup> ... de 5<sup>a</sup> série em diante ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu acho que eu estava bem preparada ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora precisei estudar muito a parte de ... de ... de ... de ... de criança de ... de ... a parte de CB ... a parte que eu dei aula de ... para pré-escola ... para essas coisas ... só que isso não tive nada na faculdade ...

**Pesquisadora:** nem ... nem era falado sobre isso?

**Professora Dinalva:** não ... não se ... não era falado ...

**Pesquisadora:** era de 5<sup>a</sup>. série?

**Professora Dinalva:** é ... é ... é só de 5<sup>a</sup>. porque isso daí era ...

**Pesquisadora:** era o foco da formação ...

**Professora Dinalva:** o próprio professor que era para fazer isso ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** que né? ... de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. era o próprio professor ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então eu não tive nada disso na faculdade ...

**Pesquisadora:** então aí você sentiu as lacunas da formação ...

**Professora Dinalva:** não ... eu precisei ... eu precisei muito ...

**Pesquisadora:** quando você foi atuar ...

**Professora Dinalva:** é ... precisei ... porque na verdade ... é ... é outro tipo de ... né? ... de porque você pega uma criança aí ... de ... de ... de ... de ... de pré-escola ... antes da pré-escola ... de ... de ... de ... de maternal pequenininhas ... né? ... é ... é ... a criança ela é ... egoísta ... ela quer tudo para ela ... ela quer se ela pega uma coisa é dela ... tudo ... então ...

**Pesquisadora:** é fase ...

**Professora Dinalva:** se trabalha muito nessa parte de socialização dela ... porque você tem que pegar e falar ... “bem ó isso daqui ó ... a tia está dando isso daí” ... eu fiz muito na ... na prefeitura elas me ajudavam muito na manutenção ... de ... de fazer as coisinhas para a criança ter ... cada um ter sua coisinha ... entendeu?

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então ... mas é assim e ... e ... as brincadeiras ... dança ... tinha umas que já não queriam ... ficava ... e você tinha que ir atrás ... então eu ... eu precisei estudar muito ... e eu sofri um pouco nessa parte ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** porque ... é ... é ... eles gostavam de mim ... não tinha outra pessoa para orientar ou para dar ... eu tive a Silvinha como coordenadora ... eu tive a ... a Gi que tem uma escola muito boa aqui ... chama Cena ... eu tive a Rebeca que é filha de um dentista aqui

também ... ela não mora aqui hoje ... mora parece que em Campinas ... então elas tinham muito assim sabiam o todo ... mas isso aí também não ... elas ficavam ... juntavam comigo para me ... para me ajudar ... porque eu não tinha tanta noção ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então elas iam uma parte ... aonde eu enquadrava o que eu tinha de ... de bagagem ...

**Pesquisadora:** de conhecimento ...

**Professora Dinalva:** de conhecimento ... mas não foi fácil ... trabalhei seis anos ... em todas as escolas tinha ... era um ... era ... é ... uma lá em ... uma duas três ... eram cinco escolas de EMEI ... e eu ... eu dava aula nas cinco todos ... é ... todos os dias ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** então é ... é ... é ... e ... e ... em cada escola você tinha os três ... é ... as ... os três pré ... é o maternal I ... II e o pré ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e você tinha de manhã e a tarde ...

**Pesquisadora:** na prefeitura foi Educação Infantil então?

**Professora Dinalva:** Educação Infantil ...

**Pesquisadora:** e o Estado que foi de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professora Dinalva:** ah é ... o Estado de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** só que no Estado ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** teve a fase CB ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** que era de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** foi só nessa fase ... né?

**Professora Dinalva:** só nessa fase ...

**Pesquisadora:** que você atuou no ...

**Professora Dinalva:** só ...

**Pesquisadora:** 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** e fora isso ...

**Professora Dinalva:** o resto ...

**Pesquisadora:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** que foi tudo SESI de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... o resto foi tudo assim ...

**Pesquisadora:** no SESI não tinha de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>.?

**Professora Dinalva:** não tinha de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** está ...

**Professora Dinalva:** tinha de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. mas o professor que ...

**Pesquisadora:** de classe ...

**Professora Dinalva:** de classe ... que fazia ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu nunca peguei de 1<sup>a</sup>. ... no Estado sim ... tinha até de 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. a professora ... a diretora queria que eu desse ... eu que dava a aula ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... não deixava para o professor de classe não ... mas tem diretor que chama para uma coisa e tem que fazer ...

**Pesquisadora:** sim ... você ... é ... acredita que você teve ... o que você avalia como situação de sucesso ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** ou de insucesso durante a faculdade? ... enquanto aluna ... e o seu rendimento acadêmico ...

**Professora Dinalva:** não ... eu acho ... eu acho que na faculdade assim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu ... eu ... eu acho que foi só sucesso ... porque de tudo que ele ... eu aprendi ... eu não não ... não tinha ... não tinha realidade de ... dessas outras coisas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** né? ... porque eu estava lá na faculdade então tudo que eles davam ... tudo que eu fazia lá ... eu fazia assim ... é ... é até com mérito ... porque eu tinha ... eu tinha os professores de ... de anatomia ... biologia ... socorros e urgência ... eles eram médicos e ... e ... sempre acontecia um acidente com um ... outro com outro ... outro que caiu lá na quadra ... outro que deu uma torção ... outro ... outro ... então e o médico levava lá para o laboratório ... e ia lá fazer uma massagem ... então eu falava assim ... “professor eu tenho vontade de aprender a fazer uma massagem” ... então é ... até isso eu fiquei muito feliz porque eles só me chamavam eu ... porque ele falava que eu tinha a mão perfeita para eu fazer uma massagem ... fazer uma massagem ... não que eu soubesse ... daí ele estudava ...

**Pesquisadora:** sim...

**Professora Dinalva:** esse é o músculo tal ... assim aprendendo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** o que mais? ... eu ... eu fazia ... a criança ou meu amigo ... minha amiga ... ela ficava até que melhor ... ela melhorava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu acho assim ... é uma confiança né? ... porque ... ele me chamava todo dia tinha dois ... três que estariam ... que tinha uma coisa lá ... todo dia tinha aula de ... podia ser na minha classe ... na minha classe não tinha aula todo dia ... é ... todo dia eles estavam lá ... os médicos ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eles ... “chamam Dinalva ... chamam a Dinalva aqui” (risos) ... então eu ia ... então eu falo assim é ... não que eu tivesse é ... é ... ativi ... especialização naquilo ali ... mas eu tinha é ... vontade ... eu tinha assim dedicação ...

**Pesquisadora:** iniciativa ...

**Professora Dinalva:** iniciativa ... né? ... então eles ... toda vez eles me chamavam ...

**Pesquisadora:** entendi (risos) ... que bom ... e durante a ... a faculdade ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** você realizou estágio em escola ou em algum outro ambiente?

**Professora Dinalva:** olha não ... os estágios que a gente fazia era só esses estágios assim de ... é ... eu fiz vários estágios no SESI mas assim ... quando tinham jogos ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** quando tinham jogos abertos ... é ... esses jogos é ... escolares assim ... é ... determinado professor ... mandava uma equipe em tal lugar ... para fazer ... fazer assim ... um apanhado daquele jogo de vôlei ... ou ... ou ... ou no atletismo com é ... quem saiu bem ... como que foi ... mas assim ...

**Pesquisadora:** era mais esse foco ... né?

**Professora Dinalva:** era mais isso ... é ...

**Pesquisadora:** no ... no esporte ...

**Professora Dinalva:** no esporte é ... mais assim ...

**Pesquisadora:** e participava de algum evento ... projeto da faculdade?

**Professora Dinalva:** não ... não ...

**Pesquisadora:** paralelo ao curso?

**Professora Dinalva:** eu tive uma amiga ... du ... duas amigas aliás ... que foram para o projeto rondon ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** que a faculdade ... a faculdade abria mão e foram ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... se encantaram ... até uma delas é de Piratininga ... a Hebe ... era de Piratininga ... minha amiga ... fez comigo ... mas eu não ... já era casada ... não me prontifiquei a fazer nada desse ... nesse sentido ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** de ... de fazer assim fora...

**Pesquisadora:** é ... era outro momento ...

**Professora Dinalva:** é ... outro momento ... outra é ... é ...

**Pesquisadora:** em relação à aquisição de materiais ... livros ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** como que ... como que foi isso? ... durante a faculdade ...

**Professora Dinalva:** olha ... olha ... eu vou fazer ... vou falar para você ... é ... e foi muito ... apostilas ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** os professores faziam muito apostilas ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... eu me lembro que nós precisamos ... eu precisei ficar indo em Bauru várias vezes ... para a gente ... que nós fizemos um ... um ... um ... um trabalho sobre ... anatomia ... a minha parte parece que foi ossos ... a minha parte ... meu Deus do céu ... não estou lembrada qual foi a minha parte ... não minha ... da minha equipe ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas nós precisamos ir na biblioteca ... em Bauru ... e lá nós precisamos pegar livros assim ... eu peguei mais o francês que eu entendi alguma coisa ... nós ... a gente não conseguia encontrar livros assim ... é ...

**Pesquisadora:** para comprar ...

**Professora Dinalva:** comprar ou especialista só naquilo ali ... né? ... nesse plano ... ficou muita coisa a desejar ... né? ... que eu ... você não tinha muito material ... assim ...

**Pesquisadora:** a faculdade não tinha biblioteca?

**Professora Dinalva:** ah ... tinha biblioteca ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** mas nessa parte assim nossa não achava muita não ...

**Pesquisadora:** era novo o curso ... né?

**Professora Dinalva:** então ... eu não sei se era tão novo ... não ... era ... porque meu cunhado formou ... esse que eu falei para você ... formou que ele foi lá para ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** para coisa ... né? ... para ... para Manaus ... então ele formou quando? ... uns quatro anos antes de mim ... depois desse ano que ele formou ... foi a primeira turma dele na ITE ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** aí depois ele ... depois ficou acho que dois anos ...

**Pesquisadora:** e a ITE ...

**Professora Dinalva:** sem ... sem ... sem ... se a faculdade ... não sei se tinha ... tinha ... candidato ... ou eles fecharam ... não sei ... depois reabriu quando eu voltei ...

**Pesquisadora:** a ITE acho que é a mais antiga de Bauru ... né?

**Professora Dinalva:** que tinha Educação Física sim ...

**Pesquisadora:** é né?

**Professora Dinalva:** agora tinha outras ... outras faculdades ...

**Pesquisadora:** sim ... mas foi a pioneira ... né?

**Professora Dinalva:** a pioneira ... não existia em outro lugar ...

**Pesquisadora:** não tinha UNESP ... não tinha UNIP<sup>201</sup>?

**Professora Dinalva:** não ... não tinha ... a minha filha fez a faculdade do Estado lá ... é UNESP?

**Pesquisadora:** UNESP ...

**Professora Dinalva:** então ela fez ... mas quando ela fez não era ... ela entrou em ciências com direito à Biologia ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** que eu contei para você ... mas era ... era particular ... o 1º ano ... foi o ano que eu fiquei viúva ... meu sogro pagou ... mas no ano seguinte ela passou para o Estado

...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então a Lúcia fez o resto dos ... do ... do ... do ... é ... era por ... a cada seis meses ... é assim?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... é ... é ... é um curso assim ... o ano inteiro mas assim ... no 6º termo ... sei lá ... uma coisa assim ... eu sei que no último que ela ... que ela trancou matrícula ... sabe?

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** a Lúcia ... ela não chegou a formar de tudo ... ela ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** ela trancou ... terminou lá em Itumbiara ...

**Pesquisadora:** não era tão presencial assim?

**Professora Dinalva:** não ... não ... era presencial ... mas era assim ... por exemplo ... você chegava em julho para começar o coiso ... e continuava o 2º. ano ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas já fazia assim no quar ... 4º. ... 4ª. etapa ... ou 4º. termo ... não sei ...

**Pesquisadora:** é termo ainda ...

**Professora Dinalva:** é termo ainda? ... é com termo isso ...

**Pesquisadora:** entendi ... é ... bom ... você falou que não tinha preferência ... né?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** em relação à disciplina ... gostava ... se identificava com tudo ... né?

**Professora Dinalva:** certo ... certo ...

**Pesquisadora:** eu fiquei pensando aqui ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** na dança ... né?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** que você falou que tinha essa identificação com a dança ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** teve uma referência na faculdade ... das professoras ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** e da infância você também já gostava ...

**Professora Dinalva:** gostava ...

**Pesquisadora:** e nas escolas quando você iniciou esse trabalho ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** com dança e organização de festa ...

---

<sup>201</sup> Universidade Paulista.

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** do que eu conheço na época não era muito comum a dança ser trabalhada na Educação Física ...

**Professora Dinalva:** não ... era ... é ...

**Pesquisadora:** era mais o esporte ...

**Professora Dinalva:** era o esporte ... mas a dança eu ... eu ... eu tocava ... eles me davam assim um mês e meio mais ou menos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** para antes de uma festa ... para eu trabalhar com dança ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** e como que isso era visto pelos pares ... pelos outros professores de Educação Física?

**Professora Dinalva:** olha ...

**Pesquisadora:** com os pais você trocava ideia ... conversava?

**Professora Dinalva:** viu ... na época ... na época ... eu dava aula em bastante escolas aqui ... e as outras gostavam ... começaram a participar também ...

**Pesquisadora:** começaram a aderir ...

**Professora Dinalva:** a ... a aderir também ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu dei aula em Boracéia também ... em Boracéia eu tinha qua ... quadra coberta ... as festas eram lindas que eu fazia lá ... é ... em Itajú ... mas Itajú não ... eu não tinha quadra coberta ... mas eu ... ela ... quando eu era outros professores ... eu tive uma professora que era da Barra Bonita ... ela dava aula na faculdade lá também ... ela também aproveitava muita coisa que eu fazia ... muita demonstração ... muita coisa ... e ela também e a ... me acrescentou muita coisa também ... sabe?

**Pesquisadora:** ela era professora da escola ...

**Professora Dinalva:** ela era efetiva de uma escola aqui ... lá no Efigênia ... lá em cima ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** ela veio como efetiva ... então ela ... ela também ... as festas dela eu ajudava ela lá ... e as minhas festas ela também me ... me orientava alguma coisa ... me trazia alguma coisa ...

**Pesquisadora:** ela era de Educação Física?

**Professora Dinalva:** de Educação Física ... que ela mora até hoje na Barra Bonita ... ela é da Barra ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** é ... ela deu aula muitos anos na faculdade lá também ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas nós éramos em poucas professoras de Educação Física ... mais professor ... mas os professores não queriam nada ... eu lembro que a diretora ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** veio um efetivo de São Paulo ... é meu amigo até hoje ... mas não mora mais aqui ... foi embora ... já aposentou ... então a diretora falou ... “Dinalva mas eu ... o Beto não faz nada” ... “é” ... eu falei ... “eu chamei ele lá ... Beto você vai fazer ... você ajuda a Dinalva fazer” ... eu falei ... “olha eu fiz Educação Física ... na minha faculdade eu não tive dança ... eu não vou fazer nada ... a Dinalva você faça” ... ele ... ele falou ... masculino ... ele não fazia mesmo ... ele não estava mentindo ... “eu não vou fazer uma coisa que eu não sei fazer ... eu posso até ajudar ... Dinalva você passa” ... então ela pegou e falou ... “aí Dinalva ele é efetivo bem ... com você é ACT você faz? ... você pega as classes dele?” ...

**Pesquisadora:** tinha isso aquela época? ... o efetivo ... o efetivo podia falar não?

**Professora Dinalva:** ah ... tinha bastante disso ...

**Pesquisadora:** não tem muita diferença isso hoje não ...

**Professora Dinalva:** hoje tem?

**Pesquisadora:** não eu não vejo ... eu sempre fui efetiva ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** e não me sinto melhor que ninguém por ser efetiva ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** direitos iguais ...

**Professora Dinalva:** mas diretora ... diretora falava isso ... falava para mim ... “Dinalva ... aí você pega as classes dele?” ... mesmo que ele é efetivo ... sabe? ... e ele ...

**Pesquisadora:** ela não queria bater de frente com ele ...

**Professora Dinalva:** não queria bater de frente ...

**Pesquisadora:** mas você também não teve conhecimento para atuar de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** e teve que ir atrás ... né?

**Professora Dinalva:** tive que ir atrás ... né?

**Pesquisadora:** que é a mesma situação ...

**Professora Dinalva:** a mesma situação ... mas é que ... o que você vai fazer? ... você precisa daquelas aulas ... precisa trabalhar ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** não é mesmo? ... gosta do que está fazendo ... não é mesmo?

**Pesquisadora:** sim ... também não era um sacrifício para você ...

**Professora Dinalva:** não era ... é então ... tinha mais facilidade ... também ...

**Pesquisadora:** você falou da ... da formação ... era faculdade particular ... né? ... a época você já falou ... o local né? ... Bauru ... é ... quer falar um pouquinho do contexto da época? ... da sociedade ... economia ... política da época que você estava fazendo a faculdade ... a concepção de Educação Física da época ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** a concepção de professor e de professor de Educação Física na época ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** qual era ... quais eram os perfis dos seus ex-colegas de turma ...

**Professora Dinalva:** olha ... eu ... eu vou falar uma coisa para você ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** quando eu fui fazer ... quando eu fui ... eu já era casada ... né? ... já tinha até a Lúcia ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** mas eu ... todas as minhas alu ... amigas vinham de fora ... cidades longes ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** lá do lado seu lá ... de Ourinhos ... de ... de ... coiso ... sabe?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** vinha de Santa Cruz do Rio Pardo ... vinha lá de ... de ... de coiso ... é ... sabe? ... Araçatuba ... Promissão tudo ... era toda redondeza tinha gente ... e eu achava muito bonito porque elas eram bem mais novas que eu ... porque eu era já era casada ... eu era da turma da ... tinham muitas casadas também ... mas eu já fui fazer ... curso já ... terminei o curso com vinte e nove anos ... né?

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... então foi quando eu tive o Paulo ... mas eu ... eu me lembro que elas vinham e ... e ... cada uma delas é ... fez Educação Física ... estava fazendo Educação Física porque já trabalhavam na cidade delas ...

**Pesquisadora:** já lecionavam?

**Professora Dinalva:** já lecionavam ... e eu achava lindo porque elas já lecionavam ... tiveram pontos e elas ... é só que elas não tinham é ... tantas ... é por exemplo ... elas gostavam de vôlei ... então uma é ... jogava vôlei no time dela lá ... na cidade dela ... a outra era atletismo ... a outra era basquete ... era ... entendeu?

**Pesquisadora:** mas então elas não lecionavam em escola?

**Professora Dinalva:** não ... elas lecionavam em escola ...

**Pesquisadora:** mas sem ter a formação?

**Professora Dinalva:** sem ter a formação ...

**Pesquisadora:** de Educação Física?

**Professora Dinalva:** de Educação Física ... porque elas faziam ... elas faziam ... ali comigo ... formaram comigo ...

**Pesquisadora:** elas ... será que elas lecionavam em escolas sem ter a formação porque elas tinham sido atletas?

**Professora Dinalva:** pode ... eu acho que sim ...

**Pesquisadora:** será que era isso?

**Professora Dinalva:** eu acredito que sim ...

**Pesquisadora:** tinha esse conhecimento e ...

**Professora Dinalva:** eu acho que sim ... tinha esse conhecimento então elas acho que ... a ... a própria prefeitura acho que da cidade ...

**Pesquisadora:** talvez não tinham pessoas formadas ...

**Professora Dinalva:** não tinha pessoas formadas ... e pegava ... então eu achava tão lindo porque elas ... nossa ... a maioria ali teve pontos ... eu lembro que quando nós prestamos concurso ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu passei é ... em no concurso ... até eu me ingressei no pré ... no primário primeiro ... eu peguei lá em Osasco ... lá ... pelo amor de Deus ... acho que quando eu fiquei viúva [telefone toca e o áudio é pausado] ...

**Pesquisadora:** é ... pode continuar então ...

**Professora Dinalva:** outras que se formaram em Educação Física ... assim ... “ai ... me espelhei na Dinalva ... eu quero fazer Educação Física porque eu gosto pá pá pá” ... sabe? ... então ... mas muitas já traziam ... e essas alunas ... essas amigas minhas que eu falei para você da faculdade ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** elas traziam uma bagagem já que elas ... elas ... elas trabalhavam acho que nesse sentido ... é ... elas ... é ... é ... jogavam em algum time ... ou fazia alguma coisa assim que a prefeitura se encantou ... se entusiasmou ... e até podia ser ... até que alguma recebia ... entendeu?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... eu falei “Nossa Senhora ... todas elas vieram com tempo de serviço ... com bagagem ... também” ... sabe?

**Pesquisadora:** e os meninos?

**Professora Dinalva:** então ... os meninos eu já ... já trabalhavam também viu ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** teve muitos meninos que já trabalhavam ... eles ... minha ... minha turma era muito grande ... nós éramos em cem ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** duas turmas de cinquenta ... é ... e eles também trabalharam tinham campeonatos lindos na faculdade assim onde eles fizeram ... sabe? ... é ... esportistas mesmo ... eles trabalhavam bem ...



**Pesquisadora:** você acredita que a maioria desses seus colegas de turma eram ex-atletas? ... ex-técnicos?

**Professora Dinalva:** olha ... maioria ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** a maioria ... muitos nem ... hoje eu encontro com eles às vezes ... a gente faz ... fizemos festa de vinte e cinco ... de trinta ... quarenta ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** anos de ... de formado ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... ou nós fazemos ... é ... esse ano ainda não ... sempre em outubro ... por aí ... ano passado eu acabei não indo ... precisei ir para outro lugar e não fui ... mas é ... eu ... muitos ... muitos não atuam na Educação Física ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não ... muitos é ... eu tenho até o ... eu tenho um amigão lá em Piratininga que ele é dentista ... o ... seu ... seu esposo deve conhecer ele ...

**Pesquisadora:** o Raul?

**Professora Dinalva:** é ... o Raul ... não ... mas ... mas o que estudou comigo ... que fez Educação Física foi o ... hum ... espera aí ... Zé Roberto<sup>202</sup>? ... hum ... sabe onde é o consultório dele?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** subindo aí onde é ... existe cinema ainda em Bariri ... em Piratininga?

**Pesquisadora:** tem o lugar ...

**Professora Dinalva:** mas tem o lugar ... então subindo aí ... no meio do quarteirão ... ele tem o consultório ... era ele ... o consultório dele ...

**Pesquisadora:** ah está ... eu não ... eu sei que tem ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** mas eu não sei o nome ...

**Professora Dinalva:** não conhece ... né?

**Pesquisadora:** mas acho que ...

**Professora Dinalva:** então ... a gente encontra com todos eles ... mas muitos já tinham ... já tem até um que é vereador ... que foi prefeito em ... onde ele foi prefeito? ... ali no noroeste ... lá perto de ... aí como que chama meu Deus do céu<sup>203</sup>? ... o ... chamam ele até pelo sobrenome ... ele é vereador lá em Bauru ... ele foi prefeito nessa cidade ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** lá onde tem os índios lá ... como chama aquela cidade?

**Pesquisadora:** Avaí?

**Professora Dinalva:** Avaí ... ele foi prefeito lá em Avaí ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** é ... ele é vereador em Bauru ... é ... é ... continua ... uma maioria não é ... eram esportistas ... a maioria não continuou ... fez ... é ... fez outra faculdade ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** foi trabalhar em outra coisa ... sabe?

**Pesquisadora:** algum colega ou ... colega estava lá porque queria ser professor mesmo? ... com exceção de você?

**Professora Dinalva:** ah ... maioria ...

**Pesquisadora:** maioria?

<sup>202</sup> Durante a leitura da transcrição (no período de 12 de novembro de 2015 a 28 de abril de 2016), Dinalva retificou o nome do colega de curso no arquivo: José Ricardo.

<sup>203</sup> Durante a leitura da transcrição (no período de 12 de novembro de 2015 a 28 de abril de 2016), Dinalva acrescentou o nome do colega de curso no arquivo: João Faria.

**Professora Dinalva:** queriam sim ...

**Pesquisadora:** queriam?

**Professora Dinalva:** a faculdade você fala?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** ah sim ... a maioria ... inclusive ...

**Pesquisadora:** apesar de não terem atuado depois mas na época queriam?

**Professora Dinalva:** ah ... ah sim ... sim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** não é que ... que ... que não atuou na Educação ... foram poucos ... mas ... que fez outra faculdade ... mas o Zé Ricardo ... Senis ... acho que ele conhece ...

**Pesquisadora:** deve conhecer ...

**Professora Dinalva:** então ... esse que é o dentista lá ... ele fez ... é ... fez odonto depois ... mas muitos ... muitos ... a maioria já aposentou também ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... não são da minha ... não são da minha idade ... sou ... uma das mais velhas ... aposentou pelo tempo já de serviço ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** mas eu ... eles gostavam sim ... e ... e foram ... eu acho que foram sim ... bons professores ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** bons ... eles gostavam daquilo que faziam ... sabe? ... é ... se dedicavam na ... era difícil você ver alguém que ... que ficava de lado com alguma coisa ...

**Pesquisadora:** talvez por já estar envolvido ...

**Professora Dinalva:** é ... é verdade ...

**Pesquisadora:** tem algum sentimento ... situação ou pessoa desse período da formação ... ou de algum outro momento ... de algum outro curso também que marcou?

**Professora Dinalva:** não ... tenho não ...

**Pesquisadora:** fotografia? ... de cursos da época da faculdade ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** formatura ...

**Professora Dinalva:** é tem ... é ... da própria formatura não tenho ... eu tenho ... tenho foto ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** não sei se eu já posso mostrar para você ...

**Pesquisadora:** pode ser depois ... se quiser só comentar ...

**Professora Dinalva:** ah está ... não ... eu tenho ... eu tenho assim ... não ... só para ver se eu falo isso para você ...

**Pesquisadora:** está ... tudo bem [professora procura algo] ...

**Professora Dinalva:** então ... aqui ó [mostra uma fotografia]... aqui quando nós começamos a faculdade ... aqui ó ... no tempo de natação ... olha aqui minha turma ... sabe?

**Pesquisadora:** cadê você aqui?

**Professora Dinalva:** eu estou aqui ...

**Pesquisadora:** aqui?

**Professora Dinalva:** olha ... essa era lá perto da onde sua mãe mora ... essa é ... era de Marília ... essa é de Piratininga ... essa aqui também de Ourinhos ... essa Bauru ... essa que é a Hebe que eu falei para você que ela foi no projeto rondon ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** esse é o Eloil era professor de natação ... mas ele não era meu professor de natação ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ele era professor das outras séries ... dos outros anos ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é o meu era um mais novo ... é eu estou aqui também ... essas meninas ... essa menina de Presidente Prudente ... essa daqui era de ... de Pirajuí ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** não só estou ... só estou mostrando só para você ver ... aqui ó ... as demonstrações que a gente fazia ... aqui ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** aqui era uma aula de atletismo ... esse era o professor ... e depois disso tinha as peças que a gente faz ... é ... assim reunindo a turma ... tudo velha aposentada ... olha aqui ... eu tinha acabado de operar o joelho ... nessa festa aqui parece ... acho que eu estou até de bengala aqui ... aqui ... então ... é ... era uma turma muito grande ... sabe?

**Pesquisadora:** que legal ...

**Professora Dinalva:** é ... é legal mesmo ...

**Pesquisadora:** legal que vocês se encontram ... né?

**Professora Dinalva:** a gente ... isso ... a gente faz ... faz ... eu tinha um amigo aqui que formou comigo ... mas ele faleceu ... então ficou ... ficou mais difícil porque a gente ia eu e ele ... sabe? ... a gente ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e para eu ir sozinha assim ... hum ...

**Pesquisadora:** não se anima?

**Professora Dinalva:** não ... não me animo muito não ... mas eu vou ver se eu pego ... teve um ano que ele não pôde ir também ... ele não ... não tinha falecido ainda mas meu filho foi ... ele e a namorada ... não era casado ainda ... foram comigo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** mas assim ...

**Pesquisadora:** bacana ...

## TRANSCRIÇÃO DA QUINTA ENTREVISTA

**Pesquisadora:** agora nós vamos falar das experiências na atuação profissional ... que é o período que corresponde ao exercício da docência na rede de ensino ... da Secretaria de Estado de São Paulo ... é ... como que foi esse início ... em que período ... é ... queria que você ... pedir para você caracterizar as primeiras experiências ... como que aconteceram ... a época ... o contexto ... a sociedade ... a economia ... cultura ... as escolas ... as condições de trabalho ... se era uma escola só ou duas ... ou mais ... a socialização com os outros professores ... como que foi esse processo ... é ... se tinha troca de experiências ou não ... se ajudavam ... né? ... etapas de mudança ... é ... a própria percepção do crescimento profissional ao longo dos anos ... né? ... mudanças de nível de ensino e as dificuldades decorrentes disso ... né? ... atuava com um nível de repente foi atuar com um outro ... né? ... se teve dificuldade ou não ... é ... as mudanças de escola ... se dificultavam também o trabalho ... em relação à ... às normas de cada escola ... né? ... a gestão ... a região também ... essas questões assim de modo geral ...

**Professora Dinalva:** então é ... eu ... eu ingressei ... é ... comecei a trabalhar mesmo com Educação Física ... foram lá naquela escola que eu falei para você ... lá em ... em ... em ... chama ...

**Pesquisadora:** Santa Cruz ...

**Professora Dinalva:** Santa Cruz do Rio Pardo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** eu trabalhei em duas escolas lá ... é ... uma chamava ... Maria José Rios ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e a outra é Sinharinha Camarinha ... foi em setenta e quatro ...

**Pesquisadora:** lá que você ficou seis meses?

**Professora Dinalva:** lá ... fiquei lá ...

**Pesquisadora:** com seis aulas ...

**Professora Dinalva:** depois ... fiquei lá com seis aulas ... e depois eu ... é ... de lá eu ... eu peguei depois aqui ... aqui em Bariri era CENE de Bariri ... eu fiquei seis meses trabalhando aqui ...

**Pesquisadora:** CENE é o nome da escola?

**Professora Dinalva:** é aula ... au ... au ... chamava CENE de Bariri ...

**Pesquisadora:** é uma escola?

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** era uma escola estadual?

**Professora Dinalva:** é onde ... é uma escola estadual ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** era onde é o Modesto Masson hoje ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** chamava CENE escola estadual ... né? ... CENE ... é ... normal ... é ... tinha normal também ... sabe?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então ... e eu fiquei aqui nessa escola seis ... seis meses ... eu fiquei de ... de março parece até outubro de um ano ... fiquei seis meses aí ... depois daí eu fui e trabalhei com Educação Física também lá em Bauru ... no instituto né? ... Ernesto Monte ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e trabalhei também na escola em ... em ... na Barra Bonita ... você quer o nome da escola?

**Pesquisadora:** pode falar ...

**Professora Dinalva:** então em Bauru é Ernesto Monte ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... e ... e ... e trabalhei no ... então da Barra Bonita ... onde está Barra Bonita aqui? ó ... a Barra Bonita chamava Fernando Costa a escola ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** Escola Estadual é ... 1º. grau ... não tinha ... não havia muito 2º. grau ainda aquele tempo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... 1º. grau é ... Fernando Costa ...

**Pesquisadora:** e lá você ficou quanto tempo?

**Professora Dinalva:** não ... eu fiquei pouco tempo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu fiquei ... eu fiquei ... é ... no ano de setenta ... setenta e três ... setenta e três ... eu fiquei três meses ... eu fiquei de ... de outubro ... que eu fiquei no ... no ... no ... no ... lá em Bauru ... de lá eu peguei já aqui ... lecionei lá ... e lá eu fiquei ... aqui terminou licença ... em Bauru no Ernesto Monte ... eu fiquei na Barra Bonita até dezembro ... até terminar o ano ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** daí o ano seguinte eu peguei ... voltei para Bariri ...

**Pesquisadora:** aí ficou ... foi ficando aqui mesmo?

**Professora Dinalva:** daí fui ficando aqui ... daqui é ... de Bariri eu só peguei aula também ... eu lecionei em todas as escolas de Bariri ... agora eu peguei aula também em ... eu ... eu trabalhei na escola que era o anexo daqui dessa escola CENE ... Euclides Moreira da Silva ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** trabalhei aí ... trabalhei no Idalina Vianna Ferro também ... dois períodos de oito anos ... trabalhei lá ... sabe? ... eu porque depois às vezes vinha um efetivo ... pegava minhas aulas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** embora ... eu voltava ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... no Idalina Vianna Ferro ... trabalhei também numa escola ... é ... de 1º. grau ... lá era só 1º. grau ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** chamava Rosa Benatti ... lá em cima ... trabalhei aqui no Modesto Masson muito tempo também ... de oitenta e um até oitenta e sete por aí ... depois eu voltei porque eu me aposentei aí também ... é ... trabalhei no ... no Efigênia ... onde eu falei para você que eu dava aula de 1ª. a 4ª. também ... porque não ... os ... os alunos do noturno muitos eram dispensados porque trabalhavam ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eles tinham dispensa de Educação Física ... então como ... daí eu juntava uma classe só ... diretora fazia com que eu juntasse uma classe só ... e eu dava aula para aquela classe como se fosse aquele ... e dava aula de 1ª. a 4ª. ... então eu dava aula de 1ª. ... 1ª. e 2ª. ... é ... séries ... eu dava mais assim a parte de recreação ... de iniciação ... é ... esportiva ... agora para 3ª. e 4ª. eu já dava mais assim específico mesmo ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** dava futebol ... eu dava ... que era ... era a classe toda ... era mista ... menino e menina ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** isso foi década de oitenta?

**Professora Dinalva:** sim ...

**Pesquisadora:** então já era misto ... década de oitenta?

**Professora Dinalva:** sim ... é ... não ... era misto aí porque era uma classe ... eu pegava a classe 4ª. série de 3ª. série ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** mas não era de 5ª. a 8ª. ... ainda ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** ainda eu dava aula só para menina e o professor só para menino ...

**Pesquisadora:** só de 1ª. a 4ª. que foi junto?

**Professora Dinalva:** só de 1ª. a 4ª. que foi junto assim ...

**Pesquisadora:** desde o início foi junto?

**Professora Dinalva:** isso ... foi junto

**Pesquisadora:** e eu não entendi ...

**Professora Dinalva:** o CBzinho<sup>204</sup> também ... eu dava aula era a classe toda ...

**Pesquisadora:** era junto?

**Professora Dinalva:** era junto ...

**Pesquisadora:** eu não entendi a ... a questão do noturno que você comentou ...

**Professora Dinalva:** então ... o noturno era assim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é porque toda é ... aquele exame biométrico que se fazia no começo do ano ... que o médico vinha ... muitas crianças traziam a carteira profissional ...

**Pesquisadora:** certo ...

---

<sup>204</sup> Referiu-se ao Ciclo Básico (CB).

**Professora Dinalva:** ou ... ou ... ou o papel do trabalho deles assim ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** mas não era nem carteira ... e eles eram automaticamente ... exista uma lei ... eles eram dispensados da Educação Física ...

**Pesquisadora:** mas então não tinha aula de Educação Física à noite?

**Professora Dinalva:** não ... não ... não ... era o período ... era da noite mas a aula era de manhã ... era seis horas da manhã ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** a turma estudava à noite ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** para a Educação Física de manhã ... só que ...

**Pesquisadora:** é que hoje eles não tem isso ...

**Professora Dinalva:** não tem isso ... né?

**Pesquisadora:** não tem Educação Física à noite ... é facultativo ... a escola ...

**Professora Dinalva:** certo ...

**Pesquisadora:** não coloca ... mas eles não vem de manhã ...

**Professora Dinalva:** hã ... ah certo ...

**Pesquisadora:** não vem ...

**Professora Dinalva:** então aí era assim ... for ... formava por exemplo ... eu tinha à noite cinco classes ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** né? ... e essas cinco classes é ... eu tinha vamos supor nessas cinco classes ... ah ... no noturno ... uns cento e cinquenta alunos mais ou menos ... né? ... mas desses cento e cinquenta eu tinha mais da metade que eram dispensados por carteira ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** você entendeu?

**Pesquisadora:** aí juntava tudo ...

**Professora Dinalva:** aí juntava tudo ... eu formava uma turma ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e essa turma eu dava aula seis horas da manhã ... era turma que adorava e gostava de correr ... e a gente corria no lago ... era muito gostoso ...

**Pesquisadora:** seis horas da manhã?

**Professora Dinalva:** seis horas da manhã ...

**Pesquisadora:** porque normalmente a escola começa às sete ...

**Professora Dinalva:** é ... mas a Educação Física era seis horas da manhã ... aqui também eu dava ... dei a vida inteira seis horas da manhã ... então e ... e ... daí como que ficava?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu tinha pego na verdade quantas aulas? ... então para completar essas aulas ... porque na verdade eu estava dando três aulas por semana só ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** para cada turma ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era 2<sup>a</sup>. 4<sup>a</sup>. e 6<sup>a</sup>. que eu dava aula para eles ... vamos supor ... ou eram duas na 2<sup>a</sup>. e uma na 5<sup>a</sup>. ... sei lá ...

**Pesquisadora:** eram três aulas ...

**Professora Dinalva:** eram três aulas na semana que era obrigatório ...

**Pesquisadora:** para cada turma?

**Professora Dinalva:** para cada turma ...

**Pesquisadora:** agora são duas ...

**Professora Dinalva:** são duas? ... era obrigado três horas por semana ... por isso que eu falei para você que lá eu peguei seis ... três numa escola ...

**Pesquisadora:** ah ... eram duas turmas?

**Professora Dinalva:** eram duas turmas ... então ... então fazia isso ... como ... como ... para completar aquelas minhas ... porque senão eu ia ficar na escola sem fazer nada ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque na verdade eu peguei vamos supor ... doze aulas ... e estava dando três ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** não sei quanto foi ... então daí ela me dava o primário ... em vez de ela deixar o primário que era de manhã para os professores ... ela mandava para mim ... especializada ... então eu ... eu que dava ...

**Pesquisadora:** e nessa época eram os professores que davam ... né?

**Professora Dinalva:** eram os professores que davam e elas batiam o pau porque elas não queriam dar de jeito nenhum ... porque ninguém gostava ...

**Pesquisadora:** e aí foi no caso uma iniciativa da diretora e você acatou?

**Professora Dinalva:** olha ... foi da diretora porque ... é ... e eu acatei porque na verdade eu estava lá para trabalhar ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então e ... e ... e esse ... e essa iniciação escolar esportiva foi muito boa ... porque essa criançadinha que eu dei aula assim ... vários anos ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eles ... muitos deles ... é ... eles hoje jogam vôlei até hoje ... jogam basquete ... então se tornaram profissionais ... porque teve uma base ... porque a professora não é especialista para isso ... a professora de classe ...

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** né? ... então eu tive que ... eu tive equipes boas dentro ... e crianças que ... que foi aperfeiçoando ... foi melhorando ... entendeu?

**Pesquisadora:** e depois você pegava eles lá na 5ª. série ...

**Professora Dinalva:** eu pegava eles na 5ª. série ...

**Pesquisadora:** e eles tinham uma bagagem ...

**Professora Dinalva:** e nessa escola mesmo ... é ... de 5ª. a 8ª. não era eu ... eu pegava só colégio ...

**Pesquisadora:** ah ...

**Professora Dinalva:** que era 1º. e 2º. grau lá ...

**Pesquisadora:** você não pôde acompanhar ...

**Professora Dinalva:** eu não pude acompanhar ... era outro professor depois que dava ... mas já pegava e falava ... “DINALVA que beleza essa turma” ... já pegava mastigado ...

**Pesquisadora:** eles tinham ...

**Professora Dinalva:** mastigado porque é ... era aquela base que você dava ... é ... toda criança também que eu levei muito para campeonato falavam ... “Dinalva” ... é ... uns que eram técnicos em voleibol ... não estou querendo falar que eu dava não ... falava assim ... “nossa mas essa iniciação da Dinalva é perfeita ... para os nossos atletas” ... então é ... é ... porque eu pegava eles pequenos ... entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** então foi isso que aconteceu ... no CB também ... eu ... muita ... muita criançadinha na ... na ... na EMEI que eu trabalhei também seis anos ... então essas crianças foram desenvolvendo ... foram ... sabe? ... criando assim ... é ... mais habilidade do que um professor ... não que o Pedro não sabe ... é de 1ª. a 4ª. ... normalmente o professor que dá uma bola ... ou brinca com eles ... lá qualquer coisa ...

**Pesquisadora:** não direciona ...

**Professora Dinalva:** não direciona ... né?

**Pesquisadora:** é ... e a socialização com os pares ... as condições das escolas ... as condições de trabalho ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** materiais ... espaço físico ...

**Professora Dinalva:** não ... não ... espaço físico eu sempre tive ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu ... eu tinha as quadras ... eu não tinha quadra coberta ... só lá em Boracéia que eu trabalhei três anos ... eu tinha quadra coberta ... agora todas as escolas têm quadra coberta ... sabe?

**Pesquisadora:** de dois mil e dez para cá cobriram todas ...

**Professora Dinalva:** isso é ... cobriram ... então ... o que é uma facilidade ... né? ... é bom ... mas eu ... eu tinha o espaço sim ... eu só não tive espaço como eu contei para você no SESI ... que eu dava aula na rua ... dava aula no Tiro de Guerra ... que o professor era ... era o ... o tenente do ... do ... de lá do ... do ... da turma que fazia Tiro de Guerra ... sabe? ... ele que dava aula comigo ... então ele tem ... ele dava o espaço dele que ele tinha lá ... onde ele fazia as atividades para os ... os atiradores ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** em horário diferente e a gente fazia Educação Física ...

**Pesquisadora:** o SESI não tinha espaço?

**Professora Dinalva:** não tinha ... era uma escola ali embaixo onde tinha ... que eu falei para você que eu punha na rua ... que eu dava aula na rua ... depois o SESI é ... passou para uma escola es ... uma escola municipal que fez lá para cima ... depois disso ... daí sim ... daí eu tinha uma quadra ... eu tive quadra fui trabalhar ... é ... nós trabalhamos direitinho ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora o SESI é ... sempre teve professor e professora ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu não dava aula para o masculino ...

**Pesquisadora:** sempre separado ...

**Professora Dinalva:** sempre separado ... não é como o Estado que juntou tudo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** todo o tempo que você ficou no SESI foi assim?

**Professora Dinalva:** todo o tempo que eu fiquei ... até hoje ...

**Pesquisadora:** atuou com as meninas ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... é ... hoje ... hoje eu não sei não ... abriu um SESI novo ... você passou por lá? ... você viu um SESI ...

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** não ... acho que você não passou ... então hoje o professor que deu aula comigo todo o tempo também ... é ... ele ... parece que ele vai ... ele está dando agora para masculino e feminino ... mas eu ... enquanto eu atuei no SESI ... eu dei aula só para o feminino ...

**Pesquisadora:** no SESI foi de qual período à qual período? ... que você atuou ...

**Professora Dinalva:** ah o SESI eu comecei em ou ... em setenta ... eu trabalhei vinte e cinco anos no SESI ... setenta e seis ... até ... trabalhei vinte e cinco anos ...

**Pesquisadora:** certo ... iniciou em setenta e seis ... só fazer a conta ...

**Professora Dinalva:** é ... setenta e seis ... é ... isso ... agora ... no ... na prefeitura que eu iniciei em oitenta e cinco ...

**Pesquisadora:** aí você ficou nos três?



**Professora Dinalva:** daí eu fiquei nos três ... fiquei nos três ... eu tinha as aulas ... porque tinham mais professores ... eu tinha ... poucas no Estado ... você podia trabalhar ...

**Pesquisadora:** ah está ...

**Professora Dinalva:** o SESI ... o SESI não dava concomitante ... como que fala?

**Pesquisadora:** não dá acúmulo de cargo ... porque é ...

**Professora Dinalva:** não dava ... isso ... isso dava acúmulo ...

**Pesquisadora:** não é público ...

**Professora Dinalva:** então ... é então ... o meu da prefeitura e mais do Estado é ... era compatível ... dava para ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu tive ... eu tive ... eu trabalhei ... eu trabalhei acho que uns dez anos mais no SESI ... com seis aulas só ...

**Pesquisadora:** no SESI?

**Professora Dinalva:** depois ... é ... depois foi crescendo ... SESI é uma boa escola ... depois foi crescendo ... crescendo ... quando eu me aposentei eu já tinha ... doze aulas no SESI ...

**Pesquisadora:** entendi ... quando você ficou nos três ...

**Professora Dinalva:** há ...

**Pesquisadora:** quantas aulas você tinha mais ou menos no Estado e na prefeitura?

**Professora Dinalva:** olha ... é ... a ... eu tinha ... na prefeitura eu dava aula para todas classes de EMEI ... todas ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** todas classes ... e ... e ... então eu tinha ... em cada eram cinco EMEI ... uma ... duas ... três ... não ... eram quatro será que eu estou ficando ...

**Pesquisadora:** eram duas aulas?

**Professora Dinalva:** não ... eram ... eram ... eram três vezes na semana eu dava aula ...

**Pesquisadora:** três vezes ...

**Professora Dinalva:** três vezes também ... mas eu ... mas eu tinha ... eram três ... três classes de manhã ... três à tarde ... em todas elas ... eu tinha um livramento ... livramento ... eu tinha aqui ... em frente à prefeitura ... a EMEI ... EMEI um ... EMEI dois eu tinha lá perto do cemitério EMEI... eu tinha quatro EMEI ... que eu dava aula para todas as classes ... para todas as classes eu dava ... só que eu não é ... era menos tempo ... era meia hora de aula ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... são pequenininhos ... eram duas ... eram duas ... duas crianças ... duas ... é ... maternal ... era I e II ...

**Pesquisadora:** há ...

**Professora Dinalva:** e depois o prézinho ... eram dois ...

**Pesquisadora:** e na ... na prefeitura foi concurso?

**Professora Dinalva:** foi concurso ... eu prestei concurso ...

**Pesquisadora:** depois você exonerou?

**Professora Dinalva:** depois eu exo ... exonerei porque eu já ... já estava com problema ... no joelho também ... e eu estava muito ... cansada ... muito assim ... daí eu exonerei ...

**Pesquisadora:** ficou seis anos? ... dez anos ... né?

**Professora Dinalva:** na EMEI? ... não ...

**Pesquisadora:** é na prefeitura ...

**Professora Dinalva:** seis anos eu fiquei ...

**Pesquisadora:** seis anos na prefeitura ...

**Professora Dinalva:** seis anos ...

**Pesquisadora:** concomitante com o SESI e o Estado ...

**Professora Dinalva:** isso ... é ... seis anos ...

**Pesquisadora:** e no Estado foram quantos anos? ... vinte e cinco também?

**Professora Dinalva:** vinte e cinco também ... só que no Estado eu fiquei dois anos afastada ... porque eu ... tive problema ... operei ... pus prótese no joelho ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e eu fiquei assim ... antes de por as próteses eu fiz a artroscopia ... fiquei pelo INSS afastada ... sabe?

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** pela ... pelo SESI e INSS ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e pela ... pelo Estado eu tirava aquelas licenças ... que eu não tinha condições de trabalhar ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** fazia perícia ... aquelas coisas lá ...

**Pesquisadora:** como você ingressou no Estado antes ... você se aposentou no Estado antes?

**Professora Dinalva:** é eu aposentei antes no Estado ... isso ...

**Pesquisadora:** que ano foi?

**Professora Dinalva:** em noventa e seis ...

**Pesquisadora:** noventa e seis ...

**Professora Dinalva:** noventa e seis ...

**Pesquisadora:** e do SESI?

**Professora Dinalva:** do SESI daí é ... é ... uns dois anos depois ... né? ... não é mais? ... do SESI ...

**Pesquisadora:** mas não ...

**Professora Dinalva:** mais um ano ... um ano e pouco ... dois ... é ... é ...

**Pesquisadora:** e assim ... em relação à ... mudanças de nível de ensino ... né? ... a maior parte do tempo pelo que eu entendi ... você atuou com 5<sup>a</sup>. ... 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** é ... a maior parte ...

**Professora Dinalva:** maior parte ...

**Pesquisadora:** atuou também com Ensino Médio ...

**Professora Dinalva:** também ... também ...

**Pesquisadora:** com Magistério ...

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** e ... essas mudanças de níveis assim ... quando aconteciam ... como que eram ... é ... batia uma insegurança ...

**Professora Dinalva:** olha ... batia sim insegurança ... porque quando eu trabalhei na ... na prefeitura ... é ... foi uma escola para mim ... porque eu nunca tinha trabalhado com ... com criança nessa faixa etária e eu não tinha preparo para isso ... que eu ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu tinha sim conhecimento de muita coisa ... eu sempre gostei muito de ... de ... de criança ... de trabalhar assim ... mas eu não tinha nada assim ... que eu tivesse aprendido especificamente para aquela idade ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** né?

**Pesquisadora:** quando você trabalhou na fa ... na prefeitura ... na Educação Infantil ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** você já tinha tido a experiência com o CB?

**Professora Dinalva:** sim ... sim ... foi ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** foi o CB ... CB também ... eu aproveitei também essa da prefeitura para o CB ... porque CB nós não tínhamos também orientação nenhuma de CB ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não tínhamos ...

**Pesquisadora:** você teve a orientação da diretora ... né? ... o que trabalhar com 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ... né? ... que ela deu o direcionamento ...

**Professora Dinalva:** isso ...

**Pesquisadora:** e trabalhar com 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. ...

**Professora Dinalva:** então ... e na ... e na EMEI eu tive muita sorte ... eu tive a Silvinha de Barros ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** trabalhava comigo ... era coordenadora ...

**Pesquisadora:** na EMEI?

**Professora Dinalva:** na EMEI ... tinha a Silvinha ... tinha a Gi que era também ... é ... ela era diretora também de uma das EMEI ... ela ... ela tem uma escolinha maternal também ... e tem outra escola agora de 1<sup>a</sup>. ... de 1<sup>a</sup>. a ... de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... tem lá em cima ... e então ela tinha assim ... alguma experiência ... elas tinham assim de trabalhar com criança ... não na Educação Física ... mas trabalhar ...

**Pesquisadora:** com a faixa etária ...

**Professora Dinalva:** com a faixa etária ... né?

**Pesquisadora:** isso faz diferença ...

**Professora Dinalva:** então eu tive ... eu tive assim ... e ... e gostei muito também porque ... eu tinha também ... é ... trazido um pouco de bagagem ... da pré-escola ... a ... para ... para ... que eu dei aula no Magistério ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então Magistério que que eu fiz? ... Catia ... Magistério eu ... eu apliquei ... não sei se você chegou a ver ... os planos de aula tiveram ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** todo o tipo de plano de aula ... né? ... e ... e eu tive aquele plano de aula historiado ... você teve?

**Pesquisadora:** como que era?

**Professora Dinalva:** é ... é aquele que você conta a história ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e através da história você ... eles fazem todos os exercícios ...

**Pesquisadora:** acho que já ...

**Professora Dinalva:** é né?

**Pesquisadora:** mas não no Magistério ... acho que em algum curso que eu fiz ...

**Professora Dinalva:** não ... eu fiz ... eu dei aula três anos no Magistério ... né? ... então ...

**Pesquisadora:** eu acho que esse plano de aula historiado ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** que você está falando ... a Romilda teve essa experiência ... a outra professora que eu entrevistei ...

**Professora Dinalva:** é? ... olha ...

**Pesquisadora:** a época é um pouco próxima ...

**Professora Dinalva:** a ... a minha ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** ah ... então ... então ... nós ... eu ... então foi muito boa essa parte ... porque com os pequenininhos eu contava história ... então eles ... eles falavam ... “aí tia conta aquela história” ... então é ... no Magistério também ... porque tinha ... existem milhões e eles ... elas<sup>205</sup> inventavam a história ... entendeu?

<sup>205</sup> Referiu-se às alunas do Magistério.

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** elas criavam uma história ... e dentro da história elas punham que o ratinho pulava daqui lá ... que o ratinho se esfregava aqui ... se escondia lá ... então é ... então eles falavam ... “tia” ... então funcionava bem ... “tia conta uma história? ... que história que nós vamos contar hoje?” ... então daí foi ... é onde eu dava as atividades físicas para eles ...

**Pesquisadora:** então a ... a experiência que você teve dando aula para as futuras professoras ...

**Professora Dinalva:** futuras professoras ...

**Pesquisadora:** é ... ensinando elas como trabalharem a Educação Física também ...

**Professora Dinalva:** também ...

**Pesquisadora:** te ajudou a trabalhar com a Educação Infantil?

**Professora Dinalva:** ajudou porque eu não tinha ... eu não tinha nada ... nada que para me ... me orientar ... eu não tinha ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então isso me ajudou muito ... viu?

**Pesquisadora:** e as mudanças de escola?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** eu lembro que foram muitas mudanças de escola ...

**Professora Dinalva:** olha ... as mudanças de escola eu ... eu não tive assim ... eu trabalhava ... trabalhei até para a Silvinha também como diretora ... lá em Boracéia ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** como diretora lá ... é ... é ... só que quando eu chegava lá ... “ISSO É PARA DINALVA! ... GRAÇAS A DEUS QUE ELA ESTÁ CHEGANDO” ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** então (risos) ...

**Pesquisadora:** você que resolvia ...

**Professora Dinalva:** então ... eu que resolvia tudo que era de festa ... tudo que era ... então ... eu não ... não ... eu nunca tive problema com nenhuma diretora ... com nenhuma escola ... eu nunca tive ... eu tive muito problema inclusive é ... era Maria Alice a escola em Boracéia ... era uma delícia lecionar em Itajú ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... era até melhor você estudar é se ... você trabalhar ... será que isso ... qualquer coisa você corta ... será que é ... eu ... eu gostava mais de trabalhar em ... em ... nas cidades fora ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** eles davam mais valor ... eles ... eles ... eles ... é ... eu tinha material ... bastante material ... eu queria trabalhar eles é ... é ... eles ... me compravam bola ... compravam até mesa de Ping-Pong ... eu tinha ... eu tinha tudo assim ... para trabalhar com a criança ... agora tinha ... tinha muita escola aqui do Estado que eu tirei do bolso para comprar bola ... não tinha um material ... quantas ... quantas coisas que eu fiz ... então é ... mesmo lá em Itajú ... eu tinha ... tinha um prefeito lá ... que ele ia assistir as minhas aulas lá ... ele ficava encantado ... assim ... da criançada ... de muita gente ... todo mundo gosta de ... de festa ... de folia ... de coisa ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e eu em Boracéia ... em Itajú e Boracéia eu ia sozinha ... porque as Educação Física era período contrário ... contrário das aulas ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu tinha que ir sozinha até ... e ele ... ele me levava de vez em quando ... ele chegava lá ... “Dona Dinalva trouxe um presente para a senhora” ... chegava

com duas bolas de vôlei ... uma de basquete ... sabe? ... então ele me trazia ... a ... a ... ele me trazia material ... só ...

**Pesquisadora:** e era escola do Estado?

**Professora Dinalva:** do Estado ... era escola do Estado ... só que algumas vezes vinha alguma verba mas eles colocavam uma cortina ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eles compravam outra coisa ... mas para a Educação Física mesmo ficava de lado ...

**Pesquisadora:** é ... eu sei como é isso ...

**Professora Dinalva:** você sabe ... né bem? (risos) ... então ... eu ... eu sofri muito em questão disso ... eu poderia ter tido até muito mais ... melhor resultado e ... como eu tive em Boracéia ... Boracéia eu levava o saco assim de bola e ... e soltava assim ... eu tinha de duas ... três bolas de cada ... então é ... tem como a criança ficar brincando de duas em duas ... para coisa ... para aperfeiçoar ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** agora vinha em outra não ... precisava por a criança na parede e ficar de fila porque ... era uma só para uma classe de ... de vinte e cinco ... trinta alunos ...

**Pesquisadora:** não dá para diversificar muito ... né?

**Professora Dinalva:** não dá ... então ... então eu ... eu ... isso daí foi uma questão muito triste para mim ... porque muitos ... muitas vezes eu precisei comprar ... eu mesma ... eu precisei comprar material para mim ...

**Pesquisadora:** em Boracéia como que era o nome da escola?

**Professora Dinalva:** es ... Edir ... espera aí ... Edir ... não ... espera aí ... Fernando Costa é na Barra ... Erasto é Itajú ... onde que eu pus aqui na?

**Pesquisadora:** Itajú é aqui perto também?

**Professora Dinalva:** pertinho ... dá onze quilômetros daqui ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** pertinho ... é indo para Ibitinga aí ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** Idalina ... espera aí bem ... Modesto Masson falei ... né?

**Pesquisadora:** falou ...

**Professora Dinalva:** falei do Efigênia ...

**Pesquisadora:** que foi aqui ... né?

**Professora Dinalva:** é ... Erasto ... Itajú ... Edir Helen Sgavioli Faccioli a escola de Boracéia ...

**Pesquisadora:** quanto tempo?

**Professora Dinalva:** que está aí?

**Pesquisadora:** você lecionou lá?

**Professora Dinalva:** eu lecionei de oitenta e dois a oitenta e seis ...

**Pesquisadora:** e em Itajú?

**Professora Dinalva:** em Itajú ... Itajú eu fiquei oito anos ... eu fiquei ... quase que na mesma época também é ... em oitenta ... ah eu fiquei mais ... uns oito anos em Itajú ...

**Pesquisadora:** então depois que você veio para Bariri ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** nem sempre você ficou lecionando aqui?

**Professora Dinalva:** não ... teve anos que não teve ... que eu não tive ... não peguei nenhuma aula aqui ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** eu fiquei em Boracéia ... e fiquei ... fiquei com seis em Boracéia ... e fiquei com acho que nove em Itajú ...

**Pesquisadora:** Boracéia é ... é ...

**Professora Dinalva:** Boracéia é ...

**Pesquisadora:** pertinho ...

**Professora Dinalva:** é perto aqui ...

**Pesquisadora:** mais perto ainda ...

**Professora Dinalva:** é ... mais perto é ... então ... teve ano que eu não peguei não ... tinha o SESI ... o SESI era o meu ... o meu contraforte ... porque o SESI é ...

**Pesquisadora:** era certo ...

**Professora Dinalva:** era certo porque eu era contratada ... o SESI é contrato ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** é ... eu fui contratada ... então que agora tem ... tem concurso o SESI ... né?

**Pesquisadora:** mas continua sendo contrato ...

**Professora Dinalva:** é né? ... é?

**Pesquisadora:** não é como no Estado ... né?

**Professora Dinalva:** hum ... sei ... que é concurso ...

**Pesquisadora:** CLT ...

**Professora Dinalva:** então eu ... então eu tive esse problema assim em escola ... agora com direção não ... porque ... sabe? ... diretor quer silêncio ... Educação Física não acontece de você ter silêncio mesmo ... então tinha vez que você levava uns pito ... uns cata meio assim ... mas eu falava ... gente ... vamos diminuir senão sobra para mim ... “AH DONA ... VÁ VÁ” (risos) então ... sabe essas coisas né? ... mas assim ...

**Pesquisadora:** e as relações com os alunos? ... com os pais?

**Professora Dinalva:** olha ... eu ... eu até hoje eu tenho muita amizade com todos eles ... com os alunos ... eu nunca tive assim um problema com aluno de ... até que eles às vezes entre eles ... eles tinham muita educação ... aquele tempo as crianças não eram assim eles podem ... podiam até brigar entres eles ... sabe? ... algum bate boca ... um empurrão ... uma coisa ... mas eu chamava no tento ... um pedia desculpa para o outro ... hoje não existe isso ... um pedia desculpa para o outro ... continuava jogando ... entendeu? ... é ... mas eu sempre tive um muito bom relacionamento com as crianças ... nunca tive ... mesmo CBzinho ... eu lembro uma ... uma história ... que a Dona Fifa fazia eu contar até essa história ... porque ela achava uma diretora aí ... então um empurrou e eu falei ... “filho não pode ... você não pode empurrar” ... então ele pegou e falou assim ... ele xingou o coleguinha ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... eu falei ... “mas você também não pode xingar ... como que você vai falar isso daí” ... ele falou ... “ah tia ... não enche” ... eu falei ... “não senhor ... vem cá ... vem cá ... vamos conversar direitinho ... pede desculpa para o seu amiguinho” ... então ele pegou e falou assim ... ficou mais bravo da hora que eu chamei ... ficou assim perto de mim ... daí ele falou assim para mim ... “TIA VOCÊ É UMA GALINHA!” ... eu falei ... “ah é?” ... eu falei assim ... “galinha? ... a galinha põe ovinho gostoso para a gente comer” ... “NÃO ... VOCÊ É UMA GALINHA” ... ele repetiu ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu falei ... “escuta e se a tia falar que galinha é sua mãe?” ... ele falou ... “MINHA MÃE NÃO ... minha mãe não” ... no mínimo ... você vê ... eu achei engra ... depois ... acabou a brincadeira ... a briga tudo ... mas eu falo assim ... acho que a mãe ... alguém em casa falava galinha para alguém ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** você vê ... porque depois ele ficou assim ... que a mãe dele não era galinha ... olha ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então você vê criança de 1ª. série ... pequenininha ... então eu falo ... “meu Deus cada” ... então eu nunca tive assim problema com criança ... graças a Deus ... tive problema com um menino que caiu em uma das árvores lá ... mas não era horário de Educação Física ... mas eu que corri ... quase morri ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** porque foi fratura exposta ... eu que precisei por ... eu tinha um corcel velho ... porque eu precisei por ... precisei de por uma tala assim nele ... e a ... a ... as ... a moça que trabalhava lá não podia ver sangue ... virou assim que estava desmaiando ela e o menino ... ah ... bom ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** a gente passa cada uma também ... não? ... mas assim eu nunca tive problema com criança ... você acredita num negócio desse? ... tenho amizade com eles até hoje ...

**Pesquisadora:** e com pais?

**Professora Dinalva:** também ... com os pais também ... sempre tive muito ... eu trabalhei sempre em escola ... escolas assim mesmo ... com ... com ... a maioria das escolas que eu trabalhei um povo bem mais pobrezinho ... mais assim ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ... entendi ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... não tive problema não ... nunca tive problema com criança ...

**Pesquisadora:** e em relação às regras da escola ... às normas ... né? ... escolares ...

**Professora Dinalva:** é ... eu ... eu sempre trabalhei assim até mais da conta ... do que a conta ... sabe? .... eu ... eu sempre fazia meus horários além ...

**Pesquisadora:** fez hora-extra ...

**Professora Dinalva:** sempre ... mas não se ganha hora-extra ... né? (risos) ... mas sempre fiz mais do que isso ... até uma ... uma das diretoras falava ... “Dinalva você está fazendo o quê? ... para quê isso?” ... falei ... “é pelos alunos não porque” ... pe ... falava mesmo ... “não é pela escola” ... e eu até dei risada porque agora eu não ... o quar ... o último ano eu não ... eu ... aposentei sem receber o último adicional ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque eu não fui efetiva ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... então eles ... eles me jogavam sempre paras as traças ... eu não eu não tinha o último adicional ... não tendo o último adicional eu não tinha a 6ª. parte ... aposentei sem a 6ª. parte ... eu falei ... “ai meu Deus mas tudo para mim?” ... tudo para mim ... é ... já ganhava pouco ... né? ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e eu precisei entrar com um advogado tudo ... entrei com um advogado da FOZ<sup>206</sup> em São Paulo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** um amigo meu que é daqui ... e ele tem esse escritório da Foz ... trabalha nesse escritório ... mas ele tem os ... os advogados que é só na área de educação ... outros na área de outras coisas lá ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e ... ele ... ele entrou para mim ... ele entrou ... e ... você vê ... já vai fazer vinte anos que ... que ... fiz ... deze ... dezenove que estou aposentada ... e agora em dezembro veio ... veio o ... eles cobram vinte por cento ... o advogado para você rece ... é ... para trabalhar ... para fazer ... você ...

<sup>206</sup> Referiu-se à Foz Sociedade de Advogados, de São Paulo.

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** entrar com a ação ... né? ... você acredita que eu recebi agora trinta mil? ... e eu paguei oito mil de imposto de renda ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** vinte anos aposentada ... para ... era ... já era ... era um ... era um ... como que ele fala ... como que fala do Estado? ... quando você ... precatório ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e o Estado diz que tem cinco anos para ... falando mal do Estado cuidado aí (risos) ... viu o Estado tem cinco anos para pagar esses precatórios ...

**Pesquisadora:** por isso que a ... a ideia era entrevistar professora aposentada ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** porque aí não tem mais ...

**Professora Dinalva:** é ... vínculo ...

**Pesquisadora:** é ... medo de falar e não tem mais o vínculo ...

**Professora Dinalva:** então ... e cinco anos ... cinco anos que o Estado tem para pagar esses aposentados ... eles estavam assim naquele in ... naquele índice ... é ... ia pagar é ... os mais velhos ... porque logo pifa ... né? ... o ... e ... e ... e os que tinha menos ... menos para receber ... e depois eles dariam para os mais novos e ... quem tem mais ... quem tem ... e na verdade ... o meu era quase setenta mil que eu tinha para receber ... só que o advogado cobra vinte ... é vinte ou trinta por cento?

**Pesquisadora:** eu não sei ...

**Professora Dinalva:** bom ... tem uma porcentagem ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e ... e ele me mandou trinta ... eu recebi trinta mil que ... e ... só que eles não eram com ... eu tive ... eu declaro ... né? ... a gente declara imposto de renda ...

**Pesquisadora:** sim ... eu declaro ...

**Professora Dinalva:** não sei se declara ... você declara? ... então ... você acredita que oito mil para mim pagar em imposto de renda?

**Pesquisadora:** é absurdo ... né?

**Professora Dinalva:** eu quis dar dez para um filho ... dez para o outro ... eu na verdade fiquei com oito ... com dois ... né? ... vinte anos quase de aposentada ... 6<sup>a</sup>. parte é direito adquirido que você tem ...

**Pesquisadora:** eu não sei porque essa diferença entre o efetivo e o que não é efetivo ... se são todos funcionários ...

**Professora Dinalva:** mas tudo ... tudo ... tudo é ... é ... é acarretado em mim ... se você ... você tinha uma nota maior ... e aquela nota te elevava mais ... subia o seu ... o seu patamar para você ter um pouco mais de renda ... porque acontecia isso ... eu era uma das últimas ... eu nunca tinha ... eu nunca tinha porque eu não era efetiva ... eu nunca tinha essa nota ou a minha era a mais baixa de todos ... então eu fui vendo ... sendo prejudicada ... eu fui prejudicada na minha carreira ... assim financeiramente ... sabe? ... dos direitos que eu tinha ... você vê eu ... eu não tive direito ... eu fui CLT ... eu fui tudo isso ... mas eu não tive direito a ... a licença-prêmio ... não tive direito a nada disso daí ... nada ... eu não gozei nada ... você vê hoje a turma entra com a aposentadoria e tem 6 meses de licença-prêmio vai ... vai ... vai pegando isso daí até chegar a hora que ... né? ... eu não tive ... eu fui prejudicada em tudo o que você pode imaginar ... mas também entrei com ação em tudo ... viu? ... ganho ou não ganho eu entrei com advogado ...

**Pesquisadora:** está certa ...

**Professora Dinalva:** fazer o que?

**Pesquisadora:** é ... só para eu entender ...

**Professora Dinalva:** hã ... fala bem ...



**Pesquisadora:** quanto tempo ... quando ... qual foi o ano que você se aposentou do Estado mesmo?

**Professora Dinalva:** do Estado ... em noventa e seis ...

**Pesquisadora:** está ...

**Professora Dinalva:** até eu acho que tenho a data certinha ... será que você precisa?

**Pesquisadora:** não ... só o ano mesmo ...

**Professora Dinalva:** não? ... quer ver? ... deixa eu ver ...

**Pesquisadora:** é ... aí eu queria perguntar para você ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** o que que você considera como influência ...

**Professora Dinalva:** três de oito ... três de agosto ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** de noventa e seis ...

**Pesquisadora:** noventa e seis mesmo? ... o que você considera como influência da vida pessoal na profissão ... como professora de Educação Física?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e da profissão na vida pessoal?

**Professora Dinalva:** olha ... eu ... eu ... eu vou falar uma coisa para você ... eu sou uma pessoa assim muito dada ... que eu é ... tenho ... eu tenho muita amizade assim ... e que eu ... é ... não foi só Educação Física que me levou assim a ter essa grande amizade ... que eu nem fui embora de Bariri ... porque eu poderia ter ido embora ... eu perdi meu marido ... aposentei ... eu podia ir embora lá para a minha cidade ... para Piratininga ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** podia ter ido embora ... embora eu deixei ... ele está enterrado aqui tudo ... mas então eu tenho muita amizade assim ... mas é ... muita ... a Educação Física também me aumentou ... ficou mais amplo essa minha ... o meu universo ... porque todo mundo ... a maioria ... uma maioria de Bariri foram meus alunos ... Itajú ... eu vou em Itajú eles vão de ... em cortejo me encontrar ...

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** sabe assim? ... amizade ... é ... que eu já dei aula para as mães de muitos lá ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... então eu falo assim que tanto é ... eu como profissional ... eu acho que eu ... que eu ... criei muito ... muita coisa boa também ... como profissão ... como assim dedicação de trabalho ... sabe? ... não medir esforço para nada ... é ... mas também do outro lado não foi só Educação Física ... que também me levou a isso ... porque eu tenho um temperamento bom ... eu tenho um temperamento de ... de ... de muita amizade ... de muito ... sabe? ... então a ...

**Pesquisadora:** são características pessoais ...

**Professora Dinalva:** pessoais ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu acho que isso daí ...

**Pesquisadora:** quais experiências ...

**Professora Dinalva:** não sei ...

**Pesquisadora:** que você caracteriza como as melhores?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e as piores? ... especialmente da rede estadual ...

**Professora Dinalva:** ah ... eu acho assim ... eu acho assim que [tosse] ... eu ... hã ... eu aposentei por invalidez ... né? ... infelizmente ... eu aposentei por invalidez ... é ... cai muito o salário ... o salário já não é bom ... né? ... então cai muito o salário ... e ... então eu acho assim

que ... que na ... eu poderia ... nós como professores ... nós teríamos que ser mais reconhecidos ... né? ... mais assim valorizados ... eu falo assim ... tanta gente ... eu vejo hoje que a menina que trabalha comigo aí ... ganha quase como eu ganho ... é ... sabe?

**Pesquisadora:** que não estudou ...

**Professora Dinalva:** não estudou ... não fez nada ... trabalha comigo ... ela tem uma aposentadoria do ... do pai e da mãe ... sete ... setecentos e pouco ... ela dorme com outra pessoa ... e então ... então ela tem o salário que ela ... que ... quase bate com o salário que eu tenho ... eu tenho dois ...

**Pesquisadora:** e uma vida inteira ... né?

**Professora Dinalva:** eu tenho o SESI ... eu estou falando em termo de Estado ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** mas eu falo assim ...

**Pesquisadora:** mas é uma vida inteira ...

**Professora Dinalva:** é uma vida inteira ...

**Pesquisadora:** de repente você poderia ter só essa renda ...

**Professora Dinalva:** então ... então ... eu poderia ter só essa renda ... você vê eu ... a gente como professora ... graças a Deus ... vou ser sincera para você ... com muito sacrifício eu estudei meus filhos ... muito sacrifício mesmo ... porque eu fiquei com uma pensão ... diria um salário mínimo mas é ... eu fiquei de ... quando o salário mínimo foi para todos ... eu ainda tinha um terço do salário ... que eu tinha as duas crianças ... então eu recebia muito pouco ... eu ainda fiquei depois que todo mundo era obrigado a ter um salário mínimo ... o ... o Estado era obrigado a pagar ... o INSS<sup>207</sup> ... é ... assim mesmo eu fiquei recebendo ... eu precisei entrar com uma ação também contra o ... porque eu não recebia o salário mínimo ... nem o mínimo dele ... e quando ele morreu ... é nos papéis tudo ... eu entrei com advogado ... eu tinha direito à três salários vírgula setenta e sete ... na época eu não lembro quanto que daria ... mas seriam três salários ... que fosse dois ... ninguém ganha ... eu lembro que meu sogro coitado ... pagou por dez ... minha sogra quando morreu estava acho que com três salários ... três ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** quer dizer que é assim mesmo ... não é só ... só ... só o professor ... né? ... mas eu acho assim ... eu acho que nós somos muito mal ... valo ... valorizados ... eu acho que é ... é ... eu teria isso daqui ... mas eu acho que esse meu trabalho foi ... esse meu problema de saúde foi ... é ... em consequência do meu trabalho ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** né? ... porque na verdade eu não fui uma professora de pegar uma bola e dar ... eu sempre fiz a ginástica junto ...

**Pesquisadora:** e ficar sentada ...

**Professora Dinalva:** não ... eu fiz sempre o trabalho junto ... trabalhei ...

**Pesquisadora:** é ... é bem diferente ...

**Professora Dinalva:** então é diferente ... então ...

**Pesquisadora:** e o nosso corpo tem vida útil ...

**Professora Dinalva:** então ... então eu acho que ... nesse ponto eu acho que nós estamos muito ... a sei lá se um dia vai (risos) ...

**Pesquisadora:** quais seriam as melhores experiências?

**Professora Dinalva:** hum ... melhor experiência eu acho assim que ... é hoje eu vejo ... me vejo assim sem ... sem ... viúva né? ... muitos anos ... tudo ... sem ... um salário bom ... mas ... mas no fundo é ... é um salário que dá para gente viver ... porque se não fosse isso também ...

<sup>207</sup> Instituto Nacional do Seguro Social.

eu não sei se eu teria esse problema sério que eu tenho ... mas eu teria que ter outro tipo de trabalho ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** uma faxineira ... uma ... uma ajudante ... né? ... uma pessoa ... então eu acho que nesse ponto poupa muito ou cai o dinheiro da gente ... né? ... então acho que aí ... graças a Deus a gente tem que agradecer a Deus ... está vendo?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** porque poupam muito da para a gente viver ... né? ... então ...

**Pesquisadora:** a questão ... a questão da ... de ter tido a ... de certo modo esta estabilidade ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** e ter essa renda hoje ... é ... isso é um aspecto positivo?

**Professora Dinalva:** positivo ... porque a gente é ... na verdade é ... tudo isso é ... que eu fiz tudo ... é um prêmio ... é? ... é um prêmio ... então isso eu acho que graças a Deus ainda ... né? ... que eu tenho ... embora eu tenha passado os prós e os contras ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu ... eu tenho que agradecer ... né? ... eu acho que ...

**Pesquisadora:** e qual era o sentido da docência na época que você lecionou? ... qual o sentido que tinha em ser professor? ... porque esse sentido também vai mudando ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** com a época ...

**Professora Dinalva:** sim ...

**Pesquisadora:** ser professor hoje não tem o mesmo sentido que tinha na sua época ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... eu ... eu ... eu valorizava muito assim ... o ser professora assim ... sabe? ... eu me orgulhava disso ...

**Pesquisadora:** sentia valorização por parte dos colegas ...

**Professora Dinalva:** não ... eu ...

**Pesquisadora:** da escola?

**Professora Dinalva:** sim ...

**Pesquisadora:** dos pais?

**Professora Dinalva:** sim ...

**Pesquisadora:** da comunidade?

**Professora Dinalva:** eu me orgulhava disso sim ... eu sentia sim prazer nisso ...

**Pesquisadora:** em relação à sua família?

**Professora Dinalva:** a minha família sim ... e também na sociedade ... pelos pais ... pelas escolas ... sabe? ... pelos ... pelos amigos ... os colegas de trabalho ... sim ...

**Pesquisadora:** hum ... é ... quais é ... ações ou práticas que você pode considerar como alguma prática inovadora? ... que você promoveu enquanto professora de Educação Física ... que não era comum e de repente você começou a propor e fazer ... e os efeitos dessa prática ... né? ... porque de repente você propõe algo novo e aquilo não ...

**Professora Dinalva:** cai por terra ...

**Pesquisadora:** é ... não é bem visto ou ... ou é apreciado pelos outros ... né?

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** você citou a dança ... né? ... já ...

**Professora Dinalva:** não ... eu fiz assim muita fe ... muitas festas ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** muitas ... aí que foi crescendo cada vez mais em toda escola ... eu fazia numa escola ... depois a outra queria ... enfim ... não ... é na minha também ... então foi crescendo muito ... assim ... o gosto por ... pelas festas juninas ... pelas festas assim ... sabe? ... eu fiz ...

**Pesquisadora:** foi construindo essa cultura ...

**Professora Dinalva:** foi construindo ... e outra ... construiu tanto que eu era solicitada nas festas juninas ... hoje não tanto ... mas nós ... é ... eram fechados os quarteirões e eu ia marcar quadrilha em todos os quarteirões ... quase todas as noites ...

**Pesquisadora:** olha ...

**Professora Dinalva:** você nunca chegou a ver assim?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** festa ... uma quadrilha numa rua assim ... com ... com noivo ... noiva ... depois eles fazem aquela mesa grande e cada um leva um salgado ... doce ...

**Pesquisadora:** em rua não ...

**Professora Dinalva:** nossa ... tem ... isso daí aconteceu muito aqui em Bariri ... depois que eu aposentei não ... parou ... muitos ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** muitos ainda é ... é ... fecham a rua e fazem uma festa junina ... mas assim entre o pessoal do quarteirão ... mas levando o som deles ... levando é ... comes e bebes ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** mas assim ... é ... é ... sem quadrilha ... sem ... mas eu todas as festas eu era chamada ... eu ia ... eu ia ... Nossa Senhora ... você contava os quarteirões que eu não ia ... o ... o ... assim ... a região por exemplo ... se fizesse aqui embaixo ... então essa região toda participava ali ... certo?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então acho que isso foi muito ... foi muito bom ...

**Pesquisadora:** foi diferente ...

**Professora Dinalva:** foi totalmente diferente ...

**Pesquisadora:** não acontecia?

**Professora Dinalva:** não ... não acontecia ... ninguém fazia ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então foi muito bom ...

**Pesquisadora:** e em reação às ... às próprias aulas mesmo?

**Professora Dinalva:** hã ....

**Pesquisadora:** que que por exemplo você propôs que não era comum ... ou assim ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** em relação ao conteúdo mesmo da Educação Física mas a ... de repente você propôs de uma forma diferente ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** teve alguma inovação nesse sentido? ... não precisa dizer mesmo uma ... uma forma diferente de se abordar um conteúdo ...

**Professora Dinalva:** é ... eu procurava criar assim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... criar é ... eu criei muita ... muita ... muita ... muitos brinquedos de rodas cantadas ... é por exemplo no voleibol ... por exemplo ... vou dar esse exemplo ... no voleibol é ... eu vim ... quando eu vim para Bariri ninguém conhecia ... chamava-se vôlei ou fosso ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então ... eu é ... era uma iniciação para o voleibol ... então a criança fazia o ... o rodízio é .... é ... a ... a seis ... mas que podia jogar até com nove ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mas eles faziam um rodízio ... já aprendia rodízio ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** e aquele ... quem ia jogar bola ... era o do meio ... então eles rodavam no sentido ... o relógio assim ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e aquele entrava para jogar ... então ele jogava a bola e no ... no ... na ... no momento em que ele jogava a bola e tinha um fosso ... a gente falava ... vôlei é o fosso porque na maioria das escolas eu não tinha qua ... não tinha quadra ... e eu não tinha ... hã ... rede ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu criei o fosso ... um buraco ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então eu ... eu riscava o chão ... ou a gente punha uma madeira ... eu ... a gente punha ... eu fazia um risco no chão ... assim um metro mais ou menos ... um metro ... depende da ... da classe ... se é classe menorzinha ... maiorzinha ... se eram os grandes ... fazia esse fosso ... a bola não podia parar ... cair nesse fosso de jeito nenhum ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** e porque se ... a bola também do vôlei não pode bater na rede ... bateu na rede ... hoje não ... hoje você pode até bater na rede se pegando do outro lado tudo bem ... então eu fazia ... então a ... eu criava uma brincadeira para ... nas minhas aulas ... para ... para ... para ser mais fácil para eles aprenderem ... porque para você pegar ... já não tinha material ... e você pegava vamos supor assim ... é uma bola de vôlei ... os outros ficavam tudo esperando ... a aula passa depressa ... né? ... cinquenta minutos de aula ... né? ... quarenta e cinco ... cinquenta ... até você por a criançada em pró ... na quadra e você fazer a chamada ... né? ... então ... se perde aí dez ... quinze minutos ... então você ... eu fazia isso ... e isso ... nossa ... esse vôlei ao fosso ... eu fiquei sabendo que em muitas cidades ... eu nem conheço ... é ... é ... que pessoas que foram alunas minhas ... que foram embora ... e que falaram desse vôlei ao fosso ... e outra ... outras brincadeiras ... então eu acho que ... eu criei muita coisa ... mas não assim que eu ... é ... para melhorar ... para melhorar o ... o ... o ... o sentido da ... da ... do jogo em si ... o jogo o vôlei em si ... porque se joga com seis só ... mas eu pu ... eu punha com nove ... três ... seis ... nove ... entendeu?

**Pesquisadora:** também para otimizar o tempo ...

**Professora Dinalva:** também ...

**Pesquisadora:** para todo mundo participar ...

**Professora Dinalva:** participava ... porque é ... são bastante crianças ... as classes eram grandes ... no meu tempo eram grandes ... numerosas ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** ainda mais Educação Física era mandado em ponto ... então juntava duas turmas ... sabe?

**Pesquisadora:** ah é?

**Professora Dinalva:** as vezes até três ... OH ... era difícil ... era ... era ...

**Pesquisadora:** sempre assim ...

**Professora Dinalva:** ah sim ... era difícil trabalhar ... você não tinha uma ... CB essas coisas você pegava a classe todinha ali ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** era vinte e cinco ou trinta ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora para a Educação Física não ... você formava a turma ... você formava ... você pegava três 5<sup>a</sup>. A ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** uma da manhã outra ... a ... aliás ... três 5<sup>a</sup>. A B e C vamos supor ... três 5<sup>a</sup>. ou uma 5<sup>a</sup>. duas 6<sup>a</sup> ...

**Pesquisadora:** e não podia ser uma de cada vez?

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** uma por vez?

**Professora Dinalva:** não ... porque daí aumentavam as aulas ... a da ... uma por vez ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** é ... é ... é ... ela tinha três aulas na semana ... então daí ... aí quantas aulas a mais ... né?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** poderia ... poderia ... mas quem era prejudicado o professor ... poderia ter mais aula nessa escola e não precisava ir em duzentas escolas ...

**Pesquisadora:** exatamente ...

**Professora Dinalva:** aconteceu isso comigo também ... foi muito difícil ... então poderia ... eu tinha turma ...

**Pesquisadora:** ai você pegava algum ... as meninas do 5°. A ... as meninas do 5°. B ... e as do 5°. C ...

**Professora Dinalva:** isso ... eu tinha três cadernetas ...

**Pesquisadora:** usava ... para uma turma ...

**Professora Dinalva:** uma turma ... era assim ...

**Pesquisadora:** nessas três aulas a turma toda ...

**Professora Dinalva:** essa turma toda que ...

**Pesquisadora:** ficava numerosa ...

**Professora Dinalva:** que ficava numerosa e eram só três aulas ... que poderia ou dividir na metade ... eu ... eu ... poderia ficar com seis aulas ... né?

**Pesquisadora:** era uma forma de organização ... né?

**Professora Dinalva:** mas é ... seria ... é então ... só que ... quem ficava prejudicado era o professor ... que teve anos que eu tive quatro escolas para trabalhar ... de ... de Estado ... então eu saía correndo de uma escola para dar aula na outra ... coisa que você aqui nessa escola tinha ... tinha elemento que você podia ... que nem lá ... comentei com você lá ... não tinha o elemento porque eles eram dispensados ... quando eu trabalhei na escola de 2°. grau ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então lá no ... no ... colégio ... então ... porque ... porque eles eram dispensados ... então daí formava uma classe menor ... então essa ... as três ... as três classes formavam uma turma de Educação Física ...

**Pesquisadora:** um número bom ...

**Professora Dinalva:** um número bom ... mas era uma turma ... entendeu? ... então daí eu dava três ... essa turma três aulas na semana ...

**Pesquisadora:** tinha assim um mínimo de alunos para você formar turma?

**Professora Dinalva:** ai ... tinha ... tinha sim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** vinte e cinco a trinta ... cheguei a ter quarenta alunos para a Educação Física ... numa turma ...

**Pesquisadora:** quarenta é muito ...

**Professora Dinalva:** muito e sem material nenhum ... é difícil ... é difícil ...

**Pesquisadora:** e tempo pequeno ...

**Professora Dinalva:** todo mundo quer jogar ... todo mundo quer brincar ... Educação Física hoje não sei ... eu vejo que não está ... mas aquele tempo eles amavam fazer Educação Física ... mas gostavam ... até pre ... até ... eu precisava mandar embora porque a diretora falava ... “fica aqui perturbando Dinalva ... perturba ... fica olhando no vitrô não sei o quê ... e ... e ... aí manda embora Dinalva ... mas pega para servente” ... até essa que me ligou que vai por o carro aqui era servente ... falava ... “manda eles embora Maria José ... eu não posso ficar

mandando eles irem embora ... eu sou professora ... acabou a aula acabou a aula ... agora vocês são serventes ... vocês co ... coordena ... manda” ... mas ela ... “oh Dinalva manda essas crianças ... essas crianças estão subindo lá naquela ... olhando aquela classe ... não sei o quê” ... então era duro isso daí ... isso era duro ...

**Pesquisadora:** eles ainda gostam ... viu? ... depende da forma como é trabalhada ...

**Professora Dinalva:** é né? ... é né?

**Pesquisadora:** porque provavelmente nessa época também ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** tem ex-alunos aí que talvez tiveram experiências ruins ...

**Professora Dinalva:** é ... é ...

**Pesquisadora:** enquanto aluno ...

**Professora Dinalva:** certo ... é ...

**Pesquisadora:** a forma como você trabalhava ...

**Professora Dinalva:** é verdade ...

**Pesquisadora:** faria com que eles gostassem ...

**Professora Dinalva:** então ... ai meu Deus ...

**Pesquisadora:** muito bem ... e agora eu gostaria que você falasse especificamente da experiência com 1<sup>a.</sup> e 4<sup>a.</sup> série ... de 1<sup>a.</sup> a 4<sup>a.</sup> ... período que você trabalhou ... o que exatamente você trabalhou ... como você trabalhava ... quais foram os sucessos e insucessos ... o tempo que você atuou com essa faixa etária ...

**Professora Dinalva:** então ... de 1<sup>a.</sup> a 4<sup>a.</sup> ... que eu trabalhei mesmo assim ... é ... dando Educação Física né? ... você está falando?

**Pesquisadora:** isso ... isso ...

**Professora Dinalva:** não aula normal? ... é de 1<sup>a.</sup> a 4<sup>a.</sup> ... eu trabalhei com o CB 1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup> ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** 1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup> ... eu gostei muito de trabalhar ... trabalhei assim com roda e brinquedo cantados ... eu trabalhei com eles um ... socialização ... é ... disciplina ... eu trabalhei com eles é ... muito ... é ... amor ... sabe? ... amor assim ... sabe? ... é muito ... muito canto ... sabe? ... é ... foi muito bom essa parte de 1<sup>a.</sup> ... de 1<sup>a.</sup> ... o CB ... foi que ... foi 1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup> séries ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** agora 3<sup>a.</sup> e 4<sup>a.</sup> ... eu só trabalhei lá naquela escola que eu comentei com você ... que a professora ... que a diretora dava para mim dar aula ... na 3<sup>a.</sup> e 4<sup>a.</sup> séries ... então ...

**Pesquisadora:** qual escola que foi mesmo?

**Professora Dinalva:** no Efigênia ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** assim é ... só que não era obrigado a dar ... não era CB ... CB era só 1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup> séries ... trabalhei muito nessa escola aqui no Euclides ... aqui e no Euclides ... agora lá ... lá ...

**Pesquisadora:** o CB era obrigado?

**Professora Dinalva:** era obrigado ...

**Pesquisadora:** a ter especialista ...

**Professora Dinalva:** isso ... era obrigado ...

**Pesquisadora:** 3<sup>a.</sup> e 4<sup>a.</sup> não?

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** aí o diretor colocava se quisesse?

**Professora Dinalva:** é ... o diretor lá colocou ... em outras classes ... em outras escolas não ... nenhuma ... não ...

**Pesquisadora:** interessante ... né? ... 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ter e só 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. não ...

**Professora Dinalva:** 1<sup>a</sup>. ... só 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. ... 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. era o professor de sala que ia para lá dar Educação Física ...

**Pesquisadora:** ah ... você não atuou na Escola-Padrão?

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** no Projeto Educacional Escola-Padrão ... não ... não chegou a trabalhar?

**Professora Dinalva:** mas o Padrão ... o Padrão não ... não ... não era na época do ... da ... da ... da ... do ... do ... desse CB ... do ... do ... 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries?

**Pesquisadora:** noventa e um ...

**Professora Dinalva:** Padrão sim ...

**Pesquisadora:** noventa e um ... noventa e quatro ...

**Professora Dinalva:** já era Padrão ... entrou como Padrão ... não era 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries?

**Pesquisadora:** é eu sei ...

**Professora Dinalva:** só trabalhava para 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries ... da Escola-Padrão ...

**Pesquisadora:** é no Padrão eu sei ... sei que foi de ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** noventa e um ... noventa e quatro ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** no Governo Fleury?

**Professora Dinalva:** eu acho que sim ...

**Pesquisadora:** e aí ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** a 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries tinha o especialista ...

**Professora Dinalva:** tinha o especialista ...

**Pesquisadora:** e 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. era opcional? ... a ...

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** a direção da escola tinha autonomia ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** para decidir se o professor de classe ou especialista ...

**Professora Dinalva:** certo ... certo ...

**Pesquisadora:** isso Projeto Educacional Escola-Padrão?

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** mas não se fala no CB nesse ... pelo menos nesse arquivo que eu li ...

**Professora Dinalva:** hã ... e então ...

**Pesquisadora:** não sei se é concomitante ...

**Professora Dinalva:** hum ... agora ... e ... e ... então ... não ... mas eu acho que era na Escola-Padrão que tinha o CB ...

**Pesquisadora:** porque foram algumas escolas que se tornaram ...

**Professora Dinalva:** algumas escolas ... eu dei aula aqui ...

**Pesquisadora:** essa era?

**Professora Dinalva:** essa aqui era ...

**Pesquisadora:** essa que você atuou no CB era Escola-Padrão?

**Professora Dinalva:** era Padrão ... era Padrão ... era aqui e era no Euclides ... agora lá ... lá no Efigênia não era ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** não ... lá ela adotou Padrão ... lá era de 1<sup>a</sup>. ... é ... 1<sup>o</sup>. e 2<sup>o</sup>. grau ... lá não era Padrão ...

**Pesquisadora:** então o Ciclo Básico ...

**Professora Dinalva:** mas eu ...



**Pesquisadora:** não estava relacionado diretamente com o fato de ser Escola-Padrão ou não? ... poderia ser Escola-Padrão ... e ... e ter Ciclo Básico ou não? ... como que foi isso?

**Professora Dinalva:** não ... eu acho que era aqui ... era Ciclo Básico ... acho tinha que Padrão aqui e ali na outra escola ...

**Pesquisadora:** hã ... para ser Ciclo Básico ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** tinha que ser Padrão? ... é isso?

**Professora Dinalva:** eu acho que sim ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu acho que o ... o Padrão ... o Ciclo Básico entrava nesse Padrão ...

**Pesquisadora:** ah entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu?

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** agora teve escola que não ... não ... não fez ... não teve ...

**Pesquisadora:** é igual a Escola de Tempo Integral hoje em dia ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** não são todas as escolas que ...

**Professora Dinalva:** então ... não teve ... então ... e lá em cima eu trabalhei ... eu trabalhei de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... mas eu fazia ... eu ... é um pernilongo que está querendo ir em você ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** é ... não brinca não porque ... porque ...

**Pesquisadora:** eu nem estou sentindo ...

**Professora Dinalva:** não ... não ... estava voando ai eu acho que era ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** viu ... eu trabalhei como pa ... é Padrão mesmo mas como ... o CB é dentro do Padrão ...

**Pesquisadora:** nessa escola Efigênia?

**Professora Dinalva:** não ... nessa escola Efigênia eu ... eu não ... viu? ... ela era ...

**Pesquisadora:** agora eu vi (risos) ...

**Professora Dinalva:** então ... nessa escola Efigênia eu ... eu ... ela me dava por causa dessas aulas que ficavam ... ficavam ...

**Pesquisadora:** em haver ...

**Professora Dinalva:** em haver ... então eu ... eu ... eu levava o que eu sabia ... olha (risos) ... eu levava [interrupção pernilongo] ... viu ... então eu ... eu levava o que eu fazia no CB aqui no ... no Euclides ... nessas duas escolas ... eu também fazia lá ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** embora ... embora no ... lá não era Padrão e nem CB ... não tinha ...

**Pesquisadora:** qual que era o Padrão então da época?

**Professora Dinalva:** era aqui no Euclides ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** Euclides Moreira da Silva ... e aqui no Modesto Masson ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** escola Modesto Masson ...

**Pesquisadora:** e Efigênia adotou porque a diretora decidiu?

**Professora Dinalva:** é escola ... a Efigênia me adotou como professora da criançada lá de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** sim ... sim ...

**Professora Dinalva:** mas assim ...

**Pesquisadora:** foi uma decisão interna ...

**Professora Dinalva:** foi uma decisão interna ... porque lá também ... ela ... deixou o professor ... o professor ficou ... “graças a Deus que a Dinalva dá aula para nós” ... porque saía e às vezes eles combinavam até de sair às vezes duas escolas ... duas classes juntas ... era um alvoroço ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e eu indo ... pegava classe por classe ...

**Pesquisadora:** ah ... entendi ...

**Professora Dinalva:** então também era mais uma disciplina ali ... mais um menos barulheira também ... né?

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** você entendeu? ... porque Educação Física faz ...

**Pesquisadora:** contribuiu para a organização ...

**Professora Dinalva:** para a organização ... né? ... mas era assim ...

**Pesquisadora:** e qual que era o conceito de boa prática? ... nessa época que você atuou ... conceito de um bom professor ... de um professor bem-sucedido da época ... isso era assim explicitado? ... comentava-se sobre? ... é tinha alguma exigência que ... que caracterizava o que seria um bom professor? ... como seria o perfil desse bom professor? ... e as exigências nesse sentido ...

**Professora Dinalva:** ah ... eu ... eu não sei falar isso para você porque a ... a ... é ... eu já estava nessas escolas ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** então eu já ... me apro ... aproveitaram de mim ... é ... aproveitou o professor ali ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então eu já trabalhava nessas escolas e eles já sabiam o meu comportamento a minha ... o meu ... minha maneira de ser ... né? ... do ... e ... e ... e foi tudo bem ... foi tudo muito bem porque se ... se ... se eu dei essas aulas assim ... e foi muito ... a diretora gostava demais ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** vinham as mães ... as mães vinham para esperar a criançada ... a diretora fazia entrar lá ... porque a quadra era ... hoje é coberta ... mas só tinha a muretinha em volta assim ... elas ficavam lá assistindo ... vendo eu dar as aulinhas para as crianças ... sabe? ... mas eu acho assim se ... eu não sei falar para você ... eu acho que ... eu já tinha uma experiência boa ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu já tinha ... então eu acho ... eu não sei se elas ... é ... cidade pequena se tinha visto em algum outro lugar ... não sei ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** as crianças terem Educação Física com a professora mesmo ali ... de Educação Física ... é tinha professora também que nem entrava para ir tomar um café nada ... ficava ali vendo eu dar as ... a aula para a criançada dela ... agora eu não sei ... eu ... eu nunca tive assim um ... um problema ... eu acho que eu tive assim mais é ... é ... pessoa mais vindo ver ... assistindo as aulas ... gostando daquilo que estava vendo ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** as 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. séries ... só ... né?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então ... agora ... eu não sei ... eu acho que ... eu não sei o porque não continuou isso ... né? ... porque foi durante acho que uns quatro anos ... mais ou menos ...

**Pesquisadora:** é ... depois ... depois parou e voltou em dois mil e um mais ou menos ... né? ... que de dois mil e um para cá tem as aulas ... desde a 1<sup>a</sup> série ...

**Professora Dinalva:** mas agora tem com especialista?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** ah ...

**Pesquisadora:** eu ... quando eu comecei a atuar no Estado já tinha ...

**Professora Dinalva:** ah ... já tinha?

**Pesquisadora:** já ...

**Professora Dinalva:** não ... porque depois parou ... né?

**Pesquisadora:** sim ... ficou ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** ficou um tempo ...

**Professora Dinalva:** ficou um tempo ...

**Pesquisadora:** e aí dois mil e um que voltou ... se eu não estou enganada ...

**Professora Dinalva:** hã ... então ...

**Pesquisadora:** eu sempre atuei ...

**Professora Dinalva:** mas eu parei em noventa e seis ... né?

**Pesquisadora:** você não pegou?

**Professora Dinalva:** não ... não peguei essa parte ...

**Pesquisadora:** eu sempre atuei de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. ... como especialista ...

**Professora Dinalva:** ah que gostoso ...

**Pesquisadora:** sempre ...

**Professora Dinalva:** então ... eu acho assim ... que seria ótimo ... seria até melhor do que de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. ... em 8<sup>a</sup>. ...

**Pesquisadora:** a arte e a Educação Física é o especialista ...

**Professora Dinalva:** e ... verdade?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ah ...

**Pesquisadora:** e o que que você?

**Professora Dinalva:** e nós trabalhávamos todas juntas nós ...

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** então a ... a professora de Educação Artística foi minha aluna também ... muito minha amiga ... então a gente fazia muita coisa junto assim ... ela também é ... me ajudava a programar ... eu programava coisa com ela ... sabe? ... fazia ela ... ela pererecou bastante também porque não tinha nada nessa área assim ... é ... muita noção também ... porque também ... Educação Artística também ... eles jogam assim também ... mas ...

**Pesquisadora:** sim ... passam por uns problemas parecidos ...

**Professora Dinalva:** é ... passa sim ...

**Pesquisadora:** com Educação Física ...

**Professora Dinalva:** passa sim ... passa ...

**Pesquisadora:** que você caracteriza como as melhores e as piores práticas? ... enquanto professora ... os seus sucessos e insucessos ... que você percebeu e identificou enquanto professora ...

**Professora Dinalva:** ah ... eu ... eu sempre assim ... não estou querendo ... é ... elogio nada ... mas eu assim ... sempre tive em tudo o que eu programei para fazer ... eu tive sucesso ...

**Pesquisadora:** é? ... você atingiu seu objetivo?

**Professora Dinalva:** eu atingi o objetivo ... tudo o que eu ... que eu quis fazer ... que eu ... sabe? ... se era uma turma que eu deveria ... sabe eu não media esforço ... mas eu conseguia fazer ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... e ... mas eu não tive assim ... falar para você em nada que eu tivesse programado e ... e ... caiu por terra ... ou eu ... o que eu não ... a ... a ... alguma coisa ...

vamos supor que eu podia programar e ... é ... eu ... já conversava com o diretor ... conversava com pessoas assim que ... para mim ... para não cair nesse insucesso ... porque diretor tem os vai-e-vem também ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** às vezes você programa uma coisa tão bonita ... uma coisa assim de repente quer cortar metade daquilo ali ... e o que você ali tem coisa que não pode cortar ... é aluno ... você está trabalhando com criança ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** não é mesmo?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... eu já trabalhava muito nisso para mim não ter esse insucesso ... sabe? ... então eu conversava aqui ... eu tinha uma diretora que ... uma síria ... que ela era assim ... tinha os altos e baixos também ... mas eu já falava para ela ... ela falava “Dinalva” ... ela que exigia tudo de mim ... ela queria ... queria ... queria ... tudo ela queria ... mas eu já ia lá e falava ... “eu quero isso isso e isso ... eu tenho esse tempo assim ... eu preciso das crianças nesses horários ... se a senhora falar que ... a senhora conversa com os professores que está liberado isso daí ... que eu posso fazer isso daqui ... eu posso emprestar um negócio para trazer aqui” ... vamos supor ... né? ... “um som ou alguém que venha fazer isso para mim ... se a senhora me autorizar ... eu quero fazer porque eu não quero uma coisa assim que eu vou fazer com todo amor” ... com todo fora assim ... me doar ... porque eu ... eu me doava ... às vezes eu largava até a casa para fazer as coisas ... “mas eu quero que seja um sucesso” ... eu assim ... “não precisa ser ... não precisa ser com fogos de artifício ... nada” ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** “mas eu quero que não me trunca as coisas” ... porque eu sou de chorar muito ... eu fico magoada ... eu ... sabe? ... então eu já me programava antes ... então para falar para você que eu tive algum insucesso de ... eu não tive ... eu não tive ... por ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Dinalva:** não ... eu não tive ... porque eu procurei trabalhar muito muito antes ... sabe? ... e é mesmo ... mesmo em campeonato é ... que eu ia ... que eu ia como técnica ... tudo ... eu tive diretor que até ... “é a senhora fica puxando o saco para aquele lado” ... eu já falava ... “gente eu trabalho ... eu preciso trabalhar em todas as escolas ... só que eu sou a mesma aqui como a mesma lá ... só quando eu vou ... vou ser técnica desse time e daquele ... só que eu vou trabalhar a mesma coisa ... eu amo essas crianças ... eu amo aquelas crianças ... então um tem que ganhar ... e um vai perder ... agora eu quero que vocês tenham consciência disso” ... eu vi ... percebia à vezes que algumas ficam com o bico meio virado ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mas não que eu tivesse ... que elas tivessem visto eu puxar a sardinha para algum canto ... eu era honesta naquilo que eu estava fazendo ... entendeu?

**Pesquisadora:** certo ...

**Professora Dinalva:** porque você precisa trabalhar em todo o lugar ... coincidia de uma escola é ... é ... se confrontar com outra ... então era difícil ... então eu falava ... “olha eu quero que vocês e” ... e ... e fazia questão que elas fossem assistir ... sabe? ... eu só ... eu via que umas ... é claro quem perdia saía com o bico virado ... mas não que eu tivesse feito alguma coisa de que tivesse magoado ou prejudicado a escola ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** ou a criançada ... né? ... mas assim insucesso de ... de ... de ter ... eu já programava ... eu já falava isso antes ... porque é ... você não agrada todo mundo ... nem Jesus não agradou ...

**Pesquisadora:** sim ... com certeza ...

**Professora Dinalva:** não é? ... e eu trabalhei bastante ... hein ... eu trabalhei ... eu trabalhei ... eu trabalhei ... bom ... você vê as consequências do meu trabalho ... mas eu não tive assim atrito ... não tenho atrito com nenhuma ... todas as diretoras ... que eu tive ... passei por elas ... gostam muito de mim ... nossa ... todos falam ... “eh ... essa professora sim” ... assim ... então não que eu queira elogio ... não ... que nada ... mas eu fiz realmente ... pode ser ... até eu comento às vezes com o Leal ... que é um professor da hidro minha ... minha ... eu falo “Leal” ... ele era aquele de 5<sup>a</sup>. de vir ficar aí ... e que a mãe até às vezes precisava vir buscar porque às vezes não ia embora ... ele não ia embora ... bom ... morava aí na igreja ... eu falava assim ... “olha pode ser até que eu fiz muita coisa ... de errado ... né? ... na parte ... muitas coisas nós não aprendemos ... né? ... a gente foi a ... ao longo da vida que se foi adquirindo a sua ... o seu conhecimento ... coisa ... assim ... mas eu falo como a aula ... três aulas por semana ... uma aula por dia que a gente dava ... então ... mesmo que eu não soubesse dar ... por exemplo algum tipo de exercício ou se aquele exercício estava prejudicando aquela criança ... é ... pelo tempo ... pela quantidade ... não chegou a dar” ... eu falei então eu tenho essa consciência ... que mesmo que eu não tenha sido excelente em alguns pontos eu não ... graças a Deus ... eu fiz por amor e não tem ... não fiz assim para prejudicar ninguém ... entendeu? ... porque muita coisa a gente não tem conhecimento ... né? ... hoje eu vejo que é ... os ... os ... professores de Educação Física mesmo vai dar um exercício ali ... eu lembro que nós ... a gente na faculdade lá ... o professor nosso dava ... a gente subia aqueles degraus ... tamanho assim com peso você subia ... aquilo estourava tudo ... ia estourando tudo a gente quase ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** então era falta de conhecimento ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** era falta ... então eu falo que nesse sentido não ... pode ser até que eu fiz isso ... pode ser que ... e então eu falo assim ... eu posso ter errado ... ninguém é perfeito ... né?

**Pesquisadora:** não ...

**Professora Dinalva:** errar é humano ... posso ter errado em muita coisa ... mas eu nunca fiz assim uma coisa para prejudicar ... ou que eu tive ... tivesse ... vi que alguma pessoa ... é inclusive ... eu graças a Deus ... eu eu tive ... eu tive o bom senso de muitas crianças eu ver o problema ... algum problema de coluna que eu chamei os pais e realmente era aquilo lá ... e que soube corrigir ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então a gente tem que perceber tudo isso também ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... eu tive uma menina ... nossa ... ela fez umas cinco cirurgias de coluna porque ... e sabe onde eu percebi?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu percebi não na aula de Educação Física ... percebi quando eu fui trocar ela ... nós fomos numa festa lá em São Paulo que eu contei para você ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** ela foi uma das que dançou ... é ... fizeram umas roupas maravilhosas ... a mulher costura muito bem aqui ... e que eu fui ajudar trocá-la ... e na hora que eu fui por o vestido nela ... que eu subi ... eu vi o defeito da ... da coluna dela ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** nós fomos dançar lá ... lá em São Paulo e ... daí ... olha ... o médico falou assim ... “fala para a sua professora” ... e aí ela pôs um artigo ... eu tenho ... não sei onde está ... mas eu tenho o artigo da ... do ... do jornal ... na folha ... que ... que ela escreveu que a professora que descobriu o problema ... uma professora de Educação Física ... per ... percebeu e com isso hoje graças a Deus hoje ela anda ... ela tem tudo isso ... entendeu? ... então assim ...

graças a Deus eu acho que ... a gente procurou fazer sim ... também ... né? ... a gente como mãe também ... é como ...

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** filho ... filha ... a gente sabe ...

**Pesquisadora:** e pensando no ensino de Educação Física na época ... qual que era o sentido? ... para esse ensino ... da Educação Física na escola da época ... porque que a Educação Física era importante?

**Professora Dinalva:** ah não ... sempre ... mas sempre foi importante assim para o físico da criança ...

**Pesquisadora:** há ...

**Professora Dinalva:** para a socialização ... é ... sabe? ... a ... a Educação Física foi muito relacionada ao relacionamento ... mesmo com professores ... entre os alunos ... é ... aí eu acho que a Educação Física faz ... fez parte assim muito mais ... é ... não tão mais ... mas acho assim ... tão ...

**Pesquisadora:** igual ...

**Professora Dinalva:** igual ... tanto quanto um português ... uma ... uma ciências ... uma matemática ... eu acho que a Educação Física ... foi ... trouxe até benefícios até às vezes maiores para ... para a criança ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** eu acho que foi muito ... e por isso que eu fico triste de hoje eu não ver ... é assim ... é ... essa parte tanto ... sabe? ... se bem que hoje eu falo assim ... “não ... mas tem muita academia muita coisa assim que eles acabam indo ... né?” ....

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** é então eles ...

**Pesquisadora:** de certa forma eles praticam ...

**Professora Dinalva:** de certa forma eles praticam ... é sim ... mas eu ... olha ... eu acho que foi muito ... muitíssimo importante a Educação Física ...

**Pesquisadora:** entendi ... e a relação ... é ... sua enquanto professora com ...

**Professora Dinalva:** há ...

**Pesquisadora:** os conteúdos ... atividade ... método de ensino ... avaliação ... como que você usava ... o critério que você usava ... e vivências que você teve ... com práticas corporais enquanto aluna ... enquanto menina ... né? ... na família ... que contribuíram para o ensino da Educação Física na escola ...

**Professora Dinalva:** eu acho assim que ... que ... eu fui uma criança assim ... é ... uma adolescente que foi ... contei para você ... é uma ... morei em cidade pequena ... morei em fazenda ... sempre fui uma ... uma menina elétrica de subir em árvore ... de ir num pomar apanhar uma laranja ... uma fruta ... é ... então eu sempre tive essa ... sabe? ... então isso daí ... para o físico era ótimo ... né? ... você subia naquela árvore ... você tinha aquela destreza ... aquela ... então isso daí ... nossa ... foi ... foi me deixando eu assim mais ... sabe? ... acho que isso daí me ajudou muito também ... viu ... eu ter morado em fazenda ... eu ter morado em ... sabe? ... ter feito assim ... essas caminhadas que eu morei ... eu fiz de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries andando todo o dia ... é ... duas vezes por dia ... quando ... quando tinha Educação Física na 4<sup>a</sup>. e 6<sup>a</sup>. ... três quilômetros para ir ... três para voltar ... então ... era de você assim cansar e ... querer ... “ah não” ... mas não ... para ... parece que cada vez me sentia melhor até ... então eu acho que isso daí contribuiu muito para mim ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... é ... eu tinha ... eu tinha meu irmão e a que ... às vezes ... tinha dia que eu tinha até medo de passar ... uma ocasião teve ali perto em ... em ... Duartina ... tinha uma ... um ... presídio ... e ... e subiu ... fugiu um ... uns ladrões de lá ... de e meu irmão foi comigo atravessar ... porque tem uns quinhentos metros de ... de coisa ... tem acho que até

hoje ... não cortaram lá aqueles eucaliptos não ... né? ... essas ... aonde ... na fazenda Veado ... você não sabe ... né?

**Pesquisadora:** não sei ...

**Professora Dinalva:** então ... então eu ... mas eucalipto grande ... que você ... eu e você abraçamos um assim ... dá para esconder uma pessoa atrás tranquilo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e meu irmão um dia foi me levar ... é ... ele foi comigo ... ele era pequeno ... era sete anos mais novo que eu ... mas ele ia ... eu tinha duas cachorrinhas que iam junto ... ele adorava andar ... então ele ia ... ele fazia escola em outro período ... em outro horário ... e ... e ... e aquele dia tinham vários soldados lá no meio do ... do ... do ... e eu e meu irmão levamos um susto ... ficamos com medo ... e ele ... e ele falou para mim ... “olha bem ... você cuidado ... toda vez que você passar aqui você olha ... porque nós estamos à procura de duas... duas ... duas pessoas que fugiram da cadeia ... e eles podem estar assim é ... acampado num lugar desse ... atrás de uma árvore dessa ... e você pode não ver ... e pode acontecer alguma coisa ... meio perigoso ... né?” ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então é ... era perigoso ... mas eu ia e voltava ... eu tinha assim é ... vontade ... eu sempre tive vontade de vencer na vida ... de vencer ... de melhorar a vida dos meus pais ... a vida ... eu tinha ... sempre tive essa vontade ... né? ... então ... acho que tudo isso levou assim para ... para ter assim mais ... não sei se isso daí seria ...

**Pesquisadora:** para a profissão?

**Professora Dinalva:** para a profissão ... né? ... é também ... é ... é ...

**Pesquisadora:** e em relação aos conteúdos ... atividade ... metodologia ... vai ... conforme você avaliava os seus alunos ...

**Professora Dinalva:** então ... nós tínhamos ... nós tínhamos de fazer ... nós fazíamos o planejamento tudo direitinho ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** né? ... as avaliações ... e ... e eu fazia ... toda vez eu fazia assim ... uma prova com eles ... outra coisa ... ou eu dava uma ... uma ... um circuito ... sabe? ... assim um circuito de brincadeira ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** assim ... de roda e brinquedo cantado ... ou dava um circuito de exercício ... sabe?

**Pesquisadora:** e assim que você avaliava?

**Professora Dinalva:** e assim eu avaliava ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** era a notinha que eles ... é ... então eu fazia assim para eles ... porque eles tinham uma avaliação que a gente fazia também mas que ela vinha para um ... para um ... para o currículo deles lá ... e tinha um plano assim onde punha a altura dele ... o peso ... aquela coisa ... e faziam os exercícios ... até era bem uns exercícios muito fortes ... pesados durante um minuto e tal ... sabe? ... mas eu não fazia ... eu fazia isso daí porque era obrigado ... né? ... pela escola ...

**Pesquisadora:** aptidão ... né?

**Professora Dinalva:** aptidão física ... é era obrigado ...

**Pesquisadora:** e quando você fez esse ... esse ... exame para entrar na faculdade de Educação Física?

**Professora Dinalva:** fiz também ...

**Pesquisadora:** fez também?

**Professora Dinalva:** fiz ... na corrida eu quase morri (risos) ... quinhentos metros ... foi lá me volta do coiso ... da coleira ... da ... o resto fui bem em tudo ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** até na natação que eu não era nata ... eu nadava em rio ... não sabia na ... até isso daí ...

**Pesquisadora:** é em rio que se aprende a nadar ... né?

**Professora Dinalva:** hã?

**Pesquisadora:** em rio que se aprende a nadar (risos) ...

**Professora Dinalva:** mas é bem diferente da ... da piscina ... né? ... então ... então mas é ... eu tinha essa aptidão que era obrigado a fazer ... se fazia duas vezes no ano ... você fazia no começo do ano e no fim do ano ... mas para ter naquilo ... naquela ficha deles ...

**Pesquisadora:** você não concordava muito com?

**Professora Dinalva:** não ...

**Pesquisadora:** por que?

**Professora Dinalva:** porque eu achava uma coisa muito forçada ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** e ... e ... e ... e eu não concordava não ... muito forçada e a criança ... tinha criança que não conseguia fazer ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... eu não ... não concordava não ... então eu ... eu era obrigada a fazer porque você tinha um minuto para cada um ... três exercícios ... nem me lembro muito ... um era abdominal ... outro era ... era saltitamento ... o ... o outro era o que meu Deus do céu? ... bom ...

**Pesquisadora:** isso para 5ª. série em diante?

**Professora Dinalva:** de 5ª. em diante é ... isso é de 5ª. em diante ... isso ... depois que fazia ... o exame médico ... fazia o biométrico ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** é ... era obrigado ... todos turma ... todas as crianças faziam ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então ... fazia ... fazia ... tinha criança que não aguentava ... deu o que der ... porque daí era uma aptidão ... não ia ter a nota para ir na caderneta dali ... entendeu?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então eu ... sempre modera um pouco ... né? ... agora para ... para ... para ... para avaliação mesmo eu dava assim ... ou eu dava um jogo de vôlei para ver como que elas ficavam ... como elas iam ... é ... ou eu pegava também uma bola eu mesmo ia ... ia ... sacando nelas para ver a maneira ... o ... o ... sabe? ... que eu dava certinho a posição que elas ficavam ... então eu queria aquela posição certa ... entendeu?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então eu fazia avaliação ... toda vez eu fazia avaliação ... porque elas tinham nota ... todo mês elas tinham nota ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então eu fazia ... é ... acontecia às vezes que eu dava também uma ... uma recreação para elas ... ou também se elas participassem de uma atividade que era extra-classe ... extra ... escola ... então eu já dava nota também ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** entendeu? ... eu fazia uma avaliação também assim com elas ... porque elas se ... se ... é ... se ... quiseram ir ... foram ... deixaram muita coisa para fazer e foram junto comigo ... sabe? ... chegou lá fez ... então ... é ... muitas coisas eu ... eu dava nota ... nunca ... nunca ... nunca deixei de valorizar em algum ponto elas ...

**Pesquisadora:** entendi ...

**Professora Dinalva:** sabe? ... mas é ... e ... então era assim ... todo ... toda ... mas eu fazia toda vez uma avaliação com elas ...



**Pesquisadora:** certo ... e a ... qual é a relação que você tem ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** com as práticas corporais hoje?

**Professora Dinalva:** então ... hoje ... hoje eu assim ... eu não estou podendo fazer caminhadas ainda assim ... né? ... mas ... mas o médico falou para mim ... “vê se compra um tênis ... com esses sapatênis você não pode andar não” (risos) ... que eu ando direto ... mas eu tenho assim ... eu faço hidroginástica porque eu preciso ... a gente precisa fazer uma atividade ... né? ... então e ... e eu estou querendo começar fazer a musculação ... só que eu preciso ... ele falou que depois de um ano daqui era para mim voltar e eu marquei mas ele ... ele ainda não me chamou para fazer avaliação ... então eu vou ver ... se eu puder fazer ... ele falou assim ... “a senhora pode fazer Dona Dinalva ... mas a senhora pode fazer assim a musculação ... é ... com as pernas a senhora não vai fazer ... com o joelho ... a senhora não pode fazer” ... eu não posso fazer ... é ... tem tantas atividades hoje que você pode ir fazendo ... né? ... e eu não posso fazer por causa do joelho ... não posso ajoelhar ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então ... eu ... hã ... mesmo a musculação eu tenho ... eu tenho LER<sup>208</sup> nesse braço ... tendinite ... né? ... eu tenho ... então ... eu fui agora também no Miltoninho Cury ... e ele falou que eu estou com o túnel do carpo inflamado ... que eu já tive inflamação nele ... eu já tive esse dedo em gatilho ... que eu precisei fazer uma infiltração ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** e esse dedo aqui também eu estou com ele em gatilho ... agora eu ainda estou mexendo ... mas geralmente eu não mexo ... ele falou ... “olha” ... eu falei “justo hoje que eu vim no médico eu não estou com dor (risos) ... aquela dor que eu tenho” ... “como não tem ... então espera aí” ... ele apertou aqui ... que ele me conhece muito ... me apertou aqui e falou ... “agora mexe o dedo” ... eu falei ... “ah não ... não” ...

**Pesquisadora:** aí doeu?

**Professora Dinalva:** doeu ... então eu tenho ... eu tenho um tendão aqui ... que esse tendão faz muitos anos que ele está ... eu precisaria fazer alguma coisa ... ele fala ... “ah uma cirurgia simplesinha” ... mas eu já operei tanto que eu não quero nem pensar ... então ele diz que eu estou com esse tendão aqui até aqui no cotovelo ... eu estou com o tendão inflamado ... eu estou com o túnel do carpo aqui ... o túnel do carpo passa só o tendão desses quatro dedos ... o dedinho não ... então o dedinho não fica ... então ele formiga ... você amanhece com a mão formigada ...

**Pesquisadora:** nossa ...

**Professora Dinalva:** então ... e ... então eu tenho medo ... eu quero que eles me ... me autoriza porque o professor não sabe o que dar para mim ... então eu não vou fazer qualquer coisa ... eu que sou especialista em Educação Física ... não que eu seja ... perita no assunto ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** mas eu sei é ... tem coisa que eu não vou pode fazer ... então você não vai fazer uma coisa e fica parada? ... né? ... então eu tenho que ver o que eu posso fazer ... ele disse ... agora ele me deu o in ... anti-inflamatório ... a outra vez ele me deu ... eu ... me ... melhorei ... aqui ele me fez uma infiltração mas ele só ... só uma ... se ... outra não porque o ... o ... o nervinho é muito pequenininho ... pode lesar o dedo ... “daí a senhora fica com o dedo impossibilitado ... assim sem movimento” ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** daí ... melhorei ... melhorei ... eu fui numa ... numa ... é ... moça aqui que ela fez acupuntura para mim ... só que ela faz a massagem também ... fiquei ótima ... e sem dor ... e fiz umas vinte fisioterapias ... fiquei ótima ...

---

<sup>208</sup> Lesão por Esforço Repetitivo.

**Pesquisadora:** tratamento excelente ... né?

**Professora Dinalva:** é ... mas agora eu preciso fazer outra vez ... porque eu não vou fazer ... eles mesmos ... o Leal ... esse que é meu aluno ... falei que ele saía ... a mãe que vinha buscar ... de tanto que ele ficava na escola ... ele ... ele é também ... ele dá aula nessa ... nessa ... nesse clube que eu tenho o nome lá também ... e ele falou para mim ... “Dinalva não é tudo que você vai poder fazer ... você tem que ver o que você” ... então ele sabe porque ele é um professor de Educação Física ... ele fez muito curso ... mas tem outros que já formam na faculdade e estão dando curso ... então eu tenho medo de fazer pilates ... tenho medo de fazer ... eu não posso fazer em cima de bola ... não posso ... não posso ajoelhar mais ... então eu tenho medo de prejudicar porque eu estou tão bem com o joelho agora assim ...

**Pesquisadora:** mas aí ajuda bastante ... né?

**Professora Dinalva:** eu estou fazendo três vezes por semana a hidro ... ah é ... não tem impacto ... né?

**Pesquisadora:** sim ...

**Professora Dinalva:** então você faz ela assim bem leve ... ele dá uns ... uns circuitos para gente lá meio ... mas eu estou bem ... estou ... eu faço ... ele falou para mim não parar nunca ... teria que fazer todo o dia ... ele fala ... o médico fala ... porque a gente precisa ter uma atividade ... né bem? ... você faz alguma?

**Pesquisadora:** sim ... faço ...

**Professora Dinalva:** ah que bom ...

**Pesquisadora:** faço sim ...

**Professora Dinalva:** então e ... eu estava com vontade até de ... de ... de começar natação também ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque eu não consigo mais bater muito o pé como fazia ... né? ... o joelho ... é ... você fica impossibilitado ... não dói nada ... mas você não tem mais aquela coordenação ... você não tem mais aquela ... não sobe na altura certa ... mais a ... sabe?

**Pesquisadora:** é ... é ... é com a prática ... né?

**Professora Dinalva:** é ...

**Pesquisadora:** que a gente deixa de praticar e vai perdendo ...

**Professora Dinalva:** também ... é ...você faz onde bem?

**Pesquisadora:** eu faço lá mesmo em Piratininga ... na academia lá ...

**Professora Dinalva:** ah ... tem?

**Pesquisadora:** faço musculação e faço um treinamento funcional também ...

**Professora Dinalva:** ah que bom ...

**Pesquisadora:** tem um ano mais ou menos ...

**Professora Dinalva:** hã ...

**Pesquisadora:** que eu estou fazendo ...

**Professora Dinalva:** ah é? ... ah então ...

**Pesquisadora:** é ... agora eu queria perguntar de algum sentimento ... situação ou pessoa ... que de algum modo encerrou ... marcou e encerrou esse período de atuação profissional ... na rede estadual ... desde o início até a aposentadoria ...

**Professora Dinalva:** não ... eu não tive ninguém assim não de ... eu acho que eu ... maior culpado é o Estado que (risos) ... que me ... que eu fui muito prejudicada na minha carreira ...

**Pesquisadora:** na carreira ... né?

**Professora Dinalva:** eu fui muito prejudicada na carreira ... e não tive os adicionais que eu tinha direito ... é você vê que eu precisei entrar com advogado para ter o ... última ... a 6ª parte ... coisa que é direito do professor ... sabe? ... eu aposentei sem direito da 6ª parte ... sem ter ela ... agora é um ... é uma quantidade a mais no seu salário ... né bem?

**Pesquisadora:** faz diferença ... né?

**Professora Dinalva:** faz diferença ... então eu tive que entrar com gatilho ... eu tive que entrar com as ... olha ... eu entrei sem exagero ... com um monte de ação ... monte ... monte ... monte ... é ... inclusive eu entrei para ser CLT e também eu entrei com uma ação ... porque como ACT eles jogavam em qualquer canto ... então como CLT eles tinham até um compromisso até mais sério comigo ...

**Pesquisadora:** você podia escolher?

**Professora Dinalva:** é ... eu podia ... eu tinha ... eu tinha prioridade ... em algumas coisas ... sabe? ... não era em tudo mas eu tinha alguma prioridade ... porque eu tinha tempo de serviço ... eu tinha ... trabalhava na escola há tanto tempo ... e de repente vinha uma nova ali que não tinha nem ... é ... não é falando nada ... ma ... e que estava na minha frente em tudo ... entendeu? ... então eu ... eu ... eu realmente ... realmente ... eu fiz o que eu queria ... eu ... eu amei a profi ... minha ... essa profissão ... eu fiz assim de coração ... eu me doeie ... eu me doeie ... só que eu fui muito prejudicada ... então me acarreta até hoje porque ... por causa dessas ações que eu tenho ... né? ... que eu preciso ... estou esperando ... é ... entrar na ... é ... holerite ...

**Pesquisadora:** incorporar ... né?

**Professora Dinalva:** incorporar ... no holerite tudo ...

**Pesquisadora:** não está resolvido ainda ... né?

**Professora Dinalva:** não ... não está ... não está ainda resolvido tudo ... porque eu já ganhei as causas ... mas o Estado fica protelando ... vai protelando ... então e ... e protela tanto ... que quando chega ... que já faz vinte quase que eu estou aposentada ... você viu o que eu paguei qua ... que eu paguei de imposto de renda ... quer dizer ... tantos furtos de tanto lado ... tanta coisa ... né? ... você vê quanto ... quanto dinheiro aí ... quanta coisa que o pessoal vai roubando ... né?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** e a gente que tem um holerite ... tem uma coisa certa ali ... que você mostra daquilo lá o que você ganha ...

**Pesquisadora:** trabalhador ...

**Professora Dinalva:** de trabalhador ... então na minha profissão eu assim como pessoas ... não fiquei magoada com ninguém ... e trabalhei é ... bem em todas as escolas ... tenho uma ... uma amizade muito boa com todo o lugar que eu fui ... onde eu vou ... acho que foram meus amigos ... alunos tudo ... só mesmo nessa parte que eu ... eu me lembro no Governo do ... do ... do ... do ... do Jânio Quadros ... nossa como eu fui prejudicada aquela vez ... gente do céu ... eu fiquei assim atrás de ... de todo mundo ... que eu era a mais velha da turma tudo ... eu fiquei atrás de todo mundo ... todo mundo recebeu na época ... recebia ... é ... a ... vinha uma quantia de dinheiro ... fosse quinhentos reais ... para mim nada ... para mim não vinha ... nunca veio ... nunca vinha ... e você espera ... porque a gente trabalha para isso também ... né? ... você tem a sua casa ... você tem os seus filhos estudando ... eu logo fiquei viúva ... muitos anos eu fiquei viúva ... é ... eu pagava essa casa ... era financiada ... quase que eu perdi essa casa ... precisei até ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** precisei até ... quase vender o carro ... para ... para quitar ... mas depois graças a Deus ... com o SESI ... porque o SESI é lei trabalhista ... eu tinha fundo de garantia ...

**Pesquisadora:** hum ... entendi ...

**Professora Dinalva:** então quando a Maria José falou ... “Dinalva vamos ver isso” ... ela foi como diretora ... coordenadora ... muito ... foi uma mãe para mim ... uma irmã ... ela ... fomos lá em Bauru lá eles tratam a gente muito bem ... o SESI é uma ... uma entidade que é demais ... sabe? ... eles assim ... o amor que tem um no outro ...

**Pesquisadora:** é?

**Professora Dinalva:** o amor ... é muito ... é muito ... é que você não trabalhou no SESI ... né?

**Pesquisadora:** eu trabalhei só na época da faculdade como estagiária ...

**Professora Dinalva:** hum ... certo ...

**Pesquisadora:** na parte de recreação ...

**Professora Dinalva:** é né? ... então ... e eu fui ... ela foi ... eu me lembro que eu devia ... eu devia ainda é ... uns nove mil ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** na época ... da casa ... dessa casa ... e subia muito porque ela ... ela era ... eu comprei financiada já ... ela era financiada pelo BRADESCO<sup>209</sup> ... então era um financiamento meio ... subia muito ... sabe?

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** porque tinha o BNH<sup>210</sup> outros lá que não subia nada ... eu me lembro que essa minha amiga que vai por o carro aqui ... eu me lembro que na época eu pagava ... vamos supor ... cento e vinte a casa ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** não é ... né? ... na época ... ela pagava sessenta ...

**Pesquisadora:** metade ...

**Professora Dinalva:** metade ... quer dizer ... então era um ... um financiamento bem mais assim ... que eles punham não sei o que tanto lá para cobrar ...

**Pesquisadora:** hã ...

**Professora Dinalva:** eu só sei que ... daí a Maria Odete foi comigo para Bauru ... nós fomos lá para fazer ... levantamento do quanto eu tinha de fundo de garantia ... e na época era nove e pouco ... eu tinha quase dez ... dava certinho para mim pagar a casa ...

**Pesquisadora:** e pode ... né?

**Professora Dinalva:** demorou ... demorou ... mas quando saiu eu já estava devendo dez ... dez da casa ... mas veio quase doze de imposto de renda ... de ... de fundo de garantia ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** então para isso podia ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** foi a minha sorte ... porque na época eu estava com poucas aulas só quase as do SESI ... e eu estava ... perigo de perder a casa ... né? ... já não tinha marido ... já nessa situação ... os filhos estudando ... então eu ... eu sofri muito na minha profissão por causa disso ... por causa disso e porque eu não era ... eles tentavam fazer ... eles tentavam mandar coisa ... é ... pi ... fazendo pedido na delegacia ... eles faziam ... mas ninguém ... ninguém sabia nada ... nem fazia nada ... então a verdade é essa ...

**Pesquisadora:** eu sei como é ...

**Professora Dinalva:** então eu ... mágoa eu tenho nisso daí ... porque eu poderia ter um salário ... é claro que eu aposentei por invalidez ... tudo ... mas foi ... é ... pelo meu trabalho ... mas eu ... eu poderia ter um salário melhor hoje entendeu? ... e ... e ... na época também que às vezes na época eu estava precisando muito ... e que eu esperava uma coisa que as outras estavam recebendo ... e eu não recebi ... então eu sofri com isso ...

**Pesquisadora:** isso é muito frustrante ... né?

**Professora Dinalva:** é ... isso eu sofri bastante sim ... mas assim com ... de escola ... de aluno ... de professor ... de amigos ... isso não eu não tenho nem ... assim ... o coração triste com ninguém não ... com mágoa ... não ... não ... não ... eu trabalhei bem ... eu fui valorizada ... assim pelos ... pela ... pelo pessoal que me rodeava ...

**Pesquisadora:** hum ...

**Professora Dinalva:** agora ... Governo não ... coisa com nada ... né? ... não tem nada isso ...

**Pesquisadora:** nem sabe quem a gente é ... né?

<sup>209</sup> Banco Brasileiro de Descontos.

<sup>210</sup> Banco Nacional de Habitação.

**Professora Dinalva:** nem sabe quem a gente ... que existe ... ele sabe que tem que pagar ...

**Pesquisadora:** sim ... a gente é um número ... né?

**Professora Dinalva:** um número ... é ...

**Pesquisadora:** é ... aí depois se você tiver algum documento ... fotografia que representa ... né? ... esse período de atuação na rede ... para a gente dar uma olhada ...

**Professora Dinalva:** hum ...

**Pesquisadora:** quer falar mais alguma coisa?

**Pesquisadora:** não ... eu acho que ... você acha que está dentro do que você queria?

**Pesquisadora:** sim ... claro ... com certeza ...

**Professora Dinalva:** então eu agradeço de você ter me escolhido ... fiquei muito nervosa (risos) ... achei que ... que eu não estaria disposta ... assim é ... ao nível de ... do que você queria porque ... ao passar do tempo também você vai esquecendo muita coisa ... né? ... a gente por mais que você faça ... que você ... sabe? ... você fica assim ... já quase vinte anos de aposentada ... mas é ... eu gostei de você ter vindo aqui ... te conhecer ... conhecer teu esposo ...

**Pesquisadora:** que bom ...

**Professora Dinalva:** e agora a gente está em outra ... amigas ... né?

**Pesquisadora:** pois é (risos) ...

**Professora Dinalva:** então ...

**Pesquisadora:** eu é que agradeço pela entrevista ... obrigada viu?